

"Um romance delicioso sobre como um primeiro amor resiste dolorosamente a uma vida inteira." — *The New York Times*

# o museu da inocência

orhan  
pamuk



PREMIO NOBEL  
COMPANHIA DAS LETRAS

ORHAN PAMUK

O Museu da Inocência

*Tradução*

Sergio Flaksman



*A Rüya*

Eram pessoas inocentes, tão inocentes que achavam a pobreza um crime que a riqueza lhes permitiria esquecer.

*Dos cadernos de Celâl Salik*

Se um homem pudesse passar pelo Paraíso num Sonho, e recebesse uma flor como prova de que sua Alma realmente estivera lá, e encontrasse a flor em sua mão quando despertasse — Sim? E então?

*Dos cadernos de Samuel Taylor Coleridge*

Primeiro passei em revista todos os objetos em cima da mesa, suas loções e perfumes. Peguei-os e os examinei um a um. Revirei seu relóginho em minha mão. E então olhei em seu guarda-roupa. Todos aqueles vestidos e acessórios empilhados um em cima do outro. Essas coisas que toda mulher usa para se completar induziram em mim uma solidão dolorosa e desesperada; senti que era dela, só desejava ser dela.

*Dos cadernos de Ahmet Hamdi Tanpınar*

# Sumário

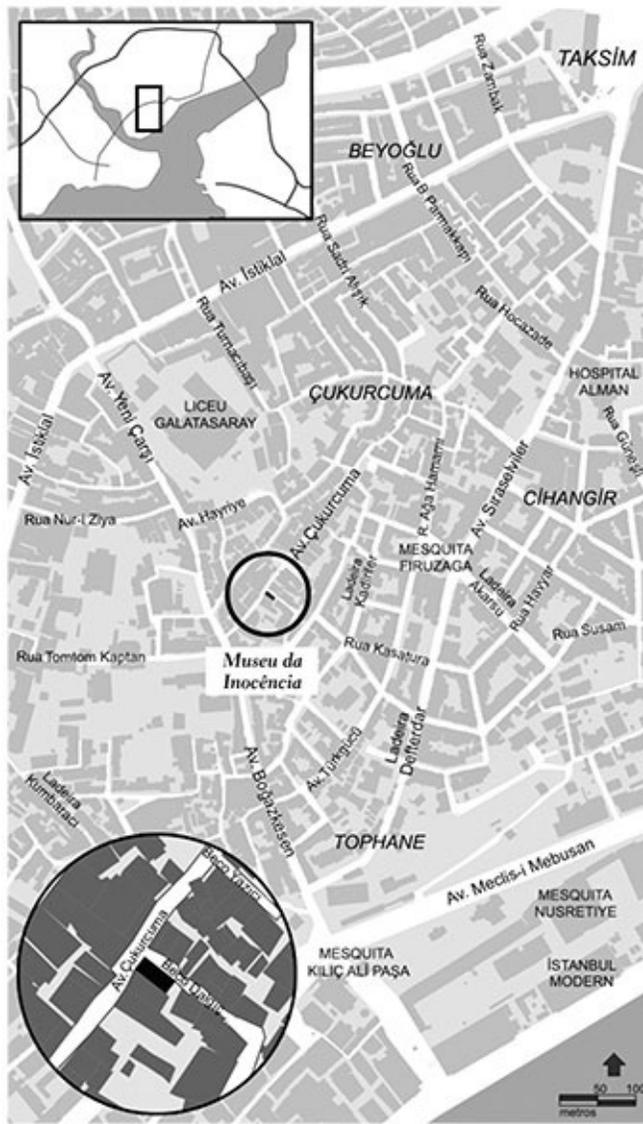
## Mapa

1. O momento mais feliz da minha vida
2. A boutique şanzelize
3. Parentes distantes
4. Amor no escritório
5. O Fuaye
6. As lágrimas de Füsün
7. O edifício Merhamet
8. O primeiro refrigerante da Turquia à base de frutas
9. F
10. As luzes da cidade e a felicidade
11. A Festa do Sacrifício
12. Beijando os lábios
13. O amor, a coragem, a modernidade
14. As ruas, as pontes, as ladeiras e as praças de Istambul
15. Algumas verdades antropológicas impalatáveis
16. O ciúme
17. Toda a minha vida depende agora de você
18. A história de Belkıs
19. No funeral
20. As duas condições de Füsün
21. A história do meu pai: os brincos de pérola
22. A mão de Rahmi Efendi
23. O silêncio
24. A festa de noivado
25. A agonia da espera
26. O mapa anatômico das dores de amor
27. Não se incline tanto assim para trás, você pode cair

28. O consolo dos objetos
29. A essa altura mal havia um momento em que eu não pensasse nela
30. Füsün não mora mais aqui
31. As ruas que me fazem lembrar dela
32. As sombras e fantasmas que eu confundia com Füsün
33. Exaltações vulgares
34. Como um cão no espaço sideral
35. As primeiras sementes da minha coleção
36. Para cultivar uma pequena esperança que pudesse atenuar a minha dor
37. A casa vazia
38. A festa do fim do verão
39. A confissão
40. As compensações da vida numa yalı
41. Nadando de costas
42. A melancolia do outono
43. Os dias frios e solitários de novembro
44. O hotel Fatih
45. Um feriado em Uludağ
46. É normal largar assim a sua noiva?
47. A morte do meu pai
48. A coisa mais importante na vida é ser feliz
49. Eu pretendia pedir a ela que se casasse comigo
50. Era a última vez em que eu a veria
51. A felicidade é estar perto de quem você ama, e mais nada
52. Um filme sobre a vida e a agonia precisa ser sincero
53. Um coração indignado e partido não serve de nada para ninguém
54. O tempo
55. Volte amanhã, e podemos sentar juntos de novo
56. A Limon Filmes Ltda
57. Sobre a incapacidade de me levantar e ir embora
58. A tómbola
59. Passando pela censura
60. Noites à beira do Bósforo, no restaurante Huzur
61. O olhar
62. Para ajudar a passar o tempo
63. A coluna social
64. O incêndio no Bósforo
65. Os cachorros
66. O que é isso?
67. A água-de-colônia

68. 4213 pontas de cigarro
69. Às vezes
70. Vidas partidas
71. O senhor quase não vem mais aqui, Kemal Bey
72. A vida também é exatamente igual ao amor
73. A carteira de motorista de Füsün
74. Tarık Bey
75. A confeitaria İnci
76. Os cinemas de Beyoğlu
77. O hotel Grand Semiramis
78. Chuva de verão
79. Viagem para um outro mundo
80. Depois do acidente
81. O Museu da Inocência
82. Os colecionadores
83. A felicidade

Agradecimentos



## 1. O momento mais feliz da minha vida

Era o momento mais feliz da minha vida, mas eu não sabia. Se soubesse, se tivesse dado o devido valor a essa dádiva, tudo teria acontecido de outra maneira? Sim, se eu tivesse reconhecido aquele momento de felicidade perfeita, teria agarrado com força e nunca deixaria que me escapasse. Levou alguns segundos, talvez, para aquele estado luminoso tomar conta de mim, mergulhando-me na paz mais profunda, mas ele me pareceu ter durado horas, até mesmo anos. Naquele momento, na tarde de segunda-feira, 26 de maio de 1975, em torno de quinze para as três, assim como nos sentíamos além do pecado e da culpa, o mundo todo parecia ter sido liberado da gravidade e do tempo. Beijando o ombro de Füsün, já úmido com o aquecimento do nosso amor, eu a penetrei delicadamente por trás, e enquanto mordida de leve sua orelha, seu brinco deve ter se soltado e, pelo que nos pareceu, pairado em pleno ar antes de cair por vontade própria. Nosso prazer era tão profundo que continuamos a nos beijar, ignorando a queda do brinco, cuja forma eu nem sequer tinha percebido.

Do lado de fora, o céu refulgia como só ocorre em Istambul na primavera. Nas ruas, as pessoas que ainda envergavam suas roupas de inverno transpiravam, mas dentro das lojas e dos prédios, e à sombra das tília e das castanheiras, fazia frio. Sentíamos o mesmo frio erguer-se do colchão embolorado no qual fazíamos amor, da maneira como as crianças brincam, ignorando alegremente tudo mais. Uma brisa entrava pela janela da varanda, aromatizada pelo mar e pelas folhas de tília; erguia as cortinas de tule, e depois elas desinflavam em câmera lenta, arrepiando nossos corpos nus. Da cama do quarto dos fundos do apartamento do segundo andar, víamos um grupo de meninos jogando futebol no jardim, ao nível da rua, gritando furiosos palavrões no calor da partida, e, quando nos ocorreu que estávamos encenando, palavra por palavra, exatamente aquelas indecências, paramos de fazer amor para nos olharmos nos olhos e sorrir. Mas tão grande era nossa exaltação que a graça do que nos envolvia vinda do pátio dos fundos foi esquecida tão depressa quanto o brinco.

Quando nos encontramos no dia seguinte, Füsün me disse que tinha perdido um dos brincos. Na verdade, pouco tempo depois que ela fora embora na tarde anterior, eu o localizara aninhado nos lençóis azuis, com sua inicial pendendo da ponta da joia, e já me preparava para pô-lo de lado quando, por uma estranha compulsão, guardei-o no bolso. E então eu disse: “Está aqui comigo, querida”, enquanto enfiava a mão no bolso direito do paletó pendurado nas costas de uma cadeira. “Ah, sumiu!” Por um momento, tive um mau presságio, uma sugestão de desígnio maléfico, mas então lembrei que tinha vestido um paletó diferente naquela manhã por causa do tempo mais

quente. “Deve estar no bolso do meu outro paletó.”

“Traga amanhã, por favor. Não se esqueça”, disse Füsün, arregalando os olhos muito grandes. “Gosto muito dele.”

“Está bem.”

Füsün tinha dezoito anos, era uma parente distante e mais pobre, e até deparar por acaso com ela um mês antes eu praticamente me esquecera de sua existência. Estava com trinta anos e prestes a ficar noivo de Sibel, que, segundo todos diziam, era a mulher perfeita para mim.

## 2. A boutique Şanzelize

A série de acontecimentos e coincidências que estava a ponto de mudar minha vida inteira tinha começado um mês antes, no dia 27 de abril de 1975, quando Sibel por acaso viu uma bolsa desenhada pela famosa Jenny Colon numa vitrine enquanto caminhávamos pela avenida Valikonağı, aproveitando o frescor da tarde de primavera. Nossa cerimônia de noivado não tardaria; estávamos animados e um pouco embriagados. Acabávamos de sair do Fuaye, um novo restaurante chique de Nişantaşı; jantando com meus pais, tínhamos conversado longamente sobre os preparativos para a festa de noivado, marcada para meados de junho, de modo que Nurcihan, amiga de Sibel desde os tempos do Liceu Notre-Dame de Sion, e também de seus tempos em Paris, pudesse vir da França e estar presente. Sibel já encomendara fazia tempo seu vestido de noivado a İsmet Sedosa, na época a costureira mais cara e solicitada de Istambul, e naquela tarde Sibel e minha mãe discutiram de que maneira deviam ser bordadas as pérolas que minha mãe lhe dera para o vestido. Era vontade expressa de meu futuro sogro que a festa de noivado de sua única filha fosse extravagante como um casamento, e minha mãe ficara encantada com a possibilidade de ajudar a cumprir esse desejo da melhor maneira possível. Quanto ao meu pai, já estava encantado com a perspectiva de uma nora que “estudara na Sorbonne”, como se dizia naquele tempo entre a burguesia de Istambul de qualquer moça que tivesse passado um período em Paris envolvida em qualquer tipo de estudo.

Foi quando levava Sibel para casa caminhando aquela noite, meu braço envolvendo carinhosamente seus ombros largos, refletindo orgulhoso o quanto eu tinha sorte e era feliz, que Sibel disse: “Ah, que bolsa linda!”. Embora meu espírito estivesse um pouco enevoado pelo vinho, prestei atenção na bolsa e no nome da loja, e na hora do almoço do dia seguinte fui até lá. Na verdade eu nunca tinha sido um desses playboys escolados e cavalheirescos sempre à procura de qualquer pretexto para comprar presentes ou mandar flores para as mulheres, embora talvez quisesse ser. Naquele tempo, as entediadas donas de casa ocidentalizadas dos bairros mais ricos, como şişli, Nişantaşı e Bebek, não abriam “galerias de arte”, mas boutiques cujos estoques eram formados por complementos e conjuntos contrabandeados na bagagem pessoal que traziam de Paris ou Milão, ou por cópias dos vestidos da “última moda” que apareciam nas revistas importadas como *Elle* e *Vogue*, vendendo essas mercadorias a preços ridiculamente inflados a outras donas de casa tão entediadas quanto elas. Como ela haveria de me lembrar quando a procurei anos mais tarde, Şenay Hanım, então proprietária da şanzelize (nome que era uma transliteração da lendária avenida parisiense dos

Champs-Élysées), era, como Füsün, parente minha muito distante por parte de mãe. O fato de ter me dado o letreiro que na época pendia da porta da loja, bem como qualquer outro objeto ligado a Füsün, sem me perguntar o motivo de tamanho interesse pelo estabelecimento havia tanto tempo fechado, levou-me a entender que alguns dos detalhes mais notáveis da nossa história eram do seu conhecimento, e de fato tiveram uma circulação muito mais ampla do que eu supunha.

Quando entrei na şanzelize em torno de meio-dia e meia do dia seguinte, a pequena campainha de bronze na forma de um camelo emitiu duas notas que ainda fazem meu coração disparar. Era um dia quente de primavera, e o interior da loja estava fresco e pouco iluminado. Num primeiro momento achei que não havia ninguém, enquanto meus olhos ainda se ajustavam à sombra depois do sol forte do meio-dia. Então senti meu coração subir à garganta, com a força de uma onda imensa a ponto de quebrar-se na areia.

“Queria comprar a bolsa do manequim da vitrine”, consegui dizer, desequilibrado pela visão.

“Está falando da Jenny Colon de couro creme?”

Quando trocamos um olhar, lembrei-me imediatamente dela.

“A bolsa do manequim da vitrine”, repeti em tom sonhador.

“Ah, está bem”, disse ela e caminhou até a vitrine. Num instante tinha descalçado seus sapatos amarelos de salto alto, apoiando o pé descalço, cujas unhas pintara cuidadosamente de vermelho, no piso da vitrine, e estendia o braço para o manequim. Meus olhos viajaram do sapato vazio até suas compridas pernas nuas. Ainda nem era maio, e elas já estavam bronzeadas.

O comprimento daquelas pernas fazia sua saia amarela rendada parecer ainda mais curta. Após pescar a bolsa, ela voltou até o balcão e com seus dedos longos e habilidosos removeu as bolas de papel de seda de cor creme amassado, mostrando-me o interior do compartimento com fecho eclair, os dois compartimentos menores (ambos vazios), bem como o compartimento secreto de onde extraiu um cartão que dizia JENNY COLON, com gestos que sugeriam mistério e seriedade, como se me mostrasse algo muito pessoal.

“Olá, Füsün. Como você cresceu! Talvez não tenha me reconhecido.”

“De maneira nenhuma, primo Kemal, reconheci você na mesma hora, mas quando vi que não tinha me reconhecido achei que era melhor não incomodar.”

Fez-se um silêncio. Tornei a olhar num dos compartimentos que ela acabara de me indicar dentro da bolsa. Sua beleza, ou sua saia, que era de fato curta demais, ou alguma outra coisa qualquer, me perturbara, e eu não conseguia me comportar com naturalidade.

“Bem... e o que você anda fazendo ultimamente?”

“Estou estudando para o vestibular. E também venho aqui todo dia. Aqui na loja, estou conhecendo gente de todo tipo.”

“Maravilhoso. Mas, me diga, quanto custa essa bolsa?”

Franzindo as sobrancelhas, ela examinou a etiqueta escrita à mão no fundo da bolsa: “Mil e quinhentas liras”. (Na época, o equivalente a seis meses de salário de um funcionário público iniciante.) “Mas tenho certeza de que Şenay Hanım gostaria de lhe oferecer um preço especial. Ela foi almoçar em casa e agora deve estar fazendo a sesta, e então não posso ligar para ela. Mas se puder passar aqui mais tarde...”

“Não faz diferença”, disse eu, e puxando minha carteira — um gesto desajeitado que, mais tarde, no local de nossos encontros secretos, Füsün muitas vezes imitaria — contei as notas úmidas. Füsün embrulhou a bolsa em papel, tomando cuidado mas com evidente inexperiência, e então guardou o embrulho numa sacola de plástico. Ao longo de todo esse silêncio, ela sabia que eu admirava seus braços cor de mel e seus movimentos rápidos e elegantes. Quando me entregou a sacola de compras com um gesto cortês, agradei. “Por favor dê lembranças minhas a tia Nesibe e a seu pai”, disse eu (não tendo conseguido lembrar-me a tempo do nome de Tarık Bey). Por um instante, fiz uma pausa. Meu fantasma deixou meu corpo e naquele momento, em alguma esquina do céu, abraçava e beijava Füsün. Dirigi-me depressa para a porta. Que devaneio absurdo, especialmente porque Füsün nem era tão linda assim. A campainha da porta tilintou, ouvi um canário gorjear e saí para a rua, feliz de sentir calor. Estava satisfeito com a minha compra; amava muito Sibel. Decidi esquecer-me daquela loja, e de Füsün.

### 3. Parentes distantes

Ainda assim, no jantar daquela noite mencionei para minha mãe que tinha me encontrado com nossa parente distante Füsün quando fui comprar uma bolsa para Sibel.

“Ah, sim, a filha de Nesibe está trabalhando naquela loja de Şenay, e é realmente uma pena!”, disse minha mãe. “Nem nos feriados elas nos visitam mais. Aquele concurso de beleza as deixou numa posição tão embaraçosa. Eu passo por aquela loja todo dia, mas não consigo me convencer a entrar e cumprimentar a pobre menina — na verdade, nem me passa pela cabeça. Mas quando ela era pequena, sabe, eu gostava muito dela. Quando Nesibe vinha costurar para mim, ela às vezes vinha junto. Eu tirava os seus brinquedos do armário e enquanto a mãe costurava ela ficava brincando quietinha. A mãe de Nesibe, tia Mihriver, que descanse em paz — era uma pessoa maravilhosa.”

“E qual é exatamente o nosso parentesco com elas?”

Como meu pai estava vendo televisão sem prestar atenção em nossa conversa, minha mãe entregou-se a uma história complexa sobre o pai dela, que nascera no mesmo ano que Atatürk e mais tarde frequentara a Escola şemsi Efendi, assim como o fundador da República, como se pode ver nessa foto de turma que encontrei vários anos mais tarde. Parece que muito antes que ele (Ethem Kemal, meu avô) se casasse com minha avó, tivera um primeiro casamento travado às pressas aos vinte e três anos de idade. A bisavó de Füsün, que era de origem bósnia, morrera por ocasião da Guerra dos Bálcãs, durante a evacuação de Edirna. Embora a infeliz mulher não tenha dado filhos a Ethem Kemal, já tinha uma filha chamada Mihriver de um xeque pobre, com quem se casara “ainda criança”. E então a tia Mihriver (a avó de Füsün, que acabou sendo criada por várias pessoas) e sua filha tia Nesibe (a mãe de Füsün) não eram nossos parentes no sentido estrito; eram mais como parentes por afinidade, e, embora minha mãe viesse enfatizando isso havia anos, ainda assim nos instruí a chamar de “tias” as mulheres daquele ramo familiar distante. Durante suas visitas mais recentes nos feriados, minha mãe dedicara àquelas parentes empobrecidas (que viviam numa rua

transversal de Teşvikiye) uma recepção especialmente fria que provocara muita mágoa, pois dois anos antes tia Nesibe, sem dizer uma palavra, permitira que sua filha de dezesseis anos, na época aluna do Liceu para Moças de Nişantaşı, entrasse num concurso de beleza; e ao saber depois que tia Nesibe na verdade estimulara a filha, orgulhando-se inclusive daqueles fatos que só deviam causar-lhe vergonha, minha mãe endurecera o coração contra tia Nesibe, que antes tanto amava e protegia.

Por sua vez, tia Nesibe sempre estimara minha mãe, que era vinte anos mais velha, e sempre lhe dera apoio quando era uma jovem que andava de casa em casa pelos bairros mais prósperos de Istambul, oferecendo-se para trabalhos de costura.

“Elas eram desesperadamente pobres”, disse minha mãe. E, para mostrar que não exagerava, acrescentou: “Embora não fossem as únicas, meu filho — toda a Turquia era pobre naquele tempo”. Na ocasião, minha mãe tinha recomendado tia Nesibe para todas as amigas como “ótima pessoa, e ótima costureira”, e uma vez por ano (às vezes duas) ela própria chamava tia Nesibe à nossa casa e lhe encomendava um vestido para uma festa ou um casamento.

Como era quase sempre no horário escolar, eu nunca a via durante essas visitas para costurar. Mas em 1957, no final de agosto, precisando urgentemente de um vestido para uma festa, minha mãe convocara Nesibe para nossa casa de veraneio em Suadiye. Refugiando-se no quarto dos fundos do segundo andar, com vista para o mar, instalaram-se perto da janela da qual, olhando através das frondes das palmeiras, podiam ver os botes a remo e as lanchas, e os meninos mergulhando do cais. Depois de Nesibe dispor a seu alcance o conteúdo da caixa de costura cuja tampa mostrava uma vista de Istambul, sentaram-se cercadas por suas tesouras, alfinetes, fita métrica, dedais e rolos de tecido e rendas, queixando-se do calor, dos mosquitos e da pressão de costurar naquelas condições, trocando gracejos como duas irmãs, e ficando acordadas até o meio da noite para se esfalfar na máquina de costura Singer da minha mãe. Lembro-me de Bekri, o cozinheiro, trazendo um copo de limonada atrás do outro para aquele quarto (o ar quente tomado pelo pó de veludo), porque Nesibe, grávida aos vinte anos, tinha desejos; quando todos nos sentamos para almoçar, minha mãe disse ao cozinheiro, meio brincando, que “o que uma mulher grávida deseja, você precisa dar a ela, ou então a criança nasce feia!” e, tendo isso em mente, lembro-me de ter contemplado a pequena barriga de Nesibe com certo interesse. Deve ter sido minha primeira percepção da existência de Füsün, embora ninguém ainda soubesse se iria ser uma menina ou um menino.

“Nesibe não informou nem ao marido; simplesmente mentiu sobre a idade da filha e a inscreveu no concurso de beleza”, disse minha mãe, furiosa com a história. “Graças a Deus ela não ganhou, e assim eles foram poupados da vergonha pública. Se a escola tivesse sabido da história, podiam ter expulsado a garota... Por agora ela deve ter terminado o liceu. Acho que não vai estudar mais, mas não estou informada, porque eles não vêm mais nos visitar nos feriados... Será que alguém neste país não sabe que tipo de garota, que tipo de mulher, entra em concursos de beleza? Como ela se comportou com você?”

Era a maneira de minha mãe sugerir que Füsün começara a dormir com homens. Eu ouvira a mesma coisa dos meus amigos playboys de Nişantaşı quando Füsün apareceu numa foto com as outras finalistas no jornal *Milliyet*, mas como eu achava aquilo tudo muito embaraçoso tentei não demonstrar nenhum interesse. Depois que nós dois nos calamos, minha mãe balançou o dedo para

mim em ameaça e disse: “Cuidado! Você está ficando noivo de uma moça muito especial, muito encantadora, muito bonita! Por que você não me mostra essa bolsa que comprou para ela? Mümtaz!” — era o nome do meu pai — “Olhe só, Kemal comprou uma bolsa para Sibel!”.

“É mesmo?”, perguntou meu pai, cujo rosto manifestava o devido contentamento para sugerir que tinha visto e aprovado a bolsa, um sinal do quanto seu filho e a namorada eram felizes, mas sem descolar em momento algum os olhos da tela.

#### 4. Amor no escritório

Meu pai assistia a um comercial muito extravagante que meu amigo Zaim tinha criado para o Meltem, “o primeiro refrigerante da Turquia à base de frutas”, agora vendido em todo o país. Assisti com atenção e gostei. O pai de Zaim, como o meu, tinha acumulado uma verdadeira fortuna nos dez anos anteriores, e agora Zaim usava aquele dinheiro para seus próprios empreendimentos. Eu lhe dava conselhos ocasionais, de modo que estava ansioso para vê-lo fazer sucesso.

Depois que me formei na faculdade de administração nos Estados Unidos e terminei o serviço militar, meu pai exigiu que eu seguisse os passos do meu irmão e me tornasse gerente na sua empresa, que crescia aos saltos, e assim, ainda muito jovem, fui nomeado gerente geral da Satsat, sua firma de distribuição e exportação cuja base ficava em Harbiye. A Satsat tinha um orçamento operacional excessivo e produzia lucros substanciais, graças não a mim mas a vários truques contábeis pelos quais os lucros de suas outras fábricas e empresas eram canalizados para a Satsat (nome que poderia ser traduzido como “Vende-Vende”). Eu passava os dias aprendendo os aspectos mais sutis do negócio com contadores veteranos vinte ou trinta anos mais velhos do que eu e escriturárias de seios fartos da idade da minha mãe e, consciente de que não estaria no seu comando caso não fosse filho do dono, tentava sempre demonstrar alguma humildade.

Na hora da saída, enquanto ônibus e bondes tão velhos quanto os funcionários da Satsat que já tinham ido embora roncavam avenida abaixo, sacudindo o prédio até as fundações, Sibel, minha prometida, vinha visitar-me, e fazíamos amor em minha sala de gerente geral. Apesar de toda a sua paginação moderna e de todas as noções feministas que trouxera consigo da Europa, as ideias de Sibel sobre as secretárias não diferiam das de minha mãe: “Aqui não! Fico me sentindo uma secretária!”, dizia ela às vezes. Mas, enquanto caminhávamos na direção do divã de couro da minha sala, o verdadeiro motivo de sua reserva — que as moças turcas, naquele tempo, tinham medo do sexo antes do casamento — ficava óbvio.

Pouco a pouco, as moças mais sofisticadas das famílias ricas e ocidentalizadas que tinham passado algum tempo na Europa começavam a romper o tabu e a dormir com os namorados antes do casamento. Sibel, que ocasionalmente se gabava de ser uma dessas moças “corajosas”, dormira comigo pela primeira vez onze meses antes. Mas julgava que esse arranjo durava havia tempo demais, e que já estava na hora de nos casarmos.

Hoje, me sento tantos anos depois e me dedico de corpo e alma a contar minha história, porém não quero exagerar a ousadia de minha noiva nem tratar com ligeireza a opressão sexual das

mulheres, porque foi só quando Sibel viu que minhas “intenções eram sérias”, quando acreditou que eu era “alguém em quem se pode confiar” — noutras palavras, quando teve certeza absoluta de que no final haveria um casamento — que se entregou a mim. Julgando-me uma pessoa decente e responsável, eu tinha toda intenção de casar-me com ela; mas, mesmo que não fosse esse o meu desejo, eu não tinha mais escolha agora que ela me “entregara sua virgindade”. Em pouco tempo, essa pesada responsabilidade espalhou uma sombra sobre o território comum que tínhamos e do qual nos orgulhávamos tanto — a ilusão de que éramos “livres e modernos” (embora, é claro, nunca usássemos essas palavras em relação a nós mesmos) pelo fato de termos dormido juntos antes do casamento, e que de alguma forma isso também nos aproximava.

Uma sombra semelhante caía sobre nós toda vez que Sibel sugeria, ansiosa, que nos casássemos logo, mas havia momentos, também, em que Sibel e eu éramos muito felizes fazendo amor no escritório, e quando eu a envolvia em meus braços no escuro, com o barulho do tráfego e dos ônibus ruidosos chegando até nós da avenida Halaskârgazi, eu dizia a mim mesmo o quanto era um homem de sorte, o quanto havia de viver contente pelo resto da vida. Certa vez, depois de nossos exercícios, enquanto eu apagava meu cigarro num cinzeiro com o símbolo da Satsat, Sibel, sentada seminua na cadeira de minha secretária Zeynep Hanım, começou a batucar na máquina de escrever, rindo de sua melhor imitação da loura burra que figurava em tantas piadas e revistas de humor da época.

## 5. O Fuaye

Hoje, anos mais tarde, e depois de muito procurar, exhibo aqui um menu ilustrado, um anúncio, uma caixa de fósforos e um guardanapo do Fuaye, um dos restaurantes de estilo europeu (imitando os franceses) mais apreciados pelo reduzido círculo de gente rica que vivia em bairros como Beyoğlu, şişli e Nişantaşı (fôssemos afetar aqui o tom forçado dos colunistas sociais da época, poderíamos chamar essas pessoas de “a sociedade de Istambul”). Como queriam produzir em seus clientes a ilusão sutil de se encontrarem numa cidade europeia, evitavam nomes ocidentais pomposos como Ambassador, Majestic ou Royal, preferindo outros como Kulis (“bastidores”), Merdiven (“escadaria”) ou Fuaye (“saguão”), nomes que lembravam à clientela que estávamos no limiar da Europa, em Istambul. A geração seguinte de *nouveaux riches* iria preferir restaurantes espalhafatosos que ofereciam a mesma comida que suas avós faziam, combinando tradição e ostentação com nomes como Hanedan (“dinastia”), Hünkâr (“soberano”), Pasha, Vezir (“vizir”) e Sultan — e pressionado pelas pretensões dessa freguesia o Fuaye acabou mergulhando no esquecimento.

No jantar do Fuaye, na noite do dia em que comprei a bolsa, perguntei a Sibel: “Não seria melhor se de hoje em diante nos encontrássemos naquele apartamento que minha mãe possui no edifício Merhamet? Tem vista para um jardim tão bonito”.

“Você está imaginando que vai haver algum atraso em nossa mudança para uma casa própria depois do casamento?”, perguntou ela.

“Não, querida, não é isso.”

“Não quero mais ficar me escondendo em apartamentos secretos, como se fosse sua amante.”

“Tem razão.”

“De onde veio essa ideia de nos encontrarmos no apartamento?”

“Não faz diferença”, respondi. Olhei para as pessoas em torno de nós quando peguei a bolsa, ainda na sacola de plástico.

“O que é isso?”, perguntou Sibel, pressentindo um presente.

“Uma surpresa! Abra para ver.”

“É mesmo?” Quando ela abriu a sacola de plástico e viu a bolsa, a alegria infantil em seu rosto deu lugar primeiro a um olhar intrigado, e depois a uma decepção que tentou disfarçar.

“Você não se lembra?”, arisquei. “Quando a estava levando para casa ontem à noite, você viu a bolsa na vitrine e disse que achou bonita.”

“Ah, claro. Você é muito atencioso.”

“Ainda bem que gostou. Você vai ficar tão elegante com ela na nossa festa de noivado.”

“Eu nem devia dizer, mas a bolsa que vou usar na nossa festa de noivado já foi escolhida há muito tempo”, disse Sibel. “Ah, não fique tão decepcionado! Foi tão gentil da sua parte, se dar a todo esse trabalho para me comprar este lindo presente... Está bem, só para você não achar que estou sendo ingrata, eu jamais poderia usar essa bolsa na nossa festa de noivado, porque ela é falsa!”

“O quê?”

“Esta bolsa não é uma Jenny Colon autêntica, Kemal querido. É uma imitação.”

“Como é que você sabe?”

“Só de olhar para ela. Está vendo como a etiqueta está costurada ao couro? Agora olhe para a etiqueta desta Jenny Colon autêntica que eu comprei em Paris. Não é à toa que a marca é exclusiva na França e no mundo todo. Para começo de conversa, ela jamais usaria uma linha tão ordinária!”

Houve um momento, enquanto eu examinava a costura genuína, em que me perguntei por que minha futura noiva estaria assumindo um tom tão triunfal. Sibel era filha de um embaixador aposentado que muito antes vendera as últimas terras de seu avô paxá e agora ficara sem nenhum tostão; tecnicamente, isso a tornava a filha de um funcionário público, e essa posição às vezes a deixava desconfortável e insegura. Sempre que se via às voltas com suas ansiedades, falava da avó paterna, que tocava piano, ou sobre o avô paterno, que lutara na Guerra da Independência, ou me contava como seu avô materno era próximo do sultão Abdülhamit; mas sua timidez me comovia, o que só me fazia amá-la ainda mais. Com a expansão da indústria têxtil e das exportações durante o início dos anos 1970, e a consequente triplicação da população de Istambul, o preço da terra tinha subido astronomicamente em toda a cidade, e mais particularmente em bairros como o nosso. Embora, com isso, a fortuna de meu pai tenha tido um crescimento extravagante na última década, multiplicando-se por cinco, nosso sobrenome (Basmacı, “estampador de tecidos”) não deixava dúvida de que devíamos nossa riqueza a três gerações de fabricantes de tecido. Deixava-me constrangido ver-me às voltas com o problema de uma bolsa “falsificada” apesar daquelas três gerações de progresso acumulado.

Quando me viu desanimar, Sibel acariciou minha mão. “Quanto você pagou pela bolsa?”

“Mil e quinhentas liras”, respondi. “Se você não quiser, amanhã vou lá trocar.”

“Não troque por nada, querido, peça o seu dinheiro de volta, porque na verdade você foi

enganado.”

“A dona da loja é Şenay Hanım, e somos parentes distantes!”, disse eu, erguendo as sobrancelhas de desespero.

Sibel tornou a pegar a bolsa, cujo interior eu vinha explorando em silêncio. “Você sabe tantas coisas, querido, é tão culto e inteligente”, disse ela, com um sorriso carinhoso, “mas não tem a menor ideia de como é fácil ser enganado por uma mulher.”

## 6. As lágrimas de Füsün

Na hora do almoço do dia seguinte voltei à boutique şanzelize, levando nas mãos a mesma sacola de plástico. A campainha tocou quando entrei, mas novamente a loja estava tão pouco iluminada que num primeiro momento julguei que estivesse vazia. No estranho silêncio da loja dominada pela sombra o canário cantava piu, piu, piu. Então distingui a silhueta de Füsün através de um biombo e em meio às folhas de um imenso vaso de ciclâmen. Ela atendia uma senhora gorda que experimentava uma roupa no provador. Dessa vez usava uma blusa encantadora que a favorecia muito, um estampado de jacintos entrelaçados com folhas e flores silvestres. Quando ela me viu, dirigiu-me um sorriso doce.

“Acho que está ocupada”, disse eu, indicando o provador com os olhos.

“Já quase acabamos aqui”, respondeu, como se quisesse dizer que àquela altura ela e sua freguesa estavam só conversando.

Meus olhos passaram pelo canário que esvoaçava na gaiola, pelas revistas de moda empilhadas num canto e pela variedade de acessórios importados da Europa, e nada conseguia deter minha atenção. Por mais que quisesse me convencer de que esse sentimento era perfeitamente comum, não tinha como negar a verdade evidente de que, toda vez que olhava para Füsün, via alguém familiar, alguém que eu sentia conhecer intimamente. Ela se parecia comigo. O mesmo tipo de cabelo, que crescia escuro e ondulado na infância mas tornava-se liso com a idade. Agora tinha um matiz de castanho-claro que, como sua pele clara, era complementado por sua blusa estampada. Eu sentia que poderia facilmente me pôr em seu lugar, que seria capaz de compreendê-la da maneira mais profunda. Uma lembrança dolorosa me ocorreu: meus amigos, referindo-se a ela como “a garota da *Playboy*”. Teria dormido com algum deles? “Devolva a bolsa, pegue o dinheiro e saia correndo”, pensei comigo mesmo. “Você está quase noivo de uma garota espetacular.” Virei-me para olhar para fora, na direção da praça de Nişantaşı, mas logo o reflexo de Füsün assomou como um fantasma no vidro fumê da vitrine.

Depois que a mulher do provador conseguiu livrar-se ofegante de uma saia e saiu sem comprar nada, Füsün dobrou os artigos descartados e guardou cada um em seu lugar. “Eu vi você passar pela rua ontem à noite”, disse ela, levantando seus lindos lábios. Estava usando um batom cor-de-rosa claro, vendido sob o nome comercial de Misslyn, e, embora fosse um produto turco comum, nela parecia exótico e irresistível.

“Quando você me viu?”, perguntei.

“No começo da noite. Você estava com Sibel Hanım. Passei pela calçada do outro lado da rua. Estavam saindo para jantar?”

“É.”

“Vocês formam um belo casal!”, disse ela, da maneira como falam os mais velhos quando lhes dá prazer a visão de jovens felizes.

Não lhe perguntei de onde ela conhecia Sibel. “Eu queria lhe pedir um pequeno favor.” Quando tirei a bolsa da sacola, sentia vergonha e pânico. “Queríamos devolver a bolsa.”

“Claro. Troco para você com o maior prazer. Talvez você goste dessas luvas novas, muito chiques, e também temos este chapéu, que acabou de chegar de Paris. Sibel Hanım não gostou da bolsa?”

“Eu preferia não trocar”, disse, envergonhado. “Queria pedir a devolução do meu dinheiro.”

Vi o espanto no rosto dela, até mesmo um pouco de medo. “Por quê?”, perguntou.

“Parece que a bolsa não é uma Jenny Colon autêntica”, murmurei. “Parece que é falsa.”

“O quê?”

“Eu não entendo muito dessas coisas”, disse, desamparado.

“Esse tipo de coisa nunca aconteceu aqui!”, disse ela com uma voz áspera. “Você quer o dinheiro de volta já?”

“Quero!”, consegui responder.

Ela fez um ar profundamente magoado. Deus do céu, pensei, por que eu não tinha simplesmente jogado a bolsa fora e depois dito a Sibel que recuperara o dinheiro? “Escute, isso não tem nada a ver com você ou com Şenay Hanım. Nós, turcos, louvado seja Deus, conseguimos produzir boas imitações de toda moda criada na Europa”, disse, esforçando-me para sorrir. “Para mim — ou eu devia dizer para nós — basta que uma bolsa cumpra a sua função, a de ficar bonita na mão de uma mulher. Não faz diferença de que marca seja, ou quem a fabricou, ou se é original.” Mas ela, como eu, não acreditou numa palavra do que eu dizia.

“Não, eu lhe devolvo o seu dinheiro”, disse ela com a mesma voz áspera. Baixei os olhos e fiquei em silêncio, preparado para enfrentar o meu destino e envergonhado de minha brutalidade.

Por mais determinada que ela soasse, senti que Füsün não podia fazer o que pretendia; houve algo estranho naquele momento intensamente embaraçoso. Ela olhava para a caixa registradora como se alguém tivesse lançado um feitiço em seu mecanismo ou estivesse possuída por demônios, o que a impedia de tocar nela. Quando vi seu rosto rubro e franzido, seus olhos rasos de lágrimas, entrei em pânico e dei dois passos em sua direção.

Ela começou a chorar baixinho. Nunca descobri exatamente como aconteceu, mas eu a abracei, e ela, chorando, encostou a cabeça no meu peito. “Füsün, me desculpe”, murmurei. Acariciei seus cabelos macios e sua testa. “Por favor, esqueça que isso aconteceu. É só uma bolsa falsificada, nada mais.”

Como uma criança ela respirou muito fundo, soluçou uma ou duas vezes, e tornou a prorromper em lágrimas. Tocar seu corpo e seus lindos braços, sentir seus seios pressionando meu peito, abraçá-la assim, ainda que por um momento, fez minha cabeça rodar: talvez tenha sido como parte de meu esforço para reprimir o desejo, mais intenso a cada vez que eu a tocava, que conjurei essa ilusão de que nos conhecíamos havia anos, de que éramos pessoas próximas. Ela era minha irmã, doce, inconsolável, linda e tomada pela dor! Por um momento — e talvez porque eu soubesse que tínhamos algum parentesco, por mais ligeiro que fosse — seu corpo, com suas pernas e seus braços compridos, sua bela ossatura e seus ombros frágeis, lembrou-me do meu próprio. Fosse eu uma garota, tivesse eu menos doze anos, era assim que seria meu corpo. “Não há motivo para se preocupar”, disse eu enquanto acariciava seus cabelos claros.

“Não tenho como abrir a caixa para lhe devolver o dinheiro”, explicou ela. “Porque quando Şenay Hanım vai almoçar em casa ela tranca a gaveta e leva a chave. É uma vergonha, eu sei.” Apoiando a

cabeça em meu peito ela começou a chorar, enquanto eu continuava minhas cuidadosas e compassivas carícias em seus cabelos: “Eu só trabalho aqui para conhecer gente e passar o tempo. Não é pelo dinheiro”, soluçou ela.

“Trabalhar por dinheiro não é motivo de vergonha para ninguém”, disse eu, como um idiota insensível.

“Eu sei”, disse ela, no tom de uma criança desconsolada. “Meu pai é professor aposentado... Fiz dezoito anos duas semanas atrás, e não queria ser um fardo para ele.”

Com medo da fera sexual que agora ameaçava empinar a cabeça, tirei a mão dos seus cabelos. Ela entendeu na mesma hora e controlou-se; cada um de nós deu um passo para trás.

“Por favor, não conte a ninguém que eu comecei a chorar”, disse ela, depois de enxugar os olhos.

“Está prometido”, disse eu. “Uma promessa solene entre amigos, Füsün. Podemos confiar nossos segredos um ao outro...”

Vi o sorriso dela. “Vou deixar a bolsa aqui”, disse eu. “Posso voltar mais tarde para pegar o dinheiro.”

“Deixe a bolsa, se quiser, mas é melhor não voltar aqui para pegar o dinheiro. Şenay Hanım vai querer convencê-lo de que não é falsificada e você vai acabar se arrependendo de ter dito o contrário.”

“Então vamos trocá-la por alguma outra coisa”, propus.

“Agora não posso mais fazer isso”, disse ela, soando como uma menina orgulhosa e mal-humorada.

“Pode deixar, não tem importância”, ofereci.

“Para mim, tem”, disse ela com firmeza. “Quando Şenay Hanım voltar à loja, vou pedir o dinheiro da bolsa.”

“Não quero que essa mulher lhe cause mais problemas”, respondi.

“Não se preocupe, já sei como vou fazer”, disse ela com o mais ligeiro dos sorrisos. “Vou dizer que Sibel Hanım já tem exatamente a mesma bolsa, e que é por isso que quis devolvê-la. Está bem assim?”

“Uma ideia maravilhosa”, disse eu. “Mas por que eu mesmo não digo isso a Şenay Hanım?”

“Não, não diga nada a ela”, respondeu Füsün em tom enfático. “Porque ela só vai tentar enganá-lo, e extrair informações pessoais de você. Nem mesmo venha até a loja. Posso deixar o dinheiro com tia Vecihe.”

“Ah, por favor, não envolva a minha mãe nisso. Ela é mais enxerida ainda.”

“Então onde posso deixar o dinheiro?”, perguntou Füsün, erguendo as sobrancelhas.

“No edifício Merhamet, na avenida Teşvikiye 131, onde minha mãe tem um apartamento”, respondi. “Antes de ir para os Estados Unidos, era o lugar que eu usava como refúgio — onde ia estudar e ouvir música. É um lugar lindo, que dá para um jardim nos fundos... Ainda vou lá todo dia na hora do almoço, entre duas e quatro, para pôr o meu trabalho em dia sossegado.”

“Claro. Posso deixar o dinheiro lá. Qual é o apartamento?”

“Quatro”, sussurrei. E quase não consegui emitir as quatro palavras seguintes, que pareceram morrer em minha garganta. “Segundo andar. Até logo.”

Meu coração descobrira tudo e batia loucamente. Antes de sair correndo, juntei toda a minha

coragem e, fingindo que nada tinha acontecido, lancei-lhe um último olhar. De volta à rua, minha vergonha e minha culpa se misturaram com tantas imagens de prazer em meio ao calor fora de época daquela tarde de maio que as calçadas de Nişantaşı pareciam ter um brilho amarelo e misterioso. Meus pés escolheram o caminho da sombra, conduzindo-me por baixo das marquises dos edifícios e dos toldos listrados de branco e azul das vitrines das lojas, e quando numa dessas vitrines vi uma jarra amarela senti-me compelido a entrar e comprá-la. À diferença de qualquer outro objeto comprado de maneira assim casual, essa jarra amarela nunca suscitou qualquer comentário de ninguém durante os vinte anos que passou na mesa onde minha mãe e meu pai, e depois minha mãe e eu, fazíamos nossas refeições. Cada vez que eu tocava a alça da jarra, lembrava-me desses dias em que comecei a me dar conta da desgraça que me faria virar-me completamente para dentro de mim mesmo, deixando minha mãe a observar-me em silêncio durante o jantar, seus olhos tomados pela tristeza e pela censura.

Chegando em casa, cumprimentei minha mãe com um beijo; embora satisfeita de me ver chegar no meio da tarde, ainda assim ficou surpresa. Contei-lhe que eu comprara a jarra num impulso, acrescentando: “Pode me dar a chave do apartamento do edifício Merhamet? Às vezes o escritório fica tão barulhento que não consigo me concentrar. E pensei se nessas horas não seria melhor trabalhar no apartamento. Sempre deu certo quando eu era mais novo”.

Minha mãe respondeu: “Deve estar com uma camada de dois dedos de poeira”, mas foi até seu quarto pegar a chave do portão do edifício, que ficava ligada à chave do apartamento por uma fita vermelha. “Você se lembra daquele vaso Kütahya com as flores vermelhas?”, perguntou-me ela ao entregar as chaves. “Não consegui encontrá-lo em lugar nenhum da casa, será que pode ver se por acaso levei para lá? E não trabalhe além da conta... Seu pai passou a vida inteira trabalhando duro para que vocês, os filhos dele, possam se divertir um pouco na vida. Você merece ser feliz. Saia com Sibel, aproveite o ar da primavera.” E então, pondo as chaves na minha mão, lançou-me um olhar diferente e disse: “Tome cuidado!”. Era o mesmo olhar com que ela nos fitava quando éramos crianças, para nos advertir de que a vida tinha armadilhas inesperadas muito mais profundas e traiçoeiras que, por exemplo, qualquer consequência que pudesse advir do descuido ocasional com uma chave.

## 7. O edifício Merhamet

Minha mãe tinha comprado aquele apartamento no edifício Merhamet havia vinte anos, em parte como investimento e em parte como um lugar onde pudesse se recolher ocasionalmente para gozar de alguma tranquilidade; mas em pouco tempo ela começara a usá-lo como depósito dos móveis antigos que a seu ver tinham saído de moda e das novas aquisições de que logo se cansava. Quando menino eu gostava do jardim dos fundos, onde as crianças das redondezas costumavam jogar futebol à sombra das árvores gigantescas, e sempre adorei a história que minha mãe gostava de contar sobre o nome do prédio.

Depois que Atatürk instruiu o povo turco a adotar sobrenomes em 1934, tornou-se moda atribuir o

novo nome da família aos edifícios de apartamentos recém-construídos. Como nesses dias não existia uma organização sistemática dos nomes das ruas e da respectiva numeração, e as famílias mais prósperas e numerosas tendiam a viver coletivamente sob o mesmo teto, como nos tempos do Império Otomano, para facilitar a navegação pela cidade fazia sentido que esses novos edifícios de apartamentos ficassem conhecidos pelo nome dos respectivos proprietários. (Muitas das famílias ricas que mencionarei aqui são proprietárias de edifícios epônimos.) Outra moda era os edifícios serem batizados com os nomes de princípios elevados; mas minha mãe costumava dizer que as pessoas que davam a seus edifícios nomes como Hürriyet (“liberdade”), İnyet (“benevolência”) ou Fazilet (“caridade”) eram geralmente as mesmas que tinham passado a vida de costas para essas virtudes. O edifício Merhamet (“misericórdia”) tinha sido construído por um velho rico que controlava o mercado negro de açúcar durante a Primeira Guerra Mundial e depois se sentira compelido à filantropia. Seus dois filhos (a filha de um deles foi minha colega de turma na escola primária), quando descobriram que o pai planejava doar o edifício para fins de caridade, distribuindo entre os pobres qualquer renda que produzisse, conseguiram declará-lo incapaz e o internaram num asilo de indigentes, tomando posse do edifício em seguida, mas nem se deram ao trabalho de mudar o nome que eu, quando criança, achava tão peculiar.

No dia seguinte, quarta-feira, 30 de abril de 1975, passei duas horas sentado no apartamento do edifício Merhamet, entre duas e quatro da tarde, à espera de Füsün, que não apareceu. Fiquei um pouco desconsolado e confuso; voltando ao escritório, sentia uma perturbação. No dia seguinte voltei ao apartamento, como que para acalmar minha inquietação, mas novamente Füsün não apareceu. Sentado naqueles aposentos abafados, cercado por vasos e vestidos antigos e pela mobília empoeirada descartada por minha mãe, percorrendo uma a uma as fotos instantâneas amadoras de meu pai, lembrei momentos de minha infância e minha juventude que nem sequer percebera ter esquecido, e aqueles artefatos me davam a impressão de me acalmar os nervos. No dia seguinte, enquanto almoçava em Beyoğlu no restaurante de Hacı Arif com Abdülkerim, o vendedor da Satsat em Kayseri (e meu amigo dos tempos de Exército), lembrei envergonhado que passara duas tardes consecutivas à espera de Füsün num apartamento vazio. Fiquei tão envergonhado que decidi esquecer-me dela, da bolsa falsificada e de tudo o mais. Vinte minutos mais tarde, porém, quando olhei meu relógio, ocorreu-me que Füsün poderia estar chegando naquele instante ao edifício Merhamet, para me devolver o dinheiro da bolsa; inventando alguma mentira para Abdülkerim, devorei o que sobrava da minha comida e fui embora às pressas.

Vinte minutos depois que cheguei, Füsün tocou a campainha. Ou melhor, a pessoa que só poderia ser Füsün tocou a campainha. Enquanto corria para a porta, lembrei que na noite anterior eu abrira a porta para ela num sonho.

Na mão ela trazia um guarda-chuva. Seus cabelos estavam encharcados. Ela usava um vestido amarelo pontilhado.

“Ora, ora, ora, achei que você tinha se esquecido de mim. Entre.”

“Não quero atrapalhar nada. Só vim entregar o dinheiro e depois vou embora.” Em sua mão, trazia um envelope usado em que apareciam impressas as palavras “Curso de Realizações Notáveis”, mas que não peguei. Segurando-a pelo ombro, puxei-a para dentro e fechei a porta.

“Está chovendo muito”, disse eu, embora antes não tivesse percebido a chuva. “Fique um pouco, sente-se. Não há motivo para você sair correndo e se molhar toda de novo. Vou fazer um chá. Pelo menos enquanto você se esquentar.” Fui para a cozinha.

Quando voltei, Füsün examinava os móveis velhos da minha mãe, suas antiguidades, seus relógios empoeirados, suas caixas de chapéu e outros acessórios. Para deixá-la mais à vontade e encetar uma conversa, contei-lhe como minha mãe tinha comprado todas aquelas coisas por impulso nas lojas mais elegantes de Beyoğlu e Nişantaşı, nas mansões de paxás cuja mobília foi toda vendida, nas yalis das margens do Bósforo meio destruídas pelo fogo, em antiquários e até em mosteiros desocupados pelos dervixes, para não falar de todas as lojas que ela visitava em suas viagens europeias; no entanto, depois de usar aquelas coisas por pouco tempo, ela as mandava para lá e as esquecia completamente. Ao mesmo tempo, eu ia mostrando as arcas repletas de roupas recendendo a naftalina, o velocípede que nós dois tínhamos usado na infância (minha mãe tinha o costume de dar nossos brinquedos velhos aos parentes mais pobres), um penico e, finalmente, o vaso Kütahya que minha mãe me pedira que procurasse para ela; em seguida, mostrei-lhe os chapéus, caixa a caixa.

Um jarro de cristal, para doces, nos lembrou das festas dos feriados a que ela costumava comparecer. Toda vez que chegava com os pais para sua visita festiva, ofereciam-lhes uma variedade de balas de açúcar e amêndoa, marzipã, tabletes de doce de coco coberto de açúcar, e *lokum*, ou “delícias turcas”.

“Uma vez, quando chegamos para a Festa do Sacrifício, lembro que você e eu saímos para um passeio de carro”, disse Füsün, com os olhos brilhantes.

Eu me lembrava daquele passeio. “Você era só uma criança na época”, disse eu. “Agora virou uma mulher linda e encantadora.”

“Obrigada. Preciso ir embora.”

“Você nem tomou seu chá. E a chuva ainda nem passou.” Eu a puxei até a porta da varanda, afastando de leve as cortinas de tule. Ela olhou pela janela, e em seus olhos havia a luz que só se vê em crianças que chegam a um lugar novo, ou nos jovens ainda abertos a novas influências, ainda curiosos quanto ao mundo porque ainda não foram calejados pela vida. Por um momento contemplei com desejo seu pescoço, sua nuca, a linda pele do seu rosto, que deixava suas faces tão lindas, e as incontáveis sardas em sua pele, invisíveis de certa distância (minha avó não teria sardas como aquelas?). Minha mão, como se pertencesse a outra pessoa, estendeu-se e tocou a fivela nos seus cabelos. Era enfeitada com o desenho de quatro ramos de verbena.

“Seu cabelo está muito molhado.”

“Você contou para alguém que eu chorei na loja?”

“Não. Mas queria muito saber o que fez você chorar.”

“Por quê?”

“Tenho pensado muito em você”, disse eu. “Você é linda, muito diferente de todo mundo. Lembro bem como você era uma menina morena e bonita. Mas nunca imaginei que fosse virar a beleza que é.”

Ela deu o sorriso comedido das belezas bem-educadas acostumadas a elogios, mas ao mesmo tempo ergueu as sobrancelhas, desconfiada. Deu um passo para trás.

“E então, o que disse Şenay Hanım?”, perguntei, mudando de assunto. “Chegou a reconhecer que a bolsa era mesmo falsa?”

“Ficou muito aborrecida quando percebeu que você tinha pedido seu dinheiro de volta, mas não quis fazer um drama por causa disso. E disse que era para eu esquecer a história toda. Sabia que a bolsa era falsa, imagino. Mas não sabe que eu vim aqui. Eu disse a ela que você passaria por lá na hora do almoço para pegar o dinheiro. Agora preciso mesmo ir.”

“Mas não tomou o seu chá!”

Fui buscar o chá na cozinha, e fiquei olhando enquanto ela soprava de leve a superfície para esfriá-lo, antes de sorvê-lo em goles cuidadosos e apressados. Fiquei indeciso entre a admiração e a vergonha, a ternura e a alegria... Novamente respondendo a uma vontade própria, minha mão se estendeu para acariciar seu cabelo. Aproximei meu rosto do dela; vendo que ela não recuava, dei-lhe um beijo rápido e delicado no canto dos lábios. Ela corou. Como estava segurando a xícara com as duas mãos, não teve como se defender. Ficou irritada e confusa. O que também percebi.

“Eu gosto de beijar”, disse ela, em tom orgulhoso. “Mas agora, com você, está fora de questão.”

“E você já beijou muito?”, perguntei, na imitação canhestra de uma criança.

“Já beijei, é claro. Mas só isso.”

Com um olhar sugestivo de que os homens, infelizmente, eram todos iguais, ela percorreu a sala com os olhos uma última vez, avaliando os móveis e a cama com lençóis azuis a um canto, que, tomado por más intenções, eu arquitetara deixar semidesfeita. Ela avaliou a situação, mas eu — talvez por vergonha — não consegui imaginar nenhum modo de levar meus planos em frente.

Quando eu chegara, tinha encontrado em cima de uma arca um fez do tipo que produzem para os turistas, e o pusera em cima de uma mesinha de centro como uma espécie de declaração irônica. Agora vi que, enquanto eu fora buscar o chá, ela deixara o envelope com o dinheiro encostado no barrete. Viu que eu percebera o envelope, mas mesmo assim disse: “Deixei o dinheiro ali”.

“Você não pode ir embora antes de acabar seu chá.”

“Está ficando tarde”, disse ela em tom um pouco mais decidido, mas ainda assim não foi embora.

Enquanto tomávamos o chá, conversamos sobre nossos parentes, os anos da nossa infância e nossas memórias comuns, sem falar mal de ninguém. Todos tinham medo da minha mãe, por quem a mãe dela sentia um imenso respeito e que, quando Füsün era criança, sempre lhe dava tanta atenção; toda vez que sua mãe vinha costurar em nossa casa, minha mãe punha nossos brinquedos à sua disposição — nossos bichinhos de corda, o cachorro e a galinha, que Füsün adorava mas tinha medo de quebrar. Todo ano, até o concurso de beleza, minha mãe sempre mandava o nosso motorista Çetin Efendi entregar-lhe um presente em seu aniversário. Um deles tinha sido um caleidoscópio, que ela ainda possuía... Quando minha mãe mandava um vestido, era sempre alguns números maior, para que durasse mais tempo. Caso também de uma saia xadrez plissada, fechada com um imenso alfinete de fralda, que Füsün nem pudera usar por um ano todo. Gostava tanto dela que mesmo mais tarde, quando já saíra de moda, ela a usava como minissaia. Conteí que uma vez a vira em Nişantaşı usando aquela saia. Mudamos de assunto para evitar falar de sua cintura fina e de suas lindas pernas. Havia um tio Süreyya que não era muito bom da cabeça. Toda vez que voltava da Alemanha, fazia visitas de cerimônia a todos os ramos da família, na maioria hoje espalhados e sem contato entre si, mas,

graças a ele, todos se mantinham a par do que os outros vinham fazendo.

“Daquela vez que viemos visitar vocês na Festa do Sacrifício e você e eu saímos de carro... Tio Süreyya também estava na casa”, disse Füsün em tom excitado. Vestiu a capa de chuva e começou a procurar seu guarda-chuva. Não conseguiu encontrá-lo, porque numa das minhas idas até a cozinha eu o enfiara atrás do cabideiro de espelho no hall de entrada do apartamento.

“Não se lembra de onde deixou o guarda-chuva?”, perguntei enquanto a ajudava a conduzir uma busca sistemática.

“Acho que deixei aqui”, disse ela inocentemente, apontando para o cabideiro.

Enquanto revirávamos o apartamento, procurando até nos lugares mais improváveis, eu lhe perguntei o que ela fazia em suas “horas de lazer” — como diziam as revistas de celebridades. No ano anterior, ela não alcançara a média suficiente no exame de entrada para a universidade para matricular-se no curso que pretendia fazer. Assim, agora, todo tempo que lhe sobrava da boutique şanzelize, ela passava no Curso de Realizações Notáveis. Só lhe restavam quarenta e cinco dias antes do exame daquele ano, de maneira que vinha estudando muito.

“Que curso você quer fazer?”

“Não sei”, respondeu ela, um pouco encabulada. “O que eu realmente queria era entrar para o conservatório e me formar atriz.”

“Mas esses cursos preparatórios não servem para nada; todos só pensam em ganhar dinheiro, sem exceção”, disse eu. “Se você está sentindo dificuldade, especialmente em matemática, por que não vem estudar comigo, já que estou trabalhando aqui toda tarde? Posso ensinar bem depressa.”

“E você ajuda outras moças a estudar matemática?”, perguntou ela em tom malicioso, erguendo novamente as sobrancelhas daquele jeito.

“Não existem outras moças.”

“Sibel Hanım vem à nossa loja. Ela é muito bonita e também é um encanto de pessoa. Quando vocês dois vão se casar?”

“A festa de noivado vai ser daqui a um mês e meio. Este guarda-chuva serve para você?”, disse eu, oferecendo-lhe uma sombrinha que minha mãe trouxera de Nice. Ela disse que obviamente não podia voltar para a loja com um artigo tão exótico. Queria ir embora já, e estava disposta a abandonar seu guarda-chuva. “A chuva parou”, disse Füsün em tom alegre. Quando ela abriu a porta, entrei em pânico, achando que poderia nunca mais tornar a vê-la.

“Por favor, volte, e vamos só tomar um chá”, disse eu.

“Não fique aborrecido, Kemal, mas não quero voltar aqui. E você sabe que não vou voltar. Não se preocupe, não vou contar a ninguém que você me beijou.”

“E o guarda-chuva?”

“O guarda-chuva é de Şenay Hanım, mas pode ficar aqui”, disse ela, dando-me no rosto um beijo apressado mas não desprovido de sentimento.

## 8. O primeiro refrigerante da Turquia à base de frutas

Aqui exponho os anúncios nos jornais, os comerciais e as garrafas dos sabores morango, pêssego, laranja e cereja do primeiro refrigerante à base de frutas criado e produzido na Turquia, Meltem, em memória do nosso otimismo e do espírito alegre e confiante da época. Naquela noite, Zaim estava comemorando o lançamento de seu novo produto com uma festa extravagante em seu apartamento de localização perfeita, em Ayaspaşa, com uma vista panorâmica do Bósforo. Todo nosso grupo estaria reunido mais uma vez. Sibel estava contente de se ver em meio aos meus amigos ricos — ela gostava dos passeios de iate pelo Bósforo, das festas-surpresa de aniversário e das noites nos clubes noturnos, que terminavam com todos se amontoando em nossos carros para percorrer as ruas de Istambul — mas não gostava de Zaim. Achava que ele era exibido, playboy demais e um tanto cafajeste; e as coisas que aconteciam nas suas festas — como a dançarina do ventre que aparecia “de surpresa” no final da noite ou seu costume de acender os cigarros das moças com um isqueiro decorado com o logotipo da *Playboy* —, ela achava “banais”. Sibel reprovava ainda mais os casos de Zaim com atrizes menores e modelos (estas um fenômeno recente na Turquia, e ainda encaradas com muita desconfiança), com quem ele sabia que evidentemente nunca iria se casar, pois era do conhecimento público que todas faziam sexo; e tampouco suportava seu costume de enganar as moças com quem saía sem a menor intenção de deixar que uma relação se estabelecesse. E é por isso que, quando telefonei a ela para dizer que não me sentia bem e que não poderia ir à festa, e na verdade nem sair de casa, fiquei surpreso ao ver que Sibel ficara decepcionada.

“Dizem que a modelo alemã da campanha do Meltem vai à festa!”, disse Sibel.

“Mas pensei que você achasse Zaim má influência para mim...”

“Se você nem consegue ir a uma das festas de Zaim, deve estar muito doente mesmo. Agora fiquei preocupada. Quer que eu vá até aí?”

“Não precisa. Minha mãe e Fatma Hanım estão cuidando de mim. Amanhã eu já devo estar bem.”

Quando me estendi na minha cama, totalmente vestido, pensava em Füsün; e decidi mais uma vez esquecer-me dela; na verdade, decidi nunca mais tornar a vê-la até o fim dos meus dias.

## 9. F

No dia seguinte, 3 de maio de 1975, Füsün chegou ao edifício Merhamet às duas e meia da tarde e pela primeira vez na vida conheceu o amor físico. Não fui ao apartamento naquele dia na esperança de vê-la. E quando conto a história, tantos anos depois, pergunto-me como pode ser verdade, mas naquele dia honestamente não me ocorrera que ela pudesse aparecer... Eu vinha pensando em nossa conversa do dia anterior, e em nossos pertences comuns da infância, as antiguidades da minha mãe, os velhos relógios, o velocípede, a luz estranha no apartamento escuro, o cheiro de poeira e decadência, e desejava ficar só, olhando para o jardim dos fundos... Devem ter sido esses os pensamentos que me conduziram até lá. É verdade que eu queria refletir sobre o nosso encontro da véspera, revivê-lo, pegar as xícaras de Füsün e lavá-las, arrumar os pertences da minha mãe e esquecer minha transgressão. Enquanto arrumava a sala, encontrei uma foto que meu pai tinha tirado do quarto dos fundos, mostrando a cama, a janela e o jardim, e fiquei impressionado ao ver como o

lugar mudara pouco em todos esses anos. Quando a campainha tocou, meu primeiro pensamento foi “Mamãe!”.

“Vim buscar meu guarda-chuva”, disse Füsun.

Mas se recusou a entrar. “Por que você não entra?”, perguntei. Por um momento, ela hesitou. Talvez concluindo que seria grosseiro ficar ali parada junto à porta, acabou entrando. Fechei a porta atrás dela. Este é o vestido fúcsia que ela apareceu usando naquele dia e que tinha um efeito hipnótico, com seus botões brancos e o cinto também branco de fivela grande, que fazia sua cintura parecer ainda mais fina. Na minha juventude, eu, como tantos outros homens, ficava nervoso com as garotas que achava lindas e misteriosas; meu modo de enfrentar esse desconforto era a franqueza brusca, e, embora eu achasse que tinha superado essa inocência, estava enganado: “Seu guarda-chuva está aqui”, disse eu. Enfiando a mão por trás do cabideiro de espelho, nem me perguntei por que não o tinha tirado dali antes.

“E como ele foi parar aí?”

“Na verdade, eu o escondi ontem, para você não poder ir embora logo.”

Por um momento ela não soube ao certo se devia sorrir ou rosnar. Tomando-a pela mão, conduzi-a até a cozinha, com o pretexto de fazer um chá. A cozinha estava escura e cheirava a poeira e umidade. Tudo se acelerou depois que chegamos lá; incapazes de nos controlar, começamos a nos beijar. Os beijos foram ficando mais longos e apaixonados. Ela se entregava tanto naqueles beijos, envolvendo meu pescoço com os braços e fechando os olhos com força, que senti a possibilidade de “ir até o fim”, como se dizia na época.

Como ela era virgem, isso não podia acontecer, é claro. Embora, à medida que nossos beijos se prolongavam, tenha havido um momento em que me ocorreu que Füsun talvez tivesse tomado uma das decisões mais importantes da sua vida ao vir até ali. Logo me lembrei, porém, que essas coisas só aconteciam nos filmes estrangeiros. Parecia muito estranho que uma garota resolvesse de repente entregar-se a mim, quanto mais naquele apartamento. Por isso, pensei que ela talvez realmente não fosse mais virgem...

Ainda nos beijando, deixamos a cozinha e nos sentamos à beira da cama e, quase sem nenhuma timidez, embora em nenhum momento tenhamos trocado um só olhar, tiramos a maior parte das roupas e nos enfiamos debaixo das cobertas. O cobertor era muito pesado e fazia cócegas na minha pele, como ocorria quando eu era criança, de modo que depois de algum tempo eu o arranquei, e lá ficamos os dois, *seminus*. Ambos transpirávamos, e por algum motivo isso nos relaxou. A luz do sol filtrada pelas cortinas fechadas era de um amarelo alaranjado, e aquilo dava à sua pele uma aparência ainda mais bronzeada do que já tinha. Que Füsun pudesse contemplar meu corpo como eu contemplava o dela, que pudesse olhar para meus órgãos genitais tão de perto sem entrar em pânico, que, longe de achá-lo estranho, ela pudesse até olhar para o meu sexo com um desejo calmo, algo semelhante à ternura — pareceu-me prova suficiente de que ela já vira outros homens nus em outras camas, em divãs e bancos de carro, o que me deixou cheio de ciúmes.

Logo os olhares preocupados que começamos a trocar revelaram o quanto nos sentíamos intimidados com a difícil tarefa a que nos propúnhamos. Füsun tirou os brincos (um dos quais se tornou agora a primeira peça do nosso museu) e os arrumou na mesa de cabeceira. Exibia o cuidado

de uma menina míope que tirasse os óculos antes de mergulhar na água, e novamente senti sua determinação. Naquele tempo, o estilo das jovens era usar pulseiras, colares e anéis com seus nomes ou iniciais, mas naquela tarde não percebi se seus brincos eram desse tipo. Depois ela tirou as roupas peça por peça, tirou também a calcinha com gestos igualmente decididos, e vi a prova indiscutível do que ela se dispunha a fazer. Naquele tempo, as moças que não queriam ir “até o fim” tinham o costume de ficar pelo menos de calcinha, como as moças ocidentais quando queriam pegar sol.

Eu beijei seus ombros, que cheiravam a amêndoa, e com minha língua provei sua pele úmida e aveludada, e, quando vi que mesmo ainda sendo maio seus seios apresentavam um tom mais claro que sua substancial pele mediterrânea, estremeci. Se os professores de liceu que estudam este livro com seus alunos estiverem começando a ficar nervosos, podem recomendar aos jovens que pulem esta página. Se houver visitantes do meu museu que queiram saber mais, sugiro que tenham a gentileza de olhar para os móveis; a cena já bastará para fazê-los compreender que aquilo que eu precisei fazer fiz, primeiro, por Füsün, que me olhava com olhos tão assustados e sofridos; segundo, para o nosso bem comum; e só em seguida, depois de satisfazer a esses imperativos, um pouco para o meu prazer. Era como se precisássemos ultrapassar um obstáculo que a vida pusera em nosso caminho. Assim, quando seus olhos fitaram os meus e eu fiz pressão contra ela, murmurando palavras carinhosas, perguntando: “Está doendo, meu amor?”, seu silêncio não me alarmou. No momento em que chegamos ao máximo da proximidade, senti tão profundamente a fragilidade que se manifestava em seu tremor (imaginem girassóis estremecendo a uma brisa leve), que foi como se a sua dor se tornasse minha.

Ao ver seus olhos baixarem para examinar a parte inferior do seu corpo com a objetividade de um médico, compreendi que desejava vivenciar aquilo sozinha, e decidi terminar logo o que estava fazendo, concentrando-me em minha própria satisfação para poder emergir daquela árdua prova sentindo algum alívio. Àquela altura, ambos sabíamos intuitivamente que saborear plenamente os prazeres que haveriam de nos unir também significava saboreá-los cada um por seu lado; naquele abraço impiedoso, voraz e implacável, cada um usava o outro para seu próprio prazer. Havia algo na maneira como Füsün apertava os dedos contra as minhas costas; lembrava aquela menina míope e inocente aprendendo a nadar no mar, com tanto medo que se agarrava ao pai que correria para salvá-la quando ela sentiu medo de se afogar. Dez dias mais tarde, enquanto ela me abraçava com os olhos fechados, eu lhe perguntei a que filme ela assistia na mente. “Estava contemplando um campo de girassóis”, respondeu-me.

Os meninos cujos gritos de alegria, xingamentos e berros acompanhavam nosso amor nos dias que se seguiram também estavam presentes nesse primeiro dia, jogando futebol no antigo jardim da mansão abandonada de Hayrettin Paxá, xingando e berrando enquanto no apartamento nos entregávamos ao amor. Quando interrompiam por um instante seu vozerio, um silêncio maravilhoso envolvia o quarto, quebrado apenas pelos arquejos ocasionais de Füsün e um ou dois gemidos felizes que me escapavam. À distância ouvíamos o apito do policial na praça de Nişantaşı, as buzinas dos carros, e um martelo golpeando a cabeça de um prego. Uma criança chutou uma lata, uma gaiivota gritou, uma xícara se partiu, as folhas dos plátanos farfalharam ao sabor da brisa.

Estávamos deitados no quarto silencioso com os braços em volta um do outro, tentando não pensar

nos lençóis ensanguentados, nas roupas descartadas, em nossa nudez ainda surpreendente — todos esses rituais sociais primitivos e todos esses detalhes embaraçosos que os antropólogos gostam tanto de analisar e classificar. Füsün por algum tempo chorou em silêncio. Deu pouca atenção às minhas palavras de consolo, dizendo apenas que se lembraria daquele dia até o fim da vida, antes de começar a chorar de novo e, depois, recair mais algumas vezes no silêncio.

Tendo me tornado — com o passar do tempo — o antropólogo da minha própria experiência, não sinto o menor impulso de depreciar essas almas obsessivas que recolhem cacos de cerâmica, artefatos e utensílios em terras distantes e os organizam a fim de expô-los a nós, para podermos entender melhor as vidas dos outros e a nossa própria. Ainda assim, não aconselharia prestar uma atenção excessiva aos objetos e relíquias do “primeiro amor”, pois podem desviar quem os contempla das profundezas de compaixão e gratidão que agora se criavam entre nós dois. Assim, é precisamente para ilustrar a solicitude das carícias de minha amante de dezoito anos em minha pele de trinta, enquanto permanecíamos deitados em silêncio naquele quarto, nos braços um do outro, que decidi exibir este lenço floral de cambraia, que naquele dia ela dobrou com tanto cuidado e guardou em sua bolsa, mas nunca mais tirou dela. Que este conjunto de caneta e tinteiro de cristal, pertencente à minha mãe, com que Füsün brincou naquela tarde depois de tê-lo visto em cima da mesa enquanto fumava um cigarro, sirva como relíquia do refinamento e da frágil ternura que sentimos um pelo outro. Que este cinto, cuja fivela grande demais agarrei e ajustei com uma arrogância masculina de que mais tarde me arrependeria tanto, sirva como testemunho da melancolia que senti quando cobrimos nossa nudez e voltamos novamente os olhos para a imundície do mundo.

Antes de ir embora, eu disse a Füsün que, se ela quisesse conquistar uma vaga na universidade, precisava estudar muito durante aquele último mês e meio.

“Não quer que eu passe o resto da vida como vendedora de loja?”, perguntou ela sorrindo.

“Claro que não é isso... Mas queria ajudá-la a estudar para os exames... Pode ser aqui mesmo. Que livros você está usando? Está estudando matemática tradicional ou moderna?”

“No liceu, estudamos matemática tradicional. Mas no curso estudamos as duas. Porque as respostas vêm uma depois da outra na folha de respostas. Tudo isso me deixa tonta.”

Concordamos em nos encontrar no dia seguinte no mesmo local, para estudar matemática. Assim que ela saiu, comprei os livros que eram adotados no liceu e no curso numa livraria de Nişantaşı; de volta ao escritório, folheei os dois enquanto fumava um cigarro, e vi que poderia mesmo ajudá-la no estudo. A ideia de que eu fosse capaz de ensinar matemática a Füsün tornava mais leve meu fardo emocional, provocando-me uma sensação de alegria e um estranho tipo de orgulho. Meu pescoço, meu nariz, minha pele, tudo doía de felicidade, uma exultação que eu não poderia esconder de mim mesmo. Num canto do meu espírito, eu continuava a pensar que Füsün e eu tornaríamos a nos encontrar muitas outras vezes no apartamento do edifício Merhamet para nos amarmos. Mas entendia que o único modo de consegui-lo era agir como se nada fora do comum estivesse acontecendo.

## 10. As luzes da cidade e a felicidade

Naquela noite, uma antiga colega de turma de Sibel, Yeşim, ficaria noiva no Pera Palas; todo mundo iria comparecer à festa, de maneira que também fui. Em seu vestido prateado brilhante, por cima do qual jogara um xale de tricô, Sibel parecia encantada, como se aquela festa fosse um ensaio do nosso noivado, e se interessava por cada detalhe, conversando com todos os convidados, sorrindo o tempo todo.

No momento em que o filho do tio Süreyya (cujo nome eu sempre esqueço) me apresentou Inge, a modelo alemã que fizera o anúncio do Meltem, eu já tomara dois copos de rakı e me sentia muito à vontade.

“O que você está achando da Turquia?”, perguntei em inglês a ela.

“Só estive em Istambul”, disse Inge. “Fiquei muito surpresa. Não imaginava nada assim.”

“E que tipo de coisa você imaginava?”

Por um momento de desconcerto, ficamos nos olhando em silêncio. Aquela mulher era inteligente. Tendo evidentemente aprendido o quanto era fácil deixar um turco arrasado por dizer-lhe a coisa errada, Inge sorriu e, em turco precário, repetiu o slogan do Meltem que cativara o país inteiro: “Você merece tudo!”.

“Toda Turquia ficou conhecendo você no espaço de uma semana. Como é que você está se sentindo?”

“Os policiais me reconhecem, os motoristas de táxi e mais todo mundo na rua”, disse ela, jubilosa como uma criança. “Um vendedor de balões chegou a me parar e me dar um balão de graça, dizendo: ‘Você merece tudo’. É fácil ficar famosa num país que só tem um canal de televisão.”

Será que ela sabia o quanto estava sendo grosseira, apesar de todo seu esforço para se mostrar humilde? “Quantos canais existem na Alemanha?”, perguntei. Percebendo que dissera uma coisa errada, ela corou. Pensei que, no fim das contas, eu não tinha a menor necessidade de lhe fazer aquela pergunta. “Todo dia de manhã, a caminho do trabalho, eu vejo sua foto tão ampliada que cobre toda a lateral de um edifício de apartamentos, e ficou linda”, disse eu, a título de retratação.

“Ah, sim, vocês, os turcos, estão bem mais adiantados que a Europa em matéria de propaganda.”

Essas palavras me agradaram tanto que por um instante esqueci que devia estar apenas tentando ser delicada. Procurei por Zaim entre os convidados alegres e ruidosos. Ele estava do outro lado do salão, conversando com Sibel. Fiquei satisfeito de ver que eles ainda podiam ficar amigos. Mesmo tanto tempo depois, lembro da vaga de euforia que me envolveu. Sibel cunhara um apelido secreto para ele: “Zaim-Merece-Tudo”; ela achava o slogan promocional do Meltem egoísta e insensível. Num país pobre e problemático como a Turquia, com jovens esquerdistas e direitistas empenhados em matarem-se uns aos outros, aquela frase, achava ela, soava mal.

Uma adorável brisa de primavera entrava pelas grandes portas da varanda, trazendo o aroma das tílias. As luzes da cidade refletiam-se no Chifre de Ouro, abaixo de nós. Até as favelas e o casario mais pobre de Kasımpaşa pareciam lindos. Pensei em como eu era feliz, sentindo inclusive que aquele momento era o prelúdio de uma felicidade ainda maior. A gravidade do que ocorrera entre mim e Füsün deixava-me confuso, mas eu me dizia que todo mundo tem lá os seus segredos, seus medos e seus momentos de preocupação. Ninguém podia adivinhar quantos daqueles elegantes convidados sentiriam um desconforto semelhante ou carregariam suas feridas espirituais secretas, mas era quando

nos misturávamos a um grupo assim, quando nos cercávamos de amigos — depois de um ou dois copos de rakı —, que podíamos ver o quanto esses sentimentos eram transitórios e triviais.

“Está vendo aquele homem nervoso ali?”, perguntou Sibel. “É o famoso Sufi Frio. Ele cata cada caixa de fósforos que lhe cai nas mãos e guarda todas. Parece que tem salas e mais salas repletas de caixas de fósforo. Dizem que ficou assim depois de ter sido abandonado pela mulher. Não vamos querer garçons usando roupas diferentes na nossa festa de noivado, está bem? Por que você está bebendo tanto? Escute, preciso lhe dizer uma coisa.”

“O quê?”, perguntei.

“Mehmet está totalmente encantado com a modelo alemã — não quer sair do lado dela — e Zaim está ficando com ciúmes. Ah, aquele ali, aquele que é filho do seu tio Süreyya... Também é parente de Yeşim. Alguma coisa está incomodando você, alguma coisa de que eu precise saber?”

“Não, de maneira nenhuma, não há nada errado. Na verdade estou muito contente.”

Mesmo depois de tantos anos, lembro-me do quanto Sibel era carinhosa comigo. Sibel era divertida, inteligente e simpática, e eu sabia que com ela a meu lado ficaria bem, não só naquele momento mas pelo resto da vida. Mais tarde naquela mesma noite, depois de deixá-la em casa, caminhei por muito tempo pelas ruas escuras e vazias, pensando em Füsün. O que não me saía da cabeça, o que me perturbava, não era só que Füsün me tivesse entregado sua virgindade; era que ela se mostrasse tão determinada. Não dera nenhum sinal de timidez ou indecisão, nem mesmo quando tirou toda a roupa.

Em casa, encontrei nossa sala de visitas vazia; às vezes eu chegava em casa e descobria que meu pai, tendo acordado no meio da noite, estava lá sentado de pijama, e eu gostava de conversar um pouco com ele antes de ir para a cama; mas naquela noite tanto ele quanto minha mãe estavam dormindo — pela porta do quarto dos dois, ouvi os roncos dele e os suspiros dela. Antes de ir para a cama servi-me de mais uma dose de rakı e fumei mais um cigarro. Mas mesmo assim não caí no sono. Minha cabeça ainda rodava com imagens do nosso amor, que começaram a se misturar aos detalhes da festa de noivado daquela noite.

## 11. A Festa do Sacrifício

Enquanto eu mergulhava no sono, pensei em meu parente distante tio Süreyya, e no filho dele, que eu vira na festa de Yeşim e cujo nome sempre esquecia. Tio Süreyya também estivera em minha casa numa das visitas de Füsün num feriado religioso — a vez que tínhamos saído para um passeio de carro. Ainda deitado, tentando ferrar no sono, algumas imagens daquela manhã fria e cinzenta me retornaram. Enquanto desfilavam diante dos meus olhos, pareciam ao mesmo tempo muito familiares e muito diferentes, como ocorre com as memórias quando se infiltram nos sonhos. Lembrei-me do velocípede, e lembrei-me da hora em que saí com Füsün, e que ficamos observando um carneiro ser sacrificado; depois, demos um passeio de carro.

“Nesse dia, trouxemos o velocípede para lhes devolver”, contou Füsün, que se lembrava de tudo muito melhor que eu, em nosso encontro do dia seguinte no edifício Merhamet. “Depois que você e seu irmão cresceram demais para andar nele, sua mãe me deu o velocípede. Mas àquela altura eu também tinha crescido demais para ele e já não usava, e, quando fomos visitar vocês naquele ano, minha mãe levou-o de volta.”

“E então minha mãe deve ter mandado trazer para cá”, disse eu. “Agora estou lembrando que tio Süreyya também estava lá nesse dia.”

“Porque foi ele que pediu o licor”, disse Füsün.

A lembrança que Füsün tinha daquele inesperado passeio de carro também era bem mais exata do que a minha. E aqui eu gostaria de fazer uma pausa para relatar a história, de que me lembrei assim que ela me contou. Füsün tinha doze anos e eu, vinte e quatro. Era o dia 27 de fevereiro de 1969, o primeiro dia da Festa do Sacrifício. Naquela manhã, como ocorria em todos os feriados, nossa casa em Nişantaşı se enchera de parentes próximos e distantes, todos muito felizes de terem sido convidados para almoçar, todos de terno e gravata ou usando seus melhores vestidos. A campanha não parava de tocar e toda hora chegava mais alguém, por exemplo, minha tia mais nova com seu marido careca e suas crianças enxeridas mas lindamente trajadas, e todos se levantavam para saudar os recém-chegados com apertos de mão e beijos nas duas faces. Fatma Hanım e eu servíamos os doces quando meu pai chamou meu irmão e eu de lado.

“Tio Süreyya está reclamando de novo que não temos licor. Escutem, meninos, algum de vocês pode descer até a loja de Alaaddin e comprar uma garrafa de licor de menta e outra de morango?”

Minha mãe tinha banido o costume de servir licores de menta e morango em jarras de cristal numa bandeja de prata, porque às vezes meu pai bebia demais. Resolvera assim em favor da saúde dele. Mas dois anos antes, numa outra manhã de feriado como aquela, quando o tio Süreyya fizera sua queixa habitual sobre a falta de licor, minha mãe, esperando matar a questão no nascedouro, indagara: “E por que alguém haveria de servir bebidas alcoólicas num feriado religioso?”. Pergunta que abria caminho para uma discussão infundável sobre religião, civilização, a Europa e a República, entre minha mãe e meu tio, fervoroso secularista e partidário de Atatürk.

“Qual de vocês vai?”, perguntou meu pai, separando uma nota nova de dez liras de uma pilha que tirara do banco para distribuir entre os porteiros, os guardas e todas as crianças que beijassem sua

mão.

“Kemal pode ir!”, disse meu irmão.

“Não, Osman é que vai”, disse eu.

“Por que você não vai, meu rapaz?”, disse-me meu pai. “E não diga nada à sua mãe...”

Quando eu saía de casa, deparei com Füsün.

“Venha até a loja comigo.”

Ela era uma menina magrela de doze anos com as pernas muito finas, filha de uma parente distante, e nada mais. Além de suas roupas imaculadas e dos laços brancos de fita reluzente que prendiam suas brilhantes tranças pretas, não havia nela nada de especialmente notável. Tantos anos depois, Füsün lembrou as perguntas pouco inspiradas que eu fizera à garota no elevador: “Em que ano você está?” (O primeiro do curso secundário.), “Em qual escola?” (O Liceu para Moças de Nişantaşı.), “O que você quer ser quando crescer?” (Silêncio!).

Tínhamos acabado de deixar o edifício e de dar poucos passos no frio quando vi um grupo grande de pessoas reunido em torno do tronco de uma pequena tília ao lado de um terreno baldio coberto de lama, preparando-se para sacrificar um cordeiro. Se meu nível de compreensão fosse então o que é hoje, eu teria me perguntado se não podia ser perturbador demais para uma garota daquela idade ver alguém abrir o pescoço de um cordeiro, e não teria deixado Füsün aproximar-se mais.

Mas eu era curioso e insensível, e segui em frente. Eram o nosso cozinheiro, Bekri Efendi, e nosso porteiro, Saim Efendi, que tinham arregaçado as mangas e seguravam um cordeiro cujas patas estavam amarradas e cuja pelagem estava vermelha, tingida de hena. Ao lado do cordeiro havia um homem de avental, tendo nas mãos uma imensa faca de açougueiro, mas o cordeiro se debatia com tanta violência que ele não conseguia terminar sua tarefa. Depois de alguma luta, o cozinheiro e o porteiro conseguiram imobilizar o animal, deixando atrás de si um rastro de exalações congeladas. Segurando o cordeiro pela boca e pelo focinho macio, o açougueiro afastou bruscamente a cabeça do animal para o lado e apoiou a faca em sua garganta. Seguiu-se um breve silêncio. “Allah Akbar, Allah Akbar”, repetiu o açougueiro. Com gestos rápidos, fez a lâmina deslizar para um lado e para o outro, abrindo o pescoço do cordeiro. Quando o açougueiro retirou a faca, produziu-se um jorro escuro de sangue vermelho. O cordeiro estremecia, e era possível ver sua vida se esvaindo. Tudo se imobilizou. De repente, uma rajada de vento sacudiu os ramos nus da tília. O açougueiro arrastou o cordeiro pelo chão, puxando-o pela cabeça, a fim de fazer seu sangue escorrer para um buraco que tinham cavado antes.

Em meio às pessoas reunidas, vi crianças de rosto contraído e o nosso motorista, Çetin Efendi, ao lado de um velho que rezava. Füsün, em silêncio, segurava a manga do meu paletó. De tempos em tempos o cordeiro estremecia, mas eram seus últimos estertores. O açougueiro que agora limpava a faca no avental era Kazım, cujo açougue ficava ao lado da delegacia de polícia — eu não o reconheceria até então. Encontrando os olhos de Bekri, o cozinheiro, percebi que o cordeiro era nosso; naquele tempo, comprávamos cordeiros para o sacrifício, e este era o que tinha passado a última semana amarrado por uma corda no jardim dos fundos.

“Venha, vamos embora”, disse eu a Füsün.

Sem dizer nada, caminhamos rua acima. Será que fiquei perturbado por minha indiferença

perante o fato de uma menina ter testemunhado aquilo? Lembro que me sentia culpado, mas não sabia ao certo por quê.

Nem minha mãe nem meu pai eram religiosos. Nunca vi nenhum dos dois rezar ou observar um jejum. Como tantos casais que tinham crescido nos primeiros anos da República, não desrespeitavam a religião; eram simplesmente indiferentes, e como tantos de seus amigos e conhecidos, explicavam que aquela falta de interesse se devia a seu apego a Atatürk e a sua fé numa república laica. Ainda assim, nossa família, como a maioria das famílias burguesas secularistas que viviam em Nişantaşı, sacrificava um cordeiro na Festa do Sacrifício e distribuía a carne e a pele aos pobres, de acordo com o costume. Mas meu pai jamais quis qualquer intimidade com o sacrifício propriamente dito, nem envolver qualquer outro membro da família: deixávamos a caridade por conta do cozinheiro e do porteiro. Como meus parentes, eu sempre mantivera distância do sacrifício ritual que ocorria anualmente no terreno baldio ao lado de minha casa.

Enquanto Füsün e eu, ainda calados, caminhamos até a loja de Alaaddin, um vento frio nos atingiu vindo da mesquita de Teşvikiye, e quase tive a impressão de que minha inquietação me causava tremores.

“Você ficou com medo?”, perguntei. “Não devíamos ter olhado...”

“Coitado do carneirinho”, disse ela.

“Você sabe por que eles sacrificam o cordeiro, não sabe?”

“Um dia, quando formos para o céu, é esse cordeiro que vai nos levar para o outro lado da ponte Sırat, que é fina como um fio de cabelo e aguçada como uma espada...”

Era a versão para crianças e pessoas sem instrução.

“A história vai além”, disse eu, com um ar professoral. “Você sabe como começou?”

“Não.”

“O profeta Abraão não tinha filhos. E rezou para Deus, dizendo: ‘Ó Senhor, se me deres um filho, farei tudo que me pedires’. Depois disso suas preces foram atendidas, e um dia nasceu seu filho Ismael. O profeta Abraão ficou cheio de alegria. Adorava seu filho, que beijava e acariciava o dia inteiro; sentia-se exultante, e todo dia agradecia a Deus. Um dia Deus lhe apareceu em sonho e disse: ‘Agora precisas cortar o pescoço do teu filho e sacrificá-lo.’”

“Por que ele disse isso?”

“Escute o resto... O profeta Abraão obedeceu às instruções de Deus. Pegou sua faca e, no momento em que ia abrir o pescoço do filho... bem nesse momento, um cordeiro apareceu.”

“Por quê?”

“Deus teve misericórdia de Abraão e mandou-lhe o cordeiro para que ele pudesse sacrificá-lo no lugar de seu filho. Deus viu que Abraão tinha sido obediente.”

“E se Deus não tivesse mandado o cordeiro, o profeta Abraão teria realmente cortado o pescoço do próprio filho?”, perguntou Füsün.

“Sim”, respondi com desconforto. “Mas Deus, quando teve certeza de que Abraão cortaria a garganta do filho, amou-o muito e mandou o cordeiro para poupá-lo dessa dor terrível.”

Dava para ver que eu não tinha contado a história de modo compreensível para uma menina de doze anos: como um pai amoroso podia aceitar matar o próprio filho? Meu desconforto agora se

transformava em aborrecimento diante da minha incapacidade de explicar esse sacrifício.

“Ah, não, a loja de Alaaddin está fechada!”, disse eu. “Vamos até a loja da praça.”

Caminhamos até a praça de Nişantaşı. Chegando ao cruzamento, vimos que a banca de Nurettin, que vendia jornais e cigarros, também estava fechada. Fizemos meia-volta e, enquanto andávamos em silêncio pela rua, consegui formular uma interpretação da história do profeta Abraão que poderia agradar a Füsün.

“No começo, é claro, o profeta Abraão não tinha ideia de que um cordeiro ia tomar o lugar do filho dele”, disse eu. “Mas ele acreditava tanto em Deus, amava tanto a Deus, que no fim das contas tinha certeza de que nenhum mal podia vir d’Ele... Se amamos muito alguém, sabemos que, mesmo entregando a essa pessoa a coisa mais preciosa que temos, ela jamais nos fará mal. E é isso, o sacrifício. Quem você mais ama no mundo?”

“Minha mãe, meu pai...”

Encontramos o motorista Çetin na calçada.

“Çetin Efendi, meu pai quer umas garrafas de licor”, disse eu. “Todas as lojas de Nişantaşı estão fechadas, o senhor pode nos levar até Taksim? E depois disso talvez possamos dar um passeio.”

“Eu vou também, não é?”, perguntou Füsün.

Füsün e eu nos instalamos no banco traseiro do Chevrolet 56 do meu pai, que era de um vermelho-cereja bem escuro. Çetin Efendi nos conduziu para cima e para baixo pelas ladeiras esburacadas e calçadas de pedra enquanto Füsün olhava pela janela. Passando por Maçka, continuamos descendo até Dolmabahçe. Além de poucas pessoas que vestiam suas melhores roupas por causa do feriado, as ruas estavam desertas. Mas, quando passamos pelo estádio de Dolmabahçe, vimos mais um grupo realizando um sacrifício.

“Ah, por favor, Çetin Efendi, o senhor poderia dizer para esta criança por que fazemos sacrifícios? Eu não soube explicar direito.”

“Ora, Kemal Bey, tenho certeza de que explicou lindamente”, respondeu o motorista. Mas ainda assim ficou satisfeito por ser reconhecido como pessoa mais escolarada em questões religiosas. “Fazemos o sacrifício para mostrar que somos tão leais a Deus quanto o profeta Abraão... Com o sacrifício, mostramos que estamos dispostos até a perder a coisa a que mais damos valor. Amamos tanto a Deus, mocinha, que por Ele até abrimos mão da coisa que mais amamos. E sem esperar nada em troca.”

“Mas no final não vamos para o céu?”, perguntei em tom malicioso.

“Como Deus escreveu... Isto só vai ficar claro no Dia do Juízo Final. Não fazemos o sacrifício para garantir nossa ida para o céu. Fazemos o sacrifício porque amamos a Deus, e sem esperar nada em troca.”

“O senhor entende muito de religião, Çetin Efendi.”

“Kemal Bey, está me deixando encabulado. O senhor estudou tanto, sabe tão mais do que eu. De qualquer maneira, ninguém precisa da religião ou frequentar a mesquita para saber essas coisas. Se existe uma coisa a que damos muito valor, uma coisa de que tratamos com grande carinho, e damos essa coisa a alguém por amor verdadeiro, é sempre sem esperar nada em troca.”

“Mas a pessoa a quem fazemos essa doação desapegada não fica perturbada com isso?”, perguntei.

“Pode pensar que queremos alguma coisa dela.”

“Deus é grande”, disse Çetin Efendi. “Ele tudo vê e tudo entende... E entende que não esperamos nada em troca do nosso amor. Ninguém pode enganar a Deus.”

“Tem uma loja aberta ali”, disse eu. “Çetin Efendi, o senhor poderia parar aqui? Eu sei que eles vendem licor.”

Dali a um minuto Füsün e eu tínhamos comprado duas garrafas dos famosos licores do monopólio estatal, um de menta e o outro de morango, e entramos de volta no carro.

“Çetin Efendi, ainda temos tempo, pode nos levar para um passeio?”

Tantos anos mais tarde, Füsün conseguia lembrar de quase tudo de que falamos naquele longo passeio pela cidade. Em minha memória, uma única imagem permanecia daquela manhã fria e cinzenta de feriado: Istambul lembrava um matadouro. E não só nas áreas mais pobres, ou nos terrenos baldios das ruas secundárias mais escuras e estreitas, ou em meio às ruínas ou aos escombros dos incêndios — mesmo nas avenidas e nos bairros mais ricos, cordeiros eram sacrificados, dezenas de milhares deles, desde as primeiras horas da manhã. Em alguns lugares, as calçadas e os paralelepípedos ficavam cobertos de sangue. Enquanto nosso carro descia ladeiras e atravessava pontes, percorrendo os meandros das ruas secundárias, vimos cordeiros que tinham acabado de ser sacrificados, cordeiros sendo esquartejados, cordeiros sendo esfolados. Pegamos a ponte Galata para atravessar o Chifre de Ouro. Apesar do feriado e das bandeiras e das pessoas com suas melhores roupas, a cidade parecia triste e cansada. Depois do aqueduto de Valens, viramos na direção de Fatih. Lá vimos cordeiros lambuzados de hena à venda num terreno baldio.

“Estes também vão ser mortos?”, perguntou Füsün.

“Talvez nem todos, mocinha”, respondeu Çetin Efendi. “Já é quase meio-dia, e eles ainda não foram vendidos... Talvez, se não forem comprados até o fim do feriado, esses pobres animais se salvem. Mais cedo ou mais tarde, porém, acabam sendo vendidos para os açougues.”

“Vamos chegar lá antes dos açougueiros, comprar todos e salvá-los”, disse Füsün. Ela usava um casaco vermelho muito elegante e, quando sorriu, piscou-me corajosamente. “Podemos salvar os carneirinhos desse homem que quer matar os filhos, não é?”

“Claro que sim”, disse eu.

“A senhorita é muito esperta, mocinha”, disse Çetin Efendi. “Na verdade, o profeta Abraão não queria nem um pouco matar o filho dele. Mas a ordem tinha vindo de Deus. Se não obedecermos a todas as ordens de Deus, então o mundo vira de pernas para o ar, e o Dia do Juízo Final chega logo... A base do mundo é o amor. E a base de todo amor é o amor que temos por Deus.”

“Mas como isso pode ser entendido por uma criança cujo pai quer matá-la?”, perguntei.

Por um momento, cruzei meu olhar com o de Çetin Efendi no retrovisor.

“Kemal Bey, sei que está dizendo essas coisas só para me provocar e depois poder rir de mim, exatamente como faz seu pai”, disse ele. “Seu pai gosta muito de nós e nós o respeitamos muito, por isso nunca nos aborrecemos com suas piadas. E as suas também não me aborrecem. Vou responder a sua pergunta com um exemplo. O senhor viu um filme chamado *O profeta Abraão*?”

“Não.”

“Não, claro que não — nunca iria ver um filme com esse nome. Mas devia ver esse filme, e levar

esta mocinha consigo. Não vai achar tedioso... Ekrem Güçlü faz o papel de Abraão. Fui com a família inteira — minha mulher, minha sogra e meus filhos — e todos nos acabamos de tanto chorar. Quando Abraão pegou a faca e olhou para o filho, todos choramos também nessa hora... E quando Ismael disse: ‘Querido Pai, faça o que Deus mandou!’, exatamente como está no glorioso Alcorão... choramos novamente. E então, quando o cordeiro do sacrifício apareceu no lugar do filho que devia ser sacrificado, choramos de alegria, com todo mundo no cinema. Se entregamos o tesouro a que damos mais valor ao Ser que amamos de todo coração, se formos capazes disso sem esperar nada em troca, o mundo se transforma num lugar lindo, e é por isso, mocinha, que choramos tanto.”

Lembro-me de ter ido de Fatih a Edirnekapı, e de lá termos virado à direita para acompanhar as muralhas da cidade até o Chifre de Ouro. Enquanto passávamos pelos bairros mais pobres, enquanto avançávamos em meio às ruínas das muralhas da cidade, nós três nos calamos, e ficamos em silêncio por muito tempo. Enquanto contemplávamos os pomares em meio às muralhas dos antigos castelos, e os terrenos baldios cheios de lixo amontoado, barris descartados e material de demolição, além das fábricas e oficinas arruinadas, vimos aqui e ali algum cordeiro sacrificial, e peles que tinham sido deixadas de lado, juntamente com as entranhas e os chifres, mas nos bairros pobres, com suas casas de madeira sem pintura, havia menos sacrifícios e mais festividades. Lembro como Füsün e eu ficamos encantados vendo os terrenos onde carrrosséis e balanços tinham sido armados para os festejos, e as crianças que compravam balas de goma com o dinheiro do feriado, e as bandeiras turcas dispostas como pequenos pares de chifres no alto dos ônibus, e todas as cenas que mais tarde eu haveria de reencontrar em fotografias e cartões-postais, e colecionar com tanto fervor.

Enquanto subíamos de carro a ladeira de şışhane, uma multidão se formava no meio da rua e o tráfego tinha sido interrompido. Num primeiro momento achei que fosse mais um grupo celebrando o feriado, mas quando a multidão se abriu à nossa frente nos vimos bem ao lado de dois veículos que tinham se chocado muito pouco antes, e das vítimas agonizantes. Os freios do caminhão tinham falhado; o motorista desviara para a mão de subida e, impiedosamente, esmagou um carro particular.

“Deus é grande!”, disse Çetin Efendi. “Por favor, mocinha, faça o possível para não olhar.”

Tivemos o vislumbre de alguém ainda preso dentro do carro, cuja dianteira fora completamente esmagada, sacudindo a cabeça enquanto lutava pela vida. Nunca hei de me esquecer do ruído dos cacos de vidro debaixo dos pneus do nosso carro enquanto avançávamos em meio ao trecho vazio que veio em seguida. Subimos a ladeira às pressas, e, enquanto percorríamos as ruas desertas entre Taksim e Nişantaşı, era como se fugíssemos da morte propriamente dita.

“Onde vocês estiveram esse tempo todo?”, perguntou meu pai. “Já estávamos ficando preocupados. Você trouxe o licor?”

“Está na cozinha!”, respondi. A sala de estar cheirava a perfume, colônia e tapete. Quando me misturei a todos os parentes, esqueci-me completamente da pequena Füsün.

## 12. Beijando os lábios

Na tarde seguinte, Füsün e eu trocamos mais reminiscências sobre nosso passeio pela cidade

naquela manhã de feriado havia seis anos, antes de nos entregarmos aos beijos e ao amor. Enquanto a brisa perfumada de tília se esgueirava entre as cortinas de tule para lambe sua pele cor de mel, eu era levado à loucura pelo modo como se agarrava a mim com toda a força, como se eu fosse um salva-vidas, os olhos muito fechados, o que me impedia de perceber direito o significado mais profundo da minha experiência, ou refletir sobre ela. Ainda assim, concluí que, se pretendia evitar perder-me nas perigosas profundezas onde a culpa e a desconfiança só levam ao desamparo do amor, precisava procurar a companhia de outros homens.

Na manhã de sábado, depois de ter estado mais três vezes com Füsün, meu irmão ligou me convidando para o jogo que o Fenerbahçe ia disputar naquela tarde contra o Giresunspor; se o Fenerbahçe ganhasse — como imaginavam as bancas de apostas —, conquistaria o campeonato. De maneira que partimos para o estádio İnönü, antes conhecido como estádio Dolmabahçe. Fora o nome trocado, fiquei satisfeito de notar que continuava igual a vinte anos antes. A única diferença de fato era que, adotando a convenção europeia, tinham tentado plantar grama no campo de jogo. Mas, como as sementes só tinham formado raízes nos quatro cantos, o campo lembrava a cabeça de um careca a quem só restam tufo de cabelo nas têmporas e na nuca. Os espectadores mais ricos, nas cadeiras numeradas, continuavam com os mesmos hábitos da década de 1950: sempre que os jogadores exaustos se aproximavam da linha lateral, especialmente os defensores menos glorificados, eram alvo de uma verdadeira chuva de insultos, da mesma forma que os patrícios romanos costumavam invectivar os gladiadores das tribunas (“Corram, seus veados frouxos!”), enquanto, das arquibancadas, os pobres, os desempregados e os estudantes ecoavam as mesmas ofensas em uníssono, esperando ter suas vozes igualmente ouvidas. Como as páginas de esportes confirmariam no dia seguinte, o confronto era muito desigual, e, quando o Fenerbahçe marcou o primeiro gol, me levantei de um salto, como o restante da plateia. Nessa atmosfera festiva, em que os homens no campo e nas arquibancadas trocavam abraços e congratulações rituais, nessa comunidade repentina, senti minha culpa ceder, meu medo transformar-se em orgulho. Mas durante os momentos mais calmos da partida, quando todos os trinta mil presentes conseguiam ouvir o som do pé de um jogador atingindo a bola, virei-me para contemplar o palácio de Dolmabahçe e o Bósforo, que cintilava além das arquibancadas abertas, e enquanto observava um navio soviético passar por trás do palácio pensei em Füsün. Fiquei profundamente comovido porque ela, embora mal me conhecesse, ainda assim me escolhera e decidira de maneira tão deliberada entregar-se a mim. Seu pescoço longo, o sulco em seu ventre que não tinha igual, a mescla de sinceridade e desconfiança em seus olhos, a melancólica honestidade que exibiam ao fitar diretamente os meus enquanto continuávamos deitados na cama, tudo aquilo se sucedia em minha mente.

“Você está com um jeito preocupado. Deve ser o noivado”, disse meu irmão.

“É.”

“Você está muito apaixonado?”

“Claro que sim.”

Com um sorriso compassivo e ao mesmo tempo conhecedor das coisas do mundo, meu irmão virou-se para continuar acompanhando a disputa pela bola no meio de campo. Em sua mão trazia um charuto turco de Mármara — adotara esse hábito dois anos antes, “só para ser original”, dizia ele.

O vento leve que soprava da torre de Leandro, agitando tanto as bandeiras das equipes como as bandeirinhas vermelhas nos quatro cantos do campo, levava a fumaça direto para os meus olhos, fazendo-os lacrimejar, como os cigarros do meu pai quando eu era criança.

“O casamento vai lhe fazer bem”, disse meu irmão, sempre com os olhos na bola. “Vocês podem ter filhos logo. Se vocês não perderem tempo, eles ainda podem ficar amigos dos nossos. Sibel é uma mulher muito sensata; tem os pés no chão. Já você de vez em quando se deixa levar pelas ideias, ela vai lhe dar um bom equilíbrio. Espero que você não esgote a paciência de Sibel, como esgotou a das outras moças. Ei, qual é o problema desse juiz? Foi falta!”

Quando o Fenerbahçe fez o segundo gol, todos começamos a pular — “Gooooool!” — e nos abraçamos e nos beijamos. Quando o jogo acabou, encontramos Kadri, o Crivo, companheiro do meu pai no Exército, e muitos advogados e homens de negócios aficionados do futebol. Subimos a ladeira a pé com a multidão que gritava e cantava, e fomos até o hotel Divan, onde conversamos sobre futebol e política em torno de copos de raki. E meus pensamentos voltaram-se novamente para Füsün.

“Você está pensando em alguma outra coisa, Kemal”, disse Kadri Bey. “Imagino que não goste de futebol tanto quanto seu irmão.”

“Gosto, mas ultimamente...”

“Kemal gosta muito de futebol, Kadri Bey”, disse meu irmão em tom de zombaria. “Só não consegue dominar a bola toda vez que recebe um passe.”

“Na verdade, sei de cor a escalação do Fenerbahçe em 1959”, disse eu. “Özcan, Nedim, Basri, Akgün, Naci, Avni, Mikro Mustafa, Can, Yuksel, Lefter e Ergun.”

“Seracettin também fazia parte desse time”, disse Kadri, o Crivo. “Você se esqueceu dele.”

“Não, ele nunca jogou nesse time.”

A discussão continuou e, como sempre nessas situações, levou a uma aposta. Kadri Bey apostou que Seracettin tinha jogado no time de 1959, e eu apostei que não. O perdedor pagaria um jantar para todo o grupo reunido no Divan em torno de seus copos de raki.

Enquanto caminhávamos de volta para Nişantaşı, separei-me dos outros. Em algum lugar do apartamento do edifício Merhamet havia uma caixa em que eu guardava todas as figurinhas de jogadores de futebol que vinham nas antigas embalagens de chiclete e eu colecionava. Era o tipo de coisa que minha mãe sempre mandava para o apartamento. E eu sabia que, caso conseguisse encontrar aquela caixa, com todas as figurinhas de jogadores de futebol e astros do cinema que eu e meu irmão colecionávamos, Kadri Bey acabaria pagando o jantar para todo mundo.

Assim que entrei no apartamento, porém, entendi que meu verdadeiro motivo para estar lá era reviver as horas passadas com Füsün. Por um momento fiquei olhando para a cama desfeita, os cinzeiros ainda cheios junto à cabeceira e as xícaras de chá sujas. A mobília antiga acumulada de minha mãe, as caixas, os relógios parados, as panelas e caçarolas, o linóleo que forrava o chão, o cheiro de poeira e ferrugem já tinham se misturado às sombras do quarto para criar um pequeno paraíso do espírito no qual minha alma podia vagar. Estava escurecendo depressa do lado de fora, mas ainda se ouviam os gritos e as ofensas dos meninos que jogavam futebol no jardim.

Nessa visita ao edifício Merhamet, no dia 10 de maio de 1975, encontrei de fato a lata onde

costumava guardar as figurinhas dos artistas de cinema dos chicletes Zambo, mas estava vazia. As figurinhas que o visitante do museu irá ver são as que comprei muitos anos mais tarde de Hıfzı Bey, durante os dias passados em conversas com colecionadores trêmulos e miseráveis, em vários locais sufocantes. E mais: ao rever minha coleção anos mais tarde, percebi que, no tempo em que íamos aos bares frequentados por gente de cinema — entre eles Ekrem Güçlü (que fizera o papel do profeta Abraão) —, acabamos conhecendo uma boa quantidade desses atores. Minha história, assim como a exposição, revisitará todos esses episódios. E já naquela época eu sentia que aquele quarto misterioso, repleto de objetos velhos e da alegria dos nossos beijos, haveria de ocupar o centro de minha imaginação pelo resto dos meus dias.

Como ocorreu com a maioria das pessoas do mundo naquela época, minha primeira visão de duas pessoas beijando-se nos lábios foi no cinema, e deixou-me abismado. Não tive dúvida de que gostaria muito de fazer o mesmo com alguma bela jovem pelo resto da vida. Aos trinta anos de idade, exceto por uma ou duas ocasiões nos Estados Unidos, eu nunca tinha visto casais trocando beijos fora das telas. O cinema parecia ser o local a que se ia para ver outras pessoas se beijando, e não só quando eu era criança, ainda que já então. Quando Füsün me beijou, ela parecia imitar as pessoas que vira trocando beijos nos filmes.

Gostaria agora de dizer algumas coisas sobre nossos beijos, embora tenha alguns pruridos que me levam a evitar a trivialidade e as confissões mais vulgares. Quero contar minha história de um modo que faça justiça a seus aspectos mais sérios relacionados ao sexo e ao desejo: a boca de Füsün tinha o sabor de açúcar de confeitiro, devido, acho, aos chicletes Zambo de que ela tanto gostava. Beijar Füsün não era mais uma preliminar destinada a atizar e manifestar nossa atração recíproca; era uma coisa que fazíamos pelo prazer de fazer, e quando nos amávamos ficávamos ambos espantados de descobrir a verdadeira essência do amor. Não eram apenas nossas bocas molhadas e nossas línguas que se entrelaçavam, mas nossas respectivas memórias. Assim, toda vez que nos beijávamos, primeiro eu a beijava da maneira como se encontrava à minha frente, e depois da maneira como existia na minha memória. Em seguida, abria os olhos por um segundo para beijar sua imagem de um momento antes e, depois, uma imagem da memória mais distante, até que a lembrança de outras moças parecidas com ela se combinassem com essas memórias e eu as beijasse também, sentindo-me mais viril ainda por beijar tantas garotas ao mesmo tempo; a partir daí, ficava fácil beijá-la como se eu fosse outra pessoa, enquanto o prazer que extraía de sua boca de criança, de seus lábios carnudos e de sua língua travessa aumentava minha confusão e alimentava pensamentos que até então eu ignorava (“Ela é uma criança”, era um desses pensamentos — “Sim, mas bastante mulher”, era outro), e o prazer ia crescendo até abarcar as várias personas que eu adotava quando a beijava, e todas as Füsüns rememoradas que evocava a cada beijo seu. Foi durante esses primeiros beijos demorados, ao longo do lento acúmulo de particularidades e rituais em nossos encontros amorosos, que tive as primeiras intimações de um outro modo de conhecimento, outro tipo de felicidade que abria uma estreita fresta num portão, deixando entrever um paraíso que poucos conhecem nesta vida. Nossos beijos nos transportavam para mais adiante dos prazeres da carne e da satisfação sexual, pois o que percebíamos além daqueles momentos da tarde de primavera era tão vasto e difuso quanto o próprio Tempo.

Podia estar apaixonado por ela? A profunda felicidade que sentia me deixava ansioso. Eu estava confuso, minha alma oscilava entre o perigo de encarar essa alegria com uma seriedade além da conta e a estupidez de encará-la com um excesso de leveza. Naquela noite, Osman veio com sua mulher, Berrin, e os filhos jantar na casa dos meus pais. Lembro que, enquanto comíamos, eu não parava de pensar em Füsün, e em nossos beijos.

No dia seguinte fui sozinho ao cinema na hora do almoço. Não tinha o desejo especial de ver filme algum, mas não podia suportar a ideia de almoçar no lugarzinho de sempre em Pangaltı com os contadores envelhecidos da Satsat e as secretárias generosas e gorduchas que gostavam tanto de lembrar o quanto eu era bonitinho quando menino. Queria estar sozinho. Entregar-me a meus pensamentos sobre Füsün e nossos beijos, ansiando pela chegada das duas da tarde, ao mesmo tempo em que almoçava fazendo graça com meus empregados, no papel de “patrão amigo e humilde”, teria sido demais para aquele momento.

Enquanto eu vagava por Osmanbey, descendo pela avenida Cumhuriyet, olhando para as vitrines, fui atraído para um cinema por um cartaz que anunciava um Festival Hitchcock. O filme que exibia também tinha uma cena de beijo com Grace Kelly. A ponta do cigarro que fumei durante o intervalo de cinco minutos, a lanterna que era usada pelo lanterninha e este sorvete Alaska Frigo (cuja embalagem exponho aqui como homenagem a todas as donas de casa e todos os desocupados e mandriões que já foram a uma sessão vespertina de cinema) devem evocar o desejo e a solidão que eu sentia na juventude. Saboreei a baixa temperatura do cinema depois do calor daquele dia de primavera, sua atmosfera estagnada e impregnada de mofo, o punhado de cinéfilos que trocavam sussurros excitados, e adorei deixar que minha mente vagasse enquanto espiava nos cantos escuros e acompanhava os contornos das pesadas cortinas de veludo; a ideia de que dali a pouco eu estaria com Füsün emitia onda após onda de deleite por todo meu corpo. Depois de deixar o cinema, caminhei pela balbúrdia das ruas secundárias de Osmanbey, passando por algumas lojas de tecidos, cafés, lojas de ferragens e lavanderias onde engomavam e passavam camisas, até chegar à avenida Teşvikiye e lembrar, enquanto me dirigia ao local dos nossos encontros, que aquela precisaria ser nossa última vez.

Primeiro eu fazia um esforço honesto para lhe ensinar matemática. A maneira como seus cabelos se derramavam sobre o papel, a maneira como sua mão se deslocava pela mesa, a maneira como ela mordida a ponta da lapiseira, para depois passar a borracha entre os lábios como quem acaricia a ponta de um mamilo, a maneira como seu braço nu roçava no meu de vez em quando — tudo isso fazia minha cabeça girar, mas eu conseguia controlar-me. Cada vez que conseguia resolver uma equação, o rosto de Füsün se enchia de orgulho, e então ela se esquecia dos bons modos e soprava a fumaça de seu cigarro direto no livro (às vezes direto no meu rosto) e, lançando-me um olhar com o canto do olho, como se dissesse: “Reparou como eu resolvi esta depressa?”, ela conseguia errar a solução devido a um simples erro de soma. Incapaz de encontrar sua resposta em a, b, c, d ou e, ela ficava triste, depois se aborrecia e dava desculpas como: “Não foi burrice; foi descuido!”. E, para que não voltasse a cometer o mesmo erro, eu lhe dizia, em tom de autoridade, que o cuidado sistemático era parte de um comportamento inteligente, e observava a ponta da lapiseira bater no papel como o bico de uma andorinha enquanto ela refletia sobre a questão seguinte; puxava o cabelo, nervosa,

enquanto simplificava uma equação com alguma facilidade, e eu acompanhava ansioso seu raciocínio, com alguma impaciência, uma agitação crescente. Então, de repente, começávamos a nos beijar, beijos que se prolongavam por muito tempo antes do amor e, enquanto nos amávamos, sentíamos todo o peso da virgindade perdida, da vergonha e da culpa — que percebíamos um em cada movimento do outro. Mas eu via também nos olhos de Füsun o prazer que ela sentia no sexo, seu espanto cada vez maior ao descobrir deleites sobre os quais já vinha pensando havia algum tempo. Lembrava um aventureiro dos velhos tempos que, ao final de anos sonhando com um continente lendário distante, parte para além-mar e, depois de atravessar oceanos, sofrer mil provações e derramar algum sangue, finalmente pisa em suas terras e saúda cada árvore, cada pedra, cada criatura, com admiração e encantamento, sentindo a mesma exaltação no perfume de cada flor e em cada fruto que leva à boca, explorando cada uma dessas novidades com uma curiosidade prudente e deslumbrada.

Além da ferramenta do homem, o que mais interessava Füsun não era meu corpo, nem o “corpo masculino” em geral. O que mais a absorvia eram sua própria forma e seu próprio prazer. Ela precisava do meu corpo, dos meus braços, dos meus dedos, da minha boca, para encontrar os pontos do prazer e os potenciais de seu corpo, de sua pele macia. Carecendo de experiência, Füsun às vezes se espantava com as possibilidades do que eu lhe ensinava enquanto seus olhos se voltavam para dentro com uma adorável expressão vaga, enquanto o prazer se espalhava por suas veias até chegar à sua nuca e à sua cabeça, como um tremor cada vez mais intenso, uma onda de prazer que ela acompanhava com surpresa, emitindo às vezes um grito satisfeito, e em seguida pondo-se de novo à espera da minha assistência.

“Pode fazer isso de novo, por favor? Faça assim de novo!”, murmurava ela de vez em quando.

Eu me sentia muito feliz. Mas não era uma felicidade que pudesse compreender ou aquilatar com a mente. Era uma coisa que eu sentia na nuca quando atendia ao telefone, ou na ponta de minha espinha quando corria escada acima, ou em meus mamilos quando pedia comida no restaurante de Taksim com Sibel, com quem meu noivado formal estava marcado para dali a quatro semanas. E era um sentimento que permanecia comigo o dia inteiro, como um aroma impregnado na minha pele, e às vezes eu esquecia que era Füsun quem o transferira para mim, como nas várias ocasiões em que fiquei no escritório depois do fim do expediente para uma relação apressada com Sibel: eu tinha a impressão de viver a graça de uma grande beatitude que abarcava tudo.

## 13. O amor, a coragem, a modernidade

Numa noite, enquanto jantávamos no Fuaye, Sibel deu-me uma fragrância chamada Spleen que tinha comprado para mim em Paris; eis o frasco aqui exposto. Embora eu na verdade não gostasse de usar perfume, salpiquei um pouco no pescoço um dia pela manhã, só por curiosidade, e, depois que nos amamos, Füsun reparou no aroma.

“Foi Sibel Hanım que comprou esta colônia para você?”

“Não, fui eu mesmo.”

“E comprou porque achou que Sibel iria gostar?”

“Não, querida, comprei porque achei que você fosse gostar.”

“Você continua a ter relações com Sibel Hanım, não continua?”

“Não.”

“Por favor, não minta para mim”, disse Füsün. Uma expressão de ansiedade revelou-se em seu rosto suado. “Eu acho normal. Claro que você está fazendo sexo com ela, não é?” Fixou seus olhos nos meus, como uma mãe que desvia gentilmente o filho da mentira.

“Não.”

“Pode acreditar que mentindo você me magoa ainda mais. Conte a verdade, por favor. E por que vocês não estão tendo relações?”

“Sibel e eu nos conhecemos no verão passado em Suadiye”, disse eu, envolvendo Füsün com os braços. “Nossa casa de inverno estava fechada para o verão, então vínhamos até Nişantaşı. De qualquer maneira, no outono ela foi para Paris. E eu fui até lá visitá-la algumas vezes durante o inverno.”

“De avião?”

“Foi. Dezembro passado, depois que Sibel terminou a universidade e voltou da França para se casar comigo, nós usávamos a casa de verão para nossos encontros durante o inverno. Mas a casa em Suadiye era tão fria que depois de algum tempo o frio tirou todo prazer do sexo”, continuei.

“E aí vocês resolveram esperar até encontrarem uma casa aquecida?”

“No começo de março, dois meses atrás, voltamos até a casa de Suadiye uma noite. Fazia muito frio. Quando tentamos acender a lareira, a casa se encheu de fumaça e acabamos tendo uma discussão. Depois disso, Sibel pegou uma gripe forte. Teve febre, precisou ficar uma semana de cama e nunca mais quisemos voltar lá.”

“Qual de vocês resolveu parar com as relações?”, perguntou Füsün. “Ela ou você?” Derrotada pela curiosidade, a compaixão deu lugar ao desespero, e sua expressão, que um momento antes dizia “Por favor conte a verdade”, agora suplicava “Por favor minta para mim. Não me magoe”.

“Acho que Sibel acredita que, se tivermos menos relações antes do casamento, eu darei mais valor ao nosso noivado, ao casamento e até a ela própria”, disse eu.

“Mas você está dizendo que antes disso vocês tinham relações.”

“Você não está entendendo. Não estamos falando de uma primeira relação sexual.”

“Tem razão, não é disso que estamos falando”, disse Füsün, baixando a voz.

“Sibel demonstrou o quanto me amava, e o quanto confiava em mim”, disse eu. “Mas a ideia de relações sexuais antes do casamento ainda é desconfortável para ela... E eu entendo. Ela estudou na Europa, mas não é tão moderna e corajosa quanto você...”

Fez-se um longuíssimo silêncio. Depois de anos refletindo sobre o significado desse silêncio, acho que hoje posso resumi-lo de maneira equilibrada. A última coisa que eu dissera a Füsün tinha uma implicação. Sugeriu que aquilo que Sibel resolvera fazer antes do casamento por amor e confiança, Füsün tinha feito porque era mais corajosa e tinha uma visão mais moderna. Sofri muitos anos de remorso por ter rotulado Füsün de “moderna e corajosa”, pois esse elogio também dava a entender que eu não me sentia obrigado a nenhuma retribuição especial só por ela ter dormido comigo. Se ela

era “moderna”, não via o sexo antes do casamento como um compromisso, nem se preocupava com o fato de não conservar a virgindade até o casamento, como as mulheres europeias das nossas fantasias, ou certas mulheres lendárias que diziam vagar pelas ruas de Istambul. Como pude dizer essas palavras julgando que fossem soar bem aos ouvidos de Füsün?

Embora eu possa não ter atingido essa clareza durante o nosso silêncio, ainda assim esses pensamentos me ocorreram enquanto eu contemplava as árvores do jardim dos fundos, que sacudiam lentamente as folhas ao vento. Depois que nos amávamos, deitados na cama, conversando, sempre contemplávamos essas árvores, os edifícios além delas, o voo aleatório dos corvos em meio à sua ramagem.

“Na verdade, não sou moderna nem corajosa!”, disse Füsün, depois de um longo intervalo.

Naquele momento, entendi suas palavras como uma declaração do desconforto, e até certa humilhação, que ela sentia conversando sobre aquele assunto tão sério, e não lhes dei a devida atenção.

“Há mulheres que podem amar loucamente um homem por muitos anos sem nunca ter relações com ele”, acrescentou cautelosamente Füsün.

“Claro”, disse eu. Fez-se outro silêncio.

“Você está me dizendo que agora vocês não estão mais tendo relações? Por que nunca trouxe Sibel para cá?”

“Nunca nos ocorreu”, disse eu, espantado ao constatar que isso de fato nunca me passara pela cabeça antes do meu encontro com Füsün na boutique. “Aqui era o lugar aonde eu vinha estudar e ouvir música com os amigos — de qualquer maneira, foi por sua causa que me lembrei daqui.”

“Até acredito que nunca tenha passado pela sua cabeça”, disse Füsün com ceticismo. “Mas o que você me disse deve ser mentira. Não é? Não quero que você minta para mim. Não posso acreditar que você não esteja tendo relações com ela durante todo esse tempo. Jure, por favor.”

“Juro que não estou tendo relações com ela”, disse eu.

“Então, quando é que vão recomeçar? Quando seus pais forem para Suadiye no verão? Que dia eles viajam? Diga a verdade. Depois não lhe pergunto mais nada.”

“Eles vão para Suadiye depois da festa de noivado”, murmurei encabulado.

“Você me contou alguma mentira?”

“Não.”

“Por que você não pensa um pouco melhor?”

Dei um jeito de parecer concentrado, e pensei de fato por algum tempo. Enquanto isso, Füsün pegou minha carteira de motorista no bolso de meu paletó e começou a brincar com ela.

“Ethem Bey, também tenho um nome do meio”, disse ela. “Mas não interessa. Já pensou bem?”

“Pensei. Não menti para você.”

“Agora, ou no passado recente?”

“Nunca”, respondi. “Na nossa situação, não há necessidade de mentirmos um para o outro.”

“E por quê?”

Expliquei que não tínhamos planos conjuntos nem estávamos ligados pelo trabalho. Embora escondêssemos do mundo nossos encontros, estávamos ligados pelas emoções mais puras e

elementares, e por uma honestidade apaixonada que não admitia a dissimulação.

“Mas você mentiu para mim — com toda a certeza”, disse Füsün.

“Você não precisou de muito tempo para perder o respeito por mim.”

“Na verdade, eu até prefiro que você tenha mentido... porque as pessoas só mentem quando têm medo de perder alguma coisa.”

“Claro, estou mentindo *por* você... Mas não estou mentindo *para* você. Se você preferir, posso mentir para você também. Vamos nos encontrar de novo amanhã. Pode ser?”

“Ótimo!”, disse Füsün.

Dei-lhe um abraço com toda a força e aspirei o aroma de seu pescoço. Era uma fragrância que combinava algas, mar, caramelo queimado e biscoitos de criança, e cada vez que eu inalava aquele perfume sentia-me tomado por uma onda de otimismo, mas ainda assim as horas que eu passava com Füsün não afetavam em nada o rumo traçado para a minha vida. Talvez porque eu não desse o devido valor ao que sentia. Ainda assim, não era porque eu tivesse (como todos os homens turcos) a convicção ilusória de que estivesse sempre certo, ou mesmo porque me imaginasse continuamente enganado pelos outros; na verdade, era porque ainda não tinha consciência do que estava vivendo.

Foi nesses dias que comecei a sentir que as primeiras fissuras se abriam em minha alma, feridas do tipo que mergulham certos homens numa solidão profunda e sombria que não tem cura e dura a vida inteira. Toda noite, antes de me deitar, eu já pegava o rakı na geladeira e ficava olhando pela janela enquanto tomava um copo em silêncio. Nosso apartamento ficava no último andar de um edifício alto voltado para a mesquita de Teşvikiye, e as janelas dos quartos davam para os quartos de outras famílias parecidas com a nossa; desde a infância, eu encontrava um estranho consolo em me refugiar em meu quarto escuro e ficar olhando os apartamentos dos outros.

Enquanto eu contemplava as ruas de Nişantaşı, às vezes me ocorria que, se pretendia levar adiante minha vida bela e feliz da maneira como estava acostumado, era essencial que não me apaixonasse por Füsün. Por esse motivo, achava importante não ficar amigo dela nem me interessar demais por seus problemas, suas piadas e sua humanidade. E isso nem era muito difícil, pois sempre nos restava muito pouco tempo depois das aulas de matemática e de nossos embates amorosos. Quando, depois de horas de amor, vestíamos-nos às pressas e deixávamos o apartamento, às vezes eu achava que Füsün também tomava o cuidado de não “se deixar levar” pelo que sentia por mim. A devida compreensão da minha história depende, a meu ver, de um pleno entendimento do prazer que extraíamos desses doces momentos em comum. Tenho certeza de que a chama que alimenta o meu relato é o desejo de reviver esses instantes de amor, e o quanto eu adorava esses prazeres. Por muitos anos, sempre que rememorava esses momentos, tentando entender o laço que ainda me unia a ela, eram imagens que se formavam diante de meus olhos, bloqueando a razão; por exemplo, Füsün sentada em meu colo, e eu com seu seio esquerdo na boca... Ou as gotas de suor que caíam do meu queixo em sua nuca enquanto eu contemplava admirado suas costas magníficas... Ou, depois de chorar perdidamente, ela abrindo os olhos por apenas um segundo... Ou, nas culminâncias do nosso prazer, a expressão no rosto de Füsün...

Entretanto, como mais tarde acabei por compreender, essas imagens não eram o motivo do meu entusiasmo, e sim meras representações provocantes do que eu sentia. Anos mais tarde, enquanto me

esforçava por entender por que ela era tão valiosa para mim, tentei evocar não só nossos embates amorosos, mas o quarto em que nos amávamos, as coisas que nos cercavam, os objetos comuns. Às vezes, um dos grandes corvos que viviam no jardim dos fundos se empoleirava na varanda e punha-se a nos observar em silêncio. E era idêntico à imagem de um corvo que costumava pousar na varanda de nossa casa quando eu era criança. Nessas ocasiões, minha mãe dizia “Vamos, venha dormir. Veja só, o corvo está olhando para você”, o que sempre me metia medo. Füsün também tinha um corvo na infância que lhe dava o mesmo medo.

Em alguns dias, eram a poeira e o frio no quarto; noutros eram nossos lençóis claros, manchados, espectrais, nossos corpos e os muitos sons que se infiltravam da vida exterior, do tráfego, do ruído interminável das construções e dos pregões dos vendedores de rua, que nos faziam sentir que nosso amor não pertencia ao mundo dos sonhos, mas ao mundo real. Às vezes ouvíamos o apito de um navio ao longe, em Dolmabahçe ou em Beşiktaş, e juntos tentávamos adivinhar que tipo de navio seria, como faziam as crianças. Enquanto continuávamos a nos encontrar, nos amando com um abandono que nunca parava de crescer, acabei localizando a fonte de minha felicidade não só nesse mundo real que havia do lado de fora, mas também nas minúsculas imperfeições do corpo de Füsün, as espinhas, as bolhas, os pelos e suas pintas escuras e adoráveis.

Além de nosso amor físico, sem medidas e marcado por um abandono infantil, o que mais me ligava a ela? Ou, então, por que eu conseguia fazer amor com ela com tanta paixão? Terá sido nosso desejo sempre renovado que deu origem ao amor, ou terá sido esse sentimento gerado, e alimentado, também por outras coisas? Durante aquela época despreocupada em que Füsün e eu nos encontrávamos secretamente todos os dias, nunca me fiz essas perguntas, agindo apenas como uma criança voraz que devora um doce atrás do outro.

## 14. As ruas, as pontes, as ladeiras e as praças de Istambul

Certa vez, enquanto conversávamos a esmo, Füsün mencionou de passagem um professor de quem gostava no liceu, dizendo: “Ele era diferente dos outros homens!”. Quando lhe perguntei o que quis dizer com isso, não respondeu nada. Dois dias mais tarde, voltei a lhe perguntar o que significava ser “diferente dos outros homens”.

“Sei que a sua pergunta é séria”, disse Füsün. “E gostaria de lhe dar uma resposta séria. Preciso mesmo?”

“Claro... Mas por que está se levantando?”

“Porque não quero estar nua enquanto digo o que preciso lhe dizer.”

“Também preciso me vestir?”, perguntei, e, quando ela não respondeu, vesti-me também.

Os maços de cigarro que exponho aqui, ao lado deste cinzeiro de Kütahya, recuperado num armário que ficava noutra local do apartamento e trazido para o quarto, estão — como a xícara de chá (de Füsün), o copo e a concha marinha que Füsün remexia nervosamente na mão enquanto contava suas histórias — reunidos aqui para evocar a atmosfera pesada, exaustiva e asfíxiante do quarto naquele momento. A fivela infantil que Füsün usava nos cabelos tem a intenção de nos

lembrar que as histórias que ela contou tinham acontecido com uma criança.

A primeira história de Füsün falava do dono de uma lojinha na rua Kuyulu Bostan que vendia charutos e cigarros, brinquedos e artigos de papelaria. Esse Tio Indecente era amigo do pai dela e de vez em quando ele e esse tio jogavam gamão. Quando Füsün tinha entre oito e doze anos, e especialmente no verão, seu pai a mandava sempre até a loja desse homem para buscar refrigerantes, cigarros ou cerveja; e toda vez que ela chegava esse tio lhe dizia: “Não tenho troco. Espere um pouquinho. Vou lhe dar um refrigerante”, e, usando pretextos assim para mantê-la na loja, quando não havia ninguém por perto ele encontrava alguma outra desculpa (“Oh, veja só, minha menina, você está tão suada”) para apalpá-la.

Em algum momento, entre os dez e os doze anos, surgiu o Cara-de-Bosta-de-Bigode, um vizinho que vinha visitá-los uma ou duas vezes por semana acompanhado da esposa gorda. O pai dela gostava muito daquele sujeito, e enquanto os dois ouviam rádio e conversavam, tomando chá e comendo biscoitos, o homem a abraçava pela cintura, ou passava o braço por cima de seu ombro, ou encostava do lado de suas nádegas, ou em sua coxa, onde deixava a mão, como se tivesse esquecido que estava ali, e tudo de um jeito que ninguém mais podia ver, de modo que a própria Füsün teve alguma dificuldade para entender exatamente o que estava acontecendo. E às vezes a mão do homem caía “acidentalmente” no colo dela, da mesma forma que uma fruta ardilosa poderia dar um jeito de cair da árvore direto dentro da fruteira, e ali ficava trêmula, úmida e quente, procurando um caminho com os dedos, com Füsün tão imóvel quanto se houvesse um caranguejo caminhando entre as suas nádegas e as suas pernas, ao mesmo tempo em que aquele sujeito com a outra mão tomava chá e participava da conversa da sala.

Quando ela tinha dez anos, um dia Füsün perguntou ao pai se podia sentar no colo dele enquanto ele jogava cartas, e, quando ele disse que não (“Pare, minha filha, estou ocupado, não está vendo?”), um dos seus companheiros de mesa (o sr. Feioso) convidou-a a subir no colo *dele*, dizendo: “Venha sentar-se aqui e me trazer sorte”, e em seguida acariciou-a de um modo que, mais tarde, ela entenderia ter sido muito longe de inocente.

As ruas, as pontes, as ladeiras, os cinemas, os ônibus, as praças lotadas e as esquinas isoladas de Istambul eram povoados por esses tios, vizinhos e companheiros de jogo; os quais, embora figurassem em seus sonhos como espectros sinistros, ela não conseguia convencer-se a odiar individualmente (“Talvez porque nenhum deles tenha me abalado muito profundamente”). O que Füsün achava difícil de entender era que, embora praticamente a metade dos visitantes se transformasse em pouco tempo num desses tios ou vizinhos, seu pai nunca percebesse quando a apalpavam ou agarravam nos corredores ou na cozinha. Quando tinha treze anos, ela se convenceu de que, para ser uma boa menina, não podia se queixar daqueles homens dissimulados, sórdidos e detestáveis, com suas patas fora de controle. Ao longo desses mesmos anos, quando um “rapaz” do liceu apaixonado por ela (do que Füsün não se queixava nem um pouco) escreveu “eu te amo” na rua, bem em frente à sua casa, seu pai a puxou até a janela pela orelha para apontar a pichação, e deu-lhe uma bofetada.

Já que tantos Tios Indecentes tendiam a exhibir-se nos parques, nos terrenos baldios e nas ruas secundárias da cidade, ela, como todas as moças apresentáveis de Istambul, aprendeu a evitar esses lugares. Ainda assim, havia as exceções inevitáveis. Um motivo de essas violações não terem abalado

seu otimismo foi que, embora todos repetissem o refrão da mesma canção sinistra, ao mesmo tempo os malfeitores não conseguiam deixar de revelar suas vulnerabilidades. Houve uma legião de perseguidores — homens que a viam na rua, que a vislumbravam pelo portão da escola, em frente ao cinema ou no ônibus; alguns a seguiam por meses a fio, e ela fingia não os ter notado, mas jamais se apiedava de nenhum deles (fui eu que perguntei se às vezes não lhe davam pena). Alguns de seus perseguidores não eram tão estúpidos, nem pacientes, nem bem-educados: no fim de certo intervalo, começavam a importuná-la (“Você é muito bonita. Posso andar do seu lado? Eu queria lhe perguntar uma coisa. Desculpe, você é surda?”), e quando não tinham resposta se enfureciam, dirigindo-lhe grosserias e maldições. Alguns andavam em duplas; outros traziam amigos para lhes mostrar a moça que vinham seguindo nos últimos dias e saber o que achavam; outros trocavam risadas lúbricas enquanto a seguiam; outros tentavam entregar-lhe cartas ou presentes; outros chegavam a chorar. Depois que um de seus perseguidores conseguiu pressioná-la contra um muro, tentando roubar-lhe um beijo à força, ela parou de desafiá-los como às vezes fazia. Em torno dos catorze anos, já conhecia todos os truques dos homens e conseguia antever suas intenções; não conseguiam mais pegá-la de surpresa e tocá-la, beliscá-la, apalpá-la ou esfregar-se nela por trás. Os homens que estendiam os braços para fora da janela dos carros para bolinar as meninas que andavam pela rua, os homens que fingiam tropeçar nas escadas para cair em cima delas, os homens que de repente tentavam beijá-las no elevador, os homens que lhes entregavam o troco com um toque ilícito em seus dedos — já fazia tempo que nenhum deles conseguia surpreendê-la.

Todo homem que mantém uma relação secreta com uma linda mulher é obrigado a ouvir, roído de ciúmes, várias histórias sobre os muitos homens que se apaixonaram por sua amada ou tentaram aproveitar-se dela, relatos que precisa receber com sorrisos, uma abundância de compaixão e, em última instância, desprezo. No Curso de Grandes Realizações havia um rapaz gentil, afetuoso e bonito, da mesma idade dela, que sempre a convidava para ir ao cinema ou sentar-se num banco do jardim da esquina, e toda vez que via Füsün ficava tão nervoso que passava alguns minutos sem conseguir falar. Um dia, quando ela disse que não tinha um lápis, ele lhe deu uma caneta esferográfica, e ficou extasiado ao vê-la usar a caneta para tomar notas durante a aula.

No mesmo curso, havia um “administrador” — homem de trinta e poucos anos, o cabelo sempre lúcido de brilhantina, mordaz, irritante e taciturno. Sempre encontrava algum pretexto para convocar Füsün ao seu gabinete, como “Seus papéis de identificação não estão completos”, ou “Falta uma das suas folhas de respostas” e, assim que ela entrava, começava a falar sobre o sentido da vida, a beleza de Istambul e os poemas que tinha publicado até o momento em que, vendo que Füsün não lhe dirigia nenhuma palavra de encorajamento, dava-lhe as costas, olhando pela janela, e sibilava: “Pode sair agora”.

E ela nem chegou a falar das verdadeiras hordas — num dos casos, uma mulher — que entravam na boutique şanzelize e se apaixonavam por ela à primeira vista, e em seguida se punham a comprar pilhas de vestidos, acessórios e artigos variados de Şenay Hanım. Naturalmente pedi mais detalhes, e só para aplacar minha curiosidade, que eu tentava mascarar de preocupação, concordou em contar o caso mais ridículo de todos, um homem de mais de cinquenta anos, baixinho, gordo como uma jarra, com um bigode escovinha, mas rico e bem-vestido. Ficava conversando com Şenay Hanım,

proferindo de vez em quando longas frases em francês com a boca miúda, e quando saía da loja a nuvem de perfume que deixava para trás ainda continuava a pairar por algum tempo, perturbando o canário Limon!

Quanto aos pretendentes que sua mãe localizava através de uma casamenteira (supostamente sem que Füsün soubesse), havia um homem de quem ela gostara, e estava mais interessado nela que em se casar; saía com ele algumas vezes, gostou dele e o beijou. No ano passado, durante um festival de música disputado entre várias escolas na Arena de Esportes, ela conhecera um rapaz do Robert College que se apaixonara perdidamente por ela. Ele ia buscá-la no portão da escola, e todo dia saíam juntos, e beijaram-se duas ou três vezes. Hilmi, o Bastardo, contudo, apesar de muitos encontros, ela nunca sequer o beijou, pois a única meta que ele parecia ter na vida era levar as garotas para a cama. Sentira simpatia por Hakan Serinkan, o apresentador do concurso de beleza, não porque fosse famoso, mas porque, naquele lugar onde todo mundo conspirava nos bastidores e a tratava com evidente injustiça, ele se esforçara para ser gentil e generoso; e porque, quando chegou a hora das perguntas de cultura e inteligência que deixavam as outras moças tão nervosas, ele as soprou antes para ela nos bastidores, com as respostas. Mais tarde, porém, quando esse crooner dos velhos tempos começou a telefonar com insistência para sua casa, ela se recusou a atender e, de qualquer maneira, sua mãe não aprovaria. Inferindo corretamente meu ciúme — embora julgasse que se devia à fama do cantor —, ela me contou com carinho (mas com um prazer evidente) que não se apaixonava por ninguém desde os dezesseis anos, e então fez uma declaração que até hoje me deixa chocado. Embora ela, como a maioria das moças, apreciasse a celebração perpétua do amor nas revistas, na televisão e nas canções, não considerava o tema adequado a conversas fúteis, e estava convencida de que todo mundo tende a exagerar seus sentimentos só para adquirir uma aparência de superioridade. Para ela, o amor era uma coisa a que precisamos nos dedicar inteiros, arriscando tudo. Mas que só acontece uma vez na vida de cada pessoa.

“E você já sentiu alguma coisa parecida?”, perguntei, deitado a seu lado na cama.

“Não exatamente”, respondeu ela, mas então pensou mais um pouco e, com uma reserva que se devia ao escrúpulo e à cautela, contou-me uma história.

Havia um homem que se apaixonara por ela de maneira tão louca e obsessiva que ela chegou a pensar que poderia amá-lo também — era um empresário rico, bem-apessoado, e “casado, claro”. À noite, quando ela saía da loja, ele ia buscá-la em seu Mustang na esquina da rua Akkavak. Iam até aquele lugar perto da Torre do Relógio de Dolmabahçe onde as pessoas estacionavam, tomavam chá e ficavam olhando para as águas do Bósforo, ou paravam no estacionamento vazio em frente à Arena dos Esportes, e sentados ali no escuro, às vezes debaixo de chuva, passavam muito tempo trocando beijos, e num momento desses, esquecendo-se de suas circunstâncias, aquele homem de trinta e cinco anos a pediu em casamento. Das provações desse homem eu podia sorrir, controlando meu ciúme, como Füsün preferia, embora ela me tenha revelado a marca de carro que ele dirigia, o trabalho que fazia e como eram lindos seus grandes olhos verdes; mas, quando Füsün me disse o nome dele, senti-me tomado por uma torrente de ciúme que me perturbou. Esse homem que ela chamava intimamente de Turgay, que fizera fortuna na indústria têxtil, era um “parceiro de negócios” e amigo da família, tanto do meu pai quanto meu e de meu irmão. Eu via com frequência

esse homem forte e saudável caminhando por Nişantaşı com a mulher e os filhos, um pai de família satisfeito. Seria meu respeito por ele — como pai de família dedicado, empresário honesto e trabalhador — o causador daquele gigantesco maremoto de ciúme? Füsün me contou como esse homem frequentara a şanzelize por meses a fio até “conquistá-la”, e que, depois de Şenay Hanım perceber suas intenções, sentira-se obrigado a comprar quase toda a loja.

Şenay Hanım a pressionara, dizendo “Não vá magoar o coração do meu ótimo cliente”, de maneira que Füsün passou a aceitar seus presentes e mais tarde, quando se sentiu mais segura do seu afeto, começou a encontrar-se com ele “por curiosidade”, desenvolvendo mesmo uma “simpatia inesperada” por ele. Num dia de muita neve, por insistência de Şenay Hanım, ela fora com esse homem “ajudar” um amigo que abrisse uma boutique em Bebek; no caminho de volta, tinham parado em Ortaköy para comer alguma coisa e, depois que ele tomou alguns rakıs além da conta, “Turgay Bey, o industrial playboy”, começou a pressioná-la para acompanhá-lo até sua *garçonnière* numa rua transversal de şişli, para “tomar um café”. Quando Füsün recusou, aquele “homem sensível e elegante”, perdendo totalmente a noção das coisas, disse: “Eu lhe compro o que você quiser!”. Mesmo assim rejeitado, em seguida ele começou a conduzir o Mustang na direção de terrenos baldios e ruas secundárias, tentando beijá-la novamente como antes, até que, diante da recusa de Füsün a todos os seus avanços, tentou “possuí-la” à força. “E dizia o tempo todo que queria me dar dinheiro”, contou Füsün. “Na noite seguinte, quando a loja fechou, não fui encontrá-lo. No outro dia, ele veio à loja, e tinha se esquecido do que fez, ou resolvido deixar de se lembrar. Discutiu muito comigo e chegou a deixar um Mustang em miniatura para mim com Şenay Hanım. Mas nunca mais entrei no carro dele. Pensando melhor agora, eu devia ter sido dura e dito a ele que nunca mais aparecesse. Mas estava tão apaixonado por mim que parecia uma criança, disposto a aceitar qualquer rejeição na esperança de ver seu amor correspondido, o que me comoveu e não me deixou dizer o que devia. Ele vinha à loja todo dia, comprava muitas coisas e deixava Şenay Hanım muito satisfeita, e se me encontrava sozinha por um momento em alguma esquina, com os grandes olhos verdes quase molhados, implorava, dizendo: ‘Não podemos voltar a ser como antes? Posso vir pegar você toda noite. Podemos passear de carro. Não quero nada além disso’. Depois que encontrei você, comecei a me esconder na sala dos fundos sempre que ele chegava à loja. Agora ele quase nem aparece mais.”

“E no inverno passado, nas vezes em que você o beijou no carro, por que não foi mais longe?”

“Ainda nem tinha feito dezoito anos”, respondeu Füsün, franzindo as sobrancelhas com ar sério. “Só fiz dezoito anos duas semanas antes de nos encontrarmos na loja — no dia 12 de abril.”

Se a prova intrínseca do amor é pensar o tempo todo na amada ou no objeto de sua afeição, eu estava realmente à beira de me apaixonar por Füsün. Mas dentro de mim havia um racionalista frio dizendo que eu só não conseguia parar de pensar em Füsün por causa daqueles outros homens. Quando me ocorreu que o ciúme podia ser um sinal ainda mais definitivo do amor, minha razão (por mais alterada que estivesse) concluiu que aquela manifestação era apenas transitória. De fato, depois de um ou dois dias, assimilei o catálogo dos “outros homens” que tinham saboreado os beijos de Füsün, votando-lhes até certo desprezo por não terem conseguido fazê-la ir mais além. No entanto, quando nos amamos naquele dia, em vez de recair na costumeira bem-aventurança infantil em que a

curiosidade alegre se mesclava à exuberância, descobri-me tomado pelo que os jornais chamam de impulso de “sujeté-la” e, manifestando meus desejos com uma força ainda mais brutal, surpreendi-me com meu próprio comportamento.

## 15. Algumas verdades antropológicas impalatáveis

Tendo tocado na questão da “sujeição”, gostaria de retornar a um tema que se encontra na base do meu relato. Muitos leitores e visitantes já terão entendido perfeitamente do que se trata, mas, imaginando que gerações muito posteriores — como, por exemplo, as que visitarão nosso museu depois de 2100 — possam julgar o termo obscuro, deixo agora de lado o medo de me repetir e enuncio aqui uma série de verdades cruéis: no passado, a palavra preferida teria sido “impalatáveis”.

Mil novecentos e setenta e cinco anos solares depois do nascimento de Cristo, nos Bálcãs, no Oriente Médio e nas margens ocidentais e meridionais do Mediterrâneo, assim como em Istambul, a cidade que era a capital de toda essa região, a virgindade ainda era considerada um tesouro que as moças deviam proteger até o dia do casamento. Obedecendo a um impulso de ter uma vida mais ocidental e moderna, e (mais significativamente ainda) cada vez mais urbana, tornou-se prática comum entre as jovens adiar o casamento até uma idade mais avançada, e com isso o valor prático desse tesouro começou a declinar em certas áreas de Istambul. Os habitantes favoráveis à ocidentalização esperavam que, à medida que a Turquia se modernizasse (e, a seu ver, se tornasse mais civilizada), o código moral que cercava a virgindade acabasse esquecido, juntamente com a própria. Naqueles dias, porém, mesmo nos círculos mais prósperos e ocidentalizados de Istambul, uma jovem que abrisse mão da castidade antes do casamento ainda podia ter certeza de ser severamente julgada e de enfrentar as seguintes consequências:

a) As consequências menos graves afetavam os jovens que, como na minha história, já tinham decidido se casar. Nos círculos ricos e ocidentalizados, como no meu caso e de Sibel, havia uma tolerância generalizada aos jovens casais que dormiam juntos antes do casamento quando já tinham demonstrado suas intenções “sérias”, fosse por meio de um noivado formal ou de alguma outra manifestação de que estavam “destinados ao casamento”. Ainda assim, as moças bem-nascidas e bem formadas que tinham dormido com seus prováveis futuros maridos antes do casamento tendiam a não admitir que o tivessem feito por confiarem nesses homens e em suas intenções, preferindo alegar que tinham decidido ignorar a tradição por serem livres e modernas.

b) Nos casos em que essa confiança ainda não se estabelecera, ou a condição de casal ainda não fosse socialmente reconhecida, sempre que uma jovem não conseguia “conter-se”, perdendo sua virgindade com um homem que talvez a tivesse forçado a tanto, ou por quem talvez estivesse apaixonada, ou ainda por ter sucumbido a um de vários outros inimigos da prudência — como o álcool, a temeridade ou a mera estupidez —, o código tradicional requeria que o homem, obrigado a proteger a honra da jovem, se casasse com ela. Foi depois de um acidente desse tipo que Ahmet, irmão de meu amigo de infância Mehmet, acabara casado com sua mulher, Sevda; e, apesar de agora estar muito feliz, a união se dera por medo do remorso.

c) Quando o homem tentava se esquivar do casamento com a jovem, e a moça em questão era menor de dezoito anos, o pai furioso podia levar o transgressor aos tribunais e forçá-lo ao casamento

com ela. Alguns desses casos atraíam a atenção da imprensa, e naquele tempo era costumeiro os jornais publicarem fotografias com tarjas pretas cobrindo os olhos das moças “violadas”, para impedir que fossem identificadas naquela situação vergonhosa. Como a imprensa usava o mesmo recurso para mostrar mulheres adúlteras, vítimas de estupro ou prostitutas, havia tantas fotografias de mulheres com tarjas pretas cobrindo os olhos que as páginas dos jornais turcos daquela época pareciam um baile de máscaras. No fim das contas, eram poucas as fotos sem tarja que os jornais turcos publicavam de mulheres — cantoras, atrizes ou participantes de concursos de beleza (ocupações que, por sua vez, sugeriam uma virtude mais flexível), enquanto nos anúncios havia uma preferência por mulheres com fisionomias evidentemente estrangeiras e não muçulmanas.

d) Como ninguém conseguia imaginar uma jovem sensata que entregasse sua virgindade a um homem que não cogitasse casar-se com ela, era crença amplamente difundida que as jovens que agiam assim não podiam estar em seu juízo perfeito. Entre os filmes turcos mais populares da época havia muitas histórias exemplares em torno do tema, dolorosos melodramas sobre mulheres que compareciam a festas “inocentes” onde a limonada tinha sido “batizada” com poções soníferas, depois do que sua honra era “manchada” e lhes arrebatavam seu “maior tesouro”; nesses filmes, as jovens de bom coração sempre morriam, e todas as moças más viravam putas.

e) Que algumas moças pudessem ser desencaminhadas pelo desejo sexual era aceito, claro. Mas uma jovem tão incapaz de cálculo, tão infantil e dominada pelas paixões que não conseguisse controlar seus desejos, preferindo ignorar as tradições que recomendavam acertar essas contas com derramamento de sangue, era considerada uma criatura surreal, que dava medo até a seu provável futuro marido — o qual ficava autorizado a imaginar que o mesmo apetite sexual pudesse transformá-lo em corno depois do casamento. Quando um amigo ultraconservador dos meus tempos de Exército contou-me que ele e a namorada se separaram porque tiveram “relações excessivas antes do casamento” (embora exclusivamente um com o outro), havia uma nota de vergonha em sua voz, e um considerável remorso.

f) Apesar da rigidez dessas regras, e de todas as penalidades previstas para quem as desrespeitasse — que iam do simples ostracismo ao assassinato ritual —, muitos rapazes da cidade acreditavam na existência de inúmeras jovens dispostas a dormir com os homens só por diversão. Essas crenças, definidas pelos cientistas sociais como “lendas urbanas”, tinham tal prevalência entre os pobres, a pequena burguesia e os imigrantes recentes do interior — que se aferravam à ideia com o mesmo fervor com que as crianças ocidentais se apegam à existência de Papai Noel, aceitando-a com extrema facilidade e raríssima contestação — que mesmo os rapazes modernos e ocidentalizados dos bairros mais ricos de Taksim, Beyoğlu, şişli, Nişantaşı e Bebek mostravam-se suscetíveis a elas (especialmente em circunstâncias de privação sexual). Parecia universalmente aceito que essas mulheres — que jamais cobriam a cabeça, andavam sempre de minissaia e aceitavam entregar-se aos homens por prazer (“como as mulheres da Europa”) — viviam todas em lugares como Nişantaşı (onde se passa nossa história). Rapazes como meu amigo Hilmi, o Bastardo, imaginavam que essas mulheres lendárias fossem criaturas vorazes tão ansiosas por conhecer um rapaz rico como ele e entrar em sua Mercedes que estariam dispostas a qualquer coisa; e nas noites de sábado, famintos de sexo, depois de tomar algumas cervejas e se embebedar, os jovens como ele percorriam Istambul de

carro, rua por rua, avenida por avenida, calçada por calçada, à caça de uma delas. Dez anos antes, quando eu tinha vinte anos, tínhamos passado uma noite de inverno percorrendo as ruas na Mercedes do pai de Hilmi, o Bastardo (o apelido era afetuoso, e não uma alusão técnica à sua origem); como não encontramos mulher nenhuma, de saia longa ou curta, fomos até um hotel de luxo de Bebek, onde havia duas jovens que gostavam de se divertir e costumavam executar a dança do ventre para os turistas e os residentes ricos de meia-idade, e que, depois de pagarmos regamente seus proxenetas, dispuseram-se a nos receber num dos quartos do hotel. Gostaria de deixar claro desde já que não me sentirei ofendido caso os leitores de séculos vindouros e mais felizes não aprovarem minha conduta. Mas queria defender meu amigo Hilmi: apesar da grosseria de seu comportamento machista, ele não achava que toda jovem de minissaia fosse uma dessas ninfas mitológicas dispostas a dormir com qualquer homem pela mera busca do prazer; ao contrário, quando via uma jovem ser perseguida pelo simples motivo de ter oxigenado o cabelo ou usar minissaia e maquiagem, ele costumava defendê-la das hordas de malfeitores, distribuindo socos e bofetões na intenção de ensinar aos maltrapilhos e desempregados como deviam tratar as mulheres e o que significava a civilização.

Os leitores mais astutos terão percebido que situei aqui esta lição de antropologia para me dar o tempo de me recobrar do ciúme ardente que as histórias amorosas de Füsün me provocavam, ciúme cujo objeto principal era Turgay Bey. Pensei que devia me sentir assim porque se tratava de um industrial meu conhecido, morador, como eu, de Nişantaşı — e que aquele meu ciúme, por mais incontrolável que parecesse, era uma coisa natural e acabaria passando.

## 16. O ciúme

Aquela noite, depois de ter ouvido Füsün gabar-se do amor obsessivo de Turgay Bey, fui jantar com Sibel e os pais dela em Anadoluhisari, na antiga mansão do Bósforo que eles usavam como casa de veraneio, e depois do jantar fui sentar-me ao lado de Sibel por algum tempo.

“Querido, você bebeu muito hoje à noite”, disse Sibel. “Está contrariado com algum dos preparativos?”

“Na verdade, estou contente de fazermos a festa de noivado no Hilton”, disse. “Como você sabe, a pessoa que mais queria essa festa é a minha mãe. Ela está tão feliz que...”

“Então qual é o seu problema?”

“Nenhum... Posso dar uma olhada na lista de convidados?”

“Sua mãe já entregou para a minha”, disse Sibel.

Levantei-me e dei três passos, submetendo a tensão, pelo que parecia, a toda aquela casa dilapidada em que cada tábuia do piso emitia um rangido diferente, e fui me sentar ao lado de minha futura sogra. “A senhora se incomodaria se eu desse uma olhada na lista de convidados?”

“Claro que não, meu filho...”

Embora eu já estivesse com a visão duplicada pelo raki, encontrei imediatamente o nome de Turgay Bey, que risquei com uma caneta esferográfica e, em seguida, impelido por um doce e

repentino impulso, acrescentei à lista os nomes de Füsün e seus pais, ao lado de seu endereço na rua Kuyulu Bostan, e em voz baixa disse: “Minha mãe não sabe disso, mas o cavalheiro cujo nome risquei, embora seja um amigo apreciado pela família, recentemente exagerou em seu empenho numa venda de linhas. E sinto dizer que causou deliberadamente um prejuízo considerável à minha família”.

“No mundo de hoje, a amizade perdeu o valor, Kemal Bey, assim como a humanidade. Os laços antigos não valem mais nada”, disse minha futura sogra, piscando o olho com sabedoria. “E espero que as pessoas cujos nomes você acrescentou nunca lhe tragam problemas semelhantes. Quantos são?”

“Um professor de história, a mulher dele, que é parente distante da minha mãe e durante muito tempo foi sua costureira, e a adorável filha deles, de dezoito anos.”

“Ah, ótimo”, disse minha futura sogra. “Convidamos tantos rapazes que começamos a ficar preocupadas com a falta de belas moças com quem eles possam dançar.”

Enquanto Çetin Efendi nos conduzia para casa no Chevrolet 56 de meu pai, eu cochilei um pouco, abrindo os olhos de vez em quando para contemplar o caos nas avenidas principais, que estavam escuras como sempre; e a beleza das antigas muralhas cobertas de rachaduras, slogans políticos, mofo e musgo; os holofotes das balsas da Linha da Cidade iluminando as estações de parada; e os galhos altos dos plátanos centenários que recuavam no retrovisor; e o tempo todo eu escutava meu pai, que tinha sido embalado até adormecer pelos solavancos do carro no calçamento de pedra, e agora roncava baixinho.

Minha mãe irradiava satisfação ao ver que seus desejos se tornavam realidade. Como sempre, quando voltávamos para casa depois de uma saída à noite, não perdeu tempo em compartilhar suas opiniões sobre o lugar que tinha acabado de deixar e os demais presentes.

“Sim, correu tudo muito bem; eles são ótimas pessoas, corretos mas sem perder a humildade nem a elegância. Mas como a linda mansão deles está em mau estado! Será que não têm recursos para reformá-la? Não pode ser isso. Mas não me entenda mal, meu filho, duvido que você encontrasse outra jovem tão encantadora, graciosa e sensata em toda Istambul.”

Depois de deixar meus pais em frente ao apartamento, tive vontade de sair andando, o que me levou até depois da loja de Alaaddin. Era lá que minha mãe levava a mim e a meu irmão quando éramos pequenos, para comprar brinquedos baratos de fabricação turca, chocolates, bolas, pistolas d’água, bolas de gude, cartas de baralho, chicletes Zambo que vinham com figurinhas, revistas em quadrinhos e tantas outras coisas. A loja estava aberta. Alaaddin tinha recolhido os jornais que prendia abertos ao tronco da castanheira em frente à loja, e estava a ponto de desligar a luz. Com uma simpatia inesperada, convidou-me a entrar e, enquanto empilhava os últimos jornais encalhados que trocava pelos novos às cinco da manhã, deixou que eu remexesse as prateleiras até encontrar uma boneca barata. Calculei que ainda faltavam quinze horas para que eu pudesse dá-la de presente a Füsün, e depois envolvê-la em meus braços e deixar para trás todos os pensamentos que o ciúme me trazia; e pela primeira vez sofri por não poder ligar para ela.

Era uma dor ardida, que vinha de dentro e lembrava o remorso. O que ela estaria fazendo agora? Meus pés não me levaram para casa, mas para a direção oposta. Quando cheguei à rua Kuyulu

Bostan, passei por um café onde meus amigos costumavam jogar cartas e ouvir rádio quando éramos mais moços, e depois pela escola onde jogávamos futebol. Meu racionalista interior, embora enfraquecido pelas muitas doses de rakı que eu tomara, ainda não estava fora de combate, e agora me avisava que eu podia provocar um escândalo, pois quem viria abrir a porta seria certamente o pai de Füsun. Caminhei o suficiente para enxergar a casa deles à distância, e as luzes nas janelas. Só de ver as janelas do segundo andar, alcançadas pelos ramos da castanheira, meu coração disparou.

Encomendei este quadro para expor em nosso museu, comunicando ao artista todos os detalhes necessários, e ele produziu uma bela impressão da luz alaranjada do lampião a infiltrar-se no interior do apartamento de Füsun, da castanheira que cintilava ao luar e da profundidade do céu azul-escuro para além da linha dos telhados e chaminés de Nişantaşı. Mas será que também transmite ao visitante, eu me pergunto, os ciúmes que eu sentia ao contemplar esse panorama?

Por mais embriagado que estivesse, agora eu via as coisas com clareza — sim, eu só fora até ali naquela noite de lua para ter algum vislumbre de Füsun, quem sabe beijá-la, falar com ela, mas também para me certificar de que não estaria passando a noite com mais ninguém. Porque agora, tendo ido “até o fim” com um homem, ela podia ter ficado curiosa quanto à experiência do sexo com algum dos outros admiradores que tinha enumerado. O ciúme que infeccionava dentro de mim era alimentado pelo entusiasmo com que Füsun recebia os prazeres do amor físico, lembrando uma criança que tivesse ganhado um brinquedo novo; cada vez que nos amávamos, ela se entregava totalmente ao prazer, de um modo que eu raramente vira numa mulher. Não sei quanto tempo fiquei ali olhando para as janelas. O que sei é que já era bem tarde quando cheguei em casa, com a boneca ainda na mão, e fui para a cama.

Na manhã seguinte, a caminho do trabalho, rememorei o que fizera na noite anterior, tentando analisar o ciúme que eu fora incapaz de expulsar do coração. Nessa hora, fui tomado pelo medo de que pudesse estar agindo como um idiota. Bebendo uma garrafa de Meltem do gargalo, a modelo alemã Inge me fitava com ar provocante da lateral de um edifício de apartamentos, aconselhando-me cautela. Pensei em discutir meu segredo, em tom de brincadeira, com amigos como Zaim, Mehmet e Hilmi, de maneira a expulsar aquela obsessão da minha mente, onde só tendia a tornar-se mais intensa. Mas, como meus amigos todos pareciam gostar muito de Sibel — na verdade, eles me invejavam e a achavam muito atraente —, duvidei de que pudessem me ouvir com simpatia ou sentir alguma pena de mim. Sabia que, no momento em que eu abordasse o assunto, minha zombaria falsa e calculada haveria de desabar ao peso da minha paixão, até um ponto em que meu desejo de falar sinceramente de Füsun não poderia mais ser negado, o que levaria meus amigos a concluir que eu estava de fato em maus lençóis. E assim, enquanto os ônibus Maçka e Levent (os mesmos que eu pegava com minha mãe e meu irmão no caminho de volta de Tünel) passavam roncando por baixo das janelas da minha sala, concluí que, por enquanto, havia muito pouco que eu pudesse fazer para controlar meu desejo por Füsun sem destruir as possibilidades do casamento feliz que eu ainda ansiava muito; e que, em vez disso, eu devia deixar as coisas como estavam, evitando o pânico e extraindo o máximo de tudo que a vida me concedia com tamanha generosidade.

## 17. Toda a minha vida depende agora de você

Mas, quando Füsün se atrasou dez minutos em nosso encontro seguinte no edifício Merhamet, esqueci na mesma hora minhas resoluções. Não tirava o olho do relógio, um presente de Sibel, e do despertador marca Nacar que Füsün adorava sacudir até fazê-lo tilintar, e olhava toda hora através das cortinas para a avenida Teşvikiye, andando de um lado para o outro pelo piso de tacos que rangiam, incapaz de desviar os pensamentos de Turgay Bey. Logo tranquei o apartamento e saí para a rua.

Olhava cuidadosamente para os dois lados, tentando me certificar de que não deixaria de ver Füsün se ela viesse na minha direção, e caminhei até a boutique şanzelize. Mas Füsün tampouco estava na loja.

“Kemal Bey! O que posso fazer pelo senhor?”, perguntou Şenay Hanım.

“Decidimos que eu devia comprar aquela bolsa Jenny Colon para Sibel Hanım, no final das contas.”

“Então o senhor mudou de ideia”, disse Şenay Hanım. Pude ver uma sugestão de zombaria em seus lábios franzidos, mas não por muito tempo. Se eu estava encabulado por causa de Füsün, ela também devia estar sentindo alguma vergonha por me vender conscientemente um artigo falsificado. Ambos ficamos em silêncio. Com uma lentidão tortuosa, recuperou a bolsa que fora restituída ao braço do manequim da vitrine, limpando a poeira que a cobria com o cuidado ritual de uma lojista experimentada. Dirigi minha atenção para o canário Limon, que estava num dia péssimo.

Depois que paguei e me pus a caminho com minha compra, Şenay Hanım disse: “Agora que o senhor confia em nós, talvez venha mais vezes honrar a nossa loja”. E extraiu um prazer óbvio do duplo sentido de suas palavras.

“Claro.” Se eu não fizesse compras suficientes com Şenay Hanım, será que ela poderia plantar a semente da suspeita em Sibel, que frequentava sua loja de tempos em tempos? Imaginar-me caindo lentamente na armadilha daquela mulher me incomodava menos do que me surpreender fazendo esses cálculos mesquinhos. Pensei que Füsün podia ter chegado ao edifício Merhamet depois que eu saíra e, não me encontrando, fora embora. No dia claro de primavera, as calçadas estavam repletas de donas de casa fazendo compras, jovens que se equilibravam a custo nos sapatos de plataforma da moda mais recente, somados a minissaias mal cortadas, e alunos saindo em bandos das escolas onde as aulas acabaram pouco antes. Ainda à procura de Füsün, corri os olhos pela florista cigana, pelo vendedor de cigarros americanos contrabandeados (que todo mundo dizia ser um policial à paisana) e pelos outros frequentadores habituais de Nişantaşı.

Um caminhão-tanque com as palavras VIDA — ÁGUA LIMPA na lateral passou pela avenida, e Füsün emergiu de trás dele.

“Onde você estava?”, perguntamos os dois em uníssono, com sorrisos de alegria surgindo nos lábios.

“A bruxa ficou na loja durante a hora do almoço e me mandou para a loja de uma amiga. Então cheguei atrasada ao apartamento, e você já tinha saído.”

“Fiquei preocupado, então fui até a loja. Olhe, comprei a bolsa como lembrança.”

Füsun estava usando os brincos dos quais um está exposto na entrada de nosso museu. Descemos a rua juntos. Deixamos a avenida Valikonağı e pegamos a avenida Emlak, que estava menos movimentada. Tínhamos acabado de passar pelo edifício onde ficava o dentista ao qual minha mãe me levava quando criança (bem como o médico em cujo consultório eu sentira pela primeira vez a dureza inesquecível do frio abaixador de língua enfiado em minha boca) quando vimos que uma multidão se formava ao pé da ladeira; algumas pessoas corriam para juntar-se a ela, enquanto outras vinham em nossa direção, o rosto contorcido pelo que tinham presenciado.

Um acidente acontecera; a rua estava fechada. Poucos minutos antes, o caminhão-tanque da “Vida — Água Limpa” enveredara pela pista da esquerda enquanto descia a ladeira e atingira um *dolmuş*. O motorista da lotação estava encolhido num canto, as mãos trêmulas enquanto fumava um cigarro. O peso do caminhão-tanque tinha esmagado a frente comprida do Plymouth dos anos 1940 que fazia a linha Taksim-Teşvikiye. Só sobrara o taxímetro. Por trás da multidão cada vez maior de curiosos, em meio a fragmentos de vidro e peças quebradas, vi o corpo de uma mulher preso no banco da frente, e a reconheci como a mulher de cabelos escuros por quem eu passara ao sair da boutique şanzelize. A rua estava coberta de destroços. Pegando Füsun pelo braço, eu disse: “Vamos embora”. Mas ela não me atendeu. Ficou ali parada em silêncio, olhando para a mulher presa aos destroços do carro, até se fartar.

A essa altura a multidão crescera consideravelmente, e eu estava começando a me sentir intranquilo, menos por causa da mulher morta dentro do carro (sim, ela devia estar morta àquela altura) do que por medo de ser visto por alguém conhecido, quando finalmente surgiu um carro de polícia; sem dizer nada, afastamo-nos do local do acidente. Enquanto caminhávamos em silêncio subindo a rua onde ficava a delegacia, direto para o edifício Merhamet, estávamos cada vez mais próximos do “momento mais feliz da minha vida” mencionado no início deste livro.

No ar fresco das escadas do edifício Merhamet, eu a peguei nos braços e a beijei. Tornei a beijá-la quando entramos no apartamento, mas havia um acanhamento em seus lábios sempre dispostos, uma reserva em seus modos.

“Tenho uma coisa para lhe dizer.”

“Então diga.”

“Mas estou com medo de que você não leve a sério, ou que possa reagir exatamente do modo errado.”

“Pode confiar em mim.”

“Bom, não sei se posso, mas vou falar de qualquer modo”, disse ela. Dava a impressão de ter tomado uma decisão, como se a flecha já tivesse deixado o arco e não houvesse mais meio de contê-la. “Se você reagir do modo errado, posso até morrer.”

“Esqueça o acidente, minha querida, e, por favor, me conte.”

Ela começou a chorar em silêncio, como fizera naquela tarde na boutique şanzelize, quando não podia restituir meu dinheiro. Seus soluços eram quase emburrados, como os de uma criança furiosa por ter sido enganada.

“Eu me apaixonei por você. Estou loucamente apaixonada por você!”

Suas palavras soavam como uma acusação, mas eram ao mesmo tempo inesperadamente delicadas. “Passo o dia inteiro pensando em você. Penso em você da manhã à noite.”

Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Devo confessar que meu primeiro impulso foi sorrir como um idiota. Mas não sorri. Franzi o rosto, assumindo uma expressão carinhosa de preocupação, até finalmente conseguir sobrepujar à força os meus próprios sentimentos. Aqui, num dos momentos mais profundos e significativos da minha vida, havia algo de calculado em meu comportamento.

“Eu também amo muito você.”

Embora eu estivesse sendo absolutamente sincero, minhas palavras não tinham nem a força nem a verdade das dela. Füsun foi a primeira a falar. E, como só falei depois dela, minha declaração sincera de amor soou apenas como um consolo, uma delicadeza, um eco. Agora não fazia mais diferença se na verdade meus sentimentos eram mais fortes, pois ela foi a primeira a confessar a dimensão assustadora de seus sentimentos, e assim perdeu o jogo. O “entendido em amor” dentro de mim (formado com sabe-se lá qual egrégia experiência) exultava com o passo em falso de Füsun: ao falar com sinceridade tão excessiva, ela foi a perdedora. E, dessa reação, deduzi que a inquietação dos meus ciúmes e obsessões logo haveria de ceder.

Quando ela começou a chorar de novo, tirou do bolso um lençinho amassado de criança. Eu a abracei e, enquanto acariciava a pele adorável e aveludada de seu pescoço e de seus ombros, disse que não havia nada mais ridículo que a ideia de uma jovem linda como ela, que todo mundo adorava, em prantos porque resolveu admitir que se apaixonara.

Ainda chorando, ela disse: “O que você quer dizer — que jovens lindas nunca se apaixonam? Se você sabe tanto sobre tudo, então me diga uma coisa...”

“O quê?”

“O que vai acontecer agora?”

Essa era a verdadeira questão, e agora ela me fitava com um olhar que parecia dizer que não aceitaria uma resposta vaga, doces generalizações sobre o amor e a beleza, e que era da mais absoluta importância que eu respondesse com clareza.

E eu não tinha resposta a lhe dar. Mas só fui saber disso agora, tantos anos mais tarde. Sentindo que aquela questão podia nos separar, experimentei uma inquietação pela qual eu a culpava em segredo, e comecei a beijá-la.

Impelidos pelo desejo e pelo desamparo, nossos beijos foram ficando mais apaixonados. Ela perguntou se a resposta era aquela. “É”, disse eu. Satisfeita, ela me perguntou: “Não íamos estudar matemática?”. Quando lhe dei mais um beijo à guisa de resposta, ela retrucou me beijando mais uma vez. Abraçar, beijar — parecia tão mais cabível que qualquer contemplação do impasse a que tínhamos chegado, ante o poder irresistível do momento presente. Enquanto tirava a roupa, Füsun transformou-se de menina assustada e entristecida por uma paixão sem futuro numa mulher saudável e exuberante pronta a entregar-se ao amor e ao prazer sexual. E assim ingressamos no que chamei de momento mais feliz da minha vida.

Na verdade, ninguém reconhece o momento mais feliz da sua vida no instante em que o vive. Pode ser que, num momento de grande alegria, alguém possa acreditar sinceramente que está vivendo esse

instante de ouro “agora”, mesmo já tendo vivido antes um momento igual, mas, pense o que pensar, numa parte de seu coração ainda acreditará na possibilidade de um momento futuro mais feliz. Porque ninguém, especialmente alguém que ainda seja jovem, consegue seguir em frente com a convicção de que as coisas só podem piorar: se uma pessoa sente uma felicidade que a leve a pensar que se encontra no momento mais feliz da sua vida, terá sempre a esperança de que seu futuro venha a ser igualmente lindo, ou ainda mais.

Mas quando chegamos ao ponto em que nossas vidas assumem sua forma final, como um romance, somos perfeitamente capazes de identificar nosso momento mais feliz, que selecionamos em retrospecto, como faço agora. Para explicar por que escolhi esse momento entre todos os outros, também é natural, e necessário, recontar nossas histórias desde o começo, exatamente como num romance. Mas designar esse momento como o mais feliz da minha vida é reconhecer que se encontra num passado distante, que nunca mais há de voltar, e que a percepção desse momento, portanto, é dolorosa. Só podemos suportar essa dor possuindo alguma coisa que pertença àquele instante. Essas lembranças preservam as cores, as texturas, as imagens e os prazeres da maneira como foram, com mais fidelidade, no fundo, que alguém com quem tenhamos dividido esses momentos.

Nós nos amamos por muitíssimo tempo, chegando em algum momento intermediário a um ponto em que ficamos os dois sem fôlego; eu acabara de beijar os ombros molhados de Füsün e penetrá-la por trás, mordendo primeiro seu pescoço e depois sua orelha esquerda, e foi então, no momento mais feliz da minha vida, que o brinco, cuja forma eu deixara de perceber, desprendeuse da adorável orelha de Füsün e caiu no lençol azul.

Qualquer pessoa remotamente interessada na política da civilização saberá que os museus são os repositórios dos artigos dos quais a Civilização Ocidental deriva a riqueza do seu conhecimento, que lhe permite dominar o mundo. Da mesma forma, quando um colecionador autêntico, de cujos esforços dependem esses museus, reúne seus primeiros objetos, quase nunca se pergunta qual será o destino final de seu tesouro. Quando os primeiros objetos coletados chegaram às suas mãos, os primeiros colecionadores genuínos — que mais tarde viriam a expor, organizar e catalogar suas coleções (nos primeiros catálogos, que foram as primeiras enciclopédias) — nunca reconheciam o valor real desses artigos.

Depois que passou o que chamo de o momento mais feliz da minha vida, chegando a hora de nos separarmos, o brinco perdido, sem que soubéssemos, ainda se aninhava entre as dobras do lençol. Füsün olhou-me nos olhos.

“Toda a minha vida depende agora de você”, disse ela em voz baixa.

O que me deixou contente e ao mesmo tempo alarmado.

No dia seguinte fez muito mais calor. Quando nos encontramos no edifício Merhamet, tanto vi medo quanto esperança nos olhos de Füsün.

“Perdi um dos brincos que estava usando”, disse ela depois que nos beijamos.

E então eu disse: “Está aqui, querida”, enquanto enfiava a mão no bolso direito do paletó pendurado nas costas de uma cadeira. “Ah, sumiu!” Por um momento, tive um mau presságio, uma sugestão de desígnio maléfico, mas então lembrei que tinha vestido um paletó diferente naquela manhã, por causa do tempo mais quente. “Deve estar no bolso do meu outro paletó.”

“Traga amanhã, por favor. Não se esqueça”, disse Füsun, arregalando os olhos. “Gosto muito dele.”

## 18. A história de Belkıs

O acidente saiu com destaque em todos os jornais. Füsün não tinha lido, mas Şenay Hanım passou a manhã inteira falando da mulher morta — até parecer a Füsün que todo mundo que entrava na loja só tinha vindo falar do acidente. “Şenay Hanım vai fechar a loja amanhã na hora do almoço, para eu também poder ir ao enterro”, disse Füsün. “Ela está se comportando como se todas adorássemos aquela mulher. Mas nem é verdade...”

“E qual é a verdade?”

“Ela vinha sempre à loja, é fato. Pegava os vestidos mais caros — os que tinham acabado de chegar de Roma ou de Paris — e dizia: ‘Vou experimentar esse aqui para ver como fica’, mas depois de usá-lo em alguma grande festa trazia de volta, dizendo: ‘Não ficou bom’. Şenay Hanım ficava furiosa — depois de todo mundo ter visto aquele vestido usado numa festa, ficava mais difícil vendê-lo. E ela também costumava pechinchar muito, de maneira que Şenay Hanım estava sempre falando dela por trás, mas não tinha coragem de contrariá-la, porque era ligada a gente importante. Você a conhecia?”

“Não. Mas por algum tempo ela namorou um amigo meu”, respondi, parando nesse ponto porque achei que preferiria contar os detalhes sórdidos dos antecedentes a Sibel, mas me espantei ao constatar que esse cálculo me fazia sentir como um mentiroso, pois menos de uma semana antes não me causaria nenhum desconforto esconder alguma coisa de Füsün ou mesmo contar-lhe uma mentira — as mentiras, achava eu, eram uma consequência inevitável, e até agradável, da vida de um playboy. Pensei se deveria resumir a história ali mesmo, adaptando-a para seu consumo, mas percebi que isto seria impossível. Vendo que ela notara que eu ocultava alguma coisa, eu lhe disse o seguinte: “É uma história muito triste. Como essa mulher tinha dormido com vários homens, era malfalada”.

O que não correspondia à minha verdadeira impressão. Foi só minha maneira descuidada de responder. Fez-se um silêncio.

“Não se preocupe”, disse Füsün, quase sussurrando. “Eu nunca irei dormir com mais ninguém pelo resto da minha vida.”

De volta à minha sala na Satsat, sentia-me em paz comigo mesmo, e pela primeira vez em muitíssimo tempo me dediquei ao trabalho, sentindo prazer em ganhar dinheiro. Com Kenan, um novo escriturário que era um pouco mais jovem e ousado do que eu, percorri a lista de nossos cento e tantos devedores, parando de vez em quando para fazer algum gracejo.

“E o que vamos fazer com Cömert Eliaçık, Kemal Bey?”, perguntou ele, com um sorriso e as sobrancelhas erguidas, já que o nome do homem significava “generoso mão-aberta”.

“Vamos precisar abrir a mão dele um pouco mais. Não podemos fazer nada se o nome dele o condena a perder dinheiro.”

Ao anoitecer, a caminho de casa, passei pelos jardins da antiga mansão do paxá, que ainda não tinha pegado fogo, e aspirei a fragrância das tílias, procurando a sombra dos plátanos de Nişantaşı, agora totalmente floridos. Enquanto contemplava os motoristas que buzonavam furiosamente no engarrafamento, estava satisfeito, a tempestade amorosa passara, não me sentia mais assolado pelo ciúme e tudo voltara aos trilhos. Chegando em casa, tomei uma ducha. Quando fui pegar uma

camisa limpa e passada no guarda-roupa, lembrei-me do brinco; não o tendo encontrado no bolso do paletó onde julgava tê-lo deixado, vasculhei meu guarda-roupa e cada uma das gavetas, verifiquei o receptáculo onde Fatma Hanım guardava botões caídos, barbatanas de colarinho e quaisquer moedas ou isqueiros que encontrasse em meus bolsos, mas tampouco estava lá.

“Fatma Hanım”, perguntei baixinho, “você viu algum brinco por aqui?”

O quarto claro ao lado, onde meu irmão tinha morado até se casar, exalava um aroma de vapor e lavanda. Fatma Hanım tinha passado roupa a tarde inteira, e agora, enquanto arrumava nossos lenços, camisas e toalhas, disse que não tinha visto “nem brinco nem nada”. Da pilha de meias desemparelhadas da cesta, ela puxou para fora um pé, como se fosse um gatinho desobediente.

“Escute aqui, Unhas de Garra”, disse ela, usando um dos apelidos que me pôs quando criança, “se você não cortar essas unhas, não vai ter mais meia nenhuma sem furo. Não vou mais cerzir essas meias para você — e ponto final.”

“Está bem, Fatma Hanım.”

Na sala de estar, no canto que dava para a mesquita de Teşvikiye, meu pai, coberto com um alvíssimo avental, estava sentado numa cadeira, enquanto Basri, o barbeiro, cortava seu cabelo, e minha mãe, como sempre, ficava sentada à sua frente, dando-lhe as notícias mais recentes.

“Venha até aqui”, disse ela quando me viu. “Estou contando as últimas novidades.”

Basri fingia concentração em seu trabalho, mas parou de cortar e, com um sorriso que exibia seus dentes imensos, deixou claro que vinha escutando atentamente o tempo todo.

“Quais são as novas?”

“Você sabe que o filho mais novo de Lerzan queria virar piloto de carro de corrida. Pois o pai dele não deixou, e ele...”

“Eu sei. Bateu a Mercedes do pai. Depois ligou para a polícia dizendo que tinha sido roubada.”

“Isso mesmo. Mas você ouviu falar do que şaziment fez para casar sua filha com o filho da família Karahan? Aonde você vai?”

“Não vou jantar em casa. Vou pegar Sibel. Fomos convidados para jantar fora.”

“Então vá dizer a Bekri para ele não fritar à toa a tainha vermelha hoje à noite. Ele foi até o mercado de peixe de Beyoğlu mais cedo só por sua causa. Prometa que amanhã você vem almoçar para podermos comer o peixe.”

“Está prometido!”

O canto do tapete fora enrolado para protegê-lo dos cabelos finos e brancos do meu pai que caíam, mecha a mecha, no piso de madeira.

Tirei o carro da garagem e, enquanto sacolejava pelas ruas calçadas de pedra, liguei o rádio e acompanhei o ritmo da música batucando com os dedos no volante. Num determinado momento, cruzei a ponte do Bósforo e cheguei a Anadoluhisari. Sibel me ouviu e correu para o carro segundos depois de eu buzinar. A primeira coisa que eu disse foi que a mulher que tinha morrido na batida da véspera tinha sido amante de Zaim (“Você quer dizer ‘Zaim-Merece-Tudo’”, disse ela com um sorriso); e então eu lhe contei toda a história.

“O nome dela era Belkis; era um pouco mais velha que eu, trinta e dois ou trinta e três anos, acho. Era de família pobre. Depois que entrou para a sociedade, seus inimigos começaram a falar sobre o

xale que sua mãe usava na cabeça. No final dos anos 1950, quando Belkis estudava no liceu, conheceu um rapaz nas festividades de comemoração do Dezenove de Maio, e eles se apaixonaram. Esse rapaz, Faris, era da idade dela, o filho caçula da família Kaptanoğlu, que àquela altura tinha, como você sabe, feito fortuna com a navegação, transformando-se numa das famílias mais ricas de Istambul. O romance entre o rapaz rico e a moça pobre parecia ter saído de algum filme turco, e durou vários anos. A paixão entre eles era tão grande, ou eles foram tão estúpidos, que esses dois adolescentes dormiam juntos e ainda se gabavam disso. Sem dúvida deveriam ter se casado, mas a família do rapaz se convenceu de que a pobre moça só tinha desistido da sua virtude como um ardil para forçá-lo a se casar, e que todos sabiam disso, motivo pelo qual se opuseram ao noivado. Ficou claro que faltaram ao rapaz a força, a disposição mental e a renda pessoal para enfrentar a família, pegar a moça pela mão e casar-se com ela. Assim, a solução da família foi despachar o rapaz para Paris com a moça, onde poderiam viver fora das vistas como um casal não casado. Três anos mais tarde, devido às drogas ou ao desespero, o rapaz de algum modo morreu em Paris. Em vez de fugir com um francês e nunca mais voltar à Turquia, como se podia esperar nessa situação, Belkis voltou a Istambul e começou uma série de casos com vários outros homens ricos, tendo uma vida amorosa muito animada e atraindo a inveja silenciosa de outras mulheres da sociedade. Seu segundo amante foi Sabih, o Urso; quando ela o deixou, teve uma aventura com o filho mais velho da família Demirbağ, que na época tinha acabado de romper outro romance. Como seu próximo amante, Rifki, estava em situação semelhante, os homens da sociedade começaram a referir-se a ela como ‘Anjo da Consolação’, e todos sonhavam ter um caso com ela. Quanto a todas as mulheres ricas e casadas que nunca dormiram com mais ninguém na vida além do marido, ou no máximo tinham tido um único amante em meio a muita vergonha e muito segredo, mas nunca com satisfação, quando viram Belkis cortejar abertamente os solteiros mais cobiçados, para não falar de seus amantes secretos casados, ficaram tão enciumadas que teriam sido capazes de qualquer coisa se tivessem a oportunidade. Mas nem foi necessário. Como a vida difícil já lhe custara parte da beleza e seus recursos vinham se esgotando, manter-se apresentável era uma luta para ela. De modo que seu fim estava cada vez mais próximo. Pode-se dizer que o acidente poupou essa mulher de muito sofrimento.”

“Fico espantada por nenhum desses homens ter se casado com ela”, disse Sibel. “Significa que ninguém a amou o suficiente para correr o risco.”

“Na verdade, os homens se apaixonam loucamente por mulheres como ela. Mas casar — aí já é outra história. Se ela tivesse conseguido se casar com o rapaz da família Kaptanoğlu, Faris, e logo no começo, sem ter dormido com ele, as pessoas logo se esqueceriam de que a família dela era pobre. Ou, se Belkis fosse de família rica, teriam ignorado que já deixara de ser virgem antes de se casar. Mas, como ela virou as costas para as regras da sociedade e mergulhou na vida sexual, todas essas mulheres, pouco antes tão enciumadas, começaram a chamá-la de ‘Prostituta da Consolação’. Mas justamente por isso, por ela ter se entregado ao primeiro rapaz que amou, por se entregar a seus amantes sem esconder o fato de ninguém, Belkis talvez mereça também o nosso respeito.”

“Você sente respeito por ela?”, perguntou Sibel.

“Não, para falar a verdade, eu tinha certa antipatia pela falecida.”

A festa — esqueci a ocasião — era no vasto pátio cimentado de uma casa na costa de Suadiye.

Sessenta ou setenta pessoas se misturavam ali de pé, com seus copos de bebida nas mãos, conversando quase aos sussurros enquanto olhavam para ver quem estava presente e quem mais acabara de chegar. Quase todas as mulheres pareciam preocupadas com o comprimento de suas saias, as de saias curtas demonstrando um desconforto extremo, imaginando que suas pernas fossem curtas ou grossas demais. Talvez seja por isso que, à primeira vista, todas parecessem garotas de bar desajeitadas e carrancudas. Bem ao lado do pátio, num cais, uma larga boca de esgoto despejava seu conteúdo no mar e exalava um odor característico, enquanto garçons de luvas brancas ziguezagueavam em meio aos convidados.

Depois de circular um pouco, encontrei um “psiquiatra” que acabara de voltar dos Estados Unidos e tinha aberto um consultório; ele me entregou seu novo cartão no momento em que nos encontramos e, incitado por uma senhora animada de meia-idade, apresentou uma definição do amor ao grupo de convidados empenhados em conhecê-lo: quando alguém abria mão de todas as outras oportunidades, decidindo persistir em relações íntimas com uma única pessoa, esse sentimento, que segundo ele conduzia à felicidade, era “o amor”. Depois desse discurso sobre o amor, certa mãe, ao me apresentar sua linda filha de dezoito anos, pediu meu conselho quanto à cidade para onde devia mandar a filha terminar os estudos, como se quisesse poupá-la das seguidas greves políticas das universidades turcas. A conversa começou com comentários sobre uma reportagem publicada nos jornais daquele dia, que relatava que, a fim de evitar o roubo das provas do vestibular, os impressores contratados tinham sido submetidos a um longo isolamento.

Muito mais tarde, Zaim apareceu no pátio. Fazia uma bela figura com suas pernas compridas, seu queixo bem formado e seus belos olhos, e sobretudo por chegar acompanhado da modelo alemã, Inge, igualmente alta e elegante. O que mais incomodava em Inge, com seus olhos azuis, suas pernas compridas e esguias, sua pele clara e seus cabelos naturalmente louros, era a mensagem impiedosa para as mulheres da sociedade de Istambul: por mais que descolorissem os cabelos, afinassem as sobrancelhas e vasculhassem as lojas à procura de roupas que as fizessem sentir-se mais europeias, a pele mais escura e a silhueta mais cheia nunca eram plenamente contrabalançadas por esses esforços. Mas a aparência nórdica dessa mulher me impressionava menos que seu sorriso tão familiar, que eu apreciava ver todo dia nos anúncios de jornal e nas laterais de alguns edifícios residenciais em Harbiye — era como se reencontrasse uma velha amiga. Em pouco tempo, um grande grupo se formara inevitavelmente a seu redor.

Na volta para casa, Sibel rompeu o silêncio. “Esse Zaim-Merece-Tudo, ele sim, eu acho uma pessoa decente. Mas essa modelo alemã de quinta, com o ar de quem está disposta a dormir com qualquer xeque árabe que lhe fizer alguma proposta... Já não bastava usá-la numa propaganda? Ainda precisa desfilarmos com ela por aí, para que todo mundo saiba que se deitou com ela?”

“Dou crédito a Zaim pela ideia de criar esse novo refrigerante. Lembro que uma vez ele me disse que os turcos iriam gostar muito mais de um produto moderno turco se vissem que um ocidental também gostava... Sabe, é bem provável que, ao modo simpático dela, essa modelo não veja a menor diferença entre nós e os xeques árabes.”

“Quando fui ao cabeleireiro, vi uma foto dela com Zaim no *Hafta Sonu*, nada menos que na página central, com uma entrevista e uma foto muito provocante em que ela aparece seminua.”

O silêncio voltou e permaneceu por algum tempo. Finalmente eu sorri e disse: “Sabe aquele sujeito que estava tagarelando em mau alemão, elogiando-a pelos anúncios e olhando para os cabelos dela só para evitar olhar para os seus seios que quase pulavam para fora do vestido? Aquele sujeito alto e acanhado, Sabih, o Urso... Pois ele foi o segundo amante de Belkıs”.

No entanto quando passamos por baixo da ponte do Bósforo, quase oculta pelo nevoeiro, vi que Sibel tinha adormecido.

## 19. No funeral

No dia seguinte ao meio-dia, deixei a Satsat e fui para casa comer tainha vermelha frita com minha mãe, como prometera. Quando removemos a pele rosada do peixe, deliciosa e reluzente, e com o cuidado de um cirurgião extraímos a espinha fina e translúcida, conversamos sobre o estado dos preparativos para a festa de noivado e as mais recentes novidades (a palavra preferida da minha mãe para mexericos). Contando com as pessoas que tinham feito o possível para serem convidadas e mais alguns conhecidos afoitos cujas expectativas ela não tinha coragem de frustrar, a lista chegava a duzentos e trinta, até aquele momento; o maître do Hilton já fora obrigado a tomar medidas especiais para assegurar-se de que haveria “bebida estrangeira” — o termo fazia soar como um fetiche — em quantidade suficiente. Para tanto, entrara em contato com colegas de outros hotéis importantes, além de bajular os importadores de bebida com quem costumava fazer negócio. Quanto a İsmet Sedosa, şaziye, şermin, a Canhota, Madame Mualla e todas as outras costureiras que trabalhavam para as senhoras da sociedade, que tinham sido amigas e concorrentes da mãe de Füsün, seus cadernos de encomendas estavam tomados e suas aprendizes costuravam toda noite até o amanhecer para trajar nossas convidadas com os requintados vestidos que tinham escolhido para a festa de noivado. Minha mãe parecia ter o controle de tudo o que se relacionasse ao nosso mundo, exceto por meu pai, que vinha se queixando de cansaço e agora cochilava no quarto. Não era um problema de saúde, achava ela, mas ele andava melancólico, embora não pudesse imaginar o que podia aborrecê-lo tanto com o filho perto de noivar, e veio me sondar para saber se por acaso eu sabia de alguma coisa. Quando Bekri, como fazia desde a minha infância, trouxe o *pilaf* que invariavelmente servia depois do peixe para ajudar a digestão — o que era uma regra inflexível na nossa casa —, quase tive a impressão de que o peixe tinha sido a única fonte da boa disposição de minha mãe, pois assim que foi retirado da mesa ela assumiu um tom de lamúria.

“Estou com tanta pena dessa mulher”, disse ela, com uma dor genuína. “Ela sofreu tanto, e tantas pessoas tinham inveja dela. Na verdade ela era boa pessoa. Muito boa pessoa.”

Sem jamais se referir a Belkis pelo nome, minha mãe contou como, muitos anos antes, quando o filho mais velho da família Demirbağ, Demir, fora amante dela, meus pais tinham passado algum tempo com os dois em Uludağ; e, sempre que meu pai e Demir saíam para jogar pôquer, minha mãe e Belkis ficavam acordadas até bem depois da meia-noite, tomando chá, fazendo tricô e conversando no “bar rústico” do hotel.

“Ela sofria tanto, coitada, primeiro por ser tão pobre e depois por causa dos homens. Tanto sofrimento”, disse minha mãe, antes de se virar para Fatma Hanım e dizer: “Leve o meu café para a varanda. Vamos assistir à passagem do cortejo”.

Com a exceção de meus anos nos Estados Unidos, passei toda minha vida nesse grande apartamento, cuja sala de estar e ampla varanda davam para a mesquita de Teşvikiye, onde um ou dois funerais ocorriam todo dia e, quando eu era criança, esses espetáculos nos iniciaram no mistério assustador da morte. Não só os ricos de Istambul, mas também políticos, generais, jornalistas, cantores e artistas famosos tinham suas preces fúnebres recitadas na mesquita, considerada um ponto

de partida de prestígio para a “jornada final”, de onde o caixão era carregado lentamente nos ombros até a praça de Nişantaşı — num cortejo acompanhado, dependendo da posição do falecido, por uma banda militar ou um conjunto do conselho da cidade tocando a “Marcha fúnebre” de Chopin. Quando meu irmão e eu éramos pequenos, púnhamos nos ombros grandes e pesadas almofadas do divã, e Bekri Efendi, Fatma Hanım, Çetin, o motorista, e outros nos acompanhavam enquanto cantarolávamos o cantochão fúnebre, oscilando um pouco, exatamente como faziam os carregadores dos mortos, em nosso caminho corredor afora. Pouco antes de um funeral de amplo interesse público — se o falecido era um primeiro-ministro, um empresário famoso ou um cantor —, a campanha tocava, e visitas inesperadas apareciam, dizendo: “Estava só passando por aqui, e pensei em dar um pulo”, e, embora minha mãe nunca se permitisse abrir mão de suas boas maneiras, mais tarde ela comentava: “Não vieram nos ver, mas assistir ao funeral”. E assim começamos a pensar naqueles funerais não como uma forma de consolo diante da dor da morte ou uma oportunidade de prestar a última homenagem ao falecido, mas como uma divertida distração.

“Venha para esse lado, daqui você vê melhor”, disse minha mãe quando fui me sentar perto dela na mesinha da varanda. Mas quando ela me viu empalidecer de repente, sem achar a menor graça em observar a multidão de acompanhantes, chegou à conclusão errada: “Sabe, não é seu pai cochilando lá dentro que me impede de comparecer ao funeral dessa mulher de quem eu gostava muito. São os homens que estão lá, como Rifki, como Samim, que estão de óculos escuros não para proteger os olhos vermelhos, mas para esconder que não derramaram uma lágrima sequer. Bom, de qualquer maneira, daqui se vê muito melhor. O que está havendo com você?”

“Nada. Estou bem.”

Além do portão que dava para o pátio da mesquita de Teşvikiye, na área sombreada onde as mulheres se aglomeravam como que por instinto, eu tinha visto Füsün em meio às mulheres de cabeça coberta e às mulheres da sociedade que, para a ocasião, tinham amarrado lenços chiques e da última moda na cabeça, e, naquele momento, meu coração disparou. Ela cobrira a cabeça com um lenço cor de laranja. Em linha reta, haveria uns setenta ou oitenta metros entre nós dois. Ela respirava e franzia o rosto, sua pele macia transpirava um pouco sob o calor do meio-dia; incomodada com a massa de mulheres de cabeça coberta que a sufocavam, ela mordia o lábio inferior, transferindo o peso de seu corpo esguio de um pé para o outro — claro, não me limitei a ver todas essas coisas, mas senti cada uma delas dentro de mim. Tive o impulso de gritar seu nome e acenar para ela da varanda, mas como num sonho eu não tinha voz, e meu coração continuava a bater muito forte.

“Mamãe, preciso ir.”

“Ah! O que deu em você? Seu rosto está totalmente branco.”

Na rua, fiquei olhando para Füsün de longe. Şenay Hanım estava ao lado dela. Enquanto ela escutava a conversa entre sua patroa e uma cliente potencial, ou costumeira, mulher corpulenta mas elegante, ela passava os dedos pelas pontas do lenço que amarrara com um nó canhestro sob o queixo. O lenço lhe conferia uma beleza santa e orgulhosa. O sermão de sexta-feira era emitido em altos brados pelos alto-falantes do pátio, mas o som era tão ruim que ninguém conseguia entender o que o pregador dizia, afora umas poucas palavras afirmando que a morte era a última estação e sua repetição rude e insistente da palavra “Alá”, com um intuito calculado de intimidação, pensei eu. De

tempos em tempos, alguém se misturava correndo à multidão, como se chegasse atrasado a uma festa, e, quando todas as cabeças se viravam, uma pequena fotografia preto e branco de Belkis era afixada à gola do recém-chegado. Füsün examinava com cuidado todos à sua volta, enquanto se cumprimentavam com uma onda que se espalhava pela multidão, braços abertos para um abraço, um gesto de consolo e preocupação mútua.

Como todo mundo, Füsün também trazia a fotografia de Belkis na gola. Tinha se transformado em costume nos funerais de vítimas de assassinatos políticos (tão frequentes naqueles dias), e logo se espalhou entre a burguesia de Istambul. Muitos anos mais tarde, consegui reunir uma pequena coleção desses objetos, que exponho aqui. Quando multidões de membros da sociedade de óculos escuros exibiam esses símbolos, como faziam os militantes de direita e de esquerda, as fotos conferiam a um funeral comum da sociedade intimações de um ideal pelo qual valia a pena morrer, a sugestão de um objetivo comum e certa *gravitas*. Imitando o estilo ocidental, a fotografia vinha sempre cercada de uma moldura preta, e por isso flagrantes antes felizes e nada apropriados para comunicados de falecimento assumiam a estampa do luto, e os retratos mais frívolos podiam obter na morte a dignidade sombria geralmente reservada às vítimas de assassinatos políticos.

Sem encarar ninguém, segui apressado para o edifício Merhamet, onde esperei impaciente por Füsün. De vez em quando espiava o relógio. Muito mais tarde, e sem perceber, me peguei afastando as cortinas empoeiradas para olhar através da janela sempre fechada que dava para a avenida Teşvikiye, e vi o carro fúnebre com o caixão de Belkis passar lentamente.

Algumas pessoas passam a vida inteira mergulhadas na dor, devido ao infortúnio de terem nascido pobres, estúpidas ou serem excluídas da sociedade — pensamento que desfilou por minha cabeça com o mesmo ritmo lento e comedido do caixão, depois desapareceu. Desde os vinte anos de idade, eu sentia que uma armadura invisível me protegia de todo tipo de problemas e desgraças. E decorria disso que pensar muito no sofrimento alheio podia deixar-me também infeliz e, assim, perfurar minha armadura.

## 20. As duas condições de Füsün

Füsün chegou atrasada. Isso me deixou aborrecido, mas ela estava mais perturbada do que eu. Explicou que tinha se encontrado com sua amiga Ceyda, mas suas palavras soaram menos como desculpa que como uma acusação. O perfume de Ceyda transferira-se um pouco para ela. Füsün conhecera Ceyda durante o concurso de beleza. E a amiga tampouco fora bem-sucedida, tendo acabado em terceiro lugar. Mas agora estava muito feliz porque estava saindo com o filho da família Sedirci, e o rapaz era sério; estavam pensando em casamento. “É ótimo, não acha?”, disse Füsün, e quando olhou em meus olhos sua sinceridade era irresistível.

Eu estava a ponto de acenar minha concordância quando ela me disse que um problema havia surgido. Como o rapaz da família Sedirci era muito “sério”, não queria que Ceyda trabalhasse como modelo.

“Por exemplo, agora que é verão, ela foi contratada para fazer um anúncio de um balanço de

jardim. Mas o namorado dela é muito rígido, muito conservador. E por isso a proibiu de aparecer num comercial de um balanço coberto para dois — e nem pensar em usar minissaia, ele não quer que ela faça o anúncio nem se usar um vestido cobrindo o corpo todo. E Ceyda acaba de completar um curso de modelo profissional. A foto dela já está aparecendo nos jornais. O fabricante dos balanços cobertos quer usar modelos turcas, mas o rapaz não aceita de jeito nenhum.”

“Você devia avisá-la de que esse homem pode acabar deixando-a trancada à chave.”

“Faz muito tempo que Ceyda quer se casar e virar dona de casa”, disse Füsün, aborrecida por eu não ter entendido o que ela queria dizer. “Mas o medo é que esse rapaz tão sério possa não ter intenções sérias a respeito dela. Eu prometi me encontrar com ela e conversar sobre isso. O que você acha, de que modo ela pode saber se um homem tem intenções sérias?”

“E como eu haveria de saber?”

“Você conhece exatamente esse tipo de homem...”

“Não sei nada sobre esses sujeitos ricos e conservadores do interior”, disse. “Venha, vamos ver os seus deveres de matemática.”

“Não fiz nenhum dever de casa. Está bem?”, disse ela. “Você encontrou meu brinco?”

Meu primeiro impulso foi simular que procurava, como um motorista embriagado parado pela polícia que sabe perfeitamente ter deixado a carteira em casa, mas faz a mímica de quem procura em cada bolso e no porta-luvas, em sua pasta, numa paródia de boa-fé. Mas consegui conter-me a tempo.

“Não, querida. Procurei seu brinco mas não encontrei”, disse. “Não se preocupe — ele vai acabar aparecendo, mais cedo ou mais tarde.”

“Chega! Vou embora e nunca mais volto aqui!”

Pelo sofrimento em seu rosto, compreendi, enquanto ela corria os olhos ao redor para recolher suas coisas, mesmo quando hesitava sem saber onde punha os braços, que aquele seu repente não era puro teatro. Plantei-me em frente à porta como um leão de chácara e supliquei que não fosse embora, adulando-a com declarações de como estava profundamente apaixonado por ela (todas verdadeiras) até ver por uma sombra de sorriso nos cantos de sua boca e pelo esforço que ela fazia para esconder sua compaixão — erguendo ligeiramente as sobrancelhas — que ela começava a ceder.

“Está bem, não vou mais”, disse ela. “Mas tenho duas condições. Primeiro, você precisa me dizer quem você mais ama neste mundo.”

Ela viu na mesma hora que me deixara atrapalhado, e que eu não poderia responder nem com o nome de Sibel nem com o dela. “Diga o nome de um homem...”, disse ela.

“Meu pai.”

“Muito bem. Minha primeira condição é esta: jure sobre a cabeça do seu pai que nunca vai mentir para mim.”

“Juro.”

“Assim não. A frase completa.”

“Juro pela cabeça de meu pai que nunca vou mentir para você.”

“Foi fácil demais...”

“E qual é a segunda condição?”

Mas, antes que ela pudesse anunciar a segunda condição, já estávamos aos beijos e logo nos amávamos com alegria. Dessa vez nos excitamos tanto, e nosso amor nos intoxicou a tal ponto que nos sentimos transportados para um local imaginário, num outro planeta. Na minha imaginação, era uma superfície estranha, uma ilha silenciosa, deserta e rochosa, as primeiras fotografias da Lua. Mais tarde Füsün me contaria a sua visão: um jardim escuro com uma densa cobertura de árvores, uma janela dando para o panorama e, à distância, o mar e uma colina amarela onde girassóis balançavam ao vento. Cenas assim nos ocorriam nos momentos em que nosso amor nos surpreendia — por exemplo, quando eu punha o seio de Füsün e seu mamilo maduro em minha boca, ou quando Füsün mergulhava o nariz no ponto em que meu pescoço encontrava meus ombros e me apertava em seus braços com toda força, ou quando líamos nos olhos um do outro uma intimidade espantosa que nenhum dos dois jamais sentira antes.

“O.k., agora, minha segunda condição”, disse Füsün, depois que acabamos, com a voz muito animada.

“Um dia você virá jantar na minha casa com minha mãe e meu pai, e vai trazer meu brinco e o velocípede em que eu andava quando era criança.”

“Claro que sim”, disse eu, com a presteza que sempre vem depois do amor. “Só que... o que você vai dizer para eles?”

“Se você encontrasse uma prima distante na rua, não iria perguntar pelo pai e pela mãe dela? E ela não iria convidá-lo para jantar? Ou, no dia em que você entrou na loja e me viu, não podia ter me dito que gostaria de ver minha mãe e meu pai? Será tão pouco provável que um parente ofereça a uma moça uma ajudazinha em matemática antes do exame para a universidade?”

“Claro que irei visitá-la uma noite dessas, e levarei o brinco, prometo. Mas não vamos falar com ninguém sobre as aulas de matemática.”

“Por que não?”

“Você é muito bonita. Vão saber na mesma hora que somos amantes.”

“Noutras palavras, você está dizendo que não estamos na Europa, de modo que um homem não pode estar sozinho com uma moça numa sala sem que isso leve a alguma outra coisa?”

“Pelo contrário, pode. Só estou dizendo isso porque aqui é a Turquia, e todo mundo vai imaginar que os dois não estão ali para estudar matemática, mas para outra coisa. E, sabendo que todo mundo pensa assim, eles próprios vão começar a pensar no assunto. Preocupada em não manchar a sua honra, a garota vai começar a dizer coisas como: ‘Vamos deixar a porta aberta’. Ainda assim, se a moça ficar sozinha com ele por muito tempo, o homem vai achar que ela está propondo alguma coisa e, mesmo que ainda não tenha feito nada com ela, vai acabar tendo de fazer, porque de outro modo sua masculinidade poderia ser posta em dúvida. Em pouco tempo, as mentes dos dois estariam conspurcadas de tanto pensar nas coisas que todo mundo acha que já estão fazendo, e a ideia lhes será irresistível. Mesmo que eles não cheguem ao sexo, vão começar a se sentir culpados e a perder a confiança de poderem ficar a sós por muito tempo sem sucumbir às tentações.”

Fez-se um silêncio. De onde estávamos, deitados, víamos o aquecedor, a reentrância forrada para receber a chaminé, a sanefa da cortina da janela, a cortina, as linhas e os cantos em que as paredes

encontram o teto, as rachaduras na parede, a tinta descascada e a grossa camada de poeira. E é com a finalidade de evocar esse prolongado silêncio para o visitante do museu que, anos mais tarde, recriamos essa visão em seus mínimos pormenores.

## 21. A história do meu pai: os brincos de pérola

Numa quinta-feira ensolarada do início de junho — nove dias antes da festa de noivado —, meu pai e eu tivemos um longo almoço juntos no restaurante de Abdullah Efendi em Emirgân, e ali mesmo eu percebi que jamais me esqueceria desse encontro. Meu pai, cuja melancolia recente era tão perturbadora para minha mãe, me convidara, dizendo: “Antes do noivado, vamos sair só nós dois, para eu lhe dar alguns conselhos”. Sentado no Chevrolet 56, com Çetin Efendi ao volante, que ocupava aquele lugar desde a minha infância, ouvi respeitosamente os conselhos de meu pai (por exemplo, que não devia confundir meus parceiros de negócios com meus amigos), pois supus que se tratasse de mais um ritual anterior ao noivado; e, enquanto ouvia, contemplava o panorama do Bósforo que deslizava pela janela, a beleza das balsas da Linha da Cidade navegando em meio às correntes, e as sombras dos jardins com muitas árvores das yalis às margens do Bósforo: mesmo ao meio-dia, eram quase tão escuros quanto à noite. Em vez de repetir os sermões que talvez tivesse ouvido quando era menino — quero dizer, em vez de me advertir contra a preguiça, a frivolidade e o devaneio, em vez de me conclamar a assumir meus deveres e responsabilidades —, ele lembrou, enquanto a fragrância do mar e dos pinheiros entrava pelas janelas abertas, que eu precisava aproveitar a vida ao máximo, porque os dons de Deus são passageiros. Aqui exponho o busto em gesso de Somtaş Yontunç (foi o próprio Atatürk quem lhe deu seu nome, que significa “Escultor em Pedra Maciça”) criado dez anos antes, quando, graças ao grande impulso das exportações têxteis e ao aumento de nossa fortuna, meu pai, a conselho de um amigo, concordara em posar para esse escultor, que tinha alguma ligação com a Academia. Acrescentei o bigode de plástico por desprezo ao acadêmico, que representou as suíças de meu pai muito mais ralas do que eram na realidade, para lhe dar um ar mais ocidental. Quando eu era pequeno e meu pai ralhava comigo por eu não fazer nada, eu ficava olhando o bigode dele tremer enquanto ele falava. Quando me disse que trabalhar demais podia me fazer perder as maiores belezas da vida, achei que meu pai estava satisfeito com as inovações que eu implementara na Satsat e nas outras empresas. Quando me pediu que no futuro me envolvesse também nos negócios em que meu irmão mais velho vinha manifestando certo interesse nos últimos tempos, e eu concordei de imediato, acrescentando que todos pagávamos muito caro pelas meias medidas profundamente conservadoras de meu irmão em todos os interesses da família em que punha as mãos, não foi só meu pai que respondeu com um sorriso satisfeito — Çetin, o motorista, também sorriu.

O restaurante de Abdullah Efendi originalmente ficava em Beyoğlu, na avenida principal, ao lado da mesquita Ağa. Naquele tempo, era lá que os ricos e famosos iam almoçar quando passavam a caminho do cinema, mas havia vários anos, depois que a maioria de seus clientes adquirira automóveis, ele se mudara para as colinas acima de Emirgân, para uma pequena propriedade que

dava para o Bósforo. Quando entramos no restaurante, meu pai assumiu um sorriso jovial, trocando apertos de mão com os garçons que conhecia havia muitos anos do antigo restaurante de Abdullah e de outros restaurantes. Em seguida correu os olhos pelo grande salão, à procura de alguém que conhecesse entre os fregueses. Enquanto o chefe dos garçons nos conduzia até a mesa, meu pai parava para trocar uma palavra com um grupo, dando um aceno na direção de outro e flertando com um ar engraçado com uma senhora idosa sentada a uma terceira mesa com sua filha; essa senhora observou como eu tinha crescido depressa, quanto eu era parecido com meu pai, e como eu era bonito. Depois que fomos instalados à mesa pelo chefe dos garçons (que me tratava como “o jovem cavalheiro” durante toda a infância e, em algum momento, sem que ninguém percebesse, começara a me chamar de “Kemal Bey”), meu pai pediu algumas entradas para dividirmos — folheados, peixe defumado e coisas parecidas — e também raki.

“Você quer um pouco, não quer?”, perguntou-me, acrescentando: “Você sabe que pode fumar, também, se quiser”, como se não tivéssemos chegado a um acordo sobre eu não fumar na sua presença depois que eu voltara dos Estados Unidos.

“Traga um cinzeiro para Kemal Bey”, disse ele a um dos garçons.

Ele pegou alguns dos tomates cereja que vinham da estufa do próprio restaurante e cheirou-os; enquanto batia na mesa com seu copo de raki, parecia haver alguma coisa específica em sua mente, embora ainda não tivesse decidido de que maneira abordar o assunto. Por um momento, ficamos ambos olhando pela janela na direção de Çetin Efendi que, ao longe, conversava com outros motoristas que esperavam do lado de fora.

“Nunca se esqueça do quanto vale Çetin Efendi”, disse meu pai, soando como se me ditasse seu testamento.

“Eu sei bem o quanto ele vale.”

“Não sei direito se sabe... Sei que ele vive contando histórias religiosas, mas você nunca devia rir delas. Ele é um homem honesto, Çetin, e é um cavalheiro, um ser humano da maior decência. E é assim faz vinte anos. Se alguma coisa acontecer comigo, não o mande embora. Não troque de carro a cada dois minutos como esses *nouveaux riches* arrivistas. O Chevrolet é um ótimo carro... Aqui é a Turquia, entende... Quando o Estado proibiu a importação de carros estrangeiros novos dez anos atrás, transformou Istambul num museu de carros americanos antigos, mas não importa; acabamos tendo as melhores oficinas do mundo.”

“Cresci com esse carro, papai, então não tem com que se preocupar”, disse eu.

“Ainda bem”, disse meu pai, num tom sugestivo de que tinha chegado a seu verdadeiro assunto. “Sibel é muito especial, uma jovem muito encantadora”, disse ele, mas não, não era sobre isso que ele me trouxera até ali para conversar. “Você não encontra uma pessoa assim todo dia, não é? Uma mulher, uma flor rara como ela — e precisa tomar cuidado para nunca magoá-la. Precisa sempre tomar conta dela e tratá-la com a máxima ternura.” De repente, uma expressão diferente e envergonhada assomou em seu rosto. Ele começou a falar com impaciência, como se alguma coisa o tivesse irritado: “Você se lembra daquela moça bonita?... Sabe, aquela que viu comigo uma vez em Beşiktaş. Quando você a viu pela primeira vez, o que foi que pensou?”

“Que moça?”

Meu pai ficou ainda mais contrariado. “Ora, deixe disso, estou falando daquela moça muito bonita com quem você me viu em Beşiktaş, no Parque Barbaros, dez anos atrás.”

“Não, meu pai, não tenho nenhuma lembrança disso.”

“Meu filho, como você pode não se lembrar? Trocamos um olhar. E havia uma moça muito bonita sentada ao meu lado.”

“E o que aconteceu depois?”

“Sem querer constranger o seu pai, você desviou educadamente os olhos. Lembrou-se agora?”

“Não.”

“Mas você nos viu!”

E era verdade que eu não tinha essa memória, mas não houve meio de convencer meu pai. Depois de uma conversa longa e desconfortável, concordamos que eu devia ter resolvido esquecer, e que conseguira. Ou talvez ele e a moça tivessem simplesmente entrado em pânico, achando que eu os vira. E foi assim que chegamos ao verdadeiro assunto.

“Aquela moça foi minha amante durante onze anos, e era muito linda”, disse meu pai, orgulhoso de combinar os dois fatos mais importantes numa única frase.

Ficou claro que havia muito meu pai sonhava conversar comigo sobre a beleza daquela mulher, e a ideia de que eu pudesse não a ter visto com meus próprios olhos ou, pior, que pudesse tê-la visto mas esquecido de como era linda — aquilo o decepcionara um pouco. Tirou uma pequena fotografia preto e branco do bolso. Era de uma moça morena e tristonha — e muito jovem — de pé no convés da popa de uma balsa da Linha da Cidade, em Karaköy.

“É ela”, disse meu pai. “Foi tirada no ano em que nos conhecemos. É uma pena que ela esteja tão triste nesta foto; não dá para ver o quanto era linda. E ela é linda, não é? Agora você se lembrou?”

Não respondi nada. Estava aborrecido por ouvir meu pai falando de um caso amoroso seu, por mais que pertencesse à história antiga. Embora, naquele momento, não entendesse exatamente o que me incomodava.

“Escute, não quero que você conte nada disso para o seu irmão”, disse meu pai, enfiando de novo a foto no bolso. “Ele é severo demais, nunca iria entender. Você viveu nos Estados Unidos, e acho que não vai ficar muito chocado. Está bem?”

“Claro, meu pai.”

“Então escute a história”, disse meu pai, enquanto tomava pequenos goles.

Fora “dezessete anos e meio atrás, num dia de muita neve em janeiro de 1958”, que ele conhecera aquela moça e ficara instantaneamente impressionado por sua beleza pura e inocente. A moça trabalhava na Satsat, que meu pai acabara de criar. Num primeiro momento era apenas uma relação de trabalho, mas, apesar da diferença de vinte e sete anos entre os dois, ao poucos aquilo foi ficando mais “sério e emocional”. Um ano depois que a moça começara uma relação com seu belo chefe (meu pai, segundo meus cálculos instantâneos, devia ter quarenta e sete anos àquela altura), ele a obrigou a deixar a Satsat. Novamente por decisão do meu pai, ela não saiu à procura de um novo emprego; em vez disso, foi morar discretamente num apartamento em Beşiktaş que meu pai montou para ela, sonhando que um dia pudessem se casar.

“Ela era muito bondosa, muito sensível e inteligente — uma pessoa especial”, disse meu pai. “Não

parecia em nada com as outras mulheres. Tive algumas aventuras na vida, mas nunca senti por ninguém o que sentia por ela. Meu filho, pensei muito em me casar com ela... Mas o que teria sido da sua mãe? O que teria sido de você e do seu irmão?..."

Por algum tempo ficamos calados.

"Não me entenda mal, meu filho, não estou dizendo que me sacrifiquei pela felicidade de vocês. Na verdade, claro, era ela quem realmente queria se casar. E eu a mantive à minha espera por vários anos. Era simplesmente incapaz de imaginar a vida sem ela, e quando não podia vê-la sofria horrivelmente. Mas não podia compartilhar minha dor com ninguém. Então um dia ela me disse: 'Resolva-se já!'. Ou eu deixava sua mãe e me casava com ela, ou ela me deixava. Sirva-se de um pouco de raki."

Fez-se um silêncio. "Quando eu me recusei a me separar de vocês dois e da sua mãe, ela me abandonou", disse meu pai. Admitir aquilo o deixara exausto, mas também mais calmo. Quando ele olhou para o meu rosto e viu que podia continuar a me fazer confidências, ficou ainda mais relaxado.

"Sofri, sofri muito. Seu irmão tinha se casado, e você tinha ido estudar nos Estados Unidos. Mas é claro que tentei esconder minha angústia da sua mãe. Enfiar-me num canto, como um ladrão fugido, e sofrer em segredo foi outra agonia. Sua mãe tinha pressentido a existência dessa amante, como em todos os outros casos; entendendo que havia alguma coisa séria acontecendo, ela não disse nada. Sua mãe, Bekri e Fatma Hanım — vivíamos na mesma casa como um grupo de personagens imitando uma família feliz num quarto de hotel. Pude ver que jamais encontraria alívio, que se continuasse daquele modo acabaria louco, mas não consegui me obrigar a fazer o que era necessário. Ao mesmo tempo, *ela*" — meu pai nunca me revelou seu nome — "sofria tanto quanto eu. Contou-me que um engenheiro tinha lhe proposto casamento e que, se eu não decidisse logo, estava pensando em aceitar. Mas não a levei a sério... Eu era o primeiro homem com quem ela tinha estado. Achei que não era possível ela querer mais ninguém, que só podia estar blefando. Mesmo quando eu duvidava do meu raciocínio e começava a entrar em pânico, ainda assim continuava paralisado. Então tentei simplesmente não pensar no assunto. Você se lembra daquele verão em que Çetin nos levou de carro até Esmirna, para a feira...? Quando voltamos, fiquei sabendo que ela se casara, mas não pude acreditar. Imaginei que ela só havia espalhado a notícia para chamar minha atenção e me fazer sofrer. Ela recusou todas as minhas tentativas de encontrar-me com ela, mesmo de falar com ela; e recusava-se a atender ao telefone. Inclusive vendeu a casa que eu comprara para ela e mudou-se para um lugar onde eu não tinha como encontrá-la. Casou-se de verdade? Quem seria esse marido engenheiro? Teve filhos? O que estava fazendo? Por quatro anos não pude fazer essas perguntas a ninguém. Tinha medo das respostas que podia ouvir, mas não saber de nada também era uma agonia. Imaginé-la vivendo em outra parte de Istambul, abrindo os jornais para ler as mesmas notícias, assistindo aos mesmos programas de TV, mas ainda assim não a ver nunca, deixava-me desesperado. Comecei a achar que a própria vida não tinha sentido. Por favor não me entenda mal, meu filho, sentia muito orgulho de vocês, das fábricas e da sua mãe. Mas esse sofrimento era inimaginável."

Como ele vinha usando o pretérito, senti que aquela história tinha chegado a algum tipo de conclusão e que meu pai encontrava algum alívio naquelas confidências, mas por algum motivo

aquilo me desagradava.

“No final, acabei vencido pela curiosidade, e uma tarde liguei para a mãe dela. A mulher devia saber de tudo a meu respeito, mas claro que não conhecia a minha voz. Menti para ela, passando-me pelo marido de uma das colegas de liceu de sua filha. ‘Minha mulher está doente e ficaria muito feliz se sua filha pudesse ir visitá-la no hospital’, disse eu. E a mãe dela disse: ‘Minha filha morreu’, e começou a chorar. Tinha morrido de câncer! Desliguei na mesma hora para não começar a chorar também. Não esperava por isso, mas vi na mesma hora que só podia ser verdade. Ela jamais se casara com engenheiro nenhum... Como a vida pode ser terrível, como tudo é vazio!”

Quando vi as lágrimas que se formavam nos olhos de meu pai, por um instante fiquei totalmente desamparado. Ao mesmo tempo em que sentia raiva, eu entendia a sua dor, e quanto mais refletia sobre a história que me contara, mais minha mente se turvava e eu me comportava como o membro de uma tribo que um antropólogo das antigas poderia descrever como “primitiva” e incapaz de refletir sobre os próprios tabus.

“De qualquer maneira”, disse meu pai, controlando-se depois de um breve silêncio, “eu não trouxe você aqui só para perturbá-lo com o relato de antigos desgostos. Você já está quase noivo, e é uma boa hora para conhecer melhor seu pai. Mas há outra coisa que eu quero que você saiba. Você vai entender?”

“O que é?”

“O que sinto hoje é só remorso”, disse meu pai. “Nunca disse a ela as coisas que devia, e daria tudo para poder lhe dizer mil vezes como ela era uma pessoa encantadora e sem preço. Ela tinha realmente um grande coração, era uma jovem adorável, modesta, totalmente encantadora. Não era como outras beldades que eu conheci. Nunca ostentava sua beleza, como se fosse criação dela própria; nunca exigia nada, nunca esperava presentes nem elogios. Entenda, não é só por tê-la perdido, mas por nunca ter lhe dado o tratamento que ela merecia — é por isso que ainda sofro. Meu filho, você precisa saber como é importante tratar bem as mulheres — mas agora, e não no futuro, quando já for tarde demais.”

Havia algo de cerimonial nesse último pronunciamento, enquanto ele enfiava a mão no bolso e tirava de lá uma caixinha de joias de veludo desbotado. “Daquela vez que fomos todos à feira de Esmirna, eu comprei isso para ela, para que não se aborresse comigo e me perdoasse, mas o destino não permitiu que eu lhe entregasse.” Meu pai abriu a caixa. “Ela ficava muito bem de brincos. São pérolas, de muito boa qualidade. Escondi esses brincos por muitos anos. Mas, quando eu for embora, não quero que sua mãe os encontre. Fique você com eles. Pensei bem, vão ficar muito bonitos em Sibel.”

“Meu querido pai, Sibel não é minha amante; ela vai ser minha mulher”, disse eu, olhando para a caixa que ele me entregava.

“Ora, deixe disso”, disse meu pai. “Você não precisa contar a Sibel a história por trás dos brincos; ela não precisa saber de nada. Mas, quando você a vir usando os brincos, vai se lembrar de mim. Nunca vai esquecer os pensamentos que lhe transmiti hoje. Trate essa moça de maneira perfeita... Alguns homens sempre tratam as mulheres mal, e ainda se orgulham disso. Nunca seja como eles. Que minhas palavras fiquem nas suas orelhas como os brincos estarão nas de Sibel.”

Fechou a caixa, e com um gesto à moda antiga pressionou-a em minha mão com a sua, como um paxá otomano teria pressionado uma gorjeta na mão de um inferior. “Meu rapaz”, disse ele ao garçom, “por que não traz mais rakı e um pouco de gelo? Está fazendo um lindo dia, você não acha?”, perguntou-me. “Como é bonito o jardim que eles têm aqui. Tem cheiro de primavera, com todas essas tílias.”

Precisei de mais uma hora para convencê-lo de que tinha um encontro inadiável, e que, não, não adiantava o dono ligar para a Satsat e desmarcar o compromisso do filho.

“Então foi isso que você aprendeu nos Estados Unidos”, disse ele. “Estou muito impressionado.”

Não quis recusar a meu pai sua felicidade, de maneira que tomei mais um copo de rakı, embora o tempo todo olhasse para o relógio, preocupado em não me atrasar para meu encontro com Füsün logo naquela tarde.

“Não vamos sair correndo, meu filho, vamos ficar sentados aqui mais um pouco. Veja como estamos à vontade um com o outro, uma ótima conversa entre pai e filho. Só quero mais um momento antes de você se casar e se esquecer de nós!”, disse meu pai.

“Meu querido pai”, disse eu, enquanto saíamos, “posso ver o quanto você sofreu, e nunca vou esquecer os preciosos conselhos que você me deu hoje.”

À medida que envelhecia, sempre que era tomado por uma grande emoção, os lábios de meu pai tremiam nos cantos. Ele pegou minha mão e a apertou com toda a força. Quando apertei a sua em resposta, também com força, era como se eu tivesse espremido uma esponja escondida em suas bochechas, porque de repente seus olhos ficaram cheios d’água.

Ele logo se recompôs, pediu a conta, e no caminho de casa, enquanto Çetin dirigia com tamanho cuidado que o carro mal trepidava no calçamento de pedra, acabou cochilando.

Uma vez no edifício Merhamet, não fiquei muito tempo indeciso. Depois de Füsün chegar, beijamo-nos por muito tempo, e então tirei a caixa de veludo do bolso, explicando que eu cheirava a álcool porque tinha almoçado com meu pai.

“Abra a caixa”, disse eu.

E ela abriu, com muito cuidado.

“Não são os meus brincos”, disse ela. “Estes aqui são de pérola.”

“Você gostou?”

“Onde está o *meu* brinco?”

“Desapareceu em pleno ar, e um belo dia eu olhei na minha mesinha e lá estava ele, ao lado do seu par. Pus os dois nessa caixinha de veludo para trazê-los de volta para a linda dona.”

“Não sou criança”, disse Füsün. “Estes não são os meus brincos.”

“São em espírito, meu amor — pelo menos da maneira como eu vejo.”

“Quero o meu brinco de volta.”

“Estou lhe dando esses brincos de presente”, disse eu.

“Não posso usar estes brincos... São caros demais. Todo mundo ia querer saber de onde eles surgiram...”

“Então não use. Mas não recuse o meu presente.”

“Mas é uma coisa que você está me dando no lugar do meu brinco... Se você não tivesse perdido o

brinco que deixei aqui, nunca teria me trazido este par. Não tenho como saber o que você realmente fez com ele, se perdeu de verdade.”

“Tenho certeza de que algum dia ainda vai aparecer, em alguma gaveta da minha casa.”

“Um dia...”, disse Füsün. “Com quanta facilidade você diz isso. Como você é irresponsável. Quando exatamente você espera que ele vá aparecer? Quanto tempo preciso esperar?”

“Não muito”, disse eu, esforçando-me para salvar aquele momento. “Vai ser o dia em que eu pegar o velocípede para levar à sua casa e ir jantar com os seus pais.”

“Vou ficar esperando notícias suas, então”, disse Füsün. Depois nos beijamos. “Você está fedendo a bebida.”

Mas continuei a beijá-la, e assim que começamos a nos amar esquecemos todos os nossos problemas. Quanto aos brincos que meu pai tinha comprado para sua amante, deixei-os no apartamento.

## 22. A mão de Rahmi Efendi

À medida que o dia da festa se aproximava, fiquei tão absorvido nos preparativos que não me sobrava tempo para pensar nas coisas do coração. Lembro-me de ter sondado meus amigos no clube, que eu conhecia desde a infância e cujos pais eram amigos do meu, tendo longas conversas sobre as maneiras de obter champanhe e outras bebidas “europeias” que pretendíamos servir a nossos convidados no Hilton. Quero lembrar aos visitantes que entrarem em meu museu no futuro que, naqueles dias, a importação de bebidas alcoólicas estrangeiras era limitada pelo Estado de maneira estrita, e pode-se até dizer ciumenta, e que o Estado nem sequer possuía reservas suficientes em moeda estrangeira para pagar aos importadores a quantidade permitida pelo sistema de cotas, e o resultado era que muito pouco champanhe, uísque ou na verdade qualquer bebida estrangeira entrava legalmente no país. Mas nunca havia escassez de champanhe, uísque ou cigarros americanos, pois as lojas de comestíveis finos dos bairros ricos mantinham grandes estoques de mercadorias contrabandeadas, além dos bares dos hotéis mais elegantes da cidade, assim como os milhares de vendedores que andavam pelas ruas com sacolas cheias de bilhetes de rifa de bens contrabandeados. Qualquer pessoa que organizasse um evento sofisticado via-se obrigada a oferecer bebidas “europeias”, e cabia ao dono da festa responsabilizar-se pelas provisões para o hotel. A maioria dos chefes de bar dos estabelecimentos de maior porte se conheciam e, em situações assim, recorriam uns aos outros para encaminhar algumas garrafas a mais, garantindo que as grandes ocasiões conseguissem chegar ao fim sem passar por uma escassez constrangedora. Ainda assim, era preciso cuidado, pois as colunas sociais gostavam de noticiar, no dia seguinte ao acontecimento, a quantidade de bebida alcoólica “estrangeira autêntica” que tinha sido servida, e quanto tinha sido apenas Ankara Viski.

Sempre que eu tinha um momento de folga no meio disso tudo, Sibel me ligava e saíamos para ver uma casa com uma vista invejável, ou nas colinas acima de Bebek e Arnavutköy, ou no outro bairro que na época entrava na moda, Etiler. Como ela, acabei por gostar de percorrer esses apartamentos

inacabados ainda cheirando a gesso e cimento, imaginando o quarto e a sala, tentando calcular onde o longo divã que tínhamos visto numa loja de móveis em Nişantaşı poderia ser colocado para proporcionar a vista mais bonita do Bósforo. Nas festas, à noite, Sibel não descansava dos seus cálculos diurnos, e se entregava alegremente a regalar as amigas com suas impressões sobre os bairros novos, discutindo nossos planos, a localização dos apartamentos, suas vantagens ou desvantagens; enquanto eu, sentindo-me estranhamente embaraçado, mudava de assunto, conversando com Zaim sobre futebol, o sucesso do refrigerante Meltem, ou os novos bares, clubes noturnos e restaurantes que tinham acabado de ser inaugurados para o verão. Minha felicidade secreta com Füsün deixava-me mais contido na companhia dos amigos, e cada vez mais eu preferia ficar de fora, só observando a movimentação. O sofrimento me consumia aos poucos, embora naquele momento eu não conseguisse percebê-lo com clareza, reconhecendo-o apenas agora, tantos anos mais tarde, enquanto conto esta história. Na época, sabia apenas que ficara mais “calado”, como os outros também percebiam.

“Você anda muito pensativo ultimamente”, disse Sibel no final de uma noite, quando eu a levava para casa de carro.

“É mesmo?”

“Faz mais de meia hora que não trocamos uma palavra.”

“O almoço que tive com meu pai uns dias atrás... não me sai da cabeça. Ele até pode negar, mas para mim sou como um homem que se prepara para a morte.”

Na sexta-feira 6 de junho, oito dias antes da festa de noivado e nove dias antes do vestibular de Füsün, meu pai, meu irmão e eu fomos com Çetin no Chevrolet a uma casa entre Beyoğlu e Tophane, logo abaixo do Hamam de Çukurcuma, para apresentar nossas condolências. O falecido, antigo empregado da Malatya, trabalhava com meu pai desde que ele começara seus negócios. Aquele homem gentil e corpulento fazia parte da família da empresa, e vinha cumprindo tarefas variadas para ela desde que eu me entendia por gente. Usava uma mão mecânica, pois a verdadeira fora esmagada por uma máquina na fábrica. Meu pai, que gostava muito daquele homem trabalhador, decidira transferi-lo para o escritório, e foi lá que o conhecemos. No começo, meu irmão e eu ficávamos aterrorizados com a mão artificial, mas, graças ao grande sorriso e à infalível gentileza de Rahmi Efendi para conosco, com o tempo ele transformou aquela mão em brinquedo para nós. Certa vez, lembro-me de Rahmi Efendi entrando numa sala vazia, tirando a mão artificial, e estendendo seu tapete de oração; em seguida se ajoelhou para fazer suas preces.

Rahmi Efendi tinha dois filhos altos e fortes tão bondosos quanto ele. Ambos vieram beijar a mão de meu pai. Sua mulher ainda viçosa, rosada mas um tanto cansada, começou a chorar quando viu meu pai, enxugando as lágrimas com as pontas do lenço que lhe cobria a cabeça. Enquanto ele a consolava com uma sinceridade que nem meu irmão nem eu jamais poderíamos igualar, abraçando os dois filhos e beijando-os no rosto, ele conseguiu, em pouco tempo, fazer com que todos os demais presentes se sentissem como se compartilhassem uma única alma, o mesmo coração. Ao mesmo tempo, entretanto, meu irmão e eu fomos tomados por uma crise de culpa, ele falando num tom didático e eu incapaz de controlar minhas lembranças.

Em momentos como esse, o que importa não são nossas palavras, mas nossa postura, não a

magnitude ou a elegância da nossa dor, mas o ponto a que conseguimos chegar na expressão do nosso companheirismo com aqueles que nos cercam. Às vezes acho que nosso apego ao cigarro não se deve na verdade à nicotina, e sim à capacidade que ele tem de preencher um vazio sem sentido e proporcionar-nos um modo fácil de nos sentirmos como se alguma coisa que fazemos tivesse um propósito. Meu pai, meu irmão e eu tiramos um cigarro cada um do maço de Maltepes que nos foi estendido pelo filho mais velho do falecido, e, depois que todos foram acesos com o mesmo fósforo que o adolescente nos apresentou com um gesto habilidoso, seguiu-se um estranho momento em que nós três cruzamos as pernas e nos dedicamos a baforadas sincronizadas, como se participássemos de um ritual de suprema importância.

Um tapete kilim estava preso à parede, da maneira como os europeus penduram quadros. Deve ter sido o sabor pouco familiar do Maltepes que me fez ter a ilusão de que cultivava pensamentos profundos. A coisa mais importante da vida é a felicidade. Algumas pessoas são felizes, outras não. Claro que a maioria das pessoas fica em algum ponto intermediário. Eu próprio me sentia muito feliz naqueles dias, mas não queria admitir. Agora, tantos anos mais tarde, acho que a melhor maneira de preservar a felicidade pode ser deixar de admiti-la. E naquele momento eu a ignorava não porque quisesse protegê-la, mas antes por medo do grande sofrimento que já se aproximava a galope, por medo de perder Füsün. Era isso que me deixava tão sensível e calado?

Enquanto corria os olhos por aquela sala pequena, despojada mas imaculada (havia um lindo barômetro do tipo tão em moda na década de 1950, e uma obra de caligrafia lindamente executada e emoldurada com os dizeres Bismallah), houve um momento em que achei que ia somar meu pranto ao da mulher de Rahmi Efendi. Em cima da televisão ficava um pano bordado, e em cima deste um cachorro de louça. O cachorro também parecia à beira das lágrimas. Ainda assim, lembro-me do consolo que senti ao ver aquele cachorro, e de Füsün.

## 23. O silêncio

À medida que se aproximava o dia da minha festa de noivado, os silêncios entre mim e Füsün tornavam-se mais longos e mais profundos, e embora nos encontrássemos todo dia por pelo menos duas horas, amando-nos com uma paixão cada vez maior, esses silêncios infiltraram-se em nós como um veneno.

“Minha mãe recebeu um convite para a festa de noivado”, contou ela. “Ficou muito satisfeita, e meu pai disse que precisamos ir, e querem que eu também vá. Graças a Deus o exame da universidade é no dia seguinte, e não preciso fingir que adoeci para ficar em casa.”

“Foi minha mãe que mandou o convite”, disse eu. “Mas você não pode vir de maneira nenhuma. Nem eu mesmo estou querendo ir.”

Eu esperava que Füsün me respondesse dizendo “Então não vá!”, mas ela não disse nada. À medida que se aproximava o dia da festa de noivado, nós nos abraçávamos com mais força, e até suávamos mais profusamente, enlaçando os braços e pernas, à maneira de antigos amantes que, quando se reencontram, sentem a ânsia de não deixar sequer o mínimo espaço entre os dois; e então

ficávamos deitados ali, imóveis e em silêncio, enquanto víamos as cortinas de tule entrando pela porta, agitadas pela brisa.

Até o dia da festa de noivado, encontramos-nos todos os dias à mesma hora no edifício Merhamet. Nunca falávamos da nossa difícil situação, do noivado, do que aconteceria depois, evitando instintivamente qualquer assunto que pudesse evocar esses problemas. Mas nosso esforço às vezes provocava imensos silêncios. Ficávamos escutando os gritos e os palavrões dos meninos que jogavam futebol do lado de fora. Embora nos primeiros dias não conversássemos sobre o que seria de nós, ainda assim tagarelávamos alegremente sobre nossos parentes em comum, os homens perversos e os mexericos do dia a dia de Nişantaşı. Agora estávamos tristes ao ver que nossos dias despreocupados tinham terminado tão depressa. Sentíamos a perda, uma espécie de sofrimento mudo. Mas aquela dor tão desagradável não nos afastava um do outro — estranhamente, aproximava-nos ainda mais.

Às vezes eu me surpreendia pensando que poderia continuar a ver Füsün depois do noivado. Aquele paraíso, em que tudo continuaria como antes, foi se desenvolvendo pouco a pouco a partir de uma fantasia (digamos um sonho), acabando por se transformar numa hipótese razoável. Se ela e eu conseguíamos ser tão apaixonados e tão generosos quando nos amávamos, não era possível que ela me deixasse, ou pelo menos era o que eu achava. Na verdade, quem falava assim era o meu coração, e não a minha razão. Eram pensamentos que eu ocultava até de mim mesmo. Mas com uma parte da minha mente prestava muita atenção a cada palavra ou gesto de Füsün, esperava que algum deles pudesse revelar-me o que estava pensando. Como Füsün percebia perfeitamente esse escrutínio, não dava nenhum sinal externo, de maneira que o silêncio crescia ainda mais. Ao mesmo tempo ela me observava o tempo todo, fazendo seus próprios cálculos desesperados. Às vezes nos entreolhávamos como espíões, tentando desvendar os segredos um do outro. Aqui exponho as calcinhas brancas de Füsün com suas meias brancas de menina e seus tênis brancos sujos, sem comentário, para evocar nossos momentos de silêncio tristonho.

O dia da festa de noivado chegou depressa, e nenhuma das conjecturas se confirmou. No dia, surgiu uma crise relacionada ao fornecimento de champanhe e uísque (um dos fornecedores se recusou a entregar as garrafas sem receber adiantado em dinheiro), e após a solucionar fui até Taksim para comer um hambúrguer com *ayran* na Atlantic, minha lanchonete favorita desde menino. Depois entrei no barbeiro que me atendia na infância, Cevat, o Tagarela. No fim dos anos 1960, Cevat transferira sua barbearia de Nişantaşı para Beyoğlu, o que fez com que meu pai e todos nós nos transferíssemos para outro barbeiro de Nişantaşı chamado Basri, mas, sempre que eu passava pelas redondezas e queria me divertir, ia à barbearia de Cevat, um pouco abaixo da mesquita Ağa, para fazer a barba. Cevat ficou felicíssimo de saber que era o dia do meu noivado e decidiu que daria o “tratamento do noivo”, sem poupar nenhum luxo, usando espuma de barbear importada e uma loção que me garantiu que não tinha perfume, aplicadas com a maior atenção em cada pelo e folículo. Voltei a pé até Nişantaşı, direto para o edifício Merhamet.

Füsün chegou à hora de sempre. Alguns dias antes, eu tinha murmurado que seria melhor não nos encontrarmos no sábado, pois seu exame era no dia seguinte, mas depois de estudar tanto ela queria dar um descanso à sua cabeça. Afinal, faltara dois dias ao trabalho na boutique şanzelize a pretexto do estudo para o seu exame. A primeira coisa que ela fez depois de entrar foi sentar-se à mesa e

acender um cigarro.

“Penso tanto em você que não sobra espaço para a matemática na minha cabeça”, disse ela, rindo de si mesma, como se o que tinha dito não significasse nada, como se fosse alguma frase feita tirada de um filme, mas depois ficou muito vermelha.

Se não tivesse enrubescido tão profundamente, revelando assim tanto sofrimento, eu teria aceito seu comentário como uma brincadeira. Teríamos agido como se não tivesse ocorrido a nenhum dos dois que estávamos no dia da minha festa de noivado. Mas não foi assim. Uma dor avassaladora e intolerável abateu-se com tamanho peso sobre nós dois que não havia quantidade de riso ou conversa que pudesse nos distrair e trazer algum alívio; entendemos que nem compartilhado aquele sofrimento ficaria mais leve, e que a única saída era o amor. Mas a melancolia inibiu nosso amor físico e finalmente o interrompeu. Em certo ponto Füsun ficou estendida na cama, como se fosse uma paciente prestando atenção à sua doença, observando as nuvens lastimosas que atravessavam o céu. Estendi-me ao lado dela e também fiquei olhando para o teto. Os meninos que jogavam futebol do lado de fora estavam quietos, e só ouvíamos a bola sendo chutada. Então os passarinhos pararam de cantar, até que não restou mais nada a ouvir. E aí, à distância, um navio apitou, e depois mais outro.

Dividimos um uísque num copo que no passado pertencera a Ethem Kemal — meu avô, que fora o segundo marido de sua bisavó — e começamos a nos beijar. No momento em que escrevo estas palavras, devia tomar o cuidado de não perturbar indevidamente as almas preocupadas que se interessaram pela minha história, pois um romance não precisa transbordar de dor só porque seus heróis estão sofrendo. Como sempre, ficamos remexendo nas coisas reunidas naquele quarto — vestidos e chapéus descartados da minha mãe, e antigos bibelôs. Como sempre, beijávamo-nos com elegância, tendo nos aperfeiçoado bastante nessa arte. Em vez de provocar a melancolia do leitor, prefiro dizer que a boca de Füsun me parecia dissolver-se na minha. À medida que nossos beijos ganhavam maior duração, uma poça doce de saliva quente acumulava-se na grande caverna formada pela soma das nossas bocas, e às vezes um pouco escapava e nos corria pelos queixos, enquanto diante de nossos olhos começava a tomar forma o tipo de paisagem de sonho que é privilégio da esperança infantil — e tínhamos a impressão de contemplá-la através de um caleidoscópio. De tempos em tempos, um de nós, como uma ave faminta que pegasse um figo no bico, sugava o lábio superior ou inferior do outro, como se quisesse engoli-lo, mordiscando o lábio capturado como se dissesse: “Agora você está em meu poder!” e, depois dessa aventura dos lábios, e do *frisson* de ter estado à mercê do outro, e de despertar, naquele momento, para a possibilidade de uma entrega completa, não só dos lábios mas de todo o corpo ao outro, reconhecíamos que o abismo entre a compaixão e a entrega é a região mais obscura e profunda do amor.

Depois do amor, nós dois adormecemos. Quando uma brisa doce entrou pela varanda, levantando as cortinas de tule e deixando-as cair como um véu de seda sobre nossos rostos, ambos despertamos sobressaltados.

“Sonhei que estava num campo de girassóis”, disse Füsun. “E os girassóis balançavam ao vento de um modo estranho. Por algum motivo, fiquei com medo. Queria gritar, mas não consegui.”

“Não tenha medo”, disse eu. “Estou aqui.”

Não vou contar como foi nossa despedida, de que maneira nos vestimos e saímos pela porta. Depois de dizer a ela que mantivesse a calma durante o exame, de lembrar-lhe que não esquecesse seu cartão de inscrição e de garantir que tudo haveria de dar certo, e que sem dúvida ela conseguiria a nota de que precisava, eu lhe disse o que vinha repetindo em minha mente havia já vários dias, milhares de vezes, tentando dar-lhe a expressão mais natural possível.

“Vamos nos encontrar amanhã na mesma hora, está bem?”

E, desviando os olhos, Füsün disse: “Certo”.

Fiquei olhando amorosamente para ela enquanto se afastava, e na mesma hora tive certeza de que a festa de noivado seria um grande sucesso.

## 24. A festa de noivado

Estes cartões-postais do Hilton de Istambul foram adquiridos uns vinte anos depois dos acontecimentos que descrevo; alguns deles consegui percorrendo pequenos museus e lojas de bricabraque na cidade e em pontos da Europa, outros negocieei com os principais colecionadores de Istambul no processo de criação do Museu da Inocência. Quando, depois de uma prolongada transação com o notoriamente neurótico colecionador Halit Bey, o Inválido, consegui adquirir um destes cartões-postais mostrando a fachada modernista do hotel em estilo internacional, e obtive permissão para tocá-lo, lembrei-me não só da noite de minha festa de noivado como de toda a minha infância. Quando tinha dez anos, meus pais compareceram à inauguração do hotel, acontecimento muito importante para eles e para toda a sociedade de Istambul, e também para um ator de cinema americano há muito esquecido, Terry Moore. Era possível ver o hotel novo da nossa casa, e, embora num primeiro momento parecesse estranho demais contra a silhueta velha e cansada de Istambul, durante os anos que se seguiram meus pais se acostumaram, e iam até lá sempre que podiam. Os representantes das empresas estrangeiras para as quais meu pai vendia — todos, sem exceção, interessavam-se pelas danças “orientais” — hospedavam-se invariavelmente no Hilton. Nas noites de domingo, quando podíamos sair em família para comer aquela invenção extraordinária chamada hambúrguer, iguaria na época servida por nenhum outro restaurante da Turquia, meu irmão e eu ficávamos hipnotizados pelos uniformes cor de romã com cordões dourados e dragonas reluzentes do porteiro, com seu imenso bigode torcido. Naqueles anos, tantas inovações ocidentais manifestavam-se pela primeira vez naquele hotel, onde os maiores jornais mantinham repórteres de plantão. Se um dos conjuntos favoritos da minha mãe se manchasse, ela mandava para ser lavado a seco no Hilton, e gostava de tomar chá com suas amigas na confeitaria do saguão do hotel. Vários de meus amigos e parentes realizaram seus casamentos no imenso salão de baile do térreo. Quando ficou claro que a casa dilapidada de meus futuros sogros em Anadoluhisarı não era adequada para a festa de noivado, o Hilton foi a primeira escolha de todos. E com mais uma distinção: o Hilton, desde que foi inaugurado, era um dos poucos estabelecimentos civilizados da Turquia onde um cavalheiro abonado e uma senhora corajosa podiam obter um quarto sem que lhes pedissem certidão de casamento.

Ainda havia muito tempo de sobra quando Çetin Efendi deixou a mim e a meus pais junto à entrada da porta giratória, encimada por uma cúpula na forma de um tapete voador.

“Ainda temos meia hora”, disse meu pai, que sempre ficava animado no momento em que punha os pés naquele hotel. “Vamos até ali tomar alguma coisa.”

Depois que escolhemos um canto do saguão com uma boa visão da entrada, meu pai cumprimentou o garçom idoso, que o reconheceu, e pediu “rakis rápidos” para os homens e um chá para minha mãe. Ficamos observando os grupos de pessoas e — à medida que se aproximava a hora marcada — a chegada dos nossos convidados, e trocando lembranças dos velhos tempos. Conhecidos, parentes curiosos e outros convidados da festa desfilavam bem à nossa frente um a um em suas roupas elegantes, mas a folhagem densa de um ciclâmen num vaso nos protegia das suas vistas.

“Aaah, olhe como a filha de Rezzan cresceu, é tão bonitinha”, disse minha mãe. “Deviam proibir a minissaia para as pessoas que não têm as pernas certas”, disse ela, franzindo o cenho diante de outra convidada. Depois: “Não fomos nós que instalamos a família Pamuk tão no fundo!”, disse em resposta a uma pergunta do meu pai, ao que apontou outros convidados: “Olhe o que aconteceu com Fazıla Hanım. Era tão bonita, mas não sobrou nada da antiga beleza. Ah, deviam tê-la deixado em casa, preferia não ter visto a pobre mulher nesse estado... Essas mulheres de cabeça coberta devem ser parentes da mãe de Sibel... Eu não queria convidar Hicabi Bey depois que ele deixou aquela flor de esposa e as crianças para se casar com aquela mulher grossa. Vou dar uma bronca em Nevzat, o cabeleireiro — o sem-vergonha fez em Zümürüt exatamente o mesmo penteado que fez em mim. Quem são essas pessoas? Olhe só o nariz daqueles dois — meu Deus, parecem raposas!... Você trouxe algum dinheiro, meu filho?”

“Para quê?”, perguntou meu pai.

“Do jeito que ele chegou correndo em casa, mudando de roupa como se estivesse simplesmente saindo para o clube, e não vindo para a festa do noivado dele... Kemal, meu querido, verifique, você se lembrou de trazer a carteira?”

“Lembrei.”

“Ótimo. Fique com as costas retas quando andar, está bem? Todo mundo vai estar olhando para você... Vamos, chegou nossa hora de ir.”

Meu pai fez um gesto para o garçom pedindo que lhe trouxesse só mais um rakı, e depois de me olhar nos olhos e de avaliar minha necessidade repetiu o gesto, dessa vez apontando para mim.

“Ora, você não está exagerando?”, perguntou minha mãe ao meu pai. “Achei que tinha se recuperado dessa tristeza em que andava enrolado como se fosse um velho casaco.”

“Não posso beber e me divertir na festa de noivado do meu filho?”

“Ah, como ela está linda!”, disse minha mãe quando viu Sibel. “E o vestido é maravilhoso; as pérolas ficaram perfeitas. Mas essa moça é uma criatura tão esplêndida que qualquer coisa ficaria maravilhosa nela. Que visão encantadora, como o vestido ficou elegante nela, vocês não acham? Meu filho, você faz alguma ideia da sorte que tem?”

Sibel cumprimentava duas amigas que tinham passado por nós minutos antes. As moças tomavam o mais escrupuloso cuidado com os cigarros finos de filtro que tinham acabado de acender, fazendo

um esforço exagerado para não prejudicar o penteado, a maquiagem ou os vestidos umas das outras; seus adoráveis lábios muito vermelhos não encostavam em nada quando trocavam beijinhos, rindo enquanto se examinavam mutuamente e mostravam os colares e pulseiras que raras vezes saíam das caixas.

“Qualquer pessoa inteligente sabe que a vida é linda e que tem por finalidade a felicidade”, disse meu pai enquanto observava as três beldades. “Mas parece que só os idiotas conseguem ser felizes. Como é que se explica uma coisa dessas?”

“Aqui estamos nós, num dos melhores dias da vida do rapaz, e por que você fica dizendo essas bobagens, Mümtaz?”, perguntou minha mãe. Virou-se para mim: “Vá logo, meu filho, o que você está esperando? Vá se encontrar com Sibel. Passe o maior tempo possível ao lado dela, dividindo sua alegria!”.

Pousei meu copo e, assim que saí de trás da planta e me encaminhei na direção de Sibel, vi seu rosto iluminar-se. “Onde você estava?”, perguntei enquanto a beijava.

Depois que Sibel me apresentou às suas amigas, ambos nos viramos para olhar na direção da porta giratória.

“Você está tão linda, meu amor”, murmurei em seu ouvido. “Ninguém nem chega perto.”

“E você está muito bonito... Mas não vamos ficar parados aqui.”

Ainda assim foi lá que ficamos, e não por insistência minha. À medida que mais gente chegava ao hotel — amigos e desconhecidos, convidados e um punhado de turistas bem-vestidos —, as cabeças sempre se viravam para olhar para nós, e Sibel gostava de ser o centro da atenção e da admiração de todos.

É só agora, tantos anos depois, quando me lembro de cada pessoa que passou por aquela porta giratória, que percebo como era insular e íntimo aquele círculo das famílias ricas e ocidentalizadas, e como todos conhecíamos bem as vidas de todos os outros. Havia o filho da família Halis, que conhecíamos desde os dias em que nossa mãe nos levava ao parque Maçka para brincar com baldes e pás, e cuja fortuna da família em azeite e sabão de Ayvalık não o impedira de se casar com uma mulher com o mesmo queixo proeminente de todas as pessoas de seu clã (“cruzamentos em família”, insinuava minha mãe). Lá estava Kadri, o Crivo, amigo do meu pai dos tempos do Exército, e meu dos jogos de futebol, antigo goleiro e hoje vendedor de automóveis, chegando com suas filhas, todas resplandcentes com seus brincos, pulseiras, colares e anéis... O filho de um ex-presidente, com o pescoço grosso, que entrara para os negócios e manchara o bom nome com a corrupção, acompanhado da elegante esposa... E o dr. Barbut, que extraíra as amígdalas de todo membro da sociedade de Istambul na época em que a operação esteve na moda — não fui só eu, mas centenas de outras crianças também, que entravam em pânico à mera visão de sua maleta e de seu sobretudo de pelo de camelo...

“Sibel ainda tem as amígdalas”, disse eu, quando o médico me deu um abraço caloroso.

“Bem, nos dias de hoje a medicina moderna tem meios mais modernos de produzir cicatrizes nas moças bonitas e reduzi-las à submissão”, disse o médico, repetindo uma das mais antigas piadas do seu repertório enquanto me piscava um olho.

Quando Harun Bey, o bem-apegoado representante da Siemens na Turquia, passou por nós, temi

que minha mãe ficasse aborrecida ao vê-lo. Ela considerava aquele homem sereno e maduro “um palerma, uma vergonha”, pois, indiferente a toda gritaria de “Escândalo! Desastre!”, ele se casara pela terceira vez com a filha de sua segunda mulher (noutras palavras, sua enteada). Com seus modos tranquilos e seu sorriso gentil, acabara sendo aceito de novo no rebanho, embora ainda precisasse suportar um ou outro olhar mais duro. Depois vinham Cüneyt Bey com sua mulher, Feyzan. Cüneyt Bey comprara por quase nada as fábricas e outras propriedades dos gregos e judeus que tinham sido mandados para os campos de trabalhos forçados quando não podiam pagar a “taxa sobre a riqueza” imposta às minorias durante a Segunda Guerra Mundial. Embora essa transformação da noite para o dia de agiota em industrial ofendesse meu pai, era mais por motivo de inveja que por sentido de justiça, e ele era um amigo apreciado. Seu filho mais velho, Alptekin, tinha sido meu colega de turma na escola primária, e, quando descobrimos que sua filha mais nova, Asena, tinha sido colega de turma de Sibel, ficamos todos tão satisfeitos que concordamos que precisávamos nos encontrar muito em breve.

“Você não acha que agora deveríamos descer?”, perguntei.

“Você está muito bonito, mas precisa aprender a ficar com as costas retas”, disse Sibel, sem saber que copiava as palavras da minha mãe.

Nosso cozinheiro, Bekri Efendi, Fatma Hanım, Saim Efendi, o porteiro, e sua mulher e filhos entraram pela porta giratória, um atrás do outro, todos muito retraídos em suas melhores roupas, e cada um por sua vez apertou a mão de Sibel. Fatma Hanım e a mulher de Saim Efendi, Macide, tinham pegado os lenços de seda elegantes que minha mãe lhes trouxera de Paris e usavam como lenços de cabeça tradicionais. Seus filhos gorduchos estavam todos de terno e gravata e, embora não ficassem olhando para ela o tempo todo, não tinham como esconder sua admiração por Sibel. Depois disso, vimos o amigo de meu pai, Fasih Fahir, com sua mulher, Zarife. Meu pai ficava contrariado por seu querido amigo pertencer à maçonaria, e em casa reclamava daquela rede clandestina de “influência e privilégio” que se infiltrava no mundo dos negócios, estalando a língua cada vez que percorria a lista de maçons turcos publicada pelas editoras antissemíticas; mas, sempre que Fasih era esperado em nossa casa, meu pai escondia todos os livros com nomes como *Dentro da maçonaria* e *Fui um maçom*, que tanto o deixavam fascinado.

Logo atrás dele estava uma mulher conhecida por todos na sociedade, que à primeira vista confundi com uma de nossas convidadas: şermin Deluxe, a única cafetina de Istambul (e talvez de todo o mundo islâmico). Em torno de seu pescoço via-se o lenço roxo que era sua marca registrada (pois escondia a cicatriz de um ferimento à faca, e jamais podia tirá-lo) e a seu lado, em saltos impossivelmente altos, vinha uma das suas lindas “meninas”. Entrando no hotel como se fossem hóspedes, rumaram diretamente para a confeitaria. E lá estava com seus óculos o estranho Faruk, o Rato (quando crianças costumávamos frequentar os aniversários um do outro, porque nossas mães eram amigas), e mais além, atrás dele, os irmãos Maruf, antigos companheiros meus de brincadeiras, pois nossas babás eram amigas. A família deles, que Sibel conhecia bem do clube Cercle d’Orient, fizera fortuna com o tabaco.

O idoso e rotundo ex-ministro do Exterior, Melikhan, que apresentaria nossas alianças, entrou pela porta giratória com meu futuro sogro e, como conhecia Sibel desde criança, envolveu-a com os

braços e deu-lhe um beijo. Examinou-me e virou-se de volta para ela.

“Estou muito feliz por você!”, disse ele. “E ele é bonito! Parabéns, meu rapaz”, disse, e deu-me um aperto de mão.

As amigas de Sibel, todas sorrisos, aproximaram-se de nós. O ex-ministro assumiu um ar de playboy, cobrindo-as de elogios extravagantes por seus vestidos, suas joias e seus cabelos penteados para cima, com o ar de ironia que era privilégio dos velhos favorecidos, e depois de beijar cada uma delas no rosto dirigiu-se para o salão, como se nunca tivesse estado tão satisfeito consigo mesmo.

“Jamais gostei desse desgraçado”, disse meu pai, descendo as escadas.

“Pelo amor de Deus, pare com isso!”, disse minha mãe. “E cuidado com os degraus.”

“Estou enxergando perfeitamente”, disse meu pai. “Ainda não fiquei cego, graças a Deus.” Quando ele vislumbrou a vista que se tinha do jardim — o palácio de Dolmabahçe e, por trás dele, o Bósforo, Üsküdar e a torre de Leandro — além da multidão de alegres convidados, animou-se muito. Eu o peguei pelo braço e, enquanto andávamos em meio aos garçons que serviam canapés coloridos, começamos o longo processo de cumprimentar nossos convidados, oferecendo a cada um beijos no rosto e um tempo adequado de conversa sem maior seriedade.

“Como o senhor deve estar orgulhoso do seu filho, Mümtaz Bey. Ele é idêntico ao senhor na idade dele... Até parece que estou olhando para o senhor quando era jovem.”

“Ainda sou jovem, minha senhora”, respondeu meu pai. “Mas infelizmente não a estou reconhecendo...” Então virou-se para mim: “Você se importaria de me soltar?”, murmurou gentilmente. “Está segurando meu braço com força demais, e não estou manco”.

Afastei-me dali discretamente. O jardim cintilava de belas jovens. A maioria usava os sapatos altos da moda, com o bico aberto, e imaginei o cuidado alegre e expectante com que deviam ter pintado as unhas dos pés de vermelho-bombeiro. Embora usassem vestidos sem mangas ou de costas nuas com decotes profundos, alegrei-me ao ver como pareciam mais à vontade naqueles trajes do que com suas minissaias habituais. Como Sibel, cada uma trazia uma pequena bolsa brilhante com fecho de metal.

Em algum momento, mais tarde, Sibel me pegou pela mão e apresentou-me a um grande número de parentes, amigos de infância, colegas de turma e outros conhecidos de que eu jamais ouvira falar.

“Kemal, queria apresentá-lo a um querido amigo” ou “a uma querida amiga”, dizia ela a cada vez, com o rosto radiante, e em seguida elogiava aquela pessoa num tom que, apesar de toda a sinceridade feliz, ainda assim denunciava o peso da obrigação. A felicidade era porque a vida tomara o rumo que ela almejava, exatamente como tinha planejado. Empregara tanto esforço na colocação perfeita de cada pérola de seu vestido, certificara-se de que cada prega e cada ondulação estava em harmonia impecável com cada curva de seu corpo e, agora que a noite se desdobrava tão suavemente, supunha que poderia ingressar com a mesma suavidade num futuro feliz. Era por isso que Sibel tratava cada momento que passava, cada novo rosto, como uma causa renovada de júbilo. De tempos em tempos encostava-se em mim, e com uma atenção maternal usava o polegar e o indicador para remover um fio de cabelo ou um cisco imaginário de meus ombros.

Sempre que havia uma pausa nos cumprimentos e nos gracejos, eu levantava a cabeça para passar em revista os convidados e os garçons que circulavam entre eles com as bandejas de canapés, e

percebia pelo nível de riso e pelo volume da conversa que as bebidas estavam começando a deixá-los relaxados. Todas as mulheres estavam lindamente maquiadas e extravagantemente vestidas. Em seus vestidos finos, acinturados e sem mangas, parecia que dali a pouco começariam a sentir frio, enquanto os homens pareciam amarrados em seus elegantes ternos brancos, abotoados até o alto — como meninos em suas melhores roupas de festa que já tinham ficado pequenas — e gravatas muito coloridas para os padrões turcos, macaqueando as gravatas largas, gritantes e estampadas à moda “hippie” que tanto estiveram em moda três ou quatro anos antes. Ficou claro que muitos homens ricos de meia-idade nunca tinham ouvido falar, ou recusavam-se a crer, que o sucesso das costeletas grandes, dos saltos carrapeta e dos cabelos compridos já tinha passado. O efeito daquelas costeletas, agora ultrapassadas mas conservadas em deferência à moda, com os bigodes negros mais tradicionais, escurecia muito o rosto dos homens. Enquanto os aromas de loção pós-barba e brilhantina (aplicada com especial fartura nos cabelos já escassos dos homens de mais de quarenta anos), dos perfumes fortes das mulheres, das nuvens de fumaça de cigarro para as quais todos contribuía, mais por hábito que por prazer, do óleo de fritura vindo das cozinhas, enquanto essa confluência de cheiros vultava na brisa da primavera, lembrei-me das festas dos meus pais da minha infância. Mesmo a música de elevador que a orquestra Folhas de Prata tocava, meio ironicamente, para criar a atmosfera da festa, sussurrava para mim que eu era feliz.

A essa altura os convidados, especialmente os mais idosos, tinham se cansado de ficar de pé, e os mais esfaimados já saíam à procura de suas mesas, com as crianças abrindo caminho à frente (“Vovó! Achei nosso lugar!”, “Onde? Espere, não corra tanto, você vai cair”). Nesse exato momento, o ex-ministro surgiu por trás de mim e me pegou pelo braço. Com seu consumado talento diplomático, puxou-me de lado para lembrar que conhecia Sibel desde que era criança, e para me convencer, com um longo discurso, do quanto ela era requintada e elegante e de como os pais dela eram pessoas encantadoras e cultas, ilustrando cada uma dessas afirmações com exemplos que buscava em suas mais preciosas memórias.

“Famílias antigas e sofisticadas como a deles estão escasseando nos dias de hoje, Kemal Bey”, disse ele. “Você está no mundo dos negócios, de maneira que sabe melhor do que eu que vêm sendo substituídas por *nouveaux riches* sem modos, e provincianos com as mulheres e as filhas de cabeça coberta. Outro dia mesmo vi um homem que caminhava com duas mulheres atrás dele, vestidas de negro da cabeça aos pés, como árabes. Ele as levava para tomar sorvete em Beyoğlu... Então me diga, está preparado para se casar com essa jovem e fazê-la feliz pelo resto da vida?”

“Sim, senhor”, disse eu. Não pude deixar de perceber que o ex-ministro ficou decepcionado ante a ausência de maior animação na minha voz.

“Compromissos não se quebram. O que significa que o nome dessa jovem estará ligado ao seu até o fim das suas vidas. Já pensou seriamente nisso?”

Os convidados acorriam e formavam um círculo em torno de nós dois.

“Pensei.”

“Pois muito bem, então vamos cuidar desse noivado para podermos comer. Se quiser tomar seu lugar...”

Percebi que ele não simpatizara comigo, mas isso não afetou minha animação. O ex-ministro

começou a cerimônia contando para os convidados uma história do seu tempo de soldado. Ele, a exemplo da própria Turquia, era muito pobre quarenta anos antes, e contou, com emoção genuína, como ele e sua saudosa esposa tinham ficado noivos sem fanfarras nem cerimônia. Declarou seu extremo respeito por Sibel e sua família. Não havia muito humor no que disse, mas mesmo os garçons que se retiraram para os lados com suas bandejas sorriam como se ouvissem uma história divertida. Quando Hülya, a doce e dentuça menina de dez anos que Sibel amava (e que era totalmente fascinada por ela), avançou trazendo a bandeja de prata com as alianças que exponho aqui, todos fizeram silêncio. Sibel e eu estávamos tão nervosos, e o ex-ministro, tão confuso, que tivemos certa dificuldade para concluir qual aliança era de quem. Mas a essa altura os convidados estavam preparados para rir, e assim, quando alguém gritou “Não nesse dedo, é na outra mão”, uma gargalhada geral circulou entre os presentes, até as alianças finalmente encontrarem seu lugar certo e, então, o ex-ministro do Exterior cortou finalmente a fita que as unia, sob uma onda espontânea de aplausos que soou como um bando de pombos levantando voo. Muito embora eu tivesse me preparado para isso, a visão de tanta gente que eu conhecera a vida inteira batendo palmas e sorrindo calorosamente para nós deixou-me tonto como uma criança. Mas não foi isso que fez meu coração disparar.

Nas últimas filas dos convidados, de pé ao lado de sua mãe e do seu pai, eu vi Füsün. Uma onda de felicidade rebentou em mim. Quando beijei o rosto de Sibel, quando minha mãe aproximou-se de nós e eu a abracei, e depois meu pai e meu irmão, percebi que tinha sido aquilo que me deixara tão alegre, embora eu ainda me considerasse capaz de escondê-lo, não só dos convidados como ainda de mim mesmo. Nossa mesa ficava bem à beira da pista de dança. Pouco antes de nos sentarmos vi Füsün sentada com seus pais bem ao fundo, ao lado da mesa destinada aos empregados da Satsat.

“Vocês dois estão com um ar tão feliz”, disse Berrin, a mulher do meu irmão.

“Mas nós também estamos muito cansados”, disse Sibel. “Se isso é o que acontece numa festa de noivado, imagine como estaremos cansados na festa de casamento.”

“Mas você estará muito feliz nesse dia”, disse Berrin.

“E como você define a felicidade, Berrin?”, perguntei.

“Meu Deus, que pergunta”, respondeu ela, e reagiu como se refletisse sobre sua própria felicidade, mas, como até mesmo uma brincadeira sobre aquilo lhe provocava algum desconforto, sorriu encabulada. Em meio à balbúrdia das conversas simultâneas, das vozes dos convidados, de gritos ocasionais e do tinido de facas e garfos, além de trechos de música, ambos ouvimos a voz alta e aguda de meu irmão regalando alguém com uma história.

“Família, filhos e boa companhia”, disse Berrin. “Mesmo que você não seja muito feliz” — e aqui indicou meu irmão com os olhos —, “mesmo que esteja tendo o pior de todos os seus dias, você vive como se estivesse feliz. Todo o sofrimento desaparece quando você está cercado pela família. Vocês deviam ter filhos logo. Tenham muitos filhos, como os camponeses.”

“O que está acontecendo aqui?”, perguntou meu irmão, juntando-se a nós. “Contem sobre o que vocês estão falando.”

“Estou dizendo a eles para terem filhos”, disse Berrin. “Quantos eles deviam ter?”

Ninguém estava olhando, então virei meu meio copo de rakı de um trago.

Um pouco mais tarde, Berrin sussurrou no meu ouvido: “Aquele homem na ponta da mesa e aquela linda moça ao lado dele, quem são?”.

“É Nurcihan, grande amiga de Sibel desde os tempos do liceu — elas foram juntas para a França. Sibel reservou um lugar para ela ao lado do meu amigo Mehmet, na esperança de provocar alguma coisa.”

“Até agora não parece muito promissor!”, disse Berrin.

Sibel sentia uma mescla de admiração e piedade por sua amiga Nurcihan. Quando estudavam em Paris, Nurcihan passou por vários casos amorosos, que teve a coragem de consumir, chegando até a morar com alguns desses homens (Sibel me contara essas histórias em tom de inveja), e conseguindo manter sua vida em segredo de seus pais ricos em Istambul; mas com o tempo essas aventuras a deixaram triste e esgotada, de maneira que agora, sob a influência de Sibel, vinha planejando um retorno a Istambul. “Mas por motivos óbvios”, acrescentei, depois de contar tudo isso a Berrin, “precisa se apaixonar por alguém capaz de lhe dar valor, alguém que seja do nível dela e não fique abalado com seu passado francês, com seus antigos amantes.”

“Bom, se você quer a minha opinião, isso não vai acontecer hoje à noite”, sussurrou ela em resposta. “Que tipo de negócio tem a família de Mehmet?”

“Eles têm dinheiro. O pai dele é um conhecido construtor.”

Enquanto Berrin erguia com malícia uma sobrancelha, em sinal esnobe de desconfiança, eu lhe disse que, embora a família dele fosse muito religiosa e conservadora, Mehmet era um amigo de confiança do tempo do Robert College, homem honesto e decente que por muitos anos não deixava sua mãe muito devota arranjar um casamento para ele com uma moça bem-educada de Istambul, porque queria casar-se com alguém da sua própria escolha, uma jovem com quem pudesse sair. “Mas até agora não conseguiu nada com as moças modernas que encontrou por aí.”

“E nem vai conseguir nada”, disse Berrin com um ar de discordância.

“E por que não?”

“Olhe só para ele. É um tipo que se reconhece a quilômetros de distância”, disse Berrin. “Homens como ele, do centro da Anatólia... As moças preferem se casar com homens assim através de uma casamenteira, porque sabem que, se começarem a andar muito com ele pela cidade, ele pode começar a pensar que são prostitutas.”

“Mehmet não tem essa mentalidade.”

“Mas vem desse molde. A família dele é assim, é daí que ele vem. As moças ajuizadas não julgam um homem pela maneira como ele pensa. Levam em conta a família, a maneira como ele se comporta.”

“Nisso você tem razão”, disse eu. “Já vi moças de juízo — não preciso dizer o nome — que evitam Mehmet mesmo quando as intenções dele são claramente sérias; mas quando se veem ao lado de outros homens, ainda que não tenham certeza de que vão se casar com elas, comportam-se muito mais à vontade, e muito mais inclinadas a manter a bola em jogo.”

“Exatamente”, disse Berrin com um tom orgulhoso. “Não sei lhe dizer quantos homens neste país continuam a tratar as mulheres com desrespeito, até anos mais tarde, só porque permitiram alguma intimidade antes do casamento. E vou lhe dizer uma coisa: o seu amigo Mehmet nunca se apaixonou

de verdade por nenhuma dessas moças que não deixaram que se aproximasse delas. Se ele se apaixonasse, elas teriam percebido, e o tratariam de outro modo. Não vou dizer que teriam dormido com ele, claro, mas permitiriam que ele se aproximasse a ponto de tornar um casamento possível.”

“Mas o motivo para Mehmet não se apaixonar por elas é que elas não deixam que ele se aproxime, porque são conservadoras e ficam com medo.”

“Não é assim que funciona”, disse Berrin. “Você não precisa dormir com alguém para estar apaixonado. O sexo não é o que conta. O amor é *Leyla e Mecnun*.”

Eu disse algo como “Hummmm”.

“O que está acontecendo aqui?”, gritou meu irmão da outra ponta da mesa. “Contem, por favor! Quem está dormindo com quem?”

Berrin lançou-lhe um olhar que dizia: “As crianças estão escutando!”. Depois sussurrou no meu ouvido: “É aqui que está a questão”, disse ela. “Por que esse seu Mehmet, aparentemente tão humilde, não consegue se apaixonar por nenhuma dessas moças que ele quer conhecer, ou começar alguma coisa séria com elas?”

Respeitando a inteligência de Berrin, tive por um instante a tentação de lhe contar que Mehmet era um frequentador incorrigível de prostíbulos. Tinha “meninas” que visitava regularmente em quatro ou cinco estabelecimentos de Siraselviler, Cihangir, Bebek e Nişantaşı. Ao mesmo tempo que se esforçava em vão para criar alguma ligação mais profunda com mulheres que conhecia no trabalho — virgens de vinte e poucos anos com um diploma secundário —, continuava a frequentar os bordéis de alta classe abertos a noite inteira com meninas que se arrumavam como estrelas do cinema ocidental, embora sempre que bebesse muito ficasse óbvio como lhe era difícil manter aquele ritmo, ou mesmo pensar direito. Ainda assim, sempre que saíamos de alguma festa já de madrugada, em vez de voltar para casa onde seu pai vivia com o rosário na mão para acalmar-se e sua mãe cismava ansiosa com a cabeça coberta, e todos, inclusive suas irmãs, respeitavam o jejum durante o Ramadã, ele se despedia de nós e tomava o rumo de algum dos bordéis mais caros de Cihangir ou Bebek.

“Você está bebendo bastante hoje à noite”, disse Berrin. “Vá um pouco mais devagar. Há muita gente aqui, e todos estão observando a família.”

“Está certo”, disse eu, levantando meu copo com um sorriso.

“Olhe só para Osman, como é responsável”, disse Berrin. “E depois veja só como você se comporta mal no próprio noivado... Como é que dois irmãos podem ser tão diferentes?”

“Na verdade”, disse eu, “somos muito parecidos. E, de qualquer maneira, a partir de agora vou ser ainda mais sério e responsável que Osman.”

“Também não precisa exagerar. As pessoas podem ficar muito chatas quando são sérias demais”, começou Berrin, e continuou nesse mesmo tom meio discordante até, muito mais tarde, eu ouvir: “Você nem está prestando atenção ao que eu digo”.

“O quê? Claro que estou.”

“Está bem, então me diga o que acabei de falar!”

“Você disse: ‘O amor precisa ser como nas antigas lendas. Como *Leyla e Mecnun*’.”

“Eu sabia que você não estava prestando atenção”, disse Berrin com um meio sorriso, pelo que

pude ver que ela estava preocupada comigo. Virou-se para Sibel, para ver se ela percebera em que condição eu estava. Mas Sibel conversava com Mehmet e Nurcihan.

Que eu não tivesse conseguido tirar Füsün da cabeça todo esse tempo, que ao longo de toda a conversa com Berrin eu tivesse sentido sua presença por trás de mim, em sua mesa dos fundos, que eu me perguntasse o tempo todo como ela estaria e o que estaria pensando — eu vinha tentando esconder tudo isso de mim, assim como venho escondendo dos meus leitores. Mas já chega! Vocês sabem que não consegui. Então daqui por diante vou falar com toda a franqueza.

Encontrei uma desculpa para me levantar da mesa. Não lembro qual foi o pretexto que inventei. Corri meus olhos pelos fundos do jardim, mas não vi Füsün. O lugar estava muito cheio e, como sempre, com todo mundo falando ao mesmo tempo, gritando para ser ouvido, e crianças berrando enquanto brincavam de esconde-esconde em meio às mesas, o tinido dos talheres por cima de suas cabeças — uma cacofonia que a orquestra só exacerbava —, tudo contribuía para uma forte confusão sonora. Caminhei em meio a esse barulho infernal até o fundo do salão, na esperança de ver Füsün.

“Parabéns, meu caro Kemal”, ouvi alguém dizer. “Quanto ainda falta até a dança do ventre?”

Era Selim, o Esnobe, sentado à mesa de Zaim. Eu ri, como se ele tivesse dito uma coisa hilariante.

“Você fez uma ótima escolha, Kemal Bey”, disse-me uma matrona gentil. “Não deve lembrar-se de mim. Eu e sua mãe...”

Mas, antes que ela conseguisse completar a conexão, um garçom com uma bandeja empurrou-me de lado para abrir caminho entre nós dois. Quando finalmente consegui recobrar o equilíbrio, a mulher que me cumprimentava fora arrastada pelo fluxo dos convidados.

“Deixe-me ver o anel de noivado!”, disse uma criança, torcendo minha mão.

“Pare, não seja grosseiro!”, disse a mãe gorda do menino, segurando-o com força pelo braço. Ela deu um bote, como para esbofeteá-lo, mas o menino a conhecia bem e escapuliu a tempo. “Venha aqui e sente-se um pouco!”, disse a mãe do menino. “Desculpe... e meus parabéns!”

Uma senhora de meia-idade que eu jamais tinha visto ria tanto que seu rosto ficara todo vermelho, mas quando nossos olhos se encontraram ela ficou séria de repente. Seu marido apresentou-se — era parente de Sibel, mas aparentemente nós dois tínhamos feito o serviço militar ao mesmo tempo, em Amasya — e convidou-me a sentar-me com eles. Corri os olhos pelas mesas do jardim, esperando ver Füsün, mas ela parecia ter desaparecido em pleno ar. O sofrimento espalhou-se pelo meu corpo.

“Está procurando alguém?”

“Minha noiva está me esperando, mas claro que eu adoraria sentar um pouco e tomar alguma coisa com vocês...”

Ficaram muito satisfeitos, e na mesma hora juntaram suas cadeiras para criar espaço para mais uma. Não, eu não queria um prato, só um pouco mais de raki.

“Kemal, meu amigo, você já foi apresentado ao almirante Erçetin?”, perguntou o homem, apontando para um cavalheiro do outro lado da mesa.

“Sim, é claro”, respondi. Na verdade, não tinha a menor lembrança dele.

“Meu jovem, sou marido da irmã da tia do pai de Sibel!”, disse-me o almirante em tom humilde. “Meus parabéns.”

“Por favor me desculpe, almirante. Não o reconheci sem o uniforme. Sibel tem o senhor em alta

conta.”

Na verdade, Sibel me contara que uma prima distante tinha passado anos atrás o verão em Heybeliada, e apaixonara-se por um belo oficial da Marinha; achando que aquele almirante podia ser um desses militares importantes que as famílias ricas tratam tão bem de maneira a poder contar com um pistolão sempre que lidavam com o Estado, ou quando precisavam conseguir o adiamento do serviço militar de um filho, não prestara muita atenção à sua história. Senti um estranho impulso de me insinuar dizendo: “E quando o Exército vai intervir, almirante? Por quanto tempo vamos aguentar ser pressionados pelos comunistas de um lado e pelos reacionários do outro?”, mas ainda conservava o bom senso de saber que, caso dissesse aquelas coisas em meu estado atual de confusão, seria considerado um bêbado desrespeitoso. De repente, algo me fez pôr-me de pé e, à distância, avistei Füsun.

“Acho que estou descuidando dos outros convidados. Preciso ir embora, cavalheiros!”

Como sempre depois de beber muito, eu tinha a impressão de que meu fantasma tentava dar seus primeiros passos fora do meu corpo.

Füsun retornara à sua mesa no fundo. Num vestido com alcinhas finas, seus ombros nus exibiam um brilho de saúde. E fora ao cabeleireiro. Estava tão linda que mesmo daquela distância meu coração ficava cheio de alegria e emoção ao vislumbrá-la.

Ela fez de conta que não tinha me visto. Quatro mesas mais perto estava a irrequieta família Pamuk, e assim, para diminuir a distância entre mim e Füsun, fui cumprimentar Aydın e Gündüz Pamuk, que em algum momento fizera alguns negócios com meu pai. E o tempo todo mantinha minhas antenas sintonizadas na mesa de Füsun, cuja proximidade à mesa da Satsat criara a oportunidade para meu jovem e ambicioso empregado Kenan, que não tirava os olhos de Füsun, começar uma conversa com ela.

Como tantas famílias antes ricas que tinham desbaratado suas fortunas, os Pamuk tinham se isolado e achavam desconcertante encontrarem-se frente a frente com o dinheiro novo. Sentado com sua linda mãe, seu irmão mais velho, seu tio e seus primos e primas estava o jovem Orhan, de vinte e três anos, fumando um cigarro atrás do outro, com nada de especial além de sua propensão a um comportamento nervoso e impaciente, afetando um sorriso zombeteiro.

Levantando-me da tediosa mesa dos Pamuk, caminhei diretamente até Füsun. Como descrever a expressão no rosto dela quando percebeu que não podia mais me ignorar — que eu tivera a ousadia de me aproximar dela com o amor nos olhos? Na mesma hora ela corou, sua pele muito rosada brilhando de vida. Pela maneira como tia Nesibe me olhava, imaginei que Füsun lhe contara tudo. Primeiro apertei sua mão, que estava seca, e depois a mão do pai dela, que tinha dedos longos e pulsos finos como os da filha, e ele não deu sinal de saber de nada. Quando chegou a vez da minha amada, peguei sua mão e, com ternura e modos perfeitos, beijei-a nas duas faces, inalando furtivamente os pontos delicados em seu pescoço e atrás de suas orelhas que tanto prazer me tinham proporcionado poucas horas antes. A pergunta que eu não conseguia afastar da cabeça — “Por que você veio?” — agora assumiu a forma de “Que bom vocês terem vindo!”. Ela passara só um pouco de delineador e de batom cor-de-rosa. Somando-se a seu perfume, aquela maquiagem lhe dava um ar de mulher exótica. Mas seus olhos estavam vermelhos e inchados como os de uma criança, de

maneira que eu soube que depois de termos nos separado naquele dia ela passara o fim da tarde chorando em casa; mas, assim que imaginei esse encadeamento dos fatos, ela assumiu os modos de uma jovem confiante e bem-educada que sabia o que pensava.

“Kemal Bey, conheço Sibel Hanım. Você fez uma ótima escolha”, disse ela com grande coragem. “Parabéns.”

“Ah, muito obrigado.”

“Kemal Bey”, disse a mãe dela ao mesmo tempo. “Só posso imaginar como anda ocupado. Deus o abençoe por dedicar boa parte do seu tempo a ajudar nossa filha no estudo de matemática.”

“O exame é amanhã, não é?”, perguntei. “Ela devia ir para casa descansar bastante.”

“Entendo que você tenha todo o direito de estar preocupado”, respondeu a mãe dela. “Mas estudando com você ela ficou muito nervosa. Deixe que ela se divirta um pouco esta noite.”

Dirigi a Füsün um sorriso compassivo e professoral. Com todo o barulho dos convidados e da música, parecia que ninguém seria capaz de nos ouvir. Percebi nos olhares que Füsün lançava à sua mãe os mesmos clarões de raiva que via durante nossos desentendimentos no edifício Merhamet; dirigi um último olhar a seus lindos seios semiexpostos, a seus ombros magníficos e a seus braços de menina. Ao virar-me, sentia a felicidade me envolver como uma onda gigantesca.

A orquestra Folhas de Prata tocava “Uma noite no Bósforo”, sua versão de “It’s now or never”. Se eu não acreditasse de todo coração que a felicidade absoluta neste mundo só pode acontecer quando se vive no presente e nos braços de uma mulher, eu teria escolhido esse instante como “o momento mais feliz da minha vida”. Pois eu tinha concluído, a partir das palavras da mãe de Füsün e dos olhares magoados e enfurecidos da própria Füsün, que ela não conseguira convencer-se a encerrar nossa relação, e que até sua mãe parecia resignada com esse estado de coisas, embora com certa reserva. Se eu agisse com muito cuidado e a deixasse saber o quanto a amava, Füsün, agora eu percebia, seria incapaz de romper sua relação comigo enquanto eu vivesse! Os prazeres masculinos externos ao domínio da moral que Deus concedia apenas a alguns de seus servos mais favorecidos — a felicidade que meu pai e meus tios só tinham vislumbrado, e raramente antes dos cinquenta anos, não antes de terem sofrido tormentos terríveis —, parecia-me agora que eu teria aquela boa sorte — compartilhando todos os deleites de uma vida doméstica feliz com uma mulher linda, sensata e bem-educada, e ao mesmo tempo desfrutando de todos os prazeres com uma jovem linda e ousada — e quando ainda tinha trinta anos, mal tendo sofrido ou pago qualquer preço por isso. Embora não fosse nada religioso, trago gravado em minha memória o que ainda vejo como um cartão-postal da felicidade, enviado diretamente por Deus: a imagem de meus alegres convidados, agora dispersos até os recantos mais distantes do jardim, e além deles, em meio aos plátanos e às luzes coloridas, a paisagem, as luzes do Bósforo e o céu de um azul profundo.

“Onde você esteve?”, perguntou Sibel. Ela saía à minha procura. “Fiquei preocupada. Berrin me disse que você tinha bebido um pouco demais. Tudo bem, querido?”

“Tudo — realmente exagerei um pouco, mas agora estou melhor, querida. Meu único problema é que estou feliz demais.”

“Eu também estou muito feliz; mas temos um problema.”

“O que foi?”

“As coisas não estão dando certo entre Nurcihan e Mehmet.”

“Bom, se não é para ser, não há de ser. O que importa hoje à noite é que eu e você estejamos felizes.”

“Não, não, os dois estão querendo. Se pelo menos baixassem um pouco a guarda. Tenho certeza de que em pouco tempo estariam às portas do casamento. Mas parece que não conseguem quebrar o gelo. Acho que vão acabar deixando passar a oportunidade.”

Fiquei olhando para Mehmet de longe. Ele não conseguia atrair um olhar de simpatia de Nurcihan, e quando percebia o quanto era desajeitado ficava furioso, o que só o condenava a um constrangimento ainda mais profundo.

Pedi com um gesto a Sibel que se sentasse comigo a uma mesinha de serviço em que se equilibravam altas pilhas de pratos limpos. “Pode ser tarde demais para Mehmet... Talvez não lhe seja mais possível encontrar uma boa esposa, decente.”

“Por quê?”

Enquanto seus olhos se arregalavam de medo e curiosidade, contei a Sibel que Mehmet só conseguia encontrar a felicidade nos quartos muito perfumados banhados pela luz vermelha. Pedi um raki ao garçom que passou a nosso lado assim que nos sentamos.

“Você parece saber bem como são esses lugares!”, disse Sibel. “Também ia com ele antes de me conhecer?”

“Amo você tanto”, disse eu, pegando sua mão, e nem me importei quando o garçom lançou um olhar inquisitivo às nossas alianças de noivado. “Mas Mehmet deve estar se perguntando se um dia será capaz de se apaixonar profundamente por uma mulher decente. Na verdade, deve estar em pânico.”

“Ah, mas que pena!”, disse Sibel. “E tudo por causa dessas moças que o evitavam...”

“Bem, ele não devia tê-las espantado. As moças têm razão de tomar cuidado. O que vai acontecer com elas se dormirem com um homem e ele não se casar com elas? Se a notícia correr e ela for largada nessa situação, o que poderá fazer?”

“É uma coisa que ela simplesmente percebe”, disse Sibel em tom cuidadoso.

“O quê?”

“Se pode ou não confiar num homem.”

“Não é tão simples assim. Muitas moças sofrem muito e não conseguem chegar a uma decisão. Ou então acabam cedendo ao desejo, mas ficam com tanto medo que não sentem o menor prazer na coisa... Nem sei se existe alguma jovem capaz de aproveitar o que for possível sem se incomodar com as consequências. E Mehmet, se não tivesse escutado todas essas histórias de liberdade sexual na Europa com a boca cheia d'água, podia não ter enfiado na cabeça que precisava fazer sexo com a moça antes de se casar com ela, só para ser moderno ou civilizado; o provável é que tivesse conseguido um casamento feliz com uma moça decente e apaixonada por ele. Mas agora olhe só como está, todo nervoso naquela cadeira ao lado de Nurcihan.”

“Ele sabe que Nurcihan dormiu com outros homens na Europa... Eu sei que isso o deixa intrigado, mas também lhe dá medo”, disse Sibel. “Venha, vamos dar-lhe uma ajuda.”

A orquestra Folhas de Prata tocava “Felicidade”, um número adocicado de sua própria lavra. Mas

eu estava no mesmo espírito, e fiquei emocionado. Enquanto sentia meu amor por Füsün correr por minhas veias — tanta dor e tanta felicidade —, consegui ainda assim assumir um ar paternal, dizendo a Sibel que era provável que a Turquia se tornasse tão moderna quanto a Europa dali a uns cem anos, e que quando aquele dia chegasse todos se livrariam de suas preocupações com a virgindade e com o que os outros pensavam, livres para amar e ser felizes como lhes fora prometido no céu. Mas até então a maioria das pessoas continuaria a sofrer as agonias do amor e as dores do sexo.

“Não, não”, disse minha linda e bondosa noiva. “Se nós dois conseguimos ser felizes assim *hoje*, eles também podem. Porque sem dúvida vamos casar Nurcihan e Mehmet.”

“Muito bem, então, qual é seu plano?”

“Que bela visão — noivos há menos de uma hora e já enfiados sozinhos num canto?” Era um cavalheiro corpulento que nenhum de nós dois conhecia. “Posso sentar-me com vocês, Kemal Bey?” Sem esperar resposta, pegou uma cadeira e sentou-se ao nosso lado. Era relativamente jovem, teria talvez quarenta e poucos anos, para ostentar um cravo branco na lapela e usar um enjoativo perfume feminino adocicado, em quantidade suficiente para deixar qualquer um tonto. “Quando a noiva e o noivo se refugiam num canto, o casamento perde a graça.”

“Ainda não nos casamos”, disse eu. “Só ficamos noivos.”

“Mas todo mundo está dizendo que essa linda festa de noivado está sendo mais suntuosa que o mais grandioso dos casamentos, Kemal Bey. Onde mais pode ser seu casamento, além do Hilton?”

“Desculpe, mas com quem tenho o prazer de conversar?”

“Perdão, Kemal Bey, o senhor tem todo o direito de perguntar. Nós, escritores, imaginamos que todo mundo sabe quem somos. Meu nome é Süreyya Sabır. O senhor talvez me conheça pelo meu pseudônimo, ‘Cravo-Branco’, no *Aks,am*.”

“Sim, claro, não há ninguém em Istambul que não leia o que o senhor escreve em sua coluna social”, disse Sibel. “Mas sempre imaginei que fosse uma mulher — o senhor entende tanto de moda e de roupas.”

Interrompi grosseiramente para perguntar: “Foi convidado por quem?”

“Obrigado pelo elogio, Sibel Hanım. Mas, na Europa, homens requintados que entendem de moda não são incomuns. E Kemal Bey, as regras da imprensa na Turquia permitem que os jornalistas compareçam a qualquer reunião aberta ao público, bastando mostrar a carteira de jornalista. Por definição, qualquer reunião anunciada por convites é ‘aberta ao público’. Ainda assim, nunca fui a uma festa para a qual não tenha sido convidado. Estou aqui nesta linda noite a convite de sua estimada mãe. Graças à sua visão moderna da vida, ela conhece o valor do que chamam de coluna social, e eu prefiro chamar de notícias, de maneira que me convida para muitas das festas que dá. Tão grande é a confiança entre nós que às vezes, quando não posso comparecer a determinada festa, conversamos pelo telefone no dia seguinte, e quando me sento para escrever cito o que ela me disse palavra por palavra. Porque — como você, minha querida jovem — ela presta muita atenção a tudo, e nunca me dá falsas notícias. Nunca houve um engano na minha coluna social, Kemal Bey, nem nunca vai haver.”

Sibel murmurou alguma coisa como: “Acho que o senhor entendeu mal a pergunta de Kemal. Ele não quis dizer nada”.

“Agora mesmo, algumas víboras estavam dizendo que todo o estoque de uísque e champanhe contrabandeado de Istambul deve estar neste salão. Nosso país está sofrendo de escassez de divisas estrangeiras, e nem temos recursos para manter nossas fábricas funcionando ou para comprar óleo diesel! Existem certas pessoas, Kemal Bey — inimigos invejosos da riqueza —, que poderiam escrever artigos perguntando ‘De onde vem toda essa bebida contrabandeada?’ só para lançar uma sombra sobre esta linda noite... Mas, como eu jamais sonharia em tentar perturbá-lo, vou esquecer imediatamente suas palavras impensadas, para todo o sempre. E, como temos uma imprensa livre na Turquia, vou lhe pedir para responder com sinceridade uma única pergunta.”

“Claro, Süreyya Bey.”

“Pouco tempo atrás vi vocês dois envolvidos numa conversa séria, e fiquei curioso. Do que estavam falando, tão pouco tempo depois do noivado?”

“Estávamos discutindo se nossos convidados tinham gostado da comida”, respondi.

“Sibel Hanım, tenho uma boa notícia para você”, disse o Cravo-Branco em tom alegre. “Seu futuro marido não sabe mentir!”

“Kemal tem muito bom coração”, disse Sibel. “Estávamos falando do seguinte: quem sabe quantas pessoas aqui presentes não estarão angustiadas por sabe lá qual problema amoroso, matrimonial ou até ligado ao sexo?”

“Aaah, sim”, disse o colunista de mexericos ao ouvi-la dizer a palavra que só recentemente fora descoberta pela imprensa e, na verdade, transformada numa espécie de fetiche; e como não era capaz de decidir se era melhor para ele agir como se tivesse acabado de ouvir uma confissão digna de escândalo, ou se seria mais recomendável demonstrar simpatia com a intensidade do sofrimento humano, ficou por um momento em silêncio. “Vocês, claro, são pessoas modernas e felizes, à vontade nesses novos tempos”, disse ele finalmente. “Já deixaram toda essa dor para trás.” Não falava em tom sardônico, mas com uma sinceridade sem esforço cultivada através da experiência, que lhe recomendava sempre a bajulação em situações difíceis. Simulando compaixão por pessoas menos afortunadas do que nós, começou a nos contar histórias sobre os nossos convidados: a jovem irremediavelmente apaixonada pelo filho de Fulano; a moça que vinha sendo mantida no ostracismo pelas boas famílias por seu comportamento excessivamente liberal, ao mesmo tempo em que os homens a desejavam; a mãe que escolhera certo playboy rico para futuro genro; o filho descuidado de outra família próspera que se apaixonara, embora já comprometido com outra. Sibel e eu não conseguimos evitar de nos interessar por suas histórias, e, quando o Cravo-Branco percebeu, dedicou-se a contá-las com mais detalhes ainda. Estava explicando que todas aquelas “calamidades” ficariam óbvias, assim que o baile começasse, quando minha mãe chegou para nos dizer que estávamos sendo muito grosseiros e que todos estavam olhando para nós, e mandou que voltássemos para nossa mesa.

Assim que retomei minha cadeira ao lado de Berrin, a imagem de Füsün acendeu-se em minha mente com toda a força, como se um aparelho de televisão tivesse sido ligado. Mas dessa vez o clarão da imagem emanava alegria, e não tristeza, iluminando não só aquela noite como todo o meu futuro. Por um breve momento, reconheci-me como um desses homens cuja verdadeira fonte de felicidade é a amante secreta, mas fazem de conta que são a mulher e os filhos — também eu precisava fingir que

era Sibel quem me deixava feliz, e ainda nem estávamos casados.

Depois de conversar algum tempo com o colunista social, minha mãe voltou para nossa mesa. “Cuidado com esses jornalistas, está bem?”, disse ela. “Eles escrevem todo tipo de mentiras e causam problemas terríveis. Depois dão telefonemas de ameaça para seu pai, dizendo que ele precisa comprar mais anúncios no jornal. Por que vocês dois não se levantam e começam o baile? Todo mundo está esperando por vocês.” E virou-se para Sibel: “A orquestra está se aquecendo. Oh, como você está linda e elegante”.

Sibel e eu dançamos um tango tocado pela orquestra Folhas de Prata. Todos nos olhavam, o que deu uma ilusão de profundidade à nossa alegria. Sibel passou o braço por cima do meu ombro como se me abraçasse, e encostou o rosto no meu peito como se estivéssemos dançando no canto escuro de uma discoteca; a intervalos, ela sorria e murmurava alguma coisa, e depois de darmos uma volta eu olhava por cima do seu ombro para qualquer pessoa que ela tivesse assinalado pouco antes — o garçom cuja pesada bandeja não o impedia de parar para sorrir da nossa felicidade, ou a mãe dela, que chorava de alegria, ou uma senhora cujos cabelos lembravam um ninho de pássaros, ou Nurcihan ou Mehmet, sentados de costas um para o outro agora que os tínhamos deixado a sós, ou o senhor de noventa anos que fizera uma fortuna durante a Grande Guerra e não conseguia mais comer sem a ajuda do criado, que usava uma gravata de cordão — mas em nenhum momento olhei para o fundo do jardim, onde Füsün estava sentada. Enquanto Sibel continuava a falar animada, era melhor que Füsün não nos visse.

Houve uma explosão de aplausos, não durou muito, e continuamos a dançar como se nada tivesse acontecido. Quando outros casais se levantaram para dançar, voltamos para nossa mesa.

“Foi ótimo. Vocês estavam lindos, juntos”, disse Berrin. A essa altura, acho, Füsün ainda não estava na pista. Sibel se preocupava tanto com a falta de progresso entre Nurcihan e Mehmet que me pediu para conversar com ele. “Diga a Mehmet para fazer um pouco mais de força”, disse Sibel, mas não fiz nada. Berrin se envolveu a essa altura, e num sussurro nos disse que tentar resolver a questão à força era má ideia; vinha observando tudo de seu lado da mesa e não era apenas Mehmet; os dois se mostravam esquivos, ou pelo menos nervosos, e se não tinham simpatizado um com o outro não adiantava querer forçá-los a ficar juntos. “Não”, disse Sibel, “as festas de casamento têm uma espécie de encantamento. É nos casamentos que muitas pessoas conhecem o futuro cônjuge. E não são só as moças que ficam mais suscetíveis nos casamentos; os rapazes também. Mas precisam de ajuda...” “Do que vocês estão falando? Contem para mim também”, disse meu irmão, juntando-se à conversa em sussurros, e assim que tomou conhecimento da situação assinalou em tom de exortação que, embora os tempos dos casamentos arranjados tivesse ficado para trás, a Turquia não era a Europa, e não havia muitos modos para um casal se conhecer, o que fazia com que boa parte do fardo caísse sobre casamenteiros informais e bem-intencionados. Em seguida, esquecendo aparentemente que Nurcihan e Mehmet tinham provocado aquela conversa, virou-se para Nurcihan e disse: “Imagino, por exemplo, que você nunca aceitaria os arranjos de um casamenteiro, não é?”.

“Se o homem for bom, não faz diferença a maneira como é encontrado, Osman Bey”, respondeu Nurcihan com um risinho.

Todos rimos como se tivéssemos ouvido algo tão absurdo que só podia ser uma piada. Mas

Mehmet ficou muito vermelho e nos deu as costas.

“Não está vendo?”, sussurrou Sibel no meu ouvido pouco depois. “Ela o assustou. Ele achou que ela estava zombando dele.”

Eu não estava nem um pouco atento às pessoas na pista de dança. No entanto, quando nosso museu foi criado, o sr. Orhan Pamuk lembrou que a essa altura Füsün já tinha dançado com duas pessoas. Ele não sabia quem era ou não se lembrava do primeiro par, embora eu imagine que tenha sido Kenan, da Satsat. O segundo, porém, foi o jovem com quem eu trocara olhares pouco antes quando visitara a mesa da família Pamuk — o próprio Orhan Pamuk, como ele, orgulhoso, me contaria alguns anos mais tarde. Os interessados na forma como Orhan Bey descreve os sentimentos que teve dançando com Füsün devem dirigir-se ao último capítulo deste livro, intitulado “A felicidade”.

Enquanto Orhan Bey conduzia a dança que anos mais tarde viria a descrever com extrema franqueza, Mehmet decidiu que estava farto dos risinhos de Nurcihan e de nossas observações de duplo sentido sobre o amor, o casamento, os casamenteiros e a “vida moderna”, e abandonou a mesa. Na mesma hora, nossa animação diminuiu.

“Foi muita grosseria nossa”, disse Sibel. “Partimos o coração do rapaz.”

“Não olhem para mim”, disse Nurcihan. “Não fiz nada a mais que vocês. Todos vocês beberam bastante e estão se divertindo. Mehmet é que anda frustrado.”

“Se Kemal o trouxer de volta para a mesa, você irá tratá-lo bem, Nurcihan?”, perguntou Sibel. “Eu sei que você poderia fazê-lo muito feliz. E ele a você. Mas você precisa ser gentil com ele.”

Pareceu agradar a Nurcihan ver Sibel tão abertamente determinada a juntá-la a Mehmet. “Ninguém está falando de marcar um casamento para amanhã”, disse ela. “Ele me conheceu, podia ter me dito uma ou duas coisas bonitas.”

“Ele bem que tentou. É que não está acostumado a conversar com moças tão seguras de si quanto você”, disse Sibel; rindo, sussurrou mais algumas coisas no ouvido de Nurcihan.

“Vocês sabem por que os rapazes deste país nunca aprendem a flertar com as moças?”, perguntou meu irmão. Estava com a expressão encantadora que sempre usava quando bebia. “É que não existem lugares para flertar. E nem temos palavra na nossa língua para ‘flerte’.”

“Eu me lembro bem da sua ideia de flerte”, disse Berrin. “Antes de ficarmos noivos, você me levava ao cinema toda tarde de sábado... E sempre trazia um rádio portátil, para saber quanto estava o jogo do Fenerbahçe a cada intervalo.”

“Nada disso, eu não levava o rádio para ouvir o jogo, mas para impressionar você”, rebateu meu irmão. “Eu me orgulhava de ser o dono do primeiro rádio transistor de Istambul.”

Então Nurcihan confessou que sua mãe costumava gabar-se de ter sido a primeira mulher da Turquia a usar um liquidificador. E nos contou como, no final dos anos 1950, muito antes que existisse suco de tomate em lata, sua mãe servia às suas amigas suco de tomate, cenoura, aipo, beterraba e rabanete quando vinham jogar bridge, e, enquanto as senhoras davam goles em seus copos de cristal, ela as levava toda orgulhosa até a cozinha para lhes mostrar o primeiro liquidificador que chegara ao país. Enquanto ouvíamos a música ligeira daqueles tempos, lembramos de como cada família burguesa de Istambul disputava com as demais qual seria a primeira a possuir um

barbeador elétrico, um abridor elétrico de latas, uma faca elétrica e várias outras invenções estranhas e perigosas, que cortavam as mãos e a pele do rosto enquanto tentavam aprender a usá-las. Conversamos sobre os gravadores de fita trazidos da Europa que geralmente enguiçavam na primeira vez que eram usados, os secadores de cabelo que queimavam os fusíveis da casa, os moedores de café que deixavam as criadas em pânico, os aparelhos de fazer maionese para os quais não se encontravam peças de reposição na Turquia, mas que ninguém tinha coragem de jogar fora e por isso relegavam a algum canto remoto da casa, onde ficavam juntando poeira. Nesse ínterim, enquanto ríamos de tudo isso, Zaim-Merece-Tudo sentou-se na cadeira que Mehmet deixara, e dali a quatro ou cinco minutos conseguiu entrar na conversa e murmurava comentários no ouvido de Nurcihan, fazendo-a rir.

“O que aconteceu com sua modelo alemã?”, perguntou Sibel a Zaim. “Já se cansou dela, como faz com todas?”

“Inge não era minha amante. E voltou para a Alemanha.” Zaim falava sem perder nada de seu bom humor. “Éramos apenas colegas de trabalho, e eu só saía com ela para lhe mostrar a noite de Istambul.”

“Está querendo dizer então que vocês dois eram apenas bons amigos”, disse Sibel, usando uma das expressões recém-popularizadas pelas revistas de celebridades.

“Eu vi Inge hoje mesmo, no cinema”, disse Berrin. “Ela apareceu na tela, tomando um gole daquele refrigerante com o sorriso convidativo de sempre.” Virou-se para o marido: “Foi na hora do almoço — faltou luz no cabeleireiro. Fui ao Site — eram Jean Gabin e Sophia Loren”. Virou-se para Zaim: “Eu vejo Inge em toda parte — em cada quiosque da cidade; e agora não são mais só as crianças que tomam Meltem, é todo mundo. Você está de parabéns”.

“Calculamos bem o momento”, disse Zaim. “E também tivemos sorte.”

Vendo o espanto nos olhos de Nurcihan, e sabendo que Zaim esperava que eu lhe desse uma explicação, informei rapidamente a Nurcihan que meu amigo era o dono da şektaş, a empresa que lançara recentemente o refrigerante Meltem, e que ele também nos tinha apresentado Inge, a linda modelo alemã que podia ser vista nos cartazes espalhados por toda a cidade.

“Você já teve a oportunidade de experimentar nossos refrigerantes de frutas?”

“Claro que sim. E gostei especialmente do de morango”, respondeu Nurcihan. “Nem os franceses conseguiram lançar nada tão saboroso nos últimos anos.”

“Você mora na França?”, perguntou Zaim.

Zaim convidou-nos a todos para visitar sua fábrica naquele fim de semana, prometendo ainda um passeio de barco pelo Bósforo e um piquenique na floresta de Belgrat, logo além dos limites da cidade. Toda mesa olhava para ele e Nurcihan. Dali a pouco os dois se levantaram para dançar.

“Vá procurar Mehmet”, disse Sibel. “Ele precisa salvar Nurcihan de Zaim.”

“Tem certeza de que ela quer ser salva?”

“Não quero ver minha amiga engolida inteira por esse casanova de segunda, cuja única ambição na vida é levar as moças para a cama.”

“Zaim tem bom coração e é honesto. Só tem um fraco por mulheres. Será que Nurcihan não pode se divertir um pouco aqui, como se divertia na França? Você acha tão necessário que ela se case?”

“Os franceses não desprezam a mulher que dorme com um homem antes do casamento”, disse

Sibel. “Mas, aqui, o menor deslize pode acabar com a reputação de qualquer uma. Além disso, não quero ver Mehmet de coração partido.”

“Nem eu. Mas também não quero que os assuntos amorosos de outras pessoas sejam mais importantes que o nosso noivado.”

“Acho que você não entende o prazer que existe em promover o encontro entre as pessoas”, disse Sibel. “Se Nurcihan e Mehmet se casarem, pense só, eles podem ser nossos melhores amigos por muitos anos.”

“Duvido que Mehmet consiga arrancar Nurcihan de Zaim hoje à noite. Ele sempre evita o confronto com outros homens durante as festas.”

“É por isso que você precisa ir conversar com ele, recomendar que não tenha medo. Eu cuido de Nurcihan, não se preocupe. Vá — vá e traga Mehmet de volta agora mesmo.” Quando me levantei, ela me dirigiu um sorriso carinhoso. “Você está muito bonito”, disse ela. “Não pare para ficar de conversa. Volte logo e me tire para dançar.”

Passou-me pela cabeça que eu podia deparar com Füsün enquanto circulava de mesa em mesa à procura de Mehmet, em meio aos convidados alegres, ruidosos e semi-intoxicados. Havia três amigas da minha mãe que frequentavam minha casa toda quarta-feira ao longo da minha infância para jogar bezique. Com a mesma espontaneidade que deve ter levado todas a tingir os cabelos do mesmo matiz de castanho, elas e os maridos começaram a acenar juntos para mim de sua mesa, chamando “Kemaaaal” como se convocassem uma criança. Em seguida, vi um jornalista amigo do meu pai que dez anos mais tarde ficaria famoso ao derrubar o ministro dos Impostos e Direitos Alfandegários, o qual lhe cobrou um suborno obscenamente extorsivo que ele entregou dentro de uma imensa caixa de *baklava* repleta de maços de notas, encimada por uma foto de Antep. Mais tarde, revelou ao público a transcrição fiel da conversa íntima que se seguiu entre eles, registrada pelo gravador que levava preso debaixo do braço com esparadrapo. Ele está gravado em minha memória envergando seu smoking branco, com suas abotoaduras de ouro, suas unhas feitas banhadas no perfume que permaneceu em minha mão por muito tempo depois que ele a apertou.

Como ocorria com tantos dos semblantes presentes nas fotografias que minha mãe recortava tão escrupulosamente para arrumar em nossos álbuns, tantos rostos entre os convidados me pareciam tão familiares e tão próximos que eu ficava muito incomodado quando não conseguia descobrir os parentescos entre eles — quem era marido de quem ou irmã de quem.

“Kemal, querido”, disse uma simpática senhora de meia-idade nesse exato momento. “Lembra-se de ter me pedido em casamento quando tinha seis anos?” Foi só quando vi sua belíssima filha de dezoito anos que eu a reconheci. “Oh, tia Meral, sua filha é igual a você naquele tempo!”, disse eu à prima em segundo grau da minha mãe. Quando a mãe me disse que infelizmente elas precisavam ir embora mais cedo, porque a filha iria prestar vestibular no dia seguinte, percebi que entre mim e minha jovial tia havia a mesma diferença de idade — doze anos, para ser preciso — que existia entre mim e sua belíssima filha, consciência que me provocou um estupor momentâneo, pois cedi ao impulso de olhar na direção exata que vinha evitando, mas Füsün não estava visível nem à mesa nos fundos nem na pista de dança lotada. Foi pouco depois do momento em que bateram esta fotografia em que apareço com “Güven, o Afundador de Navios”, dono de uma companhia de seguros. Não se

vê meu rosto, só minha mão, na foto que adquiri anos mais tarde de um colecionador cuja casa era repleta de pilhas e mais pilhas de fotografias de casamentos e outras festas no Hilton. Noutra, que seria tirada três segundos mais tarde, o banqueiro ao fundo estaria apertando minha mão, tendo se apresentado como sócio do pai de Sibel, revelação que me fez lembrar com alguma surpresa que, toda vez — melhor dizendo, nas duas vezes — que eu fora à Harrods de Londres, eu vira aquele mesmo cavalheiro absorto em seus pensamentos enquanto escolhia com cuidado um terno escuro.

Abrindo caminho em meio aos presentes, parando sempre que me pediam uma pose em fotografias de lembrança, fiquei impressionado com a quantidade de mulheres que tinham tingido os cabelos de louro e a quantidade de homens ricos e extravagantes que exibiam gravatas, relógios, anéis e sapatos de sola grossa quase idênticos, e os bigodes e costeletas aparados com a mesma impressionante uniformidade, mas ao mesmo tempo lembrei que conhecia todos eles e que tínhamos muitas boas lembranças em comum, o que bastou para despertar em mim uma onda de nostalgia sentimental e de deslumbramento com a vida que tinha pela frente, depois da beleza sem paralelo daquela noite de verão perfumada de mimosas. Cumprimentei a primeira Miss Europa turca, que depois dos quarenta anos de idade e dois casamentos fracassados dedicava-se a bailes de arrecadação de fundos patrocinados por associações de proteção aos pobres, inválidos ou órfãos (“Idealismo nenhum, meu querido, é que ela recebe uma porcentagem”, dizia minha mãe), e que visitava o escritório de meu pai uma vez a cada dois meses para pedir doações. Falei da beleza da noite com a senhora cujo marido, magnata dos transportes marítimos, levava um tiro no olho e morrera durante uma briga de família, e que, desde então, sempre chorava nas festas e reuniões. Foi com grande respeito que apertei a mão macia de Celâl Salik (e exponho aqui uma das colunas escritas por ele), na época o cronista mais amado, mais estranho e mais corajoso da Turquia. Sentei-me para tirar uma fotografia com os filhos, a filha e os netos do falecido Cevdet Bey, um dos primeiros empresários muçulmanos de Istambul. Noutra mesa de convidados de Sibel, aceitei uma aposta sobre o provável final de *O fugitivo*, o seriado de televisão que cativara toda a Turquia e cujo último episódio iria ao ar na quarta-feira seguinte: o dr. Richard Kimble vinha sendo perseguido por um crime que não cometera e, incapaz de provar sua inocência, vivia sempre em fuga!

No final encontrei Mehmet confortavelmente empoleirado num banquinho, no bar adjacente ao jardim, tomando rakı com Tayfun, nosso ex-colega de turma.

“Aaaah, todos os noivos estão finalmente reunidos”, disse Tayfun quando me sentei ao lado deles. Mais que contentes por nos encontrar; sua piada evocou boas lembranças que provocaram o sorriso de nós três. Durante nosso último ano no Robert College, muitas vezes entrávamos na Mercedes do pai de Tayfun no começo da tarde e rumávamos para um bordel de gosto duvidoso instalado na antiga mansão de um paxá nas colinas acima de Emirgân, onde sempre dormíamos com as mesmas meninas, todas lindas e encantadoras. Essas meninas, que saíram conosco algumas vezes para uma volta de carro e por quem sentíamos uma afeição profunda que tínhamos dificuldade de esconder, cobravam muito menos de nós que dos velhos agiotas e empresários bêbados que atendiam à noite. A madame, uma velha prostituta de alta classe, sempre nos tratava com cortesia, como se nos encontrássemos num baile da sociedade do clube Cercle d’Orient, em Büyükkada. Mas sempre que nos via chegar com o paletó e a gravata do uniforme colegial, evidentemente em nossa hora de

almoço, no salão onde à noite suas meninas de minissaia se instalavam nos divãs, fumando e lendo fotonovelas enquanto esperavam a clientela, madame prorrompia em risadas, e chamava: “Meniiiiinas! Seus noivos do colégio chegaram!”. Pensando que Mehmet poderia alegrar-se com as lembranças desse tempo feliz, falei da ocasião em que, tendo todos adormecido depois do amor naqueles quartos aquecidos pelo sol de primavera que se infiltrava através das persianas, demos como desculpa à professora idosa: “Estávamos estudando biologia”, e a partir de então “estudar biologia” transformou-se em nosso código para as idas ao bordel. Lembramos que havia um letreiro à porta da mansão, onde se lia CRESCENT HOTEL-RESTAURANT, e que todas as meninas usavam falsos nomes botânicos — Flor, Folha, Dafne, Rosa. Certa vez, numa visita de fim de tarde, tínhamos acabado de subir com as meninas quando um famoso milionário chegou com seus sócios alemães; batendo nas portas dos nossos quartos, madame retirou as suas meninas às pressas e as mandou descer para executar uma dança do ventre para seus clientes estrangeiros. Como consolo, tivemos permissão de nos sentar quietos a uma mesa no fundo do restaurante, de onde podíamos assistir. E, enquanto elas rodopiavam em seus trajes de meninas do harém, cintilantes e bordados de lantejoulas, sabíamos que era a nós, e não àqueles ricos velhos, que tentavam hipnotizar. Conversamos com saudade sobre aquele dia em que as vimos dançar, sabendo que as amávamos e que jamais nos esqueceríamos de nossas visitas àquele lugar.

Sempre que eu voltava dos Estados Unidos para as férias de verão, meus amigos Mehmet e Tayfun estavam prontos a pôr-me a par dos últimos acontecimentos mais bizarros, pois a cada vez que nomeavam um novo chefe de polícia as regras mudavam. Por exemplo, havia um estabelecimento que ocupava um prédio grego de sete andares na avenida Siraselviler; durante um tempo a polícia dera batidas diárias, mas fechava apenas um dos andares, obrigando as meninas a receber seus admiradores num outro que, ainda assim, era decorado exatamente com os mesmos móveis e espelhos... Numa das ruas transversais de Nişantaşı, havia uma antiga mansão da qual os leões de chácara expulsavam qualquer cliente ou pessoa interessada que considerassem menos rico do que devia ser. E havia ainda os serviços móveis de şermin Deluxe, que eu vira mais cedo naquela mesma noite na entrada do hotel, e que era conhecida por, doze anos antes, desfilar pela cidade em seu Plymouth 1962 rabo de peixe, percorrendo o Park Hotel, o Divan e o Taksim, parando ocasionalmente quando suas duas ou três meninas eram requisitadas. Se você telefonasse com antecedência, ela fazia inclusive “entregas em domicílio”. O tom ansioso de meus amigos dava a entender que tinham encontrado muito mais satisfação nesses lugares, e com essas meninas, e que jamais seria possível obter isso com as moças “direitas” que tremiam de preocupação com a honra e a virgindade.

Não vi Füsün em sua mesa, mas sua mãe e seu pai ainda estavam sentados nos mesmos lugares. Pedi mais um rakı e perguntei a Mehmet sobre os novos estabelecimentos da cidade. Tayfun gabou-se de ter as informações mais atualizadas sobre os bordéis mais novos e luxuosos, e, então, como que para provar o que dizia, recitou-me uma lista de deputados famosos surpreendidos durante as batidas da polícia, conhecidos casados que, quando ele os viava na sala de espera, viravam-se abruptamente para a janela para evitar seu olhar, e de um general famoso por suas aspirações presidenciais que tinha morrido do coração nos braços de uma garota circassiana de vinte anos, numa cama que dava

para o Bósforo, embora a versão oficial falasse que morrera na cama, ao lado da esposa. Enquanto a melodia doce e suave, impregnada de memórias, tocava ao fundo, pude ver que Mehmet tentava esquivar-se ao veneno de Tayfun. Mudei de assunto, lembrando-lhe que Nurcihan voltara para a Turquia com a intenção de se casar, e acrescentei que ela chegara a dizer a Sibel que simpatizava com ele.

“Ela está dançando com Zaim, o Homem dos Refrigerantes”, disse Mehmet.

“Só para lhe causar ciúme”, respondi, sem nem olhar para o casal na pista.

Depois de alguns momentos de timidez, Mehmet admitiu que tinha achado Nurcihan atraente, e que, se ela “estava mesmo disposta”, então ele teria o maior prazer de sentar-se ao lado dela e sussurrar doces bobagens em seus ouvidos, e que, se tudo desse certo, ficaria grato a mim até o fim da vida.

“Então por que você não a tratou bem desde o início?”

“Não sei, simplesmente não consegui.”

“Venha, então, vamos voltar para a mesa antes que alguém tome o seu lugar.”

A caminho da mesa, parando aqui e ali para abraçar muitos convidados, eu corria os olhos pela pista de dança, à procura de Nurcihan e Zaim, quando vi Füsün dançando... com o jovem e bonito funcionário novo da Satsat, Kenan... Os corpos dos dois estavam próximos demais... Uma dor espalhou-se pelo meu estômago quando voltei ao meu lugar.

“O que houve?”, perguntou Sibel. “Não interessa, não vai dar certo com Nurcihan, ela está louca por Zaim. Olhe só para a maneira como estão dançando. Ah, não fique triste assim. Tenho certeza de que você fez o que pôde.”

“Você está enganada. Mehmet aceitou.”

“Então por que você está com esse ar tão aborrecido?”

“Não estou.”

“Meu querido, é muito claro que a alegria abandonou você completamente”, disse Sibel com um sorriso. “Já está na hora de você parar de beber.”

A orquestra, emendando sem pausa um número no outro, agora tocava uma melodia mais lenta e dolente. À mesa fez-se um silêncio, muito prolongado, e eu sentia o veneno do ciúme misturar-se aos poucos em meu sangue. Mas não queria pensar nisso. Nem Mehmet nem eu olhávamos para a pista de dança, mas a expressão do rosto dos demais revelava que a mudança de ritmo tinha feito com que os casais passassem a dançar mais próximos, para deleite de alguns dos presentes à mesa e contrariedade de outros. Meu irmão falava, e depois de tantos anos não me recordo de nada que disse, mas me lembro de ter tentado prestar atenção. Bem nesse momento a orquestra começou a tocar um número ainda mais edulcorado e romântico que o anterior, e agora até Berrin e Sibel, distraídas pouco antes, exibiam suas reações à visão dos casais que dançavam, enlaçando-se ainda mais. Meu coração e minha mente encontravam-se em absoluta confusão.

“O que você estava dizendo?”, perguntei a Sibel.

“O quê? Não estava dizendo nada. Você está bem?”

“Vamos mandar um bilhete para a orquestra, pedindo um intervalo?”

“Por quê? Ora, pelo amor de Deus, deixe os convidados dançarem”, disse Sibel. “Olhe, até os mais

tímidos estão dançando com as moças que ficaram olhando a noite inteira. Pode acreditar, metade deles vai acabar se casando exatamente com essas moças.”

Não olhei. Nem deixei que meu olhar cruzasse com o de Mehmet.

“Pronto, lá vêm eles”, disse Sibel.

Por um instante, pensei que fosse Füsün que se aproximava com Kenan, e meu coração disparou. Mas eram Nurcihan e Zaim, que voltavam para a mesa. Meu coração continuava a bater sem controle. Eu me levantei de um salto e peguei Zaim pelo braço.

“Venha aqui, quero lhe apresentar uma bebida muito especial no bar”, disse a ele, e levei-o até lá. Enquanto atravessávamos a massa de convidados e eu enfrentava uma nova gincana de abraços e beijos, Zaim trocou alguns gracejos com duas moças que demonstraram algum interesse por ele. Vendo como uma delas olhava para ele desesperançada (tinha longos cabelos negros e o nariz adunco otomano), lembrei-me de ter ouvido alguns rumores sobre a paixão desvairada que ela desenvolvera alguns verões antes, chegando a tentar o suicídio.

“Todas as moças são loucas por você”, disse eu quando nos sentamos. “Qual é o seu segredo?”

“Acredite, nada de especial.”

“Não aconteceu mesmo nada de especial com a modelo alemã?”

Zaim exibiu um sorriso tranquilo e esquivo. “Não estou muito satisfeito com a minha fama”, disse ele. “Se um dia eu encontrasse uma jovem tão maravilhosa quanto Sibel, também iria querer me casar. Tenho de lhe dar meus parabéns — de verdade. Sibel é uma moça fabulosa. E estou vendo nos seus olhos o quanto você está feliz.”

“Na verdade, agora nem estou tão feliz assim. E é sobre isso que eu queria falar com você. Preciso de ajuda.”

“Faço qualquer coisa por você, você sabe disso”, disse ele, olhando-me nos olhos. “Pode confiar em mim, e fale logo.”

Enquanto o barman preparava nossos rakıs, olhei para a pista de dança. Será que Füsün, embalada pela melodia sentimental, apoiara a cabeça no ombro de Kenan? Aquela parte da pista estava escura demais para que eu pudesse ver, e cada tentativa de avistá-la reavivava minha dor.

“Existe uma moça que é parente distante da minha mãe”, disse eu. “O nome dela é Füsün.”

“Aquela que participou do concurso de beleza? Ela está dançando ali.”

“Como é que você sabe?”

“Ela é muito linda”, disse Zaim. “Eu a vejo quando passo por aquela boutique em Nişantaşı. Como todo mundo, sempre reduzo a velocidade e olho para a loja. Ela tem o tipo de beleza que não sai da cabeça da gente. Todo mundo sabe quem ela é.”

Preocupado com a possibilidade de Zaim dizer alguma coisa que tornasse a situação embaraçosa para nós dois, eu me adiantei: “Ela é minha amante”. Vi uma onda de inveja passar pelo rosto do meu amigo. “Só vê-la dançando com outra pessoa está doendo demais. Posso dizer que estou loucamente apaixonado por ela. Estou tentando imaginar alguma saída. Não quero que essa situação se prolongue por tempo demais.”

“Pois é, a garota é linda, mas a situação não podia ser pior”, disse Zaim. “E você tem razão, não pode deixar que se prolongue por muito tempo.”

Não perguntei a ele por quê. Nem me perguntei se era mesmo inveja, ou desprezo, o que eu percebia no rosto do meu amigo. Mas ficou claro que não podia lhe contar de imediato o que eu queria dele. Senti o impulso de lhe dizer primeiro o quanto era profunda e sincera essa coisa que havia entre Füsün e mim, tentando inspirar-lhe algum respeito. Mas, quando comecei a lhe revelar o que eu sentia por Füsün, ficou claro que a minha embriaguez só me permitiria exprimir as partes mais comuns da história, e que se fosse muito sincero quanto às minhas emoções ele iria me achar fraco e ridículo, e até, apesar do seu próprio comportamento leviano, ficar contra mim. Imagino que no fim das contas o que eu realmente queria do meu amigo era o seu reconhecimento, não do quanto eu era sincero, mas de como era um homem de sorte e do quanto era feliz. É assim que vejo hoje, tantos anos depois, mas naquele momento eu não podia sequer admitir essas coisas, e então, enquanto nós dois observávamos Füsün dançar, e minha cabeça girava de tanto álcool, contei minha história a Zaim. Contei que era o primeiro homem com quem Füsün tinha dormido, descrevendo a felicidade que tínhamos encontrado no amor físico, falei dos nossos desentendimentos de amantes e de uma série de outros detalhes que me vieram à cabeça naquele momento. “Em suma”, disse eu, subitamente inspirado, “o que eu mais quero na vida é ficar abraçado a essa moça até morrer.”

“Entendi.”

Quando percebi nele uma empatia masculina, desembaraçada de censura pelo meu egoísmo ou de julgamento moral da minha felicidade, relaxei.

“O que me perturba neste momento é que ela está dançando com Kenan, o funcionário mais novo da Satsat. Ela está pondo o emprego dele em perigo só para me deixar enciumado... Claro, também estou com medo de que ela possa gostar dele. Porque, verdade seja dita, Kenan seria o marido ideal para ela.”

“Sei”, disse Zaim.

“Daqui a pouco vou convidar Kenan para a mesa do meu pai. O que eu queria era que você fosse diretamente até Füsün e a mantivesse ocupada, acompanhando cada movimento dela, como um bom marcador num jogo de futebol, para eu não morrer de ciúme hoje à noite — e para conseguir chegar ao final da festa sem sucumbir a nenhuma fantasia nem demitir Kenan. Füsün e os pais dela devem ir embora daqui a pouco, pois amanhã ela vai fazer o vestibular. E, de qualquer maneira, o nosso caso impossível precisa acabar dentro em pouco.”

“Não acho que a sua garota vá se interessar muito por mim hoje à noite”, disse Zaim. “E existe ainda uma outra questão.”

“O quê?”

“Estou vendo que Sibel quer me manter longe de Nurcihan”, disse Zaim. “Quer começar alguma coisa entre ela e Mehmet. Mas acho que Nurcihan gostou de mim. E eu gosto dela, gosto muito. Então queria que você me ajudasse um pouco com isso. Eu sei que Mehmet é nosso amigo, mas quero competir com ele em pé de igualdade.”

“E o que quer que eu faça?”

“Eu não posso ir muito longe hoje à noite, não com Sibel e Mehmet trabalhando contra mim, e agora, se ainda preciso defender essa sua garota do tal funcionário, vou ter menos tempo para passar com Nurcihan. Então você precisa me compensar. Prometa que levará Nurcihan com você ao

piquenique na fábrica de Meltem.”

“Prometido.”

“E por que Sibel quer me manter afastado de Nurcihan, aliás?”

“Bom, ela tem má impressão de você, com suas modelos alemãs e suas dançarinas... Sibel não gosta dessas coisas. Ela quer casar a amiga dela com alguém que acha de confiança.”

“Por favor, diga a Sibel que eu não sou má pessoa.”

“É o que eu digo o tempo todo”, respondi enquanto me levantava. Fez-se um silêncio. “Agradeço o sacrifício que você está fazendo por mim”, disse eu. “Mas, quando for tomar conta de Füsün, cuidado, não vá se encantar com ela. Porque ela é maravilhosa.”

A expressão de Zaim, tão cheia de compreensão, liberou-me de sentir vergonha por meu ciúme. Trouxe-me certa paz, ainda que breve.

De volta à mesa da família, eu disse a meu pai, caído num estupor de tanto que bebera, que queria apresentar-lhe um funcionário novo muito inteligente e esforçado chamado Kenan, sentado à mesa da Satsat. Para não contrariar os demais empregados mais ambiciosos da Satsat, escrevi um bilhete em nome de meu pai e o entreguei a Mehmet Ali, um garçom que eu conhecia desde a abertura do hotel, instruindo-lhe que transmitisse o bilhete a Kenan na pausa seguinte da orquestra. Nesse momento, minha mãe estendeu a mão e tentou tirar o copo de rakı da mão de meu pai, dizendo “Já chega”, e na disputa derramou um pouco em sua gravata. Tinham começado a servir sorvete em taças quando a orquestra Folhas de Prata fez a pausa seguinte. Naquele tempo, todos fumávamos um cigarro entre um prato e outro da refeição. As migalhas de pão, os copos manchados de batom, os guardanapos marcados, os cinzeiros transbordantes, os isqueiros, os pratos sujos e os maços amassados de cigarros desencadeavam sensações dolorosas em minha mente confusa, dizendo que o fim da noite se aproximava. A certa altura, um garotinho, de seis ou talvez sete anos de idade, sentou-se no meu colo, e Sibel aproveitou a desculpa para vir sentar-se a meu lado e brincar com ele. E a visão levou minha mãe a observar: “Como você é jeitosa com ele”. Muitas pessoas ainda dançavam. Alguns momentos mais tarde, meu jovem, bonito e garboso funcionário chegou à mesa e, quando o ex-ministro do Exterior pôs-se de pé, um delicadíssimo Kenan disse a ele e a meu pai quanta honra sentia em conhecê-los. Depois que o ex-ministro do Exterior se afastou pesadamente, expliquei como Kenan Bey tinha dedicado considerável reflexão à expansão potencial da Satsat nas províncias, e que tinha um conhecimento especial de Esmirna. Elogiei-o muito, de modo que todos da mesa pudessem ouvir. Meu pai então começou a lhe fazer as perguntas que sempre dirigia aos novos funcionários: “Que línguas estrangeiras você fala, meu filho? Gosta de ler, tem algum hobby, é casado ou solteiro?”. “Ele não é casado”, disse minha mãe. “Agora mesmo ele estava dançando lindamente com a filha de Nesibe, Füsün.” “Ela floresceu e virou uma verdadeira beldade”, disse meu pai. “Não deixe esses dois, pai e filho, ficarem cansando o senhor com conversas de negócio, Kenan Bey”, disse minha mãe. “Deve estar querendo voltar para junto dos seus amigos.” “De maneira nenhuma, minha senhora! A honra de conhecer Mümtaz Bey — de conhecer todos vocês — é muito mais importante.” “Que rapaz fino e delicado”, sussurrou minha mãe, embora alto o suficiente para ser ouvida por Kenan. “Será que o convidado para ir lá em casa uma noite dessas?”

Quando minha mãe gostava de alguém ou o aprovava de maneira geral, fazia questão de ser ouvida

por ele quando nos fazia seus comentários à parte, porque gostava de ver no acanhamento da pessoa elogiada a prova de sua própria autoridade. E minha mãe sorria com essa satisfação quando a orquestra Folhas de Prata recomeçou, com um número muito lento e sentimental. Eu vi Zaim acompanhando Füsün para a pista de dança. “Vamos falar das possibilidades da Satsat nas províncias, agora que meu pai também está aqui”, disse eu. “Meu filho, vai me dizer que está pensando em falar de negócios agora, na sua festa de noivado?” “Minha senhora”, disse Kenan para minha mãe, “a senhora pode não saber, mas três ou quatro vezes por semana, depois que todo mundo já foi embora, seu filho fica até bem mais tarde e continua trabalhando.” “Às vezes Kenan e eu trabalhamos juntos até mais tarde”, acrescentei. “Sim, Kemal Bey e eu gostamos do nosso trabalho”, disse Kenan. “Às vezes, quando fica muito tarde, começamos a fazer rimas e trocadilhos com os nomes das pessoas que nos devem dinheiro.” “Está muito bem”, disse meu pai. “Mas o que vocês fazem com os cheques sem fundos?” “Eu queria uma reunião com os distribuidores para discutir essa questão, papai”, disse eu.

Enquanto a orquestra tocava uma música lenta atrás da outra, nossa conversa foi das possíveis inovações na Satsat aos locais de lazer que meu pai frequentava em Beyoğlu quando era da idade de Kenan, aos métodos adotados por İzak Bey (o primeiro contador de meu pai) — para cuja mesa agora nos viramos, erguendo nossos copos no que deve ter parecido ao contador um tributo enigmático. Em seguida, nos dedicamos a contemplar o que meu pai saudava como as belezas da juventude e daquela noite, e, acrescentou em tom de brincadeira, “do amor”. Apesar da pressão do meu pai, Kenan recusou-se a revelar se estava apaixonado ou não. O que não impediu minha mãe de interrogá-lo sobre sua família, e, ao saber que seu pai tinha um emprego no conselho municipal e trabalhara muitos anos como condutor de bondes, disse com um suspiro: “Oh, como eram maravilhosos, os velhos bondes!”.

Mais de metade dos convidados já se fora a essa altura. Meu pai mal conseguia manter os olhos abertos.

Quando minha mãe e meu pai beijaram cada um de nós no rosto, preparando-se para ir embora, minha mãe disse: “Não fique até muito tarde, meu filho”, olhando nos olhos de Sibel, e não nos meus.

Kenan queria voltar para junto dos seus amigos na mesa da Satsat, mas eu não o deixava partir. “Vamos até ali falar com meu irmão sobre a loja que podemos abrir em Esmirna”, disse eu. “Não é toda hora que estamos os três no mesmo lugar.”

Encarreguei-me de apresentar Kenan a meu irmão, e meu irmão (que já o conhecia havia algum tempo) levantou uma sobrancelha desdenhosa, declarando que eu devia estar absolutamente bêbado. Em seguida, olhou para Berrin e Sibel, indicando com a cabeça o copo em minha mão. Sim, eu já tomara dois copos de rakı a essa altura, um atrás do outro, porque, cada vez que avistava Zaim dançando com Füsün, o rakı era meu único alívio de um ciúme ridículo. Enquanto meu irmão conversava com Kenan sobre a logística da cobrança de contas atrasadas, todas as pessoas da nossa mesa, inclusive Kenan, olhavam para Zaim dançando com Füsün. Até Nurcihan, que estava de costas para eles, sentiu que Zaim se interessara por alguma outra mulher e estava ficando inquieta. A certa altura, pensei: “Estou feliz”. Por mais embriagado que estivesse, ainda tinha a impressão de que

tudo corria a meu favor. No rosto de Kenan eu reconhecia uma espécie de inquietação muito familiar, de maneira que peguei este copo alto e estreito (ver na exposição) e servi um rakı de consolação a meu jovem e ambicioso amigo, que, devido ao súbito interesse que lhe dedicavam seus patrões, perdera a moça que tinha nos braços pouco antes. Nesse momento, Mehmet finalmente chamou Nurcihan para dançar, e Sibel virou-se para me dirigir uma piscadela conspiratória, acrescentando em tom suave: “Você já bebeu demais, querido. Não beba mais”.

Encantado por sua solicitude, conduzi Sibel para a pista de dança e, no momento em que chegamos lá, percebi que cometera um erro. A orquestra Folhas de Prata tocava “Uma lembrança daquele verão”, que me trazia à mente o verão anterior, em que Sibel e eu fomos tão felizes, e, enquanto a música evocava essas lembranças com uma força irresistível — como espero também seja o poder dos objetos expostos neste museu —, Sibel me abraçou como se fosse a primeira vez. Como eu gostaria de responder com o mesmo ardor àquele abraço da minha noiva, com quem iria compartilhar o resto da minha vida. Mas só conseguia pensar em Füsün. Tentava avistá-la em meio aos convidados e, como não queria que me visse trocando um abraço amoroso com Sibel, eu me contive. Deixei-me distrair com os outros casais. Sorriam afetuosamente para mim, como as pessoas em geral fazem ao verem o noivo naquele estado deplorável no final de sua festa de noivado.

A certa altura, emparelhamo-nos com o colunista mais amado daquela época, que dançava com uma atraente mulher de cabelos escuros: “Celâl Bey, o amor não tem nada em comum com uma coluna de jornal, não é?”, perguntei. Quando Mehmet e Nurcihan aproximaram-se de nós, eu os tratei como se fossem amantes havia décadas. Fiz uma derrapante tentativa de propor um gracejo em francês a Zümriit Hanım, que falava francês sempre que visitava minha mãe, mesmo quando não havia ninguém por perto, supostamente para não ser entendida pelos criados. A essa altura, Sibel desistira de uma dança de que se lembraria para sempre, e murmurava em meu ouvido, dizendo-me como eu era delicado quando bebia, desculpando-se por ter me forçado a fazer o papel de casamenteiro, a que ela se entregara, segundo me disse, pensando só na felicidade dos nossos amigos, e avisando-me que o volúvel Zaim afastara-se de Nurcihan e assestara sua mira naquela moça que era minha parente distante. Franzindo o rosto, eu disse a ela que Zaim era ótima pessoa, e um amigo de toda confiança. Acrescentei que Zaim estava querendo saber por que ela o tratava tão mal.

“Quer dizer que você andou conversando a meu respeito com Zaim? O que ele disse?”, perguntou Sibel. Durante o intervalo entre as músicas, aproximamo-nos novamente do cronista Celâl Salik. “Descobri uma coisa que o amor tem em comum com uma boa coluna de jornal, Kemal Bey”, disse ele. “O quê?”, perguntei. “O amor, como uma coluna de jornal, precisa nos deixar felizes *agora*. Julgamos a beleza e o poder de ambos pela profundidade da impressão imediata que produz na alma.” “Mestre, por favor escreva isso na sua coluna um dia”, disse eu, mas ele não me escutava mais, dando atenção à sua parceira de dança de cabelos cor de corvo. Naquele momento percebi Zaim e Füsün ao nosso lado. Füsün aproximara muito sua cabeça do pescoço dele e sussurrava-lhe alguma coisa, e Zaim sorria alegremente. Pareceu-me que eram perfeitamente capazes de nos ver, mas fingiam não reparar em nós enquanto rodopiavam pela pista de dança.

Sem perder tempo, manobrei Sibel na direção deles e então, como um navio pirata que aborda um galeão mercante, fiz nosso par esbarrar de lado em Füsün e Zaim.

“Ah, desculpe”, disse eu com uma risada estúpida. “Como vai?” A alegria confusa no rosto de Füsün me devolveu o bom senso e, ao mesmo tempo, percebi em minha embriaguez uma boa desculpa para uma iniciativa ousada. Virei-me para Zaim, entregando-lhe a mão de Sibel. “Posso oferecer-lhe a honra desta dança?” Zaim retirou a mão da cintura de Füsün. “Vocês dois precisam se conhecer melhor”, disse eu, “e talvez seja bom começarem desde já.” Completando meu gesto de sacrifício, pus minhas mãos em suas costas e empurrei um na direção do outro. Enquanto Sibel e Zaim começavam a dançar, com óbvia relutância, Füsün e eu trocamos um rapidíssimo olhar. Em seguida pus minha mão em sua cintura e, com alguns giros suaves, afastei-a o mais que pude, como qualquer pretendente animado que se preparasse para fugir com a amada.

Como descrever a paz que tomou conta de mim no momento em que a tomei nos braços? O barulho dos convidados que tanto me incomodava, o escarcéu que eu percebera como o somatório do tinido dos talheres, da orquestra e do barulho da cidade — agora eu via que era apenas minha inquietação por estar longe dela. Como um bebê que só para de chorar nos braços de determinada pessoa, senti uma profunda, macia e aveludada bênção de silêncio a se espalhar por dentro de mim. Pela sua expressão, posso dizer que Füsün sentia a mesma coisa. Tomando o silêncio que nos envolvia por nosso reconhecimento conjunto do encantamento compartilhado, desejei que aquela dança nunca acabasse. Mas logo percebi que a metade daquele silêncio que cabia a ela significava coisa muito diversa da minha. O silêncio de Füsün remetia à pergunta que eu não recebera com a devida atenção mais cedo, tratando-a como um gracejo (“O que será de nós?”), e agora cabia a mim dar-lhe uma resposta. Concluí que era para isso que ela viera à festa. O interesse que outros homens demonstravam por ela naquela noite, a admiração que eu via até nos olhos das crianças — tudo aquilo lhe dava confiança, aliviava seu sofrimento. Agora ela podia me ver em perspectiva, como um “capricho passageiro”. Quando comecei a perceber, em minha embriaguez, que a noite chegava ao fim, fui surpreendido pela ideia aterrorizante de perder Füsün.

“Quando duas pessoas se amam tanto quanto nós, ninguém pode se colocar entre elas, ninguém”, disse eu, surpreso com as palavras que lhe dizia sem nenhuma reflexão. “Apaixonados como nós, por saber que nada é capaz de destruir o seu amor, mesmo nos piores dias, mesmo quando se descuidam e ferem um ao outro da maneira mais cruel e mentirosa, ainda assim trazem no coração um consolo que nunca os abandona. Pode acreditar que depois de hoje à noite vou dar um fim a tudo isso, e deixar tudo em pratos limpos. Está me ouvindo?”

“Estou ouvindo.”

Quando tive certeza de que ninguém que dançava perto de nós estava olhando, eu disse: “Nós nos conhecemos num momento infeliz. Nos primeiros dias, nenhum de nós dois tinha como saber como era raro esse amor entre nós. Mas agora vou acertar tudo. Nossa preocupação mais imediata é o seu exame de amanhã. Hoje à noite você não deve mais perder um minuto se preocupando conosco”.

“Então me diga, o que vai acontecer agora?”

“Amanhã, como sempre...” (por um instante, minha voz ficou trêmula), “às duas da tarde, depois que você acabar seu exame, vamos nos encontrar no edifício Merhamet. Aí eu posso lhe dizer o que planejo fazer em seguida, sem precisar me precipitar. Se você não confiar no que eu lhe disser, nunca mais precisará me ver.”

“Não, diga agora, e eu irei.”

Como era bom imaginar, em minha embriaguez profunda, que ela iria ao meu encontro no dia seguinte às duas da tarde, que havíamos de nos amar como sempre e que ficaríamos juntos até o fim dos meus dias; quando senti nas mãos seus ombros magníficos e seus braços cor de mel, resolvi que faria tudo que pudesse, tudo que fosse preciso.

“Ninguém vai se intrometer novamente entre nós”, disse eu.

“Então está bem, eu irei amanhã depois do exame, e você, com a ajuda de Deus, não vai recuar da palavra dada, e irá me contar como imagina fazer o que me disse.”

Enquanto nós dois continuávamos de pé ao ritmo da música, perfeitamente eretos, com minha mão amorosamente enlaçada em sua cintura, tentei trazê-la para mais perto de mim. Ela resistiu, recusando-se a encostar em mim, o que me deixou ainda mais excitado. Mas, quando ficou claro que minha tentativa de envolvê-la com os braços na frente de todo mundo não estava sendo considerada um sinal de amor, mas prova de minha embriaguez, controlei-me e desisti.

“Precisamos sentar”, disse ela. “Estou sentindo os olhos de todo mundo em cima de mim.” Começou a desembaraçar-se dos meus braços. “Vá direto para casa e durma um pouco”, murmurei. “Durante o exame, lembre-se apenas do quanto eu a amo.”

Quando voltei para nossa mesa, não havia mais ninguém em torno dela, além de Berrin e Osman, ambos de rosto franzido e implicando um com o outro. “Você está bem?”, perguntou Berrin.

“Perfeitamente bem”, respondi, contemplando a mesa em desordem e as cadeiras vazias.

“Sibel não quis mais dançar, e Kenan levou-a com ele até a mesa da Satsat, onde estavam disputando algum tipo de jogo.”

“É bom que você tenha dançado com Füsün”, disse Osman. “No fim das contas, foi errado da parte da nossa mãe ter dado um gelo nela. É importante para Füsün e para todo mundo saber que a família se interessa por ela, que todas aquelas bobagens em torno do concurso de beleza foram esquecidas, e que ela pode contar conosco. Eu me preocupo com ela. *“She thinks she is too beautiful”*, disse ele em inglês. “Aquele vestido é revelador demais. Daqui a seis meses ela deixará de ser uma criança e se tornará mulher; ela realmente floresceu. Se não se casar logo com o tipo certo de homem, primeiro vai criar reputação, e isto só pode levar à desgraça. O que ela estava lhe contando?”

“Parece que amanhã ela vai fazer o vestibular.”

“E ainda está aqui dançando? Já passa da meia-noite.” Ele a acompanhou com os olhos enquanto ela andava até sua mesa. “Gostei de verdade do seu Kenan, aliás. Acho que ela devia casar-se com *ele*.”

“Quer que eu diga isso aos dois?”, gritei, já me afastando dele. Era uma coisa que eu fazia desde a infância. Sempre que meu irmão começava a falar, eu fazia o contrário do que ele pedia, e me retirava para o canto mais distante, ignorando o que ele acabara de dizer.

Anos mais tarde, eu haveria de refletir sobre minha alegria e minha bem-aventurança naquele momento da noite, no caminho entre a minha mesa e as mesas do fundo onde os empregados da Satsat, Füsün e seus pais estavam sentados. Eu acabara de dar um jeito em tudo, e dali a treze horas e quarenta e cinco minutos tornaria a me encontrar com Füsün no edifício Merhamet. Um futuro

luminoso me esperava, e a promessa de felicidade cintilava como o Bósforo a nossos pés. No mesmo momento em que eu ria com as belas moças já cansadas de dançar, seus vestidos em encantadora (e reveladora) desordem, brincando com os últimos convidados, velhos amigos e tias afetuosas que conhecia desde que nascera, uma voz dentro de mim me avisava que, se eu continuasse naquele caminho, não acabaria casado com Sibel, mas com Füsün.

Sibel se juntara à desarrumada mesa da Satsat, onde realizavam uma suposta sessão espírita, na verdade uma brincadeira alcoolizada sem base em qualquer conhecimento especial do espiritismo. Depois de não conseguir invocar espírito algum, o grupo começou a se dispersar. Sibel deslocou-se para a mesa ao lado, que estava vazia, salvo por Kenan e Füsün, com quem travou imediatamente uma conversa antes que eu conseguisse chegar lá. Vendo que eu me aproximava, Kenan tirou Füsün para dançar. Füsün, tendo-me visto, recusou, dizendo que os sapatos apertavam seus pés, e com orgulho juvenil Kenan reagiu como se a questão fosse não Füsün mas a dança, e afastou-se enquanto a orquestra Folhas de Prata tocava um dos números acelerados da noite para ensaiar os últimos passos com algum outro par. De maneira que agora, em torno da mesa da Satsat, a essa altura praticamente vazia, uma cadeira me esperava entre Füsün e Sibel. E me sentei entre as duas. Como eu gostaria que alguém tivesse tirado uma foto de nós três que agora eu pudesse expor!

E ao me sentar descobri, com satisfação, que Füsün e Sibel conversavam sobre o espiritismo como duas senhoras de Nişantaşı que se conhecessem havia anos mas ainda mantivessem certa distância, usando uma linguagem claramente formal, quase cerimoniosa. Füsün, que eu supunha ter tido pouca formação religiosa, declarou que as almas deviam certamente existir, “como afirma a nossa religião”, mas que para nós deste mundo a tentativa de comunicação com elas era um pecado. Aqui ela olhou para seu pai na mesa ao lado. A noção lhe fora certamente ensinada por ele.

“Três anos atrás desobedeci a meu pai e estive numa sessão espírita com umas colegas de turma — só por curiosidade”, disse Füsün. “Pediram que eu desse o nome de alguém e me lembrei de um amigo de infância de quem eu gostava muito, embora tivesse perdido o contato com ele, e, sem parar para pensar, escrevi o nome dele, só porque tinham pedido... Mas esse nome que eu tinha escrito, sem realmente acreditar, só por diversão... bem, o espírito dele apareceu e eu me senti *tão* culpada.”

“Por quê?”

“Porque dava para ver, pela maneira como a xícara de café chocalhava, que meu amigo perdido Necdet sentia muita dor. A xícara chocalhava como se tivesse vida própria, e senti que Necdet devia estar tentando dizer alguma coisa. Então, de repente, a xícara de café se aquietou... Todo mundo disse que essa pessoa devia ter morrido naquele exato momento... Como é que podiam saber?”

“E como é que sabiam?”, perguntou Sibel.

“Naquela mesma noite eu estava em casa, procurando uma luva perdida nas minhas gavetas, e encontrei um lenço que Necdet me dera de presente muitos anos antes. Talvez fosse coincidência. Mas acho que não. E aprendi uma lição. Quando perdemos uma pessoa que amamos, nunca devemos perturbar a sua alma, esteja ela viva ou morta. Em vez disso, devemos procurar consolo em algum objeto que nos lembre essa pessoa, alguma coisa... não sei... até mesmo um brinco.”

“Füsün, querida, hora de ir para casa”, disse tia Nesibe. “Você tem o exame amanhã cedo, e o seu pai mal consegue ficar acordado.”

“Só um minuto, mamãe!”, disse Füsun com voz firme.

“Também não acredito em sessões espíritas”, disse Sibel. “Mas quando sou convidada nunca deixo de ir, porque gosto de ver as coisas que as pessoas fazem, e de ver o que lhes mete medo.”

“Mas, se você amasse alguém e sentisse uma falta terrível dessa pessoa, o que você faria?”, perguntou Füsun. “Reuniria seus amigos para tentar invocar o espírito dela, ou sairia à procura de alguma coisa que ela possuísse, como uma cigareira?”

Enquanto Sibel procurava uma resposta cortês, Füsun levantou-se de um salto de sua cadeira e, estendendo a mão para a mesa ao lado, pegou uma bolsa, que colocou à nossa frente. “Esta bolsa me lembra o meu constrangimento... a minha vergonha por ter lhes vendido uma bolsa falsificada”, disse ela.

Quando vi a bolsa no braço de Füsun mais cedo, não reconheci que era “aquela” bolsa. Mas eu a comprara na boutique şanzelize logo antes do momento mais feliz da minha vida, e, depois de ter deparado com Füsun na rua, a levava conosco para o edifício Merhamet. Ontem mesmo aquela bolsa talismã Jenny Colon ainda estava lá. E como podia estar ali agora? Senti-me como o espectador confundido com o truque de um ilusionista, e minha cabeça girava.

“Fica muito bonita em você”, disse Sibel encabulada. “Tão linda com o laranja, com o seu chapéu, que quando vi fiquei com inveja. Fiquei com pena de ter devolvido a bolsa. Como você ficou linda!”

Ocorreu-me que Şenay Hanım havia de ter mais de uma daquelas bolsas Jenny Colon falsificadas em seu estoque. Depois de vender uma para mim, talvez tenha posto outra na vitrine, e até emprestado uma terceira a Füsun para aquela noite.

“Depois que você percebeu que a bolsa era falsificada, parou de vir à şanzelize”, disse Füsun, sorrindo com graça para Sibel. “O que me perturbou, porque é claro que você tinha razão.” Abrindo a bolsa, ela nos mostrou o interior. “Nossos artesãos produzem ótimas cópias de produtos europeus, benditos sejam, mas nunca o suficiente para enganar alguém com seu olho experiente. Mas agora preciso dizer uma coisa.” Ela engoliu em seco e ficou calada algum tempo, deixando-me com medo de que fosse chorar. Mas ela se conteve, e com o rosto franzido recitou o que devia ter ensaiado em casa. “Para mim, não faz a menor diferença se um produto for europeu ou não. E também não faz a menor diferença se uma coisa for genuína ou falsificada. Se você quer saber, as pessoas não rejeitam as imitações por algum motivo que tenha a ver com a autenticidade ou a falsificação, mas por medo de que os outros possam achar que compraram ‘mais barato’. Para mim, as pessoas não deviam pensar só na marca, e sim na coisa em si. Você sabe que existem pessoas que não levam em conta os próprios sentimentos, só o que os outros podem pensar” — e aqui ela olhou na minha direção. “Esta bolsa sempre vai me lembrar da noite de hoje. Meus parabéns. É uma noite que nunca irei esquecer.” Pôs-se de pé e, enquanto nos dava um aperto de mão, minha amada beijou cada um de nós no rosto. Quando se virava para ir embora, percebeu que Zaim se aproximava da mesa e virou-se novamente para Sibel. “Zaim Bey é um bom amigo do seu noivo, não é?”

“É, eles são muito chegados”, respondeu Sibel. Enquanto Füsun dava o braço a seu pai, Sibel virou-se para mim e perguntou: “O que será que ela quis dizer com essa pergunta?”. Mas não havia nenhum desprezo por Füsun em sua expressão. Vi, na verdade, algo que lembrava um interesse, até

certa adoração.

Enquanto Füsün caminhava lentamente até as escadas, ladeada pela mãe e pelo pai, acompanhei seus passos com amor e orgulho.

Zaim se aproximou e sentou-se a meu lado. “Sabe, na mesa da Satsat atrás de nós, riram muito à sua custa a noite inteira”, disse ele. “Como seu amigo, achei que você devia saber.”

“Você só pode estar brincando! Do que exatamente poderiam estar rindo?”

“Bom, eu não soube diretamente, claro. Kenan é que contou a Füsün. E ela me contou... E ficou muito aborrecida também. Aparentemente, é do conhecimento geral que toda noite, na hora de ir embora, você e Sibel se encontram lá para uma rapidinha no divã da sua sala. E é disso que todo mundo estava rindo.”

“O que foi agora?”, perguntou Sibel quando voltou ao nosso encontro. “Ficou deprimido de novo?”

## 25. A agonia da espera

Não dormi nada aquela noite. Na verdade, Sibel e eu só nos encontrávamos raramente na Satsat, mas aquilo não atenuava nem um pouco a revelação que, eu temia, podia me valer a perda de Füsün. Ao amanhecer, cochilei um pouco. Assim que acordei, fiz a barba e saí para um passeio. Voltei pelo caminho mais longo, passando em frente do edifício Taşkışla da Universidade Técnica, com seus cento e quinze anos de idade, onde Füsün estava fazendo seus exames. Nas laterais da porta, pela qual soldados otomanos, cada um com seu fez na cabeça e seus bigodes em ponta, antes passavam a caminho do treinamento, mães de cabeça coberta e pais fumando um cigarro atrás do outro sentavam-se em fileiras, à espera dos filhos. Alguns liam o jornal; outros conversavam ou olhavam para o céu com o rosto vazio de expressão. Não vi tia Nesibe no meio deles. Entre as janelas da fachada de pedra, mesmo depois de sessenta e seis anos, ainda se viam os buracos de bala deixados pelo Exército da Ação durante a deposição do sultão Abdülhamit. Fixando meus olhos numa dessas altas janelas, fiz uma prece, pedindo a Deus que ajudasse Füsün a responder às questões e a devolvesse para mim, saltitante de alegria, assim que terminasse o exame.

Mas Füsün não veio ao edifício Merhamet naquele dia. Pensei que sua raiva iria passar. Enquanto o sol forte de junho infiltrava-se pelas cortinas e o quarto ficava cada vez mais quente, ainda esperei mais duas horas depois que passou o horário do nosso encontro. Ficar olhando para a cama vazia me incomodava, de maneira que saí para mais uma caminhada. Enquanto andava pelo parque, passando por soldados que gastavam suas horas de folga e crianças que davam de comer aos pombos sob o olhar das famílias, além de pessoas que liam jornal nos bancos à beira-mar ou acompanhavam a passagem dos navios, tentei convencer-me de que Füsün viria à hora de sempre no dia seguinte. Mas ela não veio no dia seguinte, nem nos quatro dias que se sucederam.

Eu ia diariamente ao edifício Merhamet na hora marcada, e dava início à minha espera. Tendo percebido que chegar antes da hora só agravava minha dor, resolvi nunca mais chegar antes de cinco para as duas. Eu entrava no apartamento trêmulo de impaciência, e durante os primeiros dez a

quinze minutos a dor era aliviada por uma antecipação cheia de esperança, uma excitação que tomava conta de minha cabeça até a ponta do nariz, enquanto o coração doía e meu estômago entrava em espasmo. De tempos em tempos eu abria as cortinas e olhava para a rua, inspecionando em detalhe as manchas de ferrugem no lampião em frente à entrada, e depois arrumava um pouco o quarto. Ouvia passos no andar de baixo, e de vez em quando ouvia o estalido de saltos altos passando com aquele andar decidido dela. Mas sempre seguiam em frente sem diminuir a velocidade, e eu percebia sofrido que a mulher que entrara no edifício, fechando de leve a porta atrás de si de maneira tão familiar, na verdade era outra pessoa.

Exponho aqui o relógio de parede, esses palitos e essas caixas de fósforo, porque eles sugerem como eu passava os lentíssimos dez ou quinze minutos de que, a cada vez, precisava para aceitar que Füsün não viria mais. Percorria o apartamento, olhava pelas janelas, parava de vez em quando e ficava imóvel no mesmo lugar, ouvindo a dor que se acumulava dentro de mim. Enquanto os relógios do apartamento tiquetaqueavam, minha mente se fixava nos segundos e nos minutos para distrair-se da agonia. À medida que a hora marcada se aproximava, o sentimento de que “Hoje sim ela vem, e já vai chegar” florescia dentro de mim, por conta própria, como as flores que se abrem na primavera. Nesses momentos eu desejava que o tempo corresse mais depressa, para poder reencontrar logo a minha amada. Mas os minutos nunca passavam. Por um instante, num acesso de grande lucidez, eu compreendia que estava me enganando e que na verdade não desejava que o tempo corresse, porque Füsün podia nunca mais voltar. Às duas da tarde eu nunca sabia ao certo se devia ficar feliz porque a hora tinha chegado ou triste porque a cada minuto depois disso sua vinda se tornava menos provável, e a distância entre mim e a minha amada aumentava como entre o passageiro de um navio que se afasta do porto e a pessoa que deixa para trás. Assim, continuava a tentar me convencer de que nem tantos minutos assim tinham passado, e para tanto inventava pequenos pacotes de tempo em minha mente. Em vez de sentir aquela dor a cada segundo de cada minuto, só me permitia senti-la uma vez a cada cinco minutos. Dessa maneira, reunia toda dor de cada um dos cinco minutos e a sofria por inteiro no final do último. Mas isso tampouco adiantava quando eu não conseguia mais negar que os primeiros cinco minutos já tinham se passado — quando me via obrigado a admitir que ela não viria, a dor adiada cravava-se em mim como um prego impiedosamente martelado. No desespero que se seguia eu repetia o mesmo exercício, fazendo o possível para me convencer de que Füsün muitas vezes se atrasara dez ou quinze minutos em nossos encontros, coisa de que não tinha muita certeza mas que me concedia uma trégua de pelo menos quatro quintos da próxima série de cinco minutos, e a esperança retornava enquanto eu sonhava que dali a um instante ela haveria de tocar a campainha, que dali a um instante ela estaria ali comigo, tão inesperadamente quanto em nosso segundo encontro. Ficava imaginando o que faria quando ela tocasse a campainha — se me aborreceria por ela ter passado tantos dias sem vir ou se a perdoaria instantaneamente. E esses sonhos passageiros se misturavam com as memórias quando meus olhos pousavam nesta xícara que exponho aqui, na qual Füsün tomou seu chá no primeiro encontro, ou neste vasinho que ela segurou nas mãos sem motivo especial enquanto percorria impaciente o apartamento. Depois de desviar-me o quanto podia da consciência cada vez mais desesperançosa de que o quarto e o quinto pacotes de cinco minutos já tinham se passado, minha razão me forçava a

admitir que Füsün não viria mais naquele dia, e nesses momentos a agonia dentro de mim era tamanha que eu só conseguia deixar-me cair na cama como um inválido.

## 26. O mapa anatômico das dores de amor

Esta representação dos órgãos internos do corpo humano foi tirada de um anúncio do analgésico Paradison, exibido nas vitrines de todas as farmácias de Istambul na época, e a exponho aqui para mostrar ao visitante do museu onde a agonia do amor apareceu primeiro, onde se tornou mais pronunciada e, depois, até onde se espalhou. É preciso explicar para os leitores sem acesso a nosso museu que a dor mais acentuada manifestava-se inicialmente no quadrante superior esquerdo do estômago. À medida que se intensificava, a dor se difundia, como indica o desenho, para a cavidade situada entre os pulmões e o estômago. A essa altura, sua presença não se limitava mais ao lado esquerdo do abdome, instalava-se também no direito, e eu tinha a impressão de que enfiavam em mim a ponta de um atizador, ou uma chave de fenda. Era como se meu estômago, e depois todo o meu abdome, se inundasse de ácido, como se pequenas estrelas-do-mar pegajosas e em brasa grudassem nos meus órgãos internos. À medida que a dor se espalhava e crescia, eu a sentia subir pela nuca até a testa, descendo pelos ombros para se espalhar por todo o corpo, invadindo até mesmo meus sonhos e se apossando totalmente de mim. Às vezes, como aparece no diagrama, uma estrela de dor se formava a partir do meu umbigo e emitia raios de ácido que chegavam à garganta e à boca, e eu tinha medo de que me sufocasse. Se eu batesse com a mão na parede, tentasse alguns exercícios de ginástica ou de algum modo me contraísse como um atleta, conseguia bloquear a dor por algum tempo, mas mesmo quando ela estava mais contida eu sentia sua presença como um gotejamento endovenoso pingando sempre em minha corrente sanguínea, e presente o tempo todo no meu estômago, que era seu epicentro.

Apesar de todas as manifestações tangíveis, eu sabia que essa dor emanava da minha mente, da minha alma, mas mesmo assim não conseguia convencer-me a expurgar a mente e libertar-me dela. Sem qualquer experiência daquele sentimento, via-me forçado, como um orgulhoso jovem oficial emboscado na primeira missão, a uma debandada mental. E as esperanças que ainda conservava — a cada novo dia, a cada novo sonho, a cada novo motivo pelo qual Füsün pudesse vir ao edifício Merhamet — só faziam piorar as coisas, pois, tornando a agonia suportável, prolongavam-na ainda mais.

Em meus momentos de maior lucidez, eu imaginava que ela estivesse me tratando com o devido menosprezo, castigando-me não só pelo noivado mas também por lhe esconder meus encontros com Sibel no escritório, entregar-me ao ciúme na festa de noivado e lançar mão de truques para mantê-la afastada de Kenan, e também, claro, por não ter conseguido solucionar o desaparecimento do brinco. Mas sentia ao mesmo tempo, com grande intensidade, que negar a felicidade sem igual que tínhamos compartilhado era para ela um castigo tão pesado quanto para mim, e que, como eu, ela não tinha como suportá-lo por muito tempo. Eu precisava suportar a dor e enfrentar o tormento com estoicismo, pois assim, quando nos encontrássemos, ela poderia sentir-se levada a reconhecer meu

sofrimento. Mas todos esses cálculos vinham emaranhados em remorso — pois eu decidira correr o risco de convidá-la para a festa sem ter encontrado o brinco perdido, sem ter lhe ensinado matemática direito ou devolvido o velocípede da sua infância, durante o jantar prometido com seus pais. A dor do remorso era mais curta e delimitada; manifestava-se na parte posterior das pernas e nos pulmões (ver o diagrama), minando misteriosamente minhas forças. Mas não era menos debilitante, e mal me deixava energias para ficar de pé, ansioso por desabar numa cama.

Às vezes eu me perguntava se tudo aquilo não estaria acontecendo porque ela se saíra mal em seus exames. Mais tarde, em meus sonhos culpados, eu lhe daria aulas de matemática muito longas e abrangentes; minha dor se atenuava, especialmente quando as aulas de matemática chegavam ao fim e nos entregávamos ao amor. Mas o sonho sempre terminava de modo abrupto quando eu lembrava que ela não cumprira a promessa feita quando dançamos na festa de noivado — de vir ao meu encontro assim que acabasse a prova — e, quando constatava que nem sequer se dera ao trabalho de me apresentar alguma desculpa, sentia raiva, ressentimento alimentado ainda por seus crimes menores — tentar despertar meu ciúme na festa, ficar ouvindo os empregados da Satsat rindo à minha custa. Essas queixas eu usava para me distanciar dela, respondendo com meu silêncio ao seu desejo de me castigar.

Em torno de duas e meia da tarde de sexta-feira, no momento em que reconheci que ela não viria, malgrado cada um dos meus pequenos ressentimentos, malgrado a esperança que conjurei e cada truque que empreguei para me enganar, desabei derrotado. A dor agora tornara-se fatal, devorando-me como uma fera sem dó pela presa. Fiquei estendido na cama como um cadáver, aspirando o aroma que ela deixara nos lençóis, lembrando a felicidade com que tínhamos nos amado naquela mesma cama seis dias antes, perguntando-me como conseguiria viver sem ela, enquanto o ciúme incontrolável se mesclava à minha raiva. Imaginei que Füsün não tivesse perdido tempo para arranjar um novo amante. Aquela fantasia humilhante que me debilitava já surgira na minha cabeça em momentos anteriores, mas não conseguia desfazer-me dela, imaginando que meu rival fosse Kenan, ou Turgay Bey, ou qualquer outro admirador, até mesmo Zaim — quem tivesse aparecido primeiro. Uma mulher como ela, que encontrava tanto prazer no amor físico, com certeza não haveria de se refrear por muito tempo, procurando o mesmo prazer com outros, especialmente no momento em que a raiva de mim a impelia à vingança. Embora uma parte de minha mente conseguisse ver o que eram na verdade esses sentimentos, ainda assim eu me deixava levar, permitindo que esse pesadelo degradante me afogasse. Concluindo que o desejo e a raiva acabariam por me enlouquecer, saí correndo do apartamento e segui diretamente para a boutique şanzelize.

Lembro que meu coração reventava de uma esperança agonizante enquanto descí correndo a avenida Teşvikiye. Movido pela certeza de que ficaria curado só de vê-la, nem sequer pensei no que poderia lhe dizer. No momento em que eu a visse minha dor desapareceria, pelo menos por algum tempo — disso eu tinha certeza. Ela precisava me escutar; havia tantas coisas que eu precisava dizer. Não era aquilo que tínhamos combinado na festa — seria necessário ir a uma confeitaria para conversar.

A campainha na porta da boutique şanzelize soou e meu coração se contraiu. O canário não estava mais lá. Eu já deduzira que Füsün tampouco estava na loja, mas por medo e desamparo tentei

convencer-me de que podia estar escondida na sala dos fundos.

“Kemal Bey, bem-vindo”, disse-me Şenay Hanım com um sorriso diabólico.

“Eu queria ver a bolsa branca bordada da vitrine”, sussurrei.

“Ah, sim, é uma peça belíssima”, comentou ela. “O senhor tem muito bom gosto. Sempre que alguma coisa bonita chega à loja, o senhor é o primeiro a ver. Esta bolsa acaba de chegar de Paris. Veja a pedra preciosa que ela tem no fecho. Tem uma bolsinha de moedas no interior, e um espelho, tudo feito à mão, é claro.” Enquanto ela avançava a custo até a vitrine para pegar a bolsa, continuava a exagerar suas qualidades.

Olhei para a sala do fundo através das cortinas. Füsün não estava lá. Quando a dona da loja me trouxe a elegante bolsa em padrão floral, fingi examiná-la com todo o cuidado e aceitei sem questionar o preço exorbitante que ela me cobrou. Enquanto a bruxa embrulhava a bolsa, passou muito tempo comentando como todo mundo ficara impressionado com minha festa de noivado. E, só para manter a transação em andamento, pedi-lhe que embrulhasse também um par de abotoaduras que notei de passagem. Encorajado pelo prazer que vi em seu rosto, perguntei: “E o que foi feito daquela nossa prima? Ela não veio hoje?”

“Ora, o senhor não sabe? Füsün parou de trabalhar aqui de um dia para o outro.”

“É mesmo?”

Ela adivinhou imediatamente que eu viera à procura de Füsün, deduziu que não estávamos nos encontrando, e agora me examinava atenta, tentando descobrir o que podia ter acontecido.

Consegui me conter e não lhe perguntar mais nada. Apesar da dor, enfiei calmamente a mão no bolso, para esconder que não estava usando a aliança de noivado. Quando paguei, percebi que ela me olhava com compaixão: era como se, nós dois tendo perdido Füsün, aquilo nos tornasse mais próximos. No entanto, não consegui deixar de lançar um último olhar incrédulo em direção à sala dos fundos.

“Hoje em dia as coisas são assim”, disse a mulher. “Os jovens não querem saber de ganhar o próprio dinheiro. Querem tudo da maneira mais fácil.” E foi este último comentário o que mais me feriu.

Consegui esconder tudo de Sibel. Minha noiva registrava cada uma das minhas expressões, cada um dos meus novos gestos, e por eles era afetada, mas, ainda assim, nos primeiros dias que se seguiram ao nosso noivado não me perguntava nada. No terceiro dia, porém, na hora do jantar, quando eu me retorcia com um desconforto evidente, observou, com a expressão mais doce, que eu estava bebendo muito depressa, e perguntou: “O que está havendo, meu amor?”. Respondi que os problemas com meu irmão no trabalho estavam acabando comigo. Na sexta-feira seguinte à noite — com um dardo de dor que irradiava para cima a partir do meu estômago, e outro queimando na direção oposta, da nuca para as pernas, enquanto eu pensava no que Füsün estaria fazendo —, Sibel repetiu a pergunta. Consegui inventar toda uma meada de detalhes para conferir credibilidade àquela história do desentendimento com meu irmão. (Com uma simetria que só Deus consegue criar, essas invenções se tornariam verdadeiras muitos anos mais tarde.) “Deixe para lá”, disse Sibel com um sorriso. “Quer que eu lhe conte os truques que Mehmet e Zaim estão imaginando para se aproximar de Nurcihan no piquenique de domingo?”

## 27. Não se incline tanto assim para trás, você pode cair

Para refletir a síntese das delícias e inspirações tradicionais extraídas das revistas francesas de decoração preferidas por Sibel e Nurcihan, a cesta de piquenique aqui exposta — contendo uma garrafa térmica cheia de chá, folhas de parreira recheadas numa caixa de plástico, ovos cozidos, algumas garrafas de Meltem e esta elegante toalha de mesa que Zaim herdou da avó — evoca a excursão dominical que fizemos e talvez proporcione ao visitante algum alívio da opressiva sucessão de cenários de interior, além da minha própria agonia. Mas nem o leitor nem o visitante devem imaginar de maneira alguma que eu tenha conseguido esquecer a minha dor nem um instante sequer.

Naquela manhã de domingo, primeiro fomos até o Bósforo, à fábrica de Meltem em Büyükdere. Nas laterais de sua sede havia gigantescos retratos de Inge ao lado de slogans esquerdistas recobertos de tinta. Enquanto percorríamos as linhas de esterilização e engarrafamento, onde mulheres caladas de cabeça coberta e avental azul trabalhavam sob a orientação de supervisores ruidosos e animados (eram apenas sessenta e quatro empregados ao todo, em contraste com os incontáveis cartazes que a Meltem espalhara por toda a cidade), e ao mesmo tempo em que eu manifestava minha reprovação pelos cintos grossos, os jeans e as botas de couro que as outras pessoas do nosso grupo tinham decidido usar naquele dia — trajas que eram, tanto quanto seu comportamento relaxado, exageradamente europeus —, precisava abafar as batidas tristes do meu coração, que chorava lastimosamente, Füsün, Füsün, Füsün.

Empilhamo-nos em dois carros e seguimos para a floresta de Belgrat, até um campo verde que dava para Bentler e revelava o mesmo panorama que este aqui, pintado cento e setenta anos atrás pelo artista europeu Melling, e lá abrimos nosso *déjeuner sur l'herbe*. Lembro-me de ter me estendido na grama em torno do meio-dia, contemplando o céu azul muito claro. Sibel e Zaim tentavam trocar as cordas de um antigo balanço dos jardins persas, e lembro como fiquei impressionado com a graça e a beleza de Sibel. A certa altura, disputei o jogo infantil das Nove Pedras com Nurcihan e Mehmet. Enquanto aspirava o aroma suave da grama e a brisa fresca que vinha do lago além de Bentler, recendendo a pinho e rosas, pensei que a vida maravilhosa que tinha pela frente era uma dádiva de Deus, que toda aquela beleza me fora concedida incondicionalmente; e como era uma estupidez colossal — e talvez um pecado — permitir que ela se envenenasse com aquelas dores que se irradiavam a partir do meu estômago para todas as partes do corpo. Sentia também vergonha de ter sido reduzido àquilo pela dor de não ver Füsün e de, com a confiança em mim mesmo abalada, ter sucumbido ao ciúme. Enquanto Mehmet, conseguindo manter imaculada sua camisa branca e a gravata que usava com calças e suspensórios, arrumava a comida, e Zaim partia com Nurcihan, supostamente à cata de amoras, percebi que estava feliz por ele estar ali, porque isso significava que não podia estar num encontro com Füsün. Mas não tinha meios de supor que ela não estivesse com Kenan ou algum outro homem. Ao conversar com meus amigos, jogar bola, ver Sibel balançar-se como uma menina, até mesmo ao cortar meu dedo anular batalhando com um tipo novo de abridor de latas — em momentos intensos dessa ordem eu me distraía da minha dor. Não consegui estancar o sangue do meu dedo. Teria o amor envenenado meu sangue? A certa altura, sentei-me no balanço e

comecei a me balançar com toda a força. Quando o balanço, impelido do alto, despencou a toda velocidade, mais parecendo em queda livre, a dor do meu estômago cedeu um pouco. No momento em que as cordas rangeram e descrevi um grande arco no ar, estendendo meu corpo bem para trás e quase ficando de cabeça para baixo, minha dor quase deu lugar ao alívio.

“Kemal, ficou maluco? Pare, não se incline tanto assim para trás. Você pode cair!”, gritou Sibel.

Ao sol do meio-dia, o calor era intenso mesmo à sombra das árvores. Eu disse a Sibel que não conseguia estancar o sangramento do meu dedo e que não estava me sentindo bem, que queria ir ao Hospital Americano para que dessem alguns pontos. Ela ficou chocada. Arregalou os olhos. Será que eu não podia esperar até mais tarde? Amarrou o meu dedo bem apertado. Confesso aos meus leitores que abrirei mais o corte em segredo, para exacerbar o sangramento. “Não”, disse eu. “Não quero estragar esse adorável piquenique, e, querida, as pessoas poderiam ficar ofendidas se nós dois fôssemos embora. Você pode voltar de carona com os outros mais tarde.” Enquanto ela me acompanhava até o carro, li novamente aquela pergunta humilhante nos olhos sábios e velados de minha linda noiva. “O que está havendo com você?”, perguntou ela, sentindo que meu mal era mais sério que aquele corte no dedo. Como eu quis abraçá-la naquele momento, dominar minha dor e livrar-me da minha obsessão, ou pelo menos lhe contar o que estava sentindo! Em vez disso, pulei para dentro do carro, oscilando como um idiota, apavorado com a disparada descomedida do meu coração, sem dizer alguma coisa carinhosa para Sibel. Nurcihan e Zaim continuavam à cata de amoras mas, sentindo que algo estava errado, começaram a andar na nossa direção. Se eu tivesse de olhar Zaim nos olhos, tenho certeza de que ele adivinharia na mesma hora aonde eu estava indo. Mas não vou me estender mais sobre a expressão de dor e preocupação verdadeira no rosto da minha noiva quando dei a partida no carro — para que os leitores não me considerem um homem totalmente desalmado.

Saí dirigindo como um louco pela tarde quente e luminosa de verão, chegando a Nişantaşı exatamente em quarenta e sete minutos, tudo porque no momento em que encostei o pé no acelerador meu coração me disse que aquele dia, finalmente, Füsün iria ao edifício Merhamet. Com certeza ela decidira esperar alguns dias antes de fazer sua primeira visita. Estacionando o carro exatos catorze minutos para as duas (eu cortara o dedo em bom momento), já corria para o edifício Merhamet quando fui parado por uma mulher de meia-idade que gritava meu nome.

“Kemal Bey, Kemal Bey, o senhor é um homem de muita sorte!”

Eu me virei, perguntando “O quê?”, enquanto me esforçava para me lembrar quem era.

“Na festa do seu noivado, o senhor veio até a nossa mesa e fizemos uma aposta sobre o último episódio de *O fugitivo*... não se lembra? O senhor tinha razão, Kemal Bey! No final, o doutor Kimble conseguiu provar que era inocente!”

“É mesmo?”

“Quando quer receber o dinheiro da aposta?”

“Outra hora”, respondi, correndo rua abaixo.

Claro que concluí que o final feliz do dr. Kimble era um bom presságio: aquele era o dia em que Füsün havia de vir. Acreditando alegremente que dali a dez ou quinze minutos estaríamos entregues ao amor, tirei a chave do bolso com os dedos trêmulos e entrei no apartamento.

## 28. O consolo dos objetos

Quarenta e cinco minutos mais tarde Füsün ainda não chegara, e eu estava estendido na cama como um cadáver, embora sentisse dor e dela fosse inteiramente consciente, como um animal que escuta inerme seu último suspiro. A dor era mais profunda e mais dura que qualquer sensação que eu tivesse experimentado até aquele dia, afetando todas as partes do meu corpo. Eu sentia que seria capaz de levantar da cama, distrair-me, procurar algum meio de sair daquela situação, ou pelo menos daquele quarto, afastando-me daqueles lençóis e travesseiros que ainda traziam o perfume dela, mas não consegui reunir forças.

Então comecei a me arrepender de ter abandonado o piquenique. Com uma semana transcorrida desde a última vez que tínhamos nos amado, Sibel devia ter a consciência nebulosa de que alguma coisa estranha me acontecera, mas não devia conseguir identificar o que era ou encontrar algum modo de me perguntar. Eu queria a compaixão de Sibel, sonhava que minha noiva poderia me servir como distração. Mas não conseguia mover-me, quanto mais entrar no carro e voltar para junto dela. Tamanha era a dor que tomava meu abdome, minhas costas e minhas pernas, tão violenta que me cortava a respiração — que não me restaram forças para tentar qualquer forma de alívio. Saber disso só fazia exacerbar minha tristeza, provocando-me um remorso tão feroz e dilacerante quanto a própria dor de amor. E ao mesmo tempo formava-se em mim uma convicção estranha e irracional: era só me entregando àquela dor (como uma flor que cerra suas pétalas), era só me rendendo à sua total intensidade, era assim, e só assim, que eu poderia aproximar-me de Füsün. Uma parte de minha mente sabia que aquilo era uma ilusão, mas não tive meios de me opor a essa ideia bizarra. (De qualquer maneira, se eu saísse agora do apartamento, ela podia chegar e desencontrar-se de mim.)

Enquanto eu me entregava à dor, enquanto granadas de ácido explodiam em meu sangue e em meus ossos, eu percorria meu emaranhado de memórias, uma a uma, distraíndo-me, por pouco tempo e de maneira intermitente, às vezes por dez ou quinze segundos, embora às vezes só por um ou dois, antes que essas mesmas memórias me remetessem a um ponto ainda mais profundo do vazio daquele momento, em que a dor me deixava aturdido como se me atingisse pela primeira vez, numa agonia de magnitude até então desconhecida. Um paliativo para essa nova onda de dor, descobri então, era manusear algum objeto de nossas memórias comuns que contivesse a sua essência; pô-lo na boca e provar seu gosto também trazia algum alívio. Havia uns croissants de nozes e passas que se encontravam naquele tempo nas confeitarias de Nişantaşı, e que eu trazia para nossos encontros porque Füsün gostava muito deles. Mordendo um deles, eu me lembrei das coisas de que ríamos quando os comíamos juntos (como o fato de Hanife Hanım, a mulher do porteiro do edifício Merhamet, ainda acreditar que Füsün fosse cliente do dentista do andar de cima), e isso me reanimou. Ou da vez em que ela pegou um espelho de mão numa das gavetas da minha mãe e o usou como se fosse um microfone, imitando a famosa cantora Hakan Serinkan; da maneira como ela brincava com meu trem de ferro do Ankara Express, o mesmo que minha mãe lhe dava para brincar quando sua mãe costureira a trazia com ela em suas idas em domicílio; da pistola espacial, outro dos meus brinquedos prediletos — atirávamos um no outro e depois saíamos alegres pelo quarto atulhado, em busca do projétil de plástico. Todos esses objetos tinham o poder de me consolar. O

açucareiro que exponho aqui é do dia em que uma nuvem de melancolia toldou nossa felicidade, mergulhando-nos num de nossos silêncios ocasionais, e Füsün, pegando de repente esse mesmo açucareiro, perguntou: “Você seria mais feliz se tivéssemos nos encontrado antes de você conhecer Sibel Hanım?”.

Ao lado da minha cabeça estava a mesa de cabeceira em que ela deixava seu relógio com tanto cuidado nas primeiras vezes que nos amamos. Por uma semana, eu tive consciência de que no cinzeiro em cima dela havia uma ponta de cigarro que Füsün apagara. No momento em que a segurei, aspirando seu cheiro de fumaça e cinza e pondo-a entre meus lábios, estive a ponto de acendê-la (imaginando talvez por um momento que, de tanto amá-la, eu me transformaria nela), mas percebi que, caso o fizesse, nada mais restaria da relíquia. Em vez disso, peguei aquela ponta e esfreguei a extremidade, que antes tocara em seus lábios, no meu rosto, na minha testa, no pescoço e nos recessos debaixo dos meus olhos, com a doçura e a delicadeza de uma enfermeira que unta uma ferida. Continentes distantes surgiram diante dos meus olhos, cintilando com a promessa da felicidade e cenas celestiais; lembrei-me da ternura com que minha mãe me tratava quando criança, e das vezes em que fora até a mesquita de Teşvikiye nos braços de Fatma Hanım, antes que a dor tornasse a fluir, inundando-me por completo.

Em torno das cinco da tarde, ainda na cama, lembrei-me de como, depois da morte de meu avô, minha avó mudara não só de cama como também de quarto, para poder suportar a sua dor. Lançando mão de toda a minha força, decidi afastar-me daquela cama, daquele quarto e daqueles objetos que tinham envelhecido tão lindamente, que ficaram tão impregnados da fragrância do amor feliz — cada um dos quais murmurava, rangia, farfalhava por vontade própria. Mas não consegui me impedir de fazer o contrário, e abraçar aqueles objetos. Ou bem eu estava descobrindo os incríveis poderes de consolação de que são dotados os objetos, ou bem era ainda mais fraco do que a minha avó. Os gritos alegres e os palavrões dos meninos que jogavam futebol no jardim dos fundos mantiveram-me preso àquela cama até o entardecer. Foi só à noite, depois que tomei três copos de rakı e Sibel telefonou para perguntar sobre o corte, que percebi que parara de sangrar muito antes.

E assim continuei a visitar o edifício Merhamet todo dia às duas da tarde, até meados de julho. Já que a cada dia ficava menos intensa a dor sentida enquanto eu me perguntava se ela viria ou não, às vezes eu imaginava que me acostumava aos poucos com a ausência de Füsün, mas isso não era nem de longe verdade. Eu simplesmente adquiria mais competência em distrair-me com a felicidade que conseguia encontrar nos objetos. Uma semana depois da festa de noivado, Füsün ainda tomava conta dos meus pensamentos, e embora eles nem sempre fossem de uma urgência avassaladora, embora eu conseguisse às vezes expulsá-los para o fundo da mente, o somatório — para falar matematicamente — da minha agonia não diminuía em nada; contrariando todas as esperanças, continuava a crescer. Era quase como se eu fosse ao apartamento para não perder o costume ou a esperança de me encontrar com ela.

Geralmente eu passava minhas duas horas no apartamento na cama, perdido em devaneios, depois de escolher algum objeto encantado com a ilusão de irradiar as memórias de nossa felicidade — por exemplo, este quebra-nozes aqui, ou este relógio de pulso com a bailarina e cuja pulseira estava impregnada do cheiro de Füsün, com o qual acariciava meu rosto, minha testa e meu pescoço para

tentar transferir-lhes sua magia e aliviar minha dor — até que duas horas se passavam e chegava o momento em que estaríamos despertando do nosso sono aveludado induzido pelo amor. Esgotado, eu tentava retornar à minha vida diária.

A essa altura, a luz abandonara a minha vida. Ainda não tendo conseguido retomar o amor físico com Sibel depois do nosso noivado (apresentando como desculpa o constrangimento diante dos funcionários da Satsat, que sabiam de nossos encontros em minha sala), percebi que minha noiva acabara encarando minha moléstia como alguma variedade de pânico pré-marital, alguma forma de melancolia para a qual a medicina ainda não tinha diagnóstico nem cura. Ela aceitava esse mal com uma solenidade que me fazia admirá-la ainda mais e, já que se culpava em segredo por não conseguir tirar-me daquilo, procurava tratar-me especialmente bem. E eu a tratava igualmente bem em resposta, indo com ela a restaurantes que não conhecíamos e apresentando-a aos novos amigos que conseguia fazer. Continuávamos a frequentar as festas e a visitar os restaurantes e clubes noturnos do Bósforo onde a burguesia de Istambul se reunia no verão de 1975 para ostentar sua riqueza e sua felicidade. Embora me divertisse com ela, acompanhando os volteios da satisfeita Nurcihan entre Mehmet e Zaim, eu ria sem abandono. A felicidade não me parecia mais uma dádiva que Deus me tivesse concedido no nascimento, nem um direito que eu pudesse reivindicar sem esforço; transformara-se num estado de graça que só os mais afortunados, os mais inteligentes e os mais cautelosos conseguiam alcançar, à custa do cultivo mais assíduo. Uma noite, na recém-inaugurada Mehtap, onde os guarda-costas se acotovelavam na entrada, eu estava sozinho de pé no bar ao lado do píer que se estendia Bósforo adentro tomando vinho tinto Gazel (Sibel e os demais tagarelavam alegremente em nossa mesa) quando me vi olhando nos olhos de Turgay Bey: meu coração disparou como se eu tivesse visto a própria Füsun, e fui engolido por uma onda de ciúme.

## 29. A essa altura mal havia um momento em que eu não pensasse nela

Quando Turgay Bey resolveu não me dirigir seu costumeiro sorriso neutro e afável, virando-me a cabeça, fiquei mais magoado do que poderia ter previsto. A razão me disse que tinha todo o direito de ter ficado ofendido quando não o convidei para a festa de noivado, mas a razão não era páreo para minha hipótese paranoide: de que Füsun pudesse ter voltado para ele como forma de se vingar de mim. Senti um impulso de correr atrás dele e perguntar por que me tratava assim. Pode ser que naquela tarde mesmo ele e Füsun tivessem se amado na *garçonnière* que ele mantinha em şişli. E se tivesse apenas estado com ela, ou falado com ela, já era o suficiente para acabar comigo. Embora minha humilhação fosse mitigada pelo conhecimento de que ele se apaixonara por Füsun antes de mim, tendo já passado por agonia semelhante à minha, pelo mesmo motivo nunca senti tanto horror dele quanto nesse momento. Tomei várias bebidas no bar. Mais tarde, envolvi a sempre paciente e compassiva Sibel nos braços, oscilando com ela enquanto Pepino di Capri cantava “Melancolia”.

Beber era minha única defesa, ainda que temporária, contra o ciúme. Quando acordei no dia seguinte, de ressaca e com meus ciúmes renovados, percebi, com um pânico crescente, que a dor não tinha se atenuado e eu me sentia mais desamparado que nunca. Enquanto caminhava até a Satsat

(Inge ainda sorrindo atraente para mim do cartaz do Meltem na lateral do edifício), e mais tarde naquela mesma manhã, quando tentei enterrar meus pensamentos no trabalho, fui forçado a reconhecer que a dor aos poucos só fazia aumentar, e que, longe de esquecer Füsun à medida que o tempo passava, eu pensava nela de maneira cada vez mais obsessiva.

O tempo não tinha desbotado minhas lembranças (como eu pedira a Deus), nem curado minhas feridas como dizem que sempre faz. Eu começava cada dia na esperança de estar melhor, com minhas lembranças um pouco menos aguçadas, mas acordava sempre para a mesma dor, como se um lampião negro ardesse o tempo todo dentro de mim, irradiando as trevas. Como eu ansiava por pensar nela só um pouco menos, e acreditar que, com o tempo, viria a esquecê-la! Mal havia um momento em que eu não pensasse nela; a verdade é que, com poucas exceções, pensava nela o tempo todo. Esses raros e “felizes” interlúdios de esquecimento eram muito breves — um ou dois segundos —, e em seguida o lampião negro tornava a se acender, espalhando sua escuridão funesta por meu estômago, minhas narinas, meus pulmões, até eu quase sufocar, até o simples fato de estar vivo transformar-se num tormento.

Por mais que eu ansiasse por escapar desse sofrimento, desejava poder confiar meus males a alguém, encontrar Füsun e conversar com ela; mas, como esses desejos nunca eram atendidos, sentia vontade de começar uma briga com qualquer pessoa a quem pudesse atribuir aquele ressentimento furioso e maldito. Apesar de todo o meu esforço de autocontrole, a simples visão de Kenan no escritório bastava para me provocar acessos de insanidade temporária. Embora tivesse concluído que não havia nada entre eles, não conseguia esquecer a sedutora atenção de Kenan na festa de noivado, que podia ter agradado a Füsun, motivo mais que suficiente para eu odiá-lo. Ao meio-dia eu estaria imaginando pretextos para liquidá-lo. Ah, ele era um tipo muito sonso! A hora do almoço me trazia a relativa calma de saber que em seguida eu iria para o edifício Merhamet, ficar à espera de Füsun — a menor esperança já bastava para me manter, mesmo quando se confirmava o medo de que ela não viria. Mas eu entendia cheio de medo que, quando ela não vinha e a dor da espera era levada a seu clímax intolerável, a perspectiva do dia seguinte não me prometia nada além da mesma esperança vã.

Uma pergunta igualmente debilitante criou raízes na minha mente: se eu estava sofrendo tanto com aquela dor, como ela conseguia suportá-la, ainda que fosse apenas metade da minha? Só podia concluir que ela logo tinha encontrado outra pessoa, pois de outro modo não havia como aguentar. Os prazeres do amor, que lhe tinham sido revelados apenas setenta e dois dias antes, Füsun os devia estar compartilhando com outra pessoa... enquanto eu desabava diariamente de agonia, um idiota estendido na cama, um cadáver. Não, eu não era um idiota: ela me enganara. Conhecemos juntos uma felicidade imensa, e, mesmo no horrível desconforto da festa de noivado, ainda assim dançamos juntos, e naquele momento ela me prometeu que viria me encontrar no dia seguinte, logo depois de seu exame. Se meu noivado partira seu coração, ela teria toda razão de querer terminar tudo comigo, mas por que a mentira? A dor dentro de mim transmutava-se numa necessidade furiosa de conversar com ela e provar-lhe seu erro. Eu me preparava para uma discussão imaginária depois da qual acabaríamos reconciliados, e as acusações eram substituídas por imagens celestiais das horas indelévels que passamos juntos e pelo poder reconfortante de sua presença. Ainda assim, eu ensaiava um a um os argumentos que gostaria de lhe expor. Ela precisava me dizer, cara a cara, que resolvera

me deixar. Se o exame para a universidade tinha corrido mal, a culpa não era minha. Se ela queria me deixar, eu tinha o direito de saber. Afinal, ela não me dissera que continuaria a se encontrar comigo pelo resto da vida? Eu não merecia uma última chance — pelo menos de encontrar o brinco e logo levar para ela? Ela realmente acreditava que algum outro homem seria capaz de amá-la tanto quanto eu? Nesse espírito decidido, levantei-me da cama e saí às pressas para a rua.

## 30. Füsun não mora mais aqui

Corri o caminho todo até a casa dela. Mesmo antes de passar pela esquina onde ficava a loja de Alaaddin, já estava eufórico só de imaginar como me sentiria ao vê-la. Quando sorri para um gato que cochilava, protegido do sol de julho, perguntei-me por que não me ocorrera antes simplesmente ir até a casa dela. A dor no quadrante superior esquerdo do meu estômago já estava cedendo; o peso nas minhas pernas e a fadiga em minhas costas tinham passado de todo. Quando me aproximei da casa dela, contudo, o medo de não a encontrar fez meu coração disparar: o que diria a ela, e o que diria se fosse a mãe quem abrisse a porta? A certa altura, pensei em voltar para ir buscar o velocípede da infância dela. Mas sabia que, no momento em que nos encontrássemos, não haveria a necessidade de pretextos. Como um fantasma, entrei no saguão fresco do pequeno edifício da rua Kuyulu Bostan, subi os degraus até o segundo andar e toquei a campainha. Os visitantes do museu talvez queiram apertar o botão aqui instalado para ouvir o mesmo som de gorjeio — tão na moda em Istambul naquele tempo — que escutei enquanto meu coração esvoaçava inquieto como um passarinho, preso entre a minha boca e a minha garganta.

Foi a mãe dela que atendeu a porta. O corredor estava tão escuro que num primeiro momento ela franziu o nariz diante daquele desconhecido resfolegante, como se pudesse ser um vendedor incômodo. Então ela me reconheceu, e seu rosto se iluminou. Vendo nisso um sinal de esperança, a dor em meu estômago diminuiu um pouco.

“Oh! Kemal Bey! Queira entrar!”

“Eu estava só de passagem por aqui, tia Nesibe, e aí pensei em entrar”, disse eu, soando como o adolescente esforçado da casa vizinha de alguma novela de rádio. “No outro dia, fiquei sabendo que Füsun não trabalha mais na loja. E então pensei comigo: ‘Ela nunca apareceu para me dizer como se saiu no vestibular’.”

“Ah, Kemal Bey, meu pobre rapaz, entre para eu poder dividir nossos problemas com você.”

Sem parar para refletir sobre o que ela podia querer dizer com “dividir nossos problemas”, entrei naquele apartamento precário que minha mãe jamais visitara, a despeito de todas aquelas sessões tão íntimas de costura em nossa casa e de todas as conversas sobre o parentesco que nos unia. Poltronas com um forro de pano por cima do estofado, uma mesa, um bufê tendo em cima uma tigela para doces, e uma televisão coroada por um cachorro de louça adormecido — achei todas essas coisas magníficas, porque tinham contribuído para a criação do milagre prodigioso que era Füsun. Num canto, vi um par de tesouras de costura, cortes de tecido, linhas de muitas cores, alfinetes, as partes de um vestido que vinha sendo costurado à mão. Então tia Nesibe ainda trabalhava como costureira. Füsun estava em casa? Parecia que não, mas ali estava a mãe dela, de pé, esperando, como se pretendesse negociar comigo ou me apresentar uma conta, e disso eu extraía alguma esperança.

“Sente-se, por favor, Kemal Bey”, disse ela. “Vou lhe fazer um café. Você está pálido. Precisa relaxar. Quer um pouco de água gelada também?”

“Füsun não está aqui?”, perguntou o passarinho preso na minha garganta seca.

“Nããã. Nããã”, respondeu a mulher, num tom de quem diz “você nem imagina o que

aconteceu!”. “Como o senhor quer o seu café?” Dessa vez ela me tratou de “senhor”, com mais cerimônia.

“Com pouco açúcar”, respondi.

O que percebo agora, tantos anos mais tarde, é que ela foi para a cozinha não para fazer o café, mas para preparar uma resposta. Naquele momento, porém, mesmo com meus sentidos em alerta total, minha cabeça rodava por se encontrar numa casa onde o cheiro de Füsün estava em toda parte, e eu estava tonto com a esperança de poder chegar a vê-la. E lá estava em sua gaiola meu amigo, o canário da boutique şanzelize; seu gorjeio impaciente acalmava meu coração como um unguento, o que só me deixava mais confuso. Na mesa de centro à minha frente havia uma régua de madeira de trinta centímetros, de fabricação turca, com sua bela borda branca. Eu é que a dera de presente a Füsün em nosso sétimo encontro, segundo meus cálculos, para que usasse em seus estudos de geometria. E ficou claro que agora era a mãe de Füsün quem usava a régua em suas costuras. Peguei a régua, aproximei-a do nariz e, exatamente como eu recordava o cheiro da mão de Füsün, ali mesmo, diante dos meus olhos, ela adquiriu vida. Quando tia Nesibe voltou da cozinha, enfiei a régua no bolso do paletó.

Ela pousou o café na mesinha e sentou-se à minha frente. Acendeu um cigarro, enquanto alguma coisa em seus gestos lembrava que era a mãe de sua filha, e então disse: “O exame de Füsün não correu nada bem, Kemal Bey”. A essa altura, ela já decidira de que maneira devia dirigir-se a mim. “Ficou tão nervosa... Saiu da prova chorando antes mesmo de terminar — e nem fomos buscar o resultado. Ficou num estado terrível. Coitada da minha filha, nunca mais vai poder estudar na universidade. Ficou tão traumatizada que largou o emprego. Essas suas aulas de matemática realmente fizeram mal a ela. O senhor deve ter visto como ela estava na noite da sua festa de noivado... Foi demais para ela. O senhor não é o único responsável, claro... Ela é uma moça frágil. Acabou de fazer dezoito anos. Mas ficou com o coração partido. Então o pai dela a levou para longe, longe daqui. Bem longe daqui. O senhor precisa se esquecer dela. Ela também vai se esquecer do senhor.”

Vinte minutos mais tarde eu estava estendido em nossa cama no edifício Merhamet, olhando para o teto, enquanto as lágrimas escorriam lentas e silenciosas para o travesseiro, e me lembrei da régua. Eu usava uma igual quando era criança, o que talvez explique por que dera de presente a Füsün uma régua-padrão de liceu como aquela, de modo que não é nada surpreendente que tenha se transformado numa das primeiras peças significativas de nossa coleção. Era um objeto que me lembrava de Füsün, o primeiro que a angústia me motivou a subtrair do seu mundo. Pus a ponta onde aparecia o número “30” na boca, mantendo-a ali por muito tempo, apesar do gosto amargo que deixava depois. Passei duas horas deitado na cama manuseando aquela régua, tentando recompor as horas que passara nas mãos dela, o que me produzia um alívio, uma felicidade quase comparável à de vê-la.

31. As ruas que me fazem lembrar dela

Eu sabia a essa altura que, se não tivesse um plano para esquecê-la, não teria como retomar minha vida normal. Mesmo o menos observador dos funcionários da Satsat já percebera a melancolia negra que tomara conta de seu chefe. Minha mãe, imaginando que houvesse algum problema entre mim e Sibel, vivia me interrogando, e durante as refeições pouco frequentes que fazíamos juntos adquiriu o costume de me aconselhar a não beber tanto, exatamente como fazia com meu pai. Quanto maior a dor que eu sentia, mais ansiosa e soturna ficava Sibel, e nos aproximávamos depressa de um temível ponto de explosão. Sabendo que o apoio dela era crucial para que eu me salvasse daquele aperto, o medo de perdê-la não era menor que o pânico que eu sentia de um colapso total.

Proibi-me de voltar ao edifício Merhamet e ficar à espera de Füsün, e também de manusear as coisas que me faziam pensar nela. Já tentara antes impor-me essas proibições — um regime que demandava cada átomo da minha força de vontade —, mas, depois de encontrar várias maneiras de driblá-las (eu decidia, por exemplo, comprar flores para Sibel num florista que ficava ao lado da boutique şanzelize), resolvi adotar medidas mais drásticas e remover do meu mapa mental uma série de ruas e lugares onde eu passava boa parte de minha vida.

Aqui exponho o mapa modificado de Nişantaşı que compus, depois de um esforço considerável, assinalando em vermelho as ruas e locais de que eu estava totalmente banido. A boutique şanzelize, perto do cruzamento da avenida Teşvikiye com a avenida Valikonağı; o edifício Merhamet, na avenida Teşvikiye; a delegacia de polícia e a esquina onde ficava a loja de Alaaddin — no meu mapa mental, todos se converteram em áreas proibidas, devidamente marcadas em vermelho. Excluí a rua Kuyulu Bostan, onde Füsün morava com a família, e a rua que à época ainda se chamava avenida Emlak, e não avenida Abdi İpekçi ou rua Celâl Salik, os nomes que adquiriu em anos posteriores (embora os moradores de Nişantaşı continuassem a chamá-la de “rua da delegacia”). Proibi-me de circular até mesmo pelas ruas transversais que conduziam a essas vias mais importantes. Nas ruas marcadas em laranja eu ainda podia entrar em caso de absoluta necessidade, contanto que não tivesse bebido nada e as atravessasse correndo em menos de um minuto, sem parar no caminho. Minha casa e a mesquita de Teşvikiye também foram marcadas em laranja, como tantas ruas transversais, pois eu sabia que uma exposição prolongada a elas poderia agravar meu sofrimento. E também precisava tomar cuidado nas ruas que marquei em amarelo. O caminho que costumava fazer entre a Satsat e os nossos encontros no edifício Merhamet, o caminho que Füsün percorria diariamente entre a boutique şanzelize e sua casa (eu vivia imaginando esse deslocamento) estavam coalhados de minas terrestres e armadilhas da memória que poderiam me condenar à agonia. Marcados no mapa também vinham outros locais que figuram em minha breve história com Füsün, como o terreno baldio onde os devotos sacrificavam cordeiros quando éramos crianças, e até a esquina do pátio da mesquita onde a avistei de longe. Eu trazia esse mapa sempre em minha mente, respeitando suas restrições devido à crença de que só um regime ascético a esse ponto poderia curar, ainda que aos poucos, a doença de que eu padecia.

## 32. As sombras e fantasmas que eu confundia com Füsün

Tristemente, embora eu me banisse das ruas onde passei a vida inteira e guardasse distância de todos os objetos que me trouxessem reminiscências dela, não conseguia esquecer-me de Füsun. E agora começava a ver seu fantasma nas ruas cheias de transeuntes e mesmo nas festas.

A primeira aparição foi a mais chocante de todas. Aconteceu numa noite de fim de julho, numa balsa de transporte de carros, quando estava indo ao encontro dos meus pais em nossa casa de veraneio em Suadiye. Era a balsa que liga Kabataş a Üsküdar e, quando nos aproximávamos do destino, eu, como tantos outros motoristas impacientes, já dera a partida no meu motor quando olhei para a entrada lateral de pedestres e vi Füsun. Como a rampa para os carros ainda não fora baixada, eu só poderia chegar a ela se pulasse para fora do carro e saísse correndo em sua direção, bloqueando assim os veículos que tentavam descer da balsa. Pulei para fora do carro, e já me preparava para gritar seu nome o mais alto que pudesse quando a base de seu tronco apareceu e, dolorosamente, percebi que era bem mais larga e mal-acabada que a da minha amada, e o rosto, também, assumiu um aspecto diferente. Durante aqueles oito ou dez segundos, porém, minha dor transformou-se em euforia, e nos dias que se seguiram revivi muitas vezes aquele momento, convencido de que seria dessa maneira que realmente acabaríamos por nos encontrar.

Poucos dias depois fui ao cinema Konak, só para passar o tempo, e, enquanto subia as longas e largas escadas que levavam ao piso superior, vi Füsun dez passos à minha frente. A visão de seus cabelos longos, tingidos de tom mais claro, e de seu corpo esguio provocou um choque em meu coração, e depois em minhas pernas. Corri na direção dela prestes a gritar seu nome, mas quando vi que não era ela perdi a voz, como num sonho.

Eu passava mais tempo em Beyoğlu, onde havia menos elementos que podiam lembrar Füsun, mas um dia tive um baque ao ver sua imagem refletida na vitrine de uma loja. Noutra ocasião, uma garota se esgueirava por uma calçada cheia em Beyoğlu, de um modo que eu considerava exclusivo de Füsun. Parti atrás dela, mas não consegui alcançá-la. Sem saber se era outra miragem ou a pessoa que eu procurava, voltei à mesma hora para aquele ponto da calçada vários dias seguidos, fazendo dezenas de vezes o percurso entre a mesquita Ağa e o cinema Palace. Sem tornar a vê-la, refugiei-me numa cervejaria e fiquei sentado junto à janela, olhando para os passantes.

Esses momentos serenos foram muito breves. Essa fotografia da sombra branca de Füsun em Taksim captura uma ilusão que só durou dois minutos.

Com o tempo, acabei percebendo quantas de nossas garotas e jovens mulheres têm a mesma silhueta de Füsun, e quantas moças turcas morenas tingem o cabelo de louro. As ruas de Istambul estavam cheias de dublês de Füsun, que se mostravam por um ou dois segundos e depois desapareciam. Mas, toda vez que eu focalizava melhor alguma dessas figuras fantasmagóricas, via que não era nada parecida com a minha Füsun. Certa vez, quando jogava tênis com Zaim no Clube de Tênis, Esgrima e Montanhismo, eu a avistei junto a três meninas que riam sem parar, tomando Meltem numa das mesas; minha maior surpresa não foi nem mesmo vê-la, mas imaginar que tivesse se tornado sócia do clube. Noutra ocasião, seu espectro tinha acabado de desembarcar de uma balsa de Kadıköy na ponte Galata, e tentava embarcar num táxi compartilhado. Precisei de algum tempo até acostumar meu coração a essas miragens, e depois minha mente. Um dia, durante o intervalo entre dois filmes no cinema Palace, quatro filas à minha frente, eu a vi sentada no balcão com suas

irmãs, tomando um sorvete Mirage de chocolate, e decidi esquecer que ela não tinha irmãs, pois já concluía que enquanto conseguisse saborear o prazer de uma dessas ilusões não fazia sentido desfazê-la, sempre em prejuízo de meu sofrido coração.

Lá eu a vi, de pé à frente da Torre do Relógio de Dolmabahçe, ou caminhando através do mercado de Beşiktaş com uma sacola de macramê na mão, como uma dona de casa, ou, de maneira mais desconcertante, contemplando a rua da janela de um apartamento do terceiro andar em Gümüşsuyu. Quando me viu olhando para ela da rua, o fantasma de Füsun fitou-me de volta. Acenei e ele me acenou em resposta. Mas seu aceno bastou para me dizer que não era ela, e me afastei acabrunhado. Ainda assim, a aparição na janela levou-me a imaginar que seu pai a tivesse obrigado a se casar logo para evitar a vergonha, ou talvez para ajudá-la a se esquecer de mim. Em meu sonho, ela começava uma vida nova naquele apartamento, mas ainda assim queria me ver.

Descontando um segundo ou dois de consolo que os primeiros vislumbres desses fantasmas me trouxeram, jamais consegui esquecer por muito tempo que não eram Füsun, mas criações da minha infeliz imaginação. Ainda assim, não suportava viver sem aquela doce sensação ocasional, e portanto comecei a frequentar os lugares mais movimentados onde poderia avistar seu fantasma; com o tempo comecei a marcar também esses locais em meu mapa mental de Istambul. E logo os lugares onde seus fantasmas me apareciam com mais regularidade eram os que eu frequentava mais amiúde. Istambul se convertera numa galáxia de sinais que me lembravam de Füsun.

Como eu costumava deparar com seu fantasma enquanto caminhava devagar pelas ruas com os olhos perdidos na distância, dei de perambular, sempre olhando vagamente para longe. Sempre que ia a um clube noturno ou a uma festa com Sibel e bebia rakı demais, Füsun me aparecia com todos os tipos de roupa, e eu precisava me lembrar de que estava noivo e se mordesse a isca de uma miragem poderia pôr em perigo a única coisa que tinha de real. Decidi expor aqui estas vistas das praias de Kilyos e şile porque era com mais frequência nas tardes de verão, quando estava de guarda baixa devido ao calor e ao cansaço, que eu a via em meio às multidões de garotas e jovens mulheres tão encabuladas de serem vistas de maiô ou biquíni. Quarenta e cinco anos depois da revolução de Atatürk e da fundação da República, os turcos ainda não haviam conseguido descobrir de que maneira podiam ir à praia de traje de banho sem acanhamento e, em ocasiões como essa, ocorria-me o quanto a fragilidade de Füsun refletia a timidez do povo turco.

Nesses momentos de saudade intolerável, eu deixava Sibel jogando bola com Zaim no mar, e caminhava para longe a fim de me deitar na areia, abandonando meu corpo desajeitado, esfomeado de amor ao ponto da insensibilidade, para tostar ao sol. Observando a areia e a beira d'água com o canto do olho, era inevitável eu acabar vendo alguma garota que corria na minha direção e achar que fosse ela. Por que eu nunca a trouxera à praia de Kilyos, sabendo o quanto ela gostaria de vir? Como eu fora capaz de não reconhecer o valor dessa dádiva que Deus me concedera? Quando conseguiria tornar a vê-la? Deitado ali ao sol, sentia vontade de chorar, mas não podia me permitir, pois a culpa era minha, e em vez disso enterrava a cabeça na areia e me sentia amaldiçoado.

A vida recuara para longe de mim, perdendo toda cor e todo sabor que eu encontrava nela até então. A força e a autenticidade que eu antes sentia nas coisas (embora, deva confessar com tristeza, sem percebê-las plenamente) agora tinham se perdido. Anos mais tarde, quando me refugiei nos livros, descobri, numa obra de Gérard de Nerval, a melhor descrição da insensibilidade crua que eu sentia naquele tempo. Depois de entender que perdeu para sempre o amor de sua vida, o poeta, cuja dor o levaria mais tarde ao suicídio por enforcamento, escreve em algum ponto de seu *Aurélia* que a vida só lhe deixou as “exaltações vulgares”. Àquela altura, eu também sentia que tudo que fazia sem Füsün era vulgar, ordinário e sem sentido, e pelas pessoas que me levaram a esse estado de cruzeza sentia apenas raiva. Ainda assim, nunca deixei de acreditar que fosse reencontrar Füsün, que teria uma nova oportunidade de falar com ela, ou até de tomá-la em meus braços; e era isso que ainda mantinha minha alma ligada a meu corpo, por mais tênue que fosse a ligação, ainda que, sempre que me recordo desses dias, precise reconhecer que essa esperança só fazia prolongar a minha dor.

Num dia especialmente quente de julho, meu irmão me telefonou para dizer, com justa indignação, que Turgay Bey, nosso sócio em tantos empreendimentos de sucesso, ficara magoado pela falta de convite para a festa de noivado, e agora ameaçava se retirar de uma grande venda de lençóis em que tínhamos feito uma oferta conjunta e vencido o leilão, um problema pelo qual Osman me responsabilizava (depois de ter ouvido de nossa mãe que eu é que riscara o nome de nosso sócio da lista dos convidados). Acalmei-o prometendo acertar as coisas com Turgay Bey no dia seguinte.

Quando entrei no carro no calor sufocante do dia seguinte, a caminho de sua gigantesca fábrica em Bahçelievler, contemplei os horrendos bairros vizinhos com seus blocos de apartamentos ainda mais feios, seus armazéns, suas fabriquetas e seus depósitos de lixo, e a dor do amor deixou de me parecer intolerável. Só podia estar sentindo aquele alívio porque teria um encontro com alguém que talvez pudesse me dar notícias de Füsün, alguém com quem talvez pudesse conversar sobre ela. Mas, em circunstâncias semelhantes (quando eu conversava com Kenan ou topava com Şenay Hanım em Taksim), encontros como esse não me trouxeram nenhuma bem-vinda alegria, e tentei convencer-me de que a simples dedicação aos “negócios” teria um efeito benéfico. Na verdade, se eu não me entregasse a um autoengano tão extremo, essa visita que fui fazer “só a negócios” poderia ter corrido melhor.

Que eu tivesse me deslocado de Istambul só para lhe pedir desculpas havia aplacado o orgulho de Turgay Bey, o que bastou para ele me tratar bem. Conduziu-me por um tour em sua tecelagem, por instalações onde centenas de moças trabalhavam em teares gigantescos. E quando, por trás de um deles, avistei o fantasma de Füsün de costas para mim, percebi claramente a verdadeira finalidade de minha visita. Assim, enquanto admirava os escritórios modernos e os refeitórios “higiênicos”, abandonei meus modos distantes, sugerindo que seria uma pena não concluirmos aquele negócio. Turgay Bey me convidou para almoçar com seus operários, de acordo com seus hábitos, mas eu, convencido de que isso não me permitiria pedir desculpas do modo devido, respondi que um pouco de bebida — que certamente não encontraríamos em sua fábrica — poderia me ajudar a tratar de certas “questões importantes”. Olhei para ele com muita atenção — aquela aparência tão comum, com seu bigode — e não havia nada em sua expressão a indicar que sabia que eu estava falando de

Füsun. Finalmente mencionei a festa de noivado, e ele, a essa altura bastante aplacado, disse em tom orgulhoso: “Só pode ter sido um esquecimento, tenho certeza. Vamos deixar essa história para trás”. Mas continuei insistindo, forçando esse homem honesto e industrioso, cuja mente se desviava muito pouco do trabalho, a convidar-me para um restaurante de peixe em Bakırköy. Entramos no mesmo Mustang, nos mesmos bancos em que Füsun me contara quantas vezes tinham se beijado, lembrando como seus gestos se refletiam nos mostradores do painel e no espelho retrovisor, e no qual, lembrei-me, ele a agarrara e apalpara seu corpo antes ainda que ela completasse dezoito anos. Perguntei-me novamente se Füsun teria voltado para ele e, ainda assombrado por todas as suas aparições, incapaz de acreditar que aquele homem pudesse não ter notícias dela, continuei tenso e alerta.

No restaurante, Turgay Bey e eu nos sentamos de lados opostos da mesa como dois velhos rufiões. Quando o vi abrir seu guardanapo no colo com as mãos peludas, vi mais de perto seu nariz avantajado com as marcas de acne e sua boca atrevida, tive a forte intuição de que aquele almoço não iria acabar bem. Quando ele não chamava o garçom aos gritos, limpava os cantos da boca com o guardanapo, gesto elegante imitado de algum filme de Hollywood. Ainda assim consegui me conter, e até metade do almoço permaneci sob controle. Mas as doses de rakı a que recorri para fugir à minha dor subiram de repente à superfície. Da maneira mais cortês, Turgay Bey admitiu que qualquer mal-entendido em torno do contrato dos lençóis podia ser facilmente desfeito, e que não restaria nenhuma má vontade entre nós como sócios. “Vamos todos ganhar bastante”, disse ele em tom conciliador, e respondi: “O que realmente conta não são os bons negócios, mas sermos pessoas corretas”.

“Kemal Bey”, disse ele, lançando um rápido olhar ao copo de rakı que eu tinha na mão, “eu tenho o maior respeito por você, seu pai e sua família. Todos passamos por maus momentos. Vivendo nesse país maravilhoso mas empobrecido, temos uma boa sorte que Deus só concede aos súditos que mais ama; e devemos dar-Lhe graças por isso. Não podemos ceder ao orgulho e não nos lembrarmos d’Ele em nossas preces — é este o caminho correto.”

“Não tinha ideia de que o senhor era tão religioso”, disse eu em tom de ironia.

“Meu caro Kemal Bey, o que eu fiz de errado?”

“Turgay Bey, o senhor partiu o coração de uma jovem que por acaso faz parte da minha família. O senhor a tratou muito mal. Chegou ao ponto de lhe oferecer dinheiro. Estou falando de Füsun, da boutique şanzelize — ela é uma parente muito, muito próxima pelo lado da minha mãe.”

Seu rosto empalideceu e ele baixou os olhos. E foi então que percebi que sentia ciúmes de Turgay Bey não por ele ter sido amante de Füsun antes de mim, mas porque, depois do fim do caso entre eles, ele conseguira esquecer-se dela e retomar a normalidade de sua vida burguesa.

“Eu não tinha ideia do parentesco entre vocês e ela”, disse ele com uma franqueza que me surpreendeu. “Estou profundamente envergonhado. Se a sua família não podia tolerar me ver, o senhor tinha todo direito de não me convidar para a festa de noivado. O seu pai e seu irmão mais velho também ficaram ofendidos? O que podemos fazer de honrado diante disso — desfazer nossa sociedade?”

“Vamos desfazer a parceria”, disse eu, arrependendo-me dessas palavras no mesmo momento em

que as dizia.

“Nesse caso, vamos dizer que foi o senhor quem cancelou o contrato”, disse ele, acendendo um Marlboro.

A dor do amor agora tinha sido exacerbada pela minha vergonha diante daquele erro. Embora a essa altura já estivesse bastante embriagado, voltei dirigindo para a cidade. Desde que eu fizera dezoito anos, dirigir por Istambul, especialmente pela via litorânea, ao longo das muralhas da cidade, sempre me trazia grande prazer, mas agora, com a sensação de desastre iminente que me dominava, a viagem se converteu numa forma de tortura. Era como se a cidade tivesse perdido a beleza, como se eu não pudesse fazer outra coisa além de pisar no acelerador para fugir daquele lugar. Ao passar por Eminönü, por baixo da passarela de pedestres em frente da mesquita nova, quase atropeliei uma pessoa.

Chegando ao escritório, concluí que o melhor a fazer seria convencer Osman de que pôr fim à parceria com Turgay Bey não era má ideia. Convoquei Kenan, que estava bem informado sobre esse contrato em particular, e ele ouviu muito atentamente o que lhe expus. Resumi a situação assim: “Num assunto pessoal, Turgay Bey não está tendo o comportamento correto, e perguntou se podemos ficar sozinhos com esse contrato”, acrescentando que nossa única opção era separar-nos de Turgay Bey.

“Kemal Bey, se houver alguma possibilidade, devemos tentar evitar essa decisão”, disse Kenan. Explicou que não tínhamos meios de dar conta sozinhos daquele contrato, e que se deixássemos de entregar o pedido a tempo o prejuízo seria não apenas da Satsat mas também das outras empresas envolvidas, pois estaríamos sujeitos a severas penalidades nos tribunais de Nova York. “O seu irmão sabe disso?”, perguntou ele. Eu devia estar emitindo vapores de raki como uma chaminé, pois de outro modo ele não teria a insolência de questionar assim seu superior. “Não há como voltar atrás”, disse eu. “Teremos de seguir em frente sem Turgay Bey.” Eu não precisava que Kenan me dissesse para saber que era impossível. Mas minha razão tinha parado totalmente de funcionar, dando lugar a algum demônio encenqueiro. Kenan ficou parado à minha frente, insistindo comigo para que eu conversasse com Osman.

Talvez não precise dizer que, nesse momento, não atirei o grampeador que exponho aqui nem o cinzeiro a seu lado com o logotipo da Satsat na cabeça de Kenan, apesar de todo o impulso de fazê-lo. Mas me lembro de ter notado que sua gravata era ridícula, e lembrava o cinzeiro da companhia tanto no tamanho desproporcional quanto em seu colorido extravagante. “Kenan Bey”, gritei, “você não trabalha na empresa do meu irmão. Você trabalha para mim!”

“Kemal Bey, por favor não se ofenda. Claro que eu sei perfeitamente disso”, respondeu ele com astúcia. “Mas o senhor me apresentou ao seu irmão na festa de noivado, e desde então temos mantido contato. Se o senhor não ligar para ele agora mesmo para falar de uma questão importante como esta, ele vai ficar muito aborrecido. Seu irmão sabe que o senhor vem passando por um momento um pouco difícil e, como todo mundo, só quer ajudar.”

As palavras “todo mundo” quase me fizeram explodir de raiva. Tive a tentação de demiti-lo ali mesmo, mas fiquei com medo da sua audácia. Sofrendo como um animal enjaulado, percebi que só me sentiria melhor se pudesse pelo menos ver Füsün mais uma vez. Ao mundo eu me sentia

indiferente, porque àquela altura tudo me parecia fútil e vulgar.

## 34. Como um cão no espaço sideral

Mas em vez de Füsün fui ver Sibel. Minha dor a essa altura era tamanha, tão voraz, que quando o escritório ficou vazio concluí imediatamente que, se ficasse ali mais algum tempo, iria me sentir tão só quanto aquele cão depois que os soviéticos o enviaram numa pequena cápsula para o infinito negro do espaço sideral. Convocando Sibel para o escritório depois do expediente, criei nela a justificada expectativa de que pudéssemos retomar nossa vida sexual anterior ao noivado. Minha bem-intencionada noiva chegou usando Sylvie, um perfume de que eu sempre gostara, e aquelas meias de trama aberta que, como ela sabia muito bem, me excitavam, com sapatos de salto alto. Chegou animada, julgando que minha “doença” estivesse cedendo, e não consegui esclarecer que, muito pelo contrário, eu a chamara para me resgatar do flagelo, ainda que por pouco tempo; e que só queria ficar abraçado com ela, como abraçava minha mãe na infância. E assim Sibel repetiu o que já nos dera satisfação no passado: empurrou-me de costas até me forçar a sentar no divã, e começou sua imitação de uma secretária burra, tirando alegremente a roupa, camada a camada, até que, sorrindo docemente, sentou-se no meu colo. Não vou descrever o quanto o cheiro de seus cabelos ou de seu pescoço fez com que me sentisse totalmente em casa, ou como aquela intimidade bem conhecida me deixou relaxado, e até restaurado, porque tanto o leitor razoável quanto o visitante atento do museu irá supor que nos amamos. E ficaria decepcionado, como aconteceu com Sibel. Mas fiquei tão satisfeito de abraçá-la que em pouco tempo embarquei num sono tranquilo e feliz, e sonhei com Füsün.

Quando acordei, coberto de suor, ainda estávamos deitados nos braços um do outro. A sala estava escura, e nos vestimos em silêncio, Sibel perdida em seus pensamentos e eu atolado na culpa. Os faróis dos carros que passavam pela avenida e as faíscas arroxeadas desprendidas pelas hastes dos ônibus elétricos iluminavam o escritório, como nos dias em que nos amávamos descuidadamente.

Sem discussão, dirigimo-nos ao Fuaye, e, quando nos instalamos em nossa mesa iluminada no salão repleto e animado, ocorreu-me mais uma vez como Sibel era encantadora, linda e compreensiva. Lembro que depois de termos conversado sobre assuntos variados durante uma hora, rindo com vários amigos já animados pela bebida que vieram até nossa mesa, soubemos pelo garçom que Nurcihan e Mehmet haviam jantado lá mais cedo. Mas não tínhamos como evitar indefinidamente a verdadeira questão, à medida que nossa noite ia sendo pontuada por silêncios cada vez mais prolongados. Pedi uma segunda garrafa de vinho Çankaya. A essa altura, Sibel também bebia bastante.

Finalmente ela disse: “O que está havendo com você? Está na hora...”.

“Se eu pelo menos soubesse”, disse eu. “Parece haver uma parte da minha mente que não consegue reconhecer o problema ou entender qual seja.”

“Quer dizer que você também não está entendendo, é isso?”

“É.”

“Se quer saber o que acho, está entendendo muito melhor do que eu”, disse Sibel sorrindo.

“O que faz você achar que entendo mais do que você?”

“Já lhe passou pela cabeça que eu também penso sobre os seus problemas?”, perguntou ela.

“Estou ficando preocupado porque, se eu não conseguir dar um fim nisso, vou acabar por perdê-la.”

“Não se preocupe”, disse ela, dando-me palmadinhas na mão. “Sou paciente e amo você de verdade. Se você não quer falar a respeito, não precisa. E não se preocupe, não tenho teorias loucas sobre nada disso. Temos tempo de sobra.”

“Quais teorias loucas?”

“Bom, por exemplo, não estou preocupada com a possibilidade de que você seja homossexual ou coisa parecida”, disse ela, sorrindo na mesma hora, para mostrar que estava tentando me alegrar também.

“Ah, muito obrigado. E que mais?”

“Não acho que seja algum problema sexual, um trauma de infância profundo nem nada desse tipo. Mas ainda acho que consultar um psicólogo talvez ajudasse. Nisso eu não vejo problema algum. Na Europa e nos Estados Unidos, todo mundo consulta psicólogos... Claro, você teria de contar para essa pessoa o que não pode contar para mim... Vamos, querido, conte para mim, não tenha medo. Pode ter certeza de que vou perdôá-lo.”

“Mas *estou* com medo”, respondi sorrindo. “Vamos dançar?”

“Então você admite que existe uma coisa que você sabe e eu não.”

“Mademoiselle, por favor não recuse meu convite para dançar.”

“Ah, monsieur! É que sou comprometida com um homem muito complicado!”, disse ela, e nos pusemos de pé.

Registro esses detalhes, e exponho aqui esses menus e copos, para evocar a intimidade excepcional, a linguagem particular, e — se for esta a palavra certa — o amor profundo que havia entre nós dois naquelas noites quentes de julho em que, à procura de algum alívio, frequentávamos clubes noturnos, festas e restaurantes, bebendo à farta. Era um amor alimentado não pelo apetite sexual mas por uma paixão extrema, e nas noites em que, tendo ambos bebido bastante, nos levantávamos para dançar, nem sempre estávamos distantes da atração física. Enquanto a orquestra ao fundo tocava “Lábios e rosas”, ou enquanto o disc jockey (grande novidade na Turquia da época) punha para tocar um quarenta e cinco atrás do outro, as canções se espalhavam por entre as folhas das árvores imóveis e silenciosas nas noites úmidas de verão e eu tomava minha querida noiva nos braços, abraçando-a com a mesma paixão do divã de minha sala no escritório e, embora motivado pela busca de proteção, considerava preciosos os laços e a camaradagem que nos uniam; inspirando o perfume de seu pescoço e de seus cabelos, eu encontrava a paz e via como era absurdo sentir-me só como um cão cosmonauta em pleno espaço; e, imaginando que Sibel sempre fosse estar ao meu lado, eu a puxava aturdido para mais perto. Enquanto dançávamos sob os olhares de outros pares românticos, às vezes cambaleávamos um pouco, como se prestes a desabar bêbados no chão. Sibel gostava desses transes alcoólicos em que recaíamos, na medida em que nos transportavam para além do cotidiano. Do lado de fora, nas ruas de Istambul, comunistas e nacionalistas trocavam tiros, roubavam bancos, lançavam

bombas e metralhavam cafés, mas tínhamos a oportunidade, e a licença, de esquecer o mundo todo, tudo graças à minha misteriosa moléstia, que na mente de Sibel conferia certa profundidade à vida.

Mais tarde, quando voltávamos à nossa mesa, Sibel tornava a abordar o mesmo tema com a voz pastosa, não como uma coisa que compreendesse, mas como algo que aceitava sem entender por completo. Assim, graças aos esforços dela, minhas misteriosas mudanças de humor, minha melancolia e minha incapacidade para o amor físico com Sibel representavam mais que um teste pré-marital para a compaixão e o envolvimento da minha noiva, uma tragédia passageira que dali a pouco estaria esquecida. Era como se a nossa dor nos desse certa distinção, nos diferenciasse de nossos amigos ricos mais duros e superficiais, mesmo que saíssemos a passeio a bordo das suas lanchas. Não precisávamos mais nos comportar como os beberrões descuidados que se atiravam no Bósforo no final das festas. Minha dor e minha estranheza nos conferiam a graça de certa diferença. Agradava-me ver Sibel aceitar minha dor com tamanha dignidade, e isso nos deixou ainda mais unidos. Mas, mesmo em meio a todo esse zelo alcoólico, toda vez que eu ouvia uma balsa da Linha da Cidade apitar tristemente ao longe, ou quando olhava para a multidão e no menos provável dos lugares avistava alguém que julgava ser Füsün, Sibel percebia aquela expressão estranha no meu rosto e tinha a dolorosa intuição de que o perigo de tocaia nas sombras era bem maior do que imaginava.

E foi assim que, perto do final de julho, a sugestão carinhosa de Sibel de que eu procurasse um psiquiatra converteu-se em exigência, e com medo de perder sua compaixão e sua companhia acabei concordando. O famoso psicanalista turco de que o leitor cuidadoso há de se lembrar, enunciando uma análise do amor, acabara de voltar dos Estados Unidos naquela época e fazia todo o possível, com sua gravata-borboleta e seu cachimbo, para convencer determinado segmento da sociedade de Istambul de que não podia mais prescindir dos seus labores. Anos mais tarde, quando já tentava criar meu museu e fiz-lhe uma visita para perguntar do que ele se lembrava daquela época (e também para lhe pedir a doação do mesmo cachimbo e da mesma gravata-borboleta), descobri que ele não guardava qualquer lembrança dos problemas por que eu passara naquele tempo; e mais, não ouvira nenhum comentário da minha penosa história, que àquela altura chegara ao conhecimento generalizado da sociedade de Istambul. Lembrava-se de mim como mais um paciente que o procurara naqueles dias — indivíduos perfeitamente saudáveis que batiam à sua porta só por curiosidade. Nunca hei de esquecer quanta questão Sibel fez de me acompanhar, como a mãe que leva um filho enfermo ao médico, e das palavras que ela me disse: “Vou ficar sentada na sala de espera, querido”. Por mim, ela não teria ido. Sibel, com a intuição tão prevalente nas burguesias dos países não ocidentais, mais especialmente dos países muçulmanos, via a psicanálise como uma “troca científica de confidências” inventada para os ocidentais desacostumados às tradições curativas da solidariedade familiar e do compartilhamento dos segredos. Quando, depois de conversar sobre isto e aquilo e preencher com toda a clareza os formulários requeridos, o psicanalista me perguntou qual era meu “problema”, tive o impulso de lhe revelar que perdera a mulher que amava e agora me sentia tão solitário quanto um cão enviado para o espaço. Em vez disso, contei que vinha sendo incapaz do amor físico com minha linda e querida noiva desde o nosso noivado. E ele me perguntou qual era a causa dessa falta de desejo — o que me surpreendeu, pois esperava justamente que ele

pudesse me dar a resposta. Hoje, tantos anos mais tarde, quando me lembro das palavras que me vieram à mente com a ajuda de Deus, ainda sorrio, mas vejo nelas alguma verdade: “Talvez eu esteja com medo da vida, doutor!”.

E esta seria minha última visita ao psicanalista, que não pôde fazer mais do que se despedir de mim com as palavras: “Não tenha medo da vida, Kemal Bey!”.

## 35. As primeiras sementes da minha coleção

Tendo evitado a armadilha do psicanalista, convenci-me de que trilhava o caminho da recuperação, julgando que estivesse forte o bastante para voltar a percorrer, pelo menos algumas vezes, as ruas que eu marcara de vermelho. Senti-me tão bem nos primeiros minutos, ao passar pela porta da loja de Alaaddin e pelas ruas por onde minha mãe andava comigo quando saía para as compras, e ao respirar a atmosfera daquelas lojas, que acabei acreditando que na verdade não sentia medo algum da vida, e a cura de minha doença estava próxima. Esses pensamentos repletos de esperança encorajaram-me a pensar que seria capaz de passar pela porta da boutique şanzelize sem sentir nenhuma dor — mas estava enganado. Bastou-me avistar a loja à distância para ficar agitado.

Pois a dor estava apenas adormecida, esperando por algo que a desencadeasse, e a partir daí suas trevas tomaram conta do meu peito. Ansiando desesperado por alguma cura imediata, imaginei que Füsün poderia estar na loja, o que fez meu coração disparar. Com a cabeça rodando, e minha confiança cada vez mais escassa, atravessei a rua e olhei pela vitrine: Füsün estava lá! Por um momento achei que eu fosse desmaiar; corri para a porta, e já tinha quase entrado quando percebi que não era Füsün, e sim mais uma aparição. Uma jovem fora contratada para substituí-la! De uma hora para outra, eu mal conseguia ficar de pé. A vida dos clubes noturnos, essas festas em que eu me refugiava com a ajuda do álcool agora se revelavam em toda a sua falsidade e banalidade. Só havia uma pessoa no mundo com quem eu podia viver, uma única pessoa cujos abraços me faltavam; o coração da minha vida estava alhures, e tentar enganar-me com aquelas exaltações vulgares era na verdade um desrespeito tanto a ela quanto a mim mesmo. O remorso e o caos carregado de culpa que me envolviam desde o meu noivado tornaram-se agora monstruosos com uma nova compreensão: eu vinha traindo Füsün! Precisava pensar apenas nela. Precisava dirigir-me imediatamente para o lugar mais próximo de onde ela se encontrava.

Oito a dez minutos mais tarde eu estava estendido na cama do apartamento do edifício Merhamet, tentando capturar o aroma de Füsün nos lençóis, e era quase como se tentasse senti-la dentro de mim, como se tentasse transformar-me nela, mas seu cheiro se atenuara. Com todas as forças que consegui reunir, abracei os lençóis e então estendi o braço para pegar o peso de papel de vidro em cima da mesa, desesperado por algum vestígio do cheiro de suas mãos. Enquanto aspirava profundamente o vidro, senti um alívio imediato em meu nariz e nos pulmões. Fiquei ali deitado, segurando e aspirando o peso de papel por não sei quanto tempo. Segundo cálculos que fiz mais tarde de memória, eu lhe dera de presente aquele peso de papel no dia 2 de junho, e, como ocorreu com tantos outros presentes que lhe dei, ela, para evitar as suspeitas de sua mãe, decidira não o levar

para casa.

Contei a Sibel que, apesar da duração de minha consulta com o médico, eu não chegara a confessar nada de interesse, e que, como o médico não tinha nada a me oferecer, eu não voltaria a consultar-me com ele, mas que me sentia um pouco melhor.

Não mencionei que minha terapia tinha consistido em ir ao edifício Merhamet e me estender naquela cama, acariciando qualquer objeto que Füsün tivesse tocado. Mas nem fez diferença, pois dali a um dia e meio minha agonia voltou a ser tão intensa quanto antes. Durante três dias voltei ao apartamento e me deitei naquela cama, segurando nas mãos algum objeto que tivesse passado pelas mãos de Füsün, um pincel sujo de tintas de muitas cores, e eu o passava na pele e o punha na boca, como um bebê explorando um brinquedo novo. Novamente, senti algum alívio por certo tempo. Numa parte de minha mente, sabia que eu me habituara, que ficara viciado nos objetos que me traziam algum alívio, mas que aquele vício não me ajudava em nada a esquecer Füsün.

Essas visitas de duas horas que eu fazia a cada dois ou três dias ao apartamento do edifício Merhamet, eu ocultava não só de Sibel — era como se as escondesse de mim também, o que pode explicar por que acreditava que conseguira reduzir meu sofrimento a uma condição tolerável. No começo, quando eu olhava para a antiga caixa do turbante que tínhamos herdado de meu avô, o fez que Füsün punha na cabeça quando fazia suas palhaçadas ou os sapatos que minha mãe descartara (ela os tinha experimentado também; mas eram tamanho trinta e oito), não era com os olhos de um colecionador. Eu era um paciente, tomando um remédio depois do outro. Por um lado, ansiava por qualquer objeto que me lembrasse de Füsün; por outro, mesmo que aquela terapia atenuasse a minha dor, o que eu queria era me afastar daquele apartamento e daqueles objetos, que tanto aliviavam quanto renovavam a lembrança do meu mal, representando uma promessa jamais cumprida de que eu estivesse começando a me recuperar. Essa esperança me dava coragem, e comecei a sonhar — com dor, mas com satisfação — que dali a pouco seria capaz de retornar à minha vida anterior, que conseguiria retomar minhas relações com Sibel, que nos casaríamos e começaríamos uma vida familiar normal e feliz.

Mas essas fantasias duravam pouco; antes que se passasse um dia, o velho sofrimento bem conhecido tornava a se apossar de mim, e mais uma vez eu retornava ao apartamento do edifício Merhamet em busca de um tratamento. Entrava e ia direto até a xícara de chá, o prendedor de cabelo esquecido, a régua, a escova de cabelo, a borracha, a caneta esferográfica — qualquer talismã que remontasse àqueles dias felizes em que nos sentávamos lado a lado. Ou então revirava os objetos inúteis que minha mãe relegara àquele apartamento, sabendo que todos tinham passado pelas mãos de Füsün, que deixara neles partículas infinitesimais do seu cheiro. Encontrá-las me fazia rever todas as memórias ligadas a cada objeto, e assim minha coleção foi ficando cada vez maior.

## 36. Para cultivar uma pequena esperança que pudesse atenuar a minha dor

Foi ao longo desses dias cruciais — em que reuni os primeiros objetos para o meu museu — que

escrevi a carta que exponho aqui. Ela permanece em seu envelope para impedir que a história se alongue demais, e para me poupar a revelação plena da vergonha que ainda me provocava vinte anos mais tarde, quando fundei o Museu da Inocência. Se os leitores e os visitantes do meu museu pudessem abrir a carta, encontrariam nela as súplicas mais rastejantes a Füsün. Confessei-lhe cada um dos meus erros da maneira mais abjeta; declarei-me tomado pelo remorso e mergulhado no sofrimento mais terrível; admitindo que o amor era um sofrimento sagrado, prometia a ela que, se voltasse para mim, eu deixaria Sibel. Depois de escrever as últimas palavras, senti uma contrição ainda maior. Sabia que devia dizer na verdade que romperia definitivamente com Sibel, mas minha única esperança para sobreviver àquela noite era beber até esquecer e depois me aninhar nos braços de Sibel, de maneira que não consegui convencer-me a adotar essa medida extrema, embora necessária. Quando descobri a carta dez anos mais tarde na gaveta de Füsün, seu conteúdo pareceu-me menos importante que sua própria existência; e fiquei surpreso ao ver a que ponto eu conseguia me iludir àquela altura. Por um lado, tentava negar a intensidade de meu amor por Füsün e meu desamparo, enquanto conjurava presságios ridículos para acreditar que dali a pouco estaríamos reunidos; por outro, aferrava-me aos sonhos de uma vida feliz em família com Sibel. Deveria ter rompido meu noivado e proposto casamento a Füsün nessa carta? Acho que a ideia nem me passou pela cabeça antes do meu encontro com Ceyda, a amiga próxima de Füsün do concurso de beleza, encarregada de entregar-lhe a minha carta.

Como os visitantes do meu museu devem estar a essa altura fartos e cansados das minhas dores de amor, exponho aqui um adorável recorte de jornal. Nele se vê a fotografia oficial de Ceyda no concurso de beleza, juntamente com uma entrevista em que ela afirma que sua meta na vida é um casamento feliz com o “homem dos seus sonhos”. E gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer meus agradecimentos a Ceyda Hanım, que tinha pleno conhecimento da minha triste história, respeitou o amor que eu sentia por sua amiga e teve a generosidade de doar para o museu essa linda fotografia de sua juventude. Percebendo que eu não tinha como enviar minha carta angustiada a Füsün pelo correio, pois sua mãe haveria de interceptá-la, decidi enviá-la por intermédio de Ceyda, que localizei com a ajuda de minha secretária, Zeynep Hanım. Füsün contara à sua amiga todos os detalhes de nossa ligação desde o início, e, quando eu lhe disse que queria encontrar-me com ela para falar de um assunto de grande importância, Ceyda não se fez de rogada. Quando nos encontramos em Maçka, percebi de imediato que não sentia nenhum constrangimento em falar de meu sofrimento com Ceyda. Talvez porque lhe atribuísse uma compreensão madura dos fatos, ou talvez porque tenha visto o quanto Ceyda estava feliz, muito feliz, no dia em que nos encontramos. Estava grávida, e seu namorado rico e conservador, o rapaz da família Sedirci, decidira casar-se com ela. Não escondeu nada disso de mim, contando ainda que seu casamento iria realizar-se dali a pouco tempo. Haveria a possibilidade de eu me encontrar lá com Füsün? Onde ela estava? As respostas de Ceyda foram evasivas. Füsün devia ter-lhe feito alguma recomendação. Enquanto caminhávamos na direção do parque Taşlık, ela me disse coisas sérias e profundas sobre o quanto o amor é sério e profundo. Enquanto ouvia, eu mantinha os olhos fixos na mesquita de Dolmabahçe, que cintilava à distância como uma imagem de sonho, transportando-me de volta à minha infância.

Não consegui convencer-me a pressionar muito Ceyda, e nem mesmo a perguntar-lhe onde Füsün

estava. Ceyda, eu sentia, esperava que eu rompesse o noivado com Sibel e me casasse com Füsün, o que permitiria que nossas duas famílias se encontrassem socialmente, e foi só ao ouvi-la dizer isso com todas as palavras que percebi que o sonho dela era igual ao meu. Ao entrar no parque Taşlık naquela tarde, e ao contemplar o panorama, a beleza da entrada do Bósforo, as amoreiras à nossa frente, os namorados sentados às mesas do café rústico tomando Meltem, as mães com seus carrinhos de bebê, as crianças brincando na caixa de areia mais à frente, os estudantes conversando e rindo enquanto mastigavam grãos-de-bico e sementes de abóbora, os pombos bicando as cascas, ao lado de duas andorinhas — tudo naquele local cheio de gente recordava o que eu quase chegara a esquecer: a beleza da vida comum. E assim, quando Ceyda arregalou os olhos, dizendo que entregaria minha carta a Füsün, e que esperava sinceramente que ela respondesse, sucumbi a uma grande esperança, à qual nunca tinha sido mais suscetível.

Mas nunca recebi uma resposta.

Certa manhã, no início de agosto, fui forçado a reconhecer que, apesar de todas as medidas paliativas, minha dor, longe de diminuir, vinha aumentando a cada dia. Quando eu estava trabalhando no escritório ou falando ao telefone não me ocorria nenhum pensamento novo sobre Füsün, mas a dor em meu estômago assumia a forma de uma rinação obsessiva e trespassava meu cérebro em silêncio, como uma corrente elétrica, até me impedir de pensar em outra coisa. As várias manobras a que eu recorria para cultivar as menores esperanças, capazes de mitigar minha dor e distrair-me por alguns instantes, nunca funcionavam por muito tempo.

Comecei a me interessar por mensagens em código, sinais misteriosos e horóscopos de jornal. Os que me inspiravam maior confiança eram a coluna “Seu Signo, Seu Dia” do *Son Posta* e o astrólogo da revista *Hayat*. Os astrólogos mais inteligentes diziam sempre a seus leitores, e mais especialmente a mim: “Hoje você receberá um sinal da pessoa amada!”. Diziam mais ou menos a mesma coisa para os nascidos sob todos os signos, mas isso era justo, pois sempre são necessárias duas pessoas para que um evento assim ocorra; e eu ficava tão convencido que lia esses horóscopos com o maior cuidado, mas, como não tinha uma crença sistemática nas estrelas, não passava horas às voltas com elas, como as donas de casa entediadas tendem a fazer. Minha necessidade era urgente. Criei um sistema próprio de sinais; eu me dizia: “Se a próxima pessoa que passar por aquela porta for do sexo feminino, vou me reencontrar com Füsün; se for um homem, tudo está perdido”.

O mundo, a vida, toda a realidade fervilhava de sinais mandados por Deus para que pudéssemos distinguir a nossa sorte. Eu ficava junto à janela da Satsat, contando os carros que passavam, e me dizia: “Se o primeiro carro vermelho a passar pela avenida vier da esquerda, vou ter notícias de Füsün; se vier da direita, minha espera vai continuar”. Ou então arriscava: “Se eu for a primeira pessoa a descer da balsa quando ela encostar, vou ver Füsün dentro de pouco tempo”. E pulava para terra antes ainda que tivessem tempo de jogar as amarras. Atrás de mim os responsáveis pelas amarras gritavam: “O primeiro a pular em terra é um asno!”. Depois eu ouvia um apito de navio, que entendia como um sinal, e imaginava que tipo de navio podia ser. E me dizia: “Se o número de passos da passarela de pedestres for ímpar, vou ver Füsün daqui a pouco”. Se o número se revelasse par, minha agonia aumentava, mas quando o auspício era bom eu vivia um momento de alívio.

O pior era a dor que me despertava no meio da noite e não me deixava adormecer de novo. Nesses

casos, eu bebia rakı, e então, por desespero, tomava por cima alguns copos de uísque ou vinho, tentando silenciar minha mente como se baixasse o volume de um rádio que berrasse implacável e não me deixasse em paz. Às vezes, com o velho baralho de minha mãe e um copo de rakı na mão, eu jogava paciência, tentando ler minha própria sorte. Certas noites, pegava os dados com que meu pai jogava raramente e, dizendo-me sempre que o lance seguinte era o último, jogava-os mil vezes. Quando eu ficava completamente bêbado, começava a obter uma estranha satisfação com minha angústia, extraindo um orgulho tolo das minhas provações, que julgava dignas de um romance, de um filme ou até de uma ópera.

Certa noite, em nossa casa de veraneio de Suadiye, despertei algumas horas antes do amanhecer; quando ficou claro que o sono não voltaria, atravessei a escuridão na ponta dos pés até a varanda que dava para o mar; estendido numa espreguiçadeira, à brisa fragrante dos pinheiros, fiquei contemplando as luzes que tremeluziam nas ilhas dos Príncipes e tentei me acalantar e recair no sono.

“Também não está conseguindo dormir?”, murmurou meu pai. Na escuridão, eu não o percebera instalado na outra espreguiçadeira.

“Tenho tido certa dificuldade ultimamente”, sussurrei em tom culpado.

“Não se preocupe, acaba passando”, disse ele baixinho. “Você ainda é jovem. Ainda é muito cedo para perder o sono por causa desse tipo de dor, não se preocupe. Mas quando chegar à minha idade, se tiver arrependimentos na vida, vai precisar ficar aqui contando as estrelas até o dia raiar. Cuidado com as coisas de que mais tarde pode se arrepender.”

“Está bem, papai”, murmurei. E não demorei muito a sentir que talvez conseguisse esquecer minha dor, ainda que por pouco tempo, e adormecer. Aqui exponho o colarinho do pijama que meu pai usava naquela noite, e um dos seus chinelos, que me basta ver para ficar muito triste.

Talvez por não lhes dar importância, ou talvez porque não queira que os leitores e os visitantes do meu museu sintam um grande desprezo por mim, escondi alguns hábitos que adquiri durante esse período, mas agora, em favor da integridade de minha história, sinto-me obrigado a apresentar uma breve confissão de um deles. Na hora do almoço, quando minha secretária Zeynep Hanım saía com o resto dos empregados, às vezes eu discava o número de Füsün. Nunca era ela que atendia, o que me dizia que não devia ter voltado do lugar para onde tinha ido, e seu pai tampouco estava em casa. Era sempre tia Nesibe, o que significava que estava costurando em casa, mas eu persistia, esperando que um dia Füsün atendesse. Ou pelo menos que tia Nesibe, esperando que o autor da ligação dissesse alguma coisa, deixasse escapar alguma revelação sobre Füsün. Ou que, enquanto eu esperava pacientemente, sem dizer nada, Füsün pudesse dizer alguma coisa ao fundo. Depois que tia Nesibe atendia ao telefone, havia um primeiro momento em que me era fácil ficar em silêncio, mas, quanto mais exasperadamente e por mais tempo ela falasse, mais difícil era me conter, pois tia Nesibe logo perdia a calma, sucumbindo ao pânico enquanto se debatia de um modo que um desses pervertidos que costumam ligar para os outros iria adorar: “Alô? Alô? Quem é? Quem está falando? Pelo amor de Deus, quer fazer o favor de dizer alguma coisa? Alô, alô, quem fala? Por que ligou para cá?”. E compunha arranjos variados com os elementos dessas frases, com o medo e a raiva perceptíveis a cada palavra, mas nunca lhe ocorria desligar imediatamente, ou pelo menos antes de mim. Com o

tempo comecei a ficar com pena, e até desesperado, por levar aquela parente distante a agir como um coelho encurralado, e finalmente me livreí do hábito.

Não havia sinal de Füsun.

## 37. A casa vazia

No final de agosto, enquanto bandos de cegonhas passavam voando por cima do Bósforo, da casa de Suadiye e das ilhas dos Príncipes, deixando a Europa a caminho da África, decidimos, por insistência firme de meus amigos, organizar a festa de fim de verão que eu costumava dar todo ano no apartamento vazio da avenida Teşvikiye, pouco antes de meus pais voltarem de sua casa de veraneio. Sibel cuidou das compras, rearrumou os móveis, liberou os tapetes das bolas de naftalina e desenrolou-os no piso de madeira, e, em vez de ir ajudá-la, fui ligar mais uma vez para o telefone de Füsun, em homenagem aos velhos tempos. Já fazia alguns dias que o telefone tocava e tocava sem que ninguém atendesse, o que me deixava preocupado. Dessa vez, quando ouvi os sinais intermitentes que indicavam que a linha fora cortada, a dor no meu estômago espalhou-se por todas as partes do meu corpo e todos os recantos da minha mente.

Doze minutos mais tarde, tendo passado por ruas que vinha procurando evitar desde que eu as marcara em laranja, descobri-me caminhando como uma alma penada em direção à casa da família de Füsun, na rua Kuyulu Bostan. Olhando para as janelas de uma distância segura, vi que as cortinas tinham sido removidas. Toquei a campainha; ninguém atendeu. Bati de leve na porta antes de esmurrá-la, e ainda assim ninguém veio abrir; achei que fosse morrer. “Quem é?”, perguntou a mulher do porteiro de seu apartamento escuro no porão. “Aaah, os moradores do número três se mudaram. Foram embora.”

Disse a ela que eu estava interessado em alugar o apartamento. Dando-lhe uma gorjeta de vinte liras, usei sua chave para entrar. Santo Deus! Como posso descrever a solidão daqueles aposentos vazios, ou o estado precário dos azulejos naquela cozinha cansada e em desintegração, a banheira dilapidada em que meu amor perdido tinha tomado banho a vida inteira, o mistério do aquecedor a gás que lhe dava tanto medo, os pregos nus na parede, e as sombras nos lugares onde quadros e espelhos viveram pendurados vinte anos? O cheiro de Füsun nos quartos, a sombra que caía num canto de parede, a planta daquela casa onde Füsun tinha passado a vida inteira, aqueles aposentos que tinham feito dela a pessoa que era, as paredes e a tinta descascada — gravei amorosamente na memória cada um desses detalhes. Havia este papel de parede, de que rasguei um pedaço grande para levar comigo. E a maçaneta da porta do quarto menor que imaginei ter sido dela — imaginei sua mão acionando essa maçaneta por dezoito anos, tirei-a da porta e a pus no bolso. O puxador de porcelana da corrente da descarga no banheiro foi ainda mais fácil de soltar.

Da pilha de lixo e papéis abandonados num dos cantos, extraí o bracinho de uma boneca que tinha sido de Füsun. Enfieí-o no bolso, com uma bola de gude grande de mica e alguns grampos de cabelo que sem dúvida tinham sido dela. Imaginando o conforto que poderia vir a extrair desses objetos, relaxei. Por que, perguntei à mulher do porteiro, eles tinham resolvido ir embora, depois de

tantos anos? Ela respondeu que fazia anos que vinham brigando com o proprietário por causa do aluguel. “Não que os aluguéis estejam mais baratos em outros bairros”, disse eu. O dinheiro vinha perdendo o valor, e os preços estavam subindo.

“E para onde eles se mudaram?” “Não sabemos”, disse a mulher do porteiro. “Estavam aborrecidos conosco quando foram embora, e com o proprietário. Imagine, depois de vinte anos, um desentendimento.” Senti-me a ponto de sufocar.

Foi então que percebi como sempre tivera a esperança de um dia vir até ali, tocar a campainha, pedir que me recebessem e finalmente ver Füsün. Agora que essa possibilidade com que eu nem sabia que contava me fora roubada, eu não tinha ideia do que fazer em seguida.

Dezoito minutos mais tarde eu estava no apartamento do edifício Merhamet, deitado em nossa cama, encontrando o consolo possível nos novos objetos que trouxera do apartamento vazio. E, de fato, aquelas coisas que Füsün havia tocado, aqueles objetos que tinham feito dela quem ela era — quando os acariciei, contemplei e toquei com eles meus ombros, meu peito nu e minha barriga — liberaram seu analgésico e aplacaram minha alma.

### 38. A festa do fim do verão

Muito mais tarde, e sem antes parar no escritório, fui até Teşvikiye ajudar nos preparativos. “Eu queria lhe perguntar o que fazer para conseguir champanhe”, disse Sibel. “Liguei algumas vezes para o escritório, mas sempre diziam que você não estava.”

Sem lhe dar qualquer explicação, fui diretamente para o meu quarto. Lembro que me estendi na cama, pensando no quanto era infeliz, que aquela festa não iria dar certo. Sonhando com Füsün, conjurando-a com suas coisas e encontrando consolo nelas, eu sacrificara meu respeito próprio, ao mesmo tempo em que meus devaneios abriam as portas para outro mundo que eu gostaria de explorar mais plenamente. A festa que Sibel preparava com tanto vigor precisava de um homem rico, inteligente, alegre e saudável como anfitrião, alguém que soubesse cuidar dos seus prazeres, mas eu não estava em condições de fazer esse papel. E não havia como sair pela tangente fazendo o papel do menino amuado de vinte anos que assume um ar de desprezo e desdém diante de uma festa em sua própria casa. Sibel podia estar preparada para tolerar os efeitos da minha doença sem nome, mas eu não podia esperar a mesma indulgência da parte dos nossos convidados, ansiosos por divertir-se na última festa do verão.

Às sete daquela noite, conduzi os primeiros convidados até o bar que tínhamos arrumado — e estocado com todas as bebidas estrangeiras obrigatórias, compradas clandestinamente nas mercearias finas da cidade — e, como bom anfitrião, ofereci-lhes bebidas. Lembro-me de ter cuidado da música por algum tempo, e de ter tocado *Sergeant Pepper* — gostava da capa — e Simon and Garfunkel. Dancei — e ri — com Sibel e Nurcihan. No final, Nurcihan tinha preferido Mehmet a Zaim, mas Zaim não parecia ter se incomodado muito. Quando Sibel me contou, franzindo a testa, que achava que Nurcihan tinha dormido com Zaim, não entendi por que aquilo deixava minha noiva tão abalada, mas nem tentei descobrir. Havia beleza no mundo, era só o que interessava: a noite de verão

estava fresca graças à brisa que soprava do Bósforo, agitando as folhas dos plátanos do pátio da mesquita de Teşvikiye e fazendo-as murmurar o som suave e adorável que eu lembrava da infância; e ao cair da noite as andorinhas chiavam enquanto voavam em torno da cúpula da mesquita e dos terraços dos edifícios dos anos 1930. Enquanto o céu escurecia mais ainda, comecei a ver as luzes cambiantes dos aparelhos de televisão nas casas das pessoas que não tinham deixado a cidade para veranear, entre eles uma jovem entediada numa varanda e, pouco mais adiante, noutra varanda, um pai infeliz, olhando com ar ausente para o tráfego na avenida abaixo de seu apartamento. Mas, enquanto eu contemplava tudo isso com indiferença, tinha a impressão de contemplar meus próprios sentimentos, e tive medo quando me ocorreu que era possível eu jamais conseguir esquecer Füsün. Sentado ali em nossa varanda, apreciando o frescor da noite, ouvindo a conversa animada das pessoas que vinham ao meu encontro de tempos em tempos, bebi muito.

Zaim chegou com uma linda jovem que estava bastante animada porque se saíra bem no vestibular. Seu nome era Ayşe; conversei agradavelmente com ela. Bebi com um amigo de Sibel — um sujeito tímido que trabalhava na exportação de couros e era capaz de beber grandes quantidades de raki. Muito depois que o céu adquirira um negro de veludo, Sibel disse: “Você está se comportando mal. Entre um pouco”. Abraçando-nos, apoiando-nos um no outro com toda a força, executamos uma daquelas nossas danças alcoolizadas que os outros achavam tão românticas. Tínhamos apagado algumas luzes, de maneira que a sala de estar estava quase na penumbra, dando ao apartamento no qual eu tinha passado toda a minha infância, e na verdade quase toda a minha vida, o aspecto e o colorido de um lugar muito diferente; com essa imagem ocorreu-me a ideia de um mundo inteiro que me fora arrancado, e abracei Sibel com desespero ainda maior enquanto continuávamos dançando. Como uma parte grande do meu sofrimento daquele verão contagiara minha adorável noiva — além dos meus hábitos de consumo alcoólico —, ela estava tão cambaleante quanto eu.

Na linguagem preferida pelos colunistas sociais da época, “à medida que a noite avançava, sob os efeitos do álcool”, a festa escapou ao controle. Copos e garrafas se quebraram, discos de quarenta e cinco e de trinta e três rotações foram destruídos, alguns casais sob a influência de revistas europeias começaram a se beijar abertamente ou procuraram o quarto do meu irmão, supostamente para se amarem, mas possivelmente para caírem desacordados, e era como se aquele grupo de amigos ricos e jovens tivesse sido tomado por um pânico coletivo, ante o fim próximo de sua juventude e suas aspirações à modernidade. Oito ou dez anos antes, as primeiras dessas minhas festas de fim de verão eram eventos anárquicos, alimentados pela raiva que sentíamos dos pais; meus amigos mexiam nos caros aparelhos elétricos da nossa cozinha, que muitas vezes estragavam; vasculhavam as prateleiras de meus pais e tiravam antigos chapéus, frascos de perfume com vaporizador, escovas elétricas para engraxar sapatos, gravatas-borboleta e vestidos, firmemente convencidos de que sua energia destrutiva era política, entregando-se assim a ela com gosto ainda maior.

Nos anos que se seguiram, só dois membros desse grande grupo entraram para a política a sério. Um deles seria torturado pela polícia nos dias que se seguiram ao golpe de 1971 e ficaria na prisão até a anistia de 1974. É bem provável que vissem o restante de nós como “burgueses mimados e irresponsáveis”, mas de qualquer modo afastaram-se da nossa companhia e acabaram perdendo

contato.

Agora, enquanto o amanhecer se aproximava e Nurcihan percorria as gavetas de minha mãe, não era movida por uma raiva anárquica, mas por uma curiosidade feminina que se manifestava com requinte e um grau considerável de respeito. “Vamos dar um mergulho em Kilyos”, disse-me ela em tom solene. “Só estava olhando para ver se encontrava um maiô da sua mãe.” Tomado subitamente por uma dor e um remorso intensos por nunca ter levado Füsün a Kilyos, aonde ela desejava tanto ir, tudo que consegui fazer foi desabar na cama de meus pais. De onde fiquei deitado, podia ver Nurcihan, bêbada, fingindo que procurava um maiô enquanto corria os dedos cobiçosos pelas meias bordadas que minha mãe possuía desde os anos 1950, os elegantes espartilhos escuros fechados por cordões trançados, e os chapéus e lenços de seda que ela não mandara levar para o apartamento do edifício Merhamet. Passaram também pelas mãos admiradas de Nurcihan os títulos de propriedade de todas as casas, apartamentos e terrenos que possuíamos, e que minha mãe guardava numa pasta em sua gaveta de meias, pois não confiava no cofre particular do banco, e pilhas e pilhas de chaves correspondendo a fechaduras desconhecidas, apartamentos que tinham sido vendidos ou alugados. Havia também o recorte de uma coluna social de trinta e seis anos antes, falando do casamento de meus pais, e outro das páginas de sociedade da revista *Hayat*, datada de doze anos depois, em que minha mãe aparecia muito chique e atraente numa festa. “Como sua mãe era bonita, uma mulher tão interessante”, disse Nurcihan. “Ela ainda está viva”, disse eu, sempre estendido como um morto na cama, e imaginando como seria maravilhoso passar o resto da minha vida com Füsün naquele quarto. Nurcihan emitiu uma risada carinhosa e alegre, e foi isso, creio, que atraiu Sibel para o quarto, seguida de perto por Mehmet. Sibel e Nurcihan percorreram o resto das coisas de minha mãe com uma solenidade alcoolizada, enquanto Mehmet sentou-se na cama (bem no lugar onde meu pai ficava sentado toda manhã, olhando com ar ausente para seus pés antes de calçar os chinelos), fitando Nurcihan com amor e admiração. Estava tão feliz — loucamente apaixonado, pela primeira vez em muitos anos, por uma mulher com quem podia se casar — que isso parecia deixá-lo em choque, como que envergonhado de tanta felicidade. Mas eu não o invejava, porque percebia seu medo avassalador de ser enganado — a possibilidade permanente de que as coisas desembocassem num fim ruim e degradante — e, ao mesmo tempo, seu remorso.

Aqui exponho vários dos artigos que Sibel e Nurcihan extraíam com tanto cuidado das gavetas de minha mãe. De tempos em tempos elas riam, lembrando uma à outra que deviam estar à procura de roupas de banho.

A procura de maiôs e as discussões sobre a ida à praia se estenderam até o amanhecer. Na verdade, ninguém estava sóbrio o suficiente para dirigir. Eu sabia que se fosse a Kilyos acabaria desabando de tanta bebida e falta de sono, além da minha angústia por causa de Füsün, e resolvi que não iria. Prometendo que Sibel e eu iríamos logo depois, deixei o tempo passar até os outros decidirem ir embora. Quando o sol nasceu, fui até a varanda onde minha mãe tomava café e assistia aos funerais, e acenei, gritando, para meus amigos que saíam. De pé na rua estavam Zaim e sua nova namorada, Nurcihan e Mehmet, e mais alguns outros, todos brincando alcoolizados, jogando de um para o outro uma bolinha reluzente de plástico vermelho, correndo atrás dela sempre que escapava às suas mãos, fazendo barulho suficiente para acordar todos os residentes de Teşvikiye. Quando as portas do

carro de Mehmet finalmente se fecharam, eu vi as pessoas idosas que caminhavam a passos lentos na direção da mesquita de Teşvikiye para as preces matinais. Entre eles estava o porteiro do edifício do outro lado da rua, que se vestia de Papai Noel na véspera do Ano-Novo e vendia bilhetes de loteria. Nesse momento, o carro de Mehmet partiu, cantando os pneus, antes de frear abruptamente, dar marcha a ré e parar de novo; a porta se abriu, e Nurcihan desceu do carro, gritando para nós dois, no sexto andar, que tinha esquecido seu lenço de seda. Sibel correu para dentro e logo voltou à varanda trazendo o lenço, que jogou para a rua. Nunca hei de me esquecer de nós dois ali na varanda de minha mãe, acompanhando o lento voo planado do lenço roxo até a rua, dançando como uma pipa de papel na brisa suave, abrindo-se e fechando-se, enfunando-se e retorcendo-se. É a última lembrança alegre que tenho da minha noiva.

## 39. A confissão

Agora chegamos à cena da confissão. Era meu desejo expresso que todos os umbrais, todas as paredes, tudo nesta parte de meu museu fosse pintado de um amarelo frio. Pouco depois de nossos amigos saírem para Kilyos e de eu voltar para a cama de meus pais, um sol gigantesco surgiu por trás das colinas de Üsküdar, enchendo o quarto espaçoso de uma intensa luz alaranjada. O eco do apito de um navio ergueu-se do Bósforo. “Vamos também”, disse Sibel, percebendo minha falta de entusiasmo, “não vamos ficar parados aqui. Vamos tentar nos encontrar com eles.” Mas, vendo o modo como eu me estendera na cama, percebeu que eu não estava em condições de ir até a praia (embora não lhe passasse pela cabeça que eu pudesse estar bêbado demais para dirigir); e não era só isso: pressentia que minha misteriosa doença nos levaria a um ponto do qual não havia mais como voltar. Dava para ver que preferia evitar conversas a respeito, pois fazia o possível para não me olhar nos olhos. Entretanto, da maneira como as pessoas às vezes acabam enfrentando seus piores medos sem preparação (há quem chame isso de coragem), foi ela que abordou o assunto.

“Onde é que você foi de verdade ontem à tarde?”, perguntou ela. Mas na mesma hora se arrependeu da pergunta, acrescentando em tom carinhoso: “Se você acha que isso pode lhe criar embaraços mais adiante, se não quiser me contar, não precisa”.

Deitou-se a meu lado na cama, acariciando-me como um gatinho carinhoso, com muita compaixão mas também com certo nervosismo; sentindo que eu estava a ponto de lhe partir o coração, fiquei envergonhado. Mas o gênio do amor deixara a lâmpada de Aladim e me forçava a avançar, dizendo que eu não podia mais guardar aquele segredo.

“Você se lembra daquela noite do começo da primavera, querida, quando fomos ao Fuaye?”, comecei com essas palavras inofensivas e cautelosas. “Você viu aquela bolsa Jenny Colon na vitrine de uma loja, e quando passamos por ela me disse que achava bonita. Paramos para olhar.”

Minha querida noiva percebeu imediatamente que se tratava de mais do que uma bolsa — que eu ia lhe contar alguma coisa verdadeira e muito séria; enquanto seus olhos se arregalavam, contei-lhe a história de que os leitores hão de se lembrar e que os visitantes do museu conhecem desde que viram o primeiro objeto aqui exposto. Ainda assim, eis aqui uma série de retratos de pequenas dimensões de

objetos de grande importância; espero que sirva como um *aide-mémoire* para os visitantes que estão percorrendo a extensa coleção do museu, ou para os frequentadores mais impetuosos que preferiram não começar pelo princípio.

Contei a história a Sibel em escrupulosa ordem cronológica. Enquanto me entregava à dolorosa narrativa de meu primeiro encontro com Füsün, e da relação que se travou então, meu remorso era palpável, assim como uma aura de expiação que conferia a meu erro a gravidade de um grande pecado. Mas posso ter acrescentado essas cores à minha história para atenuar o tom afinal bastante ordinário do meu crime e sugerir que falava de alguma ocorrência do passado distante. Omitindo naturalmente da minha narrativa os pormenores do prazer sexual, procurei fazer com que tudo soasse como uma indiscrição tola, típica dos homens turcos à véspera do casamento. Não consegui, ao ver as lágrimas de Sibel, continuar no meu tom original, e me arrependi de ter abordado aquele assunto.

“Você é uma pessoa asquerosa, e só agora estou vendo”, disse Sibel. Ela pegou uma antiga bolsa de minha mãe — com um padrão estampado de rosas, contendo algumas moedas — e jogou-a em mim. Em seguida veio um dos sapatos de duas cores de meu pai. Nenhum dos projéteis acertou o alvo. As moedas se espalharam pelo piso como cacos de vidro. Lágrimas jorravam dos olhos de Sibel.

“Acabei com essa história muito tempo atrás”, disse eu. “Mas fiquei arrasado com o que fiz... Um sentimento que não tem nada a ver com essa moça nem com mais ninguém.”

“É aquela moça com quem nos sentamos na festa de noivado, não é?”, perguntou Sibel, com medo de pronunciar seu nome.

“É.”

“Mas ela é uma vendedora de loja! Que coisa nojenta. E você ainda se encontra com ela?”

“Claro que não... Depois que ficamos noivos terminei com ela, que desapareceu. Ouvi dizer que se casou com outro homem.” (Até hoje ainda fico pasmo de ter sido capaz de inventar essa mentira.) “Foi por isso que fiquei tão distante depois do noivado, mas agora está tudo acabado.”

Sibel chorou mais um pouco, depois lavou o rosto e me fez mais perguntas.

“E você não consegue esquecê-la, é isso?” Era assim que minha perceptiva noiva resumia a verdade em suas palavras.

Qual homem dotado de um coração poderia responder afirmativamente a essa pergunta? “Não”, respondi relutante. “Você não entendeu. Mas ter tratado uma jovem tão mal, ter enganado você e traído a sua confiança, carregar isso tudo na minha consciência deixou-me esgotado. Tirou toda a alegria da minha vida.”

Nenhum de nós dois acreditou nas minhas palavras.

“E onde você foi depois do almoço, ontem à tarde?”

Como eu desejava contar a alguém — alguém que pudesse entender, alguém que não fosse Sibel — que eu recolhia objetos que me lembravam de Füsün e os punha na boca, que os esfregava na pele, e que, desse modo, conjurava imagens dela e deixava correr minhas lágrimas. Ainda assim, tinha certeza de que acabaria louco se Sibel me deixasse. O que eu devia dizer era “Vamos nos casar logo”. Havia muitos casamentos sólidos — casamentos que eram a fundação de nossa sociedade — travados num esforço para superar casos amorosos atormentados e infelizes.

“Quis rever alguns dos brinquedos da minha infância antes de nos casarmos. Eu tinha uma pistola

espacial, por exemplo... E ainda funciona. Admito que foi um tipo estranho de saudade. Foi isso que eu fui fazer lá.”

“Você nunca mais vai voltar a esse apartamento!”, disse Sibel. “Você se encontrou com ela muitas vezes?”

Antes que eu pudesse responder ela se pôs a soluçar de novo. Quando a tomei nos braços e a acariciei, ela começou a chorar com mais força. Enquanto abraçava minha noiva, senti uma gratidão profunda e uma amizade por ela que era mais intensa que o amor; eu dava um valor supremo à nossa intimidade. Depois de Sibel chorar por muito tempo e acabar adormecendo em meus braços, eu também dormi.

Era quase meio-dia quando acordei; Sibel já se levantara havia muito, tomara um banho, maquiara o rosto e até preparara meu café da manhã na cozinha.

“Se você quiser, pode ir comprar pão do outro lado da rua”, disse ela num tom muito frio. “Mas, se não tiver energia, posso cortar o pão de ontem e torrar.”

“Não, eu vou”, disse eu.

Tomamos café na sala de estar, que depois da festa parecia um campo de batalha, à mesa onde meus pais se sentavam um diante do outro havia mais de trinta anos. Aqui exponho uma réplica perfeita do pão que comprei na mercearia do outro lado da rua. Sua função é sentimental, mas também serve como registro de que foi o único tipo de pão que milhões de habitantes de Istambul consumiram por meio século (embora seu peso variasse bastante), e também de que a vida é uma série de ocasiões repetidas que — sem dó nem piedade — depois relegamos ao esquecimento.

Naquela manhã, Sibel se mostrava forte e decidida, o que até hoje me surpreende. “Essa coisa que você achou que fosse amor era só uma obsessão passageira”, disse ela. “Vou cuidar de você. Vou tirar você dessa loucura em que se meteu.”

Ela tinha coberto as pálpebras inchadas com muito pó de arroz. Vê-la escolher as palavras com tanto cuidado para não me magoar, muito embora ela própria estivesse sofrendo muito — sentir sua compaixão —, fez-me confiar ainda mais nela, e tão convencido estava de que só Sibel podia me libertar da minha agonia que decidi ali mesmo concordar com tudo que ela dissesse. E foi assim que, enquanto tomávamos o café da manhã com pão fresco, queijo branco, azeitonas e geleia de morango, decidimos deixar aquela casa e passar um bom tempo longe de Nişantaşı, daquelas ruas e redondezas. As proibições da zona laranja e da zona vermelha entraram em pleno vigor.

A essa altura, os pais de Sibel já tinham retornado à sua casa em Ankara para o inverno, de maneira que a yalı de Anadoluhisari estava vazia. E ela tinha certeza de que não haviam de se importar se passássemos algum tempo lá juntos, agora que estávamos noivos. Eu devia me mudar para lá com ela imediatamente, abandonando todos os hábitos que ainda me prendiam à minha obsessão. Enquanto arrumava minhas malas, sentia-me triste mas também esperançoso de me recuperar, como uma garota desiludida com o amor que os pais despacham para a Europa. Lembro que quando Sibel me disse “Leve estas também”, jogando um par de meias de inverno em minha mala, ocorreu-me o pensamento doloroso de que minha cura ainda podia demorar bastante.

## 40. As compensações da vida numa yalı

Sentia-me muito animado com a ideia de começar de novo, e bastante reconfortado pelas compensações da vida numa yalı, a tal ponto que, durante os primeiros dias, julguei que minha recuperação na verdade seria rápida. Qualquer que tivesse sido a diversão da véspera, por mais tarde que tivéssemos chegado e por mais que eu tivesse bebido, de manhã, assim que a luz começava a se infiltrar pelos espaços entre as tiras das persianas, projetando no teto seus estranhos reflexos das ondas do Bósforo, eu me levantava e abria as janelas de madeira, deslumbrando-me a cada vez diante da beleza que invadia o quarto pelas janelas, quase numa explosão. Havia, em minha admiração, o ânimo que acompanha um novo despertar, a descoberta das belezas esquecidas da vida — ou pelo menos era nisso que eu preferia acreditar. Sibel, sempre perspicaz, percebendo essa minha disposição, aproximava-se de mim com sua camisola de seda, fazendo ranger baixinho as tábuas do piso sob os pés descalços, e juntos admirávamos a beleza do Bósforo, o barco de pesca vermelho que oscilava nas ondas, o nevoeiro que se dissipava em meio às árvores nas montanhas escuras da margem oposta e a maneira como a primeira barca da manhã deslizava pelas águas enquanto enfrentava as correntezas, assobiando como um fantasma.

Sibel aderiu também à convicção de que os prazeres da vida na yalı podiam ter um poder curativo. Sentados à varandinha envidraçada que dava para o mar, jantando como um casal que pudesse alimentar-se apenas de amor, víamos a balsa da Linha da Cidade chamada *Kalender* deixar a estação de Anadoluhisarı e, ao timão, o capitão de bigodes com seu quepe; ele ficava tão perto que podia ver a cavalinha crocante em nossa mesa, a pasta de beringela com torradas, o queijo branco, o melão e o raki. E gritava “Bom apetite”, o que Sibel via como mais um ritual mágico capaz de acelerar minha cura e sempre nos deixava felizes. De manhã, assim que acordávamos, minha noiva e eu mergulhávamos nas águas frescas do Bósforo; íamos até o Café da Estação tomar chá com *simits* — roscas cobertas de gergelim — e ler o jornal; cuidávamos dos pimentões, dos tomates da horta; em torno do meio-dia corríamos até os barcos de pesca que acabavam de chegar com peixe fresco para comprar um salmonete ou uma brema-do-mar, e, nas noites muito quentes de setembro, quando folha nenhuma se mexia e quando, uma a uma, as mariposas se aproximavam muito das luzes, mergulhávamos de novo no mar agora fosforescente. A convicção de Sibel de que esses rituais haveriam de me curar ficava clara quando, à noite na cama, ela encostava gentilmente seu corpo fragrante no meu como se trocasse o curativo de uma ferida. Quando minhas dores lancinantes de estômago impossibilitavam o amor com ela, eu ria desajeitado, dizendo “Ainda não estamos casados”, e minha querida noiva ria comigo, para aliviar meu acabrunhamento.

Às vezes, depois de passar a noite sozinho numa espreguiçadeira da varanda, ou de devorar uma espiga de milho comprada de um vendedor num barquinho a remo, ou depois de plantar dois beijos nas faces de Sibel como qualquer jovem marido que entrasse no carro pela manhã a caminho do trabalho, eu percebia nos olhos dela certo desprezo, um ódio em botão. Uma das causas só podia ser minha incapacidade para o amor físico com ela, mas havia motivos mais preocupantes: estaria Sibel achando que aquela sua extraordinária demonstração de amor e comedimento, na esperança de me fazer “melhorar”, tinha dado errado — ou, pior ainda, que uma vez curado eu voltasse a me

encontrar com Füsün depois do casamento? Nos meus piores momentos, também eu quis acreditar nessa possibilidade, sonhando que um dia me chegariam notícias de Füsün e poderíamos retomar em seguida nossa feliz rotina. Os encontros diários no edifício Merhamet, ao mesmo tempo em que representariam o remédio supremo para o meu mal de amor, iriam, é claro, permitir também que eu voltasse a amar Sibel como antes, condição de que poderíamos aproveitar para nos casar e ter filhos, usufruindo todas as bênçãos de uma vida normal em família.

Mas era só quando eu alterava meu humor para melhor, bebendo muito, ou quando a manhã era especialmente linda e me inspirava esperança, que eu conseguia cultivar esses sonhos, e mesmo assim era muito raro. A lembrança de Füsün expulsava todos os outros pensamentos de minha mente, e a essa altura a dor do amor era causada não tanto por sua ausência quanto pela perspectiva mais abstrata de uma dor sem fim.

## 41. Nadando de costas

Sem dúvida, esses dias dolorosos de setembro tiveram sua beleza sombria, e à medida que o mês avançava descobriam novo modo de torná-los mais fáceis de suportar: toda vez que eu nadava de costas minha dor diminuía. Para tanto, eu precisava dobrar meu pescoço muito para trás, a ponto de poder avistar até o fundo do Bósforo, mas de cabeça para baixo, e ficar nadando nessa posição por algum tempo, sem tirar a cabeça da água para respirar. Enquanto eu nadava de costas atravessando a correnteza e as ondas, abria meus olhos e via o Bósforo invertido mudando de tom, perdendo as cores até assumir um negror que me despertava para uma vastidão totalmente diversa da ilimitada dor do amor — permitindo-me vislumbrar um mundo sem fim.

Como o Bósforo chega a grandes profundidades já perto das margens, havia momentos em que eu conseguia avistar o fundo e outros em que não, mas vislumbrar aquele mundo de cores brilhantes, embora de cabeça para baixo, era enxergar um todo imenso e misterioso ante cuja visão a pessoa só podia agradecer por estar viva, reduzida à humildade pela ideia de fazer parte de algo maior. Olhando para as latas enferrujadas, as tampas de garrafa, os mexilhões entreabertos e mesmo os fantasmas de antigos navios, eu contemplava a imensidão da história e do tempo, e a minha própria insignificância. Em momentos assim eu percebia que podia gostar de me concentrar em meu amor e estar totalmente absorto nele. Exposto, e sofrendo ainda mais profundamente, eu podia purgar minha alma.

O que importava não era a minha dor, mas minha conexão com aquela misteriosa infinitude que cintilava abaixo de mim. À medida que as águas do Bósforo invadiam minha boca, minha garganta, meus ouvidos, minhas narinas, eu percebia que os djinns que eu tinha dentro de mim, regendo meu equilíbrio e minha felicidade, ficavam satisfeitos. Uma espécie de embriaguez marinha tomava conta de mim enquanto eu avançava de costas, braçada a braçada, até não restar mais dor alguma em meu estômago. E ao mesmo tempo sentia uma profunda compaixão por Füsün brotar dentro de mim, o que me lembrava de quanta raiva também sentia.

Vendo-me nadar de costas na direção de um petroleiro soviético ou de uma balsa da Linha da

Cidade que tocava ansiosa seu apito, Sibel começava a pular na margem, chamando freneticamente meu nome, mas eu quase nunca ouvia seus gritos. Nesse hábito de nadar tão perigosamente perto do desfile constante de balsas da Linha da Cidade, petroleiros internacionais, cargueiros repletos de carvão, barcos de passageiros e barcaças encarregadas da distribuição de cerveja e Meltem para os restaurantes do Bósforo, quase um desafio a essas embarcações maiores e menores, Sibel via um impulso malsão e, em seu peito, queria fazer-me parar de nadar de costas pelo Bósforo em frente da sua casa. Mas, sabendo como aquilo me fazia bem e expulsava a dor, não insistia. Em vez disso, às vezes sugeria que eu fosse a alguma praia protegida, ou nos dias sem vento, quando o mar estava calmo, até a praia de şile no mar Negro, ou ainda, com ela, até uma das enseadas desertas além de Beykoz, em que, sem tirar a cabeça da água, eu podia nadar até onde me levassem meus pensamentos, sem um fim à vista. Mais tarde, depois que eu nadava de volta para a margem e me estendia exausto ao sol com os olhos fechados, pensava com esperança que todos os homens sérios e honrados que porventura se apaixonassem loucamente deviam experimentar as mesmas coisas que eu.

Ainda assim, havia uma diferença desconcertante. A mera passagem do tempo não me trazia a cura que parecia proporcionar a todos os outros. Apesar do estímulo incansável de Sibel durante as noites silenciosas que passávamos juntos (quando tudo que se ouvia era a tosse distante de uma barcaça passando ao longe), fomos sendo ambos tomados pela certeza de que minha dor não iria simplesmente ceder. Às vezes eu procurava sair pela tangente tentando convencer-me de que aquela agonia era um produto da minha imaginação ou uma simples prova de fraqueza espiritual, mas ver-me a essa luz, como uma pessoa irremediavelmente dependente da misericórdia redentora de uma mãe-anjo-amante, era por sua vez insuportável, e assim, na maior parte do tempo, não conseguia fazer nada além de controlar minha dor da única maneira que conseguia, nadando de costas, embora soubesse perfeitamente que estava apenas me iludindo.

Ao longo do mês de setembro, estive três vezes no edifício Merhamet, escondendo essas visitas de Sibel e, de certo modo, de mim mesmo. Estendia-me na cama e manuseava os objetos que Füsün tinha tocado, cumprindo os rituais consolatórios que meus leitores já conhecem. Não conseguia esquecê-la.

## 42. A melancolia do outono

Nos primeiros dias do outono, depois de uma tempestade vinda do norte, as águas rápidas do Bósforo ficaram frias demais para os mergulhos, e em pouco tempo minha melancolia adensou-se além do ponto em que ainda conseguia disfarçá-la. A noite caía mais cedo a cada dia, e imediatamente a margem e o jardim atrás da casa ficaram cobertos de folhas caídas; as yalis coletivas que serviam como casas de veraneio pareciam vazias; os barcos a remo foram recolhidos do mar e, em seguida aos primeiros dias de chuva, bicicletas postas de rodas para o ar enchiam as ruas subitamente vazias; para nós instalou-se uma profunda tristeza outonal. Com um pânico cada vez maior, eu sentia que Sibel dali a pouco não seria mais capaz de suportar minha apatia ou o

sofrimento que não havia mais como esconder ou consolar, ou a consequência disso: ultimamente, eu bebia o tempo todo.

No final de outubro, Sibel fartou-se da água ferruginosa que jorrava das velhas torneiras, da umidade da cozinha precária, das goteiras e frestas da yalı por onde entravam correntes de ar e o vento gelado do norte. Não havia mais os amigos que vinham nos visitar nas noites quentes de setembro, bebendo até mergulhar oscilantes no mar do cais escuro, agora que havia mais diversão na cidade durante o outono. E aqui exponho as pedras úmidas e quebradas do jardim dos fundos, as cascas de caramujos que se arrastavam por elas juntamente com nosso amigo, o lagarto apavorado (hoje petrificado) que desapareceu durante as chuvas — todos representam o abandono da vida nas yalis pelos novos-ricos com a aproximação do inverno, e a melancolia que assinalava essa época do ano.

Ficou claro a essa altura que qualquer decisão de permanecer na yalı com Sibel durante o inverno dependia de eu lhe provar sexualmente que me esquecera de Füsün, mas, à medida que o tempo ficava mais frio e nos esforçávamos para manter aquecido o quarto de teto alto, cada um se retraía e desanimava mais, e nas poucas noites em que nos abraçávamos era só por camaradagem e compaixão. Apesar de nosso desprezo manifesto pelas pessoas que usavam aquecedores elétricos nas yalis de madeira — os filisteus irresponsáveis que punham em risco edificações históricas altamente combustíveis —, toda noite, quando começávamos a ficar com frio, plugávamos esse aparelho dos infernos na tomada fatal. No começo de novembro, quando lembramos que o aquecimento já fora ligado em nossas residências de inverno, ficamos curiosos com as festas de outono que podíamos estar perdendo na cidade e a inauguração de novos clubes noturnos e a reabertura dos antigos reformados, além das multidões que se acotovelavam à porta dos cinemas, e começamos a inventar desculpas para voltar a Beyoğlu e até a Nişantaşı, às ruas que me tinham sido interditadas.

Certa noite, quando nos encontrávamos em Nişantaşı sem qualquer motivo especial, decidimos ir ao Fuaye. Pedimos rakı com gelo, que tomamos de estômago vazio, e trocamos cumprimentos com os garçons que conhecíamos, conversando mais longamente com Haydar e o chefe dos garçons, Sadi, e como todo mundo nos queixamos dos bandos ultranacionalistas e dos militantes esquerdistas que promoviam atentados a bomba contra a direita, a esquerda e o centro, levando o país à beira da calamidade. Como sempre, os garçons mais velhos eram muito mais reservados do que nós quanto às questões políticas. Ao vermos alguns conhecidos entrarem no restaurante, lançamos olhares de boas-vindas para eles, mas ninguém veio falar conosco. Em tom de zombaria, Sibel perguntou por que meu estado de espírito tornara a ficar sombrio. Sem precisar exagerar muito, expliquei que meu irmão tinha consertado a situação com Turgay Bey, e que tinham decidido começar um novo empreendimento, com um lugar para Kenan — como eu me arrependia agora de não ter encontrado um meio de demiti-lo —, e aquele novo e lucrativo negócio, somado à maneira como eu tratara Turgay Bey, podia servir de pretexto para me excluïrem.

“Kenan... é o mesmo Kenan que dançou tanto e tão bem na nossa festa de noivado?” Sibel, eu sabia, usava a expressão “tanto e tão bem” como uma alusão oblíqua a Füsün, sem mencionar seu nome. Nós dois recordávamos a festa de noivado com alguma dor e, incapazes de encontrar uma desculpa para mudarmos de assunto, ficamos em silêncio. Era uma novidade. Nos primeiros dias,

logo depois que revelei o motivo da minha “doença”, Sibel, mesmo nos piores momentos, sempre demonstrava um talento enérgico e robusto para mudar de assunto.

“E esse Kenan agora vai ser diretor da nova empresa?”, perguntou Sibel com o tom sarcástico que começava a cultivar. Enquanto olhei tristemente para suas mãos, que tremiam, e seu rosto muito maquiado, ocorreu-me que Sibel se transformara de uma saudável moça turca com um verniz de formação francesa numa cínica mulher turca que agora se dava à bebida depois de ficar noiva de um homem complicado. Estaria me alfinetando porque sabia que eu ainda sentia ciúmes de Kenan? Um mês antes, uma suspeita como aquela jamais passaria por minha mente.

“Vão só usar mais uns truques para ganhar um dinheirinho fácil”, disse eu. “Nem vale a pena falar disso.”

“Há de ser bem mais que um dinheirinho... Deve ser bem lucrativo, ou seu irmão nem se daria ao trabalho. Você não devia deixar que eles o excluíssem ou lhe negassem uma parte. Você precisa enfrentá-los, desafiá-los.”

“Tanto faz o que eles fizerem.”

“Não gosto dessa atitude”, disse Sibel. “Você está largado, está desistindo da vida; parece até que gosta de ser prejudicado. Precisa ser mais forte.”

“Vamos pedir mais dois?”, disse eu, levantando meu copo com um sorriso.

Enquanto esperávamos as bebidas, ficamos em silêncio. Entre as sobrancelhas de Sibel apareceu uma ruga que sempre me lembrava um ponto de interrogação, revelando que estava aborrecida ou furiosa.

“Por que você não liga para Nurcihan e os outros?”, perguntei. “Talvez eles venham nos encontrar.”

“Acabei de olhar, e o telefone público daqui está quebrado”, disse Sibel em tom irritado.

“E então, o que você fez hoje? Deixe-me ver o que comprou”, eu disse. “Abra seus pacotes. Vamos nos divertir um pouco.”

Mas Sibel não estava com vontade de abrir embrulhos.

“Tenho certeza de que você não deve continuar tão apaixonado assim por ela”, disse Sibel, com uma ligeireza assustadora. “Seu problema não é estar apaixonado por outra mulher — é não estar mais apaixonado por mim.”

“Se fosse assim, por que estou sempre do seu lado?”, perguntei, pegando a mão dela. “Por que não quero passar nem um dia longe de você? Por que estou sempre aqui, pegando na sua mão?”

Não era a primeira vez que tínhamos essa conversa. Mas dessa vez percebi um brilho estranho nos olhos de Sibel e temi que ela fosse dizer: “Porque você sabe que sozinho não ia aguentar a dor de perder Füsün, e tem medo de morrer!”. Mas por sorte Sibel ainda não sabia que a situação chegara a esse ponto.

“Não é o amor que mantém você perto de mim; você só fica comigo para continuar acreditando que sobreviveu a um desastre.”

“E por que eu precisaria disso?”

“Você acabou gostando de ser o tipo de homem que vive sofrendo e torcendo o nariz para tudo. Mas chegou a hora de tomar jeito, querido.”

Fiz-lhe minhas promessas solenes de sempre: que aqueles dias difíceis iam passar, que além de dois filhos também queria ter três filhas iguaizinhas a ela. Íamos criar uma família grande, maravilhosa e feliz; teríamos muitos anos de risos, sem perder nenhum dos prazeres da vida. Ver seu rosto radioso, ser alvo de suas palavras tão sensatas, ouvi-la trabalhando na cozinha — essas coisas me traziam uma alegria sem fim e me deixavam grato por estar vivo. “Por favor, não chore”, pedi.

“A essa altura, estou achando que nenhuma dessas coisas nunca vai acontecer”, disse Sibel enquanto suas lágrimas começavam a correr mais depressa. Largou minha mão, pegou o lenço e enxugou os olhos e o nariz; depois pegou o estojo de pó compacto e passou muito pó debaixo dos olhos.

“Por que você perdeu a fé em mim?”, perguntei.

“Talvez porque tenha perdido a fé em mim mesma”, disse ela. “Perdi até minha beleza — é isso que às vezes penso agora.”

Eu apertava sua mão, repetindo que ela estava linda, quando uma voz disse: “Olá, jovens namorados!”. Era Tayfun. “Todo mundo só fala de vocês, sabiam disso? Oh, meu Deus, qual é o problema?”

“O que as pessoas andam dizendo de nós?”

Tayfun viera nos visitar na yalı várias vezes em setembro. Quando viu que Sibel tinha chorado, toda a alegria deixou seu rosto. Quis levantar-se da mesa, mas, vendo a expressão de Sibel, ficou paralisado.

“A filha de um amigo próximo morreu num acidente de trânsito”, disse Sibel.

“E então, o que andam dizendo de nós dois?”, perguntei em tom irônico.

“Meus pêsames”, disse Tayfun, olhando para os dois lados à procura de uma saída, e depois gritando alto demais para cumprimentar alguém que acabara de entrar. Antes de ir embora, ele respondeu: “As pessoas andam dizendo que vocês dois estão tão apaixonados que ficaram com medo de que o casamento possa acabar com essa paixão, como acontece com tantos europeus, e que, por causa disso, estão pensando em nunca mais se casar. E, se querem saber o que eu acho, deviam se casar logo. Todo mundo está só com inveja de vocês. Há até quem diga que essa yalı de vocês traz má sorte”.

Assim que ele se levantou, pedimos mais raki. Durante todo o verão, Sibel tinha conseguido esconder minha “doença” dos outros com desculpas inventadas, mas aquilo não tinha mais como continuar. Nossa decisão de morar juntos antes do casamento tinha se transformado em munição para os mexericos. Também tinham começado a reparar que Sibel agora me alfinetava e fazia piadas à minha custa, e que eu começara a nadar de costas por longas distâncias e, claro, alguns ainda se deleitavam com o ridículo da minha tristeza permanente.

“Vamos ligar para Nurcihan e os outros para virem se encontrar conosco, ou vamos pedir logo a comida?”

Sibel parecia ansiosa. “Vá encontrar um telefone em algum lugar e ligue para eles. Tem uma ficha?”

Entre os que podem se interessar por esta história daqui a cinquenta ou cem anos, pode haver a tentação de torcer o nariz para a Istambul dos idos de 1975, quando ainda havia uma escassez de água

encanada (obrigando mesmo os moradores dos bairros mais ricos a comprar água de caminhões-tanque particulares) e onde os telefones raramente funcionavam. Num esforço para despertar antes um reflexo de empatia que uma reflexão desdenhosa, exponho aqui uma ficha de telefone com as bordas serrilhadas, que naquele tempo podia ser comprada em qualquer tabacaria. Nos anos em que minha história começa, havia poucas cabines telefônicas nas ruas de Istambul, e mesmo quando eram poupadas pelos vândalos raramente funcionavam. Não me lembro de ter conseguido nem uma vez fazer uma ligação de uma cabine da PTT durante todo esse período. (Faça uma que só conseguiam realizar, ao que parece, nos filmes turcos, cujos astros sempre copiavam o que víamos nos filmes ocidentais.) Ainda assim, um empresário sagaz tinha conseguido vender telefones pagos a mercearias, cafés e outros estabelecimentos; era recorrendo a esses aparelhos que conseguíamos atender a nossas necessidades. Apresento esses detalhes como explicação do motivo pelo qual fui obrigado a sair andando de loja em loja pelas ruas de Nişantaşı. E finalmente, numa casa lotérica, encontrei um telefone disponível. Mas o número de Nurcihan estava ocupado; o homem não me deixou fazer uma segunda tentativa de ligar, e algum tempo se passou antes que eu conseguisse ligar para Mehmet do telefone de uma loja de flores. Encontrei-o em casa com Nurcihan, e ele disse que viriam nos encontrar no Fuaye dali a meia hora.

Andando de loja em loja, cheguei ao coração de Nişantaşı. E me ocorreu que, estando tão perto do edifício Merhamet, eu podia verificar se passar por lá poderia me fazer algum bem. Trazia a chave comigo.

Assim que entrei no apartamento, lavei as mãos e o rosto e tirei cuidadosamente o paletó, como um médico que se prepara para uma cirurgia. Sentado sem camisa à beira da cama onde me entregara quarenta e quatro vezes ao amor com Füsün, e cercado por todos aqueles objetos tão impregnados de memórias (três dos quais exponho em seguida), passei uma hora feliz manuseando cada um deles.

Quando cheguei de volta ao Fuaye, Zaim estava lá, além de Nurcihan e Mehmet. Quando deparei com a conversa animada sobre a sociedade de Istambul, e mais todas as garrafas, cinzeiros, pratos e copos distribuídos pela mesa, pensei que era muito feliz e que amava profundamente a minha vida.

“Amigos, por favor, desculpem meu atraso. Vocês nunca vão adivinhar o que me aconteceu”, disse eu, enquanto tentava imaginar alguma boa mentira.

“Não há problema”, disse Zaim em tom carinhoso. “Sente-se. Esqueça toda essa história. Venha ser feliz conosco.”

“Na verdade já estou feliz.”

Quando meus olhos encontraram os da noiva que eu estava à beira de perder, percebi de imediato que, embora embriagada, ela sabia exatamente onde eu tinha andado e finalmente resolvera que não havia recuperação possível para mim. Embora furiosa, Sibel não estava em condições de tomar nenhuma providência a respeito. E, mesmo quando ficou um pouco mais sóbria, não fez uma cena — porque ainda me amava, e porque a perspectiva de me perder ainda a deixava aterrorizada, sem falar nas desastrosas consequências sociais do rompimento de nosso noivado. E isso pode explicar por que mesmo nesse momento eu sentia uma ligação tão forte com ela, embora talvez houvesse outros motivos que eu ainda não compreendia. Talvez, raciocinei, a persistência daquela ligação restaurasse

sua fé em mim e ela voltasse a acreditar na minha recuperação futura. Por aquela noite, entretanto, eu sentia que seu otimismo se esgotara.

Dancei algum tempo com Nurcihan.

“Você partiu o coração de Sibel. Ela está furiosa com você”, disse ela enquanto dançávamos. “Você não devia deixá-la sentada sozinha num restaurante. Ela é muito apaixonada por você. E também é muito sensível.”

“Sem espinhos, a rosa do amor não tem perfume. Quando vocês dois vão se casar?”

“Mehmet queria casar-se logo”, respondeu Nurcihan. “Mas eu prefiro ficar noiva antes, como vocês dois, e ter a oportunidade de aproveitar um pouco o amor antes de começar a vida de casada.”

“Não devia seguir o nosso exemplo; não a esse ponto, pelo menos...”

“Por quê? Tem alguma coisa que eu não sei?”, perguntou Nurcihan, tentando esconder sua curiosidade por trás de um sorriso forçado.

Mas não respondi. O rakı aliviava minha obsessão, que de uma dor forte e constante se convertia num espectro intermitente. Lembro que a certa altura da noite Sibel e eu estávamos dançando, e, como um adolescente apaixonado, fiz com que me promettesse que nunca me deixaria, e ela, impressionada com o ardor das minhas súplicas, tentou sinceramente aplacar meus medos. Muitos amigos e conhecidos passaram pela nossa mesa, convidando-nos a ir encontrá-los em outros lugares quando nos cansássemos do Fuaye. Alguns queriam fazer o mais óbvio e ir de carro até o Bósforo para tomar chá; outros diziam que devíamos ir ao restaurante que servia tripas em Kasımpaşa, e havia ainda os que propuseram que fôssemos todos a um clube noturno ouvir música tradicional turca. Houve um momento em que Nurcihan e Mehmet se abraçaram com um abandono exagerado e fizeram todos rir com uma imitação instantaneamente reconhecível da dança romântica que Sibel e eu éramos dados a praticar. Ao romper do dia, e a despeito da insistência de um amigo que saía do Fuaye ao mesmo tempo que nós, fiz questão de tomar o volante. Vendo o quanto eu zigzagueava pelo caminho, Sibel começou a gritar, e embarcamos numa balsa de carros para atravessar o Bósforo. Ao amanhecer, quando a balsa chegou a Üsküdar, ambos adormecemos no carro. Um marinheiro nos acordou batendo com força na janela, pois estávamos bloqueando a saída de vários ônibus e caminhões de entrega. Saímos pela rua que acompanhava a costa, à sombra de plátanos fantasmagóricos que deixavam cair suas folhas vermelhas, chegando à yalı sem mais incidentes e, como sempre fazíamos depois de nossas aventuras noturnas, abraçamo-nos com força e nos entregamos ao sono.

## 43. Os dias frios e solitários de novembro

Nos dias que se seguiram, Sibel nem perguntou em que lugar de Nişantaşı eu tinha passado a hora e meia que estivera desaparecido, mas não podia haver muita margem para dúvida. Depois daquela noite, ambos nos conformamos com o fato de que eu jamais conseguiria superar minha obsessão. Ficou claro que regimes rigorosos e interdições não adiantavam, embora ainda gostássemos de viver juntos naquela yalı antes grandiosa e agora em tão mau estado. Por mais irremediável que fosse nossa

situação, contudo, havia alguma coisa naquela casa decrépita que nos mantinha juntos e tornava nossa dor mais tolerável ao conferir-lhe uma estranha beleza. A yalı adicionava seriedade e profundidade histórica àquele nosso amor sem saída; nosso sofrimento e nossa derrota eram tão grandes que a presença residual de uma cultura otomana desaparecida nos compensava o que tínhamos perdido como antigos amantes e casal de noivos recente. O mundo evocado nos protegia de algum modo da dor trazida por nossa incapacidade para o amor físico.

Se, em alguma noite, púnhamos a mesa perto do mar e, apoiando os braços e os cotovelos na balaustrada de ferro, bebíamos juntos Yeni Rakı e ainda experimentávamos certa animação, eu sentia, pela maneira como Sibel olhava para mim, que na falta do sexo a única coisa que poderia nos manter unidos seria o casamento. E não havia tantos casais felizes — não só na geração dos nossos pais como também na nossa — que levavam uma vida de castidade conjunta depois do casamento, como se nada houvesse fora do normal? Depois de nosso terceiro ou quarto copo, começávamos a brincar de adivinhar como seria a vida em comum dos casais jovens e velhos que conhecíamos — às vezes de longe, às vezes mais intimamente —, perguntando um ao outro “Você acha que eles ainda têm relações?” e dedicando à pergunta uma reflexão quase séria. Essa nossa brincadeira, que hoje me parece tão dolorosa, devia muito, sem dúvida, à duvidosa suposição de que dali a pouco havíamos de retomar uma vida amorosa satisfatória. Em nossa estranha cumplicidade, e naquelas conversas que erguiam à nossa volta um muro que nos isolava do mundo exterior, havia a finalidade velada de convencer-nos de que nosso casamento seria possível naquelas condições, e que depois poderíamos esperar em paz a volta daquela vida sexual que no passado nos dava tanto orgulho. Pelo menos era o que Sibel achava, mesmo em seus dias de maior pessimismo; estimulada por minhas brincadeiras, minhas provocações e minha compaixão, ela adquiria esperanças e ficava satisfeita, chegando até a sentar-se em meu colo, como que tentando desencadear alguma reação. Nos meus momentos mais esperançosos, também me ocorria um sentimento que julgava igual ao de Sibel, suscitando a ideia de propor que nos casássemos logo, mas eu não dizia nada, com medo de que ela pudesse recusar minha proposta em termos bruscos e definitivos, abandonando-me em seguida. Pois me parecia que Sibel só estava à espera de uma boa oportunidade para pôr fim à nossa relação com um golpe retaliatório que também restaurasse seu respeito por si mesma. Incapaz de aceitar que, apenas quatro meses antes, perdera a vida inteira de felicidade conjugal que se estendia à nossa frente — aquela existência invejável e ilibada, repleta de filhos, amigos e diversões variadas —, não conseguia convencer-se a tomar a iniciativa. Assim, ambos ainda extraíamos alguma utilidade emocional daquele estranho amor que nos mantinha ligados e, por enquanto, cada vez que no meio da noite o desespero nos despertava de um sono que só a bebida consegue induzir, persistíamos no costume de nos abraçar, ignorando a dor da melhor maneira possível.

A partir de meados de novembro, toda vez que acordávamos no meio de uma noite sem vento — ardendo de dor ou de sede, por termos bebido muito na véspera —, ouvíamos um pescador que remava seu bote, logo além das nossas persianas, deslocando-se pelas águas calmas do Bósforo e recolhendo a sua rede. Às vezes o bote passava bem debaixo do nosso quarto. Acompanhando esse pescador quieto, que falava baixo, vinha sempre um menino magro de voz doce, obediente a cada ordem do pai. Enquanto a luz do lampião de seu bote se infiltrava por nossas persianas, lançando um

fulgor adorável no teto, ouvíamos o som de seus remos cortando as águas silenciosas, a água caindo em cascatas de sua rede à medida que a puxavam para fora do mar, e às vezes só a tosse do menino enquanto os dois trabalhavam sem dizer nada. Acordávamos quando eles chegavam e, abraçados, ficávamos ouvindo enquanto remavam a cinco ou seis metros da nossa cama, sem saber que estávamos ali à escuta; ouvíamos os dois jogando pedras no mar para espantar os peixes para dentro da rede, e em raras ocasiões eles conversavam: “Segure firme, meu filho”, dizia o pescador, ou “Pegue a cesta”, ou “Agora reme para trás”. Muito mais tarde, no meio do silêncio mais profundo, o filho dizia, com sua voz mais suave: “Estou vendo um ali!”, e Sibel e eu, deitados nos braços um do outro, nos perguntávamos o que o filho poderia estar apontando. Seria um peixe, um esteio ameaçador fincado na areia, ou algum outro ser marinho que só podíamos imaginar da nossa cama? Não me lembro de jamais ter conversado com esse pescador e seu filho depois de ouvi-los em suas pescarias. Mas à noite ficávamos, eu e Sibel, pairando entre o sono e a vigília, às vezes ouvindo o barquinho de pesca se afastar depois de uma noite de trabalho e às vezes deixando de ouvi-lo. Ainda assim, vivíamos invariavelmente um intervalo precioso de imensa paz, como se não houvesse nada a temer enquanto fôssemos visitados pelo pescador e por seu filho.

A cada dia que passava Sibel ficava mais ressentida comigo, cultivando novas dúvidas sobre sua beleza; a cada dia seus olhos se enchiam de lágrimas com mais frequência, à medida que nossas alterações, nossos arrufos e escaramuças ficavam mais desagradáveis. O mais comum era que Sibel fizesse algum gesto para me deixar feliz, assando um bolo, talvez, ou obtendo um preço excelente para uma linda mesa de centro para nossa casa, mas, quando eu, sentado com um copo de raki na mão, devaneava sobre Füsün e não reagia a ela da maneira esperada, ficava furiosa, saía e batia a porta, mas ainda assim eu continuava sentado onde ela me deixara, amaldiçoando-me pela vergonha que me impedia de ir atrás dela e pedir desculpas — e, quando finalmente me levantava e chegava até ela, podia ver que seu ressentimento já a levava para longe demais.

Se ela rompesse nosso noivado, a sociedade, sabendo quanto tempo tínhamos “vivido juntos” sem nos casarmos, podia olhar de lado para Sibel, e ela sabia perfeitamente que por mais que andasse de cabeça erguida, por mais “europeias” que fossem as atitudes dos seus amigos, aquele caso não seria visto como uma história de amor se não terminasse em casamento. Iria se transformar na história de uma mulher cuja honra ficara manchada. Claro que não conversávamos sobre essas coisas, mas ela sabia bem que cada novo dia trabalhava contra ela.

Com visitas ocasionais ao edifício Merhamet para me estender na cama e me distrair com as coisas de Füsün, às vezes eu me sentia melhor e conseguia me iludir, convencendo-me de que minha dor ainda podia passar e que isso também podia representar alguma esperança para Sibel. Continuavam também as noitadas, as festas e os encontros com os amigos, que sempre deixavam Sibel, embora não a mim, de espírito renovado. Mas nada daquilo conseguia revogar a verdade odiosa de que, tirando as horas que passávamos muito alcoolizados, ou os minutos que passávamos escutando o pescador e seu filho, Sibel e eu éramos muito infelizes. Foi durante esse período que — desesperado para descobrir onde Füsün podia estar e se estava passando bem — supliquei a Ceyda, na época prestes a dar à luz; cheguei a oferecer-lhe suborno, mas ela só respondia que Füsün estava em algum ponto de Istambul. Será que eu precisaria revirar a cidade inteira, rua a rua?

No começo do inverno, num de nossos dias especialmente frios e desolados na yalı, Sibel disse que vinha pensando numa viagem a Paris com Nurcihan. Nurcihan pretendia ir na época do Natal, fazer compras e acertar algumas questões pendentes antes de seu noivado formal com Mehmet (e de seu casamento com ele). Quando Sibel manifestou o interesse em ir, eu a estimulei, planejando, assim que ela partisse, mover céus e terras para encontrar Füsün; pretendia vasculhar cada canto de Istambul, e se não conseguisse encontrá-la desistiria daquela dor, daquele remorso que vinha destruindo minha força de vontade e, quando Sibel voltasse, me casaria com ela. Sibel recebeu meu estímulo com a devida desconfiança, mas eu lhe disse que uma mudança de cenário e de ritmo poderia fazer muito bem a nós dois, acrescentando que quando ela voltasse poderíamos recomeçar do ponto onde tínhamos parado na yalı; no decorrer dessa conversa, usei a palavra “casamento” uma ou duas vezes, embora sem muita ênfase.

Na verdade, eu ainda imaginava que fosse casar-me com Sibel, que àquela altura estava pronta a apostar que uma separação temporária pudesse nos encontrar refeitos por ocasião de sua volta. Fomos até o aeroporto com Nurcihan e Mehmet, e, chegando cedo, nos sentamos a uma mesinha do terminal novo para tomar Meltem, como recomendado por Inge no cartaz que ali se via. Quando abracei Sibel na despedida e vi lágrimas em seus olhos, fiquei com medo, pensando que não havia como voltar à nossa vida antiga depois disso, sentindo que não tornaria a vê-la por muito tempo, e depois me censurei por essa visão sombria das coisas. No caminho de volta para a cidade, no carro, Mehmet, para quem aquela seria a primeira separação de Nurcihan em muitos meses, quebrou o silêncio prolongado: “A vida fica tão vazia sem as meninas, não é mesmo?”.

Naquela noite a yalı de fato me pareceu tão vazia e triste que não consegui ficar lá. E não era só o rangido das tábuas do piso: agora que ficara só, descobri que o próprio mar vinha invadindo a velha estrutura, cada vez produzindo um gemido num tom diferente. As vagas que se quebravam contra o terraço de concreto produziam um som muito diverso das ondas que se quebravam nas pedras, e as correntezas murmurantes sibilavam ao passar pelos barcos amarrados mais abaixo. Perto do amanhecer, com o vento norte penetrando em cada canto da casa, enquanto eu permanecia deitado na cama num estupor alcoólico, ocorreu-me que fazia muito tempo que o pescador não saía mais de barco com seu filho. Ainda havia uma parte de minha mente saudável o bastante para ver as coisas com clareza, e ela me dizia que um capítulo da minha vida estava chegando ao fim, mas de resto eu continuava ansioso e com medo demais de ficar sozinho para conseguir aceitar essa verdade.

## 44. O hotel Fatih

No dia seguinte, encontrei-me com Ceyda. Em troca de sua concordância em ser portadora das minhas cartas, eu conseguira um emprego para um parente dela no departamento de contabilidade da Satsat. Sabia que, se falasse com alguma dureza, ela podia ser intimada a me dar o endereço de Füsün. Mas Ceyda reagira a meu pedido assumindo uma postura misteriosa e falando por elipses. Sugeriu que eu não ficaria muito contente de ver Füsün, pois a vida, o amor e a felicidade eram coisas difíceis, e as pessoas faziam o que era necessário nesse mundo mortal, aproveitando as raras

oportunidades que tinham de ser felizes. Era estranho, vindo de alguém que, enquanto falava, tocava o tempo todo a barriga, àquela altura muito grande, e que tinha um marido que atendia a todos os seus desejos.

Não consegui pressionar muito Ceyda. E, como ainda não havia em Istambul escritórios de detetives particulares do tipo que vemos nos filmes americanos (ainda levariam trinta anos para chegar), eu não tinha como contratar alguém para segui-la. Mais cedo eu estivera com Ramiz, que cuidava das situações mais desagradáveis dos negócios de meu pai e também, por um período, de sua segurança (nos velhos tempos, nós o chamaríamos de guarda-costas); dizendo a ele que estávamos fazendo uma investigação discreta sobre um roubo, mandei-o em missão secreta encontrar Füsün, o pai dela e tia Nesibe, mas ele voltou de mãos vazias. Mesmo nosso amigo Selami Bey, o comissário de polícia aposentado que ajudava a Satsat quando surgiam problemas com a alfândega ou o Ministério das Finanças, não conseguiu nada: depois de fazer algumas investigações em repartições de registro, delegacias de polícia e escritórios dos conselhos, ele me disse que, como a pessoa que eu procurava — o pai de Füsün — não tinha ficha policial, era quase impossível encontrá-lo. Passando-me por um ex-aluno agradecido que desejava beijar a mão de seu antigo professor, estive nos liceus Vefa e Haydarpaşa, as duas escolas onde o pai de Füsün ensinava história antes de se aposentar, mas sem resultado. Então, tentei encontrar tia Nesibe a partir das casas de Nişantaşı e de şişli para as quais ela costurava. Claro que eu não podia perguntar à minha mãe. Mas Zaim descobriu com a mãe dele que quase ninguém usava mais aquele tipo de serviço. Ela saía a campo para ver se alguém tinha ideia de onde encontrar Nesibe Hanım, a costureira, mas ninguém sabia. Essas decepções exacerbaram minha dor. Eu passava as horas de almoço no edifício Merhamet, às vezes voltando depois para o escritório e às vezes saindo de carro para percorrer a esmo a cidade, esperando encontrar Füsün por acaso.

Enquanto percorria cada bairro, cada rua da cidade, nunca me passou pela cabeça que me recordaria dessas horas gastas à procura dela como momentos felizes. Quando o fantasma de Füsün começou a me aparecer nos bairros pobres da cidade velha — Vefa, Zeyrek, Fatih, Kocamustafapaşa —, concentrei-me daquele lado do Chifre de Ouro. Percorria as ruelas estreitas, fumando enquanto o carro sacolejava pelo calçamento de pedra e pelos buracos das ruas, e de repente o fantasma de Füsün surgia à minha frente, levando-me a estacionar de imediato e me entregar a uma afeição profunda por aquele bairro lindo e empobrecido. De todo coração, eu abençoava aquelas ruas com suas mulheres cansadas de cabeça coberta, os jovens fortes que encaravam os desconhecidos que vagavam pelas ruas à procura de fantasmas, os velhos e desempregados que passavam o tempo nos cafés, lendo o jornal em sua atmosfera impregnada de fumaça de carvão. Quando o estudo cuidadoso de uma aparição ao longe revelava não se tratar de Füsün, eu não deixava o bairro de imediato; preferia continuar a vagar por suas ruas, convencido por alguma lógica irracional de que, se um duplo dela aparecera ali, a verdadeira Füsün não podia estar muito longe. E assim cheguei a uma fonte quebrada de mármore, com duzentos e vinte anos de idade, no centro de uma praça infestada de gatos, e a visão de slogans e ameaças de morte inscritas em cada superfície visível, rabiscadas por “facções” dos vários partidos de esquerda e direita, não me deixou intranquilo. Com o coração convencido de que Füsün estava em algum lugar próximo, aquelas ruas desfiguradas me pareciam

mágicas. Resolvi que precisava passar mais tempo caminhando por aquelas redondezas, mais tempo naqueles cafés, tomando chá, olhando pela janela e esperando que ela passasse; se eu pretendia ficar mais próximo dela e de sua família, precisava também viver mais como eles.

Pouco depois, parei de frequentar os restaurantes mais novos de Nişantaşı e Bebek; perdi interesse nos acontecimentos sociais que antes consumiam minhas noites. Já cansara de me encontrar toda noite com Mehmet, que considerava nosso destino comum passar horas conversando sobre o que “nossas meninas” estariam comprando em Paris. Mesmo quando eu conseguia escapar dele, Mehmet me localizava no clube noturno a que eu fosse mais tarde e, com os olhos brilhantes, falava sem parar sobre o que Nurcihan lhe dissera mais cedo ao telefone. Quando Sibel me ligava eu entrava em pânico, pois não tinha nada a lhe dizer. Havia ocasiões, admito, em que sentia falta do consolo dos braços de Sibel, mas sentia tamanha culpa, estava tão esgotado por minha maligna mendacidade, que no fim das contas sua ausência era um consolo. Dispensado da falsidade que nossa situação demandava, convenci-me de que voltara a ser a mesma pessoa de antes. E enquanto isso a pessoa de antes, embora perturbada, vagava pelos bairros da cidade velha, à procura de Füsün, amaldiçoando-me por não ter começado a percorrer mais cedo aquelas ruas encantadoras, aqueles bairros antigos. E lamentava não ter rompido com Sibel antes de nosso noivado, e não ter encontrado algum modo de romper o noivado depois, antes que fosse tarde demais.

Em meados de janeiro, duas semanas antes da data prevista para Sibel voltar de Paris, fiz as malas, deixei a yalı e me transferi para um hotel entre Fatih e Karagümrük. Exponho aqui uma de suas chaves, na qual se pode ler sua insígnia, bem como no papel timbrado do meu quarto e numa réplica de seu pequeno letreiro, que encontrei muitos anos mais tarde. Na véspera, eu passara a tarde inteira explorando as áreas entre Fatih e o Chifre de Ouro, olhando em cada rua e em cada loja, espiando pela janela de cada família que morava nas casas de pedra abandonadas e nas desaprumadas casas de madeira sem pintura deixadas para trás pelos gregos que tinham fugido da cidade, até que, fartando-me da alegria, do barulho, das desgraças e da apinhada pobreza daquela vizinhança, entrei no hotel para me abrigar da chuva. Àquela altura já tinha anoitecido, e, decidido a não ter de esperar por toda a travessia do Chifre de Ouro para poder tomar minha primeira dose de bebida, subi a ladeira, entrando numa cervejaria nova perto da esquina com a rua principal. Complementando a vodca com cerveja, fiquei ali sentado com outros homens vendo televisão, e em pouco tempo — ainda nem eram nove horas — estava paralisado. Quando saí, não me lembrava sequer de onde estacionara meu carro. Caminhei muito tempo na chuva, pensando mais em Füsün e na minha vida que no meu carro, e lembro que, enquanto percorria aquelas ruas escuras e enlameadas, meus sonhos com Füsün, por mais dolorosos que fossem, ainda me traziam felicidade. E foi assim que no meio da noite me descobri de volta no hotel Fatih; pedi um quarto e logo adormeci.

Pela primeira vez em muitos meses, dormi profundamente. E continuaria a dormir profundamente no mesmo hotel nas noites seguintes. O que me pegou de surpresa. Às vezes, perto do amanhecer, eu era visitado em meus sonhos por alguma memória ensolarada da infância ou do começo da juventude. Acordava com um estremecimento, como da primeira vez em que ouvira o pescador e seu filho, e meu único desejo era adormecer de novo naquela cama de hotel, a fim de voltar para o mesmo sonho luminoso.

Depois da primeira noite repousante, eu voltara à yalı para arrumar minhas roupas, minhas meias de lã e meus outros pertences e, determinado a evitar os olhares preocupados e as perguntas ansiosas dos meus pais, preferi me instalar no hotel a voltar para casa. Eu ia para a Satsat de manhã cedo, como sempre, mas saía cedo do escritório a fim de voltar correndo para as ruas de Istambul. Minha procura por Füsün era uma alegria sem fim, e à noite eu ia contente a alguma cervejaria dar um descanso a minhas pernas exaustas. Mas, como em tantos outros capítulos da minha vida, só muito mais tarde eu viria a perceber que meus dias no hotel Fatih, longe de terem sido dolorosos, como na época eu imaginava, eram na verdade repletos de felicidade. Todo dia na hora do almoço eu ia até o apartamento do edifício Merhamet, para a distração e o consolo que conseguia extrair de seus objetos; e todo dia surgia uma nova memória, que acompanhava o encontro de um novo objeto incorporado; à noite eu bebia e fazia longas caminhadas, a mente enevoada pelo álcool enquanto percorria as ruelas de Fatih, Karagümürük e Balat, espiando pela fresta das cortinas o destino afortunado das famílias que jantavam reunidas, repetindo-me vezes sem conta que “Füsün deve estar numa dessas casas”, e encontrando um consolo renovado nessa ideia.

Às vezes eu sentia que minha felicidade vinha não da possibilidade de que Füsün estivesse por perto, mas de algo menos palpável. Sentia como se a própria essência da vida estivesse naqueles bairros pobres, com seus terrenos baldios, suas ruas de pedra enlameadas, seus carros, seus latões de lixo e calçadas, e as crianças jogando com uma bola de futebol meio vazia à luz dos lampiões. Os negócios em expansão do meu pai, suas fábricas, sua fortuna crescente e a obrigação decorrente de viver ao estilo “europeu elegante” que coadunava com sua prosperidade — agora isso tudo parecia ter me privado de coisas mais simples e essenciais. Enquanto percorria aquelas ruas, era como se estivesse à procura do meu próprio centro. Vagando embriagado, subindo e descendo aquelas ruas estreitas, as ladeiras enlameadas e os becos em curva que se transformavam abruptamente em escadas, o mundo me parecia desabitado de uma hora para outra, salvo pelos cães; eu sentia um calafrio e contemplava com admiração a luz amarelada do lampião que penetrava nas casas através de cortinas cerradas, os finos fios de fumaça azulada que se erguiam das chaminés, o brilho refletido das televisões nas janelas e nas vitrines das lojas. Assim, na noite seguinte, quando me sentei com Zaim numa taverna dentro do mercado de Beşiktaş, tomando rakı e comendo peixe, essas cenas de lusco-fusco me retornaram, acenando para mim com uma proteção que me impediu de ser puxado de volta para dentro do mundo de que Zaim me falava.

Relatos de festas e bailes, histórias sobre as vidas dos frequentadores do clube e a popularidade crescente do Meltem eram os assuntos habituais das nossas conversas, mas nenhum deles nos absorveu por muito tempo. Ele sabia que eu deixara a yalı e que não estava na casa de meus pais em Nişantaşı, mas para não provocar minha melancolia evitou me fazer perguntas sobre Füsün ou meu coração partido, embora de vez em quando eu tentasse encaminhar a conversa nessa direção, pois queria muito descobrir o que ele saberia sobre o passado dela. Quando ficou claro que ele não tinha como ou não desejava alimentar minha obsessão, considerando aquela complexidade arriscada demais ou simplesmente tediosa, simulei a expressão de um homem comedido e fiz questão de lhe contar que ia diariamente ao escritório e trabalhava muito.

Nevava no final de janeiro quando Sibel ligou de Paris para o meu escritório; um tanto agitada,

contou-me que tinha sabido através de vizinhos e pelo jardineiro que eu deixara a yalı. Fazia muito tempo que não falávamos pelo telefone, o que era certamente uma indicação de nosso afastamento, mas naqueles dias não era fácil fazer ligações internacionais. A linha crepitava com ruídos estranhos, e era preciso gritar para ser ouvido. Desanimado ante a perspectiva de ter de proclamar meu amor por Sibel aos gritos (e sem a menor sombra de sinceridade) para todo o escritório ouvir, eu vivia à procura de motivos para não falar com ela.

“Você foi embora da yalı, mas ouvi dizer que não está na casa dos seus pais”, disse ela.

“É isso mesmo.”

Não lembrei a ela que tínhamos decidido de comum acordo que voltar para a casa de meus pais em Nişantaşı iria exacerbar minha doença. Nem podia perguntar quem tinha lhe contado que eu não estava dormindo em casa. Minha secretária Zeynep Hanım pulara de sua cadeira e fechara a porta entre nós, para que eu pudesse conversar em particular com minha noiva, mas ainda assim eu precisava gritar para ser ouvido por Sibel.

“O que você tem feito? Onde está morando?”, perguntou ela.

Ninguém além de Zaim sabia que eu estava hospedado num hotel em Fatih, lembrei-me agora. Mas tampouco quis gritar aquela informação para o escritório inteiro escutar.

“Você voltou para ela?”, perguntou Sibel. “Você precisa falar claro comigo, Kemal.”

“Não!”, respondi, mas não consegui gritar alto o bastante.

“Não estou ouvindo, Kemal.”

“Não!”, repeti, dessa vez mais alto. Mas ainda assim minha resposta foi abafada pelo chiado da linha internacional, cujo som lembrava o de uma concha próxima ao ouvido.

“Kemal, Kemal, não estou ouvindo, por favor...”, gritou Sibel.

“Estou aqui!”, gritava eu, o mais alto que podia.

“Fale claro comigo.”

“Não tenho nada para lhe contar!”, disse eu, gritando ainda mais alto.

“Entendi!”, disse Sibel.

Um estranho som oceânico tomou conta da linha, depois um estalido, antes de a ligação ser cortada e a voz da telefonista entrar. “A ligação com Paris foi interrompida, meu senhor. Quer que torne a tentar?”

“Não, obrigado, minha jovem”, respondi. Era um hábito do meu pai, dirigir-se a toda atendente do sexo feminino, qualquer que fosse sua idade, como “minha jovem”. Fiquei chocado ao ver como eu adquiria cedo os hábitos dele. Fiquei chocado de ouvir Sibel falando com tanta segurança... Mas estava cansado de contar mentiras. Sibel nunca mais me ligou de Paris.

## 45. Um feriado em Uludağ

Tive notícia da volta de Sibel em fevereiro, no começo dos quinze dias de férias escolares em que as famílias costumavam ir esquiar em Uludağ. Zaim também ligara para o escritório, sugerindo que nos encontrássemos para o almoço. Quando nos sentamos no Fuaye, tomando sopa de lentilha, Zaim

me fitou com um olhar afetuoso.

“Você está se escondendo da vida. A cada dia eu vejo você se transformar num homem mais triste e perturbado, e estou preocupado.”

“Não se preocupe comigo”, disse eu. “Estou bem...”

“Pois não me parece nada bem”, disse ele. “Você precisa tentar ser feliz.”

“Você acha que a finalidade da vida é ser feliz”, disse eu. “É por isso que acha que me escondo da vida... Mas estou no limiar de uma outra vida, que vai me trazer a paz.”

“Ótimo... Então fale conosco sobre essa outra vida. Estamos sinceramente curiosos.”

“Quem somos ‘nós’?”

“Não faça isso, Kemal”, disse ele. “Como é que alguma parte disso pode ser minha culpa? Não sou seu melhor amigo?”

“É.”

“Nós... Mehmet, Nurcihan, eu e Sibel... Vamos para Uludağ daqui a três dias. Por que você não vem junto? Nurcihan estava planejando ir tomar conta de uma sobrinha, então decidimos viajar em grupo. Vai ser divertido.”

“Quer dizer que Sibel voltou.”

“Já faz dez dias. Ela voltou na segunda-feira da semana passada. E quer que você também venha para Uludağ.” Zaim sorriu, o rosto reluzente de bondade. “Mas não quer que você saiba... Estou lhe contando tudo isso sem que ela saiba, de maneira que, resolva você o que resolver, não vá fazer bobagens em Uludağ.”

“Não vou, porque fico aqui mesmo.”

“Venha, vai lhe fazer bem. Toda essa história vai passar em pouco tempo, e você vai se esquecer disso tudo.”

“Quem sabe disso? Nurcihan e Mehmet também sabem?”

“Sibel sabe, claro”, disse Zaim. “Ela e eu conversamos. Ela entende perfeitamente como uma pessoa tão dedicada como você pôde se envolver numa história assim, e quer ajudá-lo a se livrar dela.”

“É mesmo?”

“Você tomou o caminho errado, Kemal. Todo mundo às vezes se apaixona pela pessoa errada. Todo mundo se apaixona. Mas no final todo mundo se recupera antes de estragar a vida inteira.”

“E todas essas histórias de amor, e todos esses filmes?”

“Adoro os filmes românticos”, disse Zaim. “Mas nunca vi um filme que justificasse uma história como a sua. Seis meses atrás, vocês deram aquela imensa festa de noivado. Você e Sibel, na frente de todo mundo, trocaram anéis. A noite foi maravilhosa. Vocês foram morar juntos, antes mesmo de se casarem. Chegaram a dar festas na casa de vocês. Todos pensamos que era muito elegante, muito civilizado. E, como todo mundo sabia que vocês iam se casar, todo mundo aceitava a novidade, ninguém se ofendia. Cheguei a ouvir gente dizendo que era muito chique, e que pensava em fazer a mesma coisa. Mas agora você foi embora da yalı e está morando sozinho. Decidiu deixar Sibel? Por que está evitando se encontrar com ela? Você não está se explicando. Está agindo como uma criança.”

“Sibel sabe...”

“Não, ela não sabe”, disse Zaim. “Não tem a menor ideia de como explicar a situação. Com que cara ela pode olhar para as pessoas? O que ela pode dizer? ‘Meu noivo se apaixonou por uma vendedora, e nós nos separamos?’ Ela está muito abalada, de coração partido. Você precisa conversar com ela. Em Uludağ vocês poderiam se acertar, deixar tudo isso para trás. Eu garanto que Sibel aceitaria seguir em frente, como se nada disso tivesse acontecido. Nurcihan e Sibel vão dividir um quarto no Grand Hotel. Mehmet e eu conseguimos o quarto do canto no segundo andar. E o quarto tem três camas. Sabe, de lá dá para ver o topo da montanha. Você pode ficar conosco. E podemos passar a noite inteira acordados chateando os outros como fazíamos quando éramos meninos. Mehmet está tão louco por Nurcihan que parece que está pegando fogo. Pense em como podemos rir disso.”

“Na verdade, a pessoa de quem vocês iriam rir seria eu”, respondi. “E, de qualquer maneira, Mehmet e Nurcihan já são um casal.”

“Acredite, eu nunca faria uma piada à sua custa”, disse Zaim, um tanto ofendido. “Nem deixaria ninguém mais fazer.”

Por suas palavras, ficava claro que a sociedade de Istambul — ou pelo menos as pessoas do nosso círculo — tinham começado a fazer piadas sobre minha obsessão. Mas eu já desconfiava disso.

Fiquei cheio de admiração pela delicadeza de Zaim em organizar essa viagem a Uludağ só para me ajudar. Quando eu era jovem, minha família ia a Uludağ todo inverno, com a maioria dos parceiros de negócios de meu pai, seus amigos do clube e tantas outras famílias ricas de Nişantaşı. Eu adorava tanto essas férias de inverno — em que todo mundo conhecia ou acabava conhecendo todo mundo, e era possível fazer novos amigos e brincar de formar casais, pois até as garotas mais tímidas passavam as noites dançando — que mesmo anos mais tarde, quando deparava com uma velha luva de esqui de meu pai no fundo de uma gaveta, ou os óculos de proteção que meu irmão usava e depois passou para mim, sentia um formigamento na espinha. Durante o tempo que passei nos Estados Unidos, sempre que eu olhava para os cartões-postais que minha mãe me mandava do Grand Hotel sentia uma onda feliz de saudade.

Agradei a Zaim mas disse: “Não vou com vocês. Seria doloroso demais. Mas você tem razão. Preciso conversar com Sibel”.

“Ela não está na yalı. Está na casa de Nurcihan”, informou-me Zaim. Virando a cabeça para passar em revista os demais clientes do restaurante, que estavam todos animados — e, como ele, enriqueciam a cada dia —, ele conseguiu esquecer meus problemas por um momento e sorrir.

## 46. É normal largar assim a sua noiva?

Só consegui me convencer a ligar para Sibel no final de fevereiro, quando ela voltou de Uludağ. Temia que essa conversa que me assombrava pudesse terminar em briga, lágrimas e queixas, e esperei que ela tomasse a iniciativa plenamente justificada de me devolver o anel. Mas um dia não aguentei mais a tensão, peguei o telefone e liguei para ela na casa de Nurcihan; concordamos em nos

encontrar para jantar.

Achei que seria bom irmos ao Fuaye, porque lá, cercados de gente conhecida, nenhum de nós dois poderia sucumbir ao sentimentalismo, à raiva ou a qualquer excesso. E começamos assim. Nas mesas à nossa volta estavam Hilmi, o Bastardo, na companhia de Neslihan, com quem acabara de se casar, Tayfun, Güven, o Afundador de Navios, com a família, e (numa mesa muito concorrida) Yeşim e o marido. Hilmi e a mulher chegaram a vir à nossa mesa e disseram que tinham grande prazer em nos ver.

Comendo entradas variadas e tomando vinho tinto de Yakut, ela me falou de sua viagem a Paris, descrevendo os amigos franceses de Nurcihan e dizendo como a cidade estava linda no Natal.

“E como vão os seus pais?”, perguntei.

“Estão bem”, respondeu ela. “Ainda não sabem nada da nossa situação.”

“Não se preocupe com isso”, disse eu. “Não precisamos dizer nada para ninguém.”

“Eu não me preocupo”, disse Sibel, e depois se calou, com um ar de quem perguntava: “E agora?”

Mudando de assunto, contei a ela que meu pai parecia um pouco mais retirado do mundo a cada dia. Sibel me contou do novo hábito adquirido por sua mãe de esconder roupas antigas e outros pertences. Contei a ela que minha mãe ficara ainda mais radical quanto a seu hábito de banir tudo que descartava para o outro apartamento. Mas esse era um tema arriscado, de maneira que tornamos a nos calar. A expressão de Sibel me dizia que ela não percebera qualquer malícia, sabendo que eu só tinha abordado o assunto para manter a conversa em andamento, mas também entendia que meu esforço para evitar o verdadeiro assunto significava que eu não tinha nada de novo a lhe dizer.

De maneira que foi ela que abordou a questão, dizendo: “Estou vendo que você resolveu aceitar sua situação”.

“O que você quer dizer?”

“Faz meses que esperamos sua doença passar. Mas, depois de toda essa espera, você não dá nenhum sinal de cura — em vez disso, parece ter aceitado sua doença de braços abertos. É muito doloroso ver isso, Kemal. Em Paris, rezei muito para você ficar bom.”

“Não estou doente”, respondi. Olhei para a clientela animada que jantava à nossa volta. “Essas pessoas podem achar que sim. Mas você não devia acreditar nisso.”

“Quando estávamos na yalı”, disse Sibel, “não concordamos que era uma doença?”

“Concordamos.”

“E o que mudou agora? É normal largar assim a sua noiva?”

“O quê?”

“Por uma vendedora...”

“Por que você está misturando as coisas? A situação não tem nada a ver com as lojas, nem com o dinheiro, nem com a pobreza.”

“Tem tudo a ver com isso”, disse Sibel, com a determinação que vem de uma conclusão dolorosa a que se chega depois de muito refletir. “Você só conseguiu começar essa história com ela com tanta facilidade porque ela era uma moça pobre e ambiciosa. Se ela não fosse vendedora, talvez você pudesse casar-se com ela sem se envergonhar. E foi por isso, no fim das contas, que você ficou

doente. Porque não podia se casar com ela. Não tinha coragem.”

Acreditando que Sibel só me dizia essas coisas para me enfurecer, fiquei muito bravo. Mas com isso não quero dizer que essa raiva não se devesse a eu ter compreendido em parte que tinha razão.

“Não é normal, meu querido, para alguém como você, fazer tantas coisas por uma vendedora, ir morar num hotel em Fatih... Se você quiser melhorar, precisa admitir que tenho certa razão.”

“Antes de mais nada, não estou apaixonado por essa moça do jeito que você imagina”, disse eu. “Mas, só para não mudar o rumo da conversa, quer me dizer que as pessoas não podem se apaixonar por gente mais pobre? Ricos e pobres nunca se apaixonam uns pelos outros?”

“A arte do amor é o encontro de um equilíbrio entre iguais”, disse Sibel. “Como existe entre mim e você. Você já viu alguma jovem rica se apaixonar por Ahmet Efendi, o porteiro, ou Hasan Usta, o pedreiro, só porque são bonitos? Fora dos filmes turcos, claro.”

Sadi, o chefe dos garçons, caminhava na nossa direção com o rosto iluminado ao nos ver, mas, quando viu o quanto estávamos absorvidos na conversa, interrompeu sua caminhada. Indiquei com a cabeça que ele fizera a coisa certa e me virei de volta para Sibel.

“Eu acredito nos filmes turcos”, disse eu.

“Kemal, em todos esses anos nunca vi você ir ao cinema para assistir a um filme turco, nem uma vez. Nem mesmo com os amigos nos cinemas ao ar livre no verão, só para dar risada.”

“A vida no hotel Fatih é igual a um filme turco, acredite”, disse eu. “À noite, antes de adormecer, eu caminho por aquelas ruas desoladas e empobrecidas. E isso me faz bem.”

“No começo, achei que toda essa história com a vendedora era culpa de Zaim”, disse ela incisivamente. “Achei que você estivesse macaqueando *A doce vida*. Achei que queria se divertir um pouco com algumas dançarinas, moças de bar e modelos alemãs, antes de se casar. Conversei sobre isso com Zaim. Mas agora concluí que você está sofrendo de outro tipo de complexo” — a palavra acabara de entrar na moda — “o complexo de ser rico num país pobre. Claro, isso é muito mais profundo que uma paixão por uma vendedora.”

“Você pode ter razão”, disse eu.

“Na Europa, os ricos são tão sofisticados que agem como se não tivessem muito dinheiro. É assim que as pessoas civilizadas se comportam. Se quer saber a minha opinião, ser culto e civilizado não é achar que todo mundo é igual e precisa ser livre; é ter a sofisticação de agir como se fossem. E ninguém precisa se sentir culpado.”

“Hummm. Estou vendo que seu tempo na Sorbonne não foi um desperdício total”, disse eu. “Vamos pedir o peixe agora?”

Sadi se aproximou da nossa mesa, e, depois de lhe perguntarmos como estava passando (“Extremamente bem, louvado seja Deus!”) e como ia o movimento do restaurante (“Somos uma família, Kemal Bey. As mesmas pessoas toda noite!”), conversamos sobre a situação geral (“Ah, com todo esse terrorismo entre esquerdistas e direitistas, é quase impossível um cidadão de bem sair na rua!”) e as idas e vindas dos clientes regulares (“Todo mundo já voltou de Uludağ!”). Eu conhecia Sadi desde a infância. Antes da abertura do Fuaye, ele trabalhara no restaurante de Abdullah Efendi em Beyoğlu, onde meu pai sempre comia. Mudara-se para Istambul trinta anos antes, aos dezenove, nunca antes tendo visto o mar, e logo aprendeu com os antigos donos gregos das tavernas e com os

mais famosos garçons gregos da cidade a complexa arte de escolher e preparar peixes. Trouxe-nos uma bandeja com uma tainha vermelha, grande, uma enchova oleosa e uma perca, que ele próprio comprara no mercado de peixes pela manhã. Cheiramos os peixes, conferimos o brilho dos seus olhos e o tom vermelho das guelras, e confirmamos que estavam frescos. Então nos queixamos de como o mar de Mármara estava ficando poluído. Sadi respondeu que o Fuaye encomendara a uma companhia particular a entrega de um caminhão-tanque de água todo dia, por causa da falta de água. Ainda não tinham comprado um gerador para enfrentar os cortes de energia, mas os clientes pareciam gostar da atmosfera nas noites em que precisavam acender velas e lampiões de gás. Depois de encher nossos copos de vinho, Sadi seguiu seu caminho.

“O pescador e o filho dele”, disse eu, “que ouvíamos da yalı... Pouco depois que você foi para Paris, eles também desapareceram. Então, a yalı foi ficando cada dia mais fria e solitária, até que não aguentei mais.”

Sibel ouviu o tom de desculpas na minha voz quando lhe disse essas coisas, esperando dar nova direção à nossa conversa. (Os brincos de pérola de meu pai me passaram pela cabeça.) “O pai e o filho deviam estar atrás dos cardumes de bonito ou de enchovas.” Havia abundância desses peixes naquele ano, contei a ela; mesmo nas ruelas de Fatih, via esses peixes sendo vendidos em carroças puxadas a cavalo, que os gatos seguiam por toda parte. Enquanto comíamos, Sadi nos contou que o preço do rodovalho subira dramaticamente, porque agora prendiam os pescadores turcos que entravam em águas russas e búlgaras atrás desse peixe. Enquanto comentávamos essa história, vi que Sibel estava ficando mais nervosa do que nunca. Sabia que eu estava falando disso para não discutir nossas dificuldades, sobre as quais não tinha de fato nada de novo a dizer e nenhuma esperança a propor. Gostaria de encontrar um modo fácil de conversar com ela a respeito, mas não me ocorria nenhum. Naquele momento, vendo seu rosto triste, sabia que não podia mentir para ela, o que me deixava frenético.

“Escute, Hilmi e a mulher estão se levantando para ir embora”, disse eu. “Vamos convidá-los a sentar-se aqui?” Antes que Sibel pudesse dizer alguma coisa, fiz-lhes um sinal, mas não me viram.

“Não os chame para a nossa mesa”, disse Sibel.

“Por quê? Hilmi é um ótimo rapaz. E achei que você gostava da mulher dele, como é mesmo que ela se chama?”

“O que vai acontecer conosco?”

“Não sei.”

“Quando eu estava em Paris, conversei com Leclerq.” Era o professor de economia de Sibel, que ela admirava muito. “Ele acha que eu devia escrever uma dissertação de mestrado.”

“Então você vai para Paris?”

“Não estou feliz aqui.”

“Quer que eu vá também?”, perguntei. Estava claro que ela já se decidira quanto àquele nosso encontro, e também quanto ao nosso futuro, mas percebi que tinha mais alguma coisa a me dizer.

“Vá para Paris, então”, eu disse, cansando-me daquela conversa hesitante. “Posso cuidar das coisas aqui e ir mais tarde.”

“E há mais uma coisa que eu preciso lhe dizer. Desculpe-me tocar nesse assunto, mas existe a

questão da virgindade, Kemal. Talvez você se sinta obrigado a alguma coisa com essa vendedora. Mas eu acho que a virgindade não é importante a ponto de justificar o que você fez.”

“O que você quer dizer?”

“Se é para termos realmente uma atitude moderna, se somos realmente europeus, como eu disse, a pureza não tem importância. Se, por outro lado, ainda estamos ligados à tradição, se a virgindade importa para você e é uma coisa que espera que todo mundo respeite, então todo mundo precisa ser tratado da mesma maneira!”

Num primeiro momento franzi a testa, porque não entendi ao certo o que Sibel tentava me dizer. Então me lembrei de que tinha sido seu primeiro amante. “Não é uma coisa que tenha o mesmo peso para você e para ela”, pensei em dizer. “Você é rica e moderna!” Em vez disso, porém, baixei os olhos envergonhado.

“É mais uma coisa que jamais serei capaz de perdoar, Kemal. Se você não conseguia romper com ela, por que ficamos noivos? Por que você não desistiu do nosso noivado?” Sua voz tremia de amargura. “Se era para acabarmos assim, por que fomos para a yalı? Por que demos festas? Por que, num país como este, vivemos abertamente como um casal sem sermos casados?”

“A companhia inocente e sincera que compartilhei com você na yalı foi uma coisa que nunca tive com mais ninguém.”

Vi como a minha resposta a deixava furiosa. Estava tão irritada e sofrida que quase começou a chorar.

“Sinto muito”, disse eu. “Realmente sinto muito.”

Houve um silêncio terrível. Para evitar que Sibel começasse a chorar, para evitar que aquilo nos levasse ainda mais longe, acenei freneticamente para Tayfun e sua mulher, que ainda esperavam uma mesa. Ficaram felizes de nos ver. Quando insisti, sentaram-se à nossa mesa.

“Sabe, já estou com saudade da yalı!”, disse Tayfun.

Os dois tinham vindo nos visitar várias vezes durante o verão. Tayfun caminhava pelo cais e andava pela casa como se lhe pertencessem, abria a geladeira para pegar bebidas para si mesmo e para os outros, às vezes sentia-se inspirado a passar horas cozinhando, ao mesmo tempo em que se entregava à necessidade de discorrer sobre as particularidades dos petroleiros soviéticos e romenos que passavam ao largo.

“Vocês se lembram da noite em que desmaiei no jardim?”, perguntou ele, enternecido pela lembrança. Ao ver Sibel sentada ali ouvindo Tayfun, que falava sem resposta de coisas joviais, sem revelar nem uma fração de seus sentimentos íntimos, só pude sentir algo da ordem da admiração.

“E então, quando vocês dois vão se casar?”, perguntou Figen, a mulher de Tayfun.

Seria possível que ela ainda não tivesse ouvido os rumores a nosso respeito?

“Em maio”, respondeu Sibel. “No Hilton também. E todos precisam prometer que vão de branco, como no *Grande Gatsby*. Já viram o filme?” De repente ela olhou para o relógio. “Ah, não, preciso encontrar minha mãe na esquina de Nişantaşı daqui a cinco minutos.” Na verdade, seus pais estavam em Ankara.

Ela se levantou de um salto e beijou Tayfun e Figen, e depois a mim, nas duas faces. Depois de passar mais algum tempo com Tayfun e Figen, eu também fui embora do Fuaye e segui para o

edifício Merhamet em busca do meu consolo costumeiro. Uma semana mais tarde, Sibel me devolveu o anel de noivado através de Zaim. Embora notícias suas me chegassem de todas as direções, eu só tornaria a vê-la trinta e um anos depois.

## 47. A morte do meu pai

A notícia do rompimento do meu noivado espalhou-se depressa; Osman veio ao escritório um dia para me repreender; viera disposto a interceder e tentar suavizar a contrariedade de Sibel. Enquanto isso, uma ampla variedade de rumores chegava a meus ouvidos: eu ficara de miolo mole; eu me transformara num homem da noite; eu entrara para uma seita secreta sufi em Fatih; havia até quem dissesse que eu me tornara comunista e, como tantos militantes, fora morar nos bairros mais pobres — mas nada disso me deixava muito perturbado. Pelo contrário, esperava que Füsün, assim que soubesse que eu rompera o noivado, ficasse impressionada e me mandasse um recado de onde quer que estivesse escondida. A essa altura eu já desistira de qualquer esperança de cura; em vez de procurar alívio, procurava extrair o máximo da minha dor. Comecei a vagar sem rumo pelas ruas interditas com suas luzes alaranjadas, e quatro ou cinco vezes por semana ia ao edifício Merhamet em busca da paz de minhas memórias e do consolo terapêutico dos objetos que lá mantinha. Com Sibel fora da minha vida, eu podia ter voltado para meu antigo quarto na casa dos meus pais em Nişantaşı, mas minha mãe, ela própria incapaz de aceitar o noivado rompido, escondera a má notícia de meu pai, que ela descrevia como “indiferente e fraco”, e, como não se mostrava disposta a falar abertamente sobre o perigoso assunto, havia longos silêncios à mesa sempre que eu almoçava com eles, o que fazia com frequência, embora nunca passasse a noite lá. Na verdade, minha dor de estômago piorava sempre que eu ia à casa de Nişantaşı.

Mas quando meu pai morreu, no início de março, voltei para casa de vez. Foi Osman quem veio ao hotel Fatih me trazer a má notícia. Por mim, ele jamais subiria ao meu quarto, vendo os estranhos objetos que eu comprava durante minhas caminhadas pelos bairros pobres de donos de ferros-velhos, de merceeiros e donos de papelaria, todos acumulados em meu quarto tão desarrumado. Contendo sua repreensão habitual, dessa vez limitou-se a olhar para mim com ar triste, abraçando-me com uma sinceridade carinhosa e sem qualquer admoestação; meia hora mais tarde, eu já arrumara minhas malas, pagara minha conta e deixara o hotel Fatih. Çetin Efendi, com lágrimas nos olhos, tinha um ar desolado, e lembrei que meu pai deixara tanto ele quanto o carro a meus cuidados. Era um dia triste e cinzento de inverno, e enquanto Çetin Efendi nos levava para casa, atravessando a ponte Atatürk, olhei para o Chifre de Ouro, seu tom gelado de água-marinha salpicado de manchas de óleo, o frio de suas águas dobrando como um sino com minha solidão.

Meu pai morrera de parada cardíaca, poucos minutos depois das sete, enquanto as preces matinais eram cantadas; minha mãe acordara pensando que o marido dormia a seu lado; quando percebeu o que tinha acontecido, ficou histérica, de maneira que tinham lhe dado um comprimido de Paradison para acalmá-la. Sentada na sala de estar em sua poltrona de sempre, em frente à do meu pai, de tempos e tempos ela começava a chorar, e fazia um gesto na direção da poltrona vazia. Alegrou-se quando me viu. Caímos nos braços um do outro; nenhum de nós dois disse nada.

Entrei para ver meu pai. Ele estava deitado de pijama na cama de nogueira que dividia com minha mãe havia quase quarenta anos; embora ainda na posição de quem dormia, estava rígido, e a expressão em seu rosto pálido não era da paz do sonho, mas de uma inquietação profunda.

Despertara e vira a morte à sua frente; seus olhos estavam arregalados de pânico, congelado em seu rosto um ar de medo e espanto, do tipo que se espera em alguém que se vê desamparado no caminho do tráfego que se aproxima. Suas mãos enrugadas estavam agarradas às cobertas, o aroma de colônia que exalavam, suas linhas tortas, seus pelos e manchas; aquelas mãos tinham acariciado meus cabelos, minhas costas, meus braços milhares de vezes quando eu era menino, deixando-me tão feliz; eram mãos que eu conhecia. Mas agora sua palidez me dava medo; e não conseguia convencer-me a beijá-las. Queria levantar as cobertas e ver seu corpo inteiro vestindo o pijama de seda listrado azul e branco que ele sempre usava, mas as cobertas estavam presas em algum lugar.

Enquanto eu as puxava, seu pé esquerdo emergiu. Senti-me compelido a olhar para os seus dedos. O dedão do pé do meu pai era absolutamente idêntico ao meu, e, como se pode ver nesse detalhe de uma antiga fotografia que mandei ampliar, seus dedos do pé tinham uma forma singular. Desde que Cüneyt, velho amigo de meu pai, percebera essa estranha semelhança doze anos antes, quando nos sentamos lado a lado de calção de banho na costa de Suadiye, ele nos saudava com a mesma velha piada toda vez que nos via juntos: “E como vão pai e filho de dedos idênticos?”.

Tranquei a porta do quarto e me sentei, preparando-me para aproveitar a oportunidade e chorar por muito tempo por Füsün enquanto pensava em meu pai, mas as lágrimas não vieram. Em vez disso, percebi com novos olhos o quarto onde meu pai passara tantos anos com minha mãe, aquela câmara íntima da minha infância ainda totalmente recendente a colônia, poeira de tapete, cera de assoalho, madeira velha, cortinas, o perfume de minha mãe e o óleo de nossas mãos aderido ao barômetro que meu pai me mostrava, depois de me pegar no colo. Era como se o centro da minha vida tivesse se dissolvido, como se a terra tivesse engolido meu passado. Abrindo seu armário, tirei as gravatas e os cintos ultrapassados, e um dos pares de sapatos que ainda eram ocasionalmente engraxados embora houvesse muitos anos que não os usava. Quando ouvi passos no corredor, senti a mesma pontada de culpa que sentia ao remexer em seu armário na infância, e fechei depressa a porta ruidosa. Na mesinha de cabeceira de meu pai havia remédios, palavras cruzadas, jornais dobrados, uma fotografia muito amada de seu tempo no Exército, tirada enquanto ele bebia rakı com os oficiais, seus óculos de leitura, e também sua dentadura postiça, dentro de um copo. Tirei a dentadura de lá, embrulhei em meu lenço e guardei no bolso; em seguida fui ficar com minha mãe na sala da frente, ocupando a poltrona de meu pai.

“Mamãe, querida, não se preocupe, peguei a dentadura do papai”, eu disse.

Ela assentiu com a cabeça, como se dissesse: “Está certo, você é quem sabe”. Ao meio-dia a casa estava cheia de parentes, amigos, conhecidos e vizinhos. Todos beijaram a mão de minha mãe e a abraçaram. A porta da frente ficou aberta, e o elevador não parava. Em pouco tempo, havia tanta gente que não pude deixar de me lembrar das festas que costumávamos dar nos feriados. Senti que amava aquela quantidade de gente, aqueles sons da vida familiar e o calor; cercado por todos esses parentes, todos esses primos com os mesmos narizes de batata e testas largas, eu me senti feliz. Fiquei algum tempo sentado com Berrin no divã, trocando comentários amigáveis sobre os primos. Gostei de saber que Berrin acompanhava a vida de todos de perto, conhecendo melhor que eu as novidades da família. Como todo mundo, murmurei ocasionalmente uma piadinha, falei do último jogo de futebol, a que tinha assistido no salão do hotel Fatih (Fenerbahçe 2 — Boluspor 0), e sentei-me à

mesa arrumada por Bekri, que, apesar de seu sofrimento, fritava mais salgados de queijo, e fui várias vezes ao quarto dos fundos do apartamento para olhar o corpo de meu pai de pijama. Sim, ele estava perfeitamente imóvel. De tempos em tempos, eu abria suas gavetas, para tocar nas coisas que traziam tantas de minhas memórias mais antigas. A morte do meu pai transformou esses objetos familiares da infância em tesouros de valor incalculável, cada um deles uma nau carregada de um passado perdido. Abri a gaveta da mesa de cabeceira, e, enquanto aspirava as emanções de cedro e do açucarado xarope contra a tosse, contemplei longamente as antigas contas de telefone, os telegramas, as aspirinas e outros remédios de meu pai, como se contemplasse um quadro complexo. Lembro, também, que antes de sair com Çetin para cuidar dos acertos do funeral fiquei por um longo tempo de pé na varanda, olhando para a avenida Teşvikiye. Com a morte de meu pai, não foram só os objetos da vida cotidiana que se transformaram; mesmo as cenas mais comuns das ruas se converteram em mementos insubstituíveis de um mundo perdido, em que cada um dos menores detalhes influía no sentido do todo. Como voltar para casa significava um retorno ao centro desse mundo, havia uma felicidade que eu não tinha como esconder de mim mesmo, e minha culpa era ainda mais profunda que a de um homem cujo pai acaba de morrer. Na geladeira, encontrei a garrafinha de Yeni Rakı que meu pai tomara pela metade na última noite de sua vida; depois que todos os visitantes foram embora e fiquei sentado em casa com minha mãe e meu irmão mais velho, tomei o que restava.

“Viram o que o pai de vocês fez comigo?”, perguntou minha mãe. “Mesmo quando estava morrendo, não me contou.”

Naquela tarde, o corpo de meu pai foi levado para o necrotério da mesquita Sinan Pasha, em Beşiktaş. Minha mãe, querendo adormecer imersa no cheiro dele, não quis que os lençóis ou as fronhas fossem trocados. Era tarde quando meu irmão e eu demos um sonífero a ela e a pusemos na cama. Minha mãe cheirou as fronhas e os lençóis por algum tempo, chorou um pouco e adormeceu. Depois que Osman também foi embora, fui para a minha cama, pensando que no fim das contas — como tantas vezes eu desejara e sonhara quando criança — eu ficara sozinho naquela casa com a minha mãe.

Mas não era isso que me deixava tão agitado; era (como em meu coração eu não podia negar) a possibilidade de que Füsün viesse ao funeral. Por esse motivo expresso eu incluía todos os nomes daquele ramo distante da família nos anúncios fúnebres dos jornais. Pensava que Füsün e seus pais leriam um daqueles anúncios, em algum ponto de Istambul, e compareceriam ao funeral. Que jornal eles leriam? Claro, também podiam receber a notícia de outros parentes mencionados nos avisos fúnebres. Minha mãe leu os obituários durante o café da manhã. De tempos em tempos, ela murmurava: “Sıdıka e Saffet são parentes tanto pelo meu lado quando pelo do seu falecido pai, e os nomes deles deviam ter vindo logo depois de Perran e do marido dela. As filhas de şükrü Pasha, Nigân, Türkan e şükran, também saíram na ordem errada. Não era necessário incluir o nome da primeira mulher do tio Kekeriya, Melike, a Árabe. Afinal, ela não deve ter passado mais de três meses casada com o seu tio. E o pobre bebê de sua tia-avó Nesime, que morreu aos dois meses de idade, não se chama Gül, mas Ayşegül. Com quem vocês conferiram as informações quando escreveram esse anúncio?”

“São erros de impressão, querida mãe. Você sabe como são os nossos jornais”, disse Osman. A cada minuto ela olhava pela janela para o pátio da mesquita de Teşvikiye, perguntando-se que roupa deveria usar, e percebemos que, num dia gélido e de neve como aquele, ela nem deveria sair de casa. “Você não pode usar aquele casaco de peles como se estivesse indo a uma festa no Hilton, e mesmo com ele você ainda ficaria com frio.”

“Não vou ficar em casa no dia do funeral do pai de vocês, mesmo que seja a minha morte.”

Mas, quando viu os homens que traziam o caixão do meu pai do necrotério da mesquita para a pedra funerária, minha mãe começou a chorar tanto que percebemos imediatamente que ela não conseguiria descer as escadas e atravessar a rua para participar do funeral. A despeito de todos os tranquilizantes que lhe demos, quando ela foi até a varanda envolta em suas peles de astracã, apoiando-se em Bekri de um lado e em Fatma Hanım do outro, para ver os presentes erguerem o caixão e depositá-lo no carro funerário, ela desmaiou. Soprava um vento norte gelado; havia redemoinhos de flocos de neve tão pequenos que entravam nos olhos. Quase nenhum dos presentes viu minha mãe. Depois que Bekri e Fatma a levaram de volta para dentro, eu também prestei atenção em quem comparecera. Eram as mesmas pessoas que foram à minha festa de noivado no Hilton. Como ocorria com tanta frequência nas ruas de Istambul durante o inverno, as moças bonitas que eu vira durante o verão tinham desaparecido; as mulheres tinham ficado mais feias, e os homens também, mais sombrios e ameaçadores. Assim como eu fizera na festa de noivado, apertei as mãos de centenas de pessoas, abraçando muitos, e toda vez que deparava com uma sombra nova entre os presentes sentia uma pontada, porque estávamos enterrando meu pai e a sombra não era Füsün. Quando me convenci de que nem ela nem seus pais tinham vindo ao funeral ou ao enterro, e que não iriam aparecer, senti como se eu próprio estivesse sendo sepultado debaixo da terra gelada, ao lado de meu pai.

O frio pareceu aproximar mais a família, e depois do fim da cerimônia todos quiseram continuar juntos, mas eu escapei, tomando um táxi direto para o edifício Merhamet. O próprio cheiro do apartamento me trouxe paz quando o aspirei da entrada; eu sabia, pela experiência, que a lapiseira de Füsün era o objeto com maior poder consolatório de todos no apartamento, com sua xícara de chá, que eu não lavara desde seu desaparecimento; levei esses dois objetos para a cama comigo. Depois de manuseá-los e tocar minha pele com eles por algum tempo, finalmente consegui relaxar.

Aos leitores e visitantes do museu curiosos por saber se a dor que sofri aquele dia se devia à morte do meu pai ou à ausência de Füsün, gostaria de dizer que a dor do amor é indivisível. As dores do verdadeiro amor residem no cerne de nossa existência; tomam conta de nosso ponto mais vulnerável, fincam raízes mais fundas que as de qualquer outra dor e se ramificam para todas as partes de nossos corpos e nossas vidas. Para os irremediavelmente apaixonados, a dor pode ser desencadeada por qualquer coisa, seja profunda como a morte de um pai ou tão mundana quanto a má sorte de perder uma chave, por exemplo; é uma dor elementar, que qualquer fagulha faz arder em chamas. As pessoas cujas vidas, como a minha, foram totalmente viradas do avesso pelo amor podem acreditar que os outros problemas se resolverão assim que passe a dor do amor, mas quando ignoram esses problemas eles só fazem piorar e infeccionar.

Sentado no táxi no dia do enterro do meu pai, consegui formular claramente esses pensamentos,

mas para minha tristeza não consegui agir de acordo com eles. A angústia do amor me disciplinara — trouxera-me a maturidade —, mas em matéria de governo de minha mente dava-me pouca latitude para usar a razão que a maturidade me conferia. Um homem como eu, cativo havia tempo demais de uma paixão destruidora, continua no rumo que sua razão lhe diz ser errado, mesmo sabendo que ali só encontrará mais desgosto; com o tempo, verá com uma clareza cada vez maior o quanto seu caminho estava errado. Em situações assim, ocorre um fenômeno interessante e raramente assinalado: mesmo em nossos piores dias, a razão não para de falar conosco; ainda que sobrepujada pela força da nossa paixão, continua a sussurrar, com uma franqueza impiedosa, que nossos atos só servem para acentuar nossa paixão, e portanto nossa dor. Durante os primeiros nove meses depois que perdi Füsün, minha razão continuava a me sussurrar sempre, com uma urgência cada vez maior, dando-me a esperança de que um dia conseguiria reassumir o controle de minha mente e me resgatar. Mas o amor que se mesclava a essa esperança (mesmo a esperança mais simples, de um dia conseguir viver sem dor) dava-me a força de prosseguir em face da minha agonia, ao mesmo tempo em que a prolongava.

Deitado no apartamento do edifício Merhamet, reconfortando-me com as coisas de Füsün (a perda de meu pai agora misturada à perda do meu amor num amálgama de solidão e desencanto), comecei a entender por que Füsün e sua família não tinham vindo ao funeral. Ainda assim, relutava em aceitar que tia Nesibe e seu marido, que sempre deram tanta importância às relações com minha mãe e o resto da família, tivessem deixado de vir por minha causa. Pois essa conclusão significava que Füsün e sua família estavam determinados a me evitar para sempre. A possibilidade de que eu não voltasse a vê-la pelo resto da minha vida era tão intolerável que eu não conseguiria suportá-la por muito tempo; precisava encontrar um meio de cultivar esperanças de ver Füsün no futuro próximo.

## 48. A coisa mais importante na vida é ser feliz

“Ouvi dizer que você culpa Kenan pelos problemas da Satsat”, sussurrou Osman em meu ouvido certa noite. Ele sempre ia visitar minha mãe no final da tarde, às vezes com Berrin e as crianças, mas normalmente ia sozinho para jantarmos a três.

“Onde você ouviu isso?”

“Eu ouço coisas”, disse Osman. Minha mãe estava na sala ao lado; ele fez um gesto em sua direção. “Você caiu em desgraça na sociedade, mas pelo menos não se cubra de vergonha na empresa”, continuou ele em tom impiedoso. (Embora Osman detestasse a palavra “sociedade” tanto quanto eu.) “A culpa é sua de termos tido prejuízo no negócio dos lençóis.”

“O que está acontecendo, do que vocês estão falando?”, perguntou minha mãe. “Por favor, não discutam de novo!”

“Não estamos discutindo”, disse Osman. “Eu só estava falando como é bom ter Kemal de volta. Você não concorda, mamãe?”

“Ah, sim, meu filho, é maravilhoso. Digam o que disserem, a coisa mais importante na vida é ser feliz. Esta cidade está cheia de moças bonitas; você ainda vai encontrar uma que seja mais bondosa,

mais bonita e mais compreensiva. Afinal, uma mulher que não gosta de gatos nunca vai fazer um homem feliz. Nenhum de nós deve perder mais tempo pensando no que aconteceu. Só me prometa que você nunca vai voltar a morar num hotel.”

“Com uma condição”, disse eu, repetindo infantilmente o ardil de Füsün nove meses antes. “Quero ficar com o carro do meu pai, e com Çetin.”

“De acordo”, disse Osman. “Se Çetin concordar, eu também concordo. Mas você precisa parar de encrencar com Kenan e o novo negócio. Não quero que você fale mal dele.”

“E eu não quero vocês dois discutindo na frente de todo mundo, nunca!”, disse a minha mãe.

Depois de me separar de Sibel eu ficara mais distante de Nurcihan; assim que me distanciei dela, comecei a ver muito pouco Mehmet, que ainda estava loucamente apaixonado. Zaim, por sua vez, passava mais tempo com eles, então quando nos encontrávamos éramos só nós dois, e aos poucos fui me retirando do grupo. Por um tempo, saí com Hilmi, o Bastardo, Tayfun e outros que, embora casados, noivos ou praticamente noivos, ainda cultivavam certo apego pelo lado mais boêmio da vida noturna, visitando os bordéis mais caros da cidade, ou então saía com amigos que sabiam quais hotéis tinham os saguões frequentados pelas moças um pouco mais refinadas e instruídas que, de brincadeira, chamávamos de “as universitárias”; na verdade eu não estava à procura de diversão; o que esperava encontrar era uma cura para a minha doença, mas meu amor por Füsün emergira das sombras e tomara conta de todo o meu corpo. Embora fosse agradável estar entre amigos, eu não conseguia sentir-me à vontade e esquecer meus problemas. Assim, na maioria das noites, ficava em casa, sentado ao lado de minha mãe, com um copo de rakı na mão, assistindo ao que estivesse passando no único canal de TV, controlado pelo Estado.

Minha mãe continuava como no tempo em que meu pai vivia: crítica impiedosa de tudo que aparecia na tela; pelo menos uma vez por noite, ela me dizia para não beber tanto, como costumava fazer com meu pai, e depois adormecia em sua poltrona. Fatma Hanım, a empregada, e eu a partir de então éramos obrigados a conversar aos sussurros sobre o que a TV mostrava. À diferença das empregadas que trabalhavam para famílias ricas que víamos nos filmes ocidentais, Fatma Hanım não tinha uma televisão em seu quarto. Por quatro anos já, desde que as transmissões tinham começado e tínhamos comprado nosso aparelho, Fatma Hanım vinha toda noite para a sala de estar e se equilibrava um tanto precariamente no banco do bar que ficava na outra extremidade da sala — e a essa altura já considerávamos aquele banco o “lugar de Fatma” — e de longe assistia junto conosco, mexendo no nó de seu lenço na cabeça nos momentos mais dramáticos, e às vezes arriscando um comentário. Depois da morte de meu pai, cabia a ela responder aos intermináveis monólogos da minha mãe, e então a ouvíamos com mais frequência. Uma noite, depois que minha mãe cochilou, uma prova de patinação foi transmitida ao vivo; enquanto víamos, tão ignorantes das regras da competição quanto o resto da Turquia, os soviéticos e noruegueses passar com suas pernas compridas, Fatma Hanım e eu conversamos sobre o calor que fazia, os assassinatos políticos nas ruas, a saúde de minha mãe, a futilidade da política e o filho dela, que, depois de trabalhar com meu pai, emigrara para Duisburg, na Alemanha, para abrir um restaurante de *döner* — noutras palavras, falávamos das coisas boas da vida, quando ela finalmente abordou o assunto comigo.

“Unhas de Garra, agora você parou de abrir furos nas meias, o que é muito bom. Percebi que tem

cortado as unhas, e muito bem cortadas. Então vou lhe dar um presente.”

“Um cortador de unhas?”

“Não, já existem dois na casa. Três, contando com o do seu pai. É outra coisa.”

“O que é?”

“Venha aqui dentro”, disse Fatma Hanım.

Pela sua atitude percebi que era algo especial, então fui. Entrando em seu quarto, ela pegou alguma coisa; depois me levou até meu quarto e acendeu a luz; abriu a palma da mão, como se executasse um truque de mágica para uma criança.

“O que é?”, perguntei, antes que meu coração começasse a bater com força.

“É um brinco. O que é isso — uma borboleta com uma letra? Não é estranho?”

“É meu.”

“Eu sei que é seu. Muitos meses atrás, encontrei no bolso do seu paletó. Pus de lado, para entregar a você. Mas sua mãe viu e pegou. Deve ter achado que seu querido finado pai tinha comprado para alguém e resolveu estragar o arranjo, ou coisa assim. De qualquer maneira, ela tinha uma sacola de veludo secreta onde escondia coisas do seu pai” — Fatma Hanım sorriu — “coisas que roubava do seu pai e escondia dele. Depois que ele morreu, sua mãe esvaziou a sacola e espalhou tudo que continha em cima da escrivaninha; quando vi o brinco reconheci na mesma hora e peguei para você. Ainda guardei uma fotografia que encontrei num dos bolsos do seu pai. Fique com ela também, antes que a sua mãe encontre. Fiz bem?”

“Fez muito bem, Fatma Hanım”, eu disse. “Você é muito esperta, muito sábia e uma pessoa maravilhosa.”

Com um sorriso feliz, ela me entregou suas dádivas. A fotografia era a que meu pai me mostrara no restaurante de Abdullah: um retrato de sua amada morta. Olhando agora para essa moça triste e os navios e o mar ao fundo, vi de repente sombras de Füsün.

No dia seguinte liguei para Ceyda. Dois dias mais tarde, voltamos a nos encontrar em Maçka e caminhamos até o parque Taşlık. Seu cabelo estava preso num coque, ela irradiava a felicidade que só se vê em quem acaba de ser mãe, e logo pude ver que ela tinha adquirido a confiança que a pessoa sente quando é obrigada a crescer depressa. Nos últimos dois dias, sem muito esforço, eu escrevera quatro ou cinco cartas para Füsün, finalmente enfiando a mais contida e moderada delas num envelope pardo da Satsat. Como planejara de antemão, franzi o rosto ao entregar o envelope a Ceyda, dizendo que uma novidade muito importante tinha acontecido e que ela precisava se assegurar de que Füsün iria receber aquela carta. Meu plano era não dizer nada a Ceyda sobre o conteúdo da carta, criando tamanho mistério que ela não pudesse deixar de entregá-la. Os modos sensatos e maduros de Ceyda me desarmaram, e foi com grande animação que contei a ela que a carta dizia respeito a uma questão que deixara Füsün muito aborrecida comigo, e que quando recebesse a notícia que eu lhe enviava ficaria muito contente, como eu estava, e que, exceto pelo tempo perdido, nossos problemas tinham acabado. Quando me despedi de Ceyda, que corria para casa a fim de alimentar seu bebê, eu lhe disse que, assim que Füsün e eu nos casássemos, teríamos um filho que seria amigo do filho dela, e que um dia acabaríamos rindo de todos os problemas e comoções que sempre afetam a procura do verdadeiro amor. Perguntei a ela o nome que dera a seu menino.

“Ömer”, respondeu Ceyda. “Mas a vida nunca acontece da maneira como queremos, Kemal Bey.”

Quando semanas se passaram sem uma resposta de Füsün, as palavras de despedida de Ceyda me voltaram muitas vezes, mas jamais duvidei de que Füsün fosse responder, pois Ceyda tinha confirmado que Füsün sabia que eu rompera meu noivado. Na minha carta, eu contava que seu brinco tinha aparecido numa caixa de meu pai, e que eu queria entregá-lo de volta, juntamente com aquele outro par de brincos de meu pai que eu tentara lhe dar, mais o velocípede. Tinha chegado o momento daquela noite que tínhamos planejado havia tanto tempo, em que eu iria à sua casa jantar com seus pais.

No meio de maio, num dia muito movimentado, estava no escritório lendo a correspondência de nossos distribuidores nas províncias, com outras cartas, pessoais e profissionais, contendo ofertas de amizade, agradecimentos, queixas, desculpas e ameaças. A maioria tinha sido escrita à mão, e eu precisava me esforçar para ler algumas delas, pois não conseguia decifrar a caligrafia — e então deparei com uma carta muito breve, que devorei com o coração aos saltos:

Primo Kemal,

Nós também gostaríamos muito de vê-lo. Esperamos sua presença para jantar no dia 19 de maio.

Nossa linha telefônica ainda não foi ligada. Se não for possível vir nos visitar, por favor mande Çetin Efendi nos avisar.

Com nosso afeto e respeito,

Füsün

Endereço: rua Dalguç 24, Çukurcuma

Não havia data na carta, mas pelo carimbo postal pude ver que tinha sido remetida da agência do correio em Galatasaray, no dia 10 de maio. O dia 19 era dali a mais dois dias, e, embora eu tenha pensado em sair correndo na mesma hora para o endereço de Çukurcuma, consegui me conter. Se meu objetivo era casar-me com Füsün no final e unir-me a ela para sempre, eu devia ter o cuidado de não me mostrar muito ansioso, pensei.

## 49. Eu pretendia pedir a ela que se casasse comigo

Na quarta-feira 19 de maio de 1976, às sete e meia, parti para a casa da família de Füsün em Çukurcuma, dizendo apenas a Çetin Efendi que íamos devolver um velocípede a tia Nesibe. Dei-lhe o endereço e me recostei em meu assento, olhando para a chuva que caía nas ruas, como se alguém derramasse um copo gigantesco. Nunca, em meus milhares de sonhos sobre nosso reencontro, eu imaginara um dilúvio semelhante, nem mesmo uma chuva leve.

Parando no edifício Merhamet para pegar o velocípede e a caixa com os brincos de pérola que meu pai me dera, fiquei completamente ensopado. Ainda totalmente ao contrário das minhas expectativas, sentia a mais completa paz no coração. Era como se tivesse esquecido toda a dor que sentira desde a última vez que a vi no Hilton, trezentos e trinta e nove dias antes. Lembro-me até de sentir certa gratidão por cada minuto que passara contorcendo-me de agonia, pois me trouxera até aquele final feliz. Não culpava nada nem ninguém.

Via estendida à minha frente a mesma vida maravilhosa que imaginava no começo da minha história. Parei num florista da avenida Siraselviler e pedi que me fizessem um imenso buquê de rosas vermelhas tão belo quanto minha visão do futuro. Para me acalmar, tinha tomado meio copo de raki antes de sair de casa. Devia parar para mais um em alguma *meyhane*, uma das tavernas das ruas secundárias que levavam a Beyoğlu? A impaciência, a exemplo da dor, tomava conta. “Cuidado!”, avisava-me uma voz interior. “Dessa vez você não pode errar!” Enquanto passávamos pelo Hamam de Çukurcuma, envolto em chuva, percebi subitamente a boa lição que Füsün me ensinara com aqueles trezentos e trinta e nove dias de agonia: ela vencera. Eu estava pronto para fazer o que ela quisesse, a fim de evitar a pena de nunca mais tornar a vê-la. Depois que eu me recuperasse da emoção inicial, depois que tivesse certeza de que Füsün estava a meu lado, pretendia pedir a ela que se casasse comigo.

Enquanto Çetin Efendi tentava enxergar através da chuva para distinguir os números das casas, invoquei a cena do pedido de casamento, que já imaginara em algum ponto da mente, mantendo-o oculto da minha consciência. Depois de entrar na casa e entregar o velocípede, de fazer algumas piadas, de me sentar e me instalar — conseguiria me sair bem? —, eu tomaria um gole do café que Füsün me traria e, reunindo toda a coragem, fitaria seu pai direto nos olhos e lhe diria à queimadura que viera pedir a mão de sua filha. O velocípede era só uma desculpa. Riríamos daquilo, como de tantos outros gracejos destinados a evitar qualquer menção às agonias ou aos desgostos que tinha causado a eles. Enquanto tomava o Yeni Raki que seu pai naturalmente me serviria à mesa, eu olharia nos olhos de Füsün e me regalaria com a felicidade que minha decisão me trouxera. Poderíamos discutir os detalhes do noivado e do casamento numa outra ocasião.

O carro parou em frente a um prédio antigo; a chuva tornava impossível ver que tipo de estrutura era. Com o coração disparado, bati na porta. Quase na mesma hora tia Nesibe veio abrir. Enquanto levava o velocípede para dentro, lembrei-me de como ela ficou impressionada ao ver Çetin Efendi, que segurava um guarda-chuva a meu lado, e de como ficou encantada com as rosas. Percebi algum desconforto em sua expressão, mas não me perturbei, pois cada degrau das escadas me levava mais para perto de Füsün.

O pai de Füsün estava à minha espera no patamar. “Bem-vindo, Kemal Bey.” Eu me esquecera de que o tinha visto um ano antes na festa de noivado, e imaginava que não nos tivéssemos abraçado desde a última refeição em família na Festa do Sacrifício. A idade não prejudicara sua bela estampa, como ocorre tantas vezes; simplesmente o tornara menos visível.

Então achei que devia estar vendo uma irmã de Füsün, porque ali, de pé ao lado do pai na porta, vi não Füsün, mas uma beldade de cabelos escuros parecida com ela. Ao mesmo tempo em que essa ideia me ocorria, percebi que era Füsün. Foi um choque tremendo. Seu cabelo estava negro. “A cor natural, claro!”, pensei comigo, enquanto tentava acalmar meus nervos. Entrei. Meu plano tinha sido ignorar seus pais, entregar-lhe as flores e tomá-la em meus braços, mas ficou claro por sua expressão, e por seu desconforto ao se aproximar de mim, que não queria que eu a abraçasse.

Trocamos um aperto de mãos.

“Ah, que lindas rosas!”, disse ela, sem tirá-las das minhas mãos.

Sim, claro, ela estava belíssima; tinha amadurecido. E percebia o quanto me abalava um

reencontro tão diverso do que eu imaginara.

“Não são lindas?”, perguntou ela, dirigindo-se a alguma outra pessoa presente na sala.

Meu olhar encontrou a pessoa que ela indicara. A primeira ideia que me passou pela cabeça foi: “Mas não podiam ter escolhido outra noite para convidar esse vizinho simpático, gorducho e adolescente?”. Mais uma vez, porém, ao mesmo tempo em que me ocorria aquele pensamento, eu sabia que estava enganado.

“Primo Kemal, queria apresentá-lo ao meu marido, Feridun”, disse ela, tentando soar como se tivesse acabado de se lembrar de um detalhe quase insignificante.

Olhei para esse homem chamado Feridun, não como uma pessoa de verdade, mas como se fosse uma memória obscura que eu não conseguia localizar com precisão.

“Casamos cinco meses atrás”, disse Füsün, erguendo as sobrancelhas como se me desse tempo para a ficha cair.

Dava para dizer, pela maneira como aquele gordinho apertou minha mão, que ele não sabia de nada. “Ah, que prazer conhecê-lo!”, disse-lhe eu, e sorrindo para Füsün, escondida atrás do marido, disse: “Você é um homem de muita sorte, Feridun Bey. Não só se casou com uma jovem linda, mas agora ela é proprietária de um magnífico velocípede”.

“Kemal Bey, quisemos tanto convidá-lo para o casamento”, disse a mãe dela. “Mas ouvimos dizer que seu pai estava doente. Minha filha, em vez de se esconder atrás do seu marido, por que não encontra um vaso para as lindas flores que ainda estão nas mãos de Kemal Bey?”

Minha amada, que não se ausentara dos meus sonhos um dia sequer do ano inteiro, tirou as rosas das minhas mãos com um gesto discreto e elegante, primeiro aproximando-se o suficiente para eu ver o tom corado de suas faces, seus lábios sempre convidativos, sua pele de veludo e seu pescoço, e naquele momento eu teria feito qualquer coisa só para garantir que passaria o resto da vida naquela proximidade. Aspirei a fragrância de seu colo exposto antes que ela recuasse. Fiquei acachapado, atônito com sua existência concreta, como alguém aturdido com a realidade do mundo natural.

“Ponha as rosas num vaso”, disse sua mãe.

“Kemal Bey vai aceitar um rakı, não vai?”, perguntou-me o pai dela.

“Tri tri tri”, disse seu canário.

“Ah, sim, eu adoraria, sim, aceito um rakı.”

Trouxeram-me dois rakıs com gelo e tomei os dois de um gole, de estômago vazio, esperando que fizessem efeito imediato. Lembro-me de ter falado por algum tempo sobre o velocípede que trouxera comigo e de ter contado algumas memórias de infância, antes de nos sentarmos para jantar. Mas infelizmente ainda estava sóbrio a ponto de saber que agora ela era casada e eu não poderia mais demonstrar aquele adorável amor fraterno que esperava evocar com o velocípede.

Füsün sentou-se à minha frente, como que por acaso (ela perguntara à mãe onde devia sentar-se), mas não me olhou nos olhos. Durante os primeiros minutos, fiquei tão chocado que acreditei que ela não se interessasse por mim. Eu, por minha vez, tentava aparentar que não tinha nenhum interesse por ela, como um primo rico e bem-intencionado que tivesse vindo trazer um presente atrasado de casamento a uma prima mais pobre, enquanto coisas mais importantes me ocupavam a mente.

“E então, quando vêm as crianças?”, perguntei, sempre no meu papel, olhando primeiro no olho

de Feridun, mas não deixando de me dirigir em seguida a Füsün.

“Não estamos pensando em ter filhos logo”, respondeu Feridun. “Talvez depois de nos mudarmos para uma casa própria.”

“Feridun é muito jovem, mas é um dos roteiristas mais solicitados de Istambul”, disse tia Nesibe. “Foi ele quem escreveu *A velha vendedora de simits*.”

Passei a noite toda pelejando para fazer aquilo entrar na minha cabeça. Em intervalos, durante toda a noite, imaginava que aquela história de casamento não passasse de uma piada, que tivessem pedido ao filho gorducho de um vizinho para se passar por namorado de infância e agora marido, uma lição final para mim que, no fim da noite, eles desmentiriam. Finalmente, à medida que ficava sabendo de mais coisas sobre o jovem casal, acabei aceitando que eram casados, mas então, à medida que me revelaram, achei vários detalhes dessa realidade inaceitáveis: Feridun Bey, aquele genro que morava com a família da mulher, tinha vinte e dois anos de idade e se interessava por cinema e literatura; embora ainda não ganhasse muito dinheiro, além dos roteiros que escrevia para a Yeşilçam, escrevia poemas. Descobri que, como parente distante pelo lado de seu pai, ele brincara com Füsün na infância, e que, quando era menino, chegara até a andar no mesmo velocípede que eu trouxera. Ao ouvir tudo isso, senti minha alma murchar dentro de mim, abalada pelo rakı que Tarık Bey continuava a despejar solícito em meu copo. Sempre que eu entrava numa casa nova, sentia-me desconfortável até saber quantos aposentos tinha, para qual rua dava a varanda e por que certa mesa tinha sido colocada na posição que ocupava, mas nenhuma dessas questões me passou pela cabeça.

Meu único consolo era estar sentado em frente a ela e poder admirá-la, como uma pintura. Suas mãos estavam em movimento constante, exatamente como eu me lembrava. Embora casada, ainda não fumava na presença de seu pai, e isso, ai de mim, significava que eu não podia vê-la acender um cigarro com aqueles seus gestos adoráveis. Mas duas vezes ela puxou para trás os cabelos da maneira como costumava fazer, e três vezes, antes de entrar na conversa, respirou fundo — como sempre fazia quando discutíamos — e ergueu de leve os ombros, como se esperasse a sua vez. Quando eu a via sorrir, a esperança e a alegria a floravam em mim com a força de girassóis se abrindo. Sua beleza e seus gestos, de que eu gostava tanto, e sua pele luminosa me lembravam que o centro do mundo, o centro para o qual eu precisava viajar, ficava ao lado dela. Todas as outras pessoas, todos os outros lugares e passatempos não passavam de “exaltações vulgares”. E não era só no meu espírito que eu sabia disso, era em meu corpo; assim, sentado à frente dela, tudo que eu desejava era levantar-me e tomá-la em meus braços. Mas, cada vez que tentava contemplar minha situação e seus desdobramentos, a dor em meu coração era tanta que nem conseguia pensar. E então não era só para consumo externo que continuava a fazer meu papel do primo que viera parabenizar o jovem casal: era também para mim mesmo. Embora nossos olhos mal tenham se encontrado durante aquele jantar, Füsün entrou no jogo desde o início, e, enquanto eu continuava a representar, fez tudo o que se podia esperar de uma jovem recém-casada recebendo um primo rico distante que viera visitá-la em seu carro com chofer, brincando com o marido dando-lhe colheradas de favas na boca. O que provocava ecos sinistros no silêncio da minha mente.

A chuva que começara a cair ainda mais forte que em meu caminho de ida não dava sinais de ceder. Tarık Bey já me dissera, no início do jantar, que o bairro de Çukurcuma tinha, como o nome

em turco indica, a topografia de uma tigela, e que só depois de comprar a casa no verão passado ficaram sabendo das inundações que sofrera muitas vezes no passado, de maneira que fui com ele até a janela ver a enxurrada que descia do alto da ladeira. Muitos de seus vizinhos estavam na rua, com as calças arregaçadas e descalços, usando baldes de zinco e banheiras de plástico para esgotar a água que subia pela calçada e entrava direto em suas casas, empilhando pedras e panos para formar diques improvisados. Enquanto dois homens descalços forcejavam para desobstruir um bueiro entupido com as mãos, duas mulheres, uma de cabeça coberta com um lenço verde e outra com um lenço roxo, apontavam com insistência para outra que passava na enchente, aos gritos. À mesa, Tarık Bey comentara em tom misterioso que os bueiros da região, que datavam da era otomana, não davam mais conta da água. Sempre que o barulho da chuva se intensificava, alguém dizia algo como “Os céus abriram as comportas”, “É o dilúvio!” ou “Deus nos acuda”, e então se levantava da mesa para acompanhar ansiosamente pela janela as águas da enchente e a vizinhança, agora transfigurada à luz fraca dos lampiões. Eu também me senti obrigado a me levantar, solidário com o medo deles, mas estava tão bêbado que fiquei com receio de não conseguir manter-me de pé e acabar derrubando mesas e cadeiras.

“Como estará seu motorista lá fora?”, disse tia Nesibe, olhando pela janela.

“Levamos alguma coisa para ele comer?”, perguntou o noivo.

“Eu posso ir lá levar”, disse Füsün.

Mas tia Nesibe, pressentindo que eu podia não gostar da ideia, mudou de assunto. Por um momento, senti que era um bêbado solitário sob o escrutínio desconfiado da família reunida junto à janela. De maneira que me virei para eles e sorri. Exatamente nesse momento um estrépito ocorreu na rua — um barril tinha tombado — e ouvimos alguém gritar de dor. Füsün e eu trocamos um olhar. Mas ela desviou os olhos na mesma hora.

Como era capaz de demonstrar tão pouco interesse? Era o que eu gostaria de lhe perguntar. Mas não como um confuso amante rejeitado que, quando lhe perguntam por que não se afasta da amada, alega que precisa perguntar-lhe alguma coisa! Só que a verdade é que era exatamente esse o meu caso.

Ela sabia que eu estava sentado ali sozinho, então por que não viera sentar-se a meu lado? Por que não aproveitara aquela oportunidade perfeita para me explicar tudo? Novamente trocamos um olhar e desviou os olhos.

Agora Füsün virá sentar-se a seu lado, disse uma voz otimista dentro de mim. Se ela viesse, seria um sinal de que um dia desistiria daquela ligação equivocada, divorciando-se do marido e vindo para mim.

Os céus rugiam. Füsün se afastou da janela e, dando cinco passos, flutuou até a mesa como uma pluma, sentando-se à minha frente em silêncio.

“Eu peço que me perdoe”, disse ela num sussurro que perfurou meu coração. “Não pude ir ao funeral do seu pai.”

O brilho azulado de um relâmpago refulgiu entre nós como um retalho de seda ao vento.

“Fiquei à sua espera”, disse eu.

“Imaginei, mas eu jamais poderia ter ido”, disse ela.

“O toldo ilegal em frente à mercearia foi levado pelo vento, vocês viram?”, disse Feridun, o marido dela, enquanto voltava para a mesa.

“Nós vimos, foi uma pena”, disse eu.

“Pena coisa nenhuma”, disse o pai, voltando da janela.

Vendo a filha com as mãos cobrindo o rosto, como uma menina em lágrimas, ele primeiro olhou ansioso para o genro e depois para mim.

“Ainda sinto muito por não ter ido ao funeral do tio Mümtaz”, disse Füsün com voz trêmula. “Eu gostava tanto dele. Fiquei tão triste.”

“Füsün adorava o seu pai”, disse Tarık Bey. Passando pela filha, beijou-lhe a cabeça e, ao sentar-se, sorriu e me serviu mais um raki. Em seguida, ofereceu-me um punhado de cerejas.

Eu ainda imaginava, em minha embriaguez, o momento em que tiraria do bolso a caixa de veludo de meu pai com os brincos de pérolas, e depois o brinco único que pertencia a Füsün, mas esse momento nunca parecia chegar. Revirando-me por dentro, pus-me de pé. Não consegui ficar ereto para lhe oferecer formalmente os brincos; pelo contrário, precisava continuar sentado. Pela maneira como pai e filha olhavam para mim, percebi que eles também estavam à espera de alguma coisa. Talvez quisessem que eu fosse logo embora, mas não, de alguma forma a atmosfera da sala denunciava outro tipo de expectativa. Eu sonhara tantas vezes com aquela cena, mas em meus sonhos, claro, Füsün não estava casada, e imediatamente antes de oferecer-lhe meus presentes eu pedia sua mão a seu pai. Agora, minha mente intoxicada mostrava-se incapaz de decidir o que fazer com os brincos naquela situação imprevista.

Pensei que não podia pegar as caixas no bolso por causa de meus dedos manchados de cereja. “Posso lavar as mãos?”, perguntei. Füsün não conseguia mais ignorar a tempestade que ocorria dentro de mim. Sentindo o olhar penetrante de seu pai, que lhe dizia “Mostre a ele onde fica, minha filha!”, ela se pôs de pé tomada pelo pânico. Vendo-a de pé à minha frente, minhas memórias de todos os nossos encontros de um ano antes adquiriram uma vida repentina.

Pensei em abraçá-la.

Todos sabemos como a mente funciona em dois planos distintos quando nos embriagamos. No primeiro plano eu abraçava Füsün como num sonho, como se tivéssemos nos encontrado num lugar além do tempo e do espaço. Mas no segundo plano estávamos de lados opostos daquela mesa na casa de Çukurcuma, e uma voz atenta ao segundo plano me advertia que não podia abraçá-la de modo algum, que fazê-lo seria desastroso. No entanto, devido às muitas doses de raki, essa voz me chegou com atraso; em vez de coincidir com meu sonho de abraçar Füsün, só se fez ouvir cinco, seis segundos mais tarde. Durante esses cinco ou seis segundos minha vontade ficou à solta, e precisamente por esse motivo não entrei em pânico, mas a segui escada acima.

A proximidade entre nossos corpos, a maneira como subimos aquela escada também pertenciam a um sonho fora do tempo, e assim permaneceriam na minha mente por muitos e muitos anos. Eu vi compreensão e intranquilidade em seu olhar, e senti-me grato a ela pela maneira como exprimia seus sentimentos com os olhos. Ali, mais uma vez, ficava claro que Füsün e eu tínhamos sido feitos um para o outro. Eu passara por toda aquela angústia devido à consciência desse fato, e não me importava nem um pouco que ela estivesse casada; só de me sentir feliz como me sentia agora, de

subir as escadas em sua companhia, estava disposto a enfrentar qualquer tormento a mais. Ao visitante aferrado ao “realismo”, incapaz de suprimir um sorriso diante das minhas palavras depois de perceber como a casa de Çukurcuma era pequena e que a distância entre a mesa e o banheiro do piso superior seria talvez de quatro ou cinco passos, sem contar os dezessete degraus, só posso afirmar com uma clareza categórica e liberal que teria sacrificado prontamente minha própria vida em troca da felicidade que senti nesse breve interlúdio.

Depois de fechar a porta do banheiro do andar de cima, concluí que minha vida tinha escapado totalmente a meu controle, que minha ligação com Füsün lhe dera uma forma que independia da minha vontade. Só acreditando nisso eu poderia ser feliz e poderia na verdade suportar estar vivo. Na pequena bandeja ao lado do espelho onde ficavam as escovas de dente de Füsün, tia Nesibe e tio Tarik, além de creme de barbear, pincel e barbeador, vi o batom de Füsün. Peguei-o e aspirei seu perfume, e depois o guardei no bolso. Farejei meticulosamente cada uma das toalhas penduradas no cabide, mas não detectei nenhum aroma de que me lembrasse: com certeza tinham posto toalhas limpas, devido à minha visita. Enquanto passava em revista o banheiro acanhado, à procura de mais algum objeto que pudesse me render consolo durante os dias difíceis que tinha pela frente, vi-me no espelho, e minha expressão me valeu como uma intimação chocante do abismo que se abria entre meu corpo e minha alma. Enquanto meu rosto estava lívido de derrota e espanto, por dentro minha cabeça era outro universo: agora eu entendia, como um fato crucial da vida, que, ao mesmo tempo em que me encontrava ali, dentro do meu corpo havia uma alma, um significado; que todas as coisas eram feitas de desejo, tato e amor, e que minha dor se compunha desses mesmos elementos. Entre o rugido da chuva e o gorgolejo do encanamento, ouvi uma das antigas canções turcas que, na minha infância, deixavam minha avó feliz sempre que as ouvia. Devia haver um rádio ligado ali por perto. Entre os gemidos graves do alaúde e a voz mais alegre do kanun, havia uma voz feminina cansada mas cheia de esperança, que me chegava pela janela entreaberta do banheiro, dizendo: “É o amor, é o amor, a razão de tudo no universo”. Com a ajuda dessa cantora, pude assim vivenciar um dos momentos mais profundamente espirituais da minha vida, de pé diante do espelho daquele banheiro; o universo era uno e formava uma unidade com tudo que nele havia. Não eram só os objetos do mundo — o espelho à minha frente, o prato de cerejas, o trinco do banheiro (que exponho aqui) e um grampo de cabelo de Füsün (que eu, grato, tinha localizado e guardado no bolso) —, toda a humanidade também era uma coisa só. Para compreender o sentido desta vida, primeiro a pessoa precisa perceber essa unidade através do efeito do poder do amor.

Foi nesse espírito que tirei do bolso o brinco desemparelhado de Füsün e o depois onde antes ficava seu batom. Antes de tirar do bolso os brincos de pérolas de meu pai, a mesma canção me fez rememorar as ruas da velha Istambul, os amores tempestuosos de que falavam os casais mais velhos instalados em suas casas de madeira ouvindo o rádio e os amantes destemidos que arruinavam suas vidas por causa da paixão. Inspirado na canção melancólica do rádio, compreendi que, assim como eu me comprometera com outra mulher, Füsün estava plenamente justificada e na verdade não tivera outra escolha senão salvar-se pelo casamento. E me vi verbalizando isso tudo, enquanto me olhava no espelho. Reconheci em meus olhos algo da inocência e da disposição ao brinquedo que tinha quando criança, e em minhas experiências com meu reflexo fiz uma descoberta chocante:

imitando Füsün, conseguia escapar à minha própria existência graças à força do meu amor; conseguia imaginar — e até sentir — tudo que ocorria em seu coração e em sua mente; podia falar por sua boca, entender como eram os sentimentos dela no momento exato em que ela própria os sentia — pois eu era ela.

O choque de minha descoberta deve ter me mantido naquele banheiro por um tempo fora do comum. Alguém tossiu discretamente do lado de fora, acho. Ou bateu na porta, não me lembro bem, porque “a fita partiu”. Era a expressão que usávamos quando éramos mais moços e desmaiávamos nas festas de tanto beber, aludindo àquelas interrupções irritantes no cinema, quando muitos desejavam matar o projetorista. De que maneira acabei saindo do banheiro, de que maneira retornei à minha cadeira, com qual desculpa Çetin subiu e me conduziu porta afora, dessas coisas não tenho nenhuma lembrança. Havia um silêncio em torno da mesa; disso eu me lembro, mas se era devido à chuva que caía com menos força, a meu constrangimento, que ninguém tinha mais como esconder ou ignorar, ou simplesmente à derrota que me demolia, com uma dor que se tornava palpável — isso não sei dizer.

Longe de se inquietar com esse silêncio, o genro manifestava seu entusiasmo pela indústria do cinema — talvez eu tenha dito em voz alta que minha fita tinha partido, e ele tenha aproveitado a deixa — com uma mistura de amor e horror, dizendo como os filmes turcos eram ruins, especialmente os feitos na Yeşilçam, embora o povo turco fosse louco por cinema. Eram opiniões absolutamente correntes naquela época. Filmes incríveis podiam ser feitos, bastando apenas conseguir um financiador sério, decidido e sem ambições financeiras excessivas; ele escrevera um roteiro que tinha a intenção de ver estrelado por Füsün, mas infelizmente não conseguira encontrar quem o produzisse. O que me preocupou não foi que o marido dela precisasse de dinheiro e não tivesse pejo de dizê-lo; foi que Füsün pudesse transformar-se numa “estrela do cinema turco”.

A caminho de casa, semiconsciente no banco de trás enquanto Çetin dirigia o carro, lembro-me de ter sonhado que Füsün se tornara uma atriz famosa. Por mais embriagada que a pessoa possa estar, sempre há momentos em que as nuvens carregadas de dor e confusão se dispersam, em que por um instante conseguimos enxergar a realidade que acreditamos ou desconfiamos que todos os outros estejam vendo; pois aqui, enquanto Çetin dirigia e eu me recostava no banco traseiro do carro, olhando para as avenidas escuras e inundadas, houve um momento de súbita lucidez, e entendi que Füsün e seu marido me viam como um parente rico que podia ajudar seus sonhos de fazer cinema. Foi por isso que me convidaram para jantar. Mas, amortecido como estava pelo raki, não fiquei ressentido; em vez disso, continuava a me entregar a sonhos com Füsün transformada em atriz, tão famosa que era conhecida em toda a Turquia, não uma simples atriz, mas uma glamorosa estrela de cinema: na estreia de seu filme mais recente, no cinema Palace, ela chegava de braço dado comigo sob os aplausos da plateia e subia ao palco. E naquele momento o carro passava exatamente por Beyoğlu, bem em frente do Palace!

50. Era a última vez em que eu a veria

Na manhã seguinte, vi as coisas como realmente eram. Na noite anterior, nas mãos daquelas pessoas, meu orgulho fora reduzido a pedaços e eu tinha caído no ridículo, até a degradação, mas fora humilhado com meu consentimento, via agora, por ter me embriagado àquele ponto. Embora soubessem o quanto eu era apaixonado por sua filha, os pais de Füsün devem ter participado do plano, tendo concordado com aquele convite para jantar em benefício dos sonhos infantis e estúpidos do genro, decidido a se tornar cineasta. Nunca mais eu tornaria a ver aquelas pessoas. Quando senti os brincos do meu pai no bolso do meu paletó, fiquei contente. Eu devolvera a Füsün o brinco desemparelhado, mas não tinha permitido que o presente valioso do meu pai parasse nas mãos daquelas pessoas que só queriam saber do meu dinheiro. Depois de um ano de sofrimento, também fora salutar ver Füsün pela última vez: o que eu sentia por ela não era um amor devido à sua beleza ou à sua personalidade; era apenas uma reação subconsciente a Sibel e ao projeto de me casar com ela. Embora eu nunca tivesse lido uma linha de Freud, lembro que me apropriei do conceito de subconsciente, amplamente discutido nos jornais, para conferir algum sentido à minha vida naquele momento. Nossos ancestrais eram assolados por djinns que os levavam a agir contra a vontade. E eu tinha o meu “subconsciente”, que me levava não só a um ano de muito sofrimento por causa de Füsün, mas ainda a novos constrangimentos que eu jamais poderia ter imaginado. Não podia mais me comportar como um fantoche dela; precisava virar a página da minha vida e esquecer tudo que tinha a ver com Füsün.

Meu primeiro desafio foi tirar o convite do meu bolso e rasgar em pedacinhos aquele papel que eu guardara com cuidado em seu envelope. Na manhã seguinte fiquei na cama até o meio-dia, finalmente determinado a barrar aquela obsessão imposta pelo meu subconsciente. Dar um novo nome à minha dor e à minha degradação conferia-me forças renovadas para combatê-las. Minha mãe, vendo o tamanho de minha ressaca da noite anterior, prostrado na cama, mandou Fatma Hanım a Pangaltı a fim de comprar camarões graúdos para o almoço; mandou prepará-los numa caçarola com alho, da maneira como eu gostava, acompanhados de alcachofras com azeite e muito limão. Aplacado por minha decisão de nunca mais tornar a ver Füsün e sua família, saboreei meu almoço apreciando cada bocado, tomando até uma taça de vinho branco, a exemplo de minha mãe. Ela me contou que Billur, a filha mais nova da família Dağdelen, que fizera fortuna originalmente com estradas de ferro, tinha terminado o liceu na Suíça e acabara de completar dezoito anos na semana passada. A família, que mais recentemente entrara para o ramo da construção, passava agora por um momento difícil e, incapaz de quitar vários empréstimos obtidos sabe-se lá graças a quais contatos e pagando sabe-se lá quanta propina, os Dağdelen estavam ansiosos por casar a filha antes que suas dificuldades se tornassem públicas. Parece que a bancarrota era iminente. “E dizem que a moça é linda!”, contou ela, com um ar de estímulo. “Se você quiser, posso ir dar uma olhada. Não aguento ficar sentada vendo você passar toda noite bebendo com seus amigos homens, como um bando de oficiais de serviço no interior.”

“Pode ir ver como é essa moça, minha mãe”, disse eu, sem sorrir. “Tentei a sorte com uma moça moderna que escolhi por minha conta — passei algum tempo com ela e empreguei meu tempo em conhecê-la, mas não deu certo. Vamos tentar um casamento arranjado desta vez.”

“Oh, meu querido filho, se soubesse como me deixa feliz ouvir você falar assim”, disse ela. “Claro,

vocês ainda podem se conhecer melhor e sair juntos... Vocês têm um lindo verão pela frente; o tempo tem estado tão lindo, vocês dois são jovens... Olhe, desta vez eu quero que você a trate bem. Quer que eu lhe diga por que seu noivado com Sibel não deu certo?”

Naquele momento percebi que minha mãe sabia de tudo sobre Füsün, mas preferia encontrar outro modo de explicar uma ocorrência dolorosa — assim como nossos ancestrais punham a culpa de tudo nos djinns, e não em si mesmos. Ao entender o movimento dela, fiquei profundamente comovido.

“Ela era ambiciosa demais, altiva demais, orgulhosa demais, aquela moça”, disse minha mãe, olhando diretamente nos meus olhos. E acrescentou, como se revelasse um segredo: “De qualquer maneira, desde o momento em que ouvi dizer que ela não gostava de gatos, comecei a ter minhas dúvidas”.

Eu não tinha lembrança da repulsa de Sibel aos gatos, mas já era a segunda vez que minha mãe usava aquilo como motivo para censurá-la. Mudei de assunto. Tomamos nossos cafés juntos na varanda, assistindo a um pequeno funeral na mesquita. Embora ainda derramasse algumas lágrimas de vez em quando, dizendo “Ah, coitado do seu querido pai”, minha mãe estava com boa saúde; reagira e suas faculdades funcionavam bem. Ela me disse que a pessoa na pedra funerária era um dos proprietários do famoso edifício Bereket. Enquanto indicava o prédio para mim, quase ao lado do cinema Atlas, me surpreendi devaneando uma estreia no Atlas de um filme estrelado por Füsün. Depois do almoço fui para a Satsat, onde, convencido de que conseguiria recuperar a vida “normal” que tinha antes de Füsün e antes de Sibel, atirei-me no trabalho.

Ter visto Füsün aliviou boa parte da dor que eu sofrera por tantos meses. Enquanto trabalhava no escritório, uma parte minha pensava, com toda a sinceridade, que era uma sorte eu ter me recuperado do meu mal de amor, pensamento que me trazia grande serenidade. Enquanto continuava a remexer meus papéis, verificava de tempos em tempos como eu estava; e fiquei satisfeito de perceber que realmente não tinha o menor desejo de vê-la. Nem me passava mais pela cabeça voltar àquela casa horrenda em Çukurcuma, aquele ninho de ratos cercado de lama e enxurradas. Meu desdém era alimentado menos pelo amor por Füsün que pelo ressentimento contra sua ardilosa família e aquele gorducho que chamavam de genro. Mas me irritei de sentir tanta hostilidade por um simples garoto, assim como amaldiçoava minha estupidez por ter suportado um ano inteiro de agonia por conta daquele “amor”. Estaria na verdade contrariado comigo mesmo? Queria muito acreditar que embarcava numa vida nova, deixando minha dor para trás; aqueles sentimentos vigorosos eram uma prova necessária de que minha vida tinha mudado, e eu precisava deles, fossem autênticos ou não. Então resolvi me encontrar com os velhos amigos que vinha evitando, para me divertir e ir a festas, embora por algum tempo eu tivesse guardado alguma distância de Zaim e Mehmet, para evitar as memórias de Füsün e Sibel. Às vezes, depois da meia-noite, tendo bebido bastante num clube noturno ou numa festa, eu via minha raiva dirigir-se não às idiotices da sociedade, às suas aborrecidas convenções, nem à minha própria tolice por ter sucumbido à obsessão; minha raiva se dirigia contra Füsün; num canto emparedado de minha mente, reconhecia a contragosto minha discussão perpétua com ela, às vezes concluindo em segredo que Füsün é quem decidira rejeitar a vida agradável que eu poderia ter lhe dado em favor daquele ninho de rato inundado em

Çukurcuma, de maneira que era culpa dela eu ser naturalmente incapaz de gostar de uma mulher que resolvera se enterrar viva num casamento tão idiota.

Eu tinha um amigo dos tempos de Exército, Abdülkerim, filho de um rico proprietário de Kayseri. No fim de nosso serviço militar, ele mantivera contato comigo através de cartões nos feriados e no Ano-Novo, que assinava com uma cuidadosa caligrafia floreada, de maneira que eu o transformara no distribuidor da Satsat em Kayseri. Como eu pensava que Sibel o acharia “turco” demais, eu nunca lhe concedera muito tempo durante suas visitas a Istambul nos últimos anos, mas quatro dias depois de minha visita à família de Füsün eu o levei a um novo restaurante chamado Garaj, que tinha caído imediatamente nas boas graças da sociedade de Istambul. Enquanto trocávamos reminiscências, era quase como se eu visse a minha vida através dos seus olhos; para me sentir melhor, contei-lhe histórias sobre os clientes ricos que entravam e saíam do restaurante, às vezes pouco antes ou depois que eles vinham até nossa mesa para nos cumprimentar com educados e afáveis apertos de mão. Em pouco tempo, ficou claro que Abdülkerim estava menos interessado nas histórias sobre a fraqueza, a dor e a transgressão humanas comuns do que pela vida sexual, pelos escândalos e pecadilhos domésticos de habitantes ricos de Istambul que ele mal conhecia; uma a uma, mencionou todas as moças com fama de terem feito sexo antes do casamento, ou mesmo antes do noivado, e não gostei nem um pouco. Talvez seja por isso que, no final da noite, tendo decidido contrariá-lo, contei a Abdülkerim minha própria história, descrevendo o amor que sentira por Füsün, mas contando tudo como se tivesse acontecido a outro idiota rico. Enquanto eu contava a história daquele jovem rico, muito admirado na sociedade, que se apaixonara tão loucamente por uma “vendedora” e depois a encontrara casada com outro, estava tão ansioso para evitar que Abdülkerim suspeitasse que “ele” era eu, que apontei para um rapaz sentado a uma mesa distante.

“Bem, no fim das contas ninguém saiu prejudicado. A moça promíscua se casou, de maneira que o pobre homem escapou de boa”, disse Abdülkerim.

“Na verdade, quando penso nos riscos que esse homem correu por amor, não vejo como deixar de sentir muito respeito por ele”, disse eu. “Ele rompeu o noivado por causa dessa moça...”

Por um momento, o rosto de Abdülkerim se iluminou de compreensão; mas em seguida ele se virou para olhar cobiçoso para Hicri Bey, o magnata do tabaco, com sua mulher e duas filhas que lembravam cisnes, abrindo caminho para a saída do restaurante. “Quem são aquelas pessoas?”, perguntou ele sem olhar para mim. A mais jovem das duas filhas morenas de Hicri Bey — seu nome era Neslişah, acho — tinha oxigenado os cabelos. Não gostei da maneira como Abdülkerim olhava para eles, entre o desdém e a admiração.

“Está tarde. Vamos embora?”, disse eu.

Pedi a conta. Não dissemos nada até deixarmos o restaurante e nos despedirmos.

Não caminhei de volta direto para minha casa em Nişantaşı; em vez disso, tomei a direção de Taksim. Eu devolvera o brinco desemparelhado de Füsün, mas não formalmente — em meu estupor, limitara-me a deixá-lo no banheiro. O que era aviltante, tanto para mim quanto para eles. Meu orgulho exigia que eu deixasse claro para todos que aquele gesto não fora um engano, mas uma decisão deliberada, com a intenção de fazê-la encontrar o brinco. Assim, precisava desculpar-me, e, na certeza de que nunca mais voltaria a vê-la, podia sorrir para Füsün e dirigir-lhe um último adeus

indiferente. Quando eu entrasse pela porta da sua casa, Füsün haveria de entender que era sua última oportunidade de olhar para mim, e talvez entrasse em pânico, mas eu a evitaria num silêncio profundo, como ela fizera comigo por todo o último ano. Nem mesmo lhe diria que nunca mais nos veríamos, apenas desejando-lhe boa sorte de um modo que ela não pudesse entender de outra maneira, ficando devidamente perturbada.

Enquanto eu avançava lentamente na direção de Çukurcuma pelas ruas secundárias de Beyoğlu, passou-me pela cabeça que havia uma possibilidade de que Füsün não se perturbasse nem um pouco; era possível que estivesse perfeitamente feliz, vivendo naquela casa com o marido. Mas se fosse este o caso, se ela amava aquele beócio a ponto de preferir viver com ele na penúria daquela casa precária, então certamente eu não desejava tornar a vê-la em hipótese alguma. Percorrendo as ruas estreitas, as calçadas e as escadarias irregulares, eu olhava pelas cortinas entreabertas e via as famílias desligando a televisão e preparando-se para dormir, ou casais pobres e idosos sentados à frente um do outro, fumando seus últimos cigarros do dia, e me ocorreu naquela noite de primavera, à luz fraca dos lampiões, que as pessoas que viviam naquelas ruelas silenciosas eram felizes.

Toquei a campainha. Uma janela do segundo andar se abriu. “Quem é?”, perguntou o pai de Füsün para a escuridão.

“Sou eu.”

“Eu quem?”

Fiquei ali parado, perguntando-me se devia sair correndo, e a mãe dela abriu a porta.

“Tia Nesibe, desculpe incomodar tão tarde.”

“Não faz mal, Kemal Bey. Entre.”

Enquanto a acompanhava escadas acima, exatamente como da primeira visita, eu me disse: “Não se acanhe! Esta é a última vez que vai ver Füsün!”. Entrei, fortalecido por minha decisão de nunca mais me deixar humilhar daquela maneira, mas assim que a vi meu coração começou a bater com força e fui tomado pela vergonha. Ela estava sentada em frente à televisão ao lado de seu pai. Quando me viram, os dois se puseram de pé, numa surpresa e numa confusão que só se atenuaram um pouco quando perceberam meu rosto contraído e a bebida em meu hálito. Durante os primeiros quatro ou cinco minutos, que não gosto de recordar nem um pouco, eu me esforcei para lhes dizer o quanto estava arrependido por tê-los perturbado, mas que estava passando por ali e queria discutir algo com eles. Nesse intervalo, descobri que o marido não estava em casa (“Feridun saiu com seus amigos do cinema”), mas não consegui encontrar modo algum de abordar meu assunto. A mãe dela foi para a cozinha fazer chá. Depois que seu pai se levantou sem se desculpar, ficamos a sós.

“Sinto muito”, disse eu, enquanto nós dois mantínhamos os olhos fixos na televisão. “Minha intenção era boa. Foi porque estava bêbado que deixei seu brinco perto das escovas de dente naquela noite, embora quisesse devolvê-lo a você da maneira certa.”

“Não vi brinco nenhum perto das escovas de dente”, disse ela franzindo a testa.

Quando trocamos um olhar, nos esforçando para entender o que ocorrera, o pai dela entrou trazendo uma tigela de semolina e de *helva* de fruta, que disse ser só para mim. Depois de comer uma colherada, pus aquela *helva* nas alturas. Por um momento ficamos todos calados, como se fosse pela *helva* que eu tivesse vindo até ali no meio da noite. Foi então que descobri, por mais bêbado que

estivesse, que o brinco tinha sido uma desculpa: eu só fora até lá para ver Füsün. E agora ela me provocava, dizendo que não tinha encontrado o brinco. Durante esse interlúdio silencioso, observei comigo mesmo que a dor de não ver Füsün era muito mais destruidora que a vergonha por que eu passara para vê-la. E também descobri naquele minuto que estava pronto a enfrentar mais situações como aquela para poupar-me da dor de não a ver, embora dispusesse de menos defesas contra a vergonha do que contra a saudade. Encurralado entre o medo da humilhação e o medo de sofrer sua ausência, não tinha ideia do que fazer, de maneira que me levantei.

E ali, bem à minha frente, vi meu velho amigo Limon. Dei um passo na direção da gaiola, olhando o passarinho bem nos olhos. Füsün e seus pais tinham se levantado ao mesmo tempo que eu, talvez aliviados por me verem partir. Novamente eu me sentia tomado pela terrível consciência que me expulsara daquela casa da última vez. Füsün estava casada; eu jamais poderia levá-la embora comigo. Lembrando também a conclusão a que chegara depois da última visita — que ela estava interessada no meu dinheiro —, decidi mais uma vez que era a última vez que eu a veria. Nunca mais tornaria a pôr os pés naquela casa.

E então a campainha tocou. Este quadro a óleo captura o momento em que eu e Limon trocamos um olhar enquanto Füsün e seus pais observavam a mim e ao canário por trás, pouco antes que a campainha tocasse e todos nos virássemos para a porta: encomendei-o vários anos depois desses acontecimentos. Como o ponto de vista é o de Limon, o canário, com quem eu estranhamente me identificava naquele momento, nenhum dos nossos rostos aparece no quadro. Ele representa o amor da minha vida, visto de costas, exatamente como eu me lembrava, e cada vez que vejo este quadro lágrimas me vêm aos olhos: quero acrescentar com orgulho que o artista capturou a noite que entrava pelas cortinas entreabertas, a escuridão do bairro de Çukurcuma ao fundo e o interior da sala com uma fidelidade perfeita às minhas descrições.

O pai de Füsün foi até a janela e olhou para o espelho montado de maneira a refletir a entrada e, anunciando que era um dos filhos dos vizinhos que tocara a campainha, desceu as escadas. Houve um silêncio. Fui até a porta. Enquanto vestia meu casaco, mantive a cabeça baixa e não disse nada. Quando abri a porta, ocorreu-me que nem tudo estava perdido e que aquela podia ser a cena da “vingança” que eu já vinha preparando havia um ano, mas guardando silêncio eu disse apenas: “Até logo”.

“Kemal Bey”, disse tia Nesibe, “nem temos como lhe dizer o quanto ficamos satisfeitos por você ter tocado a campainha ao passar por nossa casa.” Olhou de relance para Füsün. “Não ligue para esse ar emburrado dela. Está com medo do pai. Se não estivesse, teria mostrado que ficou tão feliz como nós de vê-lo.”

“Ora, mamãe, por favor”, disse minha amada.

Passou pela minha cabeça começar o ritual da despedida com alguma declaração do tipo “Bem, eu não aguento os cabelos dela pretos”, mas eu sabia que essas palavras soariam falsas: estava disposto a enfrentar toda dor do mundo por ela e sabia que essa disposição ainda iria acabar comigo.

“Não, não, está tudo bem”, disse eu, olhando significativamente nos olhos de Füsün. “Ver como vocês estão felizes me deixou feliz também.”

“Foi ver você que nos deixou felizes”, disse tia Nesibe. “Agora que os seus pés conhecem o

caminho, esperamos que venha nos visitar mais vezes.”

“Tia Nesibe, é a última vez que venho visitar vocês”, disse eu.

“Por quê? Não gostou do nosso novo bairro?”

“Agora é a nossa vez”, disse eu com falsa bonomia. “Vou conversar com minha mãe e pedir que convide vocês.” Havia, gostaria de dizer, certa indiferença na maneira como desci as escadas, sem me virar nem uma vez para olhar para elas.

“Boa noite, meu filho”, disse Tarık Bey em voz baixa quando o encontrei junto à porta. O filho do vizinho lhe entregara um pacote, dizendo: “Minha mãe mandou trazer!”.

Quando senti o ar refrescar meu rosto, pensei que nunca mais veria Füsun, e por um momento acreditei que tinha pela frente uma vida feliz, livre de problemas e cuidados. Imaginei que Billur, a filha da família Dağdelen, que minha mãe planejava visitar, seria encantadora. Mas, a cada passo que eu dava, afastando-me de Füsun, sentia como se estivesse deixando para trás um pedaço do meu coração. Enquanto subia a ladeira de Çukurcuma, sentia minha alma estremecer em meus ossos, querendo forçar-me a voltar para o lugar de onde acabara de sair, mas ainda acreditava que bastava deixar a febre percorrer seu ciclo que me livraria daquilo tudo.

Eu já tinha ido longe. O que eu precisava agora era encontrar meios de me distrair, de permanecer forte. Entrei numa das *meyhanes*, já quase na hora de fechar, e sentado na atmosfera de densa fumaça azul de cigarro tomei dois copos de rakı com uma fatia de melão. Quando voltei para a rua, minha alma dizia a meu corpo que não estávamos muito longe da casa de Füsun. A essa altura devo ter me perdido. Numa rua estreita, deparei com uma sombra familiar que me surpreendeu como um choque elétrico.

“Oh, olá”, disse ele. Era o marido de Füsun, Feridun.

“Que coincidência”, disse eu. “Acabei de sair da sua casa.”

“É mesmo?”

Mais uma vez fiquei espantado ao ver como aquele marido era jovem — como era infantil, na verdade.

“Depois da minha última visita, tenho pensado nessa história de cinema”, disse eu. “Você tem razão. Precisamos fazer filmes de arte na Turquia também, como fazem na Europa... Mas, como você não estava lá, não tive a oportunidade de conversar a respeito. Vamos nos encontrar uma noite dessas?”

Pude detectar uma confusão imediata naquela mente evidentemente já vacilante (pelo cheiro que ele emanava, tinha bebido pelo menos tanto quanto eu naquela noite).

“Posso passar na terça-feira, às sete da noite, para pegá-lo?”, perguntei.

“Füsun pode ir também?”

“Claro, se vamos fazer um filme de arte à moda europeia, precisamos ter Füsun no papel principal!”

Por um momento, trocamos sorrisos como dois velhos amigos que, tendo passado juntos pelos longos e penosos anos de colégio e de serviço militar, finalmente veem chegar sua hora. À luz do lampião, olhei de forma inquisitiva nos olhos de Feridun Bey, cada um de nós imaginando que levara vantagem sobre o outro, e nos despedimos em silêncio.

## 51. A felicidade é estar perto de quem você ama, e mais nada

Lembro que, quando cheguei a Beyoğlu, as vitrines cintilavam e fiquei satisfeito de poder caminhar em meio à multidão que saía dos cinemas. Minha felicidade — a alegria que conseguia extrair da vida — era impossível de negar. Que Füsün e seu marido tivessem me convidado a ir à casa deles para que eu pudesse investir em seus sonhos cinematográficos absurdos talvez devesse causar-me só vergonha e humilhação, mas tão grande era a felicidade em meu coração que eu não sentia o menor constrangimento. Naquela noite, minha mente estava fixada numa única fantasia: a sessão de estreia do filme, e Füsün segurando o microfone, dirigindo-se à plateia maravilhada no cinema Palace — ou seria o Yeni Melek uma escolha melhor? — agradecendo a mim, antes de mais ninguém. Quando eu subia ao palco, as pessoas que acompanhavam os últimos mexericos diriam que durante a filmagem a jovem estrela se apaixonara pelo produtor e abandonara o marido. A fotografia de Füsün beijando meu rosto sairia em todos os jornais.

Não preciso estender-me sobre os sonhos que minha imaginação não parava de criar, como as raras flores da safsa, a samambaia-real, que secretam um elixir opiáceo e depois adormecem. Como a maioria dos homens turcos do meu mundo que passaram por situações assim, nunca parei para me perguntar o que poderia estar acontecendo na mente da mulher por quem eu estava tão loucamente apaixonado, e quais poderiam ser os sonhos dela; só fazia fantasias a seu respeito. Dois dias mais tarde, quando passei para pegar o casal no Chevrolet, com Çetin Efendi ao volante, eu vi, assim que meus olhos encontraram os dela, que nossa noite não seria em nada parecida com as criações da minha imaginação, mas, feliz só de vê-la, não perdi nem um pouco do meu entusiasmo.

Convidei os recém-casados a sentarem-se no banco traseiro, eu me acomodava à frente ao lado de Çetin, e, enquanto percorríamos ruas escurecidas pelas sombras da cidade, praças abandonadas e cobertas de poeira, tentei tornar a atmosfera mais leve virando a cabeça para trás o tempo todo para fazer piada. Füsün usava um vestido da cor de uma laranja sanguínea e do fogo. Para expor sua pele à extraordinária fragrância da brisa do Bósforo, ela deixara os três botões de cima abertos. Lembro que, enquanto o carro sacolejava pelo calçamento de pedra das ruas à margem do Bósforo, cada vez que eu me virava para falar com eles a felicidade ardia em mim. Naquela primeira noite fomos ao restaurante de Andon, em Büyükdere, e — como acabaria sendo a norma toda vez que nos encontrávamos para falar de nossos projetos cinematográficos — logo percebi que eu era o mais animado dos três.

Tínhamos acabado de escolher nossas entradas na bandeja que os velhos garçons gregos nos trouxeram quando Feridun, cuja confiança em si mesmo eu quase invejava, disse: “Para mim, Kemal Bey, o cinema é a única coisa que importa na vida. Digo isso para que a minha pouca idade não abale a sua confiança em mim. Já faz três anos que trabalho no coração da Yeşilçam, a nossa Hollywood. Por sorte, já conheci todo mundo. Trabalhei como contrarregista, carregando refletores e peças do cenário, e como assistente de direção. Também já escrevi onze roteiros”.

“E todos foram transformados em filmes de muito sucesso”, disse Füsün.

“Eu gostaria de ver esses filmes, Feridun Bey.”

“Claro, Kemal Bey, podemos vê-los. A maioria está passando nos cinemas de verão, e alguns estão

sendo exibidos em Beyoğlu. Mas não fiquei satisfeito com esses filmes. Se eu me contentasse em produzir obras desse calibre, as pessoas da Konak Filmes dizem que eu já estaria pronto para dirigi-los. Só que não quero fazer esse tipo de filme.”

“E que tipo de filme é esse?”

“Comercial, melodramático, dirigido à plateia de massas. Você não costuma assistir filmes turcos?”

“Muito raramente.”

“Os ricos do nosso país, que já estiveram na Europa, só vão ver os filmes turcos para rir deles. Quando eu tinha vinte anos, também pensava assim. Mas não desprezo mais os filmes turcos como antes. Füsün hoje gosta muito dos filmes turcos.”

“Então me ensine, pelo amor de Deus, para que eu possa gostar deles da mesma forma”, disse eu.

“Com o maior prazer”, disse o sr. Genro, com um sorriso sincero. “Mas o filme que vamos fazer com a sua ajuda não terá nada a ver com eles, pode ficar tranquilo. Por exemplo, não vamos fazer um filme em que Füsün fuja da sua aldeia para vir morar na cidade e três dias mais tarde, graças à sua babá francesa, se transforme numa grande dama.”

“De qualquer maneira, eu iria brigar com essa babá desde o primeiro momento”, disse Füsün.

“E também não vai ver Füsün no papel de Cinderela, desprezada pelos parentes ricos só porque é pobre”, continuou Feridun.

“Na verdade, eu nem me incomodaria de fazer o papel de prima pobre desprezada”, disse Füsün.

Embora eu não achasse que ela estivesse zombando de mim, senti em suas palavras uma ligeireza, uma exuberância, que ainda assim me causou certa dor. E foi no mesmo espírito que trocamos memórias de família; depois de lembrar nosso passeio de muitos anos antes por Istambul no Chevrolet, com Çetin ao volante, discutimos as mortes mais recentes e iminentes de parentes distantes que moravam nas ruas estreitas de bairros longínquos, e ainda falamos de muitas outras coisas. Nossa conversa sobre a maneira certa de preparar mexilhões recheados terminou com o cozinheiro grego muito pálido vindo da cozinha para nos dizer, com um sorriso, que era necessário usar uma pitada de canela. O genro, cuja inocência e cujo otimismo estavam começando a me conquistar, não fez mais muito alarde para promover seu roteiro e suas pretensões cinematográficas. Quando os deixei em casa, combinamos que nos encontraríamos de novo dali a quatro dias.

Ao longo do verão de 1976, jantamos juntos em muitos restaurantes do Bósforo. Mesmo anos mais tarde, sempre que eu olhava para o Bósforo através das janelas desses restaurantes eu me lembrava de como me sentia naqueles momentos, preso entre minha alegria por estar sentado diante de Füsün e a calma que precisava manter para reconquistá-la, e tornava a me sentir confuso como naquela época. Nesses jantares, eu sempre escutava com todo o respeito enquanto Feridun me falava de seus sonhos, dos filmes da Yeşilçam e do público turco, jamais expondo as minhas dúvidas; afinal, não era ideia minha proporcionar ao espectador turco “a surpresa de um filme de arte no sentido ocidental do termo”, e por isso eu criava discretas dificuldades; por exemplo, pedia para ver o roteiro acabado, só para manifestar minha animação diante de outra história antes que o primeiro roteiro me chegasse às mãos.

Certa vez, depois que Feridun (que eu descobrira ser bem mais inteligente e habilidoso que muitos

dos empregados da Satsat) travou comigo uma conversa sobre o custo de um filme turco “bom e decente”, calculei que transformar Füsün numa estrela custaria mais ou menos a metade de um pequeno apartamento nas ruas secundárias de Nişantaşı. No entanto, se não conseguíamos realizar esse objetivo, não era porque a cifra fosse inaceitável; era porque eu compreendera que ver Füsün duas vezes por semana a pretexto de produzir um filme já bastava para aplacar minha dor, pelo menos àquela altura. Depois de sofrer tanto, agora eu me contentava com o que tinha. E mesmo a simples espera era pior. Era como se, tendo suportado toda aquela agonia, eu precisasse me dar algum descanso.

Sempre que, depois de nossos jantares, Çetin nos levava até İstinye para comermos pudim de peito de frango coberto de muita canela, ou até Emirgân para um passeio, para rir e conversar enquanto comíamos folhas de *helva* e sanduíches de sorvete, e contemplávamos as águas escuras do Bósforo, parecia-me que não podia haver felicidade mais profunda no mundo inteiro. Certa noite, depois que eu tinha aplacado todos os djinns do amor e encontrado a paz só de ficar sentado em frente a Füsün, lembro que me ocorreu a fórmula simples e inelutável: a felicidade é estar perto de quem você ama, e mais nada. (A posse imediata não é necessária.) Pouco antes de reconhecer esse mantra enigmático, eu olhara pela janela do nosso restaurante para a margem oposta do Bósforo; vendo as luzes cintilantes da *yalı* onde Sibel e eu tínhamos passado juntos o verão anterior, percebi que o amor não dilacerava mais o meu estômago.

E, além de as dores lancinantes do amor desaparecerem no momento em que eu me sentava à mesa com Füsün, eu esquecia na mesma hora que, até pouco antes, essa mesma dor tinha me provocado pensamentos suicidas. Assim, ao lado de Füsün, superada minha agonia, eu me esquecia de meus males, convencendo-me de que minha “normalidade” fora restaurada. Voltava a ser quem era antigamente; sucumbia à ilusão de que era forte, decidido, até mesmo livre. Mas, depois das três primeiras vezes em que saímos, percebi que esse êxtase era invariavelmente sucedido pelo desespero de sempre, e assim, toda vez que me sentava diante dela, consciente de que dali a pouco sentiria sua falta, antevendo a dor dos dias seguintes, subtraía discretamente alguns objetos da mesa como lembranças da felicidade que sentia naqueles momentos — e para me fortalecer mais tarde, quando me visse de novo sozinho. Esta colherzinha, por exemplo: certa noite, em Yeniköy, no restaurante Aleko, tive uma curta conversa com o marido dela sobre futebol — por sorte éramos ambos torcedores do Fenerbahçe, o que nos poupava de discussões rasas —, quando Füsün, sentindo certo enfado, pôs essa colherzinha na boca, brincando com ela algum tempo. Este saleiro: no momento em que ela o pegava um petroleiro soviético passou roncando pela janela, e a violência de seu motor fez estremecer as garrafas e os copos da nossa mesa, fazendo-a ficar bastante tempo com o saleiro na mão. Em nosso quarto encontro, fomos a Zeynel, em İstinye, e enquanto todos caminhávamos, eu bem atrás dela, Füsün jogou fora essa casquinha de sorvete que comera pela metade e eu a peguei do chão, guardando no bolso com a rapidez de um raio. Ao voltar para casa, eu contemplava embriagado aqueles objetos; um dia ou dois mais tarde, para evitar que minha mãe os visse, eu os levava para o apartamento do edifício Merhamet, onde os arrumava em meio a outros artefatos similarmente preciosos, e, quando me sentia tomado pela agonia do amor, conjurava algum alívio com a ajuda deles.

Durante aquela primavera e aquele verão, minha mãe e eu nos aproximamos cada vez mais — nossa camaradagem agora era diferente do que tinha sido. O motivo, sem dúvida, era que ela perdera meu pai, assim como eu perdera Füsün. A perda trouxe grande maturidade a nós dois, e nos tornava mais indulgentes. Mas o quanto minha mãe saberia do meu sofrimento? Se ela encontrasse as colheres e as casquinhas de sorvete que eu trazia para casa, o que haveria de pensar? Se interrogasse Çetin, quanto ficaria sabendo dos meus movimentos? Às vezes, nos momentos de sofrimento mais intenso, eu me preocupava com essas coisas; de maneira alguma queria que minha mãe sofresse por minha causa; não queria que ela me considerasse presa de uma obsessão intolerável que me levava a cometer erros de que eu poderia “me arrepender pelo resto da vida”.

Às vezes eu fazia de conta que estava mais alegre do que ela; jamais poderia contar-lhe, nem mesmo de brincadeira, que suas tentativas de me conseguir um casamento arranjado não faziam nenhum sentido, e por isso escutava atento a seus relatos detalhados sobre as moças que investigara em meu benefício. Uma delas era a filha mais nova da família Dağdelen, Billur; segundo minha mãe, a tempestade de falências que agora finalmente ocorrera não tinha contido a “vida de dissipação” levada pela família, repleta de cozinheiros e criados; embora ela admitisse que a moça tinha um belo rosto, acrescentou que era baixa demais e, quando eu disse que não estava preparado para me casar com uma anã, encerrou o caso. (Desde que éramos muito novos, nossa mãe sempre nos dizia: “Não escolham nenhuma moça com menos de um metro e sessenta e cinco, por favor; não quero que nenhum de vocês se case com uma anã”.) Quanto à filha do meio da família Mengerli, que eu conhecera na companhia de Sibel e Zaim no Cercle d’Orient no início do verão anterior, minha mãe concluiu que tampouco era adequada: a moça fora recentemente largada pelo filho mais velho dos Avunduk, por quem tinha sido loucamente apaixonada, e com quem ainda contava se casar — um estado de coisas que, como minha mãe só descobrira pouco antes, era do amplo conhecimento da sociedade de Istambul. Minha mãe continuou a procurar por todo verão, e sempre com minhas bênçãos, tanto porque eu de fato esperava que seus esforços pudessem de algum modo produzir um resultado feliz, quanto porque torcia para que esse projeto a tirasse da reclusão em que vivia desde a morte do meu pai. Em qualquer tarde, minha mãe podia ligar para mim no escritório de sua casa em Suadiye para me falar de uma jovem que queria que eu visse: ela vinha sempre na lancha da família Işıkçı para visitar à noite o terraço de nosso vizinho Esat Bey; se eu atravessasse a ponte antes de anoitecer e fosse até a beira d’água poderia vê-la e, se quisesse, ser apresentado a ela — todas essas informações eram transmitidas nos menores detalhes, como faria um camponês conduzindo os caçadores ao local onde as perdizes se reuniam.

Pelo menos duas vezes por dia minha mãe encontrava algum pretexto para me chamar ao telefone no escritório, e, depois de me contar quanto tempo tinha chorado ao encontrar algum pertence de meu pai no fundo de um armário — seus sapatos preto e branco de verão, por exemplo, um dos quais respeitosa e exponho aqui —, ela dizia: “Não me deixe sozinha, por favor!”, e em seguida me repetia que eu não devia ficar em Nişantaşı, que não era bom para mim estar sozinho, e que me esperava para jantarmos juntos em Suadiye.

Às vezes meu irmão aparecia com a mulher e os filhos. Depois do jantar — enquanto minha mãe e Berrin conversavam sobre as crianças, os parentes, os hábitos antigos, as novas lojas e a última moda,

os preços cada vez mais altos e as últimas novidades sobre a vida alheia —, Osman e eu nos sentávamos debaixo da palmeira, onde meu pai costumava se acomodar em sua espreguiçadeira, contemplando as ilhas e as estrelas e sonhando com suas amantes secretas. Lá falávamos de negócios e da liquidação dos bens do meu pai. Meu irmão sempre insistia comigo naqueles dias, dizendo que entrasse em seu negócio com Turgay Bey, mas nunca pressionava além de certo ponto; e então tornava a me dizer como tinha sido bom promover Kenan a uma posição de gerência; reclamava das dificuldades que eu criara com Kenan, e de minha recusa em participar daquele novo empreendimento; depois de me dizer que era a minha última oportunidade de mudar de ideia e de murmurar que eu ainda haveria de me arrepender de perder aquela chance, ele se queixava da impressão que eu dava, de evitá-lo sempre, e a todos os nossos amigos comuns, fugindo do sucesso e da felicidade, tanto na vida particular como no trabalho. “O que está havendo com você?”, perguntava ele, franzindo o cenho.

Minha resposta era sempre a mesma: sentia-me exausto depois da perda do nosso pai e do fim desconfortável do meu noivado com Sibel — o que me provocava um comportamento um tanto introvertido. Foi numa noite muito quente de julho que lhe disse que preferia ficar sozinho com a minha dor, e pude ver no rosto de Osman que ele via aquilo como uma forma de loucura. Parecia-me que, pelo menos àquela altura, meu irmão se dispunha a tolerar meu comportamento como uma forma de depressão grave; no entanto, caso o meu mal piorasse ainda mais, ele se veria encurralado entre o constrangimento e a agradável perspectiva de assumir o controle permanente de nossos negócios, a pretexto da minha incapacidade. Mas essas ansiedades só me ocorriam se tivesse visto Füsün um pouco antes; quando um tempo maior transcorria desde a última vez que eu a vira, e sentia-me torturado pela dor de sua ausência, só ela cabia em meus pensamentos. Minha mãe percebia a obsessão e as trevas dentro de mim, mas apesar de preocupada nunca quis saber realmente dos detalhes. Depois de cada encontro com Füsün, eu era tomado por um desejo inocente de me convencer de que o amor que sentia não tinha muita importância; de maneira semelhante, tentava convencer minha mãe, sem chegar a dizê-lo com clareza, de que a obsessão que arruinava minha vida de forma cada vez mais evidente não era motivo de preocupação. Para provar à minha mãe que não sentia nenhum “complexo”, eu lhe disse que tinha saído com Füsün, a filha da tia Nesibe, a costureira, com o marido, para jantar no Bósforo, mencionando também que, por insistência do jovem marido, todos tínhamos ido ver um dos filmes cujo roteiro ele escrevera — distrações a que um obsessivo jamais conseguiria se dedicar!

“Meu Deus”, disse minha mãe. “Fico satisfeita de saber que estão bem. Ouvi dizer que a menina estava passando muito tempo com gente de cinema, gente da Yeşilçam, e fiquei com pena. O que se pode esperar de uma moça que entra em concursos de beleza? Mas se você diz que eles estão bem...”

“Ele me parece um rapaz muito razoável.”

“E você vai ao cinema com eles? Devia tomar cuidado. Nesibe tem muito bom coração, e é ótima companhia, mas nunca para de fazer planos.” Então, mudando de rumo, ela disse: “Vai haver uma festa no cais de Esat Bey hoje à noite; mandaram um empregado me trazer um convite. Por que você não vem? Posso pedir que armem minha cadeira debaixo da figueira, e então fico vendo você daqui”.

## 52. Um filme sobre a vida e a agonia precisa ser sincero

De meados de junho ao início de outubro de 1976, fomos ver mais de cinquenta filmes nos cinemas ao ar livre, e exponho aqui os canhotos dos ingressos, juntamente com as fotografias exibidas na entrada e os cartazes que consegui adquirir nos anos subsequentes de colecionadores de Istambul. Ao cair da tarde eu ia com Çetin até a casa em Çukurcuma para pegar Füsün e seu marido no Chevrolet, como nas noites em que saíamos para jantar à beira do Bósforo. De manhã, Feridun descobria com os gerentes e distribuidores conhecidos onde estava passando o filme que queríamos ver, anotando o bairro e o distrito num pedaço de papel, e obedecendo a suas direções tentávamos encontrar o caminho. Istambul crescera desordenadamente nos dez anos anteriores, enquanto incêndios e novas construções mudavam seu aspecto, e as ruas estreitas estavam tão abarrotadas de recém-chegados que muitas vezes nos perdíamos. Só parando com frequência para perguntar o caminho conseguíamos finalmente encontrar o cinema, e mesmo então éramos obrigados a correr, e quase sempre chegávamos para encontrar o jardim já às escuras, de maneira que não tínhamos como saber que tipo de lugar era o cinema até as luzes se acenderem durante o intervalo de cinco minutos.

Nos anos seguintes, esses cinemas ao ar livre haveriam de desaparecer — as amoreiras e os plátanos foram derrubados, sendo substituídos por prédios de apartamentos ou transformados em estacionamentos ou campos de futebol reduzidos de grama artificial; mas, naquele tempo, toda vez que eu punha os olhos naqueles tristes lugares — cercados por paredes caiadas, pequenas fábricas, velhas casas de madeira fora de prumo e edifícios de dois ou três andares com inúmeras janelas e sacadas — ficava impressionado de ver como estavam sempre lotados. E então o drama exibido na tela misturava-se no meu espírito com a humanidade palpitante que eu pressentia em todas aquelas famílias numerosas, com as mães de cabeça coberta, os pais que fumavam sem parar, as crianças tomando goles de refrigerante, os homens solteiros, o nervosismo contido a custo daquelas pessoas que mascavam desconsoladas suas sementes de abóbora enquanto assistíamos ao filme, quase sempre um melodrama.

Foi numa dessas telas, num gigantesco cinema ao ar livre, que vi pela primeira vez Orhan Gencebay, que com suas canções e seus filmes, seus discos e cartazes, tornou-se parte da vida de todo o público turco daquele tempo — ele era o rei da música e dos filmes nacionais. O cinema ficava numa encosta por trás dos aglomerados de residências miseráveis entre Pendik e Kartal, dando para o mar de Marmara, as cintilantes ilhas dos Príncipes, as fábricas, pequenas e grandes, com as paredes cobertas de slogans esquerdistas. A fumaça, que parecia ainda mais branca à noite, emanando como baforadas de algodão das chaminés da fábrica de cimento Yunus, em Kartal, cobria toda a área de branco, e com o pó de gesso que caía na plateia produzia um efeito semelhante ao da neve num conto de fadas.

No filme, Orhan Gencebay fazia o papel de um pescador pobre e jovem chamado Orhan. Seu patrão era um homem rico e mau, de quem se sentia devedor. O filho mimado desse patrão era pior ainda, e, quando ele e seus amigos deparavam com a jovem representada por Müjde Ar (que na época fazia seus primeiros filmes) e a estupravam, impiedosa e demoradamente, arrancando suas

roupas para nos permitir ver melhor, a plateia ficava em silêncio. Pressionado pelo patrão, com quem se sentia tão em dívida, Orhan era obrigado a acobertar a história casando-se com Müjde. A essa altura, Gencebay exclamava “Maldito seja este mundo!”, e mais uma vez cantava a música que tornara a frase famosa em toda a Turquia.

Durante as cenas mais emocionantes do filme, ouvíamos apenas um som crepitante que vinha das centenas de pessoas sentadas à nossa volta, mascando sementes de abóbora (a primeira vez que ouvi esse som, achei que vinha das máquinas de alguma fábrica próxima). Sempre que escutava esse barulho, sentia-me como se todos tivéssemos sido abandonados a sofrimentos que se acumulavam dentro de nós havia muitos anos. Mas o ambiente do filme, a extrema proximidade das pessoas que tinham vindo ali se divertir, as piadas que se elevavam da área para homens solteiros nas primeiras filas e, claro, os elementos implausíveis do enredo prejudicavam minha capacidade de me entregar a meus sentimentos reprimidos e deleitar-me com eles. Quando Orhan Gencebay cantava enfurecido “Tudo virou trevas, onde está a humanidade?”, fiquei muito feliz de me encontrar naquele cinema, em meio às árvores e debaixo das estrelas, com Füsün a meu lado. Enquanto eu mantinha um olho pregado na tela, com o outro eu observava como Füsün se retorcia em seus jeans, no assento de madeira, como seu peito subia e descia a cada respiração, e como, quando Orhan Gencebay gritava “Maldito seja meu destino!”, ela cruzou aquelas pernas. Eu a vi fumar, e me perguntei o quanto ela se identificava com as paixões projetadas na tela. Quando Orhan era obrigado a se casar com Müjde, e sua canção revoltada assumia tons de protesto, virei-me para Füsün, sorrindo com um ar ao mesmo tempo apaixonado e malicioso. Entretanto, envolvida com o filme, ela nem sequer se virou para me olhar.

Como sua mulher tinha sido estuprada, o pescador Orhan não tinha relações com ela — mantinha sempre certa distância. Quando Müjde percebia que aquele casamento jamais aliviaria a sua dor, ela tentava suicidar-se; Orhan a levava para o hospital e salvava sua vida. A cena mais emocionante acontecia no caminho de volta do hospital, quando ele dizia à mulher que tomasse seu braço, e Müjde, virando-se para ele, perguntava: “Você tem vergonha de mim?”. Foi então que finalmente senti uma insinuação da vergonha que ficara sepultada em mim. O público recaía num silêncio sepulcral, abismado com a vergonha de alguém que se casava e andava de braços com uma mulher que fora estuprada, que tivera a pureza roubada.

Minha própria vergonha só era acentuada pela raiva. Estaria constrangido de ver a virgindade e a castidade sendo discutidas tão francamente, ou porque assistia àquilo ao lado de Füsün? Enquanto esses pensamentos me passavam pela cabeça, sentia Füsün se remexer em seu assento. As crianças sentadas no colo das mães tinham adormecido, e os jovens malcomportados das primeiras filas tinham parado de fazer piadas com os heróis, ficando em silêncio; Füsün, sentada a meu lado, pôs o braço direito para trás da cadeira — como eu desejava segurá-lo!

O segundo filme deu uma nova dimensão à vergonha dentro de mim, apresentando-a como um mal que afligia todo o país, e até mesmo as estrelas do céu: a dor do amor. Dessa vez Orhan Gencebay tinha a seu lado a morena e doce Perihan Savaş. Diante de uma dor insuportável, ele não demonstrava nenhuma revolta, preferindo recorrer a outras armas mais poderosas que todos possuímos — a humildade e a resistência — para resumir seus sentimentos, e o filme, na seguinte

canção, que os visitantes do museu têm o prazer de escutar:

Quando você era minha amada  
Eu sentia saudades suas mesmo a seu lado  
Agora você encontrou outro amor  
Que seja sua a felicidade  
E minhas as dores e os problemas  
E a vida será sua, será sua.

A essa altura, todas as crianças dormiam no colo dos pais e os rapazes desordeiros que esguichavam refrigerante e atiravam grãos-de-bico uns nos outros nas primeiras filas tinham se calado — seria devido ao adiantado da hora ou ao respeito que sentiam por Orhan Gencebay, que transformava em sacrifício a dor do seu medo? Poderia eu fazer a mesma coisa sem mais sofrimento e humilhação, desejando simplesmente que Füsün fosse feliz? Se por minha decisão ela estrelasse um filme turco, será que eu encontraria a paz?

O braço de Füsün não estava mais perto de mim. Quando Orhan Gencebay dizia à sua amada “Que seja sua a felicidade, e minhas as memórias!” alguém nas primeiras filas gritou: “Deixe de ser idiota!”, mas quase ninguém riu em aprovação. Ficamos todos em silêncio. E foi então que me ocorreu que a lição que este país tinha aprendido, ou desejava aprender, mais que qualquer outra, a capacidade que mais queríamos adquirir e transmitir era a de aceitar a derrota com elegância. A película fora filmada numa *yalı* do Bósforo, e, talvez por me trazer memórias do verão anterior e do último outono, por algum tempo fiquei com um nó na garganta. Ao longo da costa de Dragos, um navio branco avançava lentamente na direção do mar de Mármara e das luzes cintilantes das ilhas dos Príncipes, onde pessoas felizes passavam o verão. Acendendo um cigarro, cruzei as pernas e contemplei as estrelas, ofuscado pela beleza do universo. Eu me sentira atraído por aquele filme, apesar da precariedade de sua narrativa, devido à reação silenciosa da plateia. Se estivesse assistindo àquele filme em casa, sozinho diante da televisão, ele não me emocionaria tanto, e se eu estivesse sentado com minha mãe nem sequer o teria visto até o fim. Foi só porque estava sentado ao lado de Füsün que senti aquele laço de companheirismo com o restante da plateia.

Quando as luzes se acenderam, ficamos tão quietos como os pais e as mães com os filhos adormecidos nos braços; e não quebramos esse silêncio nem uma vez durante a volta. Enquanto Füsün cochilava no banco de trás, com a cabeça apoiada no peito do marido, fumei um cigarro e olhei pela janela para as ruas escuras, as pequenas fábricas, as residências miseráveis, os jovens que desfiguravam os muros com palavras de ordem esquerdistas sob a proteção do escuro, as árvores que pareciam tão mais velhas à noite, os bandos de cães que vagavam a esmo e as casas de chá que fechavam, enquanto Feridun me transmitia aos sussurros sua análise bem-humorada dos momentos-chave dos filmes, que eu nunca virava a cabeça para comentar.

Numa noite quente, fomos até o cinema Yeni İpek, que ficava num jardim comprido e estreito espremido entre barracões perto do palácio de İhlamur e das ruas secundárias de Nişantaşı, onde nos sentamos debaixo das amoreiras para ver *A agonia do amor termina com a morte* e um segundo melodrama, *Escute o pranto do meu coração*, com a estrela infantil Papatya. Enquanto conversávamos

durante o intervalo, com nossos refrigerantes nas mãos, Feridun contou que o sujeito forte de bigode fino que fazia o papel do contador desonesto no primeiro filme era amigo dele e estava disposto a fazer um papel semelhante em nosso filme. Foi a essa altura que percebi o quanto seria difícil para mim entrar no mundo dos filmes da Yeşilçam apenas para poder estar perto de Füsün.

Meus olhos evasivos pousaram numa das varandas que davam para o jardim do cinema ao ar livre, e pelas cortinas pretas que cobriam suas portas percebi que aquela antiga casa de madeira era um dos bordéis mais secretos e exclusivos das ruas secundárias de Nişantaşı. As meninas de lá gostavam de brincar contando como, nas noites de verão, deitadas com seus ricos clientes, seus gemidos de amor se misturavam à música das trilhas sonoras, o clangor de espadas e atores declarando “Estou vendo, estou vendo”, em melodramas nos quais um par de olhos cegos bruscamente recobrava a visão. A casa pertencera no passado a um famoso comerciante judeu, e seu antigo salão agora funcionava como sala de espera, de modo que, sempre que as moças alegres de minissaia se entediavam, podiam subir a um dos quartos vazios dos fundos e assistir ao filme da varanda.

No pequeno cinema-jardim de Yıldız, em şehzadebaşı, varandas repletas cercavam o jardim por três lados, de um modo que lembrava os camarotes de La Scala. Certa vez, durante uma cena de *Meu amor e meu orgulho*, em que o pai repreendia seu filho (“Se você se casar com aquela vendedora imprestável, vou retirá-lo do meu testamento e deserdá-lo!”), uma discussão irrompeu numa das varandas, o que fez alguns de nós confundir as duas brigas. No cinema-jardim Yaz Çiçek, ao lado do cinema Çiçek em Karagümrük, vimos *A velha vendedora de simits*, cujo roteiro fora escrito por Feridun, com base, disse-nos ele, numa nova adaptação do romance *A entregadora de pão*, de Xavier de Montépin. Dessa vez não era Türkan şoray no papel principal, mas Fatma Girik, e um pouco atrás de nós um pai gordo, infeliz com sua situação, sentado na varanda de roupa de baixo, cercado pela família, bebendo rakı e comendo seus petiscos, dizia: “Imagine se Türkan iria concordar em fazer um papel como este... De maneira nenhuma, meu irmão, que imitadora ruim!”. Para piorar, já tendo visto o filme na noite anterior, ele anunciava em tom sarcástico tudo o que ia acontecer em seguida, numa voz perfeitamente audível para toda a plateia. Quando travou uma disputa de gritos com os presentes que lhe pediam “Shhh, cale a boca para podermos ver o filme”, ele zombou mais ainda da história, puxando briga com a plateia. Füsün, achando sem dúvida que tudo aquilo perturbava seu marido, apanhou-se mais perto dele, e eu queimei por dentro.

No caminho de volta, ela participava da conversa ou cochilava no banco de trás, apoiava a cabeça no ombro do marido ou em sua barriga, ou o rodeava com os braços, o que eu não tinha a menor vontade de ver. No carro, enquanto Çetin dirigia com vagar e cautela, eu voltava minha atenção para a noite quente e úmida, para o caminho iluminado por vaga-lumes, ouvindo os grilos, aspirando a fragrância de madressilva, ferrugem e poeira que chegava às ruas secundárias das janelas entreabertas, contemplando a escuridão. Mas, quando assistíamos a um filme e eu percebia que ficavam muito juntinhos, como aconteceu, por exemplo, no cinema Incirli, em Bakırköy, onde vimos dois filmes de mistério inspirados pelo cinema americano e passados nas ruelas de Istambul, eu era imediatamente tomado por um estado de espírito sombrio. E, às vezes, como o violento herói de *Vítima de fogo cruzado*, que escondia seu sofrimento, eu ficava com os lábios selados. Havia ocasiões em que me parecia que Füsün apoiava a cabeça no ombro do marido só para me causar ciúmes, e

em minha mente ela e eu duelávamos para ver quem conseguia fazer o outro se sentir pior. E então eu agia como se nem tivesse percebido os sussurros e risinhos que trocavam os recém-casados, e fingia estar absorto no filme, que acompanhava com toda a atenção; para provar, eu ria de alguma coisa que só a pessoa mais obtusa da plateia podia achar engraçada. Ou bufava de desdém, como se tivesse percebido uma incoerência bizarra que ninguém mais notara e, como tantos intelectuais desconfortáveis de irem assistir a um filme turco, não conseguisse conter minha indignação diante daquele absurdo. Mas não gostava dessa minha postura cínica. Se num momento emocionalmente mais carregado o marido rodeava o ombro de Füsün com o braço, coisa que só fazia raras vezes, eu não me sentia nada desconfortável, mas, se Füsün aproveitasse esse momento para apoiar de leve a cabeça no ombro de Feridun, sentia-me absolutamente arrasado e não conseguia deixar de sentir que Füsün era uma desalmada que tentava me magoar, o que me deixava muito irritado.

No final de agosto, quando os primeiros bandos de cegonhas já tinham passado sobre Istambul, a caminho dos Bálcãs para o sul, rumo à África (nem me lembrava mais de que eu e Sibel tínhamos dado uma festa de fim de verão nessa mesma época, no ano anterior), e o tempo ficara mais fresco e chuvoso, uma noite fomos ver um filme no grande jardim do interior do mercado de Beşiktaş que era conhecido como o Lugar do Corcunda e servia como sede de verão do cinema Yumurcak. Enquanto assistíamos, sentados ali, ao filme *Amei uma jovem sem dinheiro*, percebi que, por baixo do pulôver que ela estendera no colo, eles dois estavam de mãos dadas. Tomei a mesma providência que nas outras vezes em que, noutros cinemas, me sentia invadido pelo mesmo ciúme, e, logo depois de convencer-me de que já tinha conseguido afastar o ciúme da mente, cruzei as pernas e acendi um cigarro para poder espiar de novo e verificar se o feliz casal estava de fato de mãos dadas por baixo daquele casaco. Lembrando que eram casados, dormiam juntos e tinham tantas outras oportunidades de se tocar, eu só podia me espantar por aquela decisão de trocarem algum afago logo agora, na minha frente.

Sempre que meu ânimo baixava, tinha a impressão de que o filme projetado (como todos os que tínhamos visto nas últimas semanas) era insuportavelmente ruim, absurdamente raso e deploravelmente desconectado do mundo real. Estava farto dos idiotas apaixonados que toda hora começavam a cantar, daquelas criadas de cabeça coberta e lábios pintados que se transformavam em grandes cantoras da noite para o dia. Não gostava das histórias sobre bandos de sargentos “pirateadas de uma adaptação francesa” de *Os três mosqueteiros*, como me revelava Feridun com um sorriso, assim como não gostava dos bandos de desordeiros que provavam sua masculinidade mexendo com as moças na rua. Vimos *O trio de Kasımpas, a* e *Os três destemidos mosqueteiros* com seus heróis de camisa negra no cinema Desejo em Feriköy, onde a concorrência forçara os gerentes a exhibir três filmes de rolos trocados e portanto incompreensíveis a cada noite. Todos aqueles amantes destemidos (“Pare! Pare! Tanju é inocente; sou eu que você procura!”, como Hülya Koçyiğit declara em *À sombra das acácias*, que não conseguimos ver até o fim por causa de uma chuvarada), aquelas mães que sacrificavam tudo para que seus filhos cegos pudessem ser operados (como em *Coração partido*, exibido no cinema-jardim Popular de Üsküdar, onde uma trupe de acrobatas distraía o público entre os filmes), os amigos que diziam: “Continue a correr, meu leão, que vou distraí-los” (Erol Taş, que segundo Feridun tinha prometido trabalhar em nosso filme, proferia certa vez essa fala imortal), eu

os achava não menos cansativos que os rapazes honrados e desprezados que recusavam a felicidade dizendo: “Mas você é a namorada do meu amigo”. Num momento sombrio e vazio de esperança como esse, mesmo as heroínas que diziam “Sou só uma vendedora sem tostão, e você é filho do dono de uma fábrica” — mesmo o desgraçado infeliz que ia se encontrar com sua amada num carro com motorista a pretexto de visitar parentes distantes não conseguia despertar minha simpatia.

Os prazeres de me ver sentado ao lado de Füsün, a felicidade passageira de comungar com a plateia enquanto assistia ao filme, embora tocado pelo sopro gelado do ciúme, podiam produzir um negror que envolvia tudo à minha volta. Em algumas ocasiões transcendentais, porém, todo o mundo parecia iluminar-se: quando, por exemplo, em meio ao sofrimento dos heróis que sempre perdiam a visão, meu braço roçava de leve a pele aveludada de seu braço e, sem querer que minha sensação maravilhosa chegasse ao fim, eu o mantinha imóvel, continuando a ver o filme sem acompanhar a ação, até conseguir convencer-me de que ela na verdade deixara seu braço roçar no meu, eu quase desmaiava de felicidade. No final do verão, no cinema Çampark de Arnavutköy, assistindo a *Pequena dama*, sobre as aventuras de uma rica moça mimada que seu chofer repreende e faz cair em si, nossos braços se encostaram desse modo, e permaneceram em intenso contato enquanto o fogo de sua pele acendia o da minha, até meu corpo responder com uma exultação totalmente inesperada. Tão transportado me senti por aquela sensação vertiginosa que por algum tempo me esqueci do controle do despudor de meu corpo, e assim, quando as luzes se acenderam e começou o intervalo de cinco minutos, fui obrigado a ocultar minha vergonha estendendo no colo meu pulôver azul-marinho.

“Vamos comprar refrigerante?”, perguntou Füsün. No intervalo, ela geralmente ia com o marido comprar refrigerante e sementes de abóbora.

“Claro, mas queria ficar aqui mais um pouco, está bem?”, respondi. “Acabei de pensar uma coisa que não queria esquecer.”

Como costumava fazer em meus tempos de liceu, sempre que precisava ocultar dos colegas a excitação inoportuna do meu corpo, percorria as memórias da morte da minha avó, dos ritos funerários reais e imaginários da minha infância, de ocasiões em que meu pai me repreendera, e depois imaginava meu próprio funeral, a sepultura cercada de trevas terríveis, meus olhos cheios de terra. Em meio minuto estava pronto para me levantar sem me trair.

Caminhando juntos até o local de venda de refrigerantes, percebi, como que pela primeira vez, como Füsün era alta, e como tinha uma bela postura. Era tão agradável estar ali cercado de famílias, cadeiras, crianças que corriam sem a preocupação de ser vistas... Gostava de observar como ela chamava a atenção das pessoas, e sempre me deixava muito feliz que pudessem nos ver como um casal, marido e mulher. E parecia certo, naqueles momentos, que essas curtas caminhadas lado a lado compensavam toda a dor que eu sofrera, que aqueles instantes eram distintos de todos os outros, que aquelas caminhadas eram dos momentos mais felizes da minha vida.

Como sempre, não havia fila formada diante do vendedor de refrigerantes, só um tumulto de crianças e adultos que gritavam todos ao mesmo tempo. Tomamos nosso lugar atrás deles e começamos a esperar.

“Que pensamento tão sério era esse que você não queria esquecer?”, perguntou Füsün.

“Gostei do filme”, respondi. “E estava me perguntando como agora consigo gostar de todos esses

filmes que antigamente me faziam rir, ou que simplesmente ignorava. Naquele momento, tive a impressão de que a resposta estava na ponta da língua, bastava eu me concentrar.”

“Você gosta mesmo desses filmes? Ou só gosta de vir assistir conosco?”

“Claro que gosto. Eles me deixam muito feliz. A maioria dos filmes que vimos durante o verão fala sobre certa dor dentro de mim, e eu sinto que me consolam.”

“Na verdade a vida não é simples como esses filmes”, disse Füsün, como que perturbada por me ver tão diferente. “Mas eu gosto. E fico satisfeita por você vir conosco.”

Por algum tempo ficamos calados. O que eu queria dizer era: “Para mim basta estar sentado ao seu lado”. Teria sido por acaso que nossos braços tinham ficado encostados por tanto tempo? Como era doloroso percorrer esses pensamentos ocultos, sabendo que o público do cinema, como todo o mundo em que vivíamos, jamais poderia estar de acordo com eles. Pelos alto-falantes que pendiam das árvores, ouvimos a música que Orhan Gencebay cantava no filme que tínhamos assistido dois meses antes na encosta de Pendik, com vista para o mar de Mármara. “Depois que me apaixonei por você...” Aquilo evocava todas as minhas memórias do verão, que agora se sucediam diante dos meus olhos como imagens projetadas, todos aqueles momentos sublimes que eu passara nos restaurantes do Bósforo admirando ebriamente Füsün e a lua no mar.

“Senti-me muito feliz neste verão”, disse eu. “Esses filmes me ensinaram muito. O mais importante na vida não é ser rico... É uma pena... toda essa agonia... esse sofrimento... Você não acha?”

“Um filme sobre a vida e a agonia”, disse minha beldade, com o rosto anuviado, “precisa ser sincero.”

Quando uma das crianças que esguichavam refrigerante umas nas outras corria de repente em sua direção, segurei Füsün pela cintura e a puxei para mim. Um pouco do refrigerante caiu nela.

“Seus idiotas!”, disse um velho, dando um tapa no pescoço de um dos meninos. Olhou-nos em busca de aprovação, e seus olhos pousaram em minha mão, ainda presa à cintura de Füsün.

Como estivemos próximos naquele cinema ao ar livre, não só física mas espiritualmente! Füsün, com medo da maneira como eu olhava para ela, recuou, atravessando o bando de crianças para chegar às garrafas de refrigerante arrumadas numa bacia de lavadeira; aquilo partiu meu coração.

“Vamos comprar um também para Çetin Efendi”, disse Füsün. Já estava com duas garrafas abertas.

Paguei os refrigerantes e depois fui levar um deles a Çetin Efendi, que nunca se acomodava conosco na “área das famílias” quando íamos ao cinema, preferindo instalar-se sozinho na área dos homens solteiros.

“Não precisava, Kemal Bey”, disse ele com um sorriso.

Quando me virei, vi um menino olhando admirado enquanto Füsün tomava seu refrigerante direto da garrafa. O garoto tomou coragem e se aproximou de nós.

“Você é atriz, minha irmã?”

“Não.”

Como a moda já passou, quero lembrar a meus leitores que naqueles dias essa pergunta era um modo de dizer às garotas que eram lindas, e era uma introdução popular às cantadas dos playboys que tentavam abordar as garotas vestindo roupas um pouco mais reveladoras que o normal, e que não

eram exatamente de classe alta. Mas esse menino, que parecia ter uns dez anos, não era movido por essas razões. E insisti: “Mas já vi você num filme”.

“Qual?”, perguntou Füsün.

“*Borboletas do outono*, e você estava usando este mesmo vestido...”

“E que papel eu fazia?”, perguntou Füsün, sorrindo com prazer diante da fantasia do menino.

Mas o garoto, que agora percebera seu erro, se calara.

“Vou perguntar ao meu marido”, disse ela para poupar o embaraço do menino. “Ele conhece todos esses filmes.”

O leitor há de ter compreendido que, quando Füsün disse “marido” olhando para as cadeiras da plateia à sua procura, e quando o menino percebeu que não era eu o homem em questão, fiquei magoado. No entanto, estimulado pela alegria de estar tão perto dela, tomando refrigerante juntos, eu disse o seguinte: “O menino deve ter pressentido que daqui a pouco vamos fazer um filme e você vai virar uma estrela”.

“Está querendo me dizer que vai mesmo entrar com o dinheiro para fazer o filme? Por favor não se ofenda, primo Kemal, Feridun é encabulado demais para tocar no assunto, mas posso lhe dizer que já estamos cansados de esperar.”

“É mesmo?”, perguntei. Estava abismado.

## 53. Um coração indignado e partido não serve de nada para ninguém

Eu não disse mais nada a noite inteira. Tantas línguas descrevem a condição em que me encontrava como “coração partido” que o coração quebrado de louça aqui exposto deve bastar para descrever aos visitantes do museu o que senti naquele momento. A dor do amor não se manifestava mais sob a forma de pânico, desespero ou raiva, como ocorria no verão anterior. A essa altura, transformara-se numa substância mais viscosa, que corria por minhas veias. Como eu via Füsün praticamente dia sim dia não, quando não todo dia, a dor de sua ausência diminuía, e eu desenvolvia novos hábitos para lidar com a dor nova e mais fraca de sua presença; depois de um verão de prática cuidadosa, esses hábitos tinham se convertido numa segunda natureza para mim, transformando-me em outro homem. Eu não passava mais meus dias às voltas com a minha dor; tornara-me capaz de suprimi-la, encobri-la, ou agir como se não houvesse nada de errado.

A dor nova, a dor da presença, era na verdade a dor da humilhação. Füsün dava a impressão de me poupar a esse tipo de dor, evitando assuntos e situações que pudessem ferir o meu orgulho. Mas diante da crueza dessas suas últimas palavras finalmente percebi que não era mais possível fingir que nada estava errado.

Num primeiro momento, eu tentara não ouvir sua reverberação em minha mente: “entrar com o dinheiro... estamos cansados de esperar”. Mas a fraca resposta que eu tinha murmurado (“É mesmo?”) era prova de que ouvira perfeitamente. Não podia agir como se não estivesse ofendido e, de qualquer maneira, ninguém teria como deixar de perceber minha expressão contrariada, que indicava meu desânimo e minha mais completa humilhação. Com aquele insulto ecoando em minha cabeça, voltei para meu lugar e me sentei, ainda aferrado à minha garrafa de refrigerante. Tinha dificuldade de me mexer. A pior parte não fora nem mesmo suas palavras cortantes, mas a evidente consciência que Füsün tinha da minha humilhação e do quanto ela me abalava.

Forcei-me a pensar em outra coisa, em assuntos corriqueiros. Lembro de ter me feito a mesma pergunta que sempre fazia antes, quando me sentia a ponto de explodir de tédio. Entregava-me a especulações metafísicas, como: “O que estou pensando agora? Estou pensando que estou pensando?”. Depois de repetir a mesma frase em silêncio muitas vezes, virei-me para Füsün com ar decidido e disse: “Pediram para devolvermos as garrafas”, e, pegando o recipiente vazio em sua mão, levantei-me e me afastei. Na outra mão estava a minha própria garrafa, que ainda continha um pouco de refrigerante. Ninguém estava olhando, de maneira que transferi o que me sobrava para a garrafa de Füsün, entregando a minha, agora vazia, para os jovens vendedores de bebidas. Assim, pude voltar para minha cadeira levando a garrafa de Füsün, que exponho aqui.

Füsün conversava com o marido; nem notaram minha chegada. Não me lembro nada do filme a que assistimos em seguida. Isso porque tinha a garrafa que pouco antes estivera em contato com os lábios de Füsün em minhas mãos trêmulas. E nada mais me interessava. Só queria voltar para o meu mundo, para as minhas coisas. Aquela garrafa haveria de passar muitos anos na mesa de cabeceira do apartamento no edifício Merhamet, meticulosamente preservada. Os visitantes hão de reconhecer por sua forma que é uma garrafa do refrigerante Meltem, lançado na época em que começa nossa

história e hoje disponível em todo o país, mas o que continha não era a fórmula de Zaim, tão apreciada por todos nós. Pois já naquela época imitações muito inferiores de nossa primeira grande marca nacional de refrigerantes eram vendidas em toda parte. Havia pequenas fábricas piratas operando clandestinamente, coletando garrafas de Meltem que enchiam com a contrafação barata e distribuíaam aos vendedores incautos ou indiferentes. Quando me viu com a garrafa na boca dentro do carro, na volta para casa, Feridun, totalmente ignorante de minha conversa com sua mulher, disse: “Esse refrigerante Meltem é ótimo, não acha, irmão?”. Respondi que o refrigerante não era Meltem “genuíno”, a partir do que ele deduziu todo o esquema e sentiu-se levado a comentar: “Nas ruas secundárias de Bakırköy, existe uma fábrica clandestina de gás. Eles enchem os bujões da Aygaz com gás de cozinha mais barato. Já compramos deles uma vez. Irmão Kemal, acredite em mim quando lhe digo — o gás falso queimou melhor que o verdadeiro”.

Rocei meus lábios na garrafa, tomando muito cuidado. “Este aqui também tem um gosto melhor”, disse eu.

Enquanto o carro trovejava pelas ruelas silenciosas, atravessando as manchas de luz fraca dos lampiões e estremecendo com as irregularidades do calçamento de pedra, as sombras das árvores e das folhagens se sucediam no para-brisa do carro, como ocorre nos sonhos. Sentado na frente ao lado de Çetin, o motorista, como sempre, eu sentia meu coração inchar-se de dor, e não me virei para olhar para o casal, mesmo quando começou a conversa habitual sobre cinema. Çetin Efendi nunca participava das conversas que tínhamos a caminho de casa, então talvez tenha sido porque o silêncio começava a deixá-lo desconfortável que se arriscou a observar como certas partes do filme simplesmente não eram críveis. Um motorista de Istambul jamais repreenderia a jovem para quem trabalhava, nem mesmo com palavras educadas, como ocorrera.

“Mas na verdade ele não é motorista”, disse Feridun, o genro. “Ele é o famoso ator Ayhan Işık.”

“O senhor tem razão”, disse Çetin. “E foi por isso que eu gostei. De certa maneira, é educativo... Por mais que eu tenha achado divertidos os filmes a que assistimos durante o verão, gosto mais deles quando trazem lições sobre a vida.”

Füsün ficou calada, como eu. Quando ouvi Çetin Efendi dizer “durante o verão”, minha dor se acentuou, pois suas palavras lembravam que aquelas belas noites de verão estavam chegando ao fim: logo parariamos de ir àqueles cinemas ver filmes ao ar livre; a alegria que eu sentia instalado ao lado de Füsün à luz das estrelas logo seria apenas uma lembrança, e tive o impulso de falar de qualquer coisa que me viesse à cabeça só para esconder minha tristeza, mas meus lábios continuavam tão cerrados que não teria sido possível separá-los nem com uma faca. Mergulhei numa amargura que, suspeitava eu, havia de durar muito tempo.

Eu preferia não ver Füsün daquele modo, na verdade não queria estar com ninguém que só se aproximasse de mim para ajudar o marido a fazer um filme — noutras palavras, por dinheiro. Era uma ousadia, até certo ponto animadora, que ela nem se desse ao incômodo de disfarçar sua intenção venal — animadora porque eu sabia que jamais poderia sentir-me atraído por uma pessoa assim, e com base nisso talvez pudesse encontrar uma saída fácil.

Naquela noite, quando os deixei em casa, ao contrário do costume, não marquei data para uma próxima ida ao cinema. Fiquei três dias sem entrar em contato. E foi nesse momento que comecei a

experimentar (primeiro nos recessos da minha mente, mas aos poucos de maneira mais clara) uma nova maneira de ruminar os acontecimentos. Era uma disposição que eu chamava de “hostilidade diplomática”, pois derivava menos da dor de um coração partido que de determinada ideia de protocolo: o abuso da amizade devia ser respondido à altura, de maneira que evidenciasse o quanto esse comportamento era execrável, preservando meu orgulho. Obviamente, a resposta que eu tinha em mente no caso de Füsün era simplesmente recusar-me a financiar o filme de seu marido, matando assim no nascedouro seu sonho de se transformar em estrela de cinema. “Vamos ver o que acontece”, pensei comigo, “se esse filme nunca for feito!” Sentindo visceralmente aquela hostilidade antes apenas formal, comecei, no segundo dia, a imaginar em detalhes a maneira como aquela punição poderia fazer Füsün sofrer. Na minha imaginação, porém, o que mais desgostava Füsün era o brilho que deixaria de ter ao não ser revelada como estrela, e não a perspectiva de nunca mais me ver. E isso talvez nem fosse uma ilusão, mas a verdade.

O prazer de imaginar o remorso de Füsün, no segundo dia, acentuou meu mal-estar visceral. Ao anoitecer daquele dia, enquanto jantava em silêncio com minha mãe em Suadiye, percebi que começava a sentir falta de Füsün. Depois que minhas vísceras se curassem, eu sabia que só podia manter minha postura hostil como forma de punição. Enquanto jantava, tentei pôr-me no lugar de Füsün e adotar uma postura cruelmente pragmática. Imaginei o incômodo e o remorso que sentiria se fosse uma linda jovem à beira de estrelar um filme, dirigido por meu marido, e com palavras impensadas ofendesse os sentimentos do rico produtor, pondo assim a perder minha oportunidade de virar uma estrela. Não fossem as interrupções constantes da minha mãe (“Por que não comeu toda a carne? Você vai sair hoje à noite? O verão está quase acabando. Nem precisamos esperar o fim do mês — podemos voltar amanhã para Nişantaşı. Coma mais este, quantos copos você já tomou hoje à noite?”) eu poderia ter conseguido pôr-me no lugar de Füsün.

No decorrer de meu esforço alcoolizado para adivinhar o que Füsün poderia estar pensando, ocorreu-me a possibilidade de que, no momento em que ouvi aquelas palavras desagradáveis (“Está querendo me dizer que vai mesmo entrar com o dinheiro”), que provocaram minha “hostilidade diplomática”, meu desejo de vingança ficara claro. Queria vingar-me de Füsün, mas, como esse sentimento me inspirava medo e vergonha, preferi convencer-me de que “nunca mais queria vê-la”. Era a resposta mais honrada, pois me permitiria vingar-me ficando com a consciência limpa, pois o exagero de minha hostilidade visceral poderia servir para desculpar o pecado apresentando meu desejo de puni-la sob o disfarce de uma inocência de vítima. Percebendo essa manobra, decidi perdoar Füsün e ir vê-la; tendo tomado essa decisão, comecei a ver tudo sob uma luz mais positiva. Ainda assim, antes que pudesse tornar a vê-los, eu precisava pensar melhor, além de me esforçar mais ainda para me convencer da minha ilusão.

Depois do jantar, saí para a avenida Bağdat onde, anos antes, quando era jovem, tantas vezes fizera a *promenade* com meus amigos, e, enquanto caminhava pelas calçadas largas, de novo me esforcei para me pôr no lugar de Füsün, tentando imaginar exatamente como ela poderia interpretar a situação caso eu decidisse não a castigar. E a resposta me ocorreu num clarão cegante: uma mulher linda como ela, inteligente, que sabia o que queria, não teria o menor problema para encontrar outro produtor que financiasse o filme de seu marido. Um arrependimento ardente e enciumado tomou

conta de mim. No dia seguinte, mandei Çetin descobrir que filmes estavam passando nos cinemas ao ar livre de Beşiktaş, pesquisa que me levou a decidir que havia “um filme importante que não podíamos perder”. Sentado em meu escritório na Satsat com o fone apertado no ouvido, ouvindo o telefone tocar na casa de Füsün, meu coração disparou quando percebi que, não importava quem atendesse, eu não conseguiria falar com naturalidade.

Como nada de natural podia resultar daquele esforço para tentar satisfazer as exigências conflitantes da hostilidade visceral e da hostilidade diplomática, decidi que pelo menos prolongaria esta última por algum tempo, até que me chegasse um pedido de desculpas. E foi assim que passamos nossas últimas noites de verão nos cinemas ao ar livre de Istambul, com nossa dignidade ofendida, divertindo-nos pouco, conversando menos ainda, simulando uma indignação recíproca. Meu aparente mau humor era contagioso — e claro que Füsün respondia na mesma moeda. Eu ficava ressentido por ela me obrigar a fingir daquele jeito, e agora sim esse seu procedimento me deixava autenticamente indignado. Com o tempo, aquele personagem que eu representava na sua presença acabou suplantando minha verdadeira identidade. E deve ter sido nesse momento que percebi como para a maioria das pessoas a vida não é uma alegria que precisamos aproveitar de todo coração, mas uma farsa dolorosa a ser tolerada com um sorriso falso, limitando nossos passos a uma trilha estreita de mentiras, castigos e repressão.

Enquanto aqueles filmes turcos insistiam em nos dizer que era possível encontrar “a verdade”, deixando para trás aquele “mundo de mentiras”, a essa altura eu não acreditava mais nos filmes que víamos nos cinemas ao ar livre, misturados a plateias cada vez menores. Não conseguia mais me entregar àquele mundo sentimental. Nos últimos dias do verão, o cinema Estrela, em Beşiktaş, estava tão vazio que ficaria estranho eu me sentar muito perto de Füsün, de maneira que deixei uma cadeira desocupada entre nós dois e, à medida que o vento ficava mais frio, meu aborrecimento fingido cristalizou-se em gélido remorso. Quatro dias mais tarde fomos ao Club Cinema de Feriköy, mas em vez de filme encontramos camas ocupadas por meninos paupérrimos assistidos por velhas mulheres de cabeça coberta, e achamos graça quando descobrimos que o conselho municipal tinha organizado uma cerimônia coletiva de circuncisão, com apresentação de acrobatas, mágicos e dançarinos, para as famílias que não pudessem pagar um ritual privado. Mas, quando o prefeito bonachão, com seus bigodes, viu como assistíamos a tudo com gosto e nos convidou a aderir à festa, Füsün e eu, ambos determinados a tratar o outro com a máxima frieza, recusamos. Era enfurecedor vê-la responder à minha hostilidade diplomática com sua versão não menos antipática, enquanto também sustentava uma pantomima suficientemente sutil para não ser percebida pelo marido.

Consegui ficar sem ligar por seis dias. Incomodava-me que nem Füsün nem seu marido telefonassem para mim. Se não íamos fazer aquele filme, que desculpa eu poderia ter para lhe telefonar? Se quisesse continuar a vê-los, precisaria dar-lhes dinheiro, uma verdade intolerável que não conseguia aceitar.

O último filme que fomos assistir foi no cinema-jardim Majestic, em Pangaltı, no início de outubro. Era uma noite quente, e havia mais algumas pessoas na plateia. Eu esperava que naquela linda noite, provavelmente a última do verão, nossas recriminações mútuas, aquele impasse diplomático, pudesse chegar ao fim. Mas, antes que instalássemos nossos lugares, aconteceu uma

coisa: encontrei-me com Cemile Hanım, a mãe de um amigo de infância. Ela também tinha sido uma das antigas parceiras de beziq de minha mãe, mas parecia que tinha empobrecido com a idade. Trocamos olhares, como se disséssemos: “O que você está fazendo aqui?”, à maneira das pessoas de famílias ricas tradicionais que sentiam vergonha e culpa pela perda da fortuna.

“Estava curiosa para ver a casa de Mükerrerem Hanım”, disse Cemile Hanım, como se me fizesse uma confissão.

Não entendi o que ela queria dizer. Imaginei que uma pessoa interessante chamada Mükerrerem Hanım vivia numa daquelas antigas casas de madeira cujo interior se podia ver do cinema ao ar livre, e assim sentei-me ao lado de Cemile Hanım, para que pudéssemos olhar juntos para essa casa. Füsün e o marido foram sentar-se seis ou sete fileiras à nossa frente. Quando o filme começou, percebi que era a casa do filme que ela dizia ser de Mükerrerem Hanım. Era a residência principesca, em Erenköy, de uma importante família da aristocracia — palacete pelo qual eu costumava passar de bicicleta quando menino. Depois de atravessarem um período de crise, eles (como tantas outras famílias tradicionais das relações de minha mãe) tinham começado a alugar suas propriedades à Yeşilçam para serem usadas como cenários em seus filmes. Cemile Hanım não fora ao cinema para derramar-se em lágrimas vendo um filme intitulado *Mais amargo que o amor*, mas para ver os aposentos forrados de madeira da antiga casa de um paxá que passava ficcionalmente por residência de uma família malvada de riqueza evidentemente recente. Eu devia ter me levantado e ido sentar perto de Füsün. Mas não consegui, pois uma estranha vergonha me imobilizava. Eu era como um adolescente que se recusasse a sentar-se ao lado dos pais no cinema, mas também se recusasse a reconhecer a causa de sua vergonha.

Esse constrangimento, mesclado à pretensa hostilidade que ainda reluto em admitir depois de tantos anos, tornava mais fácil sustentar o fingimento de que eu fora ofendido. Quando o filme acabou, tornei a me encontrar com Füsün e o marido, que Cemile Hanım examinou cuidadosamente da cabeça aos pés. Füsün estava mais amuada ainda do que antes, e meu único recurso era responder da mesma forma. No caminho para casa, o silêncio no carro era difícil de suportar, e então fiz fantasias de abandonar aquele papel que me impusera com uma piada inesperada, começando a rir loucamente, ou me embebedando — tudo em vão.

Passei cinco dias sem ligar para eles. Sobrevivia à custa de elaboradas e deliciosas fantasias em que Füsün, contrita, me procurava para pedir perdão. Em meus sonhos, eu respondia a seus apelos arrependidos pondo-lhe a culpa de tudo, e, depois de listar seus erros um a um, me convencia a tal ponto da angústia dela que, em pouco tempo, ficava autenticamente contrariado com a injustiça terrível que ela sofria.

Os dias sem vê-la foram ficando cada vez mais difíceis de suportar. Mais uma vez eu me via nas garras da agonia sombria e densa que me mantivera prisioneiro por um ano. Sentia pânico de cometer um erro cujo castigo fosse nunca mais ver Füsün. Para evitar que isso acontecesse, eu precisava certificar-me de que ela não perceberia minha hostilidade visceral. E agora a arma em que eu transformara minha raiva voltava-se contra seu criador, penalizando apenas a mim mesmo. Um coração indignado e partido não serve de nada para ninguém. Insistindo em me proclamar ofendido, só castigava a mim mesmo. Certa noite, enquanto pensava nisso tudo, caminhando sozinho entre as

folhas caídas do outono em Nişantaşı, percebi que a decisão mais feliz — e portanto a que me trazia mais esperança — seria ver Füsün três ou quatro vezes por semana (e nunca menos do que duas). Só então eu poderia recobrar meu antigo equilíbrio sem recair no abismo negro e bilioso do amor. Agora sabia que não aguentava ficar sem vê-la — fosse para me proteger ou para magoá-la. A fim de evitar o inferno do ano anterior, precisava cumprir a promessa que fizera a ela na carta que lhe enviara através de Ceyda: precisava levar-lhe os brincos de pérola do meu pai.

No dia seguinte, quando fui almoçar em Beyoğlu, os brincos de pérola estavam no meu bolso, aninhados na caixa que meu pai me dera. Era 12 de outubro de 1976, um dia de sol com uma claridade de verão. As vitrines das lojas cintilavam de tantas cores. Enquanto almoçava no restaurante de Hacı Salih, falei francamente comigo mesmo: podia admitir que tinha ido até lá de propósito e, “se me desse na telha agir assim”, não havia mal algum em dar um pulo em Çukurcuma e passar meia hora visitando tia Nesibe. Eram apenas seis ou sete minutos de caminhada do restaurante onde eu me encontrava. A caminho de lá, tinha passado pelo cinema Palace e visto que a sessão seguinte começava às 13h45. Depois do almoço, se eu quisesse, podia me perder naquela escuridão recendendo a mofo e umidade, ou pelo menos ingressar num outro mundo, e encontrar alguma paz. Mas já às 13h40, depois de me levantar e pagar minha conta, vi-me descendo a ladeira de Çukurcuma. O calor do sol aquecia minha nuca, e havia comida em meu estômago, amor em minha mente, pânico em minha alma e dor em meu peito.

Foi a mãe dela que abriu a porta.

“Não, tia Nesibe, não preciso subir”, disse eu, enfiando a mão no bolso. “Isto aqui é para Füsün... É um presente do meu pai. Resolvi deixar aqui no caminho.”

“Por que não vem tomar um café rápido, Kemal? Queria lhe dizer algumas coisas antes de Füsün chegar.”

Disse essas palavras num tom tão furtivo que cedi e subi as escadas atrás dela. A casa estava inundada de sol, e o canário Limon trinava contente em sua gaiola. Vi que os apetrechos de costura de tia Nesibe — suas tesouras, seus cortes de tecido — estavam espalhados por toda a sala.

“Hoje em dia não costuro mais em casa, mas as pessoas insistem tanto que não consigo dizer não, e por isso estou fazendo um vestido de noite às pressas. Füsün está me ajudando. Daqui a pouco ela deve estar de volta.”

Serviu-me um café e foi direto ao assunto. “Tem havido um sofrimento desnecessário, e recriminações sem palavras — tudo isso eu entendo”, disse ela. “Kemal Bey, ela passou por muita dor, minha filha. O coração dela se partiu em mil pedaços. Você precisa ser paciente com os humores dela e ser tolerante...”

“Sim, é claro”, respondi, como se soubesse disso tudo.

“Você sabe melhor que eu de que maneira deve agir. Seja tolerante com ela, faça o que achar melhor para ela poder deixar o caminho errado que tomou.”

Lancei-lhe um olhar interrogativo, para saber qual era o caminho errado que Füsün tomara; então levantei as sobrancelhas.

“Antes do seu noivado, e no dia do seu noivado, e mesmo depois do seu noivado, por vários e vários meses ela sofreu horrivelmente — ah, como ela chorava”, disse tia Nesibe. “Parou de comer e de

beber, não saía de casa, afastou-se de tudo. Esse rapaz vinha vê-la todo dia e tentava consolá-la.”

“Está falando de Feridun?”

“É, mas não se preocupe. Ele não sabe de nada a seu respeito.”

Em seguida, explicou que a menina havia sofrido tanto que não tinha ideia do que fazia; Tarık Bey fora o primeiro a propor a ideia do casamento como cura, e no final ela própria concordara em casar Füsün com “esse garoto”. Feridun conhecia Füsün desde que ela tinha catorze anos. Naquele tempo, apaixonara-se loucamente por ela, mas Füsün não lhe dava atenção, e quase o destruíra com sua falta de interesse. Hoje em dia Feridun não era mais tão apaixonado por Füsün — e ela ergueu de leve as sobrancelhas, sorrindo, como se me dissesse: “Sei que dessa notícia você vai gostar”. Feridun quase nunca ficava em casa à noite, pois vivia totalmente absorvido por seus amigos do mundo do cinema. Até parece que tinha deixado o dormitório onde morava em Kadırga não para se casar com Füsün, mas para ficar mais perto dos bares de Beyoğlu onde seus amigos passavam o tempo. Claro, os dois acabaram sentindo alguma coisa um pelo outro, como sempre acontecia com jovens casais saudáveis que aceitavam casamentos arranjados, mas eu não devia exagerar a importância desses sentimentos. Depois de todo o tormento por que tinham passado, seus pais tinham achado prudente que Füsün se casasse logo, e disso não se arrependiam...

O “tormento” de que ela falava era sem dúvida não o amor de Füsün por mim, ou seu fracasso no vestibular: seus olhos deixavam bem claro que o coração da crise era o fato de Füsün ter dormido comigo antes do casamento, e agora acusar-me daquilo lhe trazia um prazer evidente. Só com um casamento imediato Füsün podia salvar-se da desonra, e, claro, era tudo responsabilidade minha!

“Sabemos — todos nós — que Feridun não irá muito longe, que não tem condições de proporcionar uma vida boa a Füsün. Mas é o marido dela!”, disse tia Nesibe. “Ele quer transformar Füsün numa estrela do cinema. É um menino honesto e bem-intencionado! Se você ama a minha filha, ajudará os dois. Achamos que seria melhor dar Füsün a Feridun em casamento do que a algum bode velho que a olhasse de cima para baixo por causa da virtude manchada. O garoto vai apresentá-la às pessoas do cinema. E você, Kemal, pode protegê-la.”

“Claro, tia Nesibe.”

Se soubesse que sua mãe me revelara segredos de família, Füsün havia de nos punir severamente. (Tia Nesibe sorriu de leve, como se estivesse só exagerando um pouco.) “Claro, Füsün ficou muito abalada quando soube que você terminou o noivado com Sibel, assim como ficou muito triste ao saber que você estava sofrendo tanto, Kemal. Esse garoto apaixonado por cinema com quem ela se casou tem bom coração, mas não vai demorar muito para Füsün ver como é inepto, e quando ela perceber vai deixá-lo... Até esse momento, você pode ficar por perto, dando-lhe apoio e confiança.”

“Tudo que eu quero, tia Nesibe, é reparar o mal que eu fiz e o sofrimento que provoquei. Por favor me ajude a reconquistá-la”, pedi, tirando do bolso a caixa com os brincos de meu pai e entregando a ela. “Isto é para Füsün”, disse eu.

“Obrigada...”, respondeu ela, e pegou a caixa.

“Tia Nesibe... mais uma coisa... Da primeira vez que vim aqui jantar, eu trouxe um brinco de Füsün. Mas nunca chegou às mãos dela. Você por acaso sabe onde está?”

“Nunca tinha ouvido falar disso. Pode entregar o presente você mesmo, se quiser.”

“Não, não... De qualquer maneira, aquele brinco não era presente; pertence a ela.”

“Que brinco?”, perguntou tia Nesibe. Quando viu que eu não sabia bem o que dizer, ela comentou: “Se pelo menos tudo pudesse se acertar com um par de brincos... Quando Füsün estava passando mal, Feridun vinha sempre nos visitar. Quando minha filha estava tão fraca de sofrer que mal conseguia andar, ele a pegava pelo braço e andava com ela até Beyoğlu para ir ao cinema. Toda noite, antes de ir ao bar se encontrar com os seus amigos do cinema, ele passava aqui e se sentava conosco, comia conosco, via televisão conosco, tratava Füsün com tanto carinho...”

“Posso fazer bem mais do que isso, tia Nesibe.”

“Se Deus quiser, Kemal Bey. Você será sempre bem-vindo nesta casa. Venha qualquer noite! E dê lembranças minhas à sua mãe, mas não vá aborrecê-la com nada disso.”

Quando olhou para a porta, como que para me dizer que eu precisava ir embora antes que Füsün chegasse e me encontrasse, saí de imediato, sentindo-me em paz enquanto subia a ladeira de Çukurcuma até Beyoğlu, livre da indignação e de qualquer tipo de hostilidade.

## 54. O tempo

Durante exatamente sete anos e dez meses visitei regularmente a casa de Çukurcuma, para jantar e ver Füsün. Se nos lembrarmos de que minha primeira visita foi no sábado, 23 de outubro de 1976 — onze dias depois do convite permanente de tia Nesibe (“Venha qualquer noite!”) —, e que minha última noite em Çukurcuma com Füsün e tia Nesibe foi no domingo, 26 de agosto de 1984, podemos ver que houve 2864 dias entre uma e outra. Segundo minhas anotações, durante as quatrocentas e nove semanas que minha história descreverá agora, estive lá jantando 1593 vezes. Disso podemos deduzir que jantava lá quatro vezes por semana em média, mas não que fosse regularmente quatro vezes por semana.

Havia semanas em que estava com eles todos os dias, e outras em que — tornando a me indignar e a me convencer de que seria capaz de esquecer Füsün — eu me mantinha à distância. Mas nunca passei dez dias sem Füsün (quer dizer, sem vê-la), porque no final desse período sempre estava novamente às voltas com o mesmo nível de sofrimento por que passara no outono de 1975 e que tinha precipitado o regime em curso, de modo que o correto seria dizer que eu via Füsün e sua família (os Keskin) com grande frequência. Eles, por sua vez, contavam regularmente com minha presença, e sempre adivinhavam quando era mais provável que eu fosse aparecer. De qualquer maneira, em pouco tempo tinham se acostumado a me ver à mesa do jantar, assim como me acostumei à ideia de que estavam sempre à minha espera.

Os Keskin nunca precisavam convidar-me formalmente para jantar, porque sempre guardavam um lugar para mim à mesa. E isso me deixava bastante aflito quando eu não estava totalmente decidido e custava a decidir. Às vezes eu achava que, caso fosse uma vez mais, podia estar abusando e, se não fosse, não só me veria às voltas com a dor de não ver Füsün, como ainda podia deixá-los “ofendidos”, sucumbindo ao medo de que minha ausência pudesse ser mal interpretada.

Essas ansiedades me afetaram mais durante minhas primeiras visitas a Çukurcuma, quando ainda

não estava acostumado àquela casa, à presença regular de Füsün e à sua rotina doméstica. Esperava que Füsün percebesse que eu tentava lhe dizer “Estou aqui”, pelo modo como eu a olhava nos olhos. Foi o sentimento que me dominou na primeira visita. Nos primeiros minutos depois de minha chegada, eu me congratulei por ter ido até lá, vencendo minha vergonha e meu nervosismo. Afinal, se eu me sentia feliz assim por estar perto de Füsün, por que tantos problemas em torno daquelas visitas? E ali estava ela, sorrindo docemente, como se não houvesse nada fora do comum na minha presença, como se estivesse realmente feliz por eu ter vindo.

É uma pena que muito raramente ficássemos a sós durante essas primeiras visitas. Ainda assim, aproveitei cada oportunidade para murmurar coisas como “Senti terrivelmente a sua falta!” ou “Acho que senti terrivelmente a sua falta!” e Füsün respondia, apenas com os olhos, dando a impressão de dizer que minhas palavras a deixavam feliz. Não seria possível nos aproximarmos mais que isso.

Para esclarecer os leitores que se espantem ao ver que fui capaz de visitar Füsün e sua família (parece tão clínico chamá-los de “os Keskin”) por oito anos, e que se perguntem como posso falar em tom assim ligeiro de um período de tempo tão longo — milhares de dias —, gostaria de dizer algumas coisas sobre a ilusão que é o tempo, pois existe um tipo de tempo que podemos chamar de tempo de cada um, e outro — damos-lhe o nome de tempo “oficial”? — que compartilhamos com todos os demais. É importante estender-me sobre essa distinção, primeiro para adquirir o respeito dos leitores que podem me achar um sujeito estranho, obcecado e até um tanto assustador, por ter passado oito anos suspirando de amor, entrando e saindo da casa de Füsün, mas também para descrever como era a vida daquela família.

Vou começar pelo relógio de parede: era grande, de fabricação alemã, com uma caixa de madeira e vidro, pêndulo e carrilhão. Pendia da parede ao lado da porta, e ficava lá não para medir o tempo, mas como um lembrete constante a toda a família da continuidade do tempo, e testemunho do mundo “oficial” do lado de fora. Como a televisão assumira o papel de marcar as horas nos últimos anos, fazendo isso de maneira mais divertida que o rádio, aquele relógio (como centenas de milhares de outros relógios de parede de Istambul) vinha perdendo sua importância.

Os relógios de parede entraram na moda em Istambul no final do século XIX, quando os paxás ocidentalizados e os não muçulmanos ricos começaram a guarnecer suas casas com imensos relógios de parede muito mais adornados que aquele, com contrapesos, pêndulo e chaves para dar corda. Nos primeiros anos do século XX, depois da fundação da República, quando o país aspirava ao Ocidente, esses relógios logo caíram no gosto das classes médias da cidade. Havia um relógio daqueles em minha casa quando eu era criança, e todas as outras casas que na época faziam parte da minha vida tinham relógios idênticos ou maiores, com a caixa de madeira ainda mais trabalhada, e geralmente eram encontrados na entrada ou no saguão das casas, embora ninguém olhasse muito para eles, pois já na década de 1950 “todo mundo”, até as crianças, usava relógio de pulso, e toda casa tinha um rádio sempre ligado. Até os aparelhos de televisão finalmente começarem a dominar a trilha sonora da vida doméstica, alterando a maneira como as pessoas comem, bebem e se reúnem em casa — em meados dos anos 1970, quando começa nossa história —, esses relógios de parede continuavam a tiquetaquear como outrora, embora os moradores das casas mal lhes dessem atenção. Em nossa casa, de nenhum dos quartos nem da sala de estar dava para ouvir o tique-taque ou o carrilhão do relógio,

de maneira que ele nunca nos perturbava. E assim, por muitos anos, ninguém nem pensou em deixá-lo parar, e continuavam a subir numa cadeira para dar-lhe corda. Em certas noites em minha casa, quando meu amor por Füsün me levava a beber muito, o sofrimento me despertava e eu me levantava da cama para fumar um cigarro na sala; ouvia o relógio no corredor dando as horas e aquilo reconfortava meu coração.

Na casa de Füsün, havia ocasiões em que o relógio funcionava e outras em que estava parado: foi durante o primeiro mês que reparei na diferença, e logo me acostumei a ela. Depois de jantar, nos sentávamos juntos para ver um filme turco, alguma cantora turca muito sedutora interpretando uma canção antiga, ou um filme sobre Roma antiga com gladiadores e leões, que começávamos a assistir no meio, com legendas tão ruins ou uma dublagem tão precária que imediatamente começávamos a fazer piadas até mal conseguirmos acompanhar a ação; cada um se entregava a seus próprios sonhos, e logo chegava um momento em que, por algum encantamento, um silêncio recaía sobre o aparelho de televisão, e o relógio pendurado junto à porta, de cuja existência tínhamos nos esquecido, começava a bater as horas. Um de nós — geralmente tia Nesibe e às vezes Füsün — virava-se para o relógio com um olhar significativo, e Tarik Bey dizia: “Quem terá dado corda de novo?”.

Às vezes alguém dava corda no relógio, mas às vezes todos esqueciam. Mesmo quando lhe davam corda e ele andava, o carrilhão permanecia em silêncio meses a fio; às vezes só batia uma vez, nas meias horas; às vezes se rendia ao silêncio reinante e semanas se passavam antes que voltasse a produzir algum som. Era então que eu percebia, com um arrepio, como tudo deve ser assustador quando a pessoa não está em casa. Estivesse ou não o relógio andando, tocasse ou não o carrilhão, ninguém fitava o relógio de parede para ver as horas; mas sempre passavam muito tempo conversando sobre o relógio, discutindo se alguém tinha lhe dado corda ou não, e sobre a maneira de fazer um pêndulo ser posto de novo em movimento com um único impulso. “Deixe o relógio em paz, deixe tiquetaquear, não faz mal a ninguém”, dizia às vezes Tarik Bey à sua mulher. “Ele me lembra de que esta casa é habitada.” Acho que eu sempre concordava, assim como Füsün, Feridun e até algum visitante ocasional. De maneira que a finalidade do relógio de parede não era nos lembrar a existência do tempo, ou nos avisar que tudo muda: era convencer-nos de que nada, coisa nenhuma, tinha mudado.

Durante esses primeiros meses, não me atrevi sequer a sonhar que nada teria mudado ou iria mudar — que eu passaria oito anos jantando em Çukurcuma, vendo televisão e jogando conversa fora com aquela família. Durante minhas primeiras visitas, cada palavra que Füsün emitia, cada sentimento que se revelava em seu rosto, a maneira como ela andava de um lado para o outro pela sala — tudo me parecia novo e diferente, e, estivesse o relógio funcionando ou não, eu nunca olhava para ele. O que importava era estar sentado à mesma mesa que ela, olhar para ela, sentir-me feliz e ficar perfeitamente imóvel enquanto meu fantasma deixava meu corpo para beijá-la.

Mesmo que ninguém percebesse, o relógio sempre tiquetaqueava da mesma maneira, e quando nos sentávamos à mesa, jantando juntos, ele nos trazia o conforto de saber que não tínhamos mudado, que tudo continuaria igual entre nós. O relógio servia para não deixar que esquecêssemos do tempo, embora sempre nos trouxesse de volta ao presente, recordando a cada um de nós as relações que tinha com os outros — e era esse paradoxo que provocava a guerra fria que de tempos

em tempos se travava entre tia Nesibe e Tarik Bey. “Quem voltou a dar corda nesse relógio para acordar todo mundo no meio da noite?”, perguntava tia Nesibe, quando percebia durante um silêncio que o relógio voltara a funcionar. “Se não estivesse funcionando, íamos sentir a falta de alguma coisa nesta casa”, disse Tarik Bey numa noite de vento de dezembro de 1979. E acrescentou: “Ouvíamos o tique-taque na outra casa também”. “Está querendo me dizer que ainda não se acostumou a Çukurcuma, Tarik Bey?”, perguntou tia Nesibe, com um sorriso muito mais doce do que suas palavras davam a entender (às vezes ela se dirigia ao marido acrescentando a seu nome o honorífico “Bey”).

Esses gracejos comedidos, comentários maliciosos e alfinetadas proferidas no momento perfeito eram uma arte que o casal tinha aperfeiçoado ao longo de muitos anos, e, toda vez que ouviam o tique-taque do relógio num momento inesperado ou que o carrilhão começava a tocar, a discórdia tornava-se mais intensa. “Você deu corda nesse relógio para eu também passar a noite sem dormir, Tarik Bey”, dizia tia Nesibe. “Füsun, querida, pode parar o relógio?” Se alguém usasse o dedo para parar o pêndulo no meio do caminho, o relógio parava, por mais que alguém tivesse dado corda no relógio, mas Füsun limitava-se a sorrir e olhar para o pai; às vezes, Tarik Bey lhe dirigia um olhar que significava “Está bem, pode ir parar o relógio!”, mas às vezes teimava em recusar. “Eu não mexi no relógio. Começou a trabalhar por conta própria, então que pare sozinho!”, dizia ele. Às vezes, quando viam que essa ideia misteriosa produzia algum medo nos vizinhos ou nas crianças que vinham visitá-los em raras ocasiões, Tarik Bey e tia Nesibe começavam uma discussão carregada de duplos sentidos. “Foram os djinns que puseram nosso relógio para funcionar de novo”, dizia tia Nesibe. “Não mexa nele, pode se machucar”, dizia Tarik Bey com uma voz ameaçadora e o rosto franzido. “Estou pouco ligando se é um djinn que está agindo dentro dele”, respondia tia Nesibe. “Só não quero que me acorde no meio da noite como um encarregado do sino da igreja que, quando enche a cara, não sabe mais a diferença entre o dia e a noite.” “Pare com essas histórias! De qualquer maneira, se parar de pensar no tempo vai se sentir melhor”, dizia Tarik Bey. Aqui ele usava “tempo” no sentido de “o mundo moderno”, ou “a época em que vivemos”. Esse “tempo” era uma coisa em permanente mudança e, com a ajuda do funcionamento perpétuo do relógio, tentávamos mantê-lo ao largo.

O aparelho realmente usado pela família Keskin para acompanhar a marcha do tempo era a televisão, que, como o rádio da nossa casa nos anos 1950 e 1960, estava sempre ligada. No tempo do rádio, qualquer que fosse a estação ou o programa transmitido — um concerto, um debate, uma aula de matemática, o que fosse —, ouvia-se um sinal sonoro discreto ao completar-se a hora e cada meia hora, em prol dos eventuais interessados. À noite, quando víamos televisão, não havia necessidade desses sinais, ou a maioria das pessoas não precisava das horas, a menos que quisesse saber qual era o programa na televisão.

Toda noite, às sete, quando o imenso relógio aparecia na tela um minuto antes de a TRT, o único canal de televisão do país, começar seu noticiário, Füsun olhava para o relógio de pulso (exposto aqui) enquanto Tarik Bey consultava um dos muitos relógios de bolso que o vi usar ao longo daquele período de oito anos — fosse para confirmar que os relógios estavam certos ou para acertá-los de acordo com a TV. E o faziam sempre. Minha satisfação era profunda sempre que eu via Füsun sentada à mesa de jantar, olhando para o relógio imenso na tela e apertando os olhos, pressionando a

língua contra o interior da bochecha enquanto calibrava seu relógio com a seriedade de uma criança que copia seu pai. Desde as minhas primeiras visitas, Füsün percebeu o quanto eu apreciava aqueles momentos. Enquanto sincronizava o relógio, sabia que eu a observava com amor, e, quando finalmente ajustava a hora certa, olhava para mim e sorria. “Agora seu relógio está certíssimo?”, eu perguntava nesses momentos. “Está, acertei!”, respondia-me, com um sorriso ainda mais caloroso.

Como muito aos poucos acabaria compreendendo ao longo desses oito anos, não era apenas para ver Füsün que eu ia à casa da família Keskin, mas para viver algum tempo no mundo cujo ar ela respirava. E o que melhor definia aquele universo era sua atemporalidade. Eis por que Tarık Bey aconselhava sua mulher a “esquecer-se do tempo”. Quando as pessoas vêm visitar meu museu e examinam os antigos pertences da família Keskin — especialmente todos aqueles relógios de parede, de bolso e de pulso quebrados e enferrujados que já não funcionam há anos —, quero que percebam como são estranhos, como parecem existir fora do tempo, como criaram entre si um tempo que só eles marcam. Este é o mundo atemporal cujo ar eu respirava nos anos em que frequentei a casa de Füsün e sua família.

Para além desse espaço sem tempo ficava o tempo “oficial” do mundo exterior, com o qual mantínhamos contato através da televisão, do rádio e das convocações às preces; sempre que nos perguntávamos que horas seriam, estávamos organizando nossas relações com o mundo exterior, ou pelo menos era a impressão que eu tinha.

Füsün não acertava seu relógio porque a vida que levava exigisse um relógio exato ao nível dos segundos, para que pudesse chegar pontualmente ao trabalho ou a algum encontro; como seu pai, funcionário público aposentado, ela o fazia como um modo de aceder a uma diretiva que lhe era transmitida diretamente de Ankara e do Estado, ou pelo menos era a impressão que eu tinha. Víamos o relógio que aparecia na tela antes do noticiário como olhávamos para a bandeira que aparecia na tela, quando o hino nacional tocava no fim das transmissões de cada dia: sentados em nosso trecho de mundo, nos preparando para o jantar ou para encerrar a noite desligando a televisão, sentíamos a presença de milhões de outras famílias que faziam a mesma coisa, a quantidade de gente que constituía a nação, o poder do que chamávamos de Estado e nossa própria insignificância. Era quando víamos os programas sobre Atatürk, olhávamos a bandeira ou o relógio oficial (de tempos em tempos, o rádio se referia à “hora nacional”) que percebíamos mais nitidamente que nossas vidas domésticas confusas e desordenadas tinham uma existência independente do domínio oficial.

Em sua *Física*, Aristóteles estabelece uma distinção entre o Tempo e os momentos isolados que descreve como o “presente”. Os momentos isolados — como os átomos de Aristóteles — são indivisíveis. E o Tempo é a linha que conecta esses momentos indivisíveis. Embora Tarık Bey nos recomendasse que esquecêssemos o Tempo — essa linha que conecta um momento presente ao que o sucede —, só os idiotas ou os acometidos de amnésia conseguem realmente esquecer-lo. Cada um de nós só pode tentar ser feliz e esquecer o Tempo, e é o que todos fazemos. Se houver leitores que achem ridículas as coisas que meu amor por Füsün me ensinou, essas observações que surgiram das minhas experiências ao longo de oito anos na casa de Çukurcuma, gostaria de lhes pedir encarecidamente para não confundirem esquecer-se do Tempo com esquecer-se dos relógios ou calendários. Os relógios e calendários não existem para nos lembrar o Tempo que esquecemos, mas

para regular nossa relação com os outros e na verdade com a sociedade em geral, e é por isso que os usamos. Quando olhávamos para o relógio em preto e branco que aparecia na tela a cada noite, logo antes do noticiário, não era do Tempo que nos lembrávamos, mas das outras famílias, das outras pessoas e dos relógios que regulavam nossas relações com elas. Era por esse motivo que Füsün sempre estudava o relógio na tela da TV para verificar se tinha ajustado “exatamente” o seu relógio, e talvez ela sorrisse tão feliz porque eu a olhava com amor — e não porque se lembrasse do Tempo.

Minha vida me ensinou que lembrar-se do Tempo — a linha que conecta cada momento que Aristóteles chama de presente — é, para a maioria de nós, um exercício doloroso. Quando tentamos imaginar a linha que conecta esses momentos, ou, como em nosso museu, a linha que conecta todos os objetos que trazem esses momentos dentro de si, somos forçados a lembrar que a linha chegará a um fim, e contemplar a morte. À medida que envelhecemos e chegamos à penosa compreensão de que essa linha, por si só, não tem um significado próprio — é uma ideia que nos ocorre cumulativamente, em intimações que nos esforçamos por ignorar —, recaímos no sofrimento. Mas às vezes esses momentos que chamamos de “presente” podem nos trazer uma felicidade capaz de durar um século, como ocorria a cada sorriso de Füsün, nos dias em que eu jantava em Çukurcuma. Desde o início, sabia que só estava indo à casa dos Keskin na esperança de poder reunir felicidade suficiente para durar até o fim da minha vida, e era na intenção de preservar para o futuro esses momentos felizes que eu recolhia tantos objetos, grandes e pequenos, que tinham passado pelas mãos de Füsün, e os levava para casa.

No final de uma noite, no decorrer do segundo dos oito anos, quando a televisão terminou suas transmissões, ouvi Tarık Bey recapitular as memórias de seu tempo como jovem professor do liceu de Kars. Se tinha algum apego pelas memórias daqueles anos infelizes, quando vivia só, lutando para sobreviver com um salário baixo, sofrendo muitos infortúnios, não era porque as memórias adquirissem um tom mais róseo com o passar do tempo, como acredita a maioria das pessoas, mas porque gostava de falar sobre os bons momentos (as partículas de Agora) que vivera naquela fase conturbada de sua vida (contas inevitavelmente enfiadas na linha perversa do Tempo). Depois que falou desse paradoxo uma noite, lembrou-se por algum motivo do relógio “Leste-Oeste” que tinha comprado quando vivia em Kars, e que foi buscar para me mostrar seus dois mostradores, um com algarismos arábicos, outro com romanos.

Quero estender-me nesse tema com outro relógio: quando vejo este delgado relógio de pulso Buren que Füsün começou a usar em abril de 1982, o que aparece diante dos meus olhos é o momento em que o deus de presente a ela em seu vigésimo quinto aniversário, e o momento em que, depois de tê-lo retirado de sua caixa hoje perdida, com seus pais em algum outro lugar (e Feridun fora de casa), ela me beijou nas duas faces, por trás da porta aberta da cozinha, e o momento em que estávamos todos sentados juntos e ela mostrou orgulhosa o relógio a seus pais, e o momento em que seus pais, tendo aceitado havia muito minha presença como um membro excêntrico da família, agradeceram-me cada um por sua vez. Para mim, a felicidade reside em reviver esses momentos inesquecíveis. Se pudermos aprender a parar de pensar em nossas vidas como uma linha correspondente ao Tempo de Aristóteles, dando valor a nosso tempo por seus momentos mais profundos, cada um por si, esperar por oito anos à mesa de jantar de sua amada deixa de parecer uma

obsessão tão estranha e risível, mas (como eu havia de descobrir muito depois) assume a realidade de 1593 noites felizes à mesa de jantar de Füsun. Hoje, lembro cada uma dessas noites em que eu ia jantar em Çukurcuma — mesmo as mais difíceis, mais cheias de desesperança e humilhação — como a felicidade.

## 55. Volte amanhã, e podemos sentar juntos de novo

Por oito anos, contanto que alguma enchente ou a neve não tivesse fechado as ruas, o carro estivesse em boas condições, e ele não estivesse doente ou de folga, Çetin Efendi me levava até a casa de Füsun no Chevrolet de meu pai. Tive o cuidado de jamais abrir mão dessa regra. Depois dos primeiros meses, ele travara amizades nas casas de chá e nos cafés locais. Jamais deixava o carro bem em frente à casa dos Keskin, preferindo estacionar perto desses estabelecimentos, que tinham nomes como Café Mar Negro ou Casa de Chá Noturno; entrava num desses lugares e, enquanto assistia ao mesmo programa de televisão que víamos na casa de Füsun, lia o jornal, participava da conversa e às vezes de uma partida de gamão, ou via os homens disputando um jogo de cartas conhecido como konken. Depois dos primeiros meses, todo mundo na vizinhança nos conhecia de vista, e, a menos que Çetin Efendi estivesse exagerando, consideravam-me um homem humilde que visitava fielmente seus parentes mais pobres e distantes só pelo prazer de sua companhia e pelo amor que sentiam por ele.

Ao longo dos oito anos, é claro que houve quem julgasse que eu tinha algum desígnio oculto e malévolo. Surgiram rumores a esmo, indignos de qualquer consideração: que eu estava lá para comprar por uma ninharia todas as casas arruinadas das proximidades, só para demoli-las e construir edifícios de apartamentos; que estava à procura de trabalhadores sem qualificação para trabalhar em minhas fábricas em troca de um salário vil; que era desertor do Exército; ou que era um filho ilegítimo de Tarik Bey (o que me transformaria em irmão mais velho de Füsun). Mas a maioria razoável deduziu, a partir dos fragmentos de informação que tia Nesibe cuidava de liberar ocasionalmente, que eu era um primo distante de Füsun, envolvido num projeto cinematográfico com seu marido destinado a transformá-la numa estrela. Pelo que Çetin me contou ao longo dos anos, entendi que não havia nada de inaceitável nessas circunstâncias, e que, embora os vizinhos de Çukurcuma não cultivassem um afeto especial por mim, em geral me dirigiam um olhar favorável. De qualquer maneira, no segundo ano já me viam quase como mais um morador da área.

Era uma região muito diversificada: estivadores de Galata, vendedores e proprietários de pequenas lojas das ruas secundárias de Beyoğlu, famílias romani que tinham se transferido para lá vindas de Tophane, famílias curdas de Tunceli, os filhos e netos empobrecidos de italianos e levantinos que trabalhavam como funcionários em Beyoğlu ou nos bancos do centro, um punhado de famílias gregas antigas que, como eles, ainda não tinham reunido a coragem de deixar Istambul, e vários empregados de padarias e oficinas, motoristas de táxi, carteiros, merceeiros e estudantes universitários sem dinheiro. Essa multidão não constituía o tipo de comunidade unida que se via nos bairros muçulmanos tradicionais como Fatih, Vefa e Kocamustafapaşa. Mas pela ajuda que sempre me

ofereciam, pelo interesse que os rapazes demonstravam por qualquer carro mais caro ou incomum que passasse pelas ruas, pela velocidade com que as notícias e os boatos se transmitiam pela vizinhança, inferi certa interconexão, uma solidariedade precária, ou pelo menos a energia da experiência compartilhada.

A casa em que a família de Füsün, os Keskin, vivia ficava na esquina da avenida Çukurcuma (popularmente conhecida como a ladeira de Çukurcuma) e uma viela estreita chamada Dalgiç. Como se pode ver no mapa, de lá dava para ir a pé em dez minutos, percorrendo as ruas inclinadas e cheias de curvas da área, até Beyoğlu e a avenida İstiklal. Certas noites, no caminho de volta para casa, Çetin subia por essas ruas até Beyoğlu e, sentado no banco de trás, fumando um cigarro, eu olhava para dentro das casas e das lojas, e para as pessoas nas calçadas. Aquelas ruas eram ladeadas por casas dilapidadas de madeira que se reclinavam sobre a calçada como que à beira de um colapso, e prédios vazios abandonados pela onda mais recente de gregos que tinham emigrado para a Grécia; esses prédios, além das chaminés que os curdos pobres que invadiam os apartamentos armavam para fora das janelas, assumiam uma feição um tanto assustadora à noite. Mesmo à meia-noite, a área próxima a Beyoğlu ainda estava viva com pequenos bares pouco iluminados, *meyhanes*, clubes noturnos baratos que se descreviam como “estabelecimentos de bebida”, lanchonetes, mercearias que vendiam sanduíches, casas lotéricas, tabacarias onde também se podia comprar narcóticos, uísque ou cigarros contrabandeados, e até lojas que vendiam discos e cassetes, e, embora todos esses lugares tivessem um ar miserável, pareciam-me alegres e animados. Claro que só tinha essa impressão quando deixava a casa de Füsün em paz comigo mesmo. Havia muitas noites em que deixava a família Keskin achando que nunca mais voltaria e, revoltado diante da feiura daquela rua desordenada, enquanto Çetin dirigia eu me recostava infeliz no banco traseiro, como que desmaiado. A maioria das noites infelizes desse tipo remonta aos primeiros anos.

Çetin me pegava em Nişantaşı um pouco antes das sete da noite; encontrávamos algum tráfego em Harbiye, Taksim e Siraselviler, e depois serpenteávamos pelas ruas secundárias de Cihangir e Firuzaga, passando em frente ao histórico Hamam de Çukurcuma enquanto descíamos a ladeira. Em algum ponto do caminho eu pedia a Çetin para parar o carro e comprar algum petisco ou um ramo de flores. Não em toda visita, mas a cada duas em média, eu trazia algum presentinho para Füsün — chicletes Zambo, um broche ou um prendedor de cabelo enfeitado de borboletas que eu tivesse encontrado em Beyoğlu ou no bazar coberto — e dava a ela com ar muito despreocupado, como se aquilo não passasse de uma brincadeira.

Em certas noites, para evitar o tráfego, tomávamos o caminho que passava por Dolmabahçe e Tophane, virando à direita na avenida Boğazkesen. Sem exceção, naquele período de oito anos, sempre que entrávamos na rua onde morava a família Keskin, meu coração disparava como ocorria quando, ainda criança, eu entrava na rua onde ficava minha escola, sentindo uma inquietação em que a alegria se misturava ao pânico.

Cansado de pagar o aluguel de um apartamento em Nişantaşı, Tarık Bey usara suas economias para comprar a casa de Çukurcuma. A entrada da casa da família ficava no primeiro andar. Mas eles eram donos também da pequena casa do térreo, e ao longo dos oito anos uma série de famílias de locatários entrou e saiu de lá como fantasmas, sem jamais se envolver na nossa história. A entrada

desse pequeno apartamento (que mais tarde seria incorporado ao Museu da Inocência) ficava na transversal — a rua Dalgıç —, de maneira que meu caminho raramente cruzava com seus moradores. Soube que Füsün ficara amiga de uma das inquilinas — uma garota chamada Ayla, que dividia o apartamento com a mãe viúva enquanto seu noivo fazia o serviço militar — e iam juntas ao cinema em Beyoğlu, mas Füsün escondia de mim suas amizades nas vizinhanças.

Durante os primeiros meses, sempre que eu tocava a campainha na ladeira de Çukurcuma, era invariavelmente tia Nesibe quem descia o lance de escadas para me abrir a porta. Em todos os outros casos, mesmo que a campainha tocasse à noite, ela mandava Füsün descer. Era sua maneira de deixar claro para mim que, desde minha primeira visita, todo mundo sabia por que eu estava ali, e que para tanto era ela minha mediadora natural. Mas houve ocasiões em que achei que Feridun de fato não desconfiava de nada. Quanto a Tarık Bey, vivendo como vivia num mundo à parte, nunca me deu motivo para muita preocupação.

No mesmo espírito, tia Nesibe, assim que abria a porta, cuidava de dizer alguma coisa para fazer minha presença parecer natural. Os começos de conversa eram quase sempre inspirados no que estivessem vendo na televisão: “Um avião foi sequestrado. Você já sabia?”, “Estão passando imagens da batida de ônibus, e não tomaram o cuidado de esconder nenhum horror”, ou “Estamos vendo a visita do primeiro-ministro ao Egito”. Quando eu chegava antes do telejornal, tia Nesibe dizia com a mesma convicção: “Ah, ótimo, você chegou bem na hora. O jornal já vai começar!”. E às vezes acrescentava: “Fizemos aqueles folheados de queijo de que você tanto gosta” ou “Hoje de manhã Füsün e eu fizemos *dolmas* de folhas de parreira, você vai adorar”. Quando suas palavras para diluir a situação soavam forçadas demais, eu ficava envergonhado e não dizia nada. Mas quase sempre respondia alegremente: “É mesmo?” ou “Ah, ótimo, bem na horinha”, e repetia a resposta com entusiasmo exagerado quando subia e via Füsün, esperando conseguir esconder a vergonha e a alegria que sentia naquele momento.

“Ah, espero não ter perdido a queda do avião”, disse certa vez.

“A queda do avião foi ontem, primo Kemal”, respondeu Füsün.

No inverno, eu sempre podia dizer “Como está frio!” ou “Vamos tomar sopa de lentilhas?” enquanto tirava o sobretudo. Depois de fevereiro de 1977, quando a instalação de um interfone lhes permitia deixar-me entrar sem que ninguém precisasse descer a escada, cabia a mim o gambito de abertura quando entrava no apartamento, o que era mais difícil. Quando tia Nesibe me via fazendo um esforço para encontrar algum modo de me integrar à rotina da casa, puxava-me imediatamente para dentro: “Oh, Kemal Bey, não fique aí parado, sente-se logo, antes que seu folheado esfrie”; isso quando não fazia alguma alusão mais tópica ao noticiário: “O sujeito matou todo mundo que estava no café, e agora ainda se gaba”.

Eu franzia a testa e me sentava imediatamente. Os presentes que levava também ajudavam nos primeiros momentos de desconcerto, assim que eu chegava. Durante os primeiros anos, costumava levar *baklava* de pistache, a predileta de Füsün, ou doces folheados da Latif, a famosa confeitaria de Nişantaşı, ou *hors d'oeuvres* como bonito salgado ou taramasalata. Sempre entregando o que trouxera para tia Nesibe, e tomando o cuidado de não exagerar. “Ah, nem precisava se dar ao trabalho!”, dizia tia Nesibe. Em seguida, eu entregava o presente especial que trouxera para Füsün, ou o deixava em

algum lugar onde ela pudesse encontrá-lo mais tarde, desviando sua atenção com a resposta alegre que dirigia a tia Nesibe: “Eu estava passando pela loja, e os doces cheiravam tão bem que não resisti”, e acrescentando algumas palavras de elogio à confeitaria de Nişantaşı de onde trouxera minha oferenda. Em seguida instalava-me discretamente em meu lugar, como um aluno que chega atrasado na sala de aula, e aos poucos recobrava meu ânimo. Depois de já estar sentado à mesa por algum tempo, acabava trocando um olhar com Füsün. Esses eram os momentos sublimes que compensavam quaisquer tribulações por que eu tivesse passado.

Eu dava um valor supremo a esses momentos em que nossos olhos se encontravam pela primeira vez — não assim que eu chegava, mas quando já estávamos sentados à mesa —, não só porque aquecia meu coração mas porque indicava o tipo de noite que tínhamos pela frente. Se eu percebesse alguma tranquilidade na expressão de Füsün, mesmo que contraída, o resto da noite assumiria aquele tom. Se, contudo, ela se mostrava infeliz ou inquieta, sem sorrir, eu tampouco sorriria muito; durante os primeiros meses, nessas condições, eu nem tentava fazê-la rir, limitando-me a ficar ali sentado, procurando atrair o mínimo de atenção para mim mesmo.

Meu lugar à mesa situava-se entre Tarık Bey e Füsün, do lado que ficava de frente para a televisão, oposto ao ocupado por tia Nesibe. Quando estava em casa, Feridun sentava-se ao meu lado, bem como algum convidado ocasional. No começo da refeição, tia Nesibe preferia sentar-se de costas para a televisão, de modo a poder ir e voltar mais facilmente da cozinha, mas pelo meio do jantar, quando tinha menos a fazer, vinha sentar-se à minha esquerda, entre Füsün e eu, para poder ver a tela com mais conforto. Por oito anos sentei-me ali, cotovelo a cotovelo com tia Nesibe. Às vezes, quando chegava em casa mais tarde, Feridun se instalava em algum ponto do lado da mesa que tia Nesibe deixara vazio. E então Füsün se transferia para o lado do marido, e tia Nesibe ocupava a cadeira anterior da filha. Aí ficava difícil ver televisão, mas a essa altura as transmissões do dia já estariam terminando de qualquer maneira, e o aparelho era desligado.

Quando a televisão mostrava uma coisa importante enquanto ainda havia algo assando no forno, tia Nesibe mandava Füsün ir em seu lugar ver se já estava pronto. Füsün corria entre a cozinha e a mesa do jantar, que ficava bem ao lado, carregando travessas e tigelas, e passava bem entre mim e a tela da televisão. Enquanto sua mãe e seu pai se perdiam acompanhando um filme, programa de perguntas e respostas, boletim meteorológico, o discurso de algum general que tivesse acabado de participar de um golpe, o campeonato balcânico de luta, o festival do lentisco de Manisa ou a cerimônia comemorativa do sexagésimo aniversário da libertação de Akşehir, eu ficava acompanhando com os olhos minha beldade, que passava de um lado para o outro à minha frente, como se não estivesse bloqueando a imagem, como seus pais podiam achar, mas na verdade fosse a única imagem que me interessava.

Durante minhas 1593 visitas ao lar da família Keskin, passei boa parte da noite sentado à mesa de jantar vendo televisão. Mas não saberia enumerar com a mesma facilidade a duração de cada visita. Por vergonha, sempre tentava convencer-me de que fora para casa muito antes do que de fato tinha ido. Sem dúvida, era ao fim das transmissões do dia que éramos lembrados da hora. A cerimônia de encerramento, assistida em todos os cafés e clubes de jogo do país, durava quatro minutos: soldados marchando na mesma cadência, prestando continência à bandeira enquanto ela seguia mastro

acima, e o hino nacional tocando ao fundo. Considerando que eu geralmente chegava em torno das sete da noite e saía pouco depois dessa cerimônia diária, em torno da meia-noite, acho que posso calcular que passava a média de cinco horas na casa de Füsün a cada visita, mas havia ocasiões em que certamente ficava mais.

Em setembro de 1980, quatro anos depois de começar minhas visitas à família Keskin, houve um novo golpe militar; a lei marcial passou a vigorar, e com ela o toque de recolher às dez da noite. Isso me obrigava a deixar a casa deles às quinze para as dez, muito antes de meu coração saciar sua fome. Durante os últimos minutos antes do toque de recolher, enquanto Çetin dirigia rápido pelas ruas escuras que se esvaziavam depressa, o tormento da insuficiência fazia-se sentir com a mesma pungência da privação total. Eu sentia a dor de não ter visto Füsün o suficiente. Mesmo hoje, tantos anos mais tarde, sempre que leio nos jornais notícias sobre o desgosto dos militares com a situação do país, o mal que lembro com mais clareza dos golpes militares é o de ser obrigado a voltar para casa com uma razão insuficiente de contato com Füsün.

Minhas relações com a família Keskin tiveram suas dificuldades ao longo dos anos: o significado que nossas conversas, nossas expectativas mútuas e nossos silêncios tinham para cada um estava sempre mudando em nossas mentes. Claro, o que nunca mudava para mim era o motivo das minhas idas, que era ver Füsün, e eu imaginava que aquilo agradasse a ela e a seus pais. Mas, como nunca podia falar abertamente desse motivo, todos precisávamos recorrer a algum tipo de eufemismo. Eu estava ali como “convidado”, mas esse termo era ambíguo e não de todo convincente nas circunstâncias, o que nos fez concordar coletivamente com uma expressão alternativa que nos deixava menos desconfortáveis. Eu ia quatro vezes por semana à casa da família Keskin para “sentar-me” com eles.

Tia Nesibe gostava especialmente desta expressão, bem familiar aos leitores turcos, que os visitantes estrangeiros do nosso museu podem não compreender com a mesma facilidade, devido às suas múltiplas aplicações — “visitar”, “aparecer de surpresa” ou “passar algum tempo com alguém” —, que normalmente não aparecem nos dicionários. Quando eu ia embora, no final da noite, tia Nesibe se despedia de mim com as mesmas palavras generosas: “Volte amanhã, Kemal Bey, e podemos sentar juntos de novo”.

Implícita em suas palavras, claro, estava a ideia de que tudo que fazíamos era sentar-nos juntos à mesa, nada mais. Também víamos televisão, às vezes por longos períodos sem dizer nada, trocando comentários amistosos sobre isto ou aquilo, ao mesmo tempo em que comíamos alguma coisa e tomávamos raki. Durante os primeiros anos, para me convencer do quanto eu era bem-vindo, tia Nesibe mencionava especialmente essas outras atividades. E dizia: “Volte amanhã, Kemal Bey, vamos comer aquelas abobrinhas recheadas de que você tanto gosta” ou “Amanhã podemos assistir ao campeonato de patinação no gelo, que vão transmitir ao vivo”. Quando ela dizia essas coisas, eu olhava de relance para Füsün, à espera de algum sinal de aprovação, idealmente um sorriso; se tia Nesibe dissesse “Venha, vamos sentar” e Füsün desse a impressão de aprovar, eu podia permitir-me acreditar que não havia nenhum fingimento em suas palavras, que de fato estávamos reunidos ali, como todo mundo costuma fazer, para nos sentarmos juntos. Abordando da maneira mais inocente meu motivo para estar ali — meu desejo de estar no mesmo lugar que Füsün —, a palavra “sentar”

me servia perfeitamente. A diferença dos intelectuais que consideram seu dever solene ridicularizar as coisas do povo e acreditam que os milhões de pessoas na Turquia que falam de “sentar-se juntos” toda noite reúnem-se para não fazer nada, eu, ao contrário, apreciava o impulso manifestado na expressão “sentar juntos” como uma necessidade social que se verifica entre pessoas ligadas por laços de família ou amizade, ou mesmo entre pessoas que sentem entre elas uma conexão profunda, embora possam não compreender seu significado.

E aqui exponho uma maquete do apartamento de Füsün em Çukurcuma (ou o segundo piso do edifício), que há de servir, espero, como uma introdução a esse período de oito anos da minha história. No piso situado acima da sala de estar ficavam os quartos que tia Nesibe dividia com Tarık Bey e Füsün dividia com o marido; entre os dois, ficava o banheiro.

Um exame detido da maquete revelará que o lugar que eu ocupava à mesa está assinalado. Para as pessoas que não têm como visitar nosso museu, vou explicar: eu me sentava de frente para a televisão, que ficava ligeiramente à minha esquerda, e ficava com a cozinha bem à minha direita. Atrás de mim estava o bufê, e às vezes, quando inclinava minha cadeira para trás, eu esbarrava nele. Nessas horas, os copos de cristal que ele continha estremeciam todos com a louça e os açucareiros de prata, os conjuntos de licor, as xícaras de café que nunca eram usadas, o velho relógio, o isqueiro de prata que não funcionava mais, o pequeno jarro de cristal com o desenho de volutas de flores do tipo que podemos ver nos bufês de todas as casas de classe média da cidade, outros ornamentos variados, e finalmente as prateleiras de vidro do bufê.

Como todo mundo sentado à mesa, eu via televisão ano após ano, mas, desviando meus olhos um pouco para a esquerda, podia ver Füsün bastante bem sem precisar virar-me na direção dela ou me deslocar minimamente. Isso significava que, enquanto via televisão, podia olhar para ela por longos períodos sem que ninguém notasse, movendo apenas os olhos. A tentação, claro, era irresistível, e quanto mais eu praticava, mais hábil ficava nesse exercício.

Quando assistíamos a um filme que chegava a seu clímax ou víamos alguma notícia que achávamos especialmente interessante, eu sentia imenso prazer em acompanhar as expressões de Füsün; nos dias e meses subsequentes, minha memória das imagens na tela se mesclaria com a expressão de seu rosto. Às vezes, em casa, eu rememorava a expressão de Füsün antes da cena que a provocara (uma indicação de que estava sentindo falta dela e já passara tempo demais sem ir jantar em sua casa). As memórias mais profundas, mais estranhas e mais tocantes das cenas vistas da mesa de jantar da família Keskin estão inapelavelmente mescladas com as imagens correspondentes de Füsün. Minha fluência na leitura de suas expressões chegou a tal ponto que me bastava olhar para ela com o canto do olho para deduzir com precisão notável o que estava acontecendo na televisão, mesmo que não prestasse a menor atenção à tela.

Em cima da mesa, ao lado do lugar onde tia Nesibe acabaria vindo sentar-se mais tarde, depois que o jantar era servido, havia um abajur com pés em garra e uma cúpula sempre torta, e ao lado dele um divã em forma de L. Certas noites, quando a comida, a bebida, os risos e a conversa se mostravam especialmente exaustivos, tia Nesibe dizia “Vamos todos nos sentar no divã” ou “Podem relaxar que eu trago o café!”, e em seguida eu me sentava na ponta do divã mais próxima do bufê, enquanto tia Nesibe se instalava na ponta oposta, e Tarık Bey se acomodava perto da janela, na

cadeira mais próxima à montanha. Para uma boa visão da tela de nossos novos lugares era necessário girar o aparelho de televisão, o que Füsün fazia de seu lugar na mesa, onde preferia permanecer. Embora às vezes, depois de mudar o ângulo da televisão, ela se sentasse na ponta oposta do divã, ao lado da mãe, as duas muito juntinhas. Tia Nesibe acariciava o cabelo da filha e suas costas de vez em quando, e, tanto quanto Limon, o canário, que nos observava com interesse de sua gaiola, eu achava o espetáculo muito agradável e o acompanhava com o canto dos olhos.

Mais tarde, depois que eu afundava nas almofadas do divã em L, todo o rakı que eu tinha tomado com Tarık Bey fazia efeito, e eu quase chegava a adormecer, olhando para a tela da televisão com um olho aberto enquanto, com o outro, era como se contemplasse as profundezas da minha alma; sentindo a vergonha que em outras ocasiões conseguia evitar, o constrangimento daquele ponto estranho a que a vida me trouxera, um rasgo de irritação surgia em mim, instando-me a pôr-me de pé e ir embora daquela casa. Não era incomum eu me sentir desse modo nas noites sombrias e aziagas em que as expressões de Füsün me desagradavam, em que ela mal me dirigia um sorriso e menos ainda se eu encostava nela sem qualquer intenção, mas, depois disso, passava a precisar de algum sinal de reconforto.

Em momentos como esses eu me levantava e ia até a janela, onde o canário Limon envelhecia aos poucos em sua gaiola, e olhava através das cortinas, pela vidraça do meio ou da direita, para a ladeira de Çukurcuma. Nos dias de chuva, era possível ver a luz dos lampiões refletida nas pedras do calçamento. Sem tirar os olhos da tela, tia Nesibe e Tarık Bey sentiam-se levados a dizer: “Ele comeu a comida dele?”, “Precisamos trocar a água?” ou “Hoje ele não está muito feliz”.

Havia mais um quarto no primeiro piso; ficava nos fundos e tinha uma sacada estreita. Usado principalmente durante o dia, era lá que tia Nesibe costurava e Tarık Bey lia o seu jornal. Depois dos primeiros seis meses, quando eu me sentia desconfortável à mesa ou ficava com vontade de andar nervoso de um lado para o outro, dirigia-me a esse quarto se a luz estivesse acesa, a fim de olhar pela janela que dava para a sacada. Gostava de ficar ali cercado pela máquina de costura, as tesouras, os velhos jornais e revistas, a gaveta aberta com uma variedade de ornamentos, e antes de sair muitas vezes pegava alguma coisa e punha no bolso para me acalmar mais tarde, quando fosse assolado pela saudade de Füsün.

Por essa janela da varanda, eu via um reflexo da sala onde jantávamos projetada sobre uma fileira de casas pobres no beco estreito que ficava atrás da deles. Em algumas noites, ficava muito tempo olhando para uma mulher que morava numa dessas casas. Ela tinha o costume de, depois de vestir a camisola de lã e antes de ir dormir, tirar uma pílula de uma caixa de remédios e com ela a bula amarrotada, que lia com grande cuidado. Foi só quando Füsün apareceu a meu lado certa noite que percebi tratar-se da viúva de Rahmi Efendi, o homem com a mão mecânica que trabalhara tantos anos na fábrica de meu pai.

Füsün sussurrou que me seguira até aquele quarto para descobrir o que eu estava fazendo ali nos fundos. Sua curiosidade me deixou encantado, e por algum tempo ficamos lado a lado no escuro, olhando para a rua. Nesse momento, quase consegui compreender o que me fazia voltar sempre à casa da família Keskin por oito anos: era a própria pergunta que reside no cerne do que significa ser um homem ou uma mulher naquela parte do mundo.

Na minha opinião, Füsün levantou-se da mesa naquela noite por querer estar perto de mim. O que ficou claro pela maneira como parou a meu lado em silêncio, contemplando o que para ela era um panorama sem qualquer novidade. Para mim, porém, enquanto corria o olhar pelas telhas próximas, os telhados de zinco e a fumaça que brotava mansa das chaminés, enquanto olhava para as janelas acesas, captando vislumbres de famílias que se deslocavam pelas suas casas, tudo parecia extraordinariamente poético, simplesmente porque Füsün estava a meu lado, e meu desejo foi grande de pôr a mão em seu ombro, envolvê-la com meus braços, ou apenas tocá-la.

Mas minha experiência na casa de Çukurcuma durante as primeiras semanas era suficiente para me indicar que a reação de Füsün teria sido severa, talvez até tão fria quanto se eu tentasse molestá-la; ela me empurraria e deixaria o quarto às pressas, o que me provocaria uma dor fora do comum, lançando-nos em nossas indignações gêmeas (o jogo que aperfeiçoamos aos poucos ao longo dos anos), com o resultado de que por um tempo eu nem sequer iria jantar na casa da família Keskin. Mesmo depois de pensar tudo isso, o desejo de tocá-la, beijá-la ou pelo menos roçar seu flanco persistia. O raki tinha algum papel nisso tudo. Mas, mesmo que eu não bebesse nada, esse dilema também me afligia.

Se eu me refreasse e evitasse até encostar nela (arte em que aos poucos eu me tornava um verdadeiro mestre), Füsün se aproximava mais; podia roçar em mim, e talvez dizer algumas palavras carinhosas. Ou (como ocorrera alguns dias antes) podia perguntar: “Alguma coisa o está incomodando?”. Na verdade, naquela noite Füsün disse: “Adoro o silêncio que está fazendo hoje à noite. Adoro ver os gatos andando pelos telhados”. E mais uma vez eu me vi nas garras do mesmo dilema doloroso. Será que eu podia tocá-la, abraçá-la, beijá-la? Como eu queria. Seria possível que, durante as primeiras semanas, os primeiros meses (como mais tarde eu acabaria acreditando, por muitos anos), ela não fosse fazer nenhum tipo de abertura, limitando-se a dar as respostas educadas e civilizadas que uma moça inteligente e de bons modos, portadora de um diploma secundário, devia apresentar a um parente distante que era rico e sofria por amor?

Ao longo dos oito anos, esse dilema me preocupava e me amaldiçoava. O panorama que se pode ver no quadro aqui exposto era o que ficamos contemplando lado a lado junto à janela por no máximo dois minutos e meio. Eu gostaria que o visitante do museu refletisse por favor sobre o meu dilema enquanto contempla essa vista, sem esquecer como o comportamento de Füsün nesse momento foi delicado e sutil.

“Acho a vista linda porque você está a meu lado”, eu disse finalmente.

“Vamos voltar, meus pais vão começar a se perguntar o que estamos aprontando aqui.”

“Com você ao meu lado, eu podia ser feliz anos a fio, só olhando para essa vista”, disse eu.

“Sua comida está esfriando”, disse Füsün, e voltou para a mesa.

Ela sabia como suas palavras haviam sido frias, pois, pouco depois que voltei para a mesa, Füsün parou de franzir a testa e me dirigiu dois sorrisos doces e compassivos quando passou o saleiro (que mais tarde eu acrescentaria à minha coleção), permitindo que seus dedos tocassem atrevidamente minha mão; com isso, fez tudo voltar a ficar bem.

## 56. A Limon Filmes Ltda.

Assim que descobriu que sua filha entrara num concurso de beleza com o apoio e a aprovação da mãe, Tarık Bey ficara fora de si de raiva, mas, amando tanto a filha como amava, não foi capaz de resistir às suas súplicas quando ela prorrompeu em lágrimas; em seguida, porém, quando soube o que as pessoas diziam sobre ela, arrependeu-se de ter tolerado aquela vergonha. Alguns concursos de beleza tinham acontecido durante os primeiros anos da República, durante o domínio de Atatürk, e quando as moças desfilavam pela passarela de maiô preto estavam, na opinião de Tarık Bey, manifestando seu interesse pela história e pela cultura turcas, além de mostrar ao mundo inteiro como eram modernas, o que na ocasião era positivo. Em torno dos anos 1970, porém, os concursos tinham se transformado no território de garotas sem cultura e sem modos, levadas pela esperança crua de se transformarem em cantoras e modelos, de maneira que o significado dos concursos de beleza se convertera em outra coisa. Os apresentadores dos concursos de antigamente perguntavam às concorrentes, com a máxima polidez, qual o tipo de homem com quem sonhavam se casar, como uma forma sutil de deixar claro que todas eram virgens. Quando os apresentadores posteriores perguntam às moças “O que vocês procuram num homem?” (a resposta correta, claro, é “caráter”), elas sorriem e fazem caretas que lembram Hakan Serinkan. Por isso Tarık Bey se mostrava tão firme com seu genro cineasta, dizendo que, enquanto ele e Füsün morassem debaixo do seu teto, sua filha não teria novas aventuras do mesmo gênero.

Por medo de que seu pai pudesse considerar tornar-se uma estrela de cinema igualmente reprovável, o que contrariava nossos planos de várias maneiras, declaradas ou não, continuávamos a discutir o “filme de arte” que Feridun planejava fazer apenas de um modo muito discreto. A meu ver, Tarık Bey fingia não escutar nossos sussurros porque encarava com bons olhos meu interesse por sua família e gostava de beber e conversar comigo. E, como o filme de arte servia de pretexto plausível para minhas visitas à família Keskin quatro vezes por semana, funcionava perfeitamente para disfarçar a verdadeira finalidade das minhas idas à sua casa, tão bem conhecidas de tia Nesibe. Durante os primeiros meses, sempre que eu olhava para o rosto gentil e sem malícia de Feridun, achava que ele não sabia de nada, porém mais tarde comecei a pensar que fazia parte de outro plano: me confiava sua mulher por não ver em mim nenhuma ameaça — na verdade, era alguém de quem ele podia rir pelas costas — e, por necessitar desesperadamente do meu financiamento, simplesmente aceitava levar adiante aquela farsa.

Perto do fim de novembro, depois de muita insistência de Füsün, Feridun terminou a versão final do seu roteiro, e uma noite, depois do jantar, de pé no patamar no alto da escada, sob o olhar apertado de Füsün, entregou cerimoniosamente o texto datilografado a mim, seu possível produtor, para aguardar minha decisão.

“Kemal, quero que você leia este roteiro com muito cuidado”, disse Füsün. “Acredito nesse roteiro e confio em você. Não vá me decepcionar.”

“Eu nunca iria decepcioná-la, minha cara!”, e apontei para o roteiro em minha mão. “Diga uma coisa, você gosta tanto do roteiro porque vai fazer o papel principal ou porque será um ‘filme de arte?’” (Um conceito novo na Turquia da década de 1970.)

“As duas coisas.”

“Então pode considerar que o filme está feito.”

O roteiro era intitulado *Chuva azul*, e nada nele sugeria algum conhecimento de Füsün, de mim, do nosso romance ou de nossa história. Ao longo do verão eu tinha adquirido certo respeito pela inteligência de Feridun e por sua familiaridade com o cinema; nas conversas sobre os cineastas turcos cultos e altamente instruídos que desejavam fazer filmes de arte à maneira do Ocidente, ele identificava com grande perspicácia seus erros mais típicos (imitação, artificialidade, moralismo, vulgaridade, melodrama, populismo comercial etc.). Então, por que caía nas mesmas armadilhas? Enquanto eu lia aquele roteiro constrangedor, percebi que o desejo da arte, como o desejo do amor, é uma doença que nos deixa cegos, e nos faz esquecer o que já sabemos, ocultando a realidade. Mesmo as três cenas, motivadas por considerações comerciais, em que a personagem de Füsün apareceria nua (numa cena de cama, noutra fumando pensativa um cigarro numa banheira de espuma, ao estilo da *nouvelle vague*, e numa terceira caminhando por um jardim celestial num sonho) eram forçadas, insípidas e gratuitas!

Minha confiança naquele projeto nunca foi mais que fingida, mas depois de ler essas cenas opus-me a ele com mais decisão e irritação ainda que o próprio Tarık Bey. Entretanto, percebendo que precisava manter o projeto vivo por mais algum tempo, fiz elogios rasgados ao roteiro, tanto para Füsün quanto para seu marido, chegando ao ponto de lhes dizer que, “como produtor”, estava disposto a começar os testes para formar o elenco e a equipe técnica, demonstrando um empenho que eu próprio achei ridículo no interesse de tornar aquilo mais crível.

Assim, com a chegada do inverno, Feridun, Füsün e eu não perdemos um momento em começar nossas visitas ao casario decadente das ruas secundárias, locais prováveis para o escritório de produção, e os cafés onde os atores de segunda classe, os pretendentes ao estrelato no cinema, os especialistas em pequenos papéis característicos e os técnicos de cinema jogavam cartas, além dos bares onde os produtores, os diretores e os atores semifamosos podiam ser encontrados a partir do início da noite, comendo e bebendo até de madrugada. Todos esses lugares ficavam dez minutos a pé ladeira acima, e sempre que eu enveredava por esse caminho me lembrava de tia Nesibe comentando que Feridun só se casara com Füsün a fim de morar nas proximidades daqueles estabelecimentos. Em algumas noites eu os pegava à porta de casa, e em outras nós três — Feridun, de braço com Füsün, e eu — caminhávamos juntos ladeira acima até Beyoğlu, depois de jantarmos com os pais dela.

Nosso destino mais frequente era o Pelür Bar, muito favorecido pelos astros e estrelas do cinema e por homens de fortuna recente desejosos de encontrar garotas com a esperança de se transformarem em estrelas, filhos de proprietários rurais da Anatólia, que na época se iniciavam de dia no mundo dos negócios de Istambul e procuravam aliviar a pressão à noite, além de jornalistas de renome moderado, críticos de cinema e colunistas sociais. Passamos o inverno todo conhecendo muitos atores que faziam papéis secundários nos filmes que tínhamos assistido ao longo do verão (inclusive o amigo bigodudo de Feridun que fazia o papel do contador criminoso) e nos tornamos parte daquela sociedade de almas espirituosas, amargas, mas sempre esperançosas que passavam as noites trocando comentários maldosos sobre a vida alheia, contando a história de suas vidas ou descrevendo as ideias

que tinham para novos filmes, e que não conseguiam chegar ao fim do dia longe da companhia de seus semelhantes.

Gostavam muito de Feridun, e, como ele tinha alguns em alta estima, fora assistente de outros e queria agradar o resto, sempre ia sentar-se a suas mesas, onde ficava horas a fio, deixando Füsün e eu a sós, embora de minha parte nunca feliz. Quando Feridun estava conosco, Füsün me tratava de “primo Kemal”, mentira semi-inocente que raras vezes deixava de usar; quando se dignava a falar francamente comigo, eu entendia sua mudança de registro como uma advertência — em relação aos homens que passavam pela nossa mesa e o futuro dela no mundo do cinema — que eu ignorava por minha conta e risco.

Certa noite, depois de um excesso de raki, eu me vi a sós com ela mais uma vez, e, tendo me cansado de suas aspirações fantasiosas e da estreiteza geral daquele ambiente, de repente me convenci de que meu comentário seguinte era apropriado, e que ela haveria de recebê-lo bem. “Pegue o meu braço, querida, vamos embora juntos deste lugar horrendo agora mesmo”, eu disse. “Podemos ir para Paris, para a Patagônia ou para o fim do mundo — tanto faz, contanto que nos esqueçamos dessas pessoas e vivamos felizes para todo o sempre, só nós dois.”

“Primo Kemal, como você pode me dizer uma coisa dessas? Nossas vidas são aquilo em que se transformaram”, disse Füsün.

Depois que já frequentávamos aquele bar havia vários meses, o bando de beberrões que se reunia ali toda noite (um grupo de “gente importante” na opinião deles próprios) não nos incomodava mais, tendo aprendido a aceitar Füsün como a jovem e linda noiva e me tratando, com uma desconfiança zombeteira, como o “milionário idiota bem-intencionado” disposto a produzir um filme de arte. Mas havia inevitavelmente os que não nos conheciam, os bêbados que nos conheciam mas ainda assim insistiam em arrastar a asa para Füsün, os que a tinham visto de longe enquanto rodavam de bar em bar, e os que sentiam um impulso irresistível de nos contar a história de suas vidas (estes constituíam uma verdadeira multidão), então quase nunca ficávamos a sós. Enquanto eu me orgulhava toda vez que algum desconhecido se sentava junto a nós com um copo de raki na mão, achando que eu fosse marido de Füsün, ela respondia na mesma hora com um sorriso, fazendo questão de corrigir o engano com uma insistência que partia meu coração: “Meu marido é aquele gordinho ali”, o que estimulava o desconhecido a me ignorar e tentar lhe passar uma cantada.

Cada tentativa assumia uma forma diferente. Havia os que se diziam à procura de uma “beldade turca de cabelos escuros e ar inocente” exatamente como ela para estrelar uma fotonovela; outros lhe ofereciam de imediato o papel principal em um novo filme sobre o profeta Abraão que logo começaria a ser filmado; outros a olhavam sonhadores nos olhos por horas a fio sem dizer nada; e outros discorriam sobre as pequenas belezas da vida e todos os prodígios sutis que ninguém se dá ao trabalho de enxergar em nosso mundo tão materialista, onde só o dinheiro conta; havia ainda os que se sentavam a mesas distantes lendo a obra de poetas prisioneiros sofredores, poemas sobre o amor, a saudade e o país; outros de mesas distantes ou pagavam a nossa conta ou mandavam nos entregar um prato de frutas. No final do inverno frequentávamos menos esses redutos de Beyoğlu, mas toda vez que chegávamos lá avistávamos invariavelmente a mesma mulher imensa que muitas vezes fazia o papel de carcereira diabólica ou companheira inseparável da vilã principal. Sempre convidava Füsün

para festas em sua casa, prometendo a presença de “muitas meninas cultas e bem-educadas” como ela. E havia sempre um velho crítico atarracado que usava gravata-borboleta e adornava sua pança imensa com um par de suspensórios; plantava sua mão feia, que lembrava um escorpião, no ombro de Füsün, antevendo a “grande fama” que a esperava, talvez como a primeira atriz turca a obter renome internacional, contanto que atentasse para cada passo da sua carreira.

Füsün de fato dava a maior atenção a toda oferta de filme, fotonovela ou trabalho de modelo, por mais inconveniente ou trivial que fosse; também guardava o nome de cada pessoa que conhecia, e no caso dos atores de cinema, por mais obscuros que fossem, ela os cobria sempre de elogios exagerados e até vulgares, demonstrando uma falta de proporção que eu não reconhecia dos seus tempos de vendedora. Ao mesmo tempo que tentava encantar e lisonjear todo mundo, também estava determinada a alcançar o objetivo muitas vezes contraditório de parecer mais interessante. Para isso, sempre nos pressionava a frequentar aqueles lugares, e, se eu lhe recomendasse não dar seu telefone a todo mundo que lhe fazia alguma proposta — “O que o seu pai irá dizer?” —, ela me respondia bruscamente que sabia o que estava fazendo, chegando a declarar que ia precisar de opções se o filme de Feridun não fosse feito. Ofendi-me profundamente com o que ela insinuava e me mudei para outra mesa, mas então ela se aproximou com Feridun e disse: “Por que nós três não vamos comer em algum lugar, como no verão?”.

Eu fizera dois novos amigos entre os bebedores da turma do cinema de que me tornara um participante um tanto constrangido. A primeira era uma atriz de meia-idade chamada Sühendan Yıldız, que devia totalmente a fama de “mulher má” a seu nariz, que fora quebrado por um dos primeiros cirurgões plásticos da Turquia e reconstruído numa nova forma horrenda. O outro era um ator característico chamado Salih Sarılı, que, depois de anos fazendo o papel de figuras de autoridade como oficiais do Exército ou policiais, agora era obrigado a ganhar a vida dublando filmes pornográficos piratas, situação absurda que ele invariavelmente contava em voz profunda, muitas vezes interrompida por uma risada e uma tosse sufocante.

Dali a alguns anos eu descobriria que não era só Salih Sarılı que trabalhava na indústria pornográfica, mas a maioria dos atores que tínhamos conhecido no Pelür Bar, o que me espantou como se tivesse descoberto que amigos meus pertenciam a uma sociedade secreta. Atrizes e atores bem-comportados de meia-idade com tipo forte como Salih Bey viviam da dublagem de filmes estrangeiros só moderadamente obscenos e, durante as cenas de sexo, gemiam e gritavam para sugerir os detalhes da ação que o filme não mostrava. Esses atores eram, em sua maioria, casados, com filhos e admirados por sua seriedade; contavam a seus amigos que tinham sido forçados a aceitar aqueles trabalhos durante a decadência econômica para não se verem totalmente afastados da indústria cinematográfica, embora num primeiro momento tenham escondido de todo mundo, especialmente de suas famílias. Mesmo assim, seus fãs mais ardorosos, especialmente do interior do país, reconheciam suas vozes e lhes enviavam cartas de ódio ou admiração. Ao mesmo tempo, atores e produtores mais ousados e ambiciosos, em sua maioria frequentadores regulares do Pelür, envolviam-se em produções nacionais que entrariam para a história como “os primeiros filmes pornográficos islâmicos”. As “cenas amorosas” desses filmes misturavam sexo e comédia rasgada, à medida que os gemidos e os arquejos se redobravam com um exagero ridículo e os atores assumiam todas as posições

que podiam ser aprendidas nos manuais europeus do sexo comprados no mercado negro, embora todos os envolvidos, tanto homens quanto mulheres, jamais aparecessem sem suas roupas de baixo.

No Pelür, enquanto Füsün circulava com Feridun de mesa em mesa, conversando com todos que podia, eu ficava sentado ouvindo meus dois novos amigos de meia-idade, mais frequentemente a gentilíssima Sühendan Hanım, fazer-me recomendações de cautela. Eu devia, por exemplo, impedir a todo custo que Füsün se aproximasse daquele produtor ali, que parecia muito respeitável com sua gravata amarela, sua camisa perfeitamente passada e o bigodinho de escova, mas cuja fama se devia ao fato de encurralar mulheres de menos de trinta anos em seu escritório em cima do cinema Atlas, onde não hesitava em trancar a porta e estuprá-las, silenciando depois os prantos das vítimas com a oferta do papel principal em um de seus filmes; papel que, quando as filmagens começavam, revelava-se uma mera ponta — a da babá alemã intrigante que perturba a paz do lar de um turco rico de ótimo coração. E eu devia tomar o mesmo cuidado com o produtor Muzaffer, antigo patrão de Feridun, ao lado de quem o rapaz ainda passava tanto tempo, rindo prestimosamente de cada piada, esperando conquistar a ajuda técnica daquele homem para seu filme de arte. Pouco tempo antes, menos de duas semanas, aquele canalha dividia a mesa com o dono de duas companhias produtoras de médio porte com quem concorria o tempo todo, e apostara com o rival uma garrafa de champanhe contrabandeada que conseguiria seduzir a mulher de Feridun em menos de um mês. (Os filmes dessa época nos apresentam exemplos abundantes de nosso fetiche pela luxúria infiel do Ocidente.) Enquanto eu conversava com aquela renomada atriz que por tantos anos fizera apenas o papel da pérfida (nunca o da verdadeira vilã demoníaca) e que, graças às revistas de celebridades, era conhecida em toda a nação turca como a Intrigante Sühendan, ela tricotava um pulôver de lã em três cores para seu amado neto de três anos, e me mostrou a foto da revista *Burda* da qual copiava o casaco. Se alguém zombasse dela por sentar-se num canto do bar com romãs de lã vermelha, amarela e azul-marinho no colo, ela respondia: “Pelo menos estou fazendo alguma coisa enquanto espero o próximo trabalho, bem melhor do que vocês, que só bebem”, e, quando as circunstâncias exigiam, deixava de lado seus modos de senhora fina com alguma facilidade, despejando invectivas carregadas de palavrões.

Os intelectuais, cineastas e as jovens atrizes que frequentavam lugares como o Pelür Bar sempre estavam todos embriagados às oito da noite: vendo como eu me escandalizava com as vulgaridades que se desencadeavam a partir de então, meu experiente amigo Salih Sarılı dirigia o olhar para o outro lado do salão com uma expressão romântica que evocava os papéis de policiais nobres e idealistas que personificara por tantos anos e, fixando os olhos em Füsün, instalada em uma mesa distante, rindo com alguém que eu não conhecia, admitia que, se fosse um rico empresário, não traria uma parente tão bonita com a ideia de transformar-se em estrela de cinema para um bar como aquele. E isso partiu meu coração. Agora eu me via obrigado a acrescentar meu amigo ator e dublador à minha lista dos “homens que olhavam para Füsün da maneira errada”. A Intrigante Sühendan fez um comentário mais oblíquo num dia que jamais esquecerei: minha linda prima Füsün, disse ela, era uma jovem doce, boa e linda, exatamente da idade certa para se tornar uma boa mãe, como a mulher que tivera o neto para quem ela tricotava o pulôver vermelho, amarelo e azul. Então o que estávamos fazendo ali?

Eu também acabaria sucumbindo a essa ansiedade. Pois a cada semana Füsün conhecia gente nova nos bares frequentados pelo pessoal de cinema em Beyoğlu, e admiradores lhe propunham o tempo todo estrelar uma fotonovela ou certo comercial. E assim, no início de 1977, assinalei a Feridun que tinha chegado a hora de escolher sua equipe técnica. Por seus sorrisos amistosos e pela maneira como me tocou enquanto murmurava histórias engraçadas no meu ouvido, Füsün me levava a acreditar que estava prestes a deixar Feridun. Como eu planejava casar-me com ela “no momento seguinte”, pensei comigo que também seria melhor para ela não se envolver demais com aquele mundo sórdido. Podíamos transformá-la em atriz sem nos tornarmos íntimos daquelas pessoas. Já era tempo de nós três decidirmos que o nosso projeto conjunto seria mais bem administrado de um escritório que do Pelür Bar. Chegara o momento de formar uma empresa para financiar os filmes de Feridun.

Foi por inspirada sugestão de Füsün que concordamos em batizar a companhia em homenagem ao canário Limon. Como se pode deduzir de nosso cartão de visita, que traz a imagem do adorável passarinho, a Limon Filmes ficava ao lado do cinema Yeni Melek.

Cuidei para que 1200 liras fossem depositadas mensalmente numa conta pessoal na agência de Beyoğlu do Banco Agrícola. A soma era um pouco superior ao salário que eu pagava aos meus melhores gerentes na Satsat: metade se destinava a pagar o salário de Feridun como diretor executivo da companhia, enquanto o resto era para cobrir o aluguel e os custos de produção.

## 57. Sobre a incapacidade de me levantar e ir embora

Depois que comecei a pagar Feridun através da Limon Filmes, convencendo-me mais a cada dia de que não havia a menor pressa em começar a rodar, senti-me muito melhor, mesmo em relação a meus jantares na casa de Füsün. Ou mais sinceramente, certas noites, quando meu desejo de ver Füsün ficava forte demais para resistir e meu coração se via tomado por uma vergonha nada menos violenta, eu me dizia que, de algum modo, como agora eu lhes dava dinheiro, não havia mais do que me envergonhar. A necessidade de ver Füsün a tal ponto enevoara minha mente que nunca examinei a lógica do raciocínio segundo o qual os pagamentos anulariam a vergonha. Mas me lembro de ter sentado com minha mãe em frente à televisão em Nişantaşı em torno da hora do jantar na primavera de 1977, mais uma vez encurralado entre o desejo e a vergonha, encolhido na poltrona do meu pai (agora minha), paralisado pela indecisão, por meia hora, incapaz de me mover.

Minha mãe repetiu o que sempre dizia ao me ver ficar em casa à noite. “Por que você não fica em casa para variar, e nós jantamos juntos?”

“Não, mamãe, vou sair.”

“Meu Deus, eu não tinha ideia de que existiam tantas diversões nesta cidade. Você não consegue ficar em casa nem uma noite.”

“Meus amigos insistiram, mamãe.”

“Bem que eu queria ser sua amiga em vez de sua mãe, sozinha na vida... Escute, Bekri pode ir até o açougue de Kazım e comprar umas costeletas de carneiro; e pode grelhar para você. Sente-se e

jante comigo. Você pode comer suas costeletas de carneiro e depois sair para encontrar seus amigos.”

“Posso ir ao açougue agora mesmo”, exclamou Bekri da cozinha.

“Não, mamãe, é uma festa importante”, disse eu. “Organizada pelo filho da família Karahan.”

“Então como eu não soube de nada?”, perguntou minha mãe, desconfiada com toda razão. O que minha mãe, Osman ou qualquer outra pessoa sabia da frequência das minhas visitas a Füsün? Nem queria pensar nisso. Nas noites em que eu ia até a casa de Füsün, às vezes jantava antes com a minha mãe, só para aplacar suas suspeitas, e em seguida saía e jantava de novo na casa de Füsün. Nessas noites, tia Nesibe percebia de imediato minha falta de interesse pela comida e dizia: “Hoje você está sem apetite, Kemal. Não gostou do cozido?”.

Havia vezes em que jantava com minha mãe, achando que, se conseguisse sobreviver a essas horas em que sentia uma saudade mais intensa de Füsün, teria forças para ficar em casa, mas uma hora e dois copos de rakı depois minha saudade chegava a tal ponto que nem minha mãe tinha como deixar de perceber.

“Já está você aí de novo sacudindo a perna. Por que não vai dar um passeio para gastar esse nervosismo e depois volta?”, dizia ela. “Mas, por favor, não vá muito longe, não com as ruas perigosas como andam ultimamente.”

Não tenho a menor vontade de interromper minha história com descrições dos confrontos de rua entre nacionalistas e comunistas fervorosos naquela época, exceto para dizer que o que estávamos testemunhando era uma extensão da Guerra Fria. Naqueles anos, muita gente era assassinada nas ruas; cafés eram metralhados no meio da noite, e praticamente todo dia havia ocupações ou greves nas universidades, atentados a bomba e bancos assaltados por militantes. Palavras de ordem tinham sido pichadas por cima de outras palavras de ordem em cada muro da cidade, em todas as cores. Como a maioria dos habitantes de Istambul, não me interessava por política, e não parecia fazer bem a ninguém que essa guerra estivesse sendo travada nas ruas por uma variedade de facções violentas, nenhuma das quais tinha nada em comum com o restante dos habitantes da cidade. Quando eu disse a Çetin, que me esperava do lado de fora, que dirigisse com cautela, falava como se a política fosse mais uma calamidade natural, como um terremoto ou uma enchente, e não houvesse nada que nós, os cidadãos comuns, pudéssemos fazer além de todo o possível para ficar fora de seu caminho.

Nem sempre eu ia para a casa da família Keskin se, como na maioria das noites, não conseguisse ficar em casa. Às vezes ia a alguma festa, na esperança de encontrar uma bela jovem que me fizesse esquecer Füsün; às vezes saía para beber e conversar com velhos amigos. Se Zaim me levava a uma festa, se, estando na casa de um parente distante que havia pouco entrara para a sociedade, eu encontrava Nurcihan ou Mehmet, ou se, tarde da noite, Tayfun me levava até um clube noturno e, deparando com amigos que já não encontrávamos fazia muitos anos, pedíamos uma garrafa de uísque e ficávamos ali sentados ouvindo canções pop turcas (na maioria copiadas de canções pop francesas ou italianas), eu me animava com a ideia equivocada de que aos poucos retornava à minha saudável vida anterior.

Não eram a vergonha e a indecisão adiantadas que eu sentia de ir à casa de Füsün os sinais da verdadeira gravidade do meu mal, mas a inércia hesitante que tomava conta de mim quando, depois de passar horas sentado com a família, jantando e vendo televisão, chegava o momento de ir embora.

Além da vergonha da inércia comum, havia no caso extremo o constrangimento que eu sentia quando me via literalmente sem forças para deixar a casa de Çukurcuma.

As transmissões da televisão acabavam toda noite entre onze e meia e meia-noite, e as imagens da bandeira, do mausoléu de Atatürk e de “nossos rapazes” do Exército eram substituídas por uma nevasca de pontos borrados, a que continuávamos assistindo durante algum tempo, como se outro programa pudesse começar por engano, até Tarik Bey dizer “Füsün, minha filha, vamos desligar essa coisa por enquanto”, ou Füsün desligar o aparelho por conta própria, com um único toque. E então começava o sofrimento específico que agora desejo analisar. A sensação de que, caso eu não me levantasse de imediato para ir embora, produziria um grande desconforto em todos. E eu não conseguia avaliar o quanto essa preocupação era ou não fundamentada. Apenas pensava: “Daqui a pouco me levanto e vou embora”. Depois de ouvi-los falar mal de convidados que disparavam porta afora no momento em que as transmissões da TV acabavam, mal dando boa-noite, e dos vizinhos sem televisão própria que faziam a mesma coisa, eu me iludia, imaginando que estava sendo apenas educado.

É claro que eles sabiam que eu não fora visitá-los para ver televisão, e sim para estar perto de Füsün, mas às vezes, para ignorar esse imperativo, eu telefonava antes de ir, dizendo a tia Nesibe: “Posso ir visitá-los hoje à noite? Vai passar *Páginas da História!*”. No entanto, adotar esse pretexto equivalia a um compromisso de ir embora no momento em que o programa acabasse. Assim, naquele momento, depois que a televisão era desligada, eu ficava casualmente sentado por mais alguns instantes, antes de pensar comigo, com mais energia, que precisava me levantar e ir embora, mas minhas pernas ainda não obedeciam. Nesse estado de imobilidade eu permanecia, fosse à mesa ou no divã em forma de L, como uma figura num quadro, e, enquanto sentia a transpiração porejar em minha testa, muitos momentos aristotélicos se passavam e meu desconforto era sublinhado pelo tique-taque do relógio, enquanto eu tentava assumir o comando e pensava “Agora vou me levantar!” quarenta vezes, em vão.

Mesmo tantos anos depois, essa inércia ainda me desconcerta um pouco, e não consigo compreender plenamente o amor que tanto me afligia, embora seja capaz de aduzir, perfeitamente, uma série de motivos separados para a aparente perda de minha força de vontade:

1. Toda vez que eu dizia “Agora eu preciso ir embora”, Tarik Bey ou tia Nesibe diziam, com toda sinceridade: “Oh, por favor, fique mais um pouco, Kemal Bey, estamos tão bem aqui!”.
2. Quando eles não diziam nada, Füsün podia me dirigir um sorriso encantador, com um ar tão misterioso que eu ficava ainda mais confuso.
3. Então alguém começava a me contar mais uma história, ou trazia à baila um novo assunto. Levantar-me antes que a história acabasse seria uma grosseria da minha parte, dizia-me eu, de maneira que continuava ali sentado, por mais desconforto que sentisse, por mais uns vinte minutos.
4. Ao trocar um olhar com Füsün, eu perdia completamente a noção do tempo, até que por fim, olhando para o meu relógio, via que quarenta minutos, e não vinte, tinham se passado, e então dizia “Ah, vejam só que horas são”, mas nem assim eu ia embora: continuava sentado ali, amaldiçoando-

me por ser tão fraco, presa de uma inércia e uma vergonha que ficavam cada vez mais profundas, até chegar o momento em que seu peso se tornava insuportável.

5. Eu vasculhava a mente à procura de uma desculpa para ficar sentado por mais um tempo, para me dar uma trégua daquele fardo antes de ir embora.

6. Tarık Bey podia ter se servido de mais um raki, caso em que a cortesia talvez me obrigasse a beber com ele.

7. Eu tentaria tornar mais fácil minha partida usando a fraca desculpa de que estava esperando a meia-noite, e então dizia: “Ah, já é meia-noite, preciso voltar para casa”.

8. Eu dizia a mim mesmo que Çetin talvez estivesse no meio de uma conversa no café, e que podia ainda não estar pronto.

9. E de qualquer maneira, na rua, bem perto da porta, um grupo de rapazes da vizinhança estava reunido, fumando e conversando, de maneira que sair naquele momento me transformaria em tema de seus comentários. (Não era uma fantasia: sempre que eu deparava com os rapazes da vizinhança a caminho ou saindo da casa da família Keskin, eles se calavam, e por muitos anos aquilo me perturbou, embora ao me ver em tão bons termos com Feridun eles jamais pudessem me desrespeitar como “defensores da vizinhança”).

A ausência de Feridun também me deixava constrangido, estranhamente mais que sua presença. Eu já sabia, pela maneira como Füsün olhava para ele, que a situação estava difícil. Mas a ideia de que Feridun confiava inteiramente em sua mulher me levava à conclusão terrível de que o casamento deles pudesse de algum modo ser feliz.

Era muito mais reconfortante explicar a despreocupação de Feridun recorrendo aos tabus e às tradições. Vivendo como vivíamos num país em que era impensável demonstrar interesse por uma mulher casada na frente de seus pais, e onde, sobretudo entre os pobres e no interior, um olhar de esguelha poderia levar à morte, teria sido virtualmente inconcebível para Feridun que pudesse passar por minha mente flertar com Füsün toda noite enquanto nos sentávamos para ver televisão como uma família feliz. O amor que eu sentia, como a mesa de jantar em que comíamos, era cercado de tantas sutilezas e interdições que, embora cada fibra minha gritasse que eu estava loucamente apaixonado por Füsün, ainda assim nos víamos obrigados a “fazer de conta” que um amor como esse jamais poderia existir. Às vezes, quando isso me ocorria, eu entendia que conseguia ver Füsün não malgrado todas essas recomendações e costumes minuciosos, mas por causa deles.

Vou apresentar um exemplo negativo para efeito de elucidação, pois ele é crucial para a minha história: se vivêssemos numa sociedade ocidental moderna, em que as relações entre homens e mulheres são mais francas e em que os sexos não vivem em reinos separados, minhas idas à casa da família Keskin quatro ou cinco vezes por semana acabariam, claro, levando todo mundo a admitir que eu ia lá para ver Füsün. O marido seria obrigado a ficar com ciúmes e me impedir. E assim, nesse outro país, minhas visitas jamais poderiam ser tão frequentes, e meu amor por Füsün nunca poderia ter assumido essa forma.

Nas noites em que Feridun ficava em casa, era bem menos difícil eu me levantar e ir embora numa hora conveniente. Se, porém, Feridun tivesse saído para encontrar seus amigos do cinema, muito tempo podia se passar depois do fim das transmissões e depois que alguém proferia uma destas

fórmulas de cortesia: “Não quer mais uma xícara de chá antes de ir embora?” ou “Fique mais um pouco, Kemal Bey, por favor!”, porque às vezes eu decidia sincronizar minha partida com a chegada dele. Mas não houve uma única ocasião, em todos esses oito anos, em que eu tenha sido capaz de decidir se era ou não melhor ir embora um pouco antes ou um pouco depois da chegada dele.

Durante os primeiros meses, achava preferível ir embora antes da volta de Feridun. Porque nesses primeiros tempos, depois que ele entrava em casa e trocávamos um olhar, eu me sentia extremamente mal, mas muito mal mesmo. E precisava tomar pelo menos mais três copos de raki depois de voltar para Nişantaşı só para conseguir dormir. E mais: levantar-me no momento exato em que Feridun chegava equivalia praticamente a sugerir que eu não gostava dele e, pior ainda, que só fora até lá por causa de Füsün. Daí meu hábito de permanecer pelo menos por mais meia hora depois que ele voltava, embora isso aumentasse muito tanto a minha inércia quanto a minha vergonha. Melhor suportar aqueles sentimentos que revelar minha culpa ao evitá-lo. Não podia seguir o exemplo desses malditos casanovas dos romances europeus que cortejam abertamente a condessa e escapolem do castelo minutos antes do retorno do conde! Claro, como alternativa a ir embora antes da chegada de Feridun, eu podia deixar um intervalo maior entre minha partida e a chegada dele. Mas isso me faria sair cedo demais da casa da família Keskin. E eu não conseguia. Era difícil ir embora mais tarde. Era difícil ir embora mais cedo.

10. Se eu esperasse por Feridun, podíamos conversar um pouco sobre aquela questão do roteiro. Na verdade, tentei fazer isso algumas vezes; quando Feridun chegava em casa, tentava conversar com ele.

“Agora existe um meio mais rápido de passar pela junta de censura, Feridun. Ouviu falar disso?”, disse eu uma vez. Se não tiver usado exatamente essas palavras, disse alguma coisa parecida, provocando um silêncio glacial em torno da mesa.

“Tive uma reunião com o pessoal da Erler Films no café de Panayot”, respondeu Feridun.

Em seguida beijou Füsün da maneira meio rotineira quase desprovida de sentimento que os maridos usam para beijar as mulheres nos filmes americanos quando chegam em casa do trabalho. Às vezes eu percebia, pela maneira como Füsün recebia seu abraço com um abraço em resposta, que esses beijos eram autênticos, e ficava muito abalado.

Noutras noites Feridun sentava-se e jantava conosco, mas quase sempre ia depois aos cafés encontrar-se com os escritores, os diretores de arte, os contrarregas e os operadores de câmera do mundo do cinema, ou visitar a casa de um deles. Fora atraído para uma vida comunitária com pessoas ruidosas e maldizentes a quem faltava calma interior e às quais jamais faltava motivo para brigarem entre si. Na verdade, Feridun acabou atribuindo uma importância desproporcional aos sonhos e às brigas desses associados com quem bebia e jantava quase sempre, e, enquanto os prazeres passageiros de seus amigos do cinema lhe traziam uma felicidade instantânea, o desespero permanente deles o deixava não menos instantaneamente agoniado. Quando eu o via assim, ficava um tanto aliviado e não me preocupava com o fato de minhas visitas impedirem Füsün de sair com o marido e aproveitar a vida. Normalmente, aproveitando as noites em que eu não os visitava, Füsün ia

até Beyoğlu uma ou duas vezes por semana, radiosa numa blusa elegante e adornada com um dos broches de borboleta que eu lhe dera, e com o marido passava horas sentada num lugar como o Pelür ou o Perde, e um relato detalhado da noite me chegaria da parte de Feridun na visita seguinte.

Tanto Feridun quanto eu sabíamos que tia Nesibe também desejava que Füsün entrasse logo no mundo do cinema pelo caminho mais curto. Tarık Bey se alinhava secretamente do “nosso” lado relutante, mas sabíamos que jamais revelaria com todas as letras o que pensava a respeito. Ainda assim, eu queria que ele soubesse que era eu quem patrocinava seu genro. Foi só um ano depois da fundação da Limon Filmes que Feridun me disse que seu sogro sabia da minha ajuda.

Ao longo desse ano, cultivei Feridun como colega e amigo fora da casa da família Keskin. Não posso negar que ele era afável, sensato e muito sincero. De tempos em tempos nos reuníamos no escritório da Limon Filmes para passar em revista a situação do roteiro, nosso requerimento à junta dos censores e a procura do ator para o papel principal masculino.

Dois atores famosos e de ótima aparência já tinham manifestado interesse no filme de arte de Feridun, mas tanto ele quanto eu os encarávamos com certa desconfiança. Aqueles fanfarrões de bigode negro, especializados em filmes históricos, nos quais matavam sacerdotes bizantinos e derrotavam quarenta malfeitores com um só golpe, certamente haveriam de assestar sua mira em Füsün. De seu repertório habitual constavam relatos lascivos sobre suas coestrelas, mesmo as menores de dezoito anos, e suas histórias carregadas de alusões poderiam levar a manchetes como “Os beijos do filme tornaram-se verdadeiros” ou “O amor proibido que floresceu nas filmagens”. A bem da verdade, esse tipo de escândalo fazia parte da indústria do cinema, pois transformava atores e atrizes em astros e estrelas e atraía as multidões, mas a vantagem era que Feridun e eu estávamos decididos a abrir mão de parte do sucesso para poupar Füsün. Sabendo que protegê-la assim podia representar um custo para Feridun, eu ordenava à Satsat que enviasse mais fundos e aumentava o orçamento da Limon.

Mas o fato de ser impossível resolver com dinheiro todas as ansiedades que cercavam a entrada de Füsün para o mundo do cinema nessa época preocupava-me profundamente. Uma noite, quando cheguei à casa da família em Çukurcuma, tia Nesibe me disse, em tom de desculpas, que Füsün tinha saído com Feridun para Beyoğlu. Mantive uma expressão neutra, escondendo minha decepção enquanto me sentava com Tarık Bey e tia Nesibe para ver televisão. Duas semanas mais tarde, quando a mesma coisa se repetiu, convidei Feridun para almoçar e comentei que, se Füsün se envolvesse demais com a turma de bêbados do cinema, aquilo podia prejudicar a integridade de nosso filme de arte. Ele devia usar as minhas visitas, aconselhei, como um modo de obrigá-la a passar as noites em casa. Seguiu-se uma longa explicação dos motivos por que eu achava que isso seria bom tanto para a família quanto para o nosso filme.

Fiquei contrariado ao ver como meu conselho foi pouco acatado. Chegando mais uma vez e sabendo que Feridun e Füsün tinham saído para algum lugar como o Pelür, eu me vi novamente a sós com tia Nesibe e Tarık Bey, vendo televisão em silêncio. Fiquei até Füsün e Feridun chegarem, às duas da manhã, passando o tempo — em cuja passagem fiz de conta que não reparava — contando histórias sobre os Estados Unidos que eu tinha conhecido nos meus anos de universidade: os americanos trabalhavam muito, eram bem-intencionados e ao mesmo tempo muito ingênuos;

dormiam cedo e mesmo os filhos das famílias mais ricas eram obrigados pelos pais a pedalar de porta em porta com suas bicicletas para entregar o jornal de manhã cedo. Os dois sorriram da minha história, como se eu estivesse brincando, mas também ficaram curiosos. Tarık Bey me pediu que lhe explicasse uma coisa que sempre o intrigara: quando os telefones tocavam nos filmes americanos, soavam diferente dos nossos. Todos os telefones americanos tocavam daquele jeito, ou só os dos filmes? Fiquei confuso e percebi que me esquecera do toque dos telefones nos Estados Unidos. Bem depois da meia-noite, essa constatação me fez pensar que deixara minha juventude para trás, ao me lembrar da liberdade que sentia nos Estados Unidos. Tarık Bey imitou o som de um telefone num filme de mistério, um som ainda mais agudo. Já passava das duas horas e ainda estávamos tomando chá juntos, fumando e rindo.

Será que fiquei até tão tarde para desencorajar Füsün a sair nas noites das minhas visitas, ou por que podia ficar muito sentido se fosse embora sem tê-la visto? Mesmo tantos anos mais tarde, não sei a resposta. Mas finalmente, depois de mais uma conversa de homem para homem com Feridun sobre os perigos do convívio de Füsün com aquela gente dúbia, ela parou de sair nas noites em que me esperavam para o jantar.

Foi em torno dessa época que Feridun e eu começamos a pensar se não devíamos arrecadar recursos para o filme de arte estrelado por Füsün fazendo antes um filme comercial. É possível que as conversas sobre esse projeto intermediário, em que Füsün não teria papel algum, tenham inspirado Füsün a ficar em casa, embora ela não tenha deixado de comunicar seu ressentimento e, em certas noites, disparasse escadas acima para a cama antes de eu ir embora. Ainda assim continuava apegada a seu sonho, e, desse modo, em minha próxima visita, ela se mostrou mais carinhosa do que nunca, perguntando pela minha mãe ou pondo mais uma colher de *pilaf* no meu prato sem que eu pedisse, depois do que me foi simplesmente impossível ir embora.

Pois, mesmo enquanto progredia minha amizade com Feridun, eu continuava assolado pelos ataques de inércia que me impediam de ir embora. No momento em que Feridun entrava pela porta, eu me sentia imediatamente supérfluo, deslocado naquele mundo, como se fosse um cenário de sonho, mas incapaz de desistir de meu desejo obstinado de pertencer a ele. Jamais me esquecerei da expressão de Füsün numa noite de março de 1977, depois de um noticiário do fim da noite na televisão que foi uma sucessão interminável de notícias sobre atentados a comícios políticos e cafés, e líderes da oposição baleados a sangue-frio; era muito tarde (em minha vergonha eu já tinha parado de consultar o relógio), e quando ele chegou encontrou-me sentado lá. Vi a expressão triste de um homem bom autenticamente preocupado comigo, mas também temperado por um elemento de sua natureza que me deixava perplexo — certa inocência, ligeira, boa e cheia de esperança, que aceitava tudo como normal.

Depois do golpe de 1980, o toque de recolher às dez da noite encurtou meus episódios de inércia. Mas nem a lei marcial era capaz de curar minha aflição; na verdade, espremer meus momentos de alívio num intervalo mais curto de tempo tornava meu sofrimento mais intenso. Pouco antes do toque de recolher, a crise de imobilidade se intensificava a partir das nove e meia, e eu me descobria incapaz de levantar, por mais furiosamente que me dissesse: “Levanta!”. À medida que a contagem regressiva continuava implacável, meu pânico tornava-se intolerável às vinte para as dez.

Quando finalmente conseguia impelir-me escada abaixo e para dentro do Chevrolet, Çetin e eu ficávamos apavorados, enquanto nos perguntávamos se conseguiríamos chegar em casa à hora do toque de recolher; chegávamos invariavelmente quatro ou cinco minutos atrasados. Nesses primeiros minutos do toque de recolher (que mais tarde foi adiado para as onze da noite), os soldados nunca paravam os últimos carros que corriam pelas avenidas. A caminho de casa, víamos carros que tinham batido na praça Taksim, em Harbiye e em Dolmabahçe em sua ânsia de derrotar o relógio, e os motoristas nem perdiam tempo em descer e começar a trocar socos. Certa noite, um senhor embriagado emergiu com seu cachorro de um Plymouth, cujo cano de descarga ainda expelia fumaça, e me lembrou de outra ocasião em que, depois de uma colisão de frente em Taksim, o radiador partido de um táxi produziu mais vapor que o Hamam de Cağaloğlu. Uma noite, depois de termos atravessado a escuridão lúgubre e as avenidas desertas e semi-iluminadas, cheguei em casa a salvo e, depois de me servir de um último rakı antes de ir para a cama, pedi a Deus que me devolvesse à vida normal. Não sei dizer se desejava de fato que essa prece fosse atendida.

Qualquer palavra gentil que eu ouvisse antes de sair de sua casa, qualquer observação delicada ou positiva que Füsün ou os outros fizessem, bastava para sustentar minha esperança, fazer reviver minha convicção de que um dia havia de reconquistar Füsün, de que todas aquelas visitas não eram em vão. Nesse estado de alegre ilusão, eu conseguia ir embora com relativa facilidade.

Um comentário agradável da parte de Füsün à mesa do jantar num momento inesperado — por exemplo: “Você foi ao barbeiro, estou vendo. Ele cortou muito, mas ficou bom” (16 de maio de 1977), ou se ela se virasse para a mãe dizendo: “Ele gosta de almôndegas como um menino, não é?” (17 de fevereiro de 1980), ou numa noite de muita neve, um ano mais tarde, quando tinha acabado de chegar: “Ainda não nos sentamos para jantar, Kemal. Estávamos dizendo o quanto queríamos que você chegasse logo para jantar conosco” — me fazia tão feliz que, por mais sombrios que fossem os pensamentos que trouxera comigo, por mais desencorajadores que fossem os sinais que eu captava enquanto víamos televisão, quando chegava a hora de ir embora me levantava da cadeira com decisão, pegando meu sobretudo no cabide ao lado da porta e dizendo: “Com sua licença, vou embora!”. Deixando a casa deles desse modo, sentia-me sereno enquanto Çetin me levava para casa cedo, e conseguia até não pensar sobre Füsün, mas sobre o trabalho do dia seguinte.

Um dia ou dois depois de um triunfo semelhante, quando voltei à casa deles para jantar e vi Füsün, entendi com grande clareza duas das coisas que me atraíam para lá:

1. Quando eu estava longe de Füsün, o mundo me perturbava; era um quebra-cabeça com as peças fora do lugar. No momento em que eu a via, todas as peças se encaixavam de novo, lembrando-me de que o mundo era um todo lindo e harmonioso onde eu podia relaxar.

2. Sempre que eu entrava na casa dela à noite e nossos olhos se encontravam, era como uma conquista. Apesar de tudo, e independentemente do que tivesse acontecido para abalar minhas esperanças e meu orgulho, eu sentia a glória de estar ali mais uma vez, e a maior parte do tempo via a luz da mesma felicidade nos olhos de Füsün. Ou pelo menos era o que imaginava e, convencido de que minha teimosia, minha obstinação, a deixara impressionada, julgava que a beleza de minha vida

fora restaurada.

## 58. A tômbola

Passei a noite de Ano-Novo de 1976 jogando tômbola com a família Keskin. Talvez tenha me lembrado disso agora porque estava falando da beleza que era restaurada na minha vida. Mas também é importante porque passar o Ano-Novo com os Keskin era a prova de que a mudança em minha vida era irrevogável. Tendo rompido com Sibel, era obrigado a ficar distante de nosso círculo de amigos comuns, e agora, visitando os Keskin quatro ou cinco vezes por semana, eu abandonara quase todos meus antigos hábitos, mas até a véspera do Ano-Novo ainda mantinha em mim e nos que me cercavam a impressão de que estava levando adiante minha vida antiga, ou pelo menos que era capaz de retornar a ela no momento em que quisesse.

Quanto aos conhecidos que não via mais — para guardar distância de Sibel, evitar perturbar as pessoas com más recordações e me poupar o trabalho de explicar por que tinha desaparecido —, era Zaim quem me mantinha a par de suas notícias. Ele e eu nos encontrávamos no Fuaye, no Garaj ou em algum outro restaurante da sociedade que tivesse acabado de abrir, e lá nos entregávamos a prolongadas e agradáveis conversas sobre a vida e o que todos andavam fazendo, com a intensidade de dois homens discutindo negócios.

Zaim perdera o interesse em sua jovem namorada, Ayşe, que tinha a mesma idade de Füsün. Disse-me que ela era criança demais e que não conseguia responder bem aos seus problemas e ansiedades, e ela tampouco se encaixara bem em nosso grupo; quando quis saber mais, reafirmou que não tinha outra namorada nem estava interessado em ninguém. Pelo que me contou, ficou claro que ele e Ayşe não tinham passado de uma troca de beijos, e que a moça continuaria cautelosa e prudente enquanto persistisse sua incerteza acerca de Zaim.

“Por que você está sorrindo?”, perguntou Zaim.

“Não estou.”

“Está sim”, disse Zaim. “Mas não me incomoda. E vou lhe contar uma coisa que você vai achar ainda mais interessante. Nurcihan e Mehmet se encontram todo dia da semana, sem falta, e andam de restaurante em restaurante, de clube em clube noturno. Mehmet chega a levar Nurcihan aos velhos *gazinos* para ouvir música otomana, as velhas canções. Em todos esses lugares, ficaram amigos de cantores que costumavam se apresentar no rádio e agora têm setenta, oitenta anos.”

“Está falando sério?... Nunca vi Nurcihan como alguém que se interessasse por esse tipo de coisa.”

“Tudo porque se apaixonou por Mehmet. Na verdade, Mehmet nem sabe de tantas coisas assim sobre esses antigos cantores. Está se esforçando para descobrir só para deixar Nurcihan impressionada. Eles vão juntos ao mercado Sahaflar comprar livros antigos, e depois correm para o mercado de pulgas à procura de velhos discos. À noite vão ao Maksim e ao *gazzino* de Bebek para ouvir Müzeyyen Senar. Mas nunca escutam os discos juntos.”

“Como assim?”

“Bom, toda noite eles saem e vão para os *gazinos*”, disse Zaim com cuidado. “Mas nunca vão a

lugar algum onde possam ficar sozinhos e dormir juntos.”

“Como você sabe disso?”

“E aonde eles poderiam ir? Mehmet ainda mora com os pais.”

“Mas ele tinha um apartamento aonde levava as mulheres, numa transversal da Maçka.”

“Já me levou até lá para tomar um uísque”, contou Zaim. “É uma *garçonnière* típica. Nurcihan é inteligente demais para ir a esse apartamento horrível; e sabe que, se fosse, Mehmet consideraria imediatamente que isso era motivo para não se casar com ela. Até eu me senti mal naquele lugar: os vizinhos ficavam espiando pelo olho mágico, para ver se aquele sujeito tinha trazido outra prostituta.”

“E então, o que Mehmet deve fazer? Você acha fácil para um homem solteiro alugar um apartamento nesta cidade?”

“Podiam ir para o Hilton”, disse Zaim. “Ou ele podia comprar um apartamento num lugar decente.”

“Mehmet adora morar com a família.”

“E você também”, disse Zaim. “Posso lhe dizer uma coisa, como amigo? Mas só se você prometer não ficar aborrecido.”

“Não vou ficar.”

“Em vez de se encontrar em segredo no seu escritório, como se vocês estivessem fazendo algo errado, você devia ter levado Sibel para o apartamento do edifício Merhamet, aonde levava Füsün; aí vocês dois ainda estariam juntos.”

“Sibel disse isso?”

“Não, meu amigo. Sibel não fala dessas coisas com qualquer um”, disse Zaim. “Não se preocupe.”

Ficamos calados por um tempo. Estávamos gostando muito da nossa conversa sobre a vida alheia, mas agora fiquei abalado por ter minha vida discutida como se eu tivesse sofrido algum tipo de calamidade. Zaim percebeu que meu ânimo desabara e me contou o encontro que tivera com Mehmet, Nurcihan, Tayfun e Faruk, o Rato, todos sentados juntos num restaurante de sopas de Beyoğlu em plena madrugada.

Zaim me contou o episódio na esperança de me atrair de volta para minha vida antiga, mas também gostava de me contar o quanto se divertia. Escutei cada detalhe de sua história, muitas vezes exagerados, mas só fui pensar melhor nela mais adiante, quando cheguei à casa dos Keskin e me surpreendi refletindo com carinho sobre aquelas noites. Mas ninguém vá imaginar que estava deplorando a perda dos amigos ou os dias em que vagava pela cidade. É que às vezes, à mesa de jantar da família Keskin, eu tinha a impressão repentina de que nada acontecia no mundo, ou de que, se alguma coisa estava acontecendo, estávamos longe dela — só isso.

Na noite de que falei, em 1977, devo ter sucumbido a esse sentimento, porque me lembro de um momento em que me perguntei o que Zaim, Sibel, Mehmet, Tayfun, Faruk, o Rato, e todo o resto estariam fazendo. (Zaim tinha instalado radiadores elétricos em sua casa de verão e mandara o caseiro acender a lareira para uma grande festa, para a qual convidara “todo mundo”.)

“Olhe, Kemal, saiu o vinte e sete, e você tem o número no seu cartão!”, disse Füsün. Quando ela viu que eu não estava prestando a menor atenção, pôs uma fava seca no 27 do meu cartão de tômbola, e sorriu. “Pare de perder tempo e jogue!”, disse ela, olhando por um momento em meus

olhos com preocupação, ansiedade e até certa ternura.

Era exatamente para conseguir aquele tipo de atenção de Füsün que eu ia à casa dos Keskin. Senti uma felicidade extraordinária, mas que não fora fácil de conquistar. Sem querer perturbar minha mãe e meu irmão, escondi deles meus planos de passar o Ano-Novo na casa dos Keskin, jantando com os dois. Depois, os filhos de Osman — meus sobrinhos — gritaram: “Vamos, vovó, vamos jogar tômbola!”, e eu fui obrigado a jogar uma partida com eles. Enquanto estávamos todos jogando, troquei um olhar com Berrin, e talvez ela também tenha ficado impressionada com aquele pretensoso quadro de felicidade familiar, porque lembro que ela ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: “Nada errado, espero?”.

“Nada”, sussurrei. “Estamos nos divertindo, não viu?”

Mais tarde, correndo para a porta a pretexto de ir para a festa de Zaim, surpreendi outro olhar de Berrin, que não se deixara enganar. Mas não respondi.

Enquanto Çetin me levava para a casa da família Keskin, eu estava ansioso mas feliz. A primeira coisa que fiz depois de subir as escadas correndo e de entrar — além, claro, de saborear a alegria de deparar com os olhos de Füsün — foi tirar da sacola de plástico alguns dos prêmios que minha mãe preparara para os vencedores do jogo de tômbola na nossa casa, e distribuí-los pela ponta da mesa, exclamando: “Para os ganhadores da tômbola!”. Tia Nesibe também tinha preparado seus prêmios singelos para o jogo, como minha mãe vinha fazendo todo Ano-Novo desde a minha infância, e misturamos os prêmios das duas. Nossa diversão daquela noite jogando tômbola havia de se repetir a cada Ano-Novo por oito anos, e os prêmios de tia Nesibe sempre eram misturados aos que eu trazia comigo.

Aqui exponho o jogo de tômbola que usamos por oito Anos-Novos consecutivos na casa de Füsün. Por quarenta anos, desde o final da década de 1950 até o final da de 1990, minha mãe usava um jogo semelhante para entreter primeiro meu irmão, meus primos e eu, e depois seus netos. Quando a festa de Ano-Novo chegava ao fim, o jogo acabava, os prêmios tinham sido distribuídos e as crianças e os vizinhos começavam a bocejar e a cochilar. Tia Nesibe, como minha mãe, reunia com cuidado as peças, enchia o saco de veludo e contava os tentos numerados (noventa no total). Depois de embaralhar os cartões numerados, que atava com uma fita, recolhia as favas secas que usávamos para marcar os números e os guardava num saco de plástico até a próxima véspera de Ano-Novo.

Agora, tantos anos depois, quando tento explicar meu amor da maneira mais sincera possível, enumerando cada objeto por sua vez, tenho a impressão de que a tômbola captura o estranho e misterioso espírito desses dias. Inventada em Nápoles e ainda jogada pelas famílias italianas no Natal, a tômbola passou, com tantos outros rituais e costumes de Ano-Novo, das famílias italianas e levantinas de Istambul para a população em geral depois da reforma do calendário empreendida por Atatürk, logo se transformando em rito consagrado do Ano-Novo.

Todo ano, tia Nesibe incluía entre seus prêmios um lenço de criança. Seria para nos lembrar do velho ditado que dizia “Jogar tômbola no dia de Ano-Novo deixa as crianças felizes, e por isso os adultos devem lembrar-se de ficar felizes como crianças nesse dia”? Quando eu era menino e um convidado mais velho ganhava um prêmio originalmente destinado a uma criança, dizia invariavelmente: “Ah, exatamente o tipo de lenço de que eu precisava!”. Meu pai e seus amigos então

trocavam piscadelas, sugerindo que havia um sentido oculto além do nosso alcance de crianças. Ao vê-los agir assim, com aquele sarcasmo, eu me sentia como se os adultos não levassem o jogo a sério. Em 1982, num Ano-Novo chuvoso, quando consegui completar primeiro a linha superior de meu cartão de tômbola e gritei como uma criança, tia Nesibe disse: “Parabéns, Kemal Bey”, e me entregou o lençinho. E sim, eu disse: “Exatamente o tipo de lenço de que eu precisava!”.

“É um dos lenços de Füsün quando era criança”, disse tia Nesibe, totalmente séria.

Minha mãe ainda juntava aos prêmios alguns pares de meias de criança, como que para dar a entender não uma indulgência pródiga, mas que só escolhia alguns artigos domésticos essenciais. Dar aos prêmios uma aparência menos aguda de prenda nos permitia ver nossas meias, nossos lenços, o pilão que usávamos para esmagar nozes e amêndoas na cozinha ou um pente barato da loja de Alaaddin como artigos de grande valor, ainda que por pouco tempo. Na casa da família Keskin, todo mundo, inclusive as crianças, comemorava não por ganhar meias, mas porque tinha ganho o jogo. Agora, anos depois, tenho a impressão de que era assim porque nenhum dos objetos da casa pertencia a um membro específico da família, mas, como aquela meia, pertencia a toda a casa e a toda a família, enquanto eu sempre imaginara um quarto no piso superior que Füsün dividia com o marido, e nele um armário com os pertences dela; tive muitos sonhos atormentados sobre aquele quarto, as roupas dela e outras coisas nele guardadas.

Foi no Ano-Novo de 1980 que levei um prêmio surpresa para o jogo de tômbola — uma lembrança do meu avô, Ethem Kemal: o copo antigo em que Füsün e eu tínhamos tomado uísque em nosso último encontro, no dia do meu noivado. A partir de 1979, a família Keskin detectara meu costume de embolsar vários pertences da casa e substituí-los por artigos mais valiosos e caros, mas, a exemplo do meu amor por Füsün, aquilo nunca era mencionado; de maneira que não havia nada de estranho para eles num copo enfeitado como o que se via no antiquário de Rafi Portakal, girando em meio a lapiseiras, meias e sabonetes. O que partiu meu coração foi que, quando Tarik Bey ganhou, e tia Nesibe apresentou os prêmios, Füsün nem deu sinal de reconhecê-lo como o copo de cristal do dia mais triste de nosso caso.

Toda vez que Tarik Bey o usava para tomar rakı pelos três anos e meio que se seguiram, eu procurava rememorar a felicidade daquela última vez em que Füsün e eu tínhamos nos amado, mas, como uma criança condicionada por um tabu a tirar certo pensamento da cabeça, não conseguia chegar a essa memória sentado à mesma mesa que Tarik Bey.

O poder das coisas é inerente às memórias que acumulam em si mesmas, e também nas vicissitudes de nossa imaginação e nossa memória — disso não há nenhuma dúvida. Em outro momento eu não teria o menor interesse pelos sabonetes Edirne contidos naquela cesta e podia até achá-los de mau gosto, mas, como serviam de prêmios para a tômbola do Ano-Novo, aqueles sabonetes com a forma de damascos, marmelos, uvas e morangos me lembram do ritmo lento e humilde da rotina que reinava em nossas vidas. Creio devotamente e sem qualquer cálculo que esses sentimentos não são apenas meus, e que, ao ver esses objetos, os visitantes do meu museu muitos anos mais tarde hão de sentir a mesma coisa.

Com idêntica convicção, exponho aqui vários bilhetes da loteria do Ano-Novo daquele período. Como minha mãe, tia Nesibe sempre comprava um bilhete do grande sorteio de 31 de dezembro,

para servir como um dos prêmios da tómbola. Para o ganhador do bilhete, quem quer que fosse, os outros presentes em torno da mesa dos Keskin, como na minha casa, sempre diziam quase em uníssono: “Oh, vejam só, que sorte a sua... Tenho certeza de que vai ganhar também o sorteio”.

Devido a alguma estranha coincidência, Füsün ganhou os bilhetes de loteria de todos os anos entre 1977 e 1984. Mas quando o número vencedor era anunciado no rádio e na televisão pouco depois, por uma coincidência igualmente estranha, ela jamais ganhava nada, nem mesmo a devolução do preço do bilhete.

Como em nossa casa, em torno da mesa dos Keskin o velho ditado sobre o jogo de pôquer, o amor e a vida era repetido vezes sem conta, especialmente quando Tarık Bey jogava cartas com as visitas.

“Azar no jogo, sorte no amor.”

Era o que todos diziam compulsivamente, e assim em 1981, na véspera do Ano-Novo, depois de termos assistido ao sorteio ao vivo do grande prêmio da loteria, supervisionado pelo primeiro escrivão de Ankara, depois de verificarmos que Füsün não ganhara nada, eu, embriagado e impensadamente, dizia o mesmo.

“Tendo em vista que a senhora não ganhou nada na loteria, srta. Füsün”, dizia eu, imitando o herói nobre inglês que víamos na televisão, “deve ter sido premiada no amor!”

“Quanto a isso não tenho a menor dúvida, Kemal Bey”, respondia Füsün sem fazer qualquer pausa, como as heroínas elegantes e espirituosas do mesmo programa.

Os jornais conservadores como a *Milli Gazete*, o *Tercüman* e o *Hergün* sempre reclamavam da véspera de Ano-Novo, que, graças à tómbola, à loteria nacional, a todos aqueles jogos de cartas e às promoções generalizadas de restaurantes e clubes noturnos, aos poucos se transformava numa verdadeira orgia de bebedeira e jogatina. Quando famílias ricas muçulmanas de şişli e Nişantaşı começaram a comprar pinheiros para decorar e exibir nas janelas como os cristãos faziam nos filmes, lembro que até minha mãe ficou chocada, mas como eram pessoas que conhecia não chegou ao ponto de classificá-las de “degeneradas” ou “infiéis” como a imprensa religiosa, preferindo chamá-las de “desmioladas”.

Durante os preparativos para o Ano-Novo, havia milhares de vendedores anunciando bilhetes da loteria nacional nas ruas de Istambul, e alguns saíam vestidos de Papai Noel nos bairros mais ricos. Certa noite, em dezembro de 1980, quando escolhia os prêmios que levaria para a tómbola da casa de Füsün, vi um grupo variado de alunos do liceu ridicularizando um desses papais noéis, puxando sua barba de algodão e rindo. Quando cheguei mais perto, vi que aquele homem era o porteiro do edifício do outro lado da rua; enquanto os adolescentes puxavam seu bigode de algodão, Haydar Efendi suportava tudo em silêncio, segurando seus bilhetes, com os olhos baixos. Poucos anos mais tarde, a raiva que os conservadores sentiam da bebedeira e da jogatina durante essa comemoração descambou quando fundamentalistas islâmicos puseram uma bomba no hotel Mármara na praça Taksim, na confeitaria que fora decorada para a festa de Ano-Novo com um pinheiro imenso. Em torno da mesa da família Keskin, lembro-me bem, o atentado foi assunto obrigatório, mas bem menos comentado que o destino da dançarina programada para aparecer na televisão durante a programação de Ano-Novo. Quando Sertap, praticante de dança do ventre mais famosa da época, apareceu na televisão apesar das diatribes furiosas da imprensa conservadora, ficamos perplexos,

como quase todos os habitantes do país inteiro. A direção da TRT havia envolvido as curvas da linda Sertap em tantas camadas de roupa que não só sua barriga e seus seios “de fama internacional” estavam cobertos, mas também as suas pernas.

“Podiam tê-la obrigado a dançar também de véu, esses palhaços!”, disse Tarik Bey. Na verdade ele quase nunca se irritava com a televisão, e por mais que tivesse bebido jamais gritava com a tela como nós fazíamos quando irritados.

Fazia já alguns anos que eu comprava um *Saathl Maarif Takvimi*, o calendário que indicava os horários das preces, na loja de Alaaddin para levar como prêmio de tómbola para a casa de tia Nesibe. Na véspera do Ano-Novo de 1981, foi Füsün quem ganhou a folhinha, e por minha insistência pendurou na parede entre a televisão e a cozinha, mas ninguém dava atenção às páginas nos dias em que eu não ia lá, embora houvesse um poema do dia, uma nota diária sobre os acontecimentos históricos ocorridos naquela data, e a imagem de um mostrador de relógio, para que os analfabetos pudessem saber os horários das preces, além de receitas recomendadas, anedotas históricas e algumas citações.

“Tia Nesibe, você se esqueceu novamente de trocar a página da folhinha”, eu dizia no final da noite, quando os soldados batiam continência para a bandeira enquanto marchavam com passo de ganso na tela, e já tínhamos tomado vários copos de raki.

“Mais um dia encerrado”, dizia Tarik Bey. “Graças a Deus não passamos fome e temos teto, estamos de estômago cheio e sentados numa casa quentinha — o que mais se pode querer da vida?”

Por algum motivo, meu coração ficava reconfortado ao ouvir Tarik Bey dizer essas palavras despreziosas no final da noite, e assim — muito embora eu tivesse percebido ao chegar que tinham se esquecido de trocar a página do calendário — deixava para só falar disso no momento em que estava quase indo embora, quando desejava ouvir aquelas palavras de reconhecimento.

“O mais importante é que estamos todos juntos, com as pessoas de quem gostamos”, acrescentava tia Nesibe. Quando dizia isso, inclinava-se para beijar Füsün, e, se Füsün não estava a seu lado, ela chamava: “Venha aqui, minha nuvenzinha de tempestade, para eu poder lhe dar um beijo”.

Às vezes Füsün assumia uma expressão de garotinha e sentava-se no colo da mãe, permitindo que tia Nesibe passasse muito tempo acariciando-a, beijando seus braços, seu pescoço, seu rosto. Qualquer que fosse o estado das relações entre mãe e filha, elas mantiveram aquele ritual por todos os oito anos. Enquanto riam, trocavam beijos e abraços, Füsün sabia perfeitamente bem que eu olhava para ela, mas nunca devolvia diretamente meu olhar.

Houve ocasiões, também, em que, depois que tia Nesibe dizia suas palavras sobre “as pessoas de quem gostamos”, Füsün não ia para o colo da mãe, mas em vez disso pegava um menino vizinho, um garoto chamado Ali, que crescia depressa, punha-o no colo e, depois de acariciá-lo e cobri-lo de beijos, dizia: “Está na hora de você ir para casa, ou seus pais vão brigar conosco por manter você aqui”. Finalmente, havia as ocasiões em que Füsün estava de mau humor, porque ela e sua mãe tinham discutido de manhã, e, quando tia Nesibe chamava: “Venha aqui, minha filha”, ela respondia: “Ora, mamãe, por favor!”, obrigando tia Nesibe a responder: “Então pelo menos arranque a página da folhinha, para não ficarmos trocando as datas”.

E isso subitamente deixava Füsün muito sorridente, e, depois de se levantar para arrancar a página

do *Saatlı Maarif Takvimi*, lia o poema e a receita do dia em voz alta e meio teatral, rindo muito. Tia Nesibe comentava “Ah, que boa ideia, vamos fazer compota de marmelo e de uva, faz tanto tempo” ou “Ah, estão sugerindo alcachofra, mas ninguém mais colhe as alcachofras quando ainda cabem na palma da mão”. Às vezes ela fazia uma pergunta que me desconcertava: “Se eu fizesse um folheado de espinafre, vocês comeriam?”.

Quando Tarık Bey não escutava a pergunta ou estava melancólico demais para responder, Füsün se virava e me examinava em silêncio, com uma curiosidade sádica baseada na expectativa de que eu não me atreveria a me comportar como um membro da família de pleno direito, dizendo a tia Nesibe o que devia ou não preparar.

Eu sabia como me safar dessa situação difícil, dizendo: “Füsün adora folheados gostosos, tia Nesibe, e por isso você devia preparar”.

Às vezes Tarık Bey perguntava à filha as datas históricas importantes que apareciam na página que ela arrancara do *Saatlı Maarif Takvimi*, e ela lia em voz alta: “Em 3 de setembro de 1658, o exército otomano começou seu cerco ao castelo de Doppio”. Ou: “Em 26 de agosto de 1071, depois da Batalha de Malazgirt, a Anatólia abriu suas portas aos turcos”.

“Hummm, deixe eu dar uma olhada nisso”, dizia Tarık Bey. “Erraram a grafia de ‘Doppio’. Tome aqui, e leia o ditado do dia.”

“O lar fica onde está o coração e onde enchemos a barriga”, disse Füsün, lendo a frase em tom de ironia até nossos olhos se encontrarem e ela ficar séria.

De repente todos nos calávamos, como se cada um ponderasse o sentido profundo daquelas palavras. Depois que Füsün terminava de ler e punha de lado a página arrancada da folhinha, eu a pegava fingindo que queria lê-la sozinho e, quando ninguém estava olhando, guardava o papel no bolso.

Claro que esses pequenos furtos nem sempre eram fáceis, mas não quero me revelar ainda mais ridículo entrando nos detalhes das minhas dificuldades para subtrair tantos objetos de tamanhos e valores tão variados da casa da família Keskin. Que baste um exemplo do final da véspera de Ano-Novo de 1982: antes de deixar a casa com o lencinho que eu ganhara de prêmio na tómbola, o pequeno Ali, o filho do vizinho, que admirava mais Füsün a cada dia, aproximou-se de mim e, com um comportamento muito diferente de seus maus modos habituais, me disse: “Kemal Bey, sabe aquele lencinho que o senhor ganhou?”.

“O quê?”

“É um lenço de quando Füsün era criança. Posso ver de novo?”

“Ah, não tenho a menor ideia de onde guardei, Ali.”

“Mas eu sei”, respondeu o garoto. “Guardou no bolso, então ainda deve estar lá.”

E quase conseguiu enfiar a mão no meu bolso, mas dei um passo para trás. A chuva caía forte do lado de fora, e todo mundo se reunira junto à janela, de maneira que ninguém ouviu as palavras do menino.

“Ali, meu garoto, está ficando muito tarde, e você ainda está aqui”, disse eu. “Seus pais vão reclamar conosco.”

“Já vou, Kemal Bey. Mas o senhor vai me dar o lencinho de Füsün?”

“Não”, sussurrei franzindo a testa. “Preciso dele.”

## 59. Passando pela censura

Eu sabia havia anos, pelo que a imprensa publicava, que todos os filmes, tanto nacionais como estrangeiros, precisavam passar pelos censores do Estado antes de serem exibidos, mas até criar a Limon Filmes não fazia ideia do poder que eles tinham na indústria do cinema. Os jornais só falavam dos censores quando eles proibiam filmes de muito sucesso no Ocidente, como *Lawrence da Arábia*, categoricamente banido por insultar a Turquia, e *O último tango em Paris*, cujas cenas de sexo foram cortadas para deixar o filme mais artístico e mais arrastado que o original.

Um conhecido do Pelür Bar trabalhava na junta de censores havia vários anos; Hayal Hayati Bey era visitante frequente de nossa mesa, e numa noite nos contou que, na verdade, acreditava na democracia e na liberdade de expressão mais fervorosamente que qualquer europeu, mas não podia ceder terreno a gente disposta a convencer enganosamente nossa nação inocente e de boa vontade a explorar a arte do cinema com essa finalidade escusa. Como tantos outros *habitués* do Pelür, Hayal Hayati também trabalhava como diretor e produtor, e disse que tinha aceito a posição na junta de censores para “levar os outros à loucura!” — uma afirmação que pontuava, como fazia com qualquer piada, piscando o olho para Füsün. Hayal Hayati recebeu seu apelido (que significava “Sonho”) dos frequentadores do Pelür porque usava muito o termo quando circulava pelas mesas, falando dos filmes que pretendia fazer. Toda vez que chegava à nossa mesa, olhava perdidamente nos olhos de Füsün e contava a ela um dos filmes dos seus sonhos, pedindo-lhe toda vez uma opinião “imediate e sincera” independente de “considerações comerciais”.

“Linda ideia para um filme”, dizia Füsün toda vez.

“Quando o filme for feito, você vai ter que aceitar o papel principal”, respondia Hayal Hayati, no tom de um homem que sempre agia por instinto, levado pelo coração. Estávamos descobrindo que precisaríamos de algum tempo para fazer nosso filme decolar.

Segundo Hayal Hayati, a indústria cinematográfica da Turquia tinha toda a liberdade de fazer mais ou menos o que quisesse, contanto que os filmes não contivessem obscenidades nem cenas de sexo, interpretações inaceitáveis do Islã, de Atatürk, do Exército turco, do presidente, de figuras religiosas, dos curdos, dos armênios, dos judeus ou dos gregos. Claro, dizia essas coisas com um sorriso, porque já fazia meio século que os membros da junta de censores não se limitavam a obedecer aos ditames do Estado, banindo todos os temas que provocassem desconforto nos ocupantes do poder, mas tinham adquirido o costume de agir de acordo com suas próprias convicções, proibindo tudo que por acaso os contrariasse ou ofendesse e, como Hayal Hayati, derivando daí a considerável satisfação desse uso arbitrário de poder.

Hayati Bey contou histórias sobre os filmes que tinha proibido durante seu tempo de censor com o deleite de um caçador que se gaba dos ursos que capturara em suas armadilhas. Ríamos das suas histórias, tanto quanto os outros. Por exemplo, tinha proibido um filme sobre as aventuras de um desastrado guarda de segurança alegando que “degradava os guardas de segurança turcos”; um filme

sobre uma mulher casada, mãe de filhos, que se apaixonava por outro homem foi vetado porque “insultava a instituição da maternidade”; e um filme sobre as felizes aventuras de um pequeno vagabundo foi proibido porque “afastava as crianças da escola”. Infelizmente, o primeiro filme que Hayati Bey fizera depois do tempo que trabalhara na junta de censores também foi proibido, “e, lamentavelmente, a decisão foi um capricho, motivada apenas por questões pessoais”. Hayati Bey ficava muito irritado sempre que se falava no assunto. O filme, cuja produção custara bastante caro, foi totalmente proibido devido à cena de um jantar em que um homem se enfurecia à mesa da família porque a salada viera sem vinagre, e os censores sentiram-se instados a “proteger a família, base da sociedade”.

Enquanto conversava conosco, explicando como essa cena e mais duas brigas de família, igualmente ofensivas para os censores, tinham se baseado com toda inocência em sua própria vida, ficou claro que o que realmente perturbava Hayal Hayati era ter sido traído por seus antigos amigos da junta de censores. A se acreditar no que ele dizia, certa noite ele saíra para beber com eles e terminara brigando num beco com seu mais velho amigo da junta, supostamente por causa de uma mulher. Quando a polícia os recolheu na ruela enlameada e os transportou para a delegacia de Beyoğlu, nenhum dos dois deu queixa, e assim os policiais os convenceram a fazer as pazes e ir embora. Mas em seguida, quando pediu a liberação para exibir seu filme nos cinemas e salvar-se da falência, Hayal Hayati, que ainda reunia influência suficiente para obter um segundo julgamento, foi obrigado a retirar todas as cenas de briga que mais de longe pudessem prejudicar a instituição da família, com a exceção daquela em que um filho forte e brutal surrava a irmã mais nova por instigação da mãe devota; depois desses cortes, o filme passou pela junta de censores.

Hayal Hayati continuava convencido de que era “uma coisa relativamente boa no fim das contas” quando a censura só determinava o corte de cenas consideradas reprováveis pelo Estado. Pois mesmo um filme muito cortado podia ser exibido nos cinemas e, se ainda fizesse sentido, o produtor conseguia recuperar seu investimento. O pior resultado possível era uma proibição terminante. Para evitar essa calamidade, o Estado era gentilmente instado a dividir o processo de censura em duas fases.

Na primeira, o roteiro precisava ser enviado para que a junta aprovasse o tema e o conteúdo das cenas. Como era típico de todas as situações envolvendo trabalhos em que os cidadãos precisassem obter a “permissão” do Estado, uma complexa burocracia de licenças e propinas se desenvolvera, dando origem por sua vez a uma rede de despachantes e firmas que se ofereciam para encaminhar os requerimentos dos cidadãos. Lembro-me de muitas ocasiões naquele verão de 1977 em que me sentei diante de Feridun nos escritórios da Limon Filmes, fumando cigarros enquanto ponderávamos quais seriam os melhores despachantes a usar para *Chuva azul*.

Havia um esforçado grego de Istambul de quem todos gostavam e que era conhecido como Daktilo Demir, ou Demir, o datilógrafo. Sua maneira de expurgar um roteiro de forma a não ofender os censores era reescrevê-lo, em sua famosa máquina e com seu próprio estilo. Esse homem imenso, ex-boxeador (usara no passado o uniforme da equipe de Kurtuluş), era na verdade um homem muito requintado, dono de uma alma elegante. Sabia melhor que qualquer um como tornar um roteiro aceitável, suavizando suas arestas, amenizando em tom inocente as divisões profundas entre ricos e

pobres, trabalhadores e patrões, estuprador e vítima, mal e virtude, abafando o efeito de qualquer pronunciamento mais áspero ou crítico do herói no final do filme — palavras que pudessem ofender os censores mas deliciar a plateia —, acrescentando-lhes alguns clichês sobre a bandeira, a nação, Atatürk e Alá. Seu maior dom era o faro infalível para neutralizar os momentos mais vulgares e extremos do roteiro: ele sempre encontrava um modo leve e engraçado de devolver à ação o encanto inocente da vida cotidiana. Mesmo as grandes produtoras que contribuía com propinas regulares para a junta de censores confiavam seus roteiros a Daktilo Demir, ainda que não contivessem momentos inadequados, só para que ele pudesse injetar-lhes a doce aura de magia infantil que era sua marca registrada.

Quando descobrimos o quanto se deviam a Daktilo Demir os momentos mais líricos dos filmes que nos tinham comovido no verão anterior, nós três — Feridun achou que Füsün também deveria vir — decidimos visitar a casa do “Cirurgião de Roteiros” em Kurtuluş. Numa sala tomada pelo tique-taque de um imenso relógio de parede, vimos a antiga Remington a que ele devia seu lendário cognome, e sentimos a mesma aura mágica presente nos filmes que reescrevera. Demir Bey nos recebeu com grande gentileza, dizendo que ficaria encantado se deixássemos nosso roteiro com ele, para que, caso gostasse, pudesse remodelá-lo em sua máquina de escrever numa versão que certamente seria aprovada pela censura. Mostrando-nos a pilha de pastas de projetos entre os pratos de kebab e de frutas que nos apresentou, revelou que o processo não seria rápido, devido à imensa carga de trabalho que acumulara; indicando com um gesto suas filhas gêmeas de vinte e poucos anos, acomodadas na extremidade da enorme mesa de jantar e examinando com seus olhos míopes, através dos óculos de coruja, os roteiros que seu pai não tinha tempo de reescrever, ele admitiu, com orgulho paternal, que elas tinham ficado “ainda melhores” do que ele na reforma de roteiros. Füsün ficou muito contente quando a mais corpulenta das gêmeas lembrou-se de que tinha sido finalista do concurso nacional de beleza do *Milliyet* anos antes. Pena que tão poucas pessoas se lembrassem.

A mesma jovem nos devolveu o roteiro, reescrito e polido especialmente para Füsün, e acompanhado por palavras gentis de admiração (“Meu pai disse que é um verdadeiro filme de arte europeu”), mas a essa altura mais três meses tinham se passado. Füsün reagiu a esse atraso com amos e ocasionais queixas mais ásperas, obrigando-me a lembrar-lhe de que o trabalho do seu marido tinha sido igualmente lento.

Poucas oportunidades de falar com Füsün em particular, longe da mesa, ocorriam durante minhas visitas a Çukurcuma. Mas perto do final de toda noite nós nos encontrávamos ao pé da gaiola de Limon para nos certificar de que o pássaro tinha comida e bebida e um pouco de cartilagem de lula para bicar (que eu comprara no Mısır Çarşısı, o bazar de especiarias). Porém o arranjo estava longe de ser ideal, e precisávamos falar aos sussurros.

De tempos em tempos uma oportunidade mais fácil se apresentava: quando não estava passando algumas horas com as amigas da vizinhança que escondia de mim (na maioria jovens solteiras ou recém-casadas), quando não saía com Feridun para os bares do pessoal de cinema, quando não tinha tarefas domésticas a fazer nem estava ajudando a mãe com as costuras que ainda aceitava, ela ficava sozinha pintando aves. Era algo que descrevia da maneira mais prosaica, mas eu sentia a paixão por trás da suposta indiferença de amadora, e suas pinturas me faziam amá-la ainda mais.

O passatempo começara quando um corvo tinha pousado na sacada de ferro do quarto dos fundos do andar térreo, semelhante ao que pousara na varanda do apartamento do edifício Merhamet: quando Füsün se aproximou, a ave não se afastou dela. O corvo voltou em outras ocasiões, e de novo, em vez de simplesmente bater asas e ir embora, ficava ali empoleirado, olhando para Füsün com os cantos dos olhos brilhantes e ameaçadores, a ponto de deixá-la assustada. Um dia Füsün tirou uma foto do corvo, uma pequena fotografia em preto e branco que exponho aqui, e que ela mandou ampliar para usar como modelo para a trabalhosa aquarela que eu tanto admirava. Em seguida prosseguiu com um pombo que vinha pousar na mesma grade de ferro, e depois com uma andorinha.

Nas noites em que Feridun não estava em casa, antes do jantar ou durante um intervalo comercial mais longo, eu perguntava a Füsün: “Como está indo a sua pintura?”.

Se ela estivesse bem-disposta, respondia “Vamos até lá olhar”, e íamos até o quarto dos fundos, tomado pelos artigos de costura de tia Nesibe, seus tecidos e suas tesouras, e à luz fraca do lustre estudávamos juntos a pintura.

“Está linda, realmente linda”, eu dizia. Minhas palavras não eram menos sinceras por causa do desejo insuportável que eu sentia de passar a mão em suas costas ou apenas tocar sua mão. Eu comprava um lindo papel “de fabricação europeia”, além de cadernos e conjuntos de aquarela numa papelaria em Sirkeci para levar de presente para ela.

“Vou pintar todas as aves de Istambul”, dizia Füsün. “Feridun tirou a foto de uma andorinha. Vai ser a próxima. Estou fazendo esses quadros só para mim mesma, você sabe. Acha que algum dia uma coruja vai aparecer na grade da sacada?”

“Um dia você devia montar uma exposição”, disse eu uma vez.

“Na verdade, o que eu queria fazer era ir a Paris e ver os quadros dos museus de lá”, disse Füsün.

Às vezes ela estava irritável e desanimada. “Não consegui pintar nos últimos dias, Kemal”, dizia ela.

Ficava sempre claro que seu desânimo se devia à demora do filme: não só tínhamos deixado de começar a filmar como nem sequer conseguíamos um roteiro aceitável. Às vezes, sem ter acrescentado quase nada a uma pintura desde a última vez que a víamos, Füsün me levava ao quarto dos fundos para conversar sobre o filme.

“Feridun ficou tão insatisfeito com as mudanças feitas por Daktilo Demir que recomeçou a escrever tudo”, disse ela certa noite. “Eu falei com ele, mas você também precisa falar. Ele não pode demorar tanto assim. Precisamos começar logo esse meu filme.”

“Vou falar com ele.”

Três semanas mais tarde fomos de novo até o quarto dos fundos. Füsün terminara a pintura do corvo e começara a pintar lentamente a andorinha.

“Está ficando muito bom”, disse eu depois de admirar a pintura por muito tempo.

“Kemal, agora entendi que ainda faltam muitos meses antes de podermos começar a fazer o filme de arte de Feridun”, disse Füsün. “Os censores nunca deixam filmes desse tipo simplesmente passar; andam devagar, eles são muito desconfiados. No outro dia, no Pelür, Muzaffer Bey me ofereceu um papel. Feridun lhe contou?”

“Não. Quer dizer que vocês continuam a ir ao Pelür? Cuidado, Füsün, os homens de lá são todos

uns verdadeiros lobos.”

“Não se preocupe, Feridun toma o devido cuidado com isso, nós dois tomamos. Mas essa proposta foi séria.”

“E você leu o roteiro? É realmente uma coisa que você queira fazer?”

“Claro que não li o roteiro. Se eu concordar, eles mandam escrever um roteiro para mim. Querem se reunir comigo.”

“Qual é o enredo?”

“Que diferença faz, Kemal? Estamos falando de um dos melodramas românticos de Muzaffer. Estou pensando em aceitar.”

“Não se precipite, Füsün. Essas pessoas não prestam. Feridun devia se reunir com eles no seu lugar. Eles podem estar mal-intencionados.”

“Como assim?”

Não quis dar prosseguimento a essa conversa; voltei para a mesa.

Não me era difícil imaginar um diretor experimentado como Muzaffer Bey usando Füsün como a principal atração em um melodrama comercial, e tornando-a famosa de Edirna a Diyarbakır. Com sua beleza e bondade, ela certamente havia de encantar os espectadores — os desordeiros, os desempregados, as donas de casa que passavam o dia sonhando e os solteiros sedentos de sexo — que se apinhavam nos cinemas sufocantes fedendo às fornalhas de carvão que os aqueciam. Não demorou muito para me ocorrer que, se aquele sonho se realizasse e ela se transformasse numa estrela, ia passar a tratar mal não só a mim como também Feridun, possivelmente abandonando nós dois. Não pude suportar a ideia de que fosse o tipo de mulher capaz de manipular sem contemplação os repórteres das revistas em troca de fama e fortuna. Mas nos olhares dos frequentadores do Pelür eu via muita gente capaz de qualquer coisa para “nos” separar — e uso a primeira pessoa do plural porque foi a primeira que me ocorreu. Se Füsün se transformasse numa famosa estrela de cinema, aquilo só aumentaria meu amor por ela, e com ele meu medo de perdê-la.

O ar contrariado de Füsün persistiu até o fim do jantar, e, sabendo que minha beldade não estava pensando em mim nem no marido, fiquei ansioso e depois frenético. Já tinha calculado muito antes que, se Füsün fugisse com um diretor ou ator famoso que conhecesse num daqueles bares, abandonando a mim e ao marido, minha dor seria astronomicamente maior que tudo que eu sofrera no verão de 1975.

Será que Feridun percebia o perigo que nos ameaçava? Deve ter notado pelo menos vagamente os produtores comerciais que planejavam arrastá-la para um mundo distante e depravado, cujos riscos eu sempre cuidava de lembrar — em linguagem velada — enquanto insinuava que o filme de arte deixaria de ter sentido para mim se Füsün se degradasse estrelando um reles melodrama. De volta à minha casa, tomando raki sozinho na poltrona do meu pai, eu me perguntava ansioso se teria revelado coisas demais.

No início de maio, enquanto os dias mais amenos e a temporada de filmagens se aproximavam, Hayal Hayati veio até o escritório da Limon Filmes para nos dizer que uma jovem atriz semifamosa estava hospitalizada depois de ter levado uma surra de seu amante, e que aquele acontecimento infeliz também proporcionava uma excelente oportunidade para uma jovem linda e culta como

Füsun, mas Feridun, agora plenamente sabedor de minhas suspeitas, declinou gentilmente a oferta, e acho que nunca chegou a mencioná-la para Füsun.

## 60. Noites à beira do Bósforo, no restaurante Huzur

Às vezes, as coisas que éramos levados a fazer para manter Füsun a salvo dos lobos e chacais que a assediavam em cada ida ao Pelür nos causavam menos desgosto que alegria ou até ânimo. Quando, por exemplo, ouvimos falar que o Cravo-Branco, o colunista social de que os leitores devem se lembrar da minha festa de noivado no Hilton, planejava escrever um artigo sobre Füsun, no estilo “nasce uma estrela”, inventamos indícios abundantes de como ele era um cafajeste, de maneira a fazê-la conspirar conosco para evitá-lo como a um leproso. Quando um jornalista que se descrevia como poeta sentou-se à nossa mesa para anotar um poema que acabara de brotar de suas entranhas, atribuindo gentilmente a inspiração a Füsun, consegui cuidar para que a ode imortal não sobrevivesse àquele momento ou jamais viesse a ter nenhum leitor, instruindo furtivamente o idoso garçom Tayyar a jogá-la no lixo. Mais tarde, quando Feridun, Füsun e eu nos víamos a sós depois desses episódios, trocávamos impressões divertidas e, embora cada um de nós ocultasse certos detalhes conforme as respectivas pretensões, ríamos juntos como cúmplices autênticos.

Depois de algumas doses de bebida, a maioria do pessoal de cinema, dos jornalistas e dos artistas que frequentavam bares e tavernas como o Pelür tendia a entregar-se a uma autopiedade chorosa, mas só depois de duas doses de bebida é que Füsun ficava alegre como uma criança, tão efusiva como uma menina travessa, e em nossas idas aos cinemas de verão e aos restaurantes do Bósforo eu às vezes imaginava que a razão de sua alegria era nós três estarmos juntos. Há muito cansado das piadas e dos mexericos do Pelür, eu raramente ia ao bar, e quando ia era só para espionar quem estava assediando Füsun e, se possível, antes do fim da noite, retirar Füsun e Feridun do bar e levá-los, conduzidos por Çetin, para jantar em algum restaurante à beira do Bósforo. Füsun ficava amuada de sair mais cedo do Pelür, mas depois que entrava no carro se divertia tanto conversando com Çetin e conosco que eu concluía, como tinha feito no verão de 1976, que sairmos mais vezes para jantar fazia bem para todos nós. Mas primeiro eu precisava convencer Feridun. Estava fora de questão eu e Füsun irmos sozinhos comer em qualquer lugar, como se fôssemos amantes. Quando ele se recusava a se afastar dos seus amigos do mundo do cinema, eu convocava tia Nesibe para fazer parte do grupo e convencer Füsun e o marido a virem comer peixe no Urcan, em Sariyer.

No verão de 1977, convidamos Tarık Bey para vir conosco também, e quando ele se animava com a ideia toda a plateia de televisão da casa dos Keskin partia para jantar no Bósforo, com Çetin ao volante. Eu gostaria que cada visitante do nosso museu achasse esses jantares tão agradáveis quanto eu, e por isso entrarei em algum detalhe aqui. No fim das contas, a finalidade de um romance, como também de um museu, aliás, não é narrar nossas memórias com tamanha sinceridade que conseguimos transformar a felicidade individual numa felicidade compartilhável? Naquele verão, essas excursões às *meyhanes* do Bósforo logo se transformaram num hábito que todos adorávamos. Nos anos que se seguiram, fosse inverno ou verão, pelo menos uma vez por mês entrávamos no carro, animados como convidados para uma festa de casamento, e partíamos para um restaurante ou um dos grandes e famosos *gazinós*, para ouvir as canções e os idosos cantores de que Tarık Bey gostava tanto. Havia, claro, intervalos em que não nos entregávamos aos nossos prazeres — momentos de

tensão ou confusão entre mim e Füsün, ansiedade de que nossas filmagens jamais começassem — e esses períodos sem alegria podiam durar meses até que, inesperadamente, voltávamos a embarcar juntos no carro e percebíamos o quanto na realidade nos alegrava estarmos juntos, como éramos próximos e quanto amávamos uns aos outros.

Naqueles dias, o lugar mais popular às margens do Bósforo era a Tarabya, com sua fileira de restaurantes lotados transbordando para as calçadas, e os vendedores de cartões de tómbola caminhando por entre as mesas, além dos vendedores de mexilhões, dos vendedores de amêndoas frescas, dos fotógrafos que tiravam seu retrato e depois traziam a foto revelada em menos de uma hora, os sorveteiros, os conjuntos tocando música otomana e os cantores tradicionais que se apresentavam na maioria dos restaurantes. (Naquela época não se via um único turista.) Lembro-me de como tia Nesibe ria admirada da velocidade e da coragem dos garçons, que disparavam pelo estreito caminho que separava os restaurantes das mesas, fazendo curvas em meio à circulação intensa com suas bandejas pesadas carregadas de comida.

Da primeira vez que saímos juntos fomos a um restaurante relativamente modesto chamado Huzur (paz), que por acaso tinha uma mesa vazia, e de que Tarık Bey gostou instantaneamente por ficar ao lado do iluminado Mücevher Gazino, o que significa que era possível sentar no restaurante e escutar as antigas canções turcas “de certa distância e de graça”. Da vez seguinte, quando propus que podíamos ouvir melhor os cantores de dentro do próprio Mücevher, Tarık Bey disse: “Ah, não, Kemal Bey! Por que pagar para ouvir aquela orquestra horrível e aquela mulher com voz de corvo?”, mas passou o resto do jantar dando toda a atenção, às vezes alegre e às vezes irritado, à música que vinha do *gazino*. Corrigia os cantores “desafinados, sem ouvido” em voz alta, e terminava os versos antes deles, só para provar que sabia as letras de cor, e depois do terceiro copo de raki fechava os olhos e balançava a cabeça acompanhando a música, em profundo arrebatamento espiritual.

Em nossas idas ao Bósforo saindo da casa de Çukurcuma, em certa medida abandonávamos os papéis que desempenhávamos dentro da casa, o que me fazia adorar nossos passeios. Füsün sentava-se a meu lado no carro e no restaurante, o que nunca ocorria em casa. Quando estávamos ali sentados, cercados de outras mesas, ninguém percebia se meu braço encostava no dela, e, enquanto seu pai ouvia música de olhos fechados e sua mãe contemplava as luzes trêmulas do Bósforo na escuridão vaporosa, sussurrávamos um para o outro por cima do tumulto, conversando sobre qualquer coisa — a comida, a beleza da noite, como o pai dela era adorável — com a mesma hesitação de dois jovens acanhados que acabaram de se conhecer e só recentemente descobriram que um rapaz e uma moça podiam flertar ou travar uma relação, como ocorria na Europa. Füsün também se mostrava mais à vontade de outras maneiras; normalmente avessa a fumar na presença do pai, nos restaurantes do Bósforo dava suas baforadas como se fosse uma formidável empresária europeia. Lembro que certa vez, decidindo tentar a sorte, compramos um cartão de tómbola com um vendedor de óculos escuros e ar de vigarista e quando não ganhamos nada trocamos um olhar e dissemos: “Azar no jogo...”, o que produziu em nós dois um constrangimento terrível e, depois, muitas risadas.

Por mais que essa felicidade derivasse simplesmente de termos saído de casa e às alegrias gêmeas (tão decantadas pelos poetas das cortes otomanas) de beber vinho e sentar-se ao lado da pessoa

amada, havia também a distração dos muitos passantes, quando os engarrafamentos do trânsito no caminho entre os restaurantes e as mesas provocavam discussões entre os ocupantes das mesas e os ocupantes dos carros: “Por que você não olha para a frente em vez de olhar para a moça?”, dizia alguém, ou “Por que está jogando essa ponta de cigarro na minha direção?”. À medida que a noite avançava, os presentes mais embriagados começavam a cantar, e de mesa a mesa trocavam-se aplausos e exclamações em voz alta. De repente, uma dançarina “oriental” coberta de muitas lantejoulas aparecia correndo entre um restaurante e outro, a caminho de um espetáculo, e, quando seus trajes e sua pele bronzeada eram iluminados pelos faróis, os motoristas tocavam suas buzinas em êxtase, como navios tocando seus apitos no dia 10 de novembro para comemorar o momento da morte de Atatürk. Numa noite quente, o vento podia mudar de direção de uma hora para outra, e bruscamente a poeira e a sujeira que recobriam o lixo espalhado pela calçada de pedras à beira-mar — as amêndoas e suas cascas e as cascas das fatias de melancia e os papéis e jornais e tampas de refrigerante e espigas de milho e os dejetos de pombos e gaivotas e as sacolas de plástico — adquiriam vida, e imediatamente as árvores do outro lado da rua começavam a farfalhar, e tia Nesibe dizia: “Cuidado, a poeira está subindo, crianças, não deixem cair na comida!” e cobria seu prato com as mãos. Em seguida o vento tornava a mudar de direção e entrava por nordeste, trazendo um ar fresco cheirando a iodo.

Perto do final da noite, quando as pessoas começavam a discutir com os garçons, questionando as contas, e cantavam em todas as mesas, Füsün e eu encostávamos ainda mais nossos braços, pernas e mãos, tanto que às vezes eu achava que ia desmaiar. Não podia evitar pedir a um fotógrafo que tirasse nosso retrato, ou a uma cigana que lesse a nossa sorte como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Enquanto ficava ali sentado colado a Füsün, imaginava o dia em que nos casaríamos, olhava para a lua e me perdia em sonhos; assim que tomava mais um rakı com gelo percebia que ficara ereto como num sonho, mas então, trêmulo de prazer, não entrava em pânico, pois sentia como se eu — eu e ela — fôssemos, como nossos ancestrais no céu, almas purgadas da culpa e do pecado, e me abandonava a meus sonhos, a meus prazeres e à bem-aventurança de estar sentado ao lado de Füsün.

Não sei dizer por que conseguíamos ficar tão mais próximos quando saíamos, no meio de tanta gente e debaixo do nariz de seus pais, do que na casa de Çukurcuma. Mas era nessas noites que eu conseguia nos imaginar como um casal vivendo em harmonia, e constatar que — como diziam os redatores das revistas — “ficávamos muito bem juntos”. Não era pura imaginação. Lembro com enorme satisfação como certa vez, enquanto conversávamos, ela perguntou: “Quer experimentar um pouco?” e com meu garfo peguei uma prova das pequenas almôndegas escuras do prato dela, e como, noutra noite, novamente encorajado por ela, experimentei suas azeitonas, cujos caroços exponho aqui. Noutra noite, viramos nossas cadeiras de costas para conversar longa e amigavelmente com um jovem casal na mesa ao lado (por quem nos sentimos atraídos, creio, porque eram parecidos conosco: um homem de trinta e poucos anos e cabelos castanhos, e uma moça de vinte, com cabelos mais escuros e pele clara).

No final dessa mesma noite encontrei Nurcihan e Mehmet saindo do Mücevher Gazino, e sem mencionar nossos amigos comuns enveredamos imediatamente numa conversa séria sobre “qual das sorveterias do Bósforo ainda abertas àquela hora” era a melhor. Enquanto me despedia, apontei na

direção de Füsün, que embarcava no Chevrolet com sua mãe e seu pai, para quem Çetin segurava a porta aberta, e disse que saía com alguns parentes distantes para um passeio pelo Bósforo. E quero aproveitar a oportunidade para lembrar aos visitantes do meu museu em anos posteriores que durante as décadas de 1950 e 1960 havia muito poucos carros particulares em Istambul, e as pessoas suficientemente ricas para importar carros dos Estados Unidos ou da Europa muitas vezes levavam seus familiares para fazer passeios pela cidade. (Quando eu era menino, lembro que minha mãe às vezes se virava para meu pai e dizia: “Saadet Hanım quer passear de carro com o marido e os filhos. Você quer vir também ou devo ir com eles e Çetin?”. Às vezes ela dizia apenas “o chofer”. E a resposta habitual do meu pai era: “Meu Deus, não! Pode sair você com eles. Estou ocupado”.)

No caminho de volta, no carro, tínhamos o costume de cantar todos juntos, e era sempre Tarık Bey quem começava. Primeiro ele murmurava uma antiga melodia, e, enquanto tentava lembrar-se da letra, pedia que o rádio fosse ligado; eu procurava por uma canção conhecida e ele começava a cantar alguma velha melodia que nos tivesse chegado do Mücevher Gazino naquela noite. Às vezes, enquanto eu procurava uma estação, ouvíamos vozes de países distantes falando em línguas desconhecidas, e por algum tempo ficávamos calados. “Rádio Moscou”, dizia Tarık Bey, num tom enigmático. Depois, assim que se lembrava, cantava os primeiros versos de uma canção, e em pouco tempo tia Nesibe e Füsün estavam cantando com ele. Enquanto rodávamos em meio às sombras escuras e aos grandes plátanos da beira do Bósforo, eu ficava escutando o concerto do banco de trás e, virando-me, tentava fazer uma segunda voz quando eles cantavam “Velhos amigos” de Gültekin Çeki, embora — para meu constrangimento — nunca me lembrasse da letra inteira.

Sempre que cantávamos juntos no carro, ou ríamos e jantávamos juntos num restaurante do Bósforo, a mais feliz de todos nós era na verdade Füsün, mas ainda assim, toda vez que surgia uma oportunidade, ela queria ir ao Pelür, ver seus amigos do mundo do cinema. Por isso, eu sempre dependia de convencer antes tia Nesibe. Ela, por sua vez, nunca queria deixar passar uma oportunidade de juntar Füsün e eu. Outro recurso era convencer Feridun, certas vezes convidando ainda Yani, um amigo operador de câmera que ele detestava deixar para trás. Feridun usava as dependências da Limon Filmes para produzir alguns comerciais com Yani, e eu não me opunha, achando prudente deixá-los ganhar algum dinheiro, embora às vezes me perguntasse como eu faria para ver Füsün se um dia Feridun realmente ganhasse muito dinheiro e saísse da casa dos sogros, mudando-se para outro lugar com a mulher. Às vezes eu percebia, envergonhado, que esses pensamentos minavam minha intenção de me entender bem com Feridun.

Tia Nesibe e Tarık Bey não vieram conosco ao Tarabya naquela noite, de maneira que não ficamos ouvindo os cantores no *gazino* ao lado, nem cantamos no caminho de volta para casa. Füsün sentou-se ao lado do marido, não de mim, e mergulhou na conversa sobre o mundo do cinema.

Foi a memória dessa noite penosa que me levou, noutra ocasião, quando saía do Pelür com Füsün e Feridun, a dizer a um amigo de Feridun que não havia lugar no carro, pois íamos pegar os pais de Füsün para ir jantar. Posso ter dado a notícia de maneira um pouco brusca. O homem tinha uma testa ampla e bonita; vi surpresa e até mesmo fúria em seus escuros olhos verdes, mas afastei-o desse espírito. Mais tarde, tendo chegado a Çukurcuma, consegui convencer tia Nesibe e Tarık Bey, com poucas palavras e alguma ajuda de Füsün, e então partimos para o restaurante Huzur em Tarabya.

Estávamos sentados lá, comendo e bebendo já havia algum tempo, lembro-me bem, quando percebi que não havia paz à nossa mesa, pois os modos tensos de Füsün davam o tom da noite, que não me trouxe prazer algum. Eu tinha acabado de me virar para ver se não havia um vendedor de tãmbola por perto para nos divertirmos, ou vendedores de nozes recém-abertas, quando avistei o homem com os escuros olhos verdes sentado a duas mesas de nós. Estava com um amigo, olhando para nós enquanto bebia. Feridun percebeu que eu os vira.

“Seu amigo deve ter entrado num carro e vindo atrás de nós”, disse eu.

“Tahir Tan não é meu amigo”, respondeu Feridun.

“Não é o mesmo homem que pediu para vir conosco quando saímos do Pelür?”

“É ele, mas não é meu amigo. Ele posa para fotonovelas turcas e trabalha em filmes de aventura. Não gosto dele.”

“E por que ele nos seguiu?”

Por um instante ninguém disse nada. Füsün, sentada ao lado de Feridun, ouvira o que tínhamos dito e estava ficando constrangida. Tarık Bey se perdera na música, mas tia Nesibe também escutou. E nesse momento adivinhei, pelas expressões de Feridun e Füsün, que o homem estava vindo na nossa direção, e me virei.

“Desculpe-me, Kemal Bey”, disse Tahir Tan. “Não queria perturbá-los. Mas gostaria de falar com a mãe e o pai de Füsün.”

Assumi a postura de um jovem elegante de boas maneiras que acabara de ver uma jovem bonita no casamento de um oficial, e que vem pedir permissão a seus pais antes de tirá-la para dançar, obedecendo aos conselhos das colunas de etiqueta dos jornais.

“Desculpe, mas há um assunto que eu gostaria de tratar com o senhor”, disse ele, dirigindo-se a Tarık Bey. “Há um filme que Füsün...”

“Tarık, olhe, este senhor quer lhe dizer uma coisa”, disse tia Nesibe.

“Mas estou falando com a senhora também. A senhora é mãe de Füsün, não é? E o senhor é o pai dela. Sabiam que dois importantes produtores, Muzaffer Bey e Hayal Hayati — ambos figuras de relevo da indústria cinematográfica da Turquia — ofereceram papéis importantes à sua filha? Mas nos deram a entender que o senhor e a senhora não consentiam porque havia cenas de beijo nos filmes.”

“Não é nada disso”, disse friamente Feridun.

Como sempre em Tarabya, o nível de ruído era altíssimo. Tarık Bey ou não ouvira nada ou então — como tantos pais turcos que se viam na mesma situação — fingira não ter escutado.

“Nada disso?”, perguntou Tahir Tan, em tom mais áspero.

Ficou claro para todos nós que ele bebera muito e estava procurando briga.

“Tahir Bey”, respondeu cuidadosamente Feridun, “saímos para um jantar em família, e não queremos discutir nada ligado ao cinema.”

“Mas eu quero... Füsün Hanım, por que está com tanto medo? Não pode simplesmente dizer que quer um papel no filme?”

Füsün desviou o olhar. Fumava calmamente e ganhava tempo. Eu me levantei. Feridun também. Ambos nos interpusemos entre o homem e nossa mesa. Nas mesas que cercavam a nossa, as cabeças

começaram a se virar na nossa direção. Devemos ter assumido a postura de galode rinha que os homens turcos sempre assumem antes de brigar. Ninguém queria perder aquele drama; à nossa volta, bêbados entediados e curiosos se preparavam para assistir a um bom espetáculo. O amigo de Tahir levantou-se da mesa e se aproximou.

Um garçom mais velho que tinha visto muitos anos de brigas de bar interveio. “Nada disso, senhores, não vamos formar um ajuntamento aqui. Voltem para as mesas.” E acrescentou: “Todo mundo bebeu bastante, e alguém vai acabar perdendo a cabeça. Kemal Bey, já estamos trazendo seus mexilhões fritos e o peixe salgado”.

Para que não entendam mal, quero informar aos visitantes que vierem ao nosso museu daqui a séculos — essas felizes gerações do futuro — que naquele tempo os homens turcos aproveitavam o menor pretexto para começar uma briga em qualquer lugar — fosse um café, uma fila de hospital, um engarrafamento de tráfego ou um jogo de futebol — e que era considerada uma grande desonra dar a impressão de recuar de um confronto. Evitar uma briga ou encolher-se era visto como uma desonra sem atenuantes.

O amigo de Tahir chegou por trás e pôs a mão no ombro dele; levou-o embora, agindo como se eles fossem “os que mantiveram a dignidade”. Feridun *me* puxou pelo ombro, como se dissesse “De que adianta?”, e me obrigou a sentar. Fiquei muito grato a ele por isso.

Enquanto o vento norte soprava e o holofote de um navio cortava a noite, iluminando as ondas agitadas, Füsün continuava fumando, como se nada tivesse acontecido. Olhei nos seus olhos por muito tempo, e em nenhum momento ela desviou o olhar. Havia certo desafio, quase arrogante, na maneira como ela me olhava; percebi de repente que a mudança que ela sofrera nos últimos dois anos era muito maior e mais perigosa que aquele pequeno problema que acabáramos de ter com um ator bêbado — assim como suas expectativas.

Tarık Bey somou sua voz à canção que saía do Mücevher Gazino, balançando lentamente a cabeça e seu copo de rakı enquanto entoava “Por que amei essa mulher cruel?”, de Selahattin Pınar. Todos começamos a cantar juntos, sabendo que compartilhar o sofrimento de uma canção faria bem a todos nós. Muito mais tarde, perto da meia-noite, enquanto voltávamos para casa, cantando juntos no carro, parecia que tínhamos esquecido do desagradável incidente.

## 61. O olhar

Mas eu não esquecera a traição de Füsün. Ficou claro que, tendo reparado nela no Pelür, Tahir Tan ficara encantado e convencera Hayal Hayati e Muzaffer Bey a convidá-la para papéis em filmes. Ou, o que era ainda mais provável, tendo percebido o interesse de Tahir Tan por Füsün, Hayal Hayati e Muzaffer Bey tinham lhe oferecido papéis em filmes. Depois que Tahir Tan recuou, Füsün, comportando-se como um gato que acabara de virar a tigela de leite, confessou que, para dizer o mínimo, tinha estimulado esses homens a lhe fazer um convite.

Depois dessa noite no restaurante Huzur em Tarabya no verão de 1977, Füsün foi banida de todos os redutos do pessoal de cinema em Beyoğlu, e mais especialmente do Pelür; seu ressentimento em

resposta a esse regime, fosse imposto pelo marido, por seu pai ou por ambos, precipitou uma fúria carrancuda na minha visita seguinte.

Mais adiante, no escritório da Limon Filmes, Feridun esclareceu que tanto tia Nesibe quanto Tarık Bey tinham ficado alarmados com o episódio. E por isso não só o Pelür fora proibido; por algum tempo, restringiram também seus contatos com as amigas da vizinhança. Não podia sair sem a permissão da mãe, como se ainda fosse solteira. Feridun tentou atenuar a raiva de Füsün com aquele encarceramento draconiano mas breve, prometendo que ele tampouco iria ao Pelür Bar. Mas ficou claro para nós que começar a fazer logo o filme de arte era nossa única esperança de restaurar seu ânimo.

O filme, entretanto, ainda não estava pronto para ser submetido à censura, e não me parecia que Feridun pudesse remediar a situação em pouco tempo. No quarto dos fundos, onde começara a pintar uma gaivota, Füsün me revelou que tinha uma consciência clara e dolorosa desse fato, e fiquei triste por ela, embora o espetáculo de sua obstinação me levasse a só lhe perguntar raramente como ia sua pintura. Era quando por acaso a surpreendia de bom humor, e assim me sentia assegurado de que nossa conversa iria tratar da pintura de gaivotas, que eu a seguia até o quarto dos fundos.

Quase sempre eu chegava e encontrava uma Füsün desalentada, e sentia seus olhos furiosos pousados em mim. Às vezes ela me parecia convencida de que era capaz de se comunicar com uma eloquência pormenorizada apenas através do olhar, e me fitava de um modo muito particular que eu não conseguia traduzir em palavras. Mesmo que passássemos quatro ou cinco minutos no quarto dos fundos, contemplando sua pintura, a maior parte da noite era dedicada a esses olhares e meus esforços para decifrá-los, entender o que ela achava de mim, da vida dela e de seus sentimentos. No passado eu desprezava esses exercícios, mas me entreguei às sutilezas da comunicação não verbal, e em pouco tempo me tornei um praticante muito habilidoso.

Na juventude, quando ia com meus amigos ao cinema ou sentava-me com eles à mesa de um restaurante na primavera, no deque superior de uma balsa, a caminho das ilhas, lembro que quando um de nós dizia “Veja só, aquelas garotas ali estão olhando para nós”, enquanto os outros se agitavam, eu ficava indiferente na minha desconfiança, sabendo que, na verdade, as moças raramente se atreviam a olhar para homens num lugar público, e que, se por acaso seu olhar se cruzava com o de um deles, ela desviava os olhos de imediato, como quem evita fitar diretamente o sol, e nunca mais olhava naquela direção. Durante os primeiros meses depois que comecei minhas visitas à casa da família Keskin na hora do jantar, quando estávamos todos sentados à mesa vendo televisão e em algum momento inesperado nossos olhos se encontravam, era exatamente aquele tipo de olhar abortado que Füsün me dirigia. Era, achava eu, a maneira como uma jovem turca poderia reagir ao encarar um estranho na rua, e eu não gostava. Mais tarde, comecei a considerar aquilo como um esforço de Füsün para me provocar, mas naquela época ainda era muito inexperiente na arte da troca de olhares.

Nos velhos tempos, mesmo em Beyoğlu, estivesse ou não de cabeça coberta, qualquer mulher andando pelas ruas de Istambul, percorrendo suas lojas ou mercados, não se limitava a evitar os olhos dos homens, mas nunca era vista lançando um olhar na direção deles. Por outro lado, eu era jovem o suficiente para conhecer vários casais que, diferentemente da maioria que ainda aceitava o casamento

arranjado, capturaram o olhar um do outro, conseguiram ser apresentados e acabaram se casando. “No começo nos comunicávamos com os olhos”, diziam invariavelmente. Mesmo minha mãe sempre contava que, antes que seu casamento com meu pai fosse arranjado, os dois se viram de longe num baile a que compareceu o próprio Atatürk e, tendo simpatizado um com o outro, chegaram a um entendimento não pela conversa, mas através da troca de olhares. Apesar de meu pai nunca ter contestado esse seu relato, certa vez me confidenciou que, embora de fato ambos tivessem comparecido a um baile com a presença de Atatürk, ele infelizmente não tinha nenhuma lembrança da jovem de dezesseis anos com seu vestido elegante e suas luvas brancas.

Talvez tenha sido por passar parte da minha juventude nos Estados Unidos que demorei tanto para entender o que significa para os dois sexos trocar olhares num mundo como o nosso, onde a tradição ditava que a mulher jamais podia se encontrar com um homem ou conhecê-lo fora do círculo familiar. Isso só aconteceu quando passei dos trinta anos, depois que conheci Füsün... Mas ao descobrir essa realidade entendi o valor do que acabara de desvendar e como essas correntes eram profundas. O olhar que Füsün me dirigia era o mesmo que as mulheres exibiam nas antigas miniaturas persas, que agora podia ser visto nas cenas de amor e nas fotonovelas de nossa época. Quando eu me sentava à mesa de frente para ela, minha atenção não se fixava na televisão, mas na leitura dos olhares que minha beldade lançava em minha direção. Por ela ter descoberto quanto prazer eu obtinha dessa troca e por querer me punir, ou por qualquer outro motivo, toda vez que nossos olhos se encontravam, os olhos de Füsün se desviavam às pressas, como se ela fosse uma menina tímida.

Num primeiro momento, achei que ela quisesse me informar que não tinha nenhum desejo de recordar ou de me lembrar do que tínhamos vivido juntos, muito menos durante os jantares em família, e que seu ressentimento por ainda não a termos transformado numa estrela ardia mais forte que nunca. Eu sentia que Füsün tinha todo o direito a esses sentimentos. Mais tarde, porém, acabei contrariado com aquela evasão sistemática do meu olhar, que me parecia um fingimento absurdo: depois de todas as nossas felizes tardes de amor, como ela poderia querer representar uma virgem acanhada diante de um homem desconhecido? Quando ninguém estava prestando atenção a nós enquanto jantávamos e tínhamos nos entregado à televisão, onde fôramos comovidos às lágrimas pelo espetáculo de um casal que trocava suas últimas despedidas em um seriado sentimental, um encontro casual de nossos olhos me causava grande alegria, e reconhecimento de bom grado que só fora lá aquela noite para olhar em seus olhos. Mas Füsün fingia que não percebera a felicidade daquele momento e desviava os olhos, o que partia meu coração.

Será que ela percebia que eu só estava lá porque não conseguira esquecer o quanto tínhamos sido felizes juntos no passado? Finalmente acabei sentindo que ela entendia, pela minha expressão, que eu vivia mergulhado nesses pensamentos e sentimentos de dor. Mas talvez fosse apenas a minha imaginação.

Esse domínio ambíguo, no limiar entre o sentido e o imaginado, foi minha segunda grande descoberta sob a condução de Füsün na intrincada arte da troca de olhares. Claro, o olhar era a única forma de comunicação em que não havia palavras. Tudo que se manifestava, tudo que precisava ser entendido, porém, tinha raízes profundas numa ambiguidade que achávamos irresistível. Se eu não

fora capaz de entender alguma coisa que Füsün pretendia dizer com os olhos, dali a algum tempo conseguiria ver que o que seus olhos pretendiam exprimir era o próprio olhar. Havia, num primeiro momento, esses raros instantes em que uma emoção profunda e poderosa se manifestava em seu rosto, e, sentindo sua raiva, sua determinação e seu coração tempestuoso, eu me via perdido numa confusão, sentindo como se o chão tivesse sumido de debaixo dos meus pés. Mais tarde, porém, quando alguma coisa na televisão evocava as memórias felizes que tínhamos em comum — por exemplo, um casal se beijando como no passado nos beijamos — e minha tentativa de capturar seu olhar era respondida pelo desvio dos seus olhos ou mesmo pelo gesto de virar a cabeça, eu ficava furioso. E graças a essa emoção aprendi a controlar o hábito de olhar para ela com insistência, obstinadamente, sem piscar.

Eu olhava diretamente nos olhos dela e a estudava com cuidado, como se tivesse todo o tempo do mundo. Claro, à mesa do jantar esses meus olhares nunca podiam durar mais que dez ou doze segundos, e minhas tentativas mais ousadas não persistiam por mais de meio minuto. As gerações modernas bem podem considerar o que eu fazia uma forma de assédio. Pois com meus olhares insistentes eu abordava, à mesa de jantar da família, a intimidade e o amor que tínhamos vivido no passado e que Füsün agora preferia esconder ou até esquecer. Não posso me desculpar alegando que todos tínhamos bebido, ou que eu tivesse bebido além da conta. Em minha defesa, posso dizer apenas que, se eu me negasse até essa alegria do olhar, podia ter enlouquecido e inclusive perdido minha vontade de visitar a família Keskin.

Na maioria das noites, Füsün conseguia perceber, depois dos primeiros olhares, se eu estava tomado por aquela disposição irritada e obsessiva em que tendia a recorrer a olhares prolongados na procura incansável do que pretendia, mas jamais entrava em pânico; em vez disso, como todas as mulheres turcas escoladas nessa arte, fingia não ter nem sequer percebido que havia um homem sentado de frente para ela do outro lado da mesa com uma expressão de ameaça nos olhos, e não me dirigia nem um vislumbre em reação. Essa resposta enlouquecedora me deixava ainda mais irritado, e eu a fitava com uma expressão mais determinada. Em sua coluna do *Milliyet*, o famoso cronista Celâl Salik proferiu muitas advertências severas contra os homens irados que andam pelas nossas ruas: “Quando você deparar com uma bela mulher”, disse ele, “por favor não crave o olhar nela como se estivesse decidido a matá-la”. E a ideia de que Füsün pudesse entender meu olhar insistente como prova de que eu era um desses homens a quem Celâl se dirigia fazia-me arder com uma fúria renovada.

Sibel conversara muito comigo sobre a maneira como os homens recém-chegados das províncias incomodavam as mulheres; quando viam uma bela mulher usando batom e de cabeça descoberta, paravam e ficavam olhando para ela com um espanto maldoso. Muitas vezes, depois de olhá-la longamente da cabeça aos pés, alguns desses homens saíam no encalço de suas presas, enquanto outros revelavam sua presença de maneira mais sutilmente ameaçadora, passando horas, às vezes dias, a segui-la de certa distância.

Uma noite, em outubro de 1977, Tarık Bey subiu mais cedo para a cama, dizendo que se sentia “indisposto”. Füsün e tia Nesibe conversavam carinhosamente, e eu as observava meio distraído, acho, quando de repente Füsün me olhou direto nos olhos. E eu a fitei de volta da maneira cautelosa

que recentemente aprendera.

“Não faça isso!”, disse Füsün.

Aquilo me desconcertou por um instante. Füsün imitara perfeitamente o meu olhar penetrante. Num primeiro momento, fiquei envergonhado demais para responder.

“O que você está querendo me dizer?”, murmurei.

“Estou querendo lhe dizer para parar de fazer isso”, disse Füsün, e então tornou a me imitar, dessa vez com exagero. Sua imitação de mim fez-me ver minha semelhança desagradável com os heróis das fotonovelas.

Até tia Nesibe sorriu dessa troca. E então ficou preocupada. “Pare de imitar tudo e todo mundo como uma criança, minha filha!”, disse ela. “Você não é mais uma garotinha.”

“Não se preocupe, tia Nesibe”, disse eu, reunindo todas as minhas forças. “Eu entendi perfeitamente Füsün.”

Tinha entendido mesmo? É importante, sem dúvida, entender a pessoa que amamos. Se não conseguimos esse entendimento, pelo menos precisamos acreditar que a entendemos. Devo confessar que ao longo de todos esses oito anos só raramente senti a satisfação da segunda possibilidade, e menos ainda da primeira.

A noite ameaçava se transformar numa daquelas em que eu não conseguia levantar da minha cadeira. Lançando mão de toda a minha força de vontade, finalmente me pus de pé e, murmurando que estava muito tarde, fui embora. Em casa, bebendo até cair, resolvi nunca mais voltar à casa dos Keskin. No quarto ao lado minha mãe ressonava um lamento dolorido, mas perfeitamente saudável.

O leitor já deve ter adivinhado que mergulhei em seguida numa indignação profunda. Mas não durou muito. Dez dias depois toquei a campainha da casa dos Keskin, como se nada tivesse acontecido. Ao entrar, pude ver, no momento em que nossos olhos se encontraram, que os olhos de Füsün brilhavam, dizendo que ela estava feliz por me ver. Naquele instante, me senti o homem mais feliz do planeta. Sentamo-nos à mesa, onde continuamos a trocar olhares.

À medida que passavam os meses e anos, e eu continuava a frequentar a mesa da família Keskin, vendo televisão com Tarik Bey e tia Nesibe, tagarelando a esmo sobre isso ou aquilo — com Füsün entrando na conversa em tangentes ocasionais —, experimentei prazeres que jamais conhecera antes. Pode-se dizer que eu estava criando uma nova família para mim. Aquelas noites em que me sentei de frente para Füsün, participando das conversas da família, alegravam-me e faziam o mundo me parecer tão radiante que quase esqueci a dor que me conduzira até lá.

E era assim que, numa disposição de espírito dessas, tarde da noite, em algum momento inesperado, meus olhos encontravam os dela por acaso e de repente eu me lembrava de meu amor imorredouro e chegava a me levantar animado, como se tivesse despertado, como se sofresse uma súbita ressurreição. Queria que Füsün soubesse do meu sentimento. Pois, se ela pudesse só por um momento despertar como eu tinha despertado daquele sonho inocente, se lembraria do mundo mais profundo e verdadeiro em que vivemos certa época, e logo haveria de deixar seu marido e casar-se comigo. Mas quando eu não via uma “lembrança”, um “despertar” como esse nos olhos de Füsün, ficava desolado demais para levantar da minha cadeira.

Por todo o tempo que nossos planos cinematográficos passaram no limbo, ela de algum modo

conseguiu nunca me olhar de uma forma que sugerisse qualquer memória de como tínhamos sido felizes. Mantinha uma expressão contida, fingia estar fascinada por qualquer coisa que a televisão exibisse ou pelas novidades que tinha acabado de ouvir sobre algum vizinho, agindo como se sua vida tivesse encontrado a plenitude sentada à mesa de jantar de seus pais, como se sua procura de um sentido para a vida tivesse acabado ali e fosse na verdade o fim abrupto da minha procura também — essa impressão de desolação que não prenunciava qualquer futuro conjunto, qualquer esperança de que Füsün jamais viria a deixar o marido.

Anos depois desses acontecimentos, percebi o quanto os olhares indignados de Füsün e o resto de sua pantomima em código deviam às expressões dos filmes turcos. Mas não se tratava de mera imitação, porque Füsün, como aquelas heroínas, era incapaz de explicar seus problemas à sua mãe, ao seu pai ou a qualquer homem, de maneira que canalizava toda a sua cólera, todo o seu desejo e todas as suas outras emoções para esses olhares, carregados de significação.

## 62. Para ajudar a passar o tempo

Ver Füsün regularmente também me permitia impor alguma ordem ao resto da minha vida. Como eu dormia o suficiente, sempre ia para o escritório de manhã cedo. (Inge ainda tomava refrigerantes Meltem e me sorria com ar de mistério da parede daquele edifício em Harbiye, mas, segundo Zaim, o efeito dela sobre as vendas diminuiria.) Liberado da necessidade de pensar obsessivamente em Füsün, eu vinha até exibindo certa produtividade. Conseguia identificar os truques alheios e tomar boas decisões.

Como eu esperava, não demorou muito para que a Tekyay, a empresa em que Osman nomeara Kenan diretor, se transformasse em forte concorrente da Satsat. Mas seu sucesso não se devia ao modo como era administrada por Kenan e meu irmão. O fato é que Turgay Bey (e meu espírito se anuviava cada vez que eu pensava no seu Mustang, na sua fábrica e em sua paixão por Füsün, embora por algum motivo não sentisse mais ciúmes), o magnata da tecelagem, entregara à Tekyay os direitos de distribuição de alguns de seus produtos mais importantes. Homem de bons sentimentos, Turgay Bey esquecera aquela história de não ter sido convidado para a festa do Hilton; ele e sua família viviam então em ótimos termos com Osman e a família dele. Assinantes das mesmas revistas de viagem, tinham ido esquiar todos juntos em Uludağ no inverno, e tinham feito viagens conjuntas de compras em Paris e Londres na primavera.

Fiquei espantado com a tática agressiva da Tekyay, embora houvesse pouco que pudesse fazer para lhes opor resistência. Kenan saíra atrás dos jovens gerentes dinâmicos que eu contratara para a Satsat, além dos dois gerentes de meia-idade cujo trabalho árduo e cuja honestidade vinham sendo um dos baluartes da empresa havia muitos anos; atraídos pelos salários bem maiores que a ousada Tekyay lhes oferecia, todos eles me deixaram.

Mais de uma vez, em meus jantares com minha mãe, me queixei de que Osman era tão ambicioso e fazia tanta questão de levar vantagem que concorria com a empresa fundada pelo próprio pai, mas em resposta minha mãe disse apenas: “Não quero me meter entre vocês dois, meu filho”. Acho que Osman a levava a acreditar que minha separação de Sibel, meus estranhos novos hábitos pessoais e minhas visitas à casa dos Keskin — de que ela certamente já devia ter tomado conhecimento a essa altura — tinham minado minha competência para cuidar dos negócios do meu pai.

Nos primeiros dois anos e meio, minhas visitas à casa dos Keskin acabaram perdendo sua singularidade. Os olhares que eu trocava com Füsün, os jantares conjuntos, nossas conversas e nossos passeios no Bósforo (que agora também se davam no inverno) — sem exceção, cada um deles repetia um acontecimento anterior; juntos, evocavam a sensação de uma rotina fora do tempo, dotada de uma beleza própria. Embora não tivéssemos começado a produzir o filme de arte de Feridun, o início das filmagens estava previsto para dali a poucos meses.

Füsün concluía, ou agia como se tivesse concluído, que o filme de arte demoraria ainda mais do que esperava, e que se lançar por conta própria no mundo do cinema comercial a deixaria vulnerável; de qualquer maneira, a raiva presente em suas expressões ainda não estava inteiramente dissipada. Certas noites, quando nossos olhos por acaso se encontravam, ela, em vez de desviar o

olhar como uma garota tímida, cravava seus olhos em mim com uma fúria que não me deixava esquecer os meus erros. Eu desanimava diante dessa manifestação súbita de toda a cólera que ela havia acumulado dentro de si, mas ficava alegre por saber que aquilo a fazia sentir-se mais próxima de mim.

A essa altura, recomecei a perguntar, quando a noite já ia avançada, “Füsün, como vai sua pintura?”, estivesse Feridun em casa ou não. (Depois daquela noite no restaurante Huzur, ele saía com menos frequência e preferia jantar conosco, já que a produção do filme ficara de qualquer maneira problemática.) Lembro que um dia nós três nos levantamos juntos da mesa para examinar a pintura de um pombo em que Füsün trabalhava na época, e em seguida conversamos longamente sobre ela.

“Eu realmente admiro a maneira lenta e paciente como você trabalha, Füsün”, sussurrei.

“Eu sempre digo a mesma coisa. Ela devia fazer uma exposição!”, disse Feridun, também em voz baixa. “Mas ela é muito acanhada...”

“Só pinto esses quadros para passar o tempo”, disse Füsün. “A parte mais difícil é conseguir o brilho das penas da cabeça do pombo. Estão vendo?”

“Estamos”, respondi.

Seguiu-se um longo silêncio. Feridun ficara em casa naquela noite também para assistir à transmissão do futebol, acho. Quando ouvíamos que alguém fizera um gol, saíamos correndo para a sala.

“Füsün, vamos a Paris algum dia para visitar todos os museus e ver todos os quadros. Eu gostaria tanto!”, disse eu.

Foi uma ousadia: um crime que em princípio devia provocar amuos, caretas, indignação e um silêncio estendido por várias visitas, mas Füsün recebeu minhas palavras com grande naturalidade: “Eu gostaria de ir, Kemal”.

Como tantas crianças, eu tinha cultivado uma paixão pela pintura durante meus anos de escola, e por algum tempo, enquanto cursava a escola secundária e o liceu, tinha usado o apartamento do edifício Merhamet para pintar “sozinho”, chegando a sonhar em me tornar pintor um dia. Foi nesse tempo que me permitira pela primeira vez o sonho de ir a Paris ver todos os quadros. Entre a década de 1950 e o final da seguinte, não havia um único museu em Istambul em que se pudessem ver quadros; não havia nem sequer livros de arte ou catálogos que se pudesse folhear a gosto. Assim, nem Füsün nem eu sabíamos muito sobre a arte da pintura. Bastava-nos ampliar fotografias em preto e branco de aves e outras coisas e acrescentar-lhes a cor.

Enquanto as visitas à casa da família Keskin se sucediam, as ruas de Istambul, o mundo para além da casa, adquiriam um tom mais sombrio. Acompanhar as pinturas de Füsün e testemunhar seu lento progresso a partir de fotografias das aves de Istambul que ela tirara, opinando em voz abafada sobre a ave que devia pintar em seguida — um gavião, uma pomba, uma andorinha —, essa confirmação da segurança e da continuidade dos prazeres domésticos parecia deixar tudo certo por toda a eternidade. Alegrou meu coração constatar que vivíamos num universo simples e bom. A paz que eu sentia vinha daquele lugar, daquele quatinho, do nosso estado de espírito e do que víamos à nossa volta; vinha do progresso lento de Füsün em suas representações de aves, e do vermelho-tijolo do tapete Uşak

estendido no chão, dos cortes de tecido, dos botões, dos jornais velhos, dos óculos de leitura de Tarık Bey, dos cinzeiros e do tricô de tia Nesibe — em minha mente, tudo aquilo formava uma coisa só. Eu aspirava a fragrância daquele quarto, e mais tarde, quando voltava ao apartamento do edifício Merhamet, o dedal, o botão ou o carretel que tivesse embolsado antes de sair me ajudava a rememorar tudo aquilo, prolongando assim minha felicidade.

Depois de tirar a mesa no final do jantar e guardar na geladeira as travessas com a comida que sobrara (os visitantes do museu devem dedicar uma atenção especial à geladeira da casa dos Keskin, que sempre me pareceu possuir certas qualidades sobrenaturais), tia Nesibe ia buscar seus apetrechos de tricô, que guardava numa grande sacola de plástico, ou com maior frequência pedia à sua filha que fosse buscar para ela. Era esse o momento em que nos esgueirávamos para o quarto dos fundos. Tia Nesibe dizia: “Minha filha, pode trazer meu tricô na volta?”. Depois se entregava ao tricô enquanto conversava à frente da televisão. Era pelo medo que sentia do tio Tarık, acho, que tia Nesibe, que não se incomodava de nos deixar sozinhos no quarto dos fundos, nunca deixava passar muito tempo antes de vir atrás de nós e dizer: “Onde está o meu tricô? *Os ventos do outono* já vai começar. Vocês não querem assistir?”.

Assistíamos. Durante esses oito anos, devo ter assistido a centenas de filmes e seriados de televisão com Füsün e sua família; mas eu, que consigo rememorar até os menores e mais triviais detalhes de qualquer outra coisa ligada à casa dos Keskin, não lembro nada dos filmes e seriados que vimos, e menos ainda dos programas de debates transmitidos nos feriados nacionais (com títulos como *A conquista de Istambul: seu lugar na história do mundo*; *A condição turca: sobre o que é preciso refletir?*; e *Entendendo melhor Atatürk*).

A maior parte do que me lembro de termos visto na televisão não passa de momentos isolados (Aristóteles, o teórico do tempo, haveria de aprovar). São momentos que se combinaram com uma imagem e assim permaneceram gravados na minha memória. Metade dessas memórias indelévels se compõe da mera imagem na tela, ou mesmo de um fragmento de imagem. Os sapatos e as bainhas das calças de um detetive americano correndo escada acima; a chaminé de um prédio antigo, sem interesse para o operador da câmera, mas que mesmo assim invadira o quadro de algum modo; o cabelo de uma mulher, preso atrás de sua orelha, durante uma cena de beijo (enquanto o silêncio reinava à mesa); ou uma garotinha assustada agarrada a seu pai durante um jogo de futebol, cercada por milhares de homens de bigode (provavelmente não havia ninguém em casa com quem ela pudesse ficar); ou as meias usadas pelo mais próximo dos homens curvados durante as preces numa mesquita durante o Ramadã, na Noite das Medidas; ou a balsa do Bósforo ao fundo da cena num filme turco; ou a lata da qual o vilão tirava os *dolmas* que comia; e muitas outras coisas. Em minha mente, essas imagens se combinavam com algum detalhe do rosto de Füsün enquanto ela assistia àquela mesma cena: um dos cantos da sua boca, suas sobrancelhas erguidas, a posição de sua mão, a maneira como deixava o garfo à beira do prato ou suas sobrancelhas que se elevavam de repente quando ela apagava o cigarro. Muitas vezes essas imagens se fixaram em minha mente como sonhos de que jamais nos esquecemos. Num esforço para tentar torná-las visíveis no Museu da Inocência, forneci a vários artistas instruções detalhadas, que muitas vezes assumiam a forma de imagens ou de perguntas, para as quais nunca encontrei a resposta exata. Por que Füsün teria ficado tão comovida

com aquela cena? O que haveria ali para deixá-la tão absorta na história? Gostaria de lhe fazer eu mesmo essas perguntas, mas, quando um filme terminava, os Keskin não gostavam de conversar sobre a maneira como os teria afetado, preferindo discutir o final só em termos morais.

Por exemplo, tia Nesibe podia dizer: “Aquele brutamontes teve o fim que merecia, mas ainda assim fiquei com pena do menino”.

“Ora, deixe disso, eles nem se lembram mais do menino”, retrucava Tarik Bey. “Os homens desse tipo só pensam em dinheiro e mais nada. Desligue, Füsün.”

Quando Füsün apertava o botão, todos aqueles brutamontes — os europeus de jeito estranho, os gângsteres americanos, aquela família esquisita e displicente, e até o desprezível autor e diretor do filme — eram sugados pela escuridão eterna do outro lado da tela como se caíssem em redemoinhos de água turva descendo pelo ralo da banheira.

Imediatamente, Tarik Bey costumava dizer: “Ah, agora que isso tudo acabou estou me sentindo bem melhor!”.

“Isso tudo” podia ser um filme turco ou estrangeiro, um debate, o apresentador maroto de um programa de perguntas e respostas, ou seus concorrentes de expressão apalermada. E essas palavras se somavam à paz que eu sentia; a própria expressão parecia confirmar que o importante era eu continuar ali, fazendo companhia a Füsün e sua família. E percebi assim que sempre queria ficar ali não só pelo prazer de me sentar à mesma mesa, na mesma sala que Füsün, mas também devido à minha ligação profunda com aquela casa, aquele prédio e cada membro da família Keskin. (É por minha reconstituição daquele espaço encantado que os visitantes do museu podem caminhar, como se viajassem no Tempo.) E me daria um prazer especial se percebessem a maneira como meu amor por Füsün foi se irradiando aos poucos, de dentro para fora, e acabou englobando todo o seu mundo, cada momento, cada objeto ligado a ela.

Essa sensação de estar fora do Tempo enquanto via televisão, a paz profunda que me tornava possível retornar fielmente à casa da família Keskin, amando Füsün por oito anos, só se desfazia quando começava o noticiário, repetindo que o país caminhava depressa para uma guerra civil.

Em 1978, bombas explodiam à noite mesmo naquela área. As ruas que levavam a Tophane e Karaköy eram controladas por facções nacionalistas, e os jornais contavam que muitos assassinatos tinham sido planejados nos cafés da região. No alto da ladeira de Çukurcuma, nas ruas tortuosas calçadas de pedra que seguiam na direção de Cihangir, os residentes eram pequenos burocratas, trabalhadores e estudantes que simpatizavam com os curdos, os alevitas e facções variadas de esquerda. Tinham um apego equivalente pelas armas, e havia ocasiões em que os militantes dos dois lados travavam combates armados para tentar assumir o controle de uma rua, de um café ou de uma praça; às vezes, logo depois da explosão de uma bomba plantada por malfeitores controlados à distância pelo serviço secreto ou por outro braço do Estado, seguia-se uma batalha feroz. Aquilo criava bastante dificuldade para Çetin Efendi, que muitas vezes se via em meio ao fogo cruzado e nunca sabia ao certo onde era melhor estacionar o Chevrolet ou em que café devia esperar por mim, mas, toda vez que eu dizia que preferia ir sozinho para a casa dos Keskin, ele se recusava terminantemente a me deixar. À hora em que eu saía da casa deles, as ruas de Çukurcuma, Tophane e Cihangir nunca eram seguras. Pelo caminho, enquanto sombras pregavam cartazes e avisos e

rabiscavam slogans nos muros, trocávamos olhares assustados pelo espelho.

Enquanto o telejornal da noite relatava os detalhes dos atentados a bomba, dos assassinatos e dos massacres, os Keskin sentiam a paz de estarem a salvo em casa, graças a Deus, mas ficavam preocupados com o futuro. As notícias eram tão pavorosas que tendíamos a nunca falar sobre elas, preferindo conversar sobre os encantos de Aytaç Kardüz, a locutora de telejornais mais popular daquela época. À diferença das relaxadas locutoras ocidentais, Aytaç Kardüz apresentava-se sentada imóvel como uma estátua, jamais sorria, e lia correndo os textos das reportagens em suas mãos.

“Mais devagar, menina, respire um pouco, vai acabar engasgando”, dizia Tarık Bey de tempos em tempos.

Embora já tivesse feito a mesma piada centenas de vezes, nós todos ainda ríamos como se fosse a primeira, porque Aytaç Kardüz, tão disciplinada e dedicada a seu trabalho, realmente parecia demonstrar um verdadeiro pânico de cometer algum erro, o que era mesmo engraçado; corria até o fim de cada frase sem parar para respirar, e, quando a frase era especialmente comprida, às vezes ia ficando vermelha antes de chegar ao fim.

“Oh, não, ela está ficando vermelha de novo”, dizia Tarık Bey.

“Mais devagar, menina, pelo menos pare um pouco para engolir”, dizia tia Nesibe.

Nesse momento, Aytaç Kardüz desviava os olhos da página que vinha lendo, como se tivesse ouvido a sugestão de tia Nesibe; olhando para todos nós que a observávamos da mesa com uma expressão em que o pavor e a alegria se misturavam, ela se esforçava para engolir como uma criança que tivesse acabado de sofrer uma operação de amígdalas, o que era sempre aplaudido por tia Nesibe: “Muito bem, menina!”.

Foi essa locutora que nos contou que Elvis Presley tinha morrido em sua mansão em Memphis, que a Brigada Vermelha tinha sequestrado Aldo Moro e que Celâl Salik fora baleado e morto em frente à loja de Alaaddin em Nişantaşı, com sua irmã.

Havia outro método a que os Keskin recorriam para se distanciar das tribulações do mundo e que eu achava muito reconfortante: procuravam semelhanças entre as pessoas que apareciam na tela e seus amigos e parentes, e, enquanto jantávamos, observavam essas semelhanças com grande atenção.

No final de 1979, enquanto assistíamos à invasão soviética do Afeganistão, lembro-me de comentarmos que Babrak Karmal, o novo presidente afegão, era praticamente sócia de um homem que trabalhava na padaria das redondezas; os dois eram tão parecidos que podiam ser irmãos. Foi tia Nesibe quem reparou primeiro. Ela gostava tanto daquela procura de semelhanças quanto Tarık Bey. Num primeiro momento ninguém entendeu a quem ela se referia, mas, como eu fazia Çetin parar regularmente o carro em frente à padaria pelo tempo necessário para entrar correndo e comprar alguns pães ainda quentes do forno, conhecia os rostos dos curdos que trabalhavam lá e pude constatar que a observação de tia Nesibe era absolutamente correta. Não obstante o meu endosso, porém, Tarık Bey e Füsün continuaram a insistir que o homem que atendia naquele balcão não tinha a menor semelhança com o novo presidente afegão.

Às vezes Füsün parecia discordar só para me aborrecer. Recusava-se, por exemplo, a aceitar que Anwar Sadat, o presidente egípcio que fora assassinado por fundamentalistas enquanto assistia a um desfile militar da tribuna de honra, como nossos generais também fazem, era idêntico ao jornalista

da esquina da ladeira de Çukurcuma com a avenida Boğazkesen; e, se vocês me perguntarem por quê, digo que era porque fui eu o primeiro a assinalar a semelhança. Enquanto a cobertura do assassinato de Sadat se estendia por vários dias, travou-se uma verdadeira guerra de nervos entre mim e Füsün que me incomodava bastante e durou dias a fio.

Se a maioria dos presentes à mesa dos Keskin concordava com uma semelhança, a partir de então, sem qualquer dissenso, podíamos passar a aludir à pessoa ilustre que aparecia na tela não como Anwar Sadat, mas como Bahri Efendi, o jornalista. Quando entrei em meu quinto ano de jantares na casa dos Keskin, eu também concordara que Nazif Efendi, o vendedor de colchas, era parecido com o famoso ator francês Jean Gabin (que tínhamos visto em vários filmes); e que a desajeitada moça da previsão do tempo que às vezes aparecia no telejornal da noite era parecida com Ayla, que morava no térreo com sua mãe e era uma das amigas que Füsün escondia de mim; enquanto o falecido Rahmi Efendi era exatamente igual ao idoso líder do partido fundamentalista, que aparecia dando declarações fulminantes no noticiário da noite; Efe, o electricista, lembrava o famoso locutor esportivo que apresentava os gols da semana nas noites de domingo; e fui eu (principalmente por causa de suas sobrancelhas) quem apontou a semelhança entre Çetin Efendi e o presidente Reagan.

Depois que a semelhança era consagrada, o aparecimento de um desses rostos famosos na tela era o sinal para ver qual de nós faria a primeira piada. “Venham depressa ver, meninos!”, dizia tia Nesibe. “Olhem como é linda a mulher americana de Bahri Efendi!”

Mas havia também casos em que nos esforçávamos um pouco para enquadrar a celebridade da tela. Por exemplo, quando Kurt Waldheim, secretário-geral da ONU que se empenhava por promover a paz entre Israel e a Palestina, aparecia, tia Nesibe dizia, como se pedisse ajuda: “Vamos ver, com quem esse homem se parece?”; enquanto cada um de nós revirava a memória, a mesa ficava em silêncio por muito tempo. Esses silêncios podiam se prolongar bem depois que a pessoa famosa desaparecesse, sendo sucedida por outras imagens, por outras notícias ou pelos comerciais.

Então, de repente, eu ouvia um navio que vinha apitando da direção de Karaköy e Tophane, e me lembrava dos sons da cidade e de seus habitantes, e, enquanto tentava invocar a imagem das barcas se aproximando do cais, percebia relutante o quanto eu me envolvera com a família Keskin, e quanto tempo eu passava comendo àquela mesa: enquanto aqueles navios passavam, apitando, eu nem sequer percebia quantos meses e anos tinham transcorrido.

## 63. A coluna social

Enquanto o país se aproximava da guerra civil, os atentados a bomba e os ferozes combates de rua resultavam na redução do número de pessoas que frequentavam os cinemas, o que devastou a indústria cinematográfica. O Pelür Bar e outros redutos do pessoal de cinema continuavam tão lotados como sempre, mas a essa altura, quando as famílias não se arriscavam mais a sair às ruas à noite, todos faziam o possível para sobreviver com os comerciais, os filmes pornô ou os filmes de luta que inundavam o mercado. Em apenas dois anos, os grandes produtores pararam de investir em todos os tipos de filmes a que assistíamos no verão, desdobramento que de um dia para o outro fez

crescer meu prestígio entre os *habitués* do Pelür, aos olhos dos quais eu era o rico patrocinador da Limon Filmes e um investidor potencial em seus projetos. Embora quase sempre me mantivesse à distância do bar, uma noite, por insistência de Feridun, estive lá e vi que havia mais gente do que nunca, fato mais tarde justificado quando ouvi vários bêbados explicando que o desemprego era uma bênção para os bares e que “toda Yeşilçam” estava “bebendo muito”.

Naquela noite, bebi até o amanhecer com os infelizes profissionais do cinema. Lembro até de ter batido um papo amigável com Tahir Tan, o homem que certa vez seguira Füsün até o restaurante Huzur. No final daquela noite, Papatya, uma das mais encantadoras atrizes da nova geração, decidira que eu era “amigo” dela. Poucos anos antes, Papatya estrelava filmes familiares no papel da menina inocente que vendia *simits* e cuidava da mãe cega, ou se desmanchava sistematicamente em lágrimas toda vez que sua madrasta, interpretada pela Intrigante Sühendan, tentava levá-la à ruína; naquele momento, como todos os demais, Papatya estava sem trabalho e era forçada a participar da dublagem de filmes pornô; mas havia um roteiro que Feridun também achava interessante, e ela contava com o meu patrocínio para produzi-lo. Por mais bêbado que eu estivesse, pude ver que Feridun achava Papatya igualmente interessante — havia entre eles o que as revistas de cinema chamavam de “certa intimidade” —, mas ainda assim fiquei muito espantado quando percebi que Feridun se aborrecia com a atenção que eu dava a ela. Pouco antes de amanhecer, quando nós três deixamos o Pelür, lembro que caminhamos juntos pelas ruelas escuras, passando por muros em que os bêbados tinham se aliviado e os esquerdistas haviam rabiscado slogans radicais, a caminho de Cihangir, onde Papatya morava com sua mãe, que trabalhava como cantora em clubes noturnos de segunda linha. Enquanto ameaçadoras matilhas de cães nos seguiam pelas ruas frias, deixei que Feridun fosse levar Papatya em casa e voltei para Nişantaşı, onde ainda vivia pacificamente com minha mãe.

Depois de bebedeiras como essa, entre dormir e acordar, era assolado por pensamentos penosos: que minha juventude estava definitivamente acabada, que (como no caso de todos os homens turcos) minha vida já estava assumindo sua forma final antes mesmo que eu chegasse aos trinta e cinco anos; que nunca mais iria — ou conseguiria — encontrar uma grande felicidade. Às vezes, lembrando-me do amor e da saudade que enchiam meu coração, eu me consolava pensando que meu futuro pareceria mais sombrio a cada dia que passava, mas que essa impressão só podia ser ilusória, induzida pelos assassinatos políticos, pelas intermináveis batalhas de rua, pelos preços em disparada e pelas falências que se multiplicavam nos noticiários.

Mas, se eu tivesse estado em Çukurcuma para ver Füsün e se eu e ela tivéssemos trocado um olhar e algumas palavras, se eu tivesse subtraído da casa dos Keskin alguns objetos que me lembrassem de Füsün mais tarde, e se de volta à minha casa eu tivesse uma oportunidade de manuseá-los, tinha a impressão de que nunca mais seria infeliz. Havia ocasiões em que eu examinava as facas e os garfos que Füsün tinha usado e que eu roubara da mesa de jantar dos Keskin, como se formassem por si sós uma única imagem, uma memória completa.

Às vezes, convencido da possibilidade de uma vida melhor em outro lugar, para além do mundo circunscrito da minha obsessão, procurava me ocupar com outras coisas. Mas, se por acaso eu tivesse visto Zaim, suas histórias sobre os últimos acontecimentos da sociedade já bastariam para me lembrar

de que não estava perdendo muita coisa ao evitar a companhia dos amigos ricos, cujas vidas pareciam cada vez mais tediosas.

Embora a essa altura já fizesse três anos que vinham se encontrando, Mehmet e Nurcihan (segundo Zaim) ainda não tinham dormido juntos, e diziam a todos que pretendiam casar-se logo. Era a notícia mais importante do momento. Apesar de todo mundo, inclusive Mehmet, saber dos casos amorosos de Nurcihan com homens franceses durante os anos em que passou em Paris, ela decidira não ter relações com ele antes do casamento, e tratava essa decisão em tom ligeiro, dizendo que nos países muçulmanos a base de um casamento leal e duradouro, feliz e tranquilo, não era a riqueza, mas a abstinência pré-marital. Mehmet dava a impressão de gostar da piada; integrava-se à tapeçaria de uma visão comum da vida que os dois articulavam a uma só voz, contando histórias que ilustravam a sabedoria de nossos antepassados, a beleza da nossa música tradicional e a satisfação com nossos antigos mestres, com seus temperamentos de dervixe. Nem as piadas que gostavam de fazer nem seu interesse por nossos ancestrais otomanos fizeram com que ficassem rotulados em nossa sociedade como religiosos devotos ou reacionários. Zaim achava que um dos motivos disso era o quanto os dois bebiam nas festas, um excesso que, por mais extremo que fosse, jamais comprometia seus bons modos ou sua elegância. Quando tomava vinho, Mehmet proclamava com alguma animação que os vinhos mencionados na poesia do Divan não eram metafóricos, mas libações reais, recitava versos de Nedim e Fuzuli — cuja precisão ninguém sabia avaliar — e, olhando nos olhos de Nurcihan, erguia a taça num brinde ao amor a Deus. Havia um motivo para a sociedade não rejeitar esse comportamento e, na verdade, até aceitá-lo com respeito: coisas muito piores existiam, conclusão que podia ser atribuída ao pânico que se espalhara entre as mulheres depois da dissolução do meu noivado com Sibel. O episódio servira como uma poderosa advertência às moças de nossa geração na sociedade de Istambul: não deviam confiar demais nos homens antes do casamento. E, a se crer nos rumores correntes, inspirara as mães assustadas das jovens casadouras a lhes recomendar máxima cautela. Mas, para que ninguém atribua importância excessiva à minha experiência, peço ao leitor que se lembre de que a sociedade de Istambul era um círculo tão reduzido e tão frágil que a vergonha profunda de qualquer um de seus membros não era menos universalmente sentida se ocorresse numa família pequena.

Especialmente depois de 1979, eu me acostumara aos confortos de minha nova vida e, deslocando-me entre minha casa e meu escritório, a casa de Füsün e o edifício Merhamet, sentia-me integrado em espírito. Eu chegava ao apartamento do edifício Merhamet e, refletindo sobre as horas felizes que Füsün e eu tínhamos passado ali, perdia-me em devaneios, contemplando minha “coleção”, que aos poucos ia crescendo com uma admiração sempre renovada. À medida que esses objetos se acumulavam, meu amor também ficava mais intensamente manifesto. Às vezes eu os via não como simples lembranças das horas felizes, mas como destroços preciosamente tangíveis no rastro da tempestade que assolava minha alma. Às vezes eu me envergonhava de sua simples existência, alarmado com a ideia de que alguém mais pudesse vê-los, e com certo medo de que, àquele ritmo, minha coleção logo locupletasse todos os aposentos do apartamento, do chão até o teto. Pois eu não começara a me apoderar daqueles objetos da casa dos Keskin com nenhum projeto futuro, mas apenas com a intenção de poder retornar ao passado. Não me ocorreu que um dia pudesse haver uma

quantidade suficiente de objetos para encher aposentos e casas inteiras, porque na maior parte daqueles oito anos eu subsistia com base na convicção de que bastariam mais alguns meses, seis no máximo, para eu conseguir convencer Füsün a se casar comigo.

Aqui exponho um recorte do *Aksam*, uma coluna da página da “Alta Sociedade”, datada de 8 de novembro de 1979:

## A SOCIEDADE E O CINEMA: UMA DISCRETA ADVERTÊNCIA

Todos costumamos nos gabar da indústria cinematográfica turca, a terceira maior do mundo, depois de Hollywood e da indiana. Infelizmente, a situação está mudando. Os novos filmes de sexo e a relutância cada vez maior de nossos cidadãos a sair de casa à noite, em vista do terror promovido por militantes de esquerda e de direita, mantêm nossas famílias longe dos cinemas. Nem mesmo os cineastas turcos mais admirados conseguem encontrar boas plateias ou financiadores para produzir seus filmes. O cinema turco jamais precisou tanto quanto hoje de empresários ricos que acorram a Yeşilçam para produzir “filmes de arte”. No passado, os cineastas de mentalidade mais artística tendiam a surgir em famílias de fortuna recente — geralmente recém-chegadas das províncias — e tinham como único objetivo travar conhecimento com belas atrizes. Dos muitos “filmes de arte” que nossos críticos elogiavam tanto, nenhum chegou a ser exibido para os intelectuais do Ocidente, apesar de tudo que foi dito, ou recebeu sequer menção honrosa nos festivais mais singelos de cidadezinhas obscuras da Europa; limitaram-se a servir aos rebentos dos novos-ricos como veículos para conhecerem e terem casos amorosos com belas “artistas”. Mas isso era antigamente. Hoje encontramos uma nova moda. Atualmente, nossos ricos amantes da arte não procuram Yeşilçam em busca de casos amorosos com lindas atrizes; vêm transformar em estrelas mulheres por quem já estão apaixonados. Em consequência, descobrimos agora que o filho solteiro de uma das famílias mais ilustres da sociedade de Istambul (cujo nome não declinaremos, referindo-nos a ele apenas como sr. K) está tão enamorado de uma jovem casada a quem descreve como “prima distante” e de quem se mostra tão enciumado quando alguém se aproxima dela, que nem sequer consegue dar início à produção do tal “filme de arte” (para o qual encomendou um roteiro). As fontes deste repórter contam que o sr. K chegou ao ponto de admitir que “não poderia suportar vê-la beijando outra pessoa!”. E seu ciúme é tamanho que ele se comporta como uma sombra constante da jovem e de seu marido cineasta, arrastando-se atrás deles pelos bares de Yeşilçam e restaurantes do Bósforo, sempre com um copo de raki na mão, e aparentemente se aborrece quando a jovem casada candidata a atriz sai de casa. Segundo essas fontes, nosso solteirão da sociedade — que pouco tempo atrás celebrou seu noivado com uma formanda da Sorbonne, adorável filha de um diplomata aposentado, com uma festa fabulosa no Hilton a que toda sociedade compareceu, descrita em fartos detalhes nesta coluna — teve a irresponsabilidade de romper o noivado por causa da linda prima a quem agora diz: “Vou transformá-la numa estrela!”. Nós, enquanto isso, relutamos em nos limitar a assistir a esse inoperante rapaz rico, que já causou tanto mal à adorável filha do diplomata, dedicar-se a manchar o nome de F, a linda aspirante a atriz, a cujos encantos tantos conquistadores de renome se mostraram especialmente suscetíveis. Assim, depois de nos desculparmos antecipadamente com os leitores cansados de sermões, gostaríamos de transmitir a seguinte mensagem ao sr. K da nossa sociedade: Caro senhor, na nossa época moderna, quando os americanos chegaram à Lua, simplesmente não é possível haver um “filme de arte” sem cenas de beijo! O senhor precisa decidir-se de uma vez por todas e casar-se com uma camponesa de cabeça coberta, esquecendo para sempre a arte e o cinema ocidentais, ou desistir dessa fantasia de transformar em estrela uma jovem que vigia tão de perto que lhe é intolerável ver outra pessoa olhando em sua direção. Quer dizer, se o seu objetivo for mesmo criar uma estrela. — CB

Minha mãe lia os dois jornais entregues diariamente em nossa casa da primeira à última página, e nunca perdia as colunas sociais. Enquanto tomávamos café na manhã em que esse texto foi publicado, esperei até que ela se levantasse para recortar a página ofensiva, que dobrei e guardei no bolso. “Alguma coisa está incomodando você de novo... O que foi?”, ela perguntou quando saí de casa. “Você está com um ar tão sombrio!” No escritório, também, tentei simular animação, contando uma anedota divertida a Zeynep Hanım, assobiando enquanto palmilhava os corredores e visitando os funcionários idosos e cada vez mais desocupados de uma Satsat agonizante, que passavam seu tempo fazendo as palavras cruzadas do *Aks,am*.

Depois que todo mundo voltou do almoço, ficou claro pela expressão de seus rostos e, em especial, pelo ar de compaixão — e medo — nos olhos de Zeynep Hanım, que todos os funcionários da Satsat tinham lido a coluna. Talvez eu esteja apenas imaginando coisas, pensei mais tarde. Minha mãe telefonou para me dizer que me esperava para almoçar, e também perguntou: “Como você está, querido?”, exagerando no cuidado para não deixar a preocupação afogar sua voz normal, pelo que percebi que ouvira falar da coluna, mandara comprar outro exemplar do jornal e chorara bastante por causa dela (sua voz “normal” tomada por aquela seriedade que as pessoas adquirem depois de chorar muito); assim como ela sabia, pela página rasgada, que eu também lera o texto. “O mundo está cheio de gente com almas monstruosas, meu filho”, disse minha mãe. “Você não pode deixar que nada disso o atinja.”

“Do que você está falando, mamãe?”

“Não é nada, meu filho”, respondeu ela.

Fiquei tentado a confessar tudo para ela, mas sabia que, caso o fizesse, ela, depois de extensas manifestações de amor e compreensão, iria sentir-se obrigada a me dizer que a culpa afinal também era minha, pressionando em seguida para que eu lhe contasse todos os detalhes da história de Füsün. Podia até prorromper em lágrimas e dizer que eu tinha sido enfeitiçado. E podia dizer: “Em algum canto da casa, dentro de um pote de arroz ou farinha, ou no fundo de uma das suas gavetas no escritório, deve haver um amuleto escondido — alguém pôs um feitiço nele e soprou para fazer você se apaixonar — e você precisa encontrar e queimar esse amuleto agora mesmo!”. Mas percebi que ela estava desalentada porque tinha sido incapaz de compartilhar a minha dor, incapaz de falar do assunto. Era o máximo que ela podia fazer para demonstrar respeito pela minha provação. Seria uma indicação do quanto minha situação não tinha remédio?

Naquele momento, pensei nos leitores do *Aks,am*: com quanto desprezo estariam pensando em mim, com quanta intensidade ririam ou criticariam minha paixão, e em quantos dos detalhes daquela matéria acreditavam? Não conseguia tirar essas questões da cabeça, nem a ideia de como Füsün devia ter ficado aborrecida ao ler a coluna. Depois do telefonema da minha mãe, ocorreu-me ligar para Feridun e dizer-lhe que não deixasse Füsün nem mais ninguém da família ler o *Aks,am*. Mas não o fiz. Meu primeiro motivo foi o de não poder explicar as coisas a Feridun de um modo que não o irritasse a ponto de fazer com que se sentisse obrigado a tomar uma atitude. Mas meu segundo motivo era mais profundo: apesar da humilhação e de ter sido apresentado como um idiota, eu estava satisfeito com aquela coluna. Escondi essa satisfação até de mim mesmo, mas quando penso nela agora, depois de tantos anos, entendo perfeitamente: minha relação com Füsün, minha proximidade

com ela sob o nome que fosse, aparecera nos jornais, e assim, em certo sentido, fora aceita pela sociedade! Aquela coluna era lida por absolutamente todo mundo interessado na sociedade de Istambul; matérias maliciosas como aquela eram discutidas por meses a fio. E, assim, tentei convencer-me de que aquela maledicência prenunciava a volta à minha posição anterior na ordem social, com Füsün a meu lado — ou, no mínimo, me permitia imaginar que nossa história pudesse chegar a esse final feliz.

Mas tamanha era a desesperança em que recaí que nem podia me entregar a esses doces sonhos. Em pouco tempo, senti que as fofocas da sociedade, os boatos e as insinuações me transformavam num outro tipo de homem. Deixei de ser uma pessoa que, devido à força de sua vontade e de sua paixão, tomava um rumo não convencional, e me converti num homem submetido ao ostracismo depois de aparecer como personagem numa coluna social.

As iniciais publicadas no final da matéria não deixavam dúvida de que tinha sido escrita pelo Cravo-Branco. Fiquei contrariado com minha mãe por tê-lo convidado para a festa de noivado e furioso com Tahir Tan, que suspeitava ter sido a fonte de tantos detalhes inventados (“eu não suportaria vê-la beijando outro homem!”). Como queria sentar-me com Füsün, para podermos amaldiçoar juntos nossos inimigos e consolá-la, e ela a mim. Precisávamos ir ao Pelür Bar e desafiá-los todos com a nossa determinação. E Feridun precisaria ir junto! Só assim podíamos provar que aquela história era uma mentira degradante, e silenciar os bêbados caluniadores do mundo do cinema — para não falar dos nossos amigos da sociedade, que agora deviam estar lendo a matéria, deliciados.

Mas, na noite do dia em que a matéria foi publicada, não fui capaz — por mais que tentasse — de me convencer a ir visitar os Keskin. Tinha certeza de que tia Nesibe faria o possível para me deixar à vontade, e de que Tarık Bey faria de conta que não sabia de nada do que acontecera, mas, quando tentava imaginar o momento em que meu olhar encontraria os olhos de Füsün, minha mente se apagava. Ali, não haveria como negar que sentíamos ambos o mesmo torvelinho interior, e por algum motivo isso me assustava. Então ocorreu-me a seguinte ideia: o que iríamos perceber no momento em que nossos olhos se encontrassem não era que as almas de ambos eram assoladas por tormentas, mas simplesmente que aquelas falsas notícias eram na realidade verdadeiras!

Sim, como o leitor bem sabe, muitos dos detalhes da matéria do Cravo-Branco estavam errados: eu não rompera o noivado com Sibel para transformar Füsün numa estrela; eu não encomendara um roteiro a Feridun. Mas esses erros eram triviais. O que os leitores do jornal e todos os mexeriqueiros da cidade extrairiam da matéria era uma verdade simples: meu amor por Füsün e as coisas que eu fizera por ela tinham me levado a arruinar minha reputação! Todos zombavam de mim, riam de tudo que eu fizera; mesmo os mais bem-intencionados sentiam pena de mim. Embora eu tentasse lembrar a mim mesmo que a sociedade de Istambul era muito pequena e que nenhuma dessas pessoas era realmente rica ou tinha princípios genuínos, minha vergonha não se atenuava. Em vez disso, eu sentia mais intensamente ainda os efeitos da minha estupidez e da minha inépcia. Lá estava eu, vivendo num país pobre, mas com a sorte de ter nascido numa família rica; dispondo das oportunidades que Deus proporciona a tão poucas pessoas naquela parte do mundo — uma vida honesta, civilizada e feliz — e, como um idiota, jogara tudo isso fora! Eu sabia que a única maneira

de sair daquele apuro era casar-me com Füsün, pôr em ordem meus negócios, ganhar minha fortuna e depois retornar, vitorioso, para a sociedade, mas a essa altura eu não sabia onde encontrar forças para levar esse plano adiante, e na verdade passara a odiar aquele pequeno grupo ao qual precisaria ser readmitido. Acima de tudo, sabia que, depois que todos tivessem lido aquela matéria ofensiva, a família Keskin se recusaria a alimentar ou a se curvar aos meus sonhos.

Meu amor e minha vergonha tinham me levado àquele ponto onde minha única tendência era virar-me para dentro de mim e passar a viver em silêncio. Por uma semana, fui ao cinema toda noite: fui ao Site, ao Konak e ao Kent ver filmes americanos. Especialmente num mundo infeliz como o nosso, o objetivo dos filmes não é produzir a verossimilhança, mas um universo novo e diferente, que possa nos distrair e nos deixar felizes. Particularmente, ao me identificar com o herói, eu tinha a impressão de que estava exagerando os meus problemas. Em momentos assim eu me repreendia por ter sido inepto a ponto de me transformar no objeto de ridículo dos mexeriqueiros de plantão; cheguei a acreditar em algumas das mentiras que contavam a meu respeito.

De todas essas mentiras, a que mais me incomodava era a afirmação de que eu dissera que “não poderia suportar vê-la beijando outro homem!”. Em momentos de maior desânimo, eu me convencia de que aquela acusação era a que mais provocava risos, e minha obsessão passou a girar em torno da ideia de corrigir aquelas mentiras. Também fiquei irritado por ser descrito como o rapaz rico e mimado irresponsável a ponto de terminar um noivado, mas repetia a mim mesmo que as pessoas que me conheciam não acreditariam naquilo. Que eu pudesse ter dito que não queria que ela beijasse ninguém, entretanto, era crível, porque apesar de toda minha postura ocidentalizada havia em mim algo de um homem capaz de dizer essas coisas, e eu nem sequer tinha a certeza de não ter dito aquelas palavras a Füsün, em tom de brincadeira ou por excesso de bebida. Porque, na verdade, mesmo que fosse pela arte, eu certamente não queria que Füsün beijasse nenhum outro homem.

## 64. O incêndio no Bósforo

Nas primeiras horas da madrugada de 15 de novembro de 1979, minha mãe e eu fomos despertados pelo som de uma fortíssima explosão; pulamos da cama e saímos para o corredor, onde nos abraçamos aterrorizados. Por um instante, todo o apartamento balançou de um lado para o outro, como ao sabor de um violento terremoto. Acostumados como estávamos a bombas que explodiam em cafés, em livrarias e nas praças da cidade, supusemos que mais uma tivesse sido detonada perto da avenida Teşvikiye, mas então percebemos as chamas que subiam do outro lado do Bósforo, junto à costa de Üsküdar. Imaginando que se tratasse de um ato de violência política, durante algum tempo contemplamos ao longe o fogo e as nuvens vermelhas que se desprendiam dele, e então voltamos para a cama.

Um petroleiro romeno carregado de óleo cru tinha colidido com um pequeno cargueiro grego perto de Haydarpaşa; o petróleo se espalhara pela água, provocando explosões dentro e fora do casco do petroleiro, e depois o incêndio. Os jornais se precipitaram em publicar edições especiais, e no dia seguinte toda a cidade só falava do Bósforo em chamas e das nuvens que cobriam Istambul como um

guarda-chuva preto. Na Satsat, aquele dia, eu quase sentia o incêndio dentro de mim, e percebi que o mesmo acontecia com todas as mulheres que trabalhavam no escritório, além dos gerentes entediados, e tentei ver a conflagração como uma boa desculpa para ir jantar aquela noite na casa dos Keskin. O acontecido havia de anular a coluna social, que eu nem sequer precisaria mencionar enquanto jantássemos falando do incêndio o tempo todo. Ainda assim, porém, como todo mundo que vivia em Istambul, associei os incêndios do Bósforo a todos os outros desastres que contribuía para a infelicidade geral: um novo assassinato político, as filas do pão, a hiperinflação e a aparência abjeta e empobrecida de todo o país. Enquanto lia as últimas notícias, parecia-me que estava fascinado pelo incêndio porque ele me falava das calamidades na minha própria vida.

Naquela noite fui até Beyoğlu; enquanto percorria toda a extensão da avenida İstiklal, fiquei surpreso ao vê-la vazia. À frente dos grandes cinemas, como o Palace e o Fitaş, que agora exibia filmes eróticos, havia apenas poucos homens nervosos. Quando passei pela praça Galatasaray, percebi como estava perto da casa de Füsün. Às vezes, nas noites de verão, a família inteira caminhava até Beyoğlu para tomar sorvete. Talvez nos encontrássemos no caminho. Mas não vi mulher alguma nas ruas, nenhuma família. Quando cheguei a Tünel, novamente fiquei incomodado por estar tão perto da casa de Füsün, de maneira que caminhei na direção oposta para resistir à sua atração. Passando ao lado da torre Galata, desci até o pé da Yükkaldırım. Na esquina em que a Yükkaldırım atravessava a rua dos bordéis, havia a costumeira aglomeração de marginais. Como todo mundo, contemplavam os reflexos da luz alaranjada nas nuvens negras.

Atravessei a ponte Galata com os passantes que olhavam de longe para o fogo. Mesmo os pescadores que tentavam pegar cavalinhas com suas tarrafas não conseguiam despregar os olhos das chamas. Sem que eu quisesse, meus pés seguiram a maioria das pessoas até o parque Gülhane. As luzes do parque estavam apagadas — porque, como a maioria dos lampiões das ruas de Istambul, tivessem sido espatifadas por pedras atiradas com raiva ou porque a energia fora cortada —, mas as chamas que se erguiam do petroleiro eram tão intensas que todo o parque e o palácio Topkapı, ao qual antigamente pertencia, além da boca do Bósforo, Üsküdar, Salacak e a torre de Leandro estavam claros como o dia. A iluminação do parque, vinda diretamente tanto do incêndio quanto da luz alaranjada que se refletia nas nuvens, produzia o efeito acolhedor de um abajur aceso numa sala de estar europeia, fazendo com que a aglomeração de pessoas, extensa e inquieta, parecesse mais satisfeita e tranquila do que estava na realidade. Ou o prazer de contemplar aquele espetáculo deixava a todos mais animados. Aquelas pessoas tinham vindo de todos os pontos da cidade — de ônibus, a pé e de carro, tanto ricos como pobres, alguns por obsessão e outros por pura curiosidade. Vi avós de cabeça coberta; jovens mães com crianças adormecidas nos braços, coladas aos maridos; homens desempregados hipnotizados pelo fogo; motoristas sentados em seus carros e caminhões, ouvindo música; vendedores ambulantes que tinham acorrido de todo lado para vender *helva*, mexilhões recheados, fígado frito e *lahmacun*; vendedores de chá que ziguezagueavam em meio à multidão com suas bandejas. Dispostos em torno da estátua de Atatürk estavam os homens que vendiam sanduíches de almôndegas e linguiça; tinham acendido o fogo em seus carrinhos cercados de vidro, e o agradável aroma de carne grelhada circulava pelo ar. Os rapazes que vendiam *ayran* e refrigerantes (mas não Meltem) tinham transformado o parque numa feira. Comprei um chá de um

vendedor ambulante e, encontrando um lugar num dos bancos, ao lado de um homem idoso, pobre e sem dentes, entreguei-me à minha própria felicidade enquanto contemplava as chamas.

Voltei todo dia até o final da semana, quando o fogo começara a morrer. Às vezes as chamas fracas tornavam a se animar, erguendo-se como uma onda até a altura que tinham atingido no primeiro dia, voltando a espalhar um fulgor alaranjado pelos rostos dos espectadores do incêndio tomados pelo medo e pelo espanto, enquanto as chamas tingiam não só a boca do Bósforo, mas a estação das balsas de Haydarpaşa, o quartel de Selimiye e a baía de Kadiköy de vários matizes de laranja, e às vezes de dourado. Em momentos assim, eu ficava imóvel ao lado do resto dos espectadores, arrebatado pelo panorama. Pouco mais tarde, ouvíamos uma explosão e víamos as brasas caindo, ou tentávamos escutar alguma coisa enquanto as chamas se encolhiam em silêncio. Era a deixa para os espectadores procurarem comida e bebida, e trocaram ideias.

Durante uma dessas noites no parque Gülhane, avistei Nurcihan e Mehmet, mas me afastei correndo antes que me vissem. Que eu desejava estar ali com Füsün e seus pais, e que talvez fosse esse o motivo pelo qual comparecia àquele local toda noite, só fui perceber depois de ver uma família cujas três sombras lembravam as deles. Era exatamente como tinha ocorrido no verão de 1975, quatro anos antes: toda vez que eu via alguém que lembrasse Füsün, o amor fazia meu coração disparar. Os Keskin eram, a meu ver, exatamente o tipo de família que acreditava mais sinceramente no poder das calamidades de aproximar as pessoas. Eu precisava ir visitá-los antes que o incêndio do *Independenta* se extinguisse; atravessaríamos juntos aquela catástrofe, e a proximidade deles me ajudaria a deixar tudo de mau para trás. Será que aquele incêndio poderia assinalar o começo de uma nova vida para mim?

Houve outra noite em que, enquanto procurava um lugar para me sentar no parque lotado, deparei com Tayfun e Figen. Para meu grande alívio, não mencionaram a matéria do *Aks,am*, ou nenhum outro comentário que circulava na sociedade; pareciam nem saber de nada que se dissesse a meu respeito, o que me deixou tão contente que fui embora do parque com eles, enquanto as chamas começavam a morrer; entramos no carro deles e fomos a um dos novos bares que tinham sido inaugurados nas ruas transversais de Taksim, onde ficamos bebendo até o amanhecer.

No dia seguinte — domingo à noite — fui à casa dos Keskin. Tinha dormido o dia inteiro e almoçado com minha mãe. Ao anoitecer, sentia-me otimista, esperançoso e até feliz. Mas, no momento em que entrei na casa e me vi frente a frente com Füsün, todos os meus sonhos desabaram: ela estava infeliz, desolada, magoada.

“O que há de novo, Kemal?”, disse ela, imitando uma mulher satisfeita e sem preocupações — ou melhor, a ideia que ela fazia de uma mulher assim. Mas minha beldade não se empenhara muito; até ela sabia que estava fingindo.

“Nada de muito novo”, respondi descaradamente. “Não tive tempo de vir aqui, de tanta coisa que vem acontecendo na fábrica, na empresa e nos negócios.”

Num filme turco, sempre que certa intimidade se estabelece entre o herói e a heroína, uma compreensiva matrona lança um olhar de satisfação na direção dos dois, para que até o espectador mais desatento perceba o acontecido e possa compartilhar suas emoções... Bem, pois foi assim que tia Nesibe olhou para nós dois, Füsün e eu. Mas, logo depois, pude dizer pelo modo como desviou o

olhar que a matéria da coluna social tinha provocado muito sofrimento naquela casa e que Füsün passara dias chorando, como acontecera constantemente em seguida à festa de noivado.

“Por que você não vai buscar um copo de rakı para o nosso convidado, minha filha?”, disse Tarık Bey.

Já fazia três anos que Tarık Bey se comportava como se não soubesse de nada, sempre me saudando com um carinho sincero, tratando-me como um parente que simplesmente aparecia para jantar, o que eu sempre respeitei. Mas agora me doía vê-lo demonstrar tão pouco interesse pela angústia da própria filha, por meu desamparo e por nossa provação conjunta. E farei aqui a observação desalmada que eu não me permiti fazer, nem para mim mesmo: Tarık Bey quase certamente tinha deduzido por que eu ia à sua casa, mas sua mulher o convencera a aceitar que era melhor “para a família” ele fingir que não sabia de nada.

“Sim, Füsün Hanım”, disse eu, assumindo os mesmos modos contraídos de seu pai. “Por que não me traz o rakı de sempre, para eu poder saborear plenamente a felicidade desta volta ao lar.”

Até hoje não sei explicar por que eu disse essas palavras, ou o que quis dizer com elas. Digamos apenas que meu sofrimento aflorou em meus lábios. Mas Füsün entendeu o sentimento por trás das palavras, e por um momento pensei que ela iria começar a chorar. Olhei para o canário em sua gaiola. Pensei sobre o passado, minha vida, o fluxo do tempo, a passagem dos anos.

Vivemos nossos momentos mais difíceis naqueles meses, naqueles anos. Füsün não chegara ao estrelato, e eu não conseguira ficar mais próximo dela. Nosso impasse se transformara numa vergonha pública; e ambos fomos humilhados. Era a mesma coisa que acontecia nas noites em que eu não conseguia me levantar da cadeira — eu via nós dois incapazes de nos levantar e pôr fim àquela situação. Pois, enquanto continuássemos a nos encontrar quatro ou cinco vezes por semana, seria impossível para qualquer um de nós começar uma vida nova, e ambos sabíamos disso.

Naquela noite, perto do fim do jantar, proferi o interesse de sempre, com mais sinceridade do que nunca. “Füsün”, disse eu, “faz tanto tempo que não vejo o que está acontecendo com a sua pintura da pomba.”

“Faz séculos que terminei a pomba”, disse ela. “Feridun encontrou uma linda foto de andorinha. E agora comecei a pintá-la.”

“A andorinha é de longe a melhor que ela já fez”, disse tia Nesibe.

Fomos até o quarto dos fundos. Insistindo na fórmula das aves de Istambul empoleiradas em vários pontos da casa — balaustradas, peitoris de janela e chaminés —, ela enquadrara uma andorinha elegante na janela de nossa sala de jantar, dando para a rua. Ao fundo podiam-se ver as pedras do calçamento da ladeira de Çukurcuma, representadas numa estranha perspectiva infantil.

“Estou tão orgulhoso de você”, disse eu, a voz pesada de derrota apesar dos meus mais intensos esforços. “Um dia todo mundo em Paris verá esses quadros!”, disse eu. Como sempre, o que realmente queria dizer era algo como: “Minha querida, eu a amo tanto e senti muito a sua falta. Foi tão doloroso ficar longe de você, e que felicidade é vê-la de novo!”. Mas era como se os defeitos da pintura tivessem se transformado nos defeitos do mundo em que vivíamos, e foi enquanto examinava a pintura da pomba, notando tristemente sua simplicidade, sua inocência e sua falta de sofisticação, que entendi que era assim.

“Está ficando lindo, Füsün”, disse eu com cuidado, tentando aplacar uma grande dor dentro de mim.

Se digo que a pintura continha elementos que lembram miniaturas indianas pintadas sob a influência inglesa, pinturas chinesas e japonesas de aves, com a atenção de Audubon aos detalhes, e mesmo a série de estampas de aves que acompanhavam uma marca de biscoitos de chocolate vendidos em todas as lojas de Istambul, tenham a bondade de lembrar que eu era um homem apaixonado.

Contemplamos os panoramas da cidade que serviam de cenário para as pinturas de Füsün das aves de Istambul, mas longe de reanimar meu coração esse exercício me trouxe desalento. Amávamos muito nosso mundo, pertencíamos a ele, e isso significava que nós dois também participávamos da inocência daquela pintura.

“Talvez você pudesse pintar a cidade e as casas em cores mais alegres um dia desses...”

“Não se incomode, querido”, disse Füsün. “É só um passatempo, você sabe.”

Ela pegou a pintura que me mostrara e a pôs de lado. Eu passei os olhos por seus lindos materiais de arte — as bisnagas de tinta, os pincéis, os frascos e os panos manchados de todas as cores. Como as pinturas das aves, tudo estava em perfeita ordem. Ao lado deles ficavam os dedais e materiais de tia Nesibe. Enfiei um dedal de porcelana colorida no bolso, além de um lápis pastel laranja que Füsün tinha segurado nas mãos pouco antes. Foi durante esses dias, os mais difíceis para nós, e mais especialmente os últimos meses de 1979, que roubei a maioria das coisas da casa dos Keskin. A essa altura, esses objetos não eram apenas lembranças de momentos da minha vida, nem meros souvenirs; para mim, eram parte fundamental daqueles momentos. Por exemplo, as caixas de fósforos que exponho no Museu da Inocência: Füsün esteve com cada uma delas nas mãos, deixando para trás o aroma de seus dedos com toques de água de rosas. Como ocorrera com tantos outros objetos expostos no museu, toda vez que eu segurava alguma dessas caixas de fósforos no apartamento do edifício Merhamet era capaz de reviver o prazer de dividir a mesa com Füsün e de olhar em seus olhos. Mas, mesmo antes disso, sempre que eu guardava uma caixa de fósforos em meu bolso, fingindo que não notava o que fazia, havia outro motivo de regozijo. Podia não ter “conquistado” a mulher que eu amava tão obsessivamente, mas ficava alegre por ter tirado um pedaço dela, por menor que fosse.

Falar “tirar um pedaço” de alguém traz implícito, é claro, que aquele pedaço faz parte do corpo da pessoa adorada. Mas, dali a três anos, cada objeto e cada pessoa daquela casa de Çukurcuma — a mãe, o pai, a mesa de jantar, a fornalha, a cesta de carvão, os cachorros de louça sobre a televisão, os frascos de água-de-colônia, os cigarros, os copos de raki, os potes de balas — tinha se misturado com a imagem mental que eu tinha de Füsün. Eu conseguia vê-la três ou quatro vezes por semana, e, por mais feliz que isso me deixasse, a cada semana eu ainda removia (“furtava” não seria a palavra certa) de sua casa (de sua vida) três ou quatro objetos, às vezes até seis ou sete, e durante as fases de maior sofrimento entre dez e quinze, e, depois de levá-los para o apartamento do edifício Merhamet, sentia-me triunfante. Quanta felicidade em ter nas mãos o saleiro com que Füsün salgara tão graciosamente sua comida sem tirar os olhos da televisão — enfiá-lo no bolso, saber que estava lá enquanto conversava e tomava goles do meu raki, saber que tomara posse daquele troféu me ajudava a encontrar as forças para me levantar e ir embora quando a noite chegava ao fim. Depois do verão de

1979, um objeto presente em meu bolso era a chave que me desprendia da minha cadeira.

Anos mais tarde, quando conheci os estranhos e obsessivos colecionadores de Istambul, quando visitei suas casas abarrotadas até o teto de papéis, bugigangas, caixas e fotografias, tentando entender toda vez o que aquelas almas irmãs da minha sentiam pelas tampas de garrafa de refrigerante ou pelas fotos de estrelas do cinema e que significado tinha cada nova aquisição, eu me lembrava de como me sentia toda vez que subtraía alguma coisa da casa dos Keskin.

## 65. Os cachorros

Muitos anos depois dos acontecimentos que relato aqui, comecei a visitar todos os museus do mundo; após passar o dia vendo dezenas de milhares de objetos estranhos e diminutos expostos num museu do Peru, da Índia, da Alemanha, do Egito ou de vários outros países, eu tomava algumas doses de uma bebida forte e passava muitas horas caminhando pelas ruas da cidade onde me encontrasse. Espiando por cortinas e janelas abertas em Lima, Calcutá, Hamburgo, Cairo e tantas outras cidades, eu via famílias brincando e rindo enquanto viam televisão e jantavam à noite; inventava todo tipo de desculpas para entrar nessas casas, e mesmo para pedir que tirassem minha foto com seus moradores. Foi assim que descobri que na maioria das casas do mundo existe um cachorro de porcelana acomodado em cima da televisão. Por que milhões de famílias do mundo todo sentiam essa mesma necessidade?

Primeiro me propus uma versão mais modesta dessa pergunta, na casa dos Keskin. Como eu mais tarde ficaria sabendo, o cão de porcelana que eu vi a primeira vez que entrei no apartamento da família na rua Kuyulu Bostan em Nişantaşı, antes que a televisão chegasse à Turquia, ficava em cima do rádio em torno do qual a família se reunia toda noite. Como em tantas casas que conheci em Tabriz, Teerã, em cidades dos Bálcãs, no Oriente, em Lahore e mesmo em Bombaim, na casa dos Keskin o cão ficava em cima de um paninho de crochê feito em casa. Às vezes havia um vaso ao lado dele, ou uma concha (uma vez Füsün pegou a concha da televisão e, sorrindo, encostou-a ao meu ouvido, para que eu também pudesse ouvir o murmúrio oceânico aprisionado nela), ou o cão aparecia encostado a uma cigarreira, como que de sentinela. Às vezes eram essas cigarreiras e os cinzeiros que determinavam onde o cão era colocado. Creio que fosse tia Nesibe quem cuidava desses arranjos misteriosos, que podiam dar a impressão de que o cão estava a ponto de baixar a cabeça — ou mesmo cair com o focinho dentro do cinzeiro —, embora tenha havido uma noite de dezembro de 1979 em que, enquanto admirava Füsün, eu a vi mudar a posição do cão de louça em cima da televisão. Num momento em que nada chamava a atenção para o cão ou o aparelho de televisão, quando estávamos todos sentados em torno da mesa, esperando sua mãe servir a comida que preparara, ela mudou a posição do cachorro com um gesto impaciente do pulso. Mas isso não explica a presença inicial do cão de louça. Anos depois, ele seria acompanhado de um cão de guarda, junto a outra cigarreira. Por algum tempo reinou a moda de cães de plástico que realmente balançavam a cabeça; era comum vê-los junto ao para-brisa traseiro dos carros e dos táxis coletivos; a moda chegou e passou num piscar de olhos. Pouco se falou sobre esses cachorros; se os Keskin começaram a reparar nas idas e vindas desses cães, foi porque meu interesse em seus pertences era agora evidente para eles. Na época em que os cães de cima da televisão começaram a mudar com regularidade, tia Nesibe e Füsün tinham adivinhado ou descoberto que eu os estava levando comigo, como levava tantas outras coisas.

Na verdade, eu não tinha nenhuma vontade de compartilhar minha coleção com os outros, e ninguém sabia que eu vinha acumulando objetos — o que me dava vergonha. Depois de ter levado todas aquelas caixas de fósforos, pontas de cigarro de Füsün, saleiros, xícaras de café, grampos e

prendedores de cabelo — coisas que não eram difíceis de pegar, porque as pessoas raramente detectam sua ausência —, passei a almejar a subtração de objetos como cinzeiros, xícaras e chinelos, começando gradualmente a substituí-los por novos.

“Sabe aquele cachorrinho de cima da televisão, aquele de que estávamos falando outro dia? Bem, acabou na minha casa. Nossa Fatma Hanım estava limpando quando deixou cair no chão e quebrou. Então eu trouxe este aqui para substituí-lo. Eu estava no bazar de especiarias, comprando alpiste e sementes de colza, quando vi este cachorro numa vitrine, tia Nesibe...”

“Ah, como é lindo, com as orelhas pretas”, dizia ela. “Parece mesmo um cachorro de rua... Venha aqui, Orelha Preta! Agora fique sentado aí. O bichinho traz paz para esta casa!”

Pegou o cão de louça que eu trouxera e o pôs em cima da televisão. Às vezes os cachorros ali dispostos nos traziam paz por sua mera presença, tanto quanto o tique-taque do relógio de parede. Alguns tinham um ar ameaçador, outros eram feios e totalmente desprovidos de encanto, mas mesmo esses nos transmitiam a sensação de estarmos acomodados num lugar guardado por cães, e talvez sentir-nos assim protegidos fosse o que nos trouxesse paz, naquele momento em que o bairro ressoava com os tiros dos militantes e o mundo exterior nos parecia mais surreal a cada dia. O cão de orelhas pretas foi o mais simpático das dezenas de cachorros que se acomodaram em cima da televisão dos Keskin durante aqueles oito anos.

No dia 12 de setembro de 1980 houve um novo golpe militar. Por instinto, acordei antes de todo mundo naquela manhã; vendo que a avenida Teşvikiye e as ruas que a cruzavam estavam todas vazias, percebi na mesma hora o que tinha acontecido. Naqueles tempos, havia um golpe militar a cada dez anos. De tempos em tempos, caminhões do Exército passavam pela avenida, carregados de soldados entoando canções marciais. Liguei a televisão na mesma hora, e depois de ficar vendo as imagens de bandeiras e desfiles militares, e de ouvir os pronunciamentos dos generais que tinham tomado o poder, saí para a varanda. Gostei de ver a avenida Teşvikiye tão vazia e a cidade tão silenciosa, a tal ponto que o farfalhar das folhas das castanheiras no jardim da mesquita chegava aos meus ouvidos e me acalmava. Exatamente cinco anos antes, eu me postara naquela varanda com Sibel depois de nossa festa do fim do verão, naquela mesma hora da manhã, admirando a mesma vista.

“Melhor assim, gostei de saber. O país estava à beira do desastre”, disse minha mãe enquanto via o cantor folclórico da fronteira, com seu imenso bigode, cantar sobre a guerra e o heroísmo. “Mas por que precisam mostrar esse brutamontes horrível na televisão? Bekri não vai conseguir vir trabalhar hoje, então você vai precisar cozinhar, Fatma. O que você tem para nós na geladeira?”

O toque de recolher durou o dia todo. De vez em quando víamos um caminhão do Exército descendo ruidosamente a avenida; isso nos dizia que políticos, jornalistas e muitos outros estavam sendo recolhidos em suas casas para serem levados à prisão, e ficamos gratos por não nos envolvermos na política. Os jornais tinham publicado edições especiais, saudando o golpe de Estado, e passei o dia inteiro sentado ao lado da minha mãe, lendo os jornais e vendo os generais anunciarem o golpe, uma gravação repetida muitas vezes e entremeada de antigas imagens de Atatürk. De tempos em tempos eu ia até a janela e admirava a beleza das ruas vazias. Estava curioso para saber como iam as coisas com Füsün — como estavam todos na casa de Çukurcuma. Havia rumores de revistas de

casa em casa em certas áreas da cidade, como ocorreria no golpe de 1971.

“A partir de agora vamos poder andar nas ruas em paz”, disse minha mãe.

Com a imposição do toque de recolher às dez da noite, o golpe militar interrompeu minha sequência de jantares na casa dos Keskin. Durante o telejornal da noite do único canal de televisão do país, os generais não só discursavam contra os políticos e os intelectuais dissidentes como repreendiam a nação inteira pelos maus costumes que a tinham deixado em péssima situação.

Mas não eram só políticos e intelectuais dissidentes — prendiam também vigaristas comuns, donos de bordéis, vendedores ambulantes de cigarros contrabandeados ou qualquer um que violasse alguma lei do trânsito, pichasse uma parede ou tivesse participado de um filme pornô. Inúmeras pessoas ligadas ao terrorismo foram sumariamente executadas para servir de exemplo aos demais. Sempre que a notícia de um desses fatos chegava à mesa dos Keskin, todos se calavam. Em momentos assim eu me sentia mais próximo de Füsün: parte da família. Não recolhiam os jovens meio hippies que circulavam nas ruas com os cabelos compridos para raspar suas barbas, como no golpe anterior, mas demitiram de imediato uma legião de professores universitários. O Pelür esvaziou-se, assim como outros lugares semelhantes. Logo depois do golpe, decidi que iria pôr minha vida em ordem também: passaria a beber menos para mitigar o sofrimento que meu amor me causara e, no mínimo, tentaria controlar meu impulso de colecionar objetos.

Menos de dois meses mais tarde, vi-me a sós com tia Nesibe na cozinha, pouco antes do jantar. Tinha começado a chegar mais cedo na casa deles, para poder estar mais tempo com Füsün.

“Meu querido Kemal, sabe o vira-lata de orelhas pretas que você nos deu, que ficava em cima da televisão? Bem, ele desapareceu... Seus olhos se acostumam com as coisas, e no momento que elas desaparecem você se dá conta. Não sei o que terá acontecido; mas tanto faz — talvez o pobre bichinho tenha resolvido que estava na hora de se levantar e ir embora”, disse ela. Soltou uma risada simpática, mas quando viu a expressão contraída no meu rosto ficou séria. “O que vamos fazer?”, perguntou ela. “Tarık Bey vive perguntando o que terá acontecido com o cachorro.”

“Deixe que eu cuide disso”, respondi.

Naquela noite, fiquei nervoso demais para conversar. Mas apesar do meu silêncio — ou por causa dele — tampouco consegui me levantar e ir embora, paralisia que só se intensificou à medida que se aproximava a hora do toque de recolher. Acho que tanto tia Nesibe quanto Füsün sabiam da minha dificuldade. Tia Nesibe foi obrigada a dizer “Por favor não se atrase!” várias vezes. Só às dez e cinco consegui sair de lá.

Ninguém nos parou no caminho de volta para casa, e depois que chegamos sãos e salvos passei muito tempo pensando sobre o significado daqueles cachorros, e por que eu os levava para a casa dos Keskin só para tirá-los de lá em seguida; na verdade, apesar da insistência de tia Nesibe em dizer que tinha dado pela falta do cachorro de imediato, na realidade eles tinham levado onze meses, um tempo espantoso, para ver que o cachorro não estava mais lá. Achei que só tinham percebido sua falta por causa do golpe militar e do sentimento reinante de que todos precisávamos pôr nossas casas em ordem. Quase certamente, esses cachorros sentados em paninhos de renda em cima das televisões eram, em sua maioria, remanescentes do tempo em que ficavam instalados em cima dos rádios. Quando as pessoas ouviam o rádio, viravam naturalmente a cabeça na direção do aparelho, e então

seus olhos procuravam algo com que se distrair, algo que lhes desse conforto. Depois que os rádios foram substituídos pelas televisões como a distração das refeições em famílias, os cachorros foram transferidos para cima dos aparelhos de televisão, mas, com todos os olhos grudados na tela, ninguém mais dava atenção a essas criaturinhas. Eu podia levá-los comigo sempre que me desse vontade.

Dois dias depois daquela noite, levei dois cães de louça para os Keskin.

“Estava andando hoje por Beyoğlu e vi esses dois cachorros no mercado japonês”, disse eu. “Até parece que foram desenhados especialmente para ficar em cima da nossa televisão.”

“Ah, formam um lindo par”, disse tia Nesibe. “Mas por que se deu a tanto trabalho, Kemal Bey?”

“Fiquei triste quando soube que o cachorro das orelhas pretas tinha sumido”, respondi. “Na verdade, eu sempre me perguntava se ele não se sentia muito sozinho, sentado ali em cima da televisão. Quando vi como esses dois se sentiam felizes juntos, pensei que seria muito bom ter uma dupla de cachorrinhos contentes em cima da televisão.”

“Você achava mesmo que o cachorro se sentia só ali em cima, Kemal Bey?”, perguntou tia Nesibe. “Você é um homem muito diferente. Mas é por isso que o amamos.”

Füsun sorria carinhosamente para mim.

“Eu fico perturbado quando vejo coisas serem jogadas fora e esquecidas”, disse eu. “Dizem que os chineses acreditavam que os objetos tinham alma.”

“Antes de nós turcos virmos da Ásia Central, passamos muito tempo próximos dos chineses; outro dia a televisão mostrou um programa sobre isso”, disse tia Nesibe. “Você não estava aqui. Füsun, você se lembra do nome do programa? Ah, você pôs os cachorros no lugar exato, e ficaram lindos. Mas acha mesmo que devem ficar de frente um para o outro, ou de frente para nós? Não consigo me decidir.”

“O da esquerda deve ficar de frente para nós, e o da direita deve ficar de frente para o amigo”, disse Tarık Bey repentinamente.

Às vezes, no momento mais inesperado de uma conversa, quando todos achávamos que nem estava ouvindo, Tarık Bey fazia de repente um comentário ponderado que demonstrava como ele estava ainda mais atento que nós a cada detalhe.

“Se fizermos assim, os cachorros podem ficar amigos e não se entediar, mas também vão poder ficar de olho em nós e fazer parte da família”, continuou ele.

Por mais que eu desejasse pegá-los, consegui ficar longe desses cachorros por um ano inteiro. Em 1982, o ano em que finalmente os levei embora comigo, eu começara a deixar dinheiro num canto discreto para compensar o preço das coisas que levava, ou então trazia um substituto bem mais caro no dia seguinte. Durante esses últimos anos, muitos objetos estranhos de mesma forma, mas de função diferente — cachorros que também eram almofadas de alfinete, cachorros que funcionavam como trenas — tiveram sua temporada em cima da televisão.

66. O que é isso?

Quatro meses depois do golpe de Estado, estávamos a caminho de casa, voltando dos Keskin, quando, quinze minutos antes do toque de recolher, Çetin e eu fomos parados por soldados que verificavam documentos de identidade na avenida Siraselviler. Eu estava confortavelmente estirado no banco traseiro, e como meus papéis estavam em ordem não tinha nada a temer. Mas, quando pegou minha carteira de identidade, o soldado me olhou com uma expressão dúbia. Vi seus olhos fixos no ralador de marmelo que trazia a meu lado e fiquei nervoso.

Por instinto ou por força do hábito, eu tinha subtraído o ralador da casa dos Keskin quando ninguém estava olhando. Isso me deixou tão feliz que consegui sair de lá mais cedo sem precisar de muito esforço. Pouco antes do bloqueio, tinha tirado o troféu do bolso do meu paletó, como um caçador que resolve lançar um olhar de orgulho para um galo-de-campina que tivesse acabado de abater e guardar, e o deixei no banco a meu lado.

No momento em que cheguei à casa dos Keskin aquela noite, senti a fragrância deliciosa de geleia de marmelo. Enquanto conversávamos sobre isso e aquilo, tia Nesibe disse de passagem que ela e Füsün tinham cozinhado os frutos a tarde inteira em fogo baixo, e que haviam tido uma ótima conversa entre mãe e filha. Fiquei encantado de imaginar como, enquanto sua mãe se ocupava com outra coisa, Füsün mexia lentamente a geleia com uma colher de pau.

Depois de examinar as carteiras de identidade dos ocupantes, os soldados deixavam alguns carros seguirem caminho. Noutros casos, mandavam que todos os passageiros descessem e os submetiam a meticulosas revistas pessoais.

Çetin e eu descemos do carro como nos mandaram fazer. Estudavam cuidadosamente nossas carteiras de identidade. Obedecemos quando nos disseram para apoiar as mãos no Chevrolet, como suspeitos num filme policial. Os dois soldados revistaram o porta-luvas, olharam debaixo dos assentos e em toda parte. As calçadas da avenida Siraselviler, ladeadas por edifícios de apartamentos de certa altura, estavam molhadas, e lembro também que alguns passantes se viraram e olharam para nós. À medida que se aproximava a hora do toque de recolher e as ruas se esvaziavam, vi logo à frente que as luzes estavam apagadas no Sessenta e Seis, o famoso bordel que devia o nome ao número do prédio que ocupava e que, em nosso último ano de liceu, todo mundo da minha turma frequentava. Mehmet conhecia muitas das garotas de lá.

“De quem é isso?”, perguntou um dos soldados.

“Meu”, disse eu.

“E o que é?”

De repente, percebi que eu seria incapaz de responder que se tratava de um ralador de marmelo. Se eu dissesse, achei que eles entenderiam na mesma hora que eu estava obcecado por Füsün e vinha visitando havia anos, quatro ou cinco vezes por semana, a casa onde ela morava com a família, situação tão sem saída e humilhante que os obrigaria a me considerar um homem de inclinações estranhas, certamente com alguma tendência para o mal. Minha cabeça estava enevoada depois de uma noite batendo meus copos de rakı nos de Tarık Bey, mas, quando relembro esse episódio tantos anos depois, não acredito que tenha sido esse o motivo do meu erro de cálculo. Poucos minutos antes, aquele ralador de marmelo fazia parte da cozinha dos Keskin, e agora parecia tão incongruente nas mãos daquele oficial benevolente vindo (achava eu) de Trebizonda, que de forma inesperada me

tocou profundamente — algo que tinha a ver com a vida nesta terra e a condição humana.

“Isto é seu?”

“É.”

“E o que é, meu irmão?”

Novamente me calei, entregando-me ao desespero — um novo sintoma de paralisia; queria que aquele soldado, aquele meu irmão, entendesse o mal que eu fizera sem que eu precisasse lhe dizer, mas não era possível.

Eu tinha um colega na escola primária que era estranho e bastante burro. Sempre que a professora o chamava ao quadro-negro e perguntava se ele tinha feito o dever de matemática, ele ficava calado exatamente como eu naquele momento, recusando-se a dizer sim ou não; tamanho era o peso que ele sentia devido à culpa e ao fracasso que só conseguia ficar parado ali, trocando o peso do corpo de uma perna para a outra, até a professora ficar furiosa. O que eu não entendia quando via aquilo muito espantado na minha sala de aula era que, se uma pessoa cai naquele silêncio uma vez que seja, nunca mais consegue abrir a boca; ficará em silêncio por anos, até séculos. Quando eu era menino, era feliz e livre. Mas naquela noite, na avenida Siraselviler, tantos anos mais tarde, descobri o que significava ser incapaz de falar. Eu já tivera intimações de que minha paixão por Füsün acabaria por se transformar numa história assim, de introversão obstinada. Meu amor por ela, minha obsessão, ou seja qual for o nome, tornara-me incapaz de enveredar por um caminho que permitisse falar livremente daquele mundo com outra pessoa. Mesmo nos primeiros dias eu sabia, bem no fundo, que a mudança jamais poderia acontecer no mundo que venho descrevendo, e assim me virei para dentro, para lá tentar encontrar Füsün. Acho que ela sabia, também, que um dia eu acabaria por encontrá-la dentro de mim. No fim, tudo acabaria bem.

“Oficial, é um ralador”, disse Çetin Efendi. “Um ralador de marmelo comum.”

Como Çetin pode ter reconhecido o ralador?

“Então por que ele mesmo não me disse?” E virou-se para mim: “Escute, estamos sob lei marcial... Você é surdo ou coisa assim?”

“Oficial, Kemal Bey anda tão triste ultimamente...”

“E por quê?”, perguntou o oficial, embora suas funções não comportassem nenhuma compaixão. “Voltem para o carro e fiquem esperando!”, gritou. Em seguida se afastou, levando o ralador de marmelo e nossas carteiras de identidade.

O ralador refulgiu por um momento à luz dos faróis dos carros que esperavam atrás de nós, antes que eu o visse desaparecer no interior do pequeno caminhão do Exército parado logo à nossa frente.

Dentro do Chevrolet, Çetin e eu esperamos. Quanto mais nos aproximávamos da hora do toque de recolher, mais depressa as pessoas passavam por nós, e à distância vimos carros passar correndo pelas esquinas da praça Taksim. O silêncio entre nós pesava ainda mais com o medo e a culpa que sentia sempre que eu era revistado, meu carro era examinado ou simplesmente me encontrava na presença da polícia. Ouvimos o tique-taque do relógio do carro e, para manter o silêncio, ficamos perfeitamente imóveis.

Imaginei o ralador sendo manuseado por um capitão no interior do caminhão, e aquilo me deixou embaraçado. Sentado ali, esperando em silêncio, aos poucos fui sendo tomado pela ansiedade,

imaginando a dor que iria sofrer se aqueles soldados confiscassem o ralador de marmelo; anos mais tarde eu ainda me lembrava nitidamente do quanto essa ansiedade foi intensa. Çetin ligou o rádio. Locutores liam vários boletins relacionados ao estado de lei marcial: a lista dos procurados, as proibições, a lista de suspeitos que tinham sido capturados... Perguntei a Çetin se ele podia trocar de estação. Depois de alguns chiados, conseguimos captar um programa mais agradável de um país distante. Enquanto tentávamos nos distrair, algumas gotas de chuva caíram no para-brisa.

Vinte minutos depois do começo do toque de recolher, um dos soldados voltou e nos devolveu nossas carteiras de identidade.

“Está tudo resolvido. Podem ir embora”, disse ele.

“E se alguém nos parar porque já passou a hora do toque de recolher?”, perguntou Çetin.

“Podem dizer que foram parados por nós”, respondeu o soldado.

Çetin deu a partida no motor. O soldado abriu caminho para nós. Mas desci do carro e me dirigi ao caminhão.

“Acho que vocês ainda estão com o ralador de marmelo da minha mãe...”

“Olhe só, no final das contas ele não era surdo nem mudo, e vejam como fala bem!”

“O senhor não pode andar com este objeto, porque ele pode ser usado como arma e causar ferimentos”, disse outro soldado, de patente superior. “Mas tudo bem, pode levar, só não fique mais andando com ele pela rua. Qual é a sua profissão?”

“Sou empresário.”

“Paga seus impostos em dia?”

“Pago.”

E não disseram mais nada. Eu sofrera um pouco, mas fiquei feliz de recuperar meu ralador. Enquanto Çetin nos levava para casa, dirigindo devagar e com muito cuidado, percebi que estava feliz. Aquelas ruas escuras e vazias que agora pertenciam às matilhas de cachorros de Istambul, aquelas avenidas tão feias à luz do dia, espremidas por edifícios de concreto em estado tão deplorável que me deixavam desalentado só de olhar, pareciam então misteriosas e interessantes, como poemas.

## 67. A água-de-colônia

Em janeiro de 1981, almoçando no Rejans, Feridun e eu conversamos sobre negócios enquanto tomávamos nosso rakı e comíamos nossa enchova. Ele estava fazendo comerciais com Yani, um operador de câmera que conhecia do Pelür, e, embora isso não me causasse nenhum problema, ficava aborrecido de fazer esse tipo de trabalho “por dinheiro”. Tendo observado a facilidade precoce com que Feridun aprendera a dominar a arte de sempre parecer à vontade e aceitar os prazeres da vida quando se apresentavam, eu antes poderia ter tido alguma dificuldade em entender seus escrúpulos; mas, como o sofrimento me fizera amadurecer além da minha idade, eu finalmente percebera que a maioria das pessoas nunca é o que aparenta.

“Tenho um roteiro pronto para começar a ser filmado”, disse Feridun. “Se eu começar a trabalhar por dinheiro, seria melhor estar trabalhando nele. É um pouco rudimentar, mas tem boas

possibilidades.”

Foi no Pelür que ouvi pela primeira vez roteiros serem classificados como “prontos” ou “absolutamente prontos” para serem filmados; isso significava que o roteiro tinha passado pela junta de censores ou obtivera todas as licenças do Estado que lhe garantiriam trânsito livre. Num tempo em que poucos roteiros com apelo popular passavam pela censura, os diretores e os produtores cujos ganhos dependiam de fazer um ou dois filmes por ano se dispunham a filmar roteiros que nem teriam cogitado antes, contanto que estivessem “prontos”. Depois de vários anos de atuação da censura, aparando as arestas e cortando as passagens mais picantes de tudo o que era interessante ou original, os filmes tinham assumido uma desanimadora uniformidade, e assim, para a maioria dos diretores, não era difícil fazer um filme sobre o qual não sabiam nada.

“O enredo serve para Füsün?”, perguntei a Feridun.

“Nem de longe. O papel feminino é muito sugestivo, perfeito para Papatya. A atriz precisará usar roupas muito reveladoras e ficar nua. Além disso, o ator principal será Tahir Tan.”

“Não pode ser Tahir Tan.”

Passamos algum tempo discutindo sobre Tahir Tan, como se o mais importante da questão não fosse usarmos Papatya como protagonista em vez de Füsün no primeiro filme que fazíamos juntos. “Não vamos nos deixar levar pelos sentimentos!”, disse Feridun, reafirmando que chegara a hora de deixar para trás o incidente no restaurante Huzur. De repente, nossos olhos se encontraram. O quanto ele estaria pensando em Füsün naquele momento? Perguntei-lhe sobre o que falava o filme.

“Um homem rico seduz uma linda jovem que por acaso é sua prima distante, e depois a abandona. A moça, tendo perdido a virgindade, se vinga transformando-se em cantora... Na verdade, as canções foram escritas para Papatya... Hayal Hayati ia fazer o filme, mas, quando ela se recusou a virar sua escrava, irritou-se e mudou de ideia. O roteiro ficou largado. É uma grande oportunidade para nós.”

O roteiro, as canções e tudo mais naquele filme eram tão ruins que, mais que inadequado para Füsün, era um descrédito para Feridun. Embora minha beldade tenha aparecido amuada no jantar, com relâmpagos desprendendo-se dos olhos cada vez que olhava para mim, achei que podia haver algo de virtuoso em contentar pelo menos Feridun, e assim, antes de chegarmos ao fim da refeição, estimulado pelo rakı, concordei em financiar o filme.

Em maio de 1981 Feridun começou a filmar seu “roteiro pronto”, chamado *Vidas partidas*, baseado no romance de mesmo nome escrito oitenta e oito anos antes por Halit Ziya; mas a semelhança só ia até aí, pois aquela história de amor e laços de família nas mansões otomanas da burguesia ocidentalizada e da elite imperial estava a um mundo de distância do roteiro, que se passava nas ruas enlameadas e nos *gazinos* da Istambul da década de 1970. Impelida apenas pela raiva e pela pura força de vontade, nossa heroína (encarnada por Papatya, que se entregou de corpo e alma ao papel) torna-se famosa pelas canções de amor que interpreta nos *gazinos* enquanto dedica muitos anos ao paciente planejamento de sua vingança contra o homem que lhe tirou a virgindade; à diferença da heroína do livro, ela sofre não por ser casada, mas porque não pode se casar.

Começamos a filmar no antigo cinema Peri, naquela época a locação mais procurada pelos filmes com cenas em clubes noturnos que apresentassem música tradicional. Os assentos da plateia tinham sido retirados, e mesas foram postas em seu lugar para deixar o lugar parecido com um *gazino*. O

palco do cinema era largo e profundo, embora não tão largo quanto o do Maksim, o maior *gazino* coberto da época, ou o Çakıl Gazino, que ficava debaixo de uma tenda imensa em Yeniköy. Entre as décadas de 1950 e 1970 havia muitos desses estabelecimentos, inspirados nos cabarés franceses, onde os frequentadores podiam comer e beber enquanto eram entretidos por números de cantores, comediantes, acrobatas e mágicos; apresentavam cantores e cantoras turcos com repertórios tradicionais ou ocidentalizados, e muitos melodramas musicais eram filmados neles. Tipicamente, era num *gazino* que a heroína fazia a primeira confissão eloquente da dor que a consumia, e, quando, anos mais tarde, atraía o aplauso frenético e as lágrimas de outra plateia, ficava claro que triunfara também no *gazino*.

Feridun me explicara os vários truques que a Yeşilçam usava para evitar o pagamento de figurantes nas cenas em que ricos espectadores aplaudiam cantores empobrecidos com imenso entusiasmo; antigamente, cantoras de verdade como Zeki Müren ou Emel Sayın costumavam fazer o papel de si mesmas nesses musicais, e os produtores admitiam qualquer pessoa de terno e gravata que fosse capaz de ficar imóvel e com modos educados a uma mesa. O *gazino* ficava lotado de pessoas ansiosas por assistir a um espetáculo gratuito, em troca trabalhando de graça como figurantes. Nos anos mais recentes, porém, os cineastas tinham começado a usar atrizes menos conhecidas, como Papatya, nos musicais. (Essas jovens atrizes faziam o papel de cantoras muito mais famosas que elas próprias, mas ao cabo de um ou dois filmes a lacuna entre o filme e a vida real se estreitava, a partir do que começavam a estrelar filmes sobre cantoras empobrecidas muito menos famosas do que elas. Muzaffer Bey certa vez me disse que o público turco se cansava depressa de qualquer um que fosse tão rico e famoso na vida real quanto parecia nos filmes; o poder secreto de um filme residia na discrepância entre as circunstâncias da estrela na vida real e de seu personagem. Pois o objetivo dos filmes era, no fim das contas, mostrar como essa lacuna se fechava.) Como não conseguimos achar ninguém disposto a envergar suas melhores roupas para vir ao empoeirado cinema Peri ver uma cantora menor de que nunca tinham ouvido falar, oferecemos kebabs de graça para qualquer homem que aparecesse de gravata e qualquer mulher de cabeça descoberta. Antigamente, sempre que nos reuníamos com nossos amigos ou fora da cidade, Tayfun zombava dos filmes turcos que via no verão nos cinemas ao ar livre; depois de imitar as afetações e os gestos falsos dos figurantes pobres que tentavam fazer o papel de espectadores ricos de estômago cheio, com a contrariedade autêntica de alguém enganado, ele reclamava que os ricos da Turquia não eram nem de longe como eles.

Antes mesmo de começarmos a filmar, eu já sabia, pelas histórias de Feridun sobre o tempo em que trabalhava como assistente, que os figurantes baratos criavam problemas bem mais sérios que a maneira como representavam mal os ricos. Alguns tentavam ir embora assim que terminavam seus kebabs, enquanto outros ficavam sentados em suas mesas lendo o jornal, ou insistiam em fazer piadas e rir com os outros figurantes mesmo na hora em que a cantora dizia suas falas mais emocionantes (embora pelo menos este último detalhe fosse fiel ao que ocorria na vida); outros simplesmente se cansavam de esperar e adormeciam em suas mesas.

Quando visitei o set de filmagem de *Vidas partidas* pela primeira vez, o produtor executivo, com o rosto rubro de raiva, reclamava com os figurantes porque tinham olhado para a câmera. Por algum tempo acompanhei os trabalhos a certa distância, como qualquer produtor de cinema, quando ouvi

Feridun gritar: “Ação!”. Em seguida houve um vislumbre da magia rudimentar — meio conto de fadas, meio vulgaridade — que se vê tanto nos filmes turcos, enquanto Papatya andava pela passarela, microfone na mão, cercada dos dois lados pela plateia.

Cinco dias antes eu fora com Füsün e Feridun a um cinema ao ar livre perto do palácio de İhlamur para ver um filme também estrelado por Papatya, dessa vez no papel de uma garota de coração de ouro que, demonstrando grande habilidade diplomática, descobre um modo de reconciliar seus pais, que tinham se separado por conta de um mal-entendido; no novo filme (com uma velocidade que indicava o destino de todas as crianças turcas) ela fora transformada numa das vítimas enraivecidas e sofredoras da vida. Papatya assumira o papel tradicional da mulher trágica — desafortunada e despojada da inocência, destinada apenas à morte — como se envergasse um vestido sob medida. Era quando eu rememorava a antiga inocência infantil de Papatya que conseguia entendê-la, assim como era capaz de reconhecer aquela inocência infantil sempre que via a mulher cansada e enraivecida em que ela se transformara. Acompanhada por uma orquestra inexistente — que Feridun acrescentaria a partir de trechos de outros filmes —, ela caminhava pela cena com a segurança de uma modelo, um desamparo que parecia quase se revoltar contra Deus e uma sede de vingança tão grande que só podíamos compartilhar seu sofrimento, reconhecendo que, por menos lapidada que fosse, Papatya era uma joia. Os figurantes adormecidos retornavam à vida e, quando a filmagem começou, até os garçons que serviam os kebabs pararam para olhá-la.

Naqueles anos, cada estrela segurava o microfone de um modo particular, correspondendo supostamente à sua personalidade; que Papatya tivesse encontrado um modo próprio e original, em que seus dedos lembravam uma torquês, era uma prova, segundo um jornalista que eu conhecera no Pelür, de que estava realmente destinada ao estrelato. Os *gazinos* tinham parado de usar microfones fixos, preferindo os do modelo mais novo, ligados a longos fios que permitiam aos cantores misturar-se ao seu público. Mas esse progresso apresentava seus próprios problemas: embora as divas pudessem se mostrar mais expressivas, realçando as letras das canções com gestos de amargura e desafio, e às vezes mesmo com lágrimas verdadeiras, precisavam puxar aqueles longos fios como donas de casa que manobrassem um aspirador. Na verdade Papatya estava apenas dublando a canção, e o microfone não estava ligado a nada, mas ainda assim ela fazia de conta que o fio ficava preso para mostrar sua destreza em enfrentar aquela pequena dificuldade com gestos comedidos e elegantes. Foi o mesmo jornalista e admirador que, mais tarde, comparou esses gestos aos das meninas que batem a corda para as amigas pularem.

A filmagem avançava depressa, e no intervalo seguinte fui cumprimentar Feridun e Papatya. No mesmo momento em que lhes dava os parabéns, ouvi-me falando como os produtores sobre os quais tinha lido nos jornais e revistas. Talvez porque os jornalistas tomavam nota! Enquanto isso, Feridun ficara parecido com os diretores que apareciam nas reportagens: a velocidade caótica das filmagens lhe havia roubado o ar infantil, em dois meses era como se ele tivesse envelhecido dez anos, e ele tinha a aparência forte, decidida e até impiedosa do tipo de homem que sempre levava até o fim o que começava.

Aquele dia também me revelou os primeiros sinais de que Feridun e Papatya pudessem estar apaixonados, ou pelo menos envolvidos numa relação séria, embora eu não tivesse absoluta certeza.

Sempre que havia jornalistas por perto, todas as estrelas e atrizes secundárias agiam como se estivessem vivendo grandes romances secretos. Ou haveria alguma coisa no olhar dos jornalistas tão sugestiva do pecado, da culpa e do proibido que obrigava atores e cineastas a um comportamento transgressivo? Quando começaram a tirar fotografias, mantive-me à distância, e como mal houvesse uma semana em que Füsün deixava de comprar um exemplar de *Ses* ou *Hafta Sonu*, revistas que cobriam extensamente o mundo do cinema, previ que logo estaria lendo alguma coisa sobre Feridun e Papatya. Papatya podia também dar a entender que estava tendo um caso com o ator principal, Tahir Tan, ou mesmo comigo — o produtor! De qualquer maneira, não havia necessidade de insinuações independentes: os editores das revistas e das páginas de cinema, depois de decidirem qual versão venderia mais, logo haveriam de inventar alguma intriga, enfeitá-la e divulgá-la com a máxima ênfase. Às vezes chegavam a propor abertamente sua história falsa aos artistas, e estes colaboravam fornecendo-lhes algum “flagrante íntimo” adequado.

Eu estava satisfeito por ter mantido Füsün à distância desse ambiente sórdido, mas ao mesmo tempo ficava triste por privá-la da animação do trabalho no set de filmagem, que ela desejava quase tanto quanto a fama. E porque, na verdade, depois que uma mulher representara muitas variantes da mulher decaída, nos filmes e na vida real — para as plateias, os dois eram a mesma coisa, no fim das contas —, depois que a vida lhe causava alguns percalços, uma estrela famosa de cinema podia passar a se dedicar a papéis de matriarcas respeitáveis e conduzir o resto da carreira como uma dama. Será que Füsün sonhava com uma trajetória assim? E, se fosse o caso, primeiro ela precisaria encontrar um “patrono” no submundo ou outro aventureiro rico e durão inclinado a esse tipo de ligação? No momento em que esses homens travavam casos amorosos com as estrelas de cinema, proibiam-lhes cenas de beijo e cenas com o corpo muito à mostra. Para que os leitores e visitantes dos séculos futuros não me entendam mal, vou esclarecer que, com “corpo à mostra”, falo da exposição dos ombros e das pernas. Assim que um amante rico e mais velho assumia a proteção de uma estrela, impunha também a proibição imediata de todos os artigos grosseiros, degradantes ou maliciosos a seu respeito. Houve um caso em que um jovem repórter levou um tiro no joelho porque, ignorando uma dessas proibições, escreveu uma reportagem sobre uma estrela de seios imensos, na época sob a proteção de um augusto personagem desse tipo, dizendo que quando ainda era adolescente trabalhara como dançarina e fora amante de um famoso industrial.

Era doloroso lembrar que, a menos de dez minutos do cinema Peri, Füsün estava sentada em casa em Çukurcuma sem fazer nada, no mesmo instante em que eu assistia às filmagens, que se prolongariam pelo dia inteiro, até a hora do toque de recolher. Alarmava-me pensar que, se meu lugar à mesa dos Keskin permanecesse vazio, Füsün iria deduzir que eu preferia o mundo do cinema a uma noite em sua companhia. Assim, toda noite, depois de sair do cinema Peri, eu descia a ladeira calçada de pedra até a casa dos Keskin, impelido pela culpa e pela promessa de felicidade. Füsün acabaria sendo minha, pensava; e eu fizera bem em mantê-la fora dos filmes.

Às vezes me ocorria que havia entre nós dois uma consciência compartilhada da derrota, o que me deixava ainda mais feliz que o amor. Sempre que eu tinha esse sentimento, tudo — os raios do sol vespertino nas ruas da cidade; o cheiro de poeira, velhice e mofo que emanava dos velhos edifícios de apartamentos ocupados pelos gregos; os vendedores de fígado frito e *pilaf* com grão-de-bico; a bola

de futebol que quicava em meio aos meninos que jogavam na rua calçada de pedra; o aplauso zombeteiro quando eu devolvia uma bola perdida para eles enquanto descia para a casa dos Keskin —, tudo no mundo me deixava feliz.

Naquele tempo, todo mundo na cidade — fosse no local das filmagens ou nos corredores da Satsat, nos cafés ou na mesa de jantar dos Keskin — falava das taxas exorbitantes de lucro que vinham sendo oferecidas por oportunistas que se estabeleciam como “banqueiros”. Com a inflação próxima dos cem por cento, todo mundo queria investir seu dinheiro em algum lugar. Pouco antes de nos sentarmos para jantar, Tarık Bey me contou que no café próximo que às vezes ele frequentava havia algumas pessoas que tinham comprado ouro no bazar coberto, e outros que entregavam suas economias a banqueiros que lhes prometiam um retorno de até cento e cinquenta por cento ao ano, mas que todos os demais estavam vendendo seu ouro e fechando suas contas de banco; tímida e desconfortavelmente, ele queria minha opinião de empresário.

Com a filmagem e o toque de recolher, Feridun quase nunca estava em casa, e não dava a Füsün nenhuma parte do dinheiro que eu investia na Limon Filmes. Foi em torno dessa época (cerca de um mês antes eu tinha subtraído da casa um velho baralho pertencente a Tarık Bey, mal encobrindo meu furto) que parei de trocar por novas as coisas que levava, preferindo deixar dinheiro em seu lugar.

Eu sabia que Füsün lia a sorte naquelas cartas para passar o tempo. Quando Tarık Bey jogava bezique com tia Nesibe, ele usava um baralho diferente, assim como tia Nesibe quando, muito ocasionalmente, jogava cartas com um convidado (pôquer com sementes ou sete e meio). Muitas das cartas do baralho que “roubei” estavam com uma ponta dobrada e manchadas; outras estavam tortas ou dobradas. Füsün achava graça em admitir que, como conseguia reconhecer algumas dessas cartas por suas marcas e manchas, conseguia fazer sua sorte assumir o rumo que quisesse. Eu cheirava aquelas cartas, aspirando a mistura de perfume, mofo e poeira peculiar das cartas antigas, captando o aroma das mãos de Füsün. O baralho e seu cheiro faziam minha cabeça girar, e, como tia Nesibe tinha percebido meu interesse, enfiei as cartas no bolso à plena vista.

“Minha mãe tenta ler a sorte nas cartas, mas nunca dá certo”, disse eu. “Este baralho parece trazer resultados mais favoráveis. Depois que ela aprender a reconhecer as manchas e as dobras, talvez a sorte da minha mãe melhore. Ela anda muito desanimada.”

“Por favor mande lembranças minhas à irmã Vecihe”, disse tia Nesibe.

Depois que prometi comprar um baralho novo na loja de Alaaddin em Nişantaşı, ela passou muito tempo recomendando que “eu nem me desse àquele trabalho”. Quando insisti, ela admitiu que certo tipo de baralho novo tinha chamado sua atenção em Beyoğlu.

Füsün estava no quarto dos fundos. Com muita vergonha, tirei um rolo de dinheiro do bolso e escondi na prateleira.

“Tia Nesibe, faz o favor de comprar dois desses baralhos, um para você e outro para a minha mãe? Ela vai ficar feliz de ganhar um baralho novo, se vier desta casa.”

“Claro”, disse tia Nesibe.

Dez dias mais tarde, e novamente sentindo uma estranha vergonha, deixei outra pilha de notas no lugar de onde eu tirara um frasco novo de água-de-colônia Pe-Re-Ja.

Durante os primeiros meses, eu tinha certeza de que Füsün não podia imaginar que eu vinha trocando objetos por dinheiro. Na verdade, fazia muitos anos que eu vinha subtraindo frascos de água-de-colônia da casa dos Keskin, acumulando-os no apartamento do edifício Merhamet. Mas eram frascos vazios ou quase vazios, e assim de qualquer maneira logo seriam jogados fora. Só as crianças que brincavam com eles na rua tinham algum interesse por aqueles frascos vazios.

Sempre que me ofereciam água-de-colônia depois do jantar, eu a esfregava com ansiedade e esperança nas mãos, na testa e nas faces, como se me cobrisse com algum unguento consagrado. Quando a colônia era oferecida a Füsün ou a seus pais, eu observava encantado enquanto cada um se entregava a seus próprios rituais. Sem jamais despregar os olhos da televisão, Tarık Bey desatarraxava lenta e ruidosamente a tampa pesada do frasco, e todos sabíamos que depois, no intervalo comercial seguinte, ele entregaria o frasco a Füsün dizendo: “Veja se alguém quer um pouco”. Primeiro Füsün despejava água-de-colônia nas mãos do pai, que a esfregava nos pulsos com um empenho terapêutico, inalando profundamente a fragrância, como alguém que se recuperasse de falta de fôlego, alívio renovado pelo resto da noite levando de vez em quando ao nariz as pontas de seus longos dedos. Tia Nesibe pegava apenas umas poucas gotas e, com gestos afetados que lembravam minha mãe, fazia como se estivesse esfregando um sabonete imaginário entre as palmas das mãos. Quando ele estava em casa, era Feridun quem pegava mais água-de-colônia quando sua mulher oferecia, apresentando-lhe as mãos em concha como um homem que estivesse morrendo de sede e espirrando a colônia no rosto como se quisesse engoli-la. Essa variedade de gestos me levou a sentir que a água-de-colônia tinha um significado que ia além de seu perfume agradável e de seu efeito refrescante (especialmente porque os mesmos rituais se repetiam nas noites frias de inverno).

Como a água-de-colônia que o assistente do motorista oferecia a cada passageiro no início de uma viagem de ônibus, a nossa nos lembrava de que, toda vez que nos reuníamos em torno da televisão, pertencíamos uns aos outros, que compartilhávamos o mesmo destino (um sentimento também sugerido pelo telejornal da noite), que, embora estivéssemos reunidos na mesma casa para ver televisão toda noite, a vida era uma aventura, e havia certa beleza em fazer as coisas juntos.

Eu ficava impaciente quando chegava a minha vez, esperando que Füsün despejasse a água-de-colônia em minhas mãos, para que os nossos olhos se encontrassem. Trocávamos um olhar profundo, como duas pessoas que tivessem se apaixonado à primeira vista. Quando eu sentia o perfume da água-de-colônia em minhas mãos, nunca olhava para elas, mas continuava a olhar profundamente nos olhos de Füsün. Às vezes a intensidade, a determinação e o amor visíveis nos meus olhos a faziam sorrir, uma sugestão de sorriso que custava a se desmanchar nos cantos de seus lábios. Naquele sorriso eu via uma ternura ao lado da zombaria despertada por meu ardor, minhas visitas noturnas e a própria vida, mas isso não me causava sofrimento. Na verdade, sentia mais amor por ela do que sempre, e assim ficava com vontade de levar aquela água-de-colônia, aquele frasco de Altın Damla, Gotas de Ouro, para casa comigo, e algumas visitas mais tarde, quando o frasco estava quase vazio, eu caminhava até meu capote, pendurado ao lado da porta, e sem disfarce enfiava o frasco em meu bolso.

Durante as filmagens de *Vidas partidas*, enquanto caminhava entre o cinema Peri e Çukurcuma em torno das sete da noite, pouco antes de anoitecer, às vezes eu me sentia como se revivesse um

fragmento de uma vida anterior. Na primeira vida, que agora eu repetia em cada detalhe, não tinha havido grande sofrimento nem qualquer grande alegria, e uma negra melancolia escurecia minha alma. Talvez fosse por eu ter visto o final da história e saber que não me esperava uma grande vitória nem uma bem-aventurança extraordinária. Seis anos depois de me apaixonar por Füsün, eu não era mais alguém que via a vida como uma aventura agradável, indeterminadamente plena de possibilidades: estava à beira de me transformar num homem triste e desalentado. Aos poucos era tomado pelo medo de não ter futuro algum.

“Füsün, vamos olhar a cegonha?”, perguntava eu durante aquelas noites de primavera.

“Não, nem trabalhei nela depois da última vez”, respondia Füsün desanimada.

Certa ocasião tia Nesibe nos interrompeu para dizer: “Ah, como você pode dizer uma coisa dessas? Ora, da última vez que eu vi, essa cegonha levantou voo da nossa chaminé e subiu muito alto no céu — Kemal Bey, de onde ela está agora dá para ver quase toda a Istambul”.

“Eu bem que gostaria de olhar.”

“Hoje não estou com vontade”, dizia às vezes Füsün, com toda a honestidade.

E então eu sentia o pulso do coração de Tarık Bey, em seu desejo de proteger a filha e em sua tristeza. Doía-me que, quando proferia essas palavras, Füsün estivesse falando não só daquela noite, mas do beco sem saída que era toda sua vida, e foi então que decidi parar de frequentar as filmagens de *Vidas partidas*. A resposta de Füsün também servira para lembrar a guerra que ela vinha travando contra mim havia muitos anos; nos olhares de tia Nesibe, eu podia ver que ela estava preocupada não só com Füsün, mas também comigo. As dores e as preocupações da vida tinham lançado uma sombra sobre nossos corações, não menos que as nuvens carregadas de chuva que se acumulavam sobre Tophane tinham escurecido o céu; sentindo isso, mergulhávamos num silêncio que só podia ser remediado por uma de três formas:

1. Víamos televisão.
2. Vertíamos mais raki em nossos copos.
3. Acendíamos mais um cigarro.

## 68. 4213 pontas de cigarro

Durante meus oito anos de frequência aos jantares dos Keskin, acumulei 4213 pontas de cigarros fumados por Füsün. Cada uma delas tinha tocado seus lábios rosados e entrado em sua boca, algumas até atingindo sua língua e ficando umedecidas, como eu descobria ao encostar a ponta do dedo no filtro logo depois que ela apagava o cigarro; as pontas, avermelhadas por seu adorável batom, traziam a impressão única de seus lábios em um momento cuja memória estava carregada de angústia ou felicidade, o que as transformava em artefatos de uma intimidade singular. Durante nove anos Füsün fumou cigarros da marca Samsun, pela qual troquei meus Marlboros logo depois que comecei a ir jantar na casa da família Keskin. Eu costumava comprar Marlboro Light de vendedores de tómbola ou contrabandistas das ruas secundárias, e me lembro de uma conversa com Füsün uma noite discutindo como Marlboro Light e Samsun eram cigarros de gosto forte e sabor parecido. Füsün dizia que o Samsun provocava mais tosse, mas eu dizia que não tínhamos maneira de saber quantos venenos e outras substâncias químicas os americanos acrescentavam a seu tabaco, e que era possível que o Marlboro fosse mais nocivo. Tarık Bey ainda não se sentara à mesa quando, trocando um olhar profundo, nós dois puxamos nossos maços oferecendo um cigarro ao outro. Por oito anos eu acompanhei Füsün fumando um Samsun atrás do outro, mas, como não desejo dar mau exemplo às gerações futuras, não irei deter-me com muito amor nesses detalhes sedutores que figuram com tamanho destaque em livros e filmes antigos.

Depois que eram acesos, nossos cigarros Marlboro falsos, produzidos na República Socialista da Bulgária e contrabandeados para a Turquia em navios e barcos pesqueiros, queimavam — como o Marlboro verdadeiro fabricado nos Estados Unidos — até o fim. Já os cigarros Samsun, a certa altura, produziam uma chama e se extinguíam bem antes. O tabaco era grosseiro e úmido, insuficientemente picado, e os cigarros muitas vezes continham o que pareciam lascas de madeira, bem como partes ainda não secas de talos e folhas de veios grossos. Por esse motivo, Füsün tinha o costume de amaciar os cigarros antes de fumar rolando cada um deles entre os dedos, e com o tempo acabei adquirindo o mesmo hábito de rolar meus cigarros entre os dedos, exatamente como ela, antes de acendê-los, e adorava quando nossos olhos se encontravam no momento em que ambos nos dedicávamos a esse gestual.

Durante meus primeiros anos com os Keskin, Füsün fumava de um modo que sugeria uma tentativa parcial de esconder o hábito do pai. Cobrindo seu cigarro com a palma da mão em concha, e nunca usando o cinzeiro Kütahya que seu pai e eu usávamos, batendo suas cinzas no pires de uma xícara de café, “sem ninguém ver”. Seu pai, tia Nesibe e eu não nos preocupávamos com o rumo que nossa fumaça tomava, mas Füsün só exalava a fumaça virando a cabeça para a direita, como se preferisse sussurrar um segredo ao ouvido de uma colega sentada a seu lado, dirigindo a nuvem acelerada de fumaça azul-escura a um lugar distante da mesa. Eu adorava ver seu rosto anuviado de pânico, culpa e vergonha simulada: lembrava nossas aulas de matemática, e eu achava nesses momentos que havia de amá-la até o fim da minha vida.

A adesão ansiosa às formas de deferência que associamos às famílias tradicionais — sentar com as

costas retas, jamais cruzar as pernas ou fumar e beber na frente do pai — foi com o tempo desaparecendo aos poucos. Não há dúvida de que Tarık Bey via sua filha fumar, mas não reagia como se podia esperar de um pai tradicional, dando a impressão de se contentar com os outros gestos a que Füsün recorria para demonstrar seu respeito. Era uma grande alegria estudar os inúmeros refinamentos sociais de que os antropólogos parecem ter tão pouca compreensão, e mais especialmente esses rituais que permitiam às famílias “fazer de conta” que mantinham um respeito à tradição, ao mesmo tempo em que rompiam com ela. Essa cultura de “faz de conta” não me parecia nada dúplice: toda vez que eu via Füsün fazer esses gestos doces e adoráveis, eu lembrava que só me era permitido visitar os Keskin porque toda vez que eu chegava à casa todos “fazíamos de conta” que eu não ia visitá-los na condição de pretendente, como ocorria na realidade. Eu podia estar com Füsün porque agia como se fosse um mero parente distante em visita, embora muito frequente.

Quando eu não estava na casa, Füsün fumava seus cigarros quase até o filtro, como eu via pelas pontas que ela deixava nos cinzeiros antes da minha chegada. Eu sempre sabia quais pontas eram dela, não pela marca, mas pela maneira como as esmagava no cinzeiro, que sempre refletia seu estado de espírito.

Quando eu vinha jantar e passar algumas horas com eles, ela fumava seus cigarros como Sibel e suas amigas fumavam seus elegantes cigarros americanos “ultralight”, longos e finos — sem jamais fumar todo o cigarro, mas apagando-o quando chegava mais ou menos à metade.

Às vezes ela esmagava a ponta com raiva evidente, às vezes com impaciência. Eu a vira apagar um cigarro com raiva muitas vezes, o que sempre me deixava inquieto. Havia dias em que apagava seus cigarros contra a superfície do cinzeiro com uma série de batidas curtas e insistentes. E às vezes, quando ninguém estava olhando, ela o apertava com força e muito devagar, como se esmagasse a cabeça de uma serpente, e eu tinha a impressão de que o ressentimento acumulado em sua vida inteira entrava em ação contra aquela ponta de cigarro. Às vezes, enquanto via televisão ou acompanhava a conversa em torno da mesa do jantar, quando seu espírito estava claramente ausente dali, ela apagava o cigarro sem sequer virar a cabeça para olhar. Muitas vezes, quando precisava liberar uma das mãos para pegar uma colher ou uma jarra maior, eu a via apagá-lo com um único movimento rápido. Quando estava alegre ou satisfeita, às vezes apertava o que restava do cigarro contra o cinzeiro, apagando-o com uma pressão súbita de seu dedo indicador, como se tentasse matar um animal sem lhe causar dor. Quando trabalhava na cozinha, fazia o mesmo que tia Nesibe, tirando o cigarro da boca e segurando-o por um instante debaixo da torneira aberta antes de atirá-lo na lata de lixo.

Graças a essa variedade de métodos, cada cigarro que deixava sua mão tinha uma forma determinada e uma alma própria. De volta ao apartamento do edifício Merhamet, eu tirava as pontas do bolso para um exame detalhado, comparando cada uma delas a uma outra forma. Por exemplo, algumas eu via como pessoas de rosto enegrecido com a cabeça e o pescoço esmagado, o tronco entortado pelo mal que outros lhes haviam causado; ou enxergava nelas estranhos e assustadores pontos de interrogação. Às vezes comparava aquelas pontas de cigarros a lagostins ou às chaminés das balsas da Linha da Cidade; às vezes as via como pontos de exclamação, que me recomendavam cuidado com o perigo de que outra era um presságio; às vezes era só lixo malcheiroso. Ou as via

como manifestações da alma de Füsün, até mesmo fragmentos dela própria, e, enquanto passava de leve a língua pelos vestígios de batom deixados no filtro, perdia-me em comunhão com ela.

Quando os visitantes do meu museu percebem que, debaixo do local onde cada uma das 4213 pontas de cigarro está cuidadosamente presa à parede por um alfinete, indiquei a data em que foi recuperada, espero que não se impacientem, achando que estou abarrotando as vitrines com trivialidades dispensáveis: cada ponta de cigarro, a seu modo único, registra as emoções mais profundas de Füsün no momento em que ela o apagou. Ver, por exemplo, as três pontas de cigarro que coletei em 17 de maio de 1981, quando as filmagens de *Vidas partidas* começaram no cinema Peri: todas estão muito tortas, dobradas sobre si mesmas e compactadas, evocando perfeitamente o desconcerto terrível que senti diante do silêncio de Füsün naquele dia, de sua recusa de dizer o que a incomodava e de suas tentativas vãs de fingir que nada estava errado.

Quanto a esse outro par de pontas bem esmagadas, uma delas pertence à noite em que vimos um filme chamado *Falsa felicidade*, transmitido pela televisão mais ou menos naquela época, com nosso amigo Ekrem do Pelür Bar (mais conhecido como Ekrem Güçlü, o famoso astro que fizera no passado o papel do profeta Abraão) no papel de herói. Füsün apagou esse cigarro logo depois que ele recitou “O maior erro da vida, Nurten, é querer mais e tentar ser feliz”, enquanto Nurten, sua amada caída na pobreza, baixava os olhos em silêncio.

Algumas manchas nas pontas de cigarro mais retas vêm do sorvete de cereja que Füsün gostava de tomar nas noites de verão. Kamil Efendi, o sorveteiro, passava com seu carrinho de três rodas pelas ruas calçadas de pedra de Tophane e Çukurcuma nas noites de verão, gritando “Sooooooooorvete!” e tangendo lentamente sua sineta; no inverno, usava o mesmo carrinho para vender *helva*. Certa vez Füsün me disse que tinha visto o carrinho de Kamil Efendi sendo consertado por Beşir, o homem a quem levava sua bicicleta quando era pequena.

Quando olho para outra dupla de pontas de cigarro e leio as datas registradas abaixo delas, penso em outras noites quentes de verão, em beringela frita com iogurte, em ficar de pé à janela ao lado de Füsün, ela com um cinzeirinho na mão, batendo repetidamente a cinza com a outra. Sempre que Füsün conversava comigo em frente à janela, assumia a mesma pose, e eu a imaginava como a convidada de uma festa elegante. Se quisesse, podia jogar as cinzas na rua, como eu fazia, a exemplo de todos os homens da Turquia, ou apagar o cigarro no peitoril da janela antes de atirá-lo como um dardo pela janela; podia até jogá-lo fora ainda aceso, com um gesto rápido da mão, para vê-lo descer em espiral pela noite escura. Mas não, Füsün nunca fazia nada disso, e eu seguia seu exemplo de comedimento e elegância. Alguém que nos visse de longe poderia nos tomar por um casal envolvido numa conversa educada num país europeu, onde os homens e as mulheres podiam ficar à vontade juntos; podia nos imaginar numa festa e supor que tínhamos nos recolhido a um canto discreto para nos conhecermos melhor. Não nos olhávamos nos olhos; olhávamos pela janela aberta, rindo enquanto conversávamos sobre o filme que tínhamos acabado de ver na televisão, ou reclamávamos do calor opressivo do verão, ou falávamos das crianças que brincavam de esconde-esconde na rua abaixo de nós. Nesse instante uma brisa leve soprava do Bósforo, trazendo um aroma forte de algas, que se misturava ao perfume dominante de madressilva, à fragrância dos cabelos e da pele de Füsün, e à agradável fumaça desse cigarro.

Às vezes, no momento em que Füsün apagava seu cigarro, nossos olhos se encontravam inesperadamente. Se ela estivesse vendo uma história de amor, ou absorta na sucessão infundável de acontecimentos chocantes num documentário sobre a Segunda Guerra Mundial, com uma melodia fúnebre tocando ao fundo, Füsün apagava seu cigarro sem cerimônia e sem mostrar muito empenho. Entretanto, quando, como no caso dessa amostra, nossos olhos por acaso se encontravam, uma faísca se acendia entre nós, atingindo aos dois, quando relembávamos ao mesmo tempo por que eu estava sentado à sua mesa, e seu cigarro apagado refletiria a confusão específica que ela estava sentindo, conferindo assim uma forma incomum à ponta. Ouvindo um navio apitar a uma grande distância, eu imaginava então o universo e minha vida, da maneira que poderiam ser vistos por alguém a bordo da embarcação.

Em certas noites eu só levava comigo uma ponta de cigarro, e noutras levava várias; depois, no apartamento do edifício Merhamet, ao separá-las uma a uma, eu lembrava vários “momentos” do passado. De todos os objetos que eu colecionava, eram os cigarros que, a meu ver, correspondiam mais de perto aos momentos aristotélicos.

A essa altura eu nem precisava mais manusear os objetos acumulados no apartamento do edifício Merhamet; bastava vê-los uma vez para lembrar o passado que Füsün e eu tínhamos vivido juntos, as noites que tínhamos passado lado a lado à mesa de jantar. Eu associava cada um daqueles objetos — um saleiro de porcelana, uma trena em forma de cachorro, um abridor de latas que parecia um instrumento de tortura, uma garrafa do óleo de girassol Batanay que nunca faltava na cozinha dos Keskin — a um momento particular, e, à medida que os anos passavam, parecia que esses momentos lembrados se expandiam e se fundiam na perpetuidade. Assim, olhar para qualquer dos objetos reunidos no apartamento do edifício Merhamet, mesmo que apenas para lembrar-me deles, era como olhar para as pontas de cigarro: cada um por sua vez, eles rememoravam as partículas da experiência até eu conseguir evocar a realidade completa de estar sentado à mesa do jantar com Füsün e sua família.

## 69. Às vezes

Às vezes não fazíamos nada além de ficarmos ali sentados em silêncio. Às vezes Tarik Bey, cansado do programa — todos nós nos cansávamos às vezes — começava a ler o jornal com o canto do olho. Às vezes um carro descia a ladeira ruidosamente, tocando a buzina, e nos calávamos enquanto o ouvíamos passar. Às vezes chovia e ficávamos ouvindo as gotas batendo na vidraça. Às vezes dizíamos: “Que calor está fazendo”. Às vezes tia Nesibe, esquecendo que tinha deixado um cigarro queimando no cinzeiro, acendia outro na cozinha. Às vezes eu ficava olhando discretamente para a mão de Füsün por quinze ou vinte segundos, e sentia crescer minha adoração. Às vezes, durante os comerciais, uma figura de mulher aparecia na tela e nos apresentava algo que estávamos comendo à mesa naquele exato momento. Às vezes ouvia-se uma explosão ao longe. Às vezes tia Nesibe se levantava da mesa para jogar mais um pouco de carvão na fornalha, ou às vezes era Füsün quem o fazia por ela. Às vezes eu achava que na minha visita seguinte devia levar uma pulseira para Füsün,

em vez de um prendedor de cabelo. Às vezes me esquecia do tema do filme que estávamos vendo e, embora continuasse a assistir, ficava pensando nos meus tempos de escola primária em Nişantaşı. Às vezes tia Nesibe dizia: “Por que não preparo um chá de tília?”. Às vezes Füsün bocejava tão lindamente que eu achava que ela tinha se esquecido do mundo inteiro e que puxava do fundo de sua alma uma vida mais tranquila, como se tirasse água de um poço num dia quente de verão. Às vezes eu dizia a mim mesmo que não devia ficar lá nem mais um minuto, que devia me levantar e ir embora. Às vezes, depois que o barbeiro que trabalhava até tarde na loja do térreo do outro lado da rua se despedia do último freguês, ele baixava a cortina de metal muito depressa, e no silêncio da noite o eco reverberava por toda a vizinhança. Às vezes faltava água, e passávamos dois dias sem uma gota sequer. Às vezes percebíamos outra coisa além de chamas ardendo no interior da fornalha de carvão. Às vezes eu vinha jantar duas noites em seguida, porque tia Nesibe tinha dito: “Você gostou tanto dos meus feijões com azeite, então por que não volta amanhã, antes que comam tudo?”. Às vezes as conversas tratavam da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética — os navios soviéticos que passavam pelo Bósforo tarde da noite, e os submarinos americanos que infestavam o mar de Mármara. Às vezes tia Nesibe dizia: “Ficou muito quente agora à noite!”. Às vezes eu conseguia ver, pela expressão de Füsün, que ela estava sonhando de olhos abertos, e daria tudo para visitar a terra de sua imaginação, embora minha vida, minha letargia e até a maneira como eu me sentava na casa dos Keskin me parecessem um caso perdido. Às vezes os objetos da mesa lembravam montanhas, vales, colinas, depressões e planaltos. Às vezes alguma coisa engraçada acontecia na televisão, e todos começávamos a gargalhar ao mesmo tempo. Às vezes parecia ridícula a maneira como todos ficávamos absorvidos em qualquer coisa que acontecesse na tela. Às vezes eu me incomodava com a maneira como Ali, o filho do vizinho, sentava-se no colo de Füsün e se aninhava junto a ela. Às vezes Tarık Bey e eu discutíamos os caprichos da situação econômica, de homem para homem, numa voz baixa que sugeria conspirações, tramas e truques sujos. Às vezes Füsün subia e demorava para voltar, o que me perturbava. Às vezes o telefone tocava e era engano. Às vezes tia Nesibe dizia: “Terça-feira que vem vou fazer abóbora caramelada”. Às vezes um bando de três ou quatro homens descia correndo a rua, gritando e cantando refrões das torcidas de futebol enquanto seguiam na direção de Tophane. Às vezes eu ajudava Füsün a alimentar a fornalha de carvão. Às vezes eu via uma barata atravessar correndo o piso da cozinha. Às vezes eu sentia que Füsün tinha tirado o chinelo por baixo da mesa. Às vezes o vigia noturno apitava bem em frente à porta. Às vezes Füsün se levantava para arrancar as páginas esquecidas do *Saatlı Maarif Takvimi* uma a uma, e às vezes a iniciativa ficava por minha conta. Às vezes, quando ninguém estava olhando, eu pegava mais uma colher de *helva* com semolina. Às vezes a imagem da televisão ficava borrada e Tarık Bey dizia: “Pode ver se consegue melhorar, minha filha?”, e Füsün mexia num botão atrás do aparelho, enquanto eu observava as costas dela. Às vezes eu dizia: “Vou fumar mais um cigarro e depois vou embora”. Às vezes eu me esquecia totalmente do Tempo e me enrodilhava no “agora” como se fosse uma cama macia. Às vezes eu me sentia como se pudesse ver cada micróbio, inseto e parasita alojado no tapete. Às vezes Füsün ia até a geladeira entre um programa e outro e pegava água gelada, enquanto Tarık Bey ia ao banheiro no andar de cima. Às vezes preparavam abobrinha, tomate, beringela ou pimentões recheados em manteiga clarificada e comiam duas noites em seguida. Às

vezes, quando acabávamos de jantar, Füsün levantava-se da mesa, ia até a gaiola de Limon e conversava com ele como se fosse um amigo, e eu fazia de conta que na verdade estava falando comigo. Às vezes, nas noites de verão, mariposas entravam voando pela janela aberta e esvoaçavam cada vez mais depressa em torno do lustre. Às vezes tia Nesibe contava algum mexerico antigo da vizinhança que só ouvira agora, contando-nos, por exemplo, que o pai de Efe, o eletricitista, era um bandido famoso. Às vezes eu esquecia onde estava e achava que estávamos juntos a sós; perdia a noção e mostrava todo meu amor a Füsün, contemplando-a amorosamente por muito tempo. Às vezes um carro passava tão depressa que sua presença só era denunciada pelo tremor dos vidros da janela. Às vezes ouvíamos a convocação para as preces vinda da mesquita de Firuzaga. Às vezes, sem motivo aparente, Füsün levantava-se da mesa e ia até a janela que dava para a ladeira, e ficava lá parada muito tempo, como se esperasse por alguém de quem sentia muita saudade, o que me deixava de coração partido. Às vezes, enquanto víamos televisão, eu imaginava alguma coisa muito diferente, por exemplo, que éramos passageiros que tinham se conhecido no restaurante a bordo de um navio. Às vezes, nas noites de verão, depois de borrifar todo o andar de cima com Temiz İş, Trabalho Limpo, tia Nesibe descia as escadas com o inseticida, para dar “uma espirrada rápida” nos aposentos de baixo e matar mais moscas. Às vezes tia Nesibe falava sobre Süreyya, a ex-rainha do Irã, e de sua angústia quando o Xá divorciou-se dela por sua incapacidade de lhe dar um herdeiro, e de sua vida na alta sociedade da Europa. Às vezes Tarık Bey exclamava: “Como é que apresentam de novo na televisão um desastre como esse sujeito?”. Às vezes Füsün aparecia dois dias seguidos com a mesma roupa, embora a mim ela parecesse diferente. Às vezes tia Nesibe perguntava: “Alguém quer sorvete?”. Às vezes eu via alguém no apartamento do outro lado da rua indo até a janela fumar um cigarro. Às vezes comíamos enchovas fritas. Às vezes eu observava que os Keskin acreditavam sinceramente que havia justiça no mundo, e que os culpados acabavam punidos, se não nesta vida, então na próxima. Às vezes passávamos muito tempo calados. Às vezes não éramos os únicos: era como se toda a cidade estivesse em silêncio. Às vezes Füsün dizia: “Papai, por favor não fique remexendo assim a comida!”, e em seguida eu me sentia como se eles nem sequer pudessem ficar à vontade em sua própria mesa, por minha causa. Às vezes eu achava exatamente o oposto, e ficava encantado ao perceber que todos pareciam à vontade. Às vezes, depois de acender seu cigarro, tia Nesibe se envolvia tanto com o que passava na televisão que se esquecia de apagar o fósforo e ele acabava queimando seus dedos. Às vezes comíamos massa ao forno. Às vezes um avião voava por cima de nós no céu negro, rumando para o aeroporto de Yeşilköy. Às vezes Füsün usava uma blusa que revelava seu longo pescoço e um pouco da fenda entre os seios, e ver televisão era tudo que eu conseguia fazer para não olhar fixamente para a brancura de seu lindo colo. Às vezes eu perguntava a Füsün: “Como está indo o filme?”. Às vezes na televisão dizia “Amanhã vai nevar”, mas não nevava. Às vezes um petroleiro tocava seu apito triste e ansioso. Às vezes ouvíamos tiros ao longe. Às vezes o vizinho ao lado batia a porta da frente com tanta força que as xícaras na prateleira atrás de mim chacoalhavam. Às vezes o telefone tocava e Limon, confundindo seu toque com uma canária, começava a cantar de alegria, e todos ríamos. Às vezes um casal vinha visitar a família, e eu ficava acanhado. Às vezes, quando o coro feminino da Associação Musical de Üsküdar cantava canções tradicionais turcas na televisão, Tarık Bey cantava junto sem deixar sua poltrona. Às vezes dois carros

paravam um de frente para o outro na rua estreita, e, sendo os dois motoristas teimosos demais para dar passagem, começava uma discussão em que xingamentos eram trocados e, em pouco tempo, os dois desciam de seus carros para brigar. Às vezes fazia-se um silêncio misterioso na casa, na rua, em todo o bairro. Às vezes eu lhes trazia peixe salgado, além de folheados de queijo e peixe defumado. Às vezes dizíamos: “Hoje está fazendo muito frio, não é?”. Às vezes, no final do jantar, Tarik Bey enfiava a mão no bolso com um sorriso e tirava de lá algumas balas Ferah de hortelã, que oferecia a todos nós. Às vezes dois gatos à porta do edifício começavam a miar loucamente, e depois chiavam e começavam a trocar unhas. Às vezes, durante o jantar, Füsün usava os brincos ou o broche que eu lhe trouxera naquele dia mesmo, e eu lhe dizia, numa voz perdida, como ela tinha ficado bem. Às vezes ficávamos tão afetados pelos beijos e pelos reencontros em uma história de amor que era como se tivéssemos esquecido onde estávamos. Às vezes tia Nesibe dizia: “Pus pouco sal na comida, então, se alguém quiser mais, é só usar o saleiro”. Às vezes avistávamos relâmpagos ao longe, e trovejava. Às vezes, enquanto víamos um filme, um seriado ou um comercial, aparecia alguém que conhecíamos do Pelür, alguém de quem tínhamos zombado, e eu fazia o possível para trocar um olhar com Füsün, mas ela desviava os olhos. Às vezes faltava energia e víamos as brasas de nossos cigarros no escuro. Às vezes alguém passava pela porta da entrada assobiando uma melodia conhecida. Às vezes tia Nesibe dizia: “Ah, já fumei demais hoje à noite”. Às vezes meus olhos se fixavam no pescoço de Füsün, e eu passava o resto da noite sem tornar a olhar para o mesmo ponto, sem muita dificuldade. Às vezes todos nos calávamos de repente, e tia Nesibe dizia: “Em algum lugar alguém acaba de morrer”. Às vezes Tarik Bey não conseguia fazer um de seus isqueiros funcionar, e eu percebia que estava na hora de lhe trazer um isqueiro novo de presente. Às vezes tia Nesibe trazia alguma coisa da geladeira e nos perguntava o que tinha acontecido no filme enquanto ela estava longe. Às vezes, do outro lado da rua Dalgiç, ouvíamos uma briga em família, e os gritos enquanto o marido surrava a mulher nos deixavam perturbados. Às vezes, nas noites de inverno, ouvíamos o vendedor de *boza* tocando sua campainha e gritando “*Vefaa* genuína!” ao passar pela porta, e eu tinha o impulso de tomar um pouco. Às vezes tia Nesibe me dizia: “Hoje você está muito alegre!”. Às vezes eu precisava me esforçar muito para não estender a mão e tocar Füsün. Às vezes, especialmente nas noites de verão, soprava um vento de rajada, batendo as portas. Às vezes eu pensava em Zaim, em Sibel e em todos os meus velhos amigos. Às vezes moscas pousavam em nossa comida à mesa, aborrecendo tia Nesibe. Às vezes ela pegava água mineral na geladeira para Tarik Bey e me perguntava: “Quer um copo também?”. Às vezes, antes mesmo das onze horas, o vigia noturno passava apitando. Às vezes eu era tomado por um desejo insuportável de dizer “Eu te amo!” quando o máximo que podia fazer era acender o cigarro de Füsün. Às vezes eu percebia que os lilases que tinha trazido na minha última visita ainda estavam num vaso. Às vezes em meio a um silêncio alguém numa das casas vizinhas abria uma janela e jogava alguma coisa na rua. Às vezes tia Nesibe dizia: “E agora, quem vai comer a última almôndega?”. Às vezes, vendo os generais na televisão, eu me lembrava dos meus tempos no Exército. Às vezes eu ficava totalmente convencido de que não era a única pessoa inconsequente: todos nós éramos. Às vezes tia Nesibe dizia: “Quem adivinha a sobremesa que teremos hoje?”. Às vezes Tarik Bey tinha um acesso de tosse e Füsün se levantava para lhe trazer um copo d’água. Às vezes Füsün usava um broche que eu comprara para ela anos antes. Às vezes eu começava a pensar

que o que passava na televisão tinha um subtexto. Às vezes Füsün me perguntava alguma coisa sobre um ator, um luminar literário ou um professor que víamos na televisão. Às vezes eu ajudava a levar os pratos sujos para a cozinha. Às vezes havia um silêncio em torno da mesa, porque estávamos todos com a boca cheia de comida. Às vezes um de nós bocejava, de algum modo induzindo todos os demais a fazer o mesmo, até que, todos contagiados, caíamos na risada. Às vezes Füsün se envolvia a tal ponto com o filme da televisão que eu desejava ser o herói daquele filme. Às vezes o cheiro de carne grelhada persistia na casa a noite inteira. Às vezes eu pensava que era muitíssimo feliz, só de estar sentado perto de Füsün. Às vezes eu dizia: “Já está na hora de sairmos para jantar no Bósforo uma noite dessas”, para estimular todos a fazerem planos. Às vezes eu sentia plena certeza de que a vida não ocorria em algum outro lugar, mas ali mesmo, em torno daquela mesa. Às vezes discutíamos sobre algo — os últimos cemitérios espanhóis da Argentina, a gravidade em Marte, o tempo que uma pessoa podia passar sem respirar debaixo d’água, por que era perigoso andar de motocicleta em Istambul, a forma das agulhas de pedra na Capadócia — a partir de nada mais que algo visto na televisão. Às vezes soprava um vento forte e gelado, as janelas gemiam e as chaminés metálicas das fornalhas chacoalhavam de maneira assustadora. Às vezes, quando Tarık Bey se lembrava de como, quinhentos anos antes, as galeras de Mehmet, o Conquistador, passavam pela avenida Boğazkesen, a apenas cinquenta metros de onde estávamos, a caminho do Chifre de Ouro, ele dizia: “E o homem tinha só dezenove anos!”. Às vezes Füsün se levantava da mesa depois do jantar e ia até a gaiola de Limon, onde depois de pouco tempo eu ia encontrá-la. Às vezes eu dizia a mim mesmo: “É tão bom que eu tenha vindo hoje à noite!”. Às vezes Tarık Bey mandava Füsün subir e pegar o jornal, o bilhete de loteria ou os óculos dele, ou qualquer outra coisa que tivesse esquecido lá, e tia Nesibe gritava para as escadas: “Não vá se esquecer de apagar a luz!”. Às vezes tia Nesibe dizia que podíamos ir a Paris a fim de comparecer ao casamento de um parente distante. Às vezes Tarık Bey dizia “Silêncio!” com voz enérgica, e, gesticulando com os olhos, dirigia nossa atenção para um barulho que vinha do teto, e não conseguíamos dizer se os estalidos que ouvíamos eram produzidos por um camundongo ou por um ladrão. Às vezes tia Nesibe perguntava ao marido: “O som está bom para você, querido?”, porque com a passagem dos anos Tarık Bey vinha perdendo a audição aos poucos. Às vezes o silêncio que nos consumia tinha um ar misterioso. Às vezes nevava, e a neve colava-se às esquadrias da janela e às calçadas. Às vezes soltavam fogos de artifício, e todos nos levantávamos da mesa para ver as cores cortando o céu; mais tarde, o cheiro de pólvora entrava pela janela aberta. Às vezes tia Nesibe perguntava: “Quer que eu encha seu copo, Kemal Bey?”. Às vezes eu dizia: “Vamos olhar sua pintura, Füsün?”, e seguíamos para o quarto dos fundos, e, enquanto nós dois olhávamos para sua obra, eu percebia que era aquele o momento em que eu ficava sempre feliz.

## 70. Vidas partidas

Uma semana depois que o toque de recolher foi adiado para as onze da noite, Feridun chegou em casa apenas meia hora antes. Por algum motivo não vinha mais para casa à noite, dizendo que as filmagens tinham se atrasado e ele resolvera dormir na locação. Ao nos ver sentados em torno da

mesa, ele se forçou a fazer algumas brincadeiras, mas não conseguiu sustentar aquilo por muito tempo. Quando os seus olhos encontraram os de Füsün, ele assumiu a expressão de um soldado que acabara de chegar de uma campanha longa e malsucedida, e depois de falar mais um pouco subiu para o seu quarto. Füsün devia ter se levantado e acompanhado o marido, mas continuou sentada.

Eu fixara meus olhos nela e a observava em detalhe. Ela sabia que eu a fitava. Acendeu um cigarro, fumando com ar ausente, como se nada tivesse acontecido. (Não tomava mais o cuidado de soprar a fumaça para um lado, tendo abandonado a antiga simulação de vergonha por estar fumando na frente de seu pai.) Ela apagou o cigarro sem muita expressão. De repente me vi incapaz de levantar, um mal de que na época eu me considerava curado, mas tornava a me assolar como se nunca tivesse melhorado.

Quando faltavam nove minutos para as onze, Füsün pôs um novo Samsun entre os lábios, com gestos um pouco mais determinados que o habitual, e lançou-me um olhar prolongado e cauteloso. Conversamos tanto com os olhos naquele momento que me senti como se tivéssemos falado sem freios a noite inteira. Por conta própria, minha mão se estendeu e acendi o cigarro entre seus lábios. Por um momento Füsün fez o que os homens turcos só viam em filmes estrangeiros, encostando na mão que segurava o isqueiro.

Acendi também um cigarro, que fumei devagar, como se nada fora do comum tivesse acontecido. A cada momento, sentia que o toque de recolher se aproximava. Tia Nesibe tinha perfeita consciência do que estava acontecendo, mas, alarmada com a seriedade da situação, não disse nada. Quanto a Tarik Bey, ele também quase certamente percebeu o rumo estranho que as coisas tomavam, mas não conseguia concluir se precisava fingir que nada acontecera. Saí da casa às onze e dez. Acho que foi nessa noite que brotou em mim a ideia de que Füsün e eu íamos de fato nos casar. Estava tão arrebatadamente feliz de perceber que Füsün no final escolheria a mim, que me esqueci do grande risco a que me expusera, e a Çetin também, por sair nas ruas após o toque de recolher. Depois de me deixar em frente de minha casa em Nişantaşı, Çetin Efendi deixava o carro num estacionamento na rua Poetisa Nigâr, a um minuto de casa, e de lá precisava caminhar pelas ruas secundárias até sua casa no velho bairro pobre das proximidades, tentando evitar ser visto. Mas naquela noite eu estava feliz demais para me preocupar, e como uma criança não consegui dormir.

Sete semanas mais tarde, por ocasião da estreia de *Vidas partidas* no cinema Palace, em Beyoğlu, fiquei com a família Keskin na casa de Çukurcuma. Como esposa do diretor, Füsün naturalmente devia ter comparecido à estreia, assim como eu, sendo o produtor e proprietário de mais da metade da Limon Filmes, mas nenhum de nós dois foi. Füsün não precisava de desculpa, pois ela e Feridun não estavam falando um com o outro, já que ele mal estivera em casa o verão inteiro: era quase certo que estivesse vivendo com Papatya. Passava na casa de Çukurcuma mais ou menos uma vez a cada duas semanas para pegar alguma coisa em seu quarto — uma camisa, um livro. Eu só ouvia falar indiretamente dessas visitas, através de insinuações e alusões de tia Nesibe, mas apesar de minha extrema curiosidade não me atrevia a abordar aquele assunto “proibido”. Pelos olhares que me lançava, por sua atitude em geral, ficava claro que Füsün tinha proibido qualquer menção ao assunto na minha presença. Mas foi tia Nesibe quem acabou me contando que uma briga tinha ocorrido durante uma das visitas de Feridun.

Calculei que, caso eu fosse à estreia, Füsün ficaria sabendo pelos jornais e, aborrecida, certamente me faria pagar. Ainda assim, como produtor do filme, minha ausência chamaria atenção. Logo depois do almoço naquele dia pedi a Zeynep Hanım que ligasse para a Limon Filmes dizendo que minha mãe estava muito doente e que por isso eu não poderia sair de casa.

Naquela noite, em torno da hora da primeira exibição de *Vidas partidas* a um público de cineastas e jornalistas de Istambul, choveu muito. Quando Çetin me pegou em Nişantaşı, eu lhe disse para me levar à casa dos Keskin via Taksim e Galatasaray, em vez de tomar o caminho por Tophane. Quando passamos em frente ao cinema Palace, olhei através das gotas de chuva na janela e vi algumas pessoas bem-vestidas a caminho da estreia debaixo de guarda-chuvas, e os belos cartazes e anúncios pagos pela Limon Filmes, mas não lembrava nem de longe a estreia no cinema Palace que eu imaginara para o primeiro filme de Füsün.

Ninguém tocou no assunto da estreia durante o jantar. Tarık Bey, tia Nesibe, Füsün e eu fumamos um cigarro atrás do outro enquanto comíamos massa com molho de carne, pepinos com iogurte e alho, salada de tomate, queijo branco, e depois o sorvete que eu trouxera da Ömür em Nişantaşı e pusera direto no congelador assim que chegara. Toda hora um de nós se levantava da mesa para olhar a chuva e a água que descia a ladeira de Çukurcuma. À medida que a noite se arrastava, senti-me várias vezes tentado a perguntar a Füsün como estava indo sua pintura mais recente, mas a partir de seu ar contrariado e sua expressão contraída deduzi que o momento não era oportuno.

Embora os críticos tenham sido impiedosos com *Vidas partidas*, o filme foi recebido com tanto entusiasmo pelas plateias de Istambul e das províncias que foi considerado um sucesso de bilheteria. Durante as últimas cenas, quando Papatya entoava duas canções amargas e cheias de angústia sobre seus infortúnios, eram as mulheres das províncias que mais choravam, mas todo tipo de gente, tanto jovens quanto velhos, saía dos cinemas úmidos e sufocantes com os olhos inchados. Na penúltima cena, quando ela mata o homem rico e malvado que a enganara, manchando sua honra quando ainda era menina, mas que naquele momento suplicava por sua vida, ocorria uma exultação generalizada. Essa cena causou tamanha impressão, ficando tão conhecida, que o ator que fazia o papel do homem rico e malvado (Ekrem Bey, nosso amigo do Pelür, que geralmente interpretava sacerdotes bizantinos e militantes armênios) parou de sair de casa por algum tempo, cansado de levar socos e cusparadas nas ruas. O filme também foi elogiado por trazer de volta as grandes plateias que tinham evitado os cinemas durante os “anos do terror” — como as pessoas agora aludiam ao período anterior ao golpe militar. E, com a revitalização dos cinemas, o Pelür Bar tornara a encher-se também: sentindo a ressurreição da indústria cinematográfica, seus antigos frequentadores assíduos voltaram a aparecer todo dia, à procura de trabalho ou simplesmente para serem vistos. Numa noite de chuva e vento no final de outubro, duas horas antes do toque de recolher, quando — por insistência de Feridun — cheguei ao Pelür, vi que minha reputação subira muito naquele local; para usar a expressão em voga naquele tempo, eu estava em meu elemento. O sucesso comercial de *Vidas partidas* me transformara num produtor de destaque, a quem muita gente tendia a atribuir sagacidade e grande esperteza, e todo mundo, de operadores de câmera a atores famosos, tentava passar algum tempo sentado à minha mesa para fazer amizade comigo.

No final daquela noite, embora minha cabeça girasse de tantos elogios, tanta atenção e tanta

bebida, lembro que estava sentado com Hayal Hayati, Feridun, Papatya e Tahir Tan. Ekrem Bey, pelo menos tão bêbado quanto eu, alfinetava Papatya com comentários maliciosos sobre as fotografias da cena de estupro que os jornais vinham publicando o tempo todo; mas ela respondia com um sorriso simpático, dizendo que jamais dormiria com um velho galo decrépito e sem dinheiro. Na mesa ao lado estava um crítico afetado que a ridicularizara por aparecer num “melodrama tão vulgar”; Papatya tentou incitar Feridun a lhe passar um belo sermão, mas seus esforços foram vãos.

Depois do filme, Ekrem Bey recebeu muitos convites para estrelar comerciais de banco, embora confessasse que não entendia por quê: vilões não deviam ser tão solicitados para comerciais. Mas naquele tempo, quando todo mundo falava dos banqueiros que ofereciam rendimentos de duzentos por cento e que atiçavam essas chamas com anúncios imensos nos jornais e na televisão usando os rostos mais famosos de Yeşilçam, a comunidade cinematográfica demonstrava uma inclinação favorável a eles. Ainda assim, como aos olhos alcoolizados da clientela do Pelür eu era um empresário moderno (de acordo com a definição de Hayal Hayati: “Um empresário que ama a cultura é moderno”), sempre que esses assuntos surgiam fazia-se um silêncio respeitoso, que, segundo todos esperavam, eu acabaria preenchendo com minha opinião. No rastro do sucesso de bilheteria, eu me credenciara como um “capitalista impiedoso” de visão; e todo mundo esquecera que eu tinha aparecido no Pelür alguns anos antes para transformar Füsün em estrela, assim como se esqueceram da própria Füsün. Constatar como Füsün fora esquecida depressa fazia meu amor por ela arder com força dentro de mim, e eu sentia vontade de vê-la imediatamente; depois, pensando em como ela deixara de ser arrastada para aquele mundo de gosto duvidoso, disposto a manchar sua reputação, eu a amava mais ainda — e novamente me congratulava por mantê-la afastada daquelas pessoas malévolas.

Foi uma desconhecida de certa idade, amiga da mãe de Papatya, que dublara as canções para ela no filme. Agora, graças ao sucesso de *Vidas partidas*, Papatya iria gravar um disco em que ela própria cantaria. Naquela noite de outubro, concordamos que a Limon Filmes financiaria também esse projeto, além de dar início a uma continuação de *Vidas partidas*. Na verdade, a decisão de fazer a continuação não foi nossa; foi o que os cinemas e os distribuidores da Anatólia pediram a uma só voz, e com tamanha insistência que qualquer recusa da parte de Feridun seria vista como “cuspir na cara do sucesso”, para usar outra expressão daqueles dias. Quaisquer que fossem suas intenções, no final do filme o personagem de Papatya, como todas as moças, boas e más, que perdiam a virgindade, morria sem realizar o sonho de uma vida feliz em família. Decidimos que a melhor solução seria revelar que na verdade Papatya não morrera e que, ferida, tinha simulado sua morte para se manter a salvo de outros homens maus. A primeira sequência da continuação ocorreria num hospital.

Três dias depois o *Milliyet* publicou uma entrevista com Papatya em que ela anunciava o início próximo das filmagens. Àquela altura, os jornais publicavam uma entrevista por dia com ela. Quando *Vidas partidas* estreou, deram a entender que Papatya e Tahir Tan estavam tendo um caso secreto na vida real, mas esse boato perdera a energia, e agora Papatya o negava. Quando conversamos pelo telefone em torno dessa época, Feridun me informou que todos os atores mais famosos queriam contracenar com Papatya e que, de qualquer maneira, Tahir Tan não servia para o papel. Pois em

suas entrevistas mais recentes Papatya começara a revelar que, embora tivesse beijado alguns homens, na verdade nunca tinha sido muito íntima com ninguém. Sua memória mais preciosa e na verdade mais indelével continuava a ser o primeiro beijo, com seu namorado de adolescência num dia de verão, num vinhedo dominado pelo zumbido das abelhas. Infelizmente, o jovem fora morto no conflito contra os gregos em Chipre, e depois disso Papatya tinha considerado inconcebível manter intimidades com qualquer homem, concluindo que apenas outro tenente poderia ser capaz de curar seu coração. Feridun admitiu que não aprovava essas mentiras, mas Papatya reafirmava que só as tinha contado para ajudar a continuação a passar pela censura. Feridun fazia pouca força para esconder de mim sua relação com Papatya; coadunava com sua natureza de pessoa que não se metia em brigas e não tinha inimizade com ninguém, seguindo sempre em frente, sempre aparentando ingenuidade, nunca amargo ou menos que sincero — e por isso eu sentia uma inveja genuína dele.

*Vidas partidas*, o primeiro disco de Papatya, foi lançado na primeira semana de janeiro de 1982, e, embora não tenha alcançado o mesmo sucesso do filme, foi muito bem recebido. Cartazes apareceram nos muros da cidade, muitos dos quais tinham sido pintados de branco depois do golpe, e anúncios, embora relativamente modestos, nos jornais. Mas, como a junta de censores do único canal de televisão da Turquia (que, na verdade, tinha um nome mais elegante: Inspetoria da Música) achava que a canção deixava a desejar em matéria de fibra moral, a voz de Papatya não aparecia na televisão nem no rádio. O disco, ainda assim, lhe valeu uma nova rodada de entrevistas, e histórias espúrias sobre surras e outras controvérsias que ela fabricava para essas ocasiões a tornaram ainda mais famosa. Papatya começou a participar de debates culturais na linha de “Deve uma jovem turca moderna e kemalista pensar antes em seu trabalho ou no seu marido?”; posando diante do espelho do seu quarto (tendo comprado uma mobília turca tradicional, adornada com alguns elementos da cultura pop), ela brincava com seu urso de pelúcia enquanto discorria sobre como era uma pena jamais ter encontrado o homem dos seus sonhos; produzindo massa verde com a mãe na cozinha, em que havia uma caçarola de esmalte idêntica à da casa de Füsün, ela fazia o papel de dona de casa honesta para provar que era muito mais respeitável que Lerzan, a heroína ferida e impiedosa de *Vidas partidas*. Sua honra jamais fora manchada, e ela vivia perfeitamente feliz, embora, admitisse: “Sem dúvida todas nós temos alguma coisa de Lerzan”, esperando com isso marcar pontos dos dois lados. Feridun manifestava seu orgulho por Papatya se mostrar tão profissional, jamais levando a sério as entrevistas e os artigos sobre ela. Tantas estrelas e aspirantes a atriz menos espertas do Pelür reagiam como amadoras, com medo de que as mentiras propagadas a seu respeito pudessem prejudicar sua imagem pública, mas Papatya sabia como exercer pleno controle, preferindo contar desde o início suas próprias mentiras.

## 71. O senhor quase não vem mais aqui, Kemal Bey

Quando a fábrica do Meltem, agora empenhada em competir com a Coca-Cola e outras marcas estrangeiras, decidiu usar Papatya em sua campanha publicitária de começo do verão, dirigida por Feridun, eu tive um desentendimento final com meu antigo círculo de amigos, pelos quais eu não

sentia rancor, embora tivéssemos nos afastado, e fiquei de coração partido.

Zaim, claro, sabia que Papatya tinha contrato com a Limon Filmes, e assim, planejando conversar amigavelmente sobre a questão, nos encontramos para um longo almoço no Fuaye.

“A Coca-Cola está oferecendo um crédito mais longo aos distribuidores e dando de graça um letreiro imenso de plexiglass para cada estabelecimento de venda, além de calendários e outros brindes promocionais, e simplesmente não temos como competir com isso”, disse Zaim. “Os jovens parecem borboletas: depois que viram o Maradona com uma garrafa de Coca-Cola na mão, não podiam se mostrar mais indiferentes a um refrigerante de fabricação turca, mesmo que seja mais barato e mais saudável.”

“Não se ofenda, mas nas raras ocasiões em que eu tomo refrigerante também prefiro Coca-Cola.”

“E eu também”, disse Zaim. “Mas não interessa o que nós tomamos... Papatya vai nos ajudar a aumentar as vendas nas províncias. Que tipo de mulher ela é? Podemos confiar nela?”

“Não sei. É uma garota ambiciosa que veio do nada. A mãe dela foi cantora de cabaré... E não há sinal de pai. Você está preocupado com o quê?”

“Estamos investindo muito nessa campanha. Se depois disso ela aparecer numa dança do ventre num filme pornô, ou se — não sei — for surpreendida em flagrante com um homem casado... as províncias não iriam aceitar. Ouvi dizer que ela anda envolvida com o marido da sua Füsun.”

Não gostei da maneira como ele disse “sua Füsun”, nem fiquei satisfeito com sua expressão de conhecedor, que me pareceu dar a entender uma consciência implícita de minha intimidade com as pessoas em questão. Um tanto irritado, respondi: “Quer dizer que eles realmente preferem Meltem nas províncias?”. Zaim, que pretendia uma sofisticação moderna e europeia, arrepiou-se à menção de que, a despeito de sua campanha publicitária ocidental estrelada por Inge, o sucesso de seu produto com os consumidores urbanos mais ricos fora efêmero.

“Sim, fazemos mais sucesso nas províncias”, admitiu ele. “Porque as pessoas que vivem lá ainda não corromperam o paladar, são turcos puros, é por isso! Mas não me trate com hostilidade e mau humor... Entendo perfeitamente os seus sentimentos por Füsun. Em nossa época, o seu amor merece todo o respeito — digam o que disserem.”

“Quem anda dizendo o quê?”

“Ninguém está dizendo nada”, respondeu Zaim com cautela.

Isso significava “Você está à margem da sociedade”. A ideia nos deixou intranquilos. Eu gostava muito de Zaim porque podia ter certeza de que ele sempre me diria a verdade e jamais iria querer me magoar.

E Zaim viu o afeto nos meus olhos. Com um sorriso de amizade e estímulo, ergueu as sobrancelhas e perguntou: “E então, o que está acontecendo?”

“As coisas vão bem”, respondi. “Vou me casar com Füsun. Vou entrar de novo na sociedade e levá-la comigo... Supondo, claro, que consiga superar esses mexericos asquerosos.”

“Esqueça essas coisas, meu amigo”, disse Zaim. “Logo tudo será esquecido. Quando eu soube da história de Feridun, imaginei imediatamente que Füsun tomaria juízo.”

“Onde você ouviu falar sobre Feridun?”

“Esqueça isso também”, disse Zaim.

“Bom, e você? Casamento no horizonte?”, perguntei, mudando de assunto com alguma relutância. “Alguém novo na sua vida?”

“Hilmi, o Bastardo, acabou de entrar com a nova esposa, Neslihan”, disse Zaim, olhando para a porta.

“Ora... Vejam só quem está aqui!”, disse Hilmi, vindo na direção da nossa mesa. Neslihan estava vestida muito de acordo com a última moda, o que combinava bem com Hilmi, o Bastardo, pois ele não confiava nos alfaiates e nas costureiras de Beyoğlu e só usava roupas italianas, que escolhia com muito vagar. Era uma satisfação ver um casal tão bem-vestido, tão próspero, mas eu sabia que não seria capaz de manifestar o mesmo desdém generalizado que eles por todas as coisas e pessoas que não se mostrassem à altura de seus padrões de exigência. Enquanto trocávamos apertos de mão, houve um momento em que julguei perceber certo medo nos olhos de Neslihan, de maneira que me mantive reservado na presença deles, postura que de uma hora para outra me pareceu a mais recomendada. Eu mal podia acreditar que um minuto antes, conversando com Zaim, eu usara aquela palavra peculiar, “sociedade”, expressão tirada das revistas e das colunas de celebridades que minha mãe sempre lia — e que tinha declarado minha esperança de estar de volta a ela assim que me redimisse. Sentia vergonha e ansiava por retornar a Çukurcuma e ao mundo que compartilhava com Füsün.

O Fuaye estava cheio como sempre, e, enquanto eu passava em revista os vasos de ciclâmen, as paredes simples e os lustres elegantes como se enumerasse memórias agradáveis, o lugar me pareceu gasto, como se tivesse envelhecido mal. Será que eu conseguiria sentar-me ali algum dia na companhia de Füsün com o coração despreocupado, sentindo apenas a felicidade de estar vivo e próximo a ela? Eu preferia crer que sim.

“Está pensando em alguma outra coisa? Está com aquele ar distante. Deve ter se perdido em devaneios”, disse Zaim.

“Estava pensando no seu dilema em relação a Papatya.”

“Lembre-se de que neste verão ela vai ser a cara do Meltem — essa mulher terá de aparecer em todas as nossas festas e assim por diante. O que você acha, afinal?”

“O que você quer saber?”

“Ela vai estar apresentável? Vai saber se comportar?”

“E por que não? Ela é atriz, na verdade uma estrela.”

“Pois é disso mesmo que estou falando... Você sabe como se comporta esse pessoal de cinema turco, os pobres que fazem papel de ricos. Não podemos nos ver às voltas com uma coisa desse tipo.”

Zaim tirava aquelas expressões das coisas que dizia sua mãe, mulher bem-educada, mas o que ele queria dizer era: “Não é isso que queremos”. Papatya não era a primeira pessoa a despertar aquele tipo de preocupação, que o assolava sempre que ele pensava em alguém que via como de classe inferior. Por mais que seu preconceito me incomodasse, ainda assim não vi o que poderia ganhar manifestando minha irritação ou decepção com meu amigo, meu companheiro de mesa no Fuaye.

Perguntei a Sadi, o chefe dos garçons do restaurante havia muitos anos, que peixes ele recomendava.

“O senhor quase não vem mais aqui, Kemal Bey”, disse ele. “Tampouco a senhora sua mãe.”

Expliquei que, depois que meu pai morreu, minha mãe perdera o interesse por sair de casa.

“E por que o senhor mesmo não traz a senhora sua mãe aqui? Por favor, Kemal Bey — ela pode se alegrar. Quando o pai da família Karahan morreu, traziam a mãe viúva para jantar aqui três vezes por semana, e nós a instalávamos na mesa ao lado da janela, onde ela podia comer seu bife e ficar vendo quem passava pela rua.”

“Você sabia que a senhora em questão fez parte do harém do último sultão?”, perguntou Zaim. “Ela é circassiana, tem olhos verdes, e ainda é linda, com mais de setenta anos. Que tipo de peixe vocês têm para nós?”

Às vezes Sadi simulava um ar indeciso e recitava os nomes dos peixes um por um: “Pescada, goraz, tainha vermelha, peixe-espada, linguado”, dizia ele, erguendo as sobrancelhas em sinal de aprovação ou franzindo a testa para indicar a qualidade de cada um. Noutras ocasiões, era breve: “Hoje vou lhes trazer perca-do-mar frita, Zaim Bey”.

“Acompanhada de quê?”

“Purê de batatas, rúcula, o que o senhor quiser.”

“E de entrada?”

“Temos bonito salgado deste ano.”

“Traga com cebola roxa”, disse Zaim sem tirar os olhos do menu, e depois consultou a lista das bebidas. “Santo Deus, vocês têm Pepsi, soda de Ankara e até Elvan, mas ainda não servem Meltem!”, queixou-se ele.

“Zaim Bey, seu pessoal faz uma entrega, depois nunca mais aparece. Estamos com caixotes de garrafas vazias nos fundos há semanas.”

“Tem razão, nossos distribuidores de Istambul são uns incompetentes”, disse Zaim. E virou-se para mim. “Você conhece esse negócio. Como está indo a Satsat? O que podemos fazer com esse nosso problema de distribuição?”

“Nem me fale da Satsat”, respondi. “Osman criou uma empresa nova com Turgay e acabou conosco. Desde que meu pai morreu, Osman só pensa em dinheiro.”

Zaim não se incomodou de que Sadi ouvisse nossos fracassos particulares. “Traga um raki Kulüp duplo para cada um, com o gelo à parte, pode ser? É o melhor”, disse ele. Quando Sadi se retirou, franzia a testa com se esperasse por uma resposta. “Seu querido irmão Osman quer fazer negócio conosco também.”

“Prefiro ficar fora disso”, respondi. “Mas não vou levar a mal se você tiver negócios com Osman. Negócios são negócios. Quais são as outras novidades, Zaim?”

Ele entendeu imediatamente que eu estava falando das notícias da sociedade, e esperando me animar contou-me várias histórias bem divertidas. Güven, o Afundador de Navios, tinha encalhado o cargueiro enferrujado em terra, dessa vez entre Tuzla e Bayramoğlu. Güven era especialista em navios fora de uso, arruinados e muito poluidores. Ele os comprava no estrangeiro a preço de ferrovelho e, com a ajuda de seus contatos no governo e na burocracia estatal, alterava os papéis para fazê-los parecer navios valiosos e em perfeitas condições; subornando as pessoas certas, obtinha então empréstimos a juro zero do Fundo Turco para o Desenvolvimento Marítimo, dando como garantia o navio, que pouco depois afundava, recebendo polpudas indenizações da Seguradora Başak,

controlada pelo Estado. Assim, quando vendia o cargueiro para seus amigos donos de ferros-velhos, já tinha feito um monte de dinheiro sem nem sequer se levantar de sua mesa. Estimulado por algumas doses de bebida, Güven se gabava com os amigos do clube de ser “o maior armador que já estivera a bordo de um navio”.

“O escândalo começou não por causa das tramoias, mas porque ele fez o navio encalhar bem ao lado da casa de verão que tinha comprado para a amante, de modo a não ter de viajar muito para ir ver o naufrágio. Os residentes daquelas casas de praia responderam com uma verdadeira gritaria contra a poluição da água. E dizem que nem sua amante conseguia parar de chorar.”

“E que mais?”

“As famílias Avunduk e Mengerli investiram tudo com Deniz, o banqueiro, perderam até o último centavo, e foi por isso, aliás, que os Avunduk tiraram a filha do colégio Notre-Dame de Sion e estão tentando arrumar um marido para ela.”

“A garota é horrorosa. Espero que eles consigam”, disse eu. “E quem haveria de confiar em alguém chamado Deniz, o banqueiro? Nunca ouvi falar dele.”

“Você tem algum dinheiro investido em corretora?”, perguntou Zaim. “Sabe de alguma que seja de confiança?”

Tendo chegado à profissão depois de terem tido restaurantes de kebab, oficinas de conserto de pneus de caminhão e até casas lotéricas, esses banqueiros ofereciam rendimentos tão ridiculamente altos que era claro que não teriam como durar muito tempo na atividade. Mas seus anúncios eram tão frequentes e sedutores que eles tinham arrecadado dinheiro suficiente para se manter temporariamente à tona, porque mesmo os que riam deles e os acusavam na imprensa — entre eles até professores de economia que sabiam perfeitamente tratar-se de vigaristas — deixavam-se ofuscar pelos rendimentos apregoados para investir seu próprio dinheiro “só por um ou dois meses”.

“Não tenho dinheiro nenhum investido em corretoras”, disse eu. “Nem nossas empresas.”

“Com esses rendimentos, parece uma idiotice empatar o dinheiro em negócios comuns. Só de pensar que, se eu tivesse investido com Kastelli o dinheiro que enfiei na Meltem, a esta altura já teria dobrado meu investimento, sem precisar dessas dores de cabeça...”

Sempre que me lembro dessa conversa que tivemos em meio aos frequentadores do Fuaye, ela me parece tão vazia e sem sentido como naquele dia. Mas na época, assim como agora, eu ainda não percebia a idiotice generalizada — ou, mais educadamente, a irreflexão generalizada — do mundo em que minha história se desenrolava, vendo apenas naquilo tudo uma triste falta de seriedade que nunca me incomodava além da conta e, mais tipicamente, me fazia até rir quando ostentada com orgulho.

“A Meltem realmente não está ganhando dinheiro?”

Eu disse isso sem a intenção de alfinetar, mas Zaim se ofendeu.

“Tudo agora depende de Papatya — não há mais nada que possamos fazer”, disse ele. “Só espero que ela não nos envergonhe. Combinamos que vai cantar o jingle da Meltem acompanhada pela orquestra Folhas de Prata no casamento de Mehmet e Nurcihan. Toda a imprensa vai estar no Hilton.”

Calei-me por um momento. Eu não ouvira absolutamente nada sobre o casamento de Mehmet e

Nurcihan no Hilton, e fiquei arrasado.

“Eu sei que você não foi convidado”, disse Zaim. “Mas achei que a essa altura já teria ouvido falar do acontecimento.”

“Por que não fui convidado?”

“Ah, as discussões foram intermináveis. Como você pode imaginar, Sibel não quer se encontrar com você. ‘Se ele for, eu não vou’, foram as palavras dela. E, afinal, Sibel é a melhor amiga de Nurcihan. Foi inclusive ela que apresentou Nurcihan a Mehmet, não se esqueça disso.”

“Mas sou um bom amigo de Mehmet”, disse eu. “E também pode-se dizer que tive uma boa participação em aproximar um do outro.”

“Não dê muita importância a essa história — só vai lhe fazer mal.”

“Por que os sentimentos de Sibel são mais importantes que os meus?”, disse, sabendo no momento em que falava que não tinha o direito de reclamar.

“Escute, meu amigo, todo mundo vê Sibel como uma mulher que foi enganada”, disse Zaim. “Você ficou noivo dela e, depois de viverem juntos numa yalı do Bósforo dividindo a mesma cama, abandonou-a. Por muito tempo só se falava disso, e até parece que falavam de um djinn do mal, pela maneira como as mães discutiam o escândalo com suas filhas. Sibel na verdade nem ligou tanto assim, mas de qualquer maneira todo mundo ficou com muita pena dela, e naturalmente com muita raiva de você. Você não pode ficar indignado por agora tomarem o partido dela.”

“Não estou indignado”, disse eu, indignado.

Tomamos nossos rakıs e começamos a comer nosso peixe. Foi a primeira vez que eu e Zaim comemos no Fuaye sem dizer nada. Eu escutava os passos apressados dos garçons, o som constante dos risos e da conversa, o tinido de facas e garfos. Jurei, irritado, que nunca mais voltaria ali, ao mesmo tempo em que pensava no quanto gostava daquele lugar, e que não tinha nenhum outro.

Zaim disse que queria comprar uma lancha no verão, mas que antes precisava encontrar o motor de popa certo, embora não tivesse encontrado nenhum nas lojas de Karaköy.

“Agora já chega. Pare com essa cara de tristeza”, disse ele de repente. “Ninguém pode ficar tão chateado assim só porque vai perder um casamento no Hilton. Você já deve ter ido a algum outro.”

“Meus amigos me viraram as costas por causa de Sibel — não gosto disso.”

“Ninguém virou as costas para você.”

“Sei, mas e se você precisasse tomar a decisão? O que você faria?”

“Que decisão?”, perguntou Zaim, de um modo que me pareceu dissimulado. “Ah, entendi. Claro que iria querer que você viesse. Você e eu sempre nos divertimos muito nos casamentos.”

“Não estou falando de diversão; estou falando de uma coisa mais profunda.”

“Sibel é adorável; é uma jovem muito especial”, disse Zaim. “Você partiu o coração dela. Não só isso — na frente de todo mundo, você pôs Sibel numa situação muito ruim. Em vez de ficar me olhando assim, com essa cara, por que não admite logo o que fez, Kemal? Agente firme e vai ser mais fácil voltar para a sua vida de verdade; em pouco tempo isso tudo vai ser página virada.”

“Quer dizer que você também acha que eu sou culpado?”, perguntei. Sabia que dali a pouco ia me arrepender de insistir no assunto, mas era mais forte do que eu. “Se formos insistir que a virgindade ainda é tão importante, como é que podemos fazer de conta que somos modernos e europeus? Pelo

menos vamos ser honestos uns com os outros.”

“Todo mundo está sendo honesto... O seu erro foi impor as suas opiniões a outra pessoa. A virgindade pode não ser importante para você ou para mim. Mas nem preciso dizer que neste país a virgindade de uma jovem é de extrema importância para ela, por mais moderna e europeia que ela seja.”

“Você disse que Sibel não ligou tanto...”

“Mesmo que Sibel não tenha ligado, a sociedade se incomodou”, disse Zaim. “Tenho certeza de que você também não ligou muito, mas, quando o Cravo-Branco publicou aquelas mentiras horrendas a seu respeito, todo mundo comentou. E, mesmo que você possa dizer que não liga, agora está aborrecido com essa história — não é mesmo?”

Concluí que Zaim estava escolhendo suas palavras — expressões como “a sua vida de verdade” — só para me irritar. E pensei que devia responder na mesma moeda, embora uma voz dentro de mim me recomendasse cautela, lembrando que eu podia me arrepender de alguma coisa que dissesse por despeito depois de dois copos de raki. Mas infelizmente fui tomado pela raiva.

“Na verdade, meu caro Zaim”, disse eu, num tom soberbo, “esse seu plano de fazer Papatya cantar o jingle do Meltem acompanhada pela orquestra Folhas de Prata no Hilton — na verdade é bem mal pensado. Por que você acha que pode funcionar?”

“Ora, não implique comigo. Estamos quase assinando um contrato, pelo amor de Deus. Você não precisa descontar sua raiva em mim.”

“Vai parecer uma coisa meio tosca...”

“Bom, se é o que você pensa, não se preocupe. Escolhemos Papatya justamente por isso — porque ela é meio tosca”, disse Zaim seguro de si. Achei que ele iria dizer que aqueles modos dela tinham se tornado vendáveis graças ao filme que eu produzira, mas Zaim era um bom homem; uma coisa dessas jamais passaria por sua cabeça. Ele simplesmente impediu que a discussão prosseguisse dizendo que ele e seus sócios dariam um jeito de tomar conta de Papatya. “Mas quero lhe dizer uma coisa como amigo”, disse ele. “Kemal, as pessoas não deram as costas para você; você é que deu as costas para elas.”

“E como foi que eu fiz isso?”

“Virando-se para dentro de si mesmo e não encontrando mais alegria nenhuma nem interesse no nosso mundo. Sei que você acha que seguiu seu caminho, em busca de uma coisa profunda e significativa. Fez o que o coração mandou; tomou uma posição clara. Não fique com raiva de nós...”

“Mas não pode ser mais simples do que isso? O sexo era tão bom que fiquei obcecado... O amor é assim. Talvez seja você quem está procurando um significado mais profundo nisso, talvez projetado do seu próprio mundo. Na verdade, o amor entre Füsün e eu não tem nada a ver com você e com os seus.”

Essas últimas palavras saíram de minha boca por conta própria. De repente eu senti como se Zaim me olhasse de muito longe; já desistira de mim muito antes, e só agora admitia que não podia mais se ver a sós comigo. Enquanto me escutava, pensava não em mim, mas no que iria dizer a seus amigos. Dava para ler a ausência no seu rosto. E, como Zaim era um homem inteligente, os sinais que eu acabara de emitir não deixaram de ser percebidos, e dava para ver o quanto ele ficara irritado comigo.

Assim, a distância era perceptível de qualquer ângulo: de repente, eu também estava olhando para Zaim, e para todo o meu passado, de um ponto muitíssimo distante.

“Você é realmente um homem muito sensível”, disse Zaim. “É uma das coisas que eu aprecio em você.”

“O que Mehmet acha disso tudo?”

“Você sabe o quanto ele gosta de você. Mas está feliz com Nurcihan de um modo que ninguém é capaz de entender. Está andando nas nuvens, e não quer que nada — nenhum problema — o obrigue a pisar no chão.”

“Entendi”, disse eu, resolvendo desistir daquilo tudo.

Zaim leu minha mente. “Não pense com o coração, use a cabeça!”, disse ele.

“Está certo, vou ser racional”, respondi, e pelo resto do almoço não dissemos mais nada que tivesse importância.

Uma ou duas vezes Zaim me contou mais alguma história da sociedade, e, quando Hilmi, o Bastardo, e a mulher pararam ao lado da nossa mesa na saída do restaurante, tentou aliviar a tensão com gracejos, mas sem sucesso. As belas roupas usadas por Hilmi e a mulher agora me pareceram pretensiosas, até mesmo falsas. Sim, eu tinha me afastado de todo aquele grupo, de todos os meus amigos, e talvez aquilo fosse motivo de tristeza, mas também havia algo a mais, sentia eu — um ressentimento, uma raiva.

Paguei a conta. Quando nos despedimos à porta, Zaim e eu de repente nos atiramos nos braços um do outro e nos beijamos nas faces, como dois velhos amigos que soubessem que um deles estava prestes a começar uma longa viagem que os separaria por muitos anos. Em seguida, saímos andando em direções opostas.

Duas semanas mais tarde, Mehmet ligou para a Satsat, desculpando-se por não ter conseguido me convidar para o casamento no Hilton. Acrescentou que já fazia algum tempo que Zaim e Sibel estavam juntos. Ele imaginava que eu já soubesse, pois todo mundo sabia.

## 72. A vida também é exatamente igual ao amor...

Numa noite do início de 1983, estava a ponto de me sentar à mesa de jantar dos Keskin quando, percebendo algo estranho, sentindo que faltava alguma coisa, examinei a sala com cuidado. As cadeiras estavam todas em suas posições de costume e não havia nenhum cachorro novo em cima da televisão, mas a sensação de alguma coisa diferente na sala persistia, como se as paredes tivessem sido pintadas de preto. Naquele tempo, eu não pensava mais na minha vida como algo que eu sempre vivesse em plena vigília e consciente do que fazia; começara a pensar que ela era na verdade fruto da imaginação, uma coisa que — assim como o amor — vinha dos meus sonhos. E, como não tinha o menor desejo de me opor ou me render ao pessimismo cada vez maior que sentia em relação ao mundo, agia como se esses pensamentos jamais tivessem me ocorrido. Pode-se dizer que eu decidi deixar tudo como estava. E resolvi aplicar ao desconforto despertado em mim pela sala de jantar a mesma lógica com que respondia à inquietude produzida pelas salas de espera: resolvi não pensar

nela, e esperar que passasse.

A TRT 2, canal de arte e cultura da Turquia, exibia na época uma série de filmes estrelados por Grace Kelly, que acabara de morrer. Era nosso velho amigo Ekrem, o ator famoso, quem apresentava a sessão de “filmes de arte” toda noite de quinta-feira, lendo o texto que tinha nas mãos, as quais o alcoólatra Ekrem Bey escondia atrás de um vaso de rosas para ocultar o tremor. Os comentários eram escritos por um jovem crítico de cinema que fora amigo próximo de Feridun antes de brigarem por causa de uma resenha impiedosa de *Vidas partidas*. Ekrem Bey lia a prosa barroca e intelectualizada do jovem crítico com pouca compreensão; finalmente, erguia os olhos da página, e pouco antes de dizer “e agora apresentamos o filme da noite de hoje” anunciava que tinha conhecido “a elegante estrela americana e princesa num festival de cinema muitos anos atrás”, acrescentando, quase como se fosse um segredo, que ela cultivava um amor profundo pelos turcos, com uma expressão sonhadora que dava a entender que podia até ter vivido um romance com a encantadora atriz. Füsün, que ouvira muitas histórias sobre Grace Kelly de Feridun e de seu amigo crítico de cinema durante os primeiros anos de seu casamento, não perdia um único desses filmes, e, como eu não podia perder uma oportunidade de ver Füsün acompanhando a frágil, desamparada, mas ainda assim radiosamente linda Grace Kelly, procurava me assegurar de ocupar meu lugar à mesa dos Keskin toda quinta-feira.

Naquela quinta vimos *Janela indiscreta*, de Hitchcock, mas, longe de desanuviar minha mente atribulada, o filme só fez acentuar minha ansiedade. Era esse filme a que eu tinha ido assistir oito anos antes, quando, deixando meu triste almoço com os funcionários da Satsat, refugiei-me num cinema para rememorar os beijos de Füsün em paz e na solidão. Mas agora não me consolava ver com o canto do olho o quanto Füsün estava absorta naquele filme, nem ajudava ver nela algo da pureza e do requinte de Grace Kelly. Fosse a despeito do filme ou por causa dele, eu fora tomado por aquele estupor que às vezes me acometia, senão sempre pelo menos a intervalos regulares, durante os jantares em Çukurcuma. Era como me ver enredado num sonho sufocante, preso num aposento cujas paredes avançassem para me imprensar. Era como se o próprio tempo se afunilasse cada vez mais.

Passei muitas horas pensando na maneira de transpor para o Museu da Inocência essa sensação de estar preso num sonho. É uma condição com dois aspectos: (a) o de um estado espiritual e (b) o de uma visão ilusória do mundo.

(a) O estado espiritual é um tanto semelhante ao que se segue ao consumo de álcool ou maconha, embora diferente em alguns aspectos. É a sensação de não estar vivendo exatamente no momento presente, neste agora, aqui. Na casa de Füsün, enquanto jantávamos, muitas vezes eu tinha a impressão de estar vivendo num momento do passado. Segundos antes de assistir a um filme de Grace Kelly na televisão, ou algo assim, é bem verdade que nossas conversas em torno da mesa eram mais ou menos parecidas, mas não tão repetitivas que invocassem esse sentimento; na verdade, era uma sensação de não me entregar àqueles momentos da minha vida na hora em que ocorriam, tendo a impressão de que não vivenciava cada um deles. Enquanto meu corpo vivia o presente na tela, minha mente contemplava Füsün e a mim mesmo de certa distância, e minha alma de uma distância maior ainda. Assim, aquele momento que eu vivia produzia em mim o efeito de algo que eu

rememorasse. Os visitantes do meu Museu da Inocência devem obrigá-lo, portanto, a encarar os objetos aqui expostos — os botões, os copos, as fotografias antigas e os pentes de Füsün — não como objetos reais no momento presente, mas como memórias minhas.

(b) Experimentar esse momento presente como memória é vivenciar uma ilusão temporal. Mas eu também experimentava uma ilusão espacial. Exponho aqui uma dupla de ilusões de óptica. Tentem detectar as sete diferenças entre essas duas imagens, ou decidir qual delas é a menor; esse enigma é do tipo que me induzia a um desconcerto semelhante quando eu era menino e deparava com eles nas revistas infantis. Quando eu era criança, brincadeiras como “Ajude o rei a sair do labirinto” ou “Que túnel o coelho deve usar para sair da floresta?” me divertiam, mas me deixavam nervoso. Da mesma forma, durante o sétimo ano dos meus jantares na casa dos Keskin, a mesa de jantar se transformou num lugar mais sufocante do que divertido. E, naquela noite, Füsün percebeu meu estado de espírito.

“Qual é o problema, Kemal? Não gostou do filme?”

“Gostei.”

“Talvez não tenha achado a história boa”, disse ela, com cuidado.

“Pelo contrário”, respondi, e me calei.

Era tão fora do comum Füsün demonstrar interesse por meu humor ou me perguntar como eu estava quando ainda nos encontrávamos à mesa, ao alcance dos ouvidos de seus pais, que fui levado a dizer algumas palavras de admiração sobre o filme e Grace Kelly.

“Mas eu sei que você está abatido hoje à noite, Kemal, não tente negar”, disse Füsün.

“Então está bem, eu falo... É só que estou com a impressão de que alguma coisa mudou na casa, mas não consigo descobrir o quê.”

Todos começaram a rir.

“Mudamos Limon para o quarto dos fundos, Kemal Bey”, disse tia Nesibe. “Estávamos estranhando você não ter dito nada.”

“É mesmo?”, perguntei. “Como eu posso não ter percebido? Quer dizer, eu adoro Limon...”

“Nós também”, disse Füsün com orgulho. “Decidi pintar o retrato dele, por isso mudamos a gaiola para o outro quarto.”

“E já começou a pintar? Posso ver, por favor?”

“Claro.”

Fazia algum tempo que Füsün desistira de sua série das aves, que não despertava mais seu entusiasmo. Ao entrar no quarto dos fundos, antes de olhar para o próprio Limon, inspecionei a pintura do canário, que Füsün apenas começara.

“Feridun não tira mais fotografias de aves”, disse Füsün. “Por isso decidi pintar diretamente a partir do modelo.”

A expressão de Füsün, sua postura quando falava de Feridun como se fosse alguém do seu passado — tudo aquilo fazia minha cabeça girar. Mas mantive a calma. “Começou muito bem, Füsün”, disse eu. “Limon vai acabar sendo a melhor das suas obras. Afinal, é um modelo que você conhece muito bem, e é quando desenhamos as coisas que conhecemos melhor que produzimos as melhores obras de arte.”

“Mas não estou querendo ser realista.”

“Como assim?”

“Não vou pintar a gaiola. Limon vai aparecer empoleirado diante da janela como um passarinho solto que pousou ali por sua livre e espontânea vontade.”

Aquela semana, fui jantar mais três vezes com os Keskin. A cada uma delas, depois que acabávamos de comer, íamos até o quarto dos fundos acompanhar os progressos do retrato de Limon. Ele parecia mais feliz e animado fora de sua gaiola, e, quando íamos ao quarto dos fundos, nos interessávamos mais pela pintura que pelo próprio pássaro. Depois de uma discussão estranhamente séria sobre as dificuldades daquela obra, falávamos de uma viagem para ir ver os museus de Paris.

Na noite de terça-feira, enquanto observávamos a pintura de Limon, eu disse as palavras que tinha preparado de antemão, embora estivesse nervoso como um colegial: “Querida, chegou a hora de deixarmos essa casa e essa vida juntos”, sussurrei. “A vida é curta, e em nossa teimosia já perdemos muitos dias, muitos anos. Agora precisamos ir para outro lugar e sermos felizes.” Füsün fez de conta que não me ouviu, mas Limon respondeu com um chilreio apressado. “Não temos mais nada a temer, mais nada que nos prenda. Você e eu, nós dois, devemos ir embora daqui juntos, para outro lugar, para outra casa, para uma casa que seja nossa, e viver felizes a partir de então. Você só tem vinte e cinco anos — temos meio século de vida pela frente, Füsün. Sofremos bastante nesses últimos seis anos para merecer cinquenta anos de felicidade! Vamos embora juntos agora. Já fomos teimosos um com o outro por tempo demais.”

“Fomos teimosos um com o outro, Kemal? Isso para mim é novidade. Não ponha a mão aí, está assustando o passarinho.”

“Não estou assustando o canário. Veja, ele está comendo na minha mão. Podemos reservar para ele o melhor lugar da casa.”

“Meu pai deve estar se perguntando onde nós nos metemos”, disse ela, em tom caloroso, como se compartilhássemos um segredo.

Na quinta-feira seguinte assistimos a *Ladrão de casaca*. Em vez de ver Grace Kelly, fiquei vendo Füsün assistindo à estrela, do início ao fim. Em tudo — da pulsação das veias azuis no pescoço da minha beldade à maneira como sua mão adejava por sobre a mesa, ajeitava o cabelo ou segurava seu cigarro — eu via seu fascínio pela princesa das telas.

Quando fomos ao quarto dos fundos, Füsün disse: “Sabe o quê, Kemal? Grace Kelly também não era boa de matemática. E virou atriz depois de trabalhar primeiro como modelo. Mas a única coisa que invejo nela é que sabia dirigir”.

Em sua apresentação daquela semana, como se estivesse dando a conhecer alguma informação de cocheira, Ekrem Bey revelou uma estranha coincidência aos fãs de cinema da Turquia: que, um ano antes, a princesa morrera num acidente de carro na mesma estrada em que aparecia dirigindo naquele filme.

“Por que você tem inveja disso?”

“Não sei. Dirigindo ela parecia tão poderosa e livre. Talvez seja por isso.”

“Posso ensinar você a dirigir, se quiser.”

“Não, não, seria impossível.”

“Füsün, eu sei que em duas semanas poderia ensinar o suficiente para você tirar a carteira e dirigir perfeitamente por Istambul. Não há a menor dificuldade. Além disso, Çetin me ensinou a dirigir quando eu era da sua idade [o que era mentira]. Você só precisa ficar calma e ter um pouco de paciência.”

“Paciente eu sou”, respondeu Füsün em tom confiante.

## 73. A carteira de motorista de Füsün

Em abril de 1983, Füsün e eu começamos as aulas para o exame de motorista, depois que nossos primeiros planos provocaram cinco semanas de indecisão, relutância simulada e silêncio. Ambos sabíamos que havia mais em jogo que uma simples carteira de motorista, pois a intimidade entre nós seria posta à prova, novamente num contexto em que eu figurava como seu professor. Tinha chegado nossa segunda chance, e, convencido de que Deus não haveria de nos conceder uma terceira, eu estava tenso.

Ainda assim, sentia-me radiante com a concordância final de Füsün, e por isso alimentava uma autêntica esperança de ficar cada vez mais relaxado, alegre e confiante. O sol começava a querer emergir por trás das nuvens, depois de um longo e tenebroso inverno.

Foi na tarde de um desses dias ensolarados e resplandecentes de primavera (15 de abril, para ser exato, três dias depois que tínhamos celebrado seu vigésimo sexto aniversário com um bolo de chocolate que eu comprara na Divan) que peguei Füsün no Chevrolet diante da mesquita de Firuzaga para sua primeira aula de direção, e lá fomos nós, comigo ao volante e Füsün sentada ao meu lado. Ela me pediu para não a pegar em frente da casa em Çukurcuma, mas numa esquina ladeira acima, a cinco minutos dos olhares curiosos da vizinhança.

Era a primeira vez em oito anos que saíamos juntos a sós, embora eu estivesse tenso e nervoso demais para perceber minha própria alegria. Estava saindo a sós com ela depois de uma espera angustiante de oito anos — fora submetido a tantas provas, tinha suportado tanta dor —, mas apesar de tudo não era esta a minha sensação. Sentia-me antes como se estivesse saindo pela primeira vez com uma jovem espetacular que alguma outra pessoa tivesse localizado para mim, e que, na opinião deles, formaria comigo um par perfeito.

Füsün usava um elegante vestido estampado com rosas cor de laranja e folhas verdes sobre um fundo branco. Foi esse mesmo vestido — com seu decote em V e a saia logo abaixo dos joelhos — que usou em todas as aulas de direção, como uma esportista que usasse o mesmo traje específico em cada sessão de treinamento, e no final das aulas seu vestido ficava encharcado, como as roupas de uma atleta. Três anos depois que começamos as aulas de direção, quando localizei aquele vestido na cômoda de Füsün, eu o peguei, cheirando instintivamente suas mangas e sua parte da frente à procura do aroma singular que ela emanava, desejando relembrar o prazer daquelas nossas aulas tensas e vertiginosas, no parque Yıldız, logo acima do palácio do sultão Abdülhamit.

As axilas de Füsün eram a primeira parte que ficava úmida, antes que manchas escuras se espalhassem lenta e adoravelmente por seus seios, seus braços e sua barriga. Às vezes o carro engasgava num ponto ensolarado do parque, e — assim como oito anos antes, quando fazíamos amor — transpirávamos um pouco, sentindo o sol na nossa pele. Mas Füsün e eu transpirávamos não tanto por causa do sol quanto por estarmos a sós no carro, respirando o mesmo ar confinado, com o mesmo acanhamento, as mesmas tensões e o mesmo nervosismo. Quando Füsün cometia algum erro, passando por exemplo com o pneu dianteiro direito da calçada, desgastando a engrenagem ou deixando o motor morrer, enrubescia de raiva e começava a transpirar, mais profusamente ainda nas

ocasiões em que errava a troca de marchas.

Füsun estudara com cuidado as regras do trânsito, decorando os livretos em casa, e seu manejo do volante não era ruim, mas — como tantos motoristas iniciantes — a troca de marchas era seu ponto fraco. Ela conduzia com todo o cuidado a baixa velocidade percorrendo a área de aprendizado, e reduzia ainda mais ao chegar na esquina, aproximando-se da calçada com o cuidado de um capitão que manobra para encostar o navio num cais, e, quando eu dizia “Perfeito, minha linda, você está indo muito bem”, ela tirava o pé da embreagem depressa demais e o carro dava um salto para a frente, estertorando sem fôlego como um velho agonizante. Enquanto o carro avançava aos trancos, como um inválido tomado pela tosse, eu gritava: “A embreagem, a embreagem, a embreagem!”. Mas em seu pânico Füsun pisava no acelerador ou no freio, nunca no pedal certo. Quando era o acelerador, o carro dava um salto ameaçador antes de morrer. Eu observava o suor escorrer pelo rosto vermelho de Füsun, pingando da ponta de seu nariz e brotando abundante em suas têmporas.

“Chega, não quero mais”, dizia ela, enxugando o rosto com as costas da mão, profundamente envergonhada. “Nunca vou aprender essa coisa. Eu desisto! Não nasci para ser motorista, é isso.” Então descia do carro e saía andando furiosa. Às vezes saltava para fora do carro sem dizer nada, e pescando um lençinho em sua bolsa caminhava para longe enquanto enxugava a transpiração; quando chegava a um ponto a quarenta ou cinquenta passos de mim, ficava ali parada um tempo, fumando furiosamente. (Numa dessas ocasiões, dois homens que acharam que viera sozinha para o parque acorreram em segundos para junto dela.) Noutras vezes ela acendia seu Samsun sem descer do carro, e o cigarro também ficava saturado de sua cólera úmida enquanto ela o apagava com força no cinzeiro, dizendo que nunca ia conseguir sua carteira e, de qualquer modo, não queria mesmo aprender a dirigir.

Naturalmente eu entrava em pânico, porque parecia que não estava desistindo apenas da carteira de motorista, mas de nossa felicidade futura, e quase implorava a Füsun que procurasse ter paciência e se acalmar.

Enquanto seu vestido úmido se colava em seus ombros, eu contemplava seus braços adoráveis, o pânico em seu rosto, sua testa franzida, seu gesto de esticar nervosamente os braços, e seu corpo miúdo, ensopado de suor, como ocorria naqueles dias de primavera em que nos amávamos. Pouco depois de ocupar o banco do motorista, Füsun ficava muito corada, em pouco tempo abria o botão de cima do seu vestido, e suava ainda mais profusamente. Vendo a umidade em seu pescoço, em suas têmporas e atrás de suas orelhas, eu tentava lembrar, vislumbrar aqueles seios magníficos em forma de pera que, oito anos antes, eu pusera em minha boca. (Naquela noite, de volta à minha casa, depois de consumir depressa alguns copos de rakı em meu quarto, sonhei que tinha visto seus mamilos, vermelhos como morangos.) Às vezes, enquanto Füsun dirigia, eu percebia que ela estava consciente de até que ponto olhar para ela me deixava intoxicado e, sentindo que ela não se incomodava e na verdade até achava bom, meu desejo crescia ainda mais. Quando eu me inclinava para a frente a fim de lhe mostrar como trocar de marcha suavemente com um movimento único e minha mão encostava na dela, em seu lindo braço ou em sua coxa, ocorria-me que, antes mesmo que qualquer contato físico tivesse ocorrido naquele carro, nossas duas almas tinham se transformado numa só. Então Füsun tornava a tirar o pé da embreagem antes da hora, e o Chevrolet 56 do meu pai

tinha um frêmito de pangaré pobre e doente, estertorando violentamente até se apagar. Com o motor engasgado, percebíamos o silêncio profundo que reinava no parque à nossa volta, no palacete de verão à nossa frente, em toda parte, pelo mundo todo. Escutávamos encantados o chiado de um inseto que iniciava seu voo vernal antes que a primavera se firmasse, e percebíamos como era maravilhoso estar vivo num parque num dia de primavera em Istambul.

Foi naqueles jardins e naqueles palacetes que Abdülhamit se escondeu do mundo inteiro, governando recluso o Estado otomano e brincando como um menino com a miniatura de navio na grande piscina (os Jovens Turcos chegaram a planejar um atentado a bomba que destruísse ao mesmo tempo ele próprio e o navio); depois da fundação da República, aquele terreno se transformara num parque público que servia para as famílias ricas darem um passeio tranquilo ou para aspirantes a motorista igualmente sem pressa. Tanto Hilmi, o Bastardo, quanto Tayfun e até Zaim me contaram que casais corajosos que não tinham aonde ir vinham até ali, refugiando-se atrás dos plátanos e das castanheiras centenárias, para trocar beijos. Sempre que os víamos abraçados à sombra das árvores, Füsün e eu recaíamos num longo silêncio.

Nossas aulas duravam no máximo duas horas, embora a mim parecessem tão infundáveis quanto nossas horas de amor no apartamento do edifício Merhamet; quando cada aula acabava, sucumbíamos ao silêncio que se transformara em nosso padrão básico de comportamento.

“Vamos a Emirgân tomar um chá?”, eu perguntava quando transpúnhamos os portões do parque.

“Sim, está bem”, sussurrava ela em resposta, como uma menina acanhada.

Eu me sentia eufórico como um rapaz que, tendo chegado ao momento de combinar seu casamento, só encontrasse motivo de deleite e gratidão depois do primeiro encontro com sua prometida. Percorríamos as margens do Bósforo, estacionando junto ao mar, e ficávamos sentados no carro, tomando chá aos goles, e eu perdia a fala de felicidade. Era a única coisa que conseguíamos fazer depois das agitadas correntes submersas que dominavam nossas aulas. Füsün ficava em silêncio ou falava sobre direção de automóveis.

As janelas às vezes se embaçavam, e uma ou duas vezes tentei usar algum pretexto para tocá-la ou dar-lhe um beijo, mas, como toda moça honrada que recusasse qualquer tipo de intimidade física antes do casamento, ela me empurrava educadamente. Ainda assim, mesmo depois desses momentos ela não perdia nada de seu refulgente bom humor — e que alegria era ver que não ficara aborrecida comigo. Havia, acho, algo em minha reação satisfeita à rejeição que lembrava um pretendente provinciano descobrindo que a moça que tenciona desposar tem “princípios”.

Em junho de 1983, percorremos praticamente todos os bairros de Istambul reunindo a documentação necessária para o exame de motorista. Um dia, depois de esperar por meio dia numa fila do lado de fora da administração do Hospital Militar de Kasımpaşa, ao qual todos os candidatos a motorista eram encaminhados devido às medidas de emergência vigentes na época, aparecemos com um atestado confirmando a boa forma do sistema nervoso de Füsün e de seus reflexos depois de um período de tempo interminável à porta de um médico irritadiço, e demos uma volta triunfal a pé por aquela área, chegando à mesquita de Piyalepaşa. Noutro dia, tínhamos esperado por quatro horas numa fila à porta do Hospital de Primeiros Socorros de Taksim, só para descobrir que o médico tinha ido para casa; para acalmar nossa indignação, jantamos cedo num pequeno restaurante russo de

Gümüşsuyu. Outro dia, depois de sermos informados de que o otorrinolaringologista de que precisávamos tanto estava de férias e que precisaríamos ir a um hospital em Haydarpaşa, passamos o tempo na balsa de Kadıköy jogando *simits* do deque para as gaiotas. Foi no Hospital Çapa da Universidade de Istambul que entregamos nossa pilha de atestados e documentos, e, enquanto esperávamos que fossem devidamente examinados, demos uma longa caminhada, percorrendo ruas estreitas calçadas de pedra e passando bem na frente do hotel Fatih. Eu sofrera tamanha angústia naquele lugar por causa de Füsün, e foi lá que recebi a notícia da morte de meu pai, mas agora o hotel parecia ficar em outra cidade.

Sempre que conseguíamos mais um atestado necessário, que guardávamos na pasta que nos acompanhava a toda parte e que a essa altura exibia várias manchas de chá, café, tinta e óleo, saíamos do hospital muito animados e íamos comemorar nosso sucesso em um restaurante simples da área. Füsün fumava abertamente, sem ficar nervosa ou tentar ser discreta; às vezes se debruçava na direção do cinzeiro e — como se fôssemos camaradas do Exército — pegava sem aviso meu cigarro para acender o seu, lançando em seguida um olhar expectante e brincalhão à sua volta, à procura da diversão seguinte. Deixava-me animado ver minha amada, vítima de um casamento infeliz, aproveitar a vida daquela forma: olhando para as pessoas, conhecendo novos lugares, encantada com as surpresas da vida urbana e ansiosa por fazer novos amigos.

“Viu aquele homem? O espelho que está carregando é maior que ele”, dizia Füsün. Depois de ficar parada ao meu lado numa rua calçada de pedra vendo os meninos jogarem futebol, com uma alegria mais sincera do que a minha, ela nos comprava duas garrafas de refrigerante da mercearia Mar Negro (a qual, como para provar as palavras de Zaim, não vendia Meltem!). Quando um trabalhador carregando bombas manuais e uma imensa barra de ferro passou descendo a rua, olhando para as janelas rendilhadas das casas de madeira e gritando “Limpeza de esgoto!” para os moradores dos edifícios de concreto e dos pisos superiores, Füsün ficou tão fascinada que parecia uma criança; na balsa de Kadıköy, quando aparecia um vendedor demonstrando um utensílio capaz de descascar abóbora, espremer limão e até cortar carne em fatias, ela estudava cuidadosamente o instrumento de metal nas mãos. “Viu aquele rapaz?”, perguntava sobre alguém com quem cruzáramos na rua. “Está praticamente estrangulando o irmão menor.” Num cruzamento, onde muita gente se aglomerava diante de um parquinho enlameado, ela exclamou: “O que está havendo? Estão vendendo o quê?”, e se adiantou, puxando-me a reboque, para um ponto de onde pudéssemos ver os ciganos e seu urso dançarino, as crianças de avental preto, rolando no meio da rua enquanto brigavam, e os olhos tristes de dois cachorros enganchados no coito enquanto algumas pessoas zombavam em voz alta e outros assistiam com ar passivo. Se dois carros colidissem e os motoristas descessem, loucos por uma briga, se uma bola de plástico cor de laranja deixasse o pátio de uma mesquita e descesse quicando graciosa uma ladeira, se uma escavadeira estivesse preparando as fundações de um edifício numa avenida importante, ou se houvesse uma televisão ligada numa vitrine de loja, parávamos para olhar junto a todos os outros passantes.

Tornarmos a nos conhecer enquanto explorávamos a cidade; víamos uma parte desconhecida de Istambul a cada dia, e eu via um lado desconhecido de Füsün — era um prazer em permanente renovação. Quando testemunhávamos o caos que reinava nos hospitais, vendo os velhos desesperados

que precisavam fazer fila junto à porta ainda de madrugada para ter a chance de ver algum médico, ou quando deparávamos com açougueiros clandestinos que carneavam carcaças de animais nos terrenos baldios das ruas secundárias, longe dos olhos dos fiscais do conselho da cidade, parecia-me que as áreas mais sombrias da vida nos deixavam ainda mais próximos. Embora nossa própria história tivesse suas sombras constrangedoras, não eram nada em comparação com as trevas ferozes da vida da cidade e de seus moradores, que vislumbrávamos ao percorrer aquelas ruas. A cidade nos ensinava como nossas vidas eram ordinárias e nos transmitia também uma humildade que excluía a culpa. Havia um poder de consolação que eu sentia ao me misturar aos transeuntes da cidade nos ônibus e nos táxis compartilhados, e quando admirava Füsün enquanto ela conversava com alguma mulher de cabeça coberta sentada no banco ao lado, com o neto adormecido no colo.

Com ela, pude descobrir todo o desconforto e todo o prazer de um passeio por Istambul na companhia de uma linda mulher de cabeça descoberta. Quando entrávamos na área de recepção de um hospital ou em uma repartição da burocracia do Estado, todas as cabeças se viravam para ela. Velhos funcionários acostumados a encarar com olhos altivos e indiferentes os idosos e os empobrecidos endireitavam as costas, apresentando-se com um olhar de dedicação diligente ao dever, e sem lhe perguntar sua idade dirigiam-se a ela como “jovem senhora”. Havia aqueles que, habituados ao uso despreocupado de formas de tratamento mais familiares com outros pacientes, faziam questão de tratá-la mais formalmente como “a senhora”, e outros que não se atreviam sequer a olhar para seu rosto. Jovens médicos a abordavam como os cavalheiros muito educados dos filmes europeus, e perguntavam: “Posso ajudá-la em alguma coisa?”. Professores calejados que davam a impressão de nem perceber minha presença tentavam capturar sua boa vontade com gracejos e cortesias. E todas essas mudanças eram provocadas pela aparição de uma bela mulher de cabeça descoberta em uma repartição burocrática do Estado, semeando uma inquietação momentânea, às vezes até certo pânico. Alguns funcionários não conseguiam falar claramente em sua presença, outros gaguejavam, outros ainda ficavam mudos, sendo obrigados a recorrer a outro homem que pudesse atuar como intermediário. Quando finalmente me viam e me tomavam por marido dela, relaxavam num desamparo muito semelhante ao meu.

“Füsün Hanım precisa de um atestado de um otorrinolaringologista para apresentar ao departamento de licenciamento de motoristas”, dizia eu. “De Beşiktaş nos mandaram para cá.”

“O doutor ainda não chegou”, respondia o contínuo encarregado do balcão. Abrindo a pasta que levávamos nas mãos, ele lançava um olhar rápido aos documentos que continha e dizia: “Por favor, assine o registro e pegue uma senha”. Quando percebíamos como era imensa a fila de pacientes, ele acrescentava: “Todo mundo está esperando na fila. Ninguém é atendido sem esperar”.

Numa ocasião, percebi uma oportunidade de molhar a mão do atendente, mas Füsün objetou, dizendo: “Não, vamos fazer as coisas do mesmo modo que todo mundo”.

Enquanto esperávamos na fila, conversando com pacientes e funcionários, todo mundo imaginava que eu fosse marido de Füsün, o que me deixava muito satisfeito. Não encarava esse engano como um reflexo da suposição de que uma mulher jamais iria a um hospital com um homem que não fosse seu marido, mas como uma prova de que nossa intimidade crescente saltava aos olhos de todos. Certa vez saímos para passear um pouco pelas ruas secundárias de Cerrahpaşa, enquanto

esperávamos que o número da nossa senha fosse chamado no Hospital Çapa da Universidade, e em algum momento me perdi de Füsün, ao que uma janela numa casa de madeira em mau estado abriu-se e uma senhora de cabeça coberta me informou que “minha esposa” tinha entrado na mercearia da esquina. Atraíamos certa atenção nessas áreas, mas não provocávamos alarme. Algumas crianças podiam nos seguir, alguns adultos nos tomavam por turistas perdidos. Às vezes um jovem encantado com Füsün podia nos seguir por certo tempo só para admirá-la de longe, mas, quando, algumas esquinas mais adiante, eu percebia seus olhares, desaparecia educadamente. Cabeças muitas vezes despontavam em portas e janelas, as mulheres perguntando a Füsün quem estávamos procurando, ou qual endereço, e os homens perguntando o mesmo a mim. Uma vez, vendo Füsün a ponto de dar uma mordida numa ameixa que acabara de comprar de um vendedor ambulante, uma senhora estendeu a mão, exclamando: “Espere um minuto, minha filha. Primeiro deixe eu lavar a ameixa para você!”. A mulher lavou nossas ameixas em sua cozinha de piso de pedra no andar térreo, fez-nos um café e nos perguntou o que estávamos fazendo nas redondezas; quando eu disse que minha esposa e eu estávamos à procura de uma bela casa de madeira para morar, a senhora repetiu a informação a todos os vizinhos.

O tempo todo, nossas laboriosas aulas de direção no parque Yıldız continuavam, enquanto nos preparávamos também para o exame escrito. Quando estávamos sentados no pátio de alguma casa de chá com tempo de sobra, Füsün às vezes tirava um livreto da bolsa com o título de *Dirigir é fácil* ou *Todas as perguntas do exame escrito, com respostas* e, com um sorriso malicioso, começava a me interrogar.

“O que é uma via pública?”

“Não sei.”

“Todas as ruas, avenidas e logradouros franqueados ao trânsito do público”, respondia Füsün, recitando uma parte de memória e lendo o resto. “Muito bem, então, o que é trânsito?”

“É tudo que diz respeito à presença e ao deslocamento de pedestres e animais...”

“Está errado, não termina aí”, dizia Füsün. “O trânsito diz respeito à presença e ao deslocamento de pedestres, animais, veículos mecânicos e tratores com rodas pelas vias públicas.”

Eu adorava essas conversas na forma de perguntas e respostas, que nos faziam lembrar da escola secundária, do currículo, que dependia muito da memorização, e dos nossos boletins, que traziam notas de “comportamento”, e logo eu acabava fazendo uma pergunta a ela.

“O que é o amor?”

“Não sei.”

“Amor é o nome que se dá ao laço que une Kemal a Füsün sempre que eles se deslocam pelas ruas ou calçadas; entram em casas, jardins ou salas; ou sempre que ele olha para ela sentada no pátio de uma casa de chá ou num restaurante, ou sentada à mesa do jantar.”

“Hummm... Gostei da resposta”, dizia Füsün. “Mas amor não é o que você sente quando não me vê?”

“Nesse caso, o amor se transforma numa obsessão terrível, uma doença.”

“E o que isso tem a ver com o exame de direção?”, perguntava Füsün. Em seguida, comportava-se como se esse tipo de conversa não pudesse durar muito entre um homem e uma mulher que não

fossem casados, e eu tomava o cuidado de não fazer mais nenhum comentário do mesmo tipo pelo resto do dia.

O exame escrito aconteceu em Beşiktaş, num palacete onde Numan Efendi, um dos príncipes loucos de Abdülhamit, ouvia as garotas do harém tocando o *ud* enquanto ele passava seu tempo produzindo quadros impressionistas representando o Bósforo. Depois da fundação da República, o casarão foi convertido pelo Estado em repartições que nunca estavam devidamente aquecidas, e enquanto eu esperava à porta pensei com tristeza, como já pensara inúmeras vezes, que devia ter ficado à espera dela à porta do edifício Taşkılla enquanto ela fazia seu exame de acesso à universidade, oito anos antes. Se eu tivesse rompido o noivado com Sibel e mandado minha mãe pedir a mão de Füsün, a essa altura já poderíamos ter três filhos. Mas ainda teríamos tempo para três filhos, ou até mais, depois que nos casássemos. Eu estava tão seguro disso quando Füsün saiu do exame com ar muito alegre, anunciando “respondi a todas as perguntas!”, que me vi à beira de lhe comunicar quantos filhos iríamos ter, mas me contive, lembrando que à noite ainda nos sentávamos, com toda a solenidade, à mesa da família, vendo televisão enquanto jantávamos.

Füsün passou no exame escrito com a nota máxima, mas foi miseravelmente reprovada em sua primeira prova prática. Geralmente reprovavam todo mundo na primeira tentativa, só para enfatizar o quanto operar um automóvel era uma coisa séria, mas não estávamos preparados para o resultado. Ela entrou no Chevrolet acompanhada por três examinadores, e, embora tenha conseguido dar a partida no carro e fazê-lo entrar em movimento, não tinha chegado longe quando um examinador de voz muito grave instalado no banco traseiro declarou: “A senhora não olhou no espelho!”; quando Füsün virou-se para trás e perguntou “Como disse?”, mandaram-na parar o carro na mesma hora e desembarcar. O motorista, diziam claramente as regras do trânsito, jamais podia olhar para trás enquanto dirigia. Os examinadores desceram prontamente do Chevrolet, como se realmente sentissem medo de se verem num carro com aquela motorista imprudente, uma reação degradante que deixou Füsün humilhada.

Marcaram um segundo exame para dali a quatro semanas, no final de julho. Gente que conhecia o *modus operandi* da repartição de licenciamento de motoristas riu muito ao nos ver tão abatidos e humilhados, e nos explicaram pacientemente como poderíamos assegurar a licença indo a determinada casa de chá de um bairro muito pobre (com quatro retratos de Atatürk e um relógio na parede), frequentada por todo mundo em Istambul que tinha alguma ligação com a atividade de licenciamento de motoristas. Se nos matriculássemos numa das autoescolas mais caras, onde os professores eram guardas de trânsito aposentados (e o comparecimento não era obrigatório), passaríamos com toda a certeza, porque a junta de examinadores e muitos policiais eram sócios delas.

Pagar pelo curso também nos valeria o privilégio de fazer o teste num velho Ford especialmente modificado: esse veículo tinha um buraco grande no piso ao lado do banco do motorista, de tal maneira que, quando chegava a hora de o candidato a motorista estacionar num espaço apertado, podia ver marcas coloridas pintadas no asfalto; e se recorresse às instruções, escondidas atrás da aba protetora contra o sol, saberia quais marcas indicavam que precisava virar o volante o máximo para a esquerda, e exatamente em que momento devia engatar a ré para estacionar o carro impecavelmente. Também era possível, por uma quantia maior, contornar de todo a matrícula numa autoescola,

costume que eu, um empresário, sabia ser muitas vezes inevitável. Mas, como Füsün se opunha de maneira terminante ao menor enriquecimento dos policiais que a tinham reprovado de forma tão insensível, continuamos nossas aulas no parque Yıldız.

O guia do exame continha centenas de regras menores cujo conhecimento o motorista precisava demonstrar nas ruas. Não bastava operar o carro de maneira apropriada na presença da junta examinadora; também era necessário demonstrar, às vezes com gestos exagerados, o pleno conhecimento dessas regras — por exemplo, olhar no espelho retrovisor da forma exigida contava menos do que quando o candidato também demonstrava a consciência dessa necessidade segurando o espelho. Um policial com modos de pai, com longa experiência no processo de exames, explicou isso a Füsün de maneira muito amigável, dizendo: “Minha filha, não basta você dirigir durante o exame. Também precisa dar a impressão de que está dirigindo. Dirigir você faz para si mesma, mas para os examinadores precisa também dar a impressão”.

Depois de nossas aulas de direção no parque, quando o sol já estava baixo no céu, seguíamos até Emirgân para um café e um copo de soda à beira do Bósforo, ou a um café de Rumelihisarı para pedir um chá tirado do samovar, e esses prazeres nunca deixavam de neutralizar os desgostos das aulas. Mas espero que os leitores não infiram disso que nos comportávamos como namorados tontos.

“Estamos avançando mais nessas aulas do que nas de matemática!”, disse eu certa vez.

“Isso veremos”, respondeu Füsün com cautela.

Às vezes nos sentávamos à mesa e tomávamos nossos chás em silêncio, como se fôssemos casados havia muito tempo e os assuntos de conversa já tivessem se esgotado entre nós, e ficávamos admirando os petroleiros russos que passavam, ou as balsas da Linha da Cidade a caminho de Heybeliada, ou (como aconteceu uma vez) o Samsun partindo para seu cruzeiro pelos portos do mar Negro; parecíamos absortos no sofrimento, imersos em sonhos de outras vidas e outros mundos.

Füsün também foi reprovada no segundo exame. Dessa vez, impuseram-lhe a tarefa muito difícil de entrar numa vaga imaginária de ré enquanto subia uma ladeira. Quando ela, mais uma vez, fez o Chevrolet tremer e chacoalhar, mandaram-na descer do carro da mesma forma humilhante.

Eu assistia de certa distância com um grupo composto de policiais aposentados, candidatos, escritores de cartas, vendedores de chá e vários espectadores de boca aberta; quando um deles viu um examinador de óculos tirar novamente o volante de Füsün, disse: “Aquela garota tomou bomba”, e alguns riram.

Enquanto voltávamos para casa, Füsün estava aborrecida demais para falar. Sem lhe perguntar nada, estacionei o carro em Ortaköy e me sentei numa pequena *meyhane* do mercado, onde pedi dois copos de rakı com gelo.

“A vida é curta, mas é linda, Füsün”, disse eu depois de alguns goles de rakı. “Chegou a vez de deixar esses monstros se aproveitarem de você.”

“Como podem ser tão malvados?”

“Eles querem dinheiro. Vamos pagar.”

“Você acha que as mulheres não conseguem aprender a dirigir direito?”

“Eu não, mas eles sim.”

“Todo mundo acha.”

“Querida, por favor, não seja tão teimosa quanto a isso também”, disse eu, torcendo na mesma hora para que Füsün não tivesse escutado as minhas palavras.

“Não sou teimosa em coisa nenhuma, Kemal”, disse ela. “Mas, quando a honra ou o orgulho da pessoa está sendo pisoteado, você não pode baixar a cabeça. Agora eu vou lhe pedir uma coisa e quero que preste atenção, por favor, e leve a sério o que vou dizer. Quero tirar minha carteira sem pagar nada de suborno, Kemal, e não quero que você interfira de maneira nenhuma. Não ouse pagar uma propina pelas minhas costas, e também não tente usar nenhum pistolão, porque eu vou saber e vou ficar muito aborrecida.”

“Está bem”, disse eu, baixando os olhos.

Tomamos nossos rakis sem trocar muitas palavras mais. Já era quase noite, e aquela *meyhane* no meio do mercado estava vazia. Moscas impacientes se empoleiravam inseguras nas bandejas de mexilhões fritos e de pequenas almôndegas com tomilho e cominho. Anos mais tarde voltei lá, para uma visita àquela *meyhane* arruinada cuja memória me é tão cara, mas toda a casa tinha sido demolida e em seu lugar havia lojas vendendo amuletos contra o mau-olhado, bugigangas e outras lembranças para turistas.

Naquela noite, depois que deixamos o restaurante, enquanto voltávamos para o carro, peguei o braço de Füsün.

“Sabe de uma coisa, querida? Foi a primeira vez em oito anos que comemos num restaurante só nós dois.”

“Foi”, disse ela. A luz que cintilou por um segundo em seus olhos deixou-me extraordinariamente feliz. “E tenho mais uma coisa a lhe dizer. Dê as chaves aqui, que eu vou dirigir o carro.”

“Claro.”

As esquinas e as ladeiras de Beşiktaş e Dolmabahçe a fizeram transpirar um pouco, mas mesmo tendo bebido alguma coisa ela conseguiu conduzir o Chevrolet até a mesquita de Firuzağa sem qualquer incidente. Quando eu a peguei três dias mais tarde no lugar de sempre, ela queria dirigir de novo, mas a cidade estava repleta de policiais e eu a convenci a desistir. Apesar do tempo quente, nossa aula correu muitíssimo bem.

Enquanto voltávamos, olhei para as ondas do Bósforo agitado pelo vento e disse: “Se pelo menos tivéssemos trazido nossas roupas de banho!”

Da vez seguinte que saímos, quando Füsün chegou em seu vestido de estampa floral, usava por baixo o biquíni azul que exponho aqui. Depois de nossa aula, na praia de Tarabya, ela só tirou o vestido um momento antes de mergulhar do costão. Por um breve instante de acanhamento, eu vi o corpo de minha amada, e então ela se afastou a nado, tão depressa que dava a impressão de fugir de mim. As bolhas e a água agitada no rastro de seu mergulho, a luz maravilhosa, o azul muito escuro do Bósforo, seu biquíni — tudo isso se combinou em minha mente para formar uma imagem indelével, uma sensação à parte. Passei anos examinando esse sentimento, e aquelas cores estupendas, como nas fotografias e nos cartões-postais antigos dos amalucados colecionadores de Istambul.

Pulei no mar logo atrás dela. Uma estranha voz interior me falava de monstros e criaturas maléficas que talvez vivessem debaixo d’água, esperando para atacá-la. Eu precisava alcançá-la a tempo de lhe

dar minha proteção contras as profundezas. Lembro que fiquei tonto enquanto a procurava no mar agitado, que nadei o mais depressa que pude, em pânico diante da ideia de que a felicidade pudesse me escapar entre os dedos, e num dado momento, no auge do pânico, não conseguia respirar. Füsün tinha sido arrastada pelas correntezas do Bósforo! Naquela hora eu quis morrer com ela; quis morrer naquela mesma hora. E bem nesse momento as ondas caprichosas do Bósforo se abriram e lá estava Füsün bem à minha frente. Os dois sem fôlego, encaramo-nos com o sorriso dos amantes felizes. Mas quando tentei me aproximar, para poder tocá-la, beijá-la, ela fez um ar contrariado, como uma garota dominada por pudores e escrúpulos; sem hesitar um segundo, afastou-se de mim nadando de costas. Nadei atrás dela, também de costas. Enquanto nadava, admirava o movimento de suas pernas magníficas, as curvas suaves de suas nádegas. Só muito depois eu iria perceber o quanto estávamos longe da costa.

“Chega!”, disse eu. “Pare de fugir de mim. É aqui que começam as correntezas. Podem nos puxar para longe, e nós dois podemos morrer.”

Virei-me e, quando vi como a margem estava distante, fiquei com medo. A cidade nos rodeava, a margem europeia agora parecia tão distante quanto a asiática que tínhamos às costas. Lá estavam a baía de Tarabya e o Huzur, o restaurante onde tínhamos jantado tantas vezes, e todos os outros restaurantes que ladeavam a costa, e o hotel Tarabya, e os carros, micro-ônibus e ônibus vermelhos que se arrastavam ao longo da costa, e as montanhas que se erguiam acima dela, e as favelas acima de Büyükdere — toda a cidade estava muito distante.

Era como se contemplássemos uma pintura panorâmica em miniatura, não só do Bósforo e da cidade, mas da vida que eu deixara para trás. Parecia um sonho, aquela sensação que eu tinha de ter me afastado tanto da cidade e do meu passado. Ter chegado ao meio da cidade, no centro do Bósforo, estar tão distante de todo mundo, mas perto de Füsün, parecia-me o sopro gelado da morte. Quando uma onda maior que as demais atingiu inesperadamente Füsün e ela deu um grito, envolvendo meu pescoço e meus ombros com os braços, foi que eu soube que só a morte poderia nos separar.

Logo depois desse toque ardente — que podemos chamar de abraço — ela usou a desculpa de um cargueiro de carvão que se aproximava para se afastar nadando. Nadava com graça e grande velocidade, tão depressa que eu tinha dificuldade em acompanhá-la. Assim que subiu à margem, Füsün se afastou para a cabine. Nada disso lembrava dois amantes sem pudor. Mostrávamo-nos tão acanhados, calados e encabulados como se tivéssemos acabado de ser apresentados por nossas famílias com vistas a um matrimônio arranjado: nem sequer podíamos olhar um para o outro sem estarmos com o corpo coberto.

Assumindo o volante na ida para suas aulas e na volta, e às vezes a caminho da cidade propriamente dita, Füsün logo aprendeu a dirigir bem. Mas nem assim passou no exame prático do começo de agosto.

“Fui reprovada, mas tudo bem. Não vamos pensar nesses homens maus”, disse Füsün. “Vamos até o mar?”

“Vamos.”

Como tantos candidatos que vinham ao exame prático com os amigos e tiravam fotos como se

estivessem de partida para o serviço militar, mas eram reprovados, Füsün deixou o local ao volante, com um cigarro na boca e a mão na buzina, como um motorista de caminhão mal-educado. (Quando voltei lá muitos anos depois, aqueles morros antes feios, carecas e cobertos de lixo tinham se transformado em condomínios de luxo, com piscinas.) Continuamos nossas aulas no parque Yıldız até o fim do verão, mas a essa altura a carteira de motorista se transformara num simples pretexto para irmos a um restaurante ou à praia. Algumas vezes alugávamos um bote a remo no cais ao lado da estação da balsa em Bebek, e juntos remávamos até algum lugar longe das águas-vivas e das manchas de óleo, onde a baía se encontrava com as correntezas, e lá mergulhávamos no mar. Um dos dois ficava segurando o bote, para impedir que fosse puxado pela correnteza, segurando o outro com a mão que ficara livre. Eu adorava alugar um bote a remo em Bebek, inclusive pelo prazer de ficar de mãos dadas com Füsün.

Esse amor que finalmente florescia entre nós dois depois de oito longos anos não era uma coisa que recebêssemos com grande alegria; na verdade nós o tratávamos com imensa cautela, como uma amizade que passa por maus momentos mas nunca se acaba. Os oito anos que tínhamos atravessado haviam sepultado nosso amor bem fundo, mas ele ainda se fazia sentir mesmo nos momentos em que lhe dávamos menos atenção. Mas, quando eu via que Füsün não pretendia correr os riscos de uma intimidade maior antes do casamento, comecei também a resistir a meu desejo constante de tomá-la em meus braços ou beijá-la. Eu começara a cultivar a ideia de que os casais que perdem a cabeça e capitulam ao desejo antes do casamento, sem levar em conta as consequências, não estavam provavelmente destinados à felicidade conjugal, mas antes à desilusão e à depressão. Quanto a Hilmi, o Bastardo, Tayfun e Mehmet, com quem eu esbarrava ocasionalmente, eu começara a adquirir desdém por esses meus amigos, que ainda frequentavam bordéis e se gabavam de suas aventuras com as mulheres. Ao mesmo tempo, entretanto, sonhava que depois que Füsün e eu nos casássemos eu me sentiria libertado de meus pensamentos obsessivos e poderia me reencontrar com meus amigos e todos os participantes de meu antigo círculo, com a satisfação que só a maturidade pode trazer.

No final do verão, Füsün fez mais uma prova prática com os mesmos examinadores e mais uma vez foi reprovada. O que desencadeou suas queixas costumeiras quanto ao preconceito dos homens contra as mulheres que dirigiam em Istambul, e se estendia sobre isso com aquela mesma expressão no rosto de que eu me lembrava de tantos anos atrás, quando me falava dos homens indecentes que a apalpavam e molestavam.

No começo de uma noite, depois de nossa aula de direção, fomos até a praia de Sarıyer, e, enquanto tomávamos Meltem (um sinal de que a campanha de Zaim com Papatya tinha funcionado de algum modo), vimos um amigo de Mehmet chamado Faruk ao lado de sua noiva, e naquele momento senti uma estranha forma de vergonha. Não porque Faruk tivesse feito várias visitas à yalı de Anadoluhisarı durante o verão de 1975 ou porque ele tivesse testemunhado o tipo de vida que Sibel e eu levávamos lá; senti vergonha porque Füsün e eu não demonstrávamos nenhuma alegria enquanto estávamos ali sentados tomando Meltem. O silêncio se devia à nossa consciência de que aquele era nosso último passeio até a praia. As primeiras cegonhas que passavam voando por cima de nós ao anoitecer nos anunciavam que aquele lindo verão estava perto do fim. Uma semana mais tarde, quando as praias se fecharam com as primeiras chuvas, nem Füsün nem eu sentimos a menor

vontade de ir fazer aulas de direção no parque Yıldız.

Depois de ser reprovada mais três vezes, Füsün finalmente passou em sua prova prática de direção no início de 1984. Tinham se cansado dela, e compreenderam àquela altura que ela jamais lhes pagaria qualquer propina. Para celebrar a ocasião, naquela noite fui com ela, tia Nesibe e Tarık Bey ao Maksim Gazino, para ouvir Müzeyyen Senar interpretar antigas canções turcas.

## 74. Tarık Bey

Naquela noite em que fomos juntos ao Maksim de Bebek, todos nos embriagamos e, depois que Müzeyyen Senar surgiu no palco, nossa mesa toda começou a cantar com ela. Quando entoávamos os estribilhos, olhávamos nos olhos uns dos outros, sorrindo. Relembrando esse dia tantos anos mais tarde, imagino que tinha a aura de uma cerimônia de despedida. Na verdade, era Tarık Bey, e não Füsün, quem adorava Müzeyyen Senar, mas achei que Füsün fosse gostar de ver seu pai bebendo, feliz de cantar uma segunda voz com Müzeyyen Senar como em canções como “Não existe ninguém como você”. O mais memorável daquela noite para mim foi perceber pela primeira vez que a ausência de Feridun se tornara um fato corriqueiro. Naquela noite, refleti feliz sobre todo o tempo que passara sozinho com Füsün e seus pais.

Às vezes a passagem do tempo era assinalada pela demolição de algum prédio, pela descoberta de que uma garotinha se transformara numa mulher espirituosa e linda, ela própria mãe de filhos, ou por quando eu percebia que alguma loja com que estava acostumado sofrera um atentado a bomba, e ficava ansioso. Quando eu vi, mais ou menos nessa época, que a boutique şanzelize tinha fechado, fiquei penalizado não só pela perda das minhas memórias, mas igualmente por uma sensação repentina de que a vida tinha seguido em frente sem mim. Na vitrine onde Sibel tinha visto a bolsa Jenny Colon falsificada nove anos antes, salames italianos pendiam e viam-se grandes queijos amarelos, bem como marcas europeias de temperos de salada, massas e refrescos que tinham acabado de entrar no mercado turco.

Se antes eu sempre gostava de me sentar com minha mãe à mesa do jantar e ouvir suas histórias sobre crianças, famílias e casamentos, foi em torno dessa época que esses relatos começaram a me causar desconforto. Enquanto minha mãe, manejando suas hipérboles habituais, me contava como meu amigo de infância Faruk, o Rato, já estava com dois filhos — “um menino enorme!” —, embora só estivesse casado havia pouco tempo — “três anos!” —, e quando eu pensava que não tinha podido compartilhar minha vida com Füsün, minha alegria se perdia, mas minha mãe, sem perceber nada, continuava falando.

Desde que şaziment tinha (finalmente) conseguido casar sua filha mais velha com o filho da família Karahan, tinham parado de ir esquiar em Uludağ todo mês de fevereiro, preferindo passar um mês na Suíça com o resto do clã dos Karahan, levando com eles a filha mais nova de şaziment. Essa filha mais nova tinha encontrado um rico príncipe árabe que estava no mesmo hotel, e şaziment estava a ponto de casá-la também quando se soube que o príncipe tinha outra mulher em seu país — na verdade, tinha um harém. Quanto à família Halis de Ayvalık, o filho mais velho deles — “Lembra,

aquele rapaz de queixo comprido”, disse minha mãe rindo, o que me contagiou mesmo contra a vontade —, minha mãe soubera através de Esat Bey, seu vizinho em Suadiye, que o jovem fora flagrado num dia de inverno com a babá alemã na casa de verão de Erenköy. O filho mais velho de Maruf, o rei do tabaco — quando éramos crianças, brincávamos juntos com pás e baldes nas caixas de areia das pracinhas da cidade —, tinha sido sequestrado por terroristas, e minha mãe ficou chocada ao saber que eu não ouvira nada a respeito, nem mesmo quando foi solto em troca do pagamento de um resgate. Sim, eles tinham conseguido manter o assunto fora das páginas dos jornais, mas, como a família precisara de tanto tempo para se convencer a fazer o pagamento, todo mundo passara meses a fio “escandalizado” com o assunto — como eu podia ter deixado de ouvir falar daquilo?

Fiquei preocupado, pensando que minha mãe podia ter me feito aquela pergunta como uma forma de me espicaçar devido às minhas visitas à família de Füsün; talvez lembrasse que, toda vez que eu chegava em casa nas noites de verão de calção de banho molhado e tanto ela quanto Fatma Hanım me perguntavam com quem eu fora nadar, eu respondia: “Tenho trabalhado muito, mamãe”, e tentava mudar de assunto (como se minha mãe não soubesse da situação terrível em que se encontrava a Satsat). Eu ficava triste porque, depois de nove anos, ainda não tinha encontrado algum meio de revelar à minha mãe meu amor obsessivo por Füsün, quanto mais lhe fazer confidências; desejava que ela me contasse mais alguma de suas histórias sem sentido nem fim, para poder me esquecer dos meus problemas. Uma noite, ela descreveu em detalhes como Cemile Hanım, com quem eu me encontrara numa sessão do cinema-jardim Majestic a que fora com Füsün e Feridun muitos verões antes, não conseguindo mais pagar a manutenção de sua mansão de oitenta anos, tinha, como Mükerrerem Hanım, outra das amigas de minha mãe, decidido alugá-la a produtores de melodramas históricos, só para ver “aquela mansão enorme e linda” incendiar-se, pelo que lhe disseram devido a um defeito no equipamento elétrico durante as filmagens, embora todo mundo soubesse que a família incendiara a mansão de propósito a fim de poder construir um edifício de apartamentos em seu lugar. A narrativa era tão animada que eu não tinha dúvida de que minha mãe tinha plena consciência da minha ligação próxima com o mundo do cinema, detalhes que Osman devia ter lhe contado.

Embora eu tenha achado graça ao ler nos jornais sobre Melikhan, o ex-ministro das Relações Exteriores, que caíra ao tropeçar num tapete num baile e morrera dois dias depois de uma hemorragia cerebral, minha mãe não falou do assunto, temendo talvez que pudesse me fazer lembrar de Sibel e do noivado. Havia outras notícias que minha mãe achava preferível não me transmitir, mas que eu ouvia de Basri, o barbeiro de Nişantaşı. Foi ele, por exemplo, quem me informou que o amigo de meu pai Fasih Fahir e sua mulher, Zarife, tinham comprado uma casa em Bodrum; que Sabih, o Urso, era na verdade um homem decente “por baixo daquilo tudo”; que comprar ouro agora era na verdade mau investimento; que os preços deviam começar a cair; que haveria muitos resultados arranjados nas corridas de cavalos daquele verão; que, mesmo sem que lhe restasse um fio de cabelo na cabeça, o famoso ricaço Turgay Bey, por apego aos hábitos de um cavalheiro, continuava a vir ao salão para cortes de cabelo regulares; que dois anos antes tinham oferecido a Basri a concessão do Hilton, mas ele, sendo “um homem de princípios” (o que não cuidou de explicar o que significava),

tinha recusado — e no mesmo espírito tentou extrair de mim qualquer informação que eu pudesse ter sobre isso e mais aquilo. Irritava-me perceber que Basri e todos os seus clientes ricos de Nişantaşı soubessem de tudo sobre minha obsessão por Füsün, e, para não lhe dar mais pretextos para novos mexericos, às vezes eu procurava Cevat, o antigo barbeiro de meu pai em Beyoğlu, e dele ouvia histórias sobre os bandidos de Beyoğlu (a essa altura já referidos como “a máfia”) e o mundo do cinema. Foi com ele, por exemplo, que eu soube do envolvimento entre Papatya e Muzaffer, o famoso produtor. Nenhuma das minhas fontes, porém, contava-me nada sobre Sibel ou Zaim, ou sobre o casamento entre Mehmet e Nurcihan. Só por isso, eu devia ter deduzido o conhecimento universal da minha provação e do meu sofrimento, mas não deduzi: o tato dos meus informantes me parecia tão natural como seus relatos indiscretos, tantas vezes repetidos, sobre os banqueiros que tinham ido à falência, histórias que eu sempre gostava de ouvir.

Foi dois anos antes, no escritório e também da parte de amigos, que comecei a ouvir falar dos banqueiros que tinham ido à falência e dos investidores que tinham perdido suas fortunas — histórias de que eu gostava porque demonstravam o quanto os ricos de Istambul eram inteiramente desmiolados, para não falar dos seus governantes de Ankara. Pelo seu lado, minha mãe adorava repetir que “Seu querido e falecido pai sempre insistia que não devíamos confiar nesses banqueiros muito ardilosos!” — tema que adorava porque, diferentemente de tantas outras pessoas do nosso círculo, não tínhamos caído nas garras daquela gente. (Embora às vezes eu suspeitasse que Osman tinha investido secretamente parte dos lucros de seus novos negócios junto a eles.) Minha mãe sentia pena de qualquer amigo que tivesse sido tosquiado — Kadri, o Crivo, com cuja linda filha numa época chegou a esperar que eu me casasse, Cüneyt Bey e Feyzan Hanım, Cevdet Bey e sua família, e os Pamuk —, mas quando a conversa chegava aos Lerzan ela manifestava seu espanto por terem posto toda a sua fortuna nas mãos de um “suposto banqueiro” que era filho de um dos contadores de suas próprias fábricas (e que subira na vida depois de começar a trabalhar como guarda de segurança), homem que só pouco antes tinha saído dos bairros mais pobres sem qualquer credencial financeira, mas com um escritório precário, um anúncio na TV e uma conta-corrente num banco respeitável. Fechando os olhos como se estivesse a ponto de desmaiar, e balançando a cabeça com um ar um tanto divertido, ela dizia: “Podiam pelo menos ter procurado alguém como Kastelli, tão próximo desses seus amigos atores”. Eu nunca tocava no assunto dos meus amigos atores; quando ela ficou admirada ao saber que aquelas “pessoas sensatas e razoáveis” (entre as quais, como os leitores hão de se lembrar, incluía-se Zaim) podiam ser tão imprevidentes, eu gostava de fazer coro com ela.

Tarık Bey se incluía entre essas pessoas que minha mãe achava burras. Ele investira seu dinheiro com o banqueiro Kastelli, que contratara muitos atores que conhecíamos do Pelür para aparecer em seus comerciais. Quando Tarık Bey admitira suas perdas dois anos antes, eu imaginara que fossem pequenas, pois ele não deu nenhuma indicação de sofrimento ou provação mais inclemente.

Na sexta-feira, 9 de março de 1984, dois meses depois que Füsün tirou sua carteira de motorista, quando Çetin me deixou na casa de Çukurcuma à hora do jantar, eu vi que todas as janelas e cortinas estavam abertas, e que as luzes estavam acesas no térreo e no primeiro andar, apesar do perene aborrecimento de tia Nesibe com o desperdício de eletricidade quando uma única lâmpada ficava acesa no piso superior durante o jantar; invariavelmente, ela dizia: “Füsün, minha filha, a luz do

quarto ficou acesa”, e Füsün subia para desligar na mesma hora.

Preparando-me para uma briga de família entre Feridun e Füsün, subi as escadas. Ninguém estava sentado à mesa onde jantávamos juntos havia tantos anos, nem vi comida pronta. A televisão estava ligada, e sentados à frente dela estavam dois vizinhos — uma senhora idosa e seu marido — que pareciam não saber bem o que fazer. Com o canto dos olhos eles observavam nosso amigo ator Ekrem Bey, que, trajado como um grão-vizir, discursava contra os infiéis.

“Kemal Bey”, disse o vizinho, que era Efe, o eletricitista. “Tarık Bey faleceu. Aceite os nossos pêsames.”

Percorri as escadas correndo para o piso superior, em que o instinto me conduziu não ao quarto principal da casa, mas ao de Füsün — o quatinho com que eu sonhara tantas vezes naqueles anos.

Minha linda estava encolhida na cama e chorava. Quando me viu, se esticou, e me sentei a seu lado. Instantaneamente caímos nos braços um do outro, nos abraçando com toda a força. Ela apoiou a cabeça entre meu pescoço e meu peito, chorando convulsivamente.

Deus do céu, que felicidade foi tê-la nos braços! Senti a profundidade do mundo, sua beleza sem limites. Com a cabeça de Füsün encostada em meu ombro, seu peito apertado contra o meu, eu me sentia como se não tivesse apenas a ela, mas o mundo inteiro em meus braços. Seus soluços me perturbavam e me tocavam profundamente, na verdade, mas quanta felicidade também aquilo me trazia! Acaricieei seus cabelos com carinho e cuidado, penteando-os de leve com meus dedos. Cada vez que minha mão retornava às suas raízes, para que meus dedos pudessem passar mais uma vez por seus cabelos, todo seu corpo estremecia enquanto ela voltava a prorromper em lágrimas.

Recapitulei a morte do meu pai, para poder compartilhar melhor seu sofrimento. Por mais que eu amasse meu pai, porém, sempre havia uma tensão entre nós, uma espécie de rivalidade. Füsün, ao contrário, amava profundamente o pai, invariavelmente e sem qualquer esforço ou reserva, da forma como a pessoa pode amar sua casa, sua rua e o sol que brilha sobre ela. E me parecia que suas lágrimas eram derramadas não só pelo pai, mas também pela situação do mundo e pelo rumo de toda a vida.

“Não se preocupe, minha querida”, murmurei em seu ouvido. “Tudo vai ficar bem a partir de agora. A partir de agora tudo vai dar certo. Vamos ser muito felizes.”

“Não quero mais nada!”, respondeu ela, chorando mais forte. Enquanto eu a sentia estremecer em meus braços, olhei longamente para os móveis, a cômoda, a mesinha de cabeceira, os livros de Feridun sobre cinema e tantas outras coisas. Por oito anos, como eu desejara entrar naquele quarto onde Füsün guardava todos os seus vestidos, todos os seus pertences.

Enquanto seus soluços se intensificavam, tia Nesibe entrou. “Oh, Kemal”, disse ela, “o que vamos fazer agora? Como vou poder viver sem ele?” Sentando-se na cama, ela também começou a chorar.

Passei toda a noite em Çukurcuma. Às vezes descia para passar algum tempo com amigos e conhecidos que vinham prestar suas homenagens, e depois voltava a subir para consolar Füsün, que ainda chorava em seu quarto; acariciava seus cabelos e lhe entregava um lenço limpo. Com o corpo de seu pai estendido no quarto ao lado, e os amigos e conhecidos reunidos no andar de baixo, tomando chá, fumando e vendo televisão em silêncio, Füsün e eu ficamos deitados lado a lado, abraçados, pela primeira vez em nove anos. Eu aspirava o aroma de sua nuca, de seus cabelos, de sua

pele perfumada com o odor que o esforço do pranto liberara. Em seguida descia para receber os visitantes.

Feridun não sabia do acontecido, e naquela noite nem passou em casa. É só agora, muitos anos depois, que percebo toda a delicadeza dos vizinhos em aceitarem com absoluta naturalidade a minha presença na casa, em que eu me comportava na verdade como se fosse o marido de Füsün. Eu conhecera todos no decorrer de meus anos de visitas a Çukurcuma, às vezes na rua, às vezes quando vinham até a casa, e esvaziar seus cinzeiros, oferecer-lhes chá, café e doces comprados às pressas na padaria da esquina era para mim uma distração bem-vinda, tanto quanto para Füsün e tia Nesibe. A certa altura, três homens — o carpinteiro Laz, cuja oficina ficava um pouco acima, o filho mais velho de Rahmi Bey (cuja mão mecânica deve ser familiar para todos os visitantes do museu) e um velho amigo que costumava ir jogar cartas com Tarık Bey à tarde — abraçaram-me cada um por sua vez, repetindo a recomendação tradicional para deixar a dor morrer com o morto. Mas, enquanto eu vivia o luto por Tarık Bey, havia também dentro de mim um desejo irrefreável de viver; quando pensava na vida nova à minha espera, sentia uma felicidade profunda, o que me deixava envergonhado.

Depois que o banqueiro com quem tinha aplicado seu dinheiro falira, fugindo do país, Tarık Bey começou a frequentar uma associação formada por uma série de outras “vítimas dos banqueiros” (como os jornais gostavam de se referir a essas pessoas). A associação foi criada para tentar encontrar um meio legal de recuperar o dinheiro que aposentados e pequenos funcionários tinham perdido nas mãos dos banqueiros, mas não obteve sucesso. Como Tarık Bey às vezes nos contava, mal contendo o riso, os membros (a que às vezes se referia como “uma turba de desmiolados”) eram tão irritadiços que as conversas para traçar planos comuns geralmente degeneravam em discussões e brigas em que as vítimas acabavam trocando socos e pontapés. Às vezes, depois de muita gritaria, conseguiam aprovar uma petição, que submetiam ao ministério ou deixavam à porta de um banco ou de um jornal que jamais manifestara qualquer interesse em ajudá-los. Alguns membros atacavam bancos a pedradas, berrando suas queixas e às vezes agredindo funcionários da agência. Depois de vários incidentes desagradáveis em que as portas dos banqueiros foram arrombadas a pontapés e suas casas e escritórios saqueados, Tarık Bey distanciou-se da associação, mas naquele verão, enquanto Füsün e eu suávamos para obter sua carteira de motorista e nadávamos no mar, ele recomeçou a comparecer às reuniões. Naquela tarde, alguma novidade na associação o deixara especialmente aborrecido, e ele voltara para casa queixando-se de dores no peito; como o médico que chegaria com horas de atraso pôde confirmar à primeira vista, morreu de ataque cardíaco.

Füsün ficou ainda mais devastada por não se encontrar em casa quando seu pai morreu. Tarık Bey deve ter permanecido deitado na cama por muito tempo, esperando pela volta da mulher e da filha. Tia Nesibe tinha levado Füsün com ela até uma casa em Moda para terminar um vestido encomendado de urgência. Apesar de toda a assistência que eu prestava à família, de vez em quando tia Nesibe ainda saía de casa levando a caixa de costura enfeitada com o retrato da ponte Galata, para trabalhar em várias casas a um preço por dia. De nenhum modo eu me sentia ofendido, como outros homens poderiam ter ficado, com a persistência de tia Nesibe; em vez disso, fiquei impressionado ao saber que ela continuava costurando, embora soubesse que podia contar comigo para seu sustento. Ainda assim, ficava aborrecido sempre que sabia que levava Füsün com ela, perguntando-me o que

minha beldade, minha prometida, poderia ter ido fazer na casa daqueles desconhecidos; mas ela só acompanhava a mãe raramente, e mais raramente ainda me contava essas saídas para costurar, embora quando o fizesse sempre as descrevesse como passeios agradáveis, em termos que lembravam as visitas de sua mãe a Suadiye muitos anos antes, com tanta alegria na voz quando me falava de tomar *ayran* na balsa de Kadiköy e de jogar *simits* para as gaiotas que eu não tinha a coragem de lhe dizer que, quando nos casássemos e fôssemos morar em meio aos ricos, nenhum de nós dois gostaríamos de encontrar essas pessoas cujas casas ela visitava na condição de costureira.

Muito depois da meia-noite, após todos terem ido embora, encolhi-me no divã do quartinho dos fundos do andar de baixo. Dormir na mesma casa que Füsün, pela primeira vez na minha vida... era a maior das felicidades. Antes de mergulhar num sono satisfeito, ouvi primeiro os sons de Limon em sua gaiola, depois os apitos dos navios que passavam.

Acordei com a convocação matutina para a prece; a essa altura, os navios que passavam pelo Bósforo eram mais insistentes, e em meu sonho a viagem de balsa de Füsün, entre Karaköy e Kadiköy, misturara-se à morte de Tarık Bey.

De tempos em tempos, eu ouvia também o som das sirenes de nevoeiro, e toda a casa estava banhada na brancura de pérola peculiar dos dias de cerração. Atravessando em silêncio aquela branca paisagem de sonho, subi os degraus da escada. E lá, na cama onde ela e Feridun tinham passado as primeiras noites felizes de seu casamento, encontrei Füsün profundamente adormecida, com os braços em volta da mãe. Senti que tia Nesibe escutou meus passos. Dei uma última olhada cuidadosa para dentro do quarto: Füsün estava de fato dormindo, enquanto tia Nesibe só fingia.

Entrando no outro quarto, ergui bem devagar o lençol que tinham estendido por cima dele, e contemplei pela última vez o corpo de Tarık Bey. Ainda usava o paletó que tinha vestido para comparecer à reunião da associação das vítimas dos banqueiros. Seu rosto estava cinzento, e seu sangue se acumulara na nuca. Era como se as rugas, as manchas e as verrugas de seu rosto tivessem ficado maiores com a morte. Seria porque sua alma o deixara ou porque o corpo já começara a se decompor e mudar de forma? A aterrorizante presença da morte era muito mais forte que o amor que eu sentia por Tarık Bey. Em vez de sofrer por ele ou de me pôr em seu lugar, eu só queria sumir dali. Mas não deixei o seu quarto.

Eu amava Tarık Bey porque ele era pai de Füsün, porque tínhamos passado tantos anos sentados à mesma mesa, tomando raki e vendo televisão. Mas, como ele nunca se abria realmente comigo, nunca me sentira muito próximo dele. Na verdade, apesar de nunca termos nos sentido muito satisfeitos um com o outro, assim mesmo conseguíamos conviver bem.

Enquanto eu pensava, percebi que Tarık Bey, como sua mulher, sabia desde o início de minha paixão pela filha deles. Ou melhor, não tanto percebi quanto admiti para mim mesmo. Ele devia sem dúvida saber desde o início que eu tivera a irresponsabilidade de dormir com sua filha quando ela mal completara dezoito anos, e, inevitavelmente, deve ter me considerado um jovem rico e sem coração, um namorado desalmado. Como era eu quem o forçara a casar sua preciosa filha com aquele jovem sem tostão e sem perspectivas, ele só podia me olhar com ódio. Mas jamais demonstrara seu ressentimento; ou talvez eu nunca tenha querido percebê-lo. Posso dizer que, ao mesmo tempo, ele sentia raiva de mim e me perdoara, como os ladrões e os gângsteres só conseguem

continuar juntos deixando de enxergar as iniquidades e os pecados do outro. Era por isso que, depois dos primeiros poucos anos, ele deixara de ser o homem daquela casa, assim como eu deixara de ser seu convidado: tornamo-nos cúmplices de um crime.

Enquanto eu contemplava o rosto congelado de Tarık Bey, uma memória havia muito reprimida veio à tona: lembrei-me do medo e da surpresa que ficaram estampados no rosto do meu pai quando ele se viu diante da morte. O ataque cardíaco de Tarık Bey tinha durado mais: ele deparara com a morte e lutara com ela, e assim em seu rosto não havia surpresa. Mordera um dos cantos dos lábios, como que para combater a dor, e do outro lado sua boca estava entreaberta, como que num meio sorriso. À mesa ele sempre tinha um cigarro naquele canto da boca, e um copo de rakı à sua frente. Mas no quarto não havia nenhuma energia que emanasse dos objetos que o tinham cercado ainda vivo; havia apenas o vazio e o nevoeiro da morte.

A luz branca que inundava o quarto vinha principalmente do lado esquerdo da janela da sacada. Olhando para fora, vi que a rua estreita estava deserta. Como a sacada chegava quase ao meio da rua, pude me imaginar suspenso acima dela em pleno ar, num nevoeiro tão denso que mal conseguia ver a esquina onde a rua cruzava a avenida Boğazkesen, a área inteira adormecida em meio à névoa enquanto um carro deslizava confiante em marcha lenta pela rua.

Logo acima de sua cama, Tarık Bey tinha pendurado uma fotografia emoldurada de seu tempo de professor no liceu de Kars. Na foto, ele aparecia de pé ao lado de seus alunos no final de uma peça que eles tinham encenado no famoso teatro que datava da época em que a cidade pertencia aos russos. O tampo da mesa de cabeceira e sua gaveta entreaberta também traziam estranhas lembranças do meu pai. Emanavam uma fragrância adocicada, mistura de poeira, remédios, xarope de tosse e papel amarelado. Acima da gaveta, vi um copo d'água contendo a dentadura de Tarık Bey e um livro escrito por seu querido Reşat Ekrem Koçu. Dentro da gaveta havia velhos frascos de remédio, piteiras, telegramas, receitas médicas dobradas, artigos de jornal sobre os banqueiros, contas de luz e gás, moedas que tinham saído de circulação e muitos outros objetos esparsos.

Antes que os primeiros visitantes do dia se reunissem na casa dos Keskin, fui embora para Nişantaşı. Minha mãe já tinha acordado e tomava o desjejum na cama, numa bandeja que Fatma Hanım lhe trouxera e apoiara num travesseiro: ovos quentes, geleia, azeitonas pretas e pão torrado. Ela se endireitou quando me viu. Quando lhe contei sobre a morte de Tarık Bey, seu rosto se entristeceu e ela me pareceu genuinamente condoída. Percebi que ela sentia a dor de Nesibe. Mas por baixo disso havia outra coisa.

“Vou voltar até lá”, disse eu. “Çetin pode levar você ao funeral.”

“Eu não vou ao funeral, meu filho.”

“Por que não?”

Primeiro ela me deu duas desculpas ridículas. “Não anunciaram nada nos jornais. Por que tanta pressa?” e “Por que não fazem o funeral na mesquita de Teşvikiye? As procissões funerárias sempre partem daqui.” Percebi que ela sentia uma compaixão autêntica por Nesibe, de quem gostava muito e com quem passara tantos bons momentos nos dias em que a mulher vinha costurar na nossa casa. Mas por trás havia outra coisa, algo irremovível. Quando viu o quanto a sua recusa me perturbava e como eu estava determinado a saber qual era o verdadeiro motivo daquilo, ela perdeu as estribeiras.

“Quer saber por que eu não vou ao funeral dele?”, disse. “Porque, se eu for, você vai se casar com aquela garota.”

“De onde você tirou essa ideia? Ela já é casada.”

“Eu sei. Vai partir o coração de Nesibe. Mas, meu filho, faz anos que eu sei dessa história toda. Se você teimar em se casar com ela, ninguém vai aprovar.”

“E será que faz diferença, mamãe? As pessoas sempre falam.”

“Por favor, eu imploro, não vá se ofender.” Com uma expressão muito séria, ela pousou sua torrada na bandeja e, ao lado dela, a faca lambuzada de manteiga; olhou fixamente em meus olhos. “No fim do dia, o que as outras pessoas dizem não tem importância nenhuma. Claro, o que importa é a verdade, a honestidade dos sentimentos de cada um. Não reclamo disso, meu filho. Você se apaixonou por uma mulher... E é maravilhoso, meu filho. Não posso me queixar disso. Mas e ela, apaixonou-se por você? O que ela fez nos últimos oito anos? Por que não deixou o marido dela?”

“Ela vai deixar o marido, eu tenho certeza.”

“Escute, seu falecido pai andou apaixonado por uma moça que podia ser filha dele... Ficou obcecado. Chegou a comprar uma casa para ela. Mas mantinha tudo às escondidas; não fez papel de idiota, como você. Nem os amigos mais próximos dele sabiam de nada.” Virou-se para Fatma Hanım, que acabara de entrar no quarto, e disse: “Fatma, estamos tendo uma conversinha”. Quando ela foi embora, fechando a porta atrás de si, minha mãe continuou: “Seu falecido pai era um homem de caráter e de muita inteligência, além de um cavalheiro, mas até ele tinha suas fraquezas e seus desejos. Anos atrás você me pediu a chave do apartamento do edifício Merhamet e eu lhe dei, mas, sabendo que você era o filho do seu pai, eu avisei: ‘Pelo amor de Deus, tome cuidado’. Não foi? Meu filho, você não me deu ouvidos. Está certo, você vai me dizer que, se a culpa é sua, onde está o pecado de Nesibe nisso tudo? O que eu jamais vou poder perdoar é essa tortura a que ela e a filha submeteram você, por dez longos anos”.

Não corrigi dizendo que eram oito anos, e não dez. “Está certo, mamãe”, disse eu. “Já sei o que vou dizer a elas.”

“Meu filho, você nunca vai poder ser feliz com essa garota. Se pudesse, já teriam encontrado um jeito a essa altura. E acho que você também não devia ir ao funeral.”

Não inferi das palavras da minha mãe que tinha arruinado a minha vida: pelo contrário, ela lembrava, e naquela ocasião era o que eu sentia o tempo todo, que dali a pouco eu estaria tendo uma vida em comum feliz com Füsün. Assim, não fiquei nem um pouco aborrecido com ela; até mesmo sorri enquanto escutava o seu sermão, desejoso apenas de voltar o mais rápido possível para o lado de Füsün.

Vendo que não tinha me convencido, minha mãe ficou furiosa. “Num país onde os homens e as mulheres não podem ficar juntos socialmente, onde não podem se ver nem conversar um com o outro, não existe isso de amor”, declarou ela com veemência. “Por acaso você sabe por quê? Vou lhe dizer: porque, no momento em que os homens veem uma mulher que demonstre interesse por eles, nem se preocupam em saber se ela é boa ou má, linda ou feia — só caem em cima dela como animais famintos. É a isso que eles foram condicionados. E então acham que estão apaixonados. Pode existir essa história de amor num lugar assim? Tome cuidado! Não se engane!”

Finalmente minha mãe conseguiu me irritar. “Está bem, mamãe”, disse eu. “Estou de saída.”

“Quando fazem funerais nas mesquitas de bairro, as mulheres nem comparecem”, gritou ela enquanto eu me afastava, como se aquela tivesse sido sua verdadeira desculpa.

Duas horas mais tarde, enquanto os presentes à mesquita de Firuzağa se dispersavam depois das preces funerárias, vi algumas mulheres entre os que vieram abraçar tia Nesibe, embora é verdade que fossem poucas. Lembro-me de ter visto Ceyda e também Şenay Hanım, proprietária da hoje extinta boutique şanzelize, enquanto fiquei postado ao lado de Feridun e seus extravagantes óculos escuros.

Nos dias seguintes, cheguei em Çukurcuma no começo da noite, todos os dias. Mas sentia um grande desconforto na casa e em torno da mesa. Era como se a gravidade e a artificialidade da situação tivessem sido postas a nu. Sempre era Tarık Bey quem fingia melhor não ver o que estava acontecendo entre nós: era ele que tinha um desempenho excelente em matéria de “faz de conta”. Agora que ele se fora, não havia como agir com naturalidade, nem tínhamos meios de recair nas rotinas confortáveis e tão repetidas nos últimos oito anos.

## 75. A confeitaria İnci

Num dia chuvoso do início de abril, depois de conversar com minha mãe quase a manhã toda, cheguei à Satsat em torno do meio-dia. Enquanto tomava um café e lia o jornal em minha mesa, tia Nesibe telefonou. Pediu que eu passasse algum tempo sem visitá-las, dizendo que boatos desagradáveis corriam pela vizinhança e que, embora ela não pudesse entrar em detalhes pelo telefone, tinha boas notícias para mim. Com minha secretária, Zeynep Hanım, ouvindo na sala ao lado, não perguntei como iam as coisas, não querendo tornar óbvia demais minha preocupação com tia Nesibe.

Por dois dias esperei, devorado pela curiosidade, até que — mais uma vez, pouco antes do meio-dia — tia Nesibe veio me ver na Satsat. Apesar de todo tempo que tínhamos passado juntos nos últimos oito anos, era tão estranho vê-la no escritório que fiquei olhando sem expressão para ela como se um visitante das províncias ou dos arrabaldes da cidade, tendo vindo trocar algum produto da Satsat com defeito ou recolher seu calendário ou seu cinzeiro de brinde, tivesse subido as escadas por engano.

A essa altura, Zeynep tinha percebido que a desconhecida era uma pessoa muito importante para mim; talvez devido à minha timidez ou aos modos descontraídos de tia Nesibe, ou talvez porque já soubesse de alguma coisa. Quando ela perguntou como queríamos nossos Nescafés, tia Nesibe respondeu: “Prefiro café turco mesmo, minha filha — se for possível”.

Fechei a porta. Tia Nesibe sentou-se à frente da minha mesa e olhou-me diretamente nos olhos.

“Está tudo acertado”, disse ela, com uma expressão que sugeria não apenas um final feliz como ainda a tendência da vida a pôr tudo em ordem da maneira mais simples. “Füsün e Feridun estão se separando. Se você deixar Feridun ficar com a Limon Filmes, ele não vai criar nenhuma dificuldade. É o que Füsün também quer. Mas primeiro vocês dois precisam conversar.”

“Quem? Eu e Feridun?”

“Não; você e Füsün.”

Depois de ver o primeiro fulgor de felicidade espalhar-se pelo meu rosto, ela acendeu um cigarro, cruzou as pernas e me contou a história, não com um excesso de vagar e detalhes, mas saboreando cada pormenor assim mesmo. Dois dias antes, Feridun tinha chegado em casa depois de beber bastante; contando a Füsün que ele e Papatya tinham se separado, disse que queria voltar para casa e para Füsün. Mas claro que Füsün não quis aceitá-lo de volta, e em seguida eles tiveram uma briga terrível, e foi uma pena, uma vergonha que todos os vizinhos tenham ouvido seus gritos (foi por isso que tia Nesibe me pedira que passasse algum tempo sem ir até lá). Mais tarde Feridun telefonou e, depois que ele e tia Nesibe combinaram um encontro em Beyoğlu, marido e mulher concordaram com a separação.

Fez-se um silêncio. “Mandei trocar a fechadura da porta da frente”, disse tia Nesibe. “Nossa casa não é mais a casa de Feridun.”

Por um momento, foi como se todo o tráfego que passava ruidosamente à porta da Satsat tivesse silenciado, assim como o mundo em geral. Vendo-me transido pelo que ela dissera, com o cigarro queimando despercebido entre os meus dedos, tia Nesibe tornou a contar a história desde o início, dessa vez alongando-se mais nos detalhes. “Para dizer a verdade, nunca senti a menor raiva desse rapaz”, disse ela, num tom de voz de quem conhece o mundo e sabia desde o início como aquilo iria acabar. “Sim, ele é um moço de bom coração, mas também é muito fraco. Que mãe podia querer um marido assim para a filha?”, disse ela, e depois se calou. Eu esperava que em seguida ela dissesse alguma coisa como: “Claro, não tivemos escolha”, mas o que ela acabou dizendo foi uma coisa totalmente diversa.

“Passei por uma coisa parecida na minha vida. É muito difícil ser uma mulher muito bonita neste país, especialmente divorciada — mais difícil ainda do que ser uma jovem muito bonita... Quando os homens não conseguem o que querem com uma mulher bonita, eles fazem muitas maldades com ela — você também sabe disso, Kemal; e Feridun protegeu Füsün desses males.”

Por um momento eu me perguntei se era eu um dos males de que Feridun a tinha protegido.

“Claro, não devia ter levado tanto tempo para as coisas se esclarecerem”, continuou ela.

Calmo, mas perplexo, eu não disse nada: era como se eu jamais tivesse percebido antes como era estranho o caminho que minha vida tinha tomado.

“Claro, Feridun tem todo direito à Limon Filmes”, disse eu depois de algum tempo. “Eu falo com ele. Por acaso ele está aborrecido comigo?”

“Não”, disse tia Nesibe, franzindo a testa. “Mas Füsün quer ter uma conversa séria com você. Ela carrega muita coisa no peito que nunca pôde dizer. Vocês dois precisam conversar.”

Decidimos que Füsün e eu nos encontraríamos às duas da tarde dali a três dias, na confeitaria İnci, em Beyoğlu. Tia Nesibe não prolongou mais nossa conversa; fez de conta que conversava à vontade naquele cenário pouco familiar, mas, boa mulher que era, não escondia sua satisfação ao ir embora.

Na tarde de segunda-feira, 9 de abril de 1984, eu me dirigi para Beyoğlu feliz e animado como um adolescente indo encontrar-se com a garota do liceu com que sonhava havia meses. Num primeiro momento, fiquei inquieto demais para dormir e depois impaciente demais para chegar ao fim da manhã. Então pedi a Çetin que me deixasse mais cedo em Taksim. Lá fazia sol, enquanto a avenida

İstiklal estava sempre na sombra, e procurei refúgio em suas calçadas frescas protegidas do sol, suas vitrines, as entradas dos seus cinemas; até mesmo o cheiro de umidade e poeira nas galerias que eu costumava percorrer com minha mãe quando criança me parecia convidativo. Eu estava tonto com memórias de bem-aventurança e a promessa de um futuro feliz, com o otimismo contagiante das pessoas que passavam velozes por mim à procura de um bom almoço, de um filme divertido, de alguma coisa para comprar.

Fui até a Vakko, a Beymen e algumas outras lojas à procura de um presente para Füsün, mas não consegui decidir-me a comprar nada. Para gastar minha energia nervosa, caminhei até Tünel, e exatamente meia hora antes da hora marcada, em frente ao edifício Mısırlı, vi Füsün. Ela usava um lindo vestido de primavera, com bolinhas grandes e claras contra um fundo branco, os olhos protegidos por provocantes óculos escuros enquanto contemplava a vitrine de uma loja. Ela não me vira, mas reparei nela de longe, e percebi especialmente que estava usando os brincos do meu pai.

“Que coincidência”, foram minhas primeiras palavras desajeitadas.

“Oh... Olá, Kemal! Como vai?”

“O dia está tão lindo que eu precisava sair mais cedo do escritório”, disse eu, como se não tivesse o plano de me encontrar com ela dali a meia hora, e tivéssemos nos esbarrado totalmente por acaso. “Vamos andar juntos?”

“Primeiro preciso encontrar um botão para a minha mãe”, disse Füsün. “Ela precisa terminar um vestido urgente e, depois que conversarmos, vou voltar para casa e ajudá-la. Vamos até a Galeria dos Espelhos para encontrar um botão de madeira para ela?”

Fomos não apenas à Galeria dos Espelhos, mas ainda a várias outras galerias. Como era adorável ver Füsün conversando com os vendedores das lojas, consultando amostras de todas as cores, remexendo em bandejas repletas de botões antigos, conversando enquanto procurava um conjunto que combinasse.

“O que você acha destes?”, perguntou ela, depois de encontrar alguns botões.

“São lindos.”

“Então está bem.”

Ela pagou os botões que eu acabaria encontrando nove meses mais tarde, em sua cômoda, ainda dentro do papel de embrulho.

“Vamos então andar um pouco”, disse eu. “Passei oito anos sonhando com um encontro em Beyoğlu com você e em passearmos juntos por aqui.”

“É mesmo?”

“Verdade.”

Andamos por algum tempo sem dizer nada. De vez em quando eu também olhava para alguma vitrine, embora não fossem as mercadorias que atraíam meu olho, mas o lindo reflexo dela no vidro. E não eram só os homens que reparavam nela pelas calçadas de Beyoğlu; as mulheres também, o que deixava Füsün contente.

“Vamos nos sentar em algum lugar e comer um pedaço de bolo”, disse eu.

Antes que Füsün pudesse responder, uma mulher atravessou um grupo compacto de pessoas e, gritando de felicidade, atirou os braços à sua volta. Eram Ceyda e seus dois filhos: um menino de oito

ou nove anos e o irmão mais novo, ambos de calças curtas e meias brancas, ambos com um ar saudável e esperto; enquanto a mãe conversava com Füsün, eles me espiavam com ar curioso: tinham os olhos grandes de Ceyda.

“Como é bom ver vocês dois juntos!”, disse Ceyda.

“Acabamos de nos encontrar por acaso cinco minutos atrás”, disse Füsün.

“Mas vocês ficam tão bem juntos”, disse Ceyda. E as duas baixaram as vozes para continuar sua conversa inaudivelmente.

“Mamãe, estou achando isso chato, podemos ir embora?”, disse o menino mais velho.

Lembrei-me do encontro que tivera com Ceyda oito anos antes, com aquela criança dentro da barriga; enquanto olhávamos para Dolmabahçe, conversamos sobre a dor por que eu estava passando. Mas ao lembrar aquela ocasião não fiquei triste nem fui tomado pela emoção.

Depois que Ceyda se despediu de nós, passamos devagar diante do cinema Palace, onde estava em cartaz *Aquela canção problemática*, estrelado por Papatya. Durante os doze meses anteriores, Papatya (a se crer nos jornais) tinha quebrado algum recorde mundial, atuando como protagonista em não menos de dezessete filmes e fotonovelas. As revistas divulgavam o rumor falso de que tinham lhe oferecido papéis importantes em Hollywood, e Papatya mantinha essa história sempre em pauta posando para fotos com livros da Longman e mentindo sobre aulas de inglês e sua disposição de fazer o que fosse preciso para representar bem a Turquia no estrangeiro. Enquanto examinava as fotos do filme exibidas no saguão, Füsün me surpreendeu prestando muita atenção à expressão do seu rosto.

“Querida, vamos embora”, disse eu.

“Não se preocupe, não sinto nenhum ciúme de Papatya”, disse ela em tom sereno.

Continuamos caminhando em silêncio, olhando as vitrines.

“Você fica muito bem de óculos escuros”, disse eu. “Vamos entrar e comer profiterole?”

Tínhamos chegado à confeitaria İnci na hora exata do encontro marcado por mim e pela mãe dela. Entramos sem hesitar: avistamos uma mesa vazia ao fundo, bem como nos meus sonhos dos últimos três dias. Pedimos profiterole, pelo qual a confeitaria era famosa.

“Não estou usando óculos escuros para ficar bonita”, disse Füsün. “Sempre que penso no meu pai, começo a chorar. Você entende que eu não sinto ciúme de Papatya, pelo menos?”

“Entendo.”

“Ainda assim, fico impressionada com o que ela fez”, continuou ela. “Ela se fixou numa coisa, recusou-se a desistir e conseguiu o que queria, como um personagem de filme americano. Se eu me arrependo de alguma coisa, foi de não ter conseguido virar uma atriz de sucesso como Papatya; é ter deixado de lutar pelo que queria na vida, e por isso só posso culpar a mim mesma.”

“Faz nove anos que eu insisto para conseguir o que quero, mas nem sempre é este o melhor meio para a pessoa conseguir o que deseja na vida.”

“Pode ser verdade”, disse ela friamente. “Você conversou com a minha mãe. E chegou a hora de você e eu conversarmos.”

Irradiando confiança, ela pegou um cigarro. Enquanto eu me inclinava para a frente com meu isqueiro, olhei nos seus olhos e — num sussurro, para que ninguém mais me escutasse na confeitaria apertada — disse a ela mais uma vez o quanto eu a amava, como nossos dias ruins tinham se

acabado, e como, apesar de todo o tempo que tínhamos perdido, uma grande felicidade nos aguardava.

“Eu sinto a mesma coisa”, disse ela numa voz comedida e cautelosa. Seus gestos eram tensos, sua expressão estava longe de natural, o que me levou a concluir que havia uma tempestade em curso dentro dela, que precisava de toda a sua força para contê-la. Vendo quanto esforço lhe era necessário para fazer a coisa certa, eu a amei mais do que nunca, mas também fiquei com medo do que fervia dentro dela.

“Depois do meu divórcio oficial de Feridun quero conhecer toda a sua família, seus amigos, todo mundo”, disse ela, soando como uma aluna de pé diante da turma, explicando o seu futuro. “Não estou com a menor pressa. Podemos ir com calma... Depois que eu me divorciar de Feridun, é claro que sua mãe vai precisar vir à nossa casa pedir permissão. Ela e minha mãe vão se entender perfeitamente. Mas primeiro ela precisa ligar para a minha mãe e pedir desculpas por não ter vindo ao funeral do meu pai.”

“Ela estava muito indisposta.”

“Claro. Eu sei.”

Nós nos calamos, e por algum tempo comemos um pouco de profiterole. Enquanto eu observava sua boca, agora cheia de chocolate e creme, não era desejo que eu sentia, mas amor.

“Há uma coisa em que você precisa acreditar, e eu espero que se comporte de acordo com isso. Em nenhum ponto do meu casamento com Feridun nós tivemos relações conjugais. Você precisa acreditar nisso sem sombra de dúvida! Só hei de estar com um homem na minha vida inteira, e esse homem é você. Podemos cobrir com um véu aqueles dois meses que antecederam os últimos nove anos.” (Na verdade, caro leitor, fora um mês e meio, menos dois dias.) “Será como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Assim, vai ser exatamente como nesses filmes — eu me casei com alguém, mas continuei virgem.”

Ela sorriu de leve ao pronunciar as duas últimas frases, mas, ao perceber a seriedade do que ela me pedia, só franzi a testa com comedimento e disse: “Entendo”.

“Vamos ser mais felizes se fizermos assim”, disse ela, como quem emite um pronunciamento sensato qualquer. “E há mais uma coisa que eu quero. Na verdade, nem foi ideia minha — foi sua. Quero que vamos todos juntos viajar pela Europa no seu carro. Minha mãe virá a Paris comigo. Podemos ir aos museus, olhar todos os quadros. Antes de nos casarmos, também quero comprar lá algumas coisas que eu possa levar para a nossa casa, para formar um enxoval.”

Ao ouvi-la falar da “nossa casa”, eu abri um sorriso. No mesmo momento em que proferia as suas ordens, ela sorria de leve enquanto falava, como um comandante que emergisse vitorioso da batalha formulando seus termos justos para o armistício, ao final de uma guerra duradoura. Mais tarde, quando ela disse: “Vamos fazer um casamento grande e lindo no Hilton, como todo mundo”, ela franziu a testa com ar sério. “Tudo vai ser como precisa ser, até o último detalhe”, disse ela, sem emoção, como se não tivesse nenhuma lembrança, boa ou ruim, da minha festa de noivado realizada lá nove anos antes, e simplesmente quisesse fazer tudo da maneira correta.

“É assim que eu quero também”, disse eu.

Por algum tempo ficamos calados.

A confeitaria İnci tinha sido um lugar importante dos passeios da minha infância a Beyoğlu com minha mãe, e em trinta anos não tinha mudado nada, embora estivesse mais cheia do que eu me lembrava, o que tornava mais difícil conversar.

Quando, por um momento, um silêncio misterioso recaiu sobre toda a confeitaria, eu sussurrei que a amava muito e que obedeceria a cada desejo seu, pois tudo que queria no mundo era passar o resto da minha vida ao lado dela.

“É mesmo?”, disse ela, no mesmo tom infantil que usava às vezes ao fazer seus deveres de matemática.

Sentia-se confiante e determinada a ponto de rir de suas próprias palavras. Acendendo com cuidado mais um cigarro, enumerou suas outras exigências: eu nunca poderia esconder nada dela, teria que compartilhar todos os meus segredos e só podia responder com a verdade a todas as perguntas que me fizesse sobre o meu passado.

Enquanto eu escutava, tudo o que via se gravava em minha memória. A expressão séria e decidida de Füsün, a antiga máquina de sorvete da confeitaria e a fotografia emoldurada de Atatürk, cuja testa franzida lembrava tanto a de Füsün. Decidimos que o noivado ocorreria antes de nossa partida para Paris e que devia ser uma pequena festa em família. Falamos de Feridun com respeito.

Voltando ao assunto das relações sexuais, ela manifestou seu desejo claro de esperar até depois do casamento nos seguintes termos: “Não tente me obrigar a nada, está bem? Porque não vai funcionar, de qualquer maneira”.

“Eu sei”, disse eu. “Na verdade, eu preferia que nosso casamento fosse arranjado.”

“Pois quase pode ser visto assim!”, disse ela, com grande certeza na voz.

E em seguida ela disse que, como não havia mais homem na casa, os vizinhos podiam tirar conclusões precipitadas se eu continuasse indo jantar toda noite. (Toda noite?) “Claro que não me incomodo muito com o que dizem os vizinhos; daqui a pouco não vou morar mais perto deles”, disse ela mais tarde. “Só não posso ter as mesmas conversas despreocupadas sem meu pai presente. É doloroso demais.”

Por um momento pensei que ela fosse chorar, mas se conteve. A confeitaria tinha portas de mola, mas agora um grande influxo de clientes as mantinha abertas. Um bando de estudantes do liceu de paletó azul-marinho, com as gravatas tortas, entrava na confeitaria, rindo acintosamente e empurrando uns aos outros. Em pouco tempo, levantamo-nos e fomos embora. Extraíndo um prazer infinito de caminhar na companhia de Füsün em meio aos frequentadores de Beyoğlu, fui andando em silêncio a seu lado até a ladeira de Çukurcuma.

## 76. Os cinemas de Beyoğlu

Conseguimos respeitar o espírito das condições que Füsün me expusera na confeitaria İnci. Tomei providências imediatas para que um antigo camarada meu do Exército, um advogado que morava em Fatih — a um mundo de distância de Nişantaşı —, representasse Füsün no que devia ser, afinal, um caso simples, pois o casal tomara em comum a decisão de se divorciar. Füsün me dissera com

um sorriso que Feridun também pensara em me pedir que lhe recomendasse um advogado. Embora eu não pudesse mais visitá-la em Çukurcuma, nós nos encontrávamos a cada dois dias em Beyoğlu e íamos ao cinema.

Mesmo quando era menino, eu sempre adorei o ar condicionado dos cinemas de Beyoğlu enquanto o calor nas calçadas aumentava com o avanço da primavera. Füsün e eu nos encontrávamos em Galatasaray e depois de passar em revista todos os cartazes escolhíamos um cinema, comprávamos as entradas e entrávamos na plateia fresca, quase escura e vazia, onde, à luz baça que se refletia nas cortinas, encontrávamos um lugar discreto nas últimas filas, para ficar de mãos dadas e ver o filme, como pessoas que tivessem todo o tempo do mundo.

No início do verão, quando os cinemas começavam a exibir dois ou três filmes diferentes pelo preço de um, lembro-me de um dia em que me sentei, ajustei as calças para ficar o mais confortável que podia, pousei jornais e revistas no assento ao lado do meu, adiando assim minha procura cega pela mão de Füsün, e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela a pousou em meu colo como uma andorinha impaciente, abrindo-se expectante em minha barriga por um momento, como se perguntasse: “Onde está você?”. E naquele momento, movendo-se mais depressa que minha alma, minha mão envolveu amorosamente a dela.

Esses cinemas de Beyoğlu com programas duplos de verão (o Emek, o Fitaş e o Atlas) e até os que exibiam três filmes (o Rüya, o Alkazar e o Lale) não praticavam o tradicional intervalo de cinco minutos no meio de cada filme; assim, era só quando as luzes se acendiam entre um filme e outro que víamos o tipo de plateia de que fazíamos parte. Durante esses entreatos, enquanto passávamos em revista os homens solitários de roupa amarrotada, com jornais amassados na mão, esparramados, recostados ou inclinados para a frente nos assentos desses cinemas imensos, mofados e pouco iluminados, os velhos que cochilavam nos cantos e as almas sequiosas que tinham enorme dificuldade de deixar o mundo de sonho do filme e voltar à realidade do cinema sombrio e empoeirado, Füsün e eu trocávamos notícias aos sussurros, embora nunca de mãos dadas. Foi num desses intervalos, num camarote do cinema Palace, que Füsün sussurrou as palavras que eu desejava tanto ouvir havia oito anos: ela e Feridun estavam oficialmente divorciados.

“O advogado já está com os papéis”, disse ela. “Agora sou legalmente divorciada.”

Naquele instante, o teto decorado do cinema Palace, seu encanto desbotado e sua pintura descascada, suas cortinas, seu palco e seus frequentadores desleixados e sonolentos ficaram gravados para sempre na minha memória. Dez anos antes, os casais ainda usavam os camarotes dos cinemas Atlas e Palace como usavam o parque Yıldız, para ficar de mãos dadas e trocar beijos; embora Füsün não permitisse que eu a beijasse num daqueles camarotes, não me impedia de apoiar a mão em suas pernas ou acariciar seus joelhos.

Meu último encontro com Feridun chegou à conclusão necessária, mas, contrariando minhas esperanças e expectativas, deixou-me com um gosto ruim na boca. Eu ficara chocado quando Füsün insistira em me dizer, na confeitaria İnci, que eles nunca tinham feito amor, e exigira que eu acreditasse naquilo, porque, afinal, eu (como tantos outros homens apaixonados por mulheres casadas) vinha me apegando secretamente àquela ideia havia oito longos anos. E é este, na verdade, o ponto crucial da nossa história, pois explica por que eu fora capaz de continuar tanto tempo

apaixonado por ela.

Se eu tivesse refletido devidamente, com determinação e a mente aberta, sobre a ideia de relações conjugais plenas entre Füsün e Feridun (uma reflexão dolorosa que iniciei uma ou duas vezes sem nunca mais desejar repetir a experiência), meu amor não poderia ter sobrevivido. Ainda assim, quando, depois de anos de autoengano bem-sucedido, Füsün determinara que eu não tinha escolha além de acreditar nela, eu me disse imediata e inequivocamente que aquilo não podia ser verdade, e até fiquei contrariado com o fato de que ela pudesse estar querendo me enganar. Mas, como Feridun na verdade a deixara no final de seis anos de casamento, o engano se apegava a um fio de esperança, embora o mais breve pensamento na direção oposta me deixasse tomado de ciúmes insuportáveis e furioso com Feridun, ansioso por humilhá-lo. Tínhamos atravessado penosamente aqueles oito anos sem nenhum conflito precisamente porque eu jamais sentira raiva daquele homem. Oito anos depois, era fácil entender como tinha sido uma feliz vida sexual que permitira a ele tolerar-me, especialmente nos primeiros tempos. Como qualquer homem feliz com sua mulher, mas também afeito ao prazer da companhia dos amigos, Feridun gostava de passar as noites nos cafés relaxando e conversando sobre o que fazia. Quando olhei nos olhos dele, fui obrigado a aceitar outro fato que passara muito tempo escondendo de mim mesmo: que minha presença devia ter interrompido a felicidade que Füsün pudesse ter experimentado com o marido durante os primeiros anos de seu casamento.

Foi no decorrer de meu último encontro com Feridun que ouvi pela primeira vez os murmúrios do ciúme que jazia sem voz e adormecido havia oito anos, nas profundezas oceânicas da minha consciência, e decidi ali mesmo, naquele momento, como também fizera em relação a outros amigos do meu antigo círculo social, que nunca mais tornaria a vê-lo. As pessoas que sabiam como, por muitos anos, Feridun era quase um irmão para mim e as que desejavam Füsün antes mesmo que eu a conhecesse podem achar incompreensível que eu lhe tenha votado tamanha má vontade justamente no momento em que as coisas começaram a correr a meu favor. Basta dizer que, depois de tantos anos vendo Feridun como um enigma, eu começava a entendê-lo, e, com isso, deixemos o assunto de lado.

Os olhos de Feridun traíam o seu próprio ciúme, embora escasso, da felicidade que eu e Füsün tínhamos pela frente. Mas, durante aquele longo almoço final no hotel Divan, tomamos raki suficiente para deixar-nos relaxados; e assim, depois de acertar os detalhes da transferência de todos os direitos sobre a Limon Filmes para o nome de Feridun, pudemos abordar outro assunto que interessava e alegrava a nós dois: Feridun planejava começar a rodar em breve seu filme de arte, *Chuva azul*.

Eu bebera tanto que, com passos vacilantes, fui direto de volta para casa, sem sequer passar pela Satsat, e caí imediatamente na cama. Lembro-me de ter dito à minha mãe preocupada, quando ela veio verificar como eu estava, antes de adormecer: “A vida é bela!”. Dois dias mais tarde, numa noite em que os céus eram rasgados por raios e trovões, Çetin conduziu minha mãe e eu até Çukurcuma. Minha mãe parecia ter esquecido sua recusa de comparecer ao funeral de Tarık Bey e, agitada, como sempre ficava em ocasiões do tipo, não parou de falar um minuto em todo o caminho de ida. “Oh, como ficou bonita a reforma dessas calçadas”, disse ela enquanto nos aproximávamos da casa de

Füsun. “Eu sempre quis andar por este bairro. Como é linda a ladeira. Como são bonitas e acolhedoras as casinhas daqui.” Quando entramos na casa, um vento frio levantou a poeira das pedras do calçamento, anunciando chuva.

Minha mãe tinha telefonado previamente para tia Nesibe para dar seus pêsames, e as duas mulheres tinham se encontrado algumas vezes. Ainda assim, aquela visita para pedir a mão de Füsun dava a impressão de uma visita de condolências, uma oportunidade de manifestar nossos sentimentos pelo falecimento de Tarık Bey. Mas todos sentiam que os sentimentos manifestados eram bem mais profundos. Depois das formalidades e das cortesias determinadas pela etiqueta (“Que linda casa. Ah, como eu senti a sua falta. Nem tenho como dizer como ficamos tristes quando soubemos...”), tia Nesibe e minha mãe se abraçaram e começaram a chorar, ao que Füsun saiu da sala e subiu correndo as escadas para o seu quarto.

Quando um raio caiu em algum lugar próximo, as duas mulheres se desprenderam e endireitaram o corpo. “Deus do céu!”, disse minha mãe. Então, quando a chuva caiu com força e o céu continuou a trovejar, a divorciada de vinte e sete anos nos serviu o café numa bandeja que carregava com o mesmo requinte de uma jovem de dezoito anos recém-apresentada à sociedade. “Nesibe, Füsun é idêntica a você!”, disse minha mãe. “E como tem um ar inteligente e sabido quando sorri. Que beldade ela virou!”

“Não, ela é muito mais inteligente do que eu”, disse tia Nesibe.

“Mümtaz, que descanse em paz, sempre dizia que Osman e Kemal eram mais inteligentes do que ele, mas eu nunca acreditei totalmente que era o que ele achava. Quem disse que a nova geração precisa ser mais inteligente do que nós?”, disse a minha mãe.

“As moças sem dúvida são”, disse tia Nesibe. “Você sabe, Vecihe” — por algum motivo, ela não conseguia, ou não queria, dirigir-se a ela como “Irmã Vecihe”, à maneira respeitosa tradicional — “o que eu mais lamento na vida?” E contou em seguida que por muito tempo sonhara abrir uma oficina de costura e fazer fama, mas que jamais conseguira juntar a coragem necessária, só para ver “pessoas que nem sabem segurar uma tesoura ou dar um ponto virarem donas das casas de moda mais procuradas”.

Fomos juntos até a janela ver a chuva e a enxurrada que descia a ladeira.

“Tarık Bey, que descanse em paz, gostava muito de Kemal”, disse tia Nesibe enquanto se instalava à mesa. “Toda noite ele dizia: ‘Vamos esperar um pouco mais, Kemal Bey pode estar chegando.’”

E eu percebi que minha mãe não gostou nem um pouco dessas palavras.

“Kemal sabe o que faz”, disse minha mãe.

“Füsun também sabe o que quer”, disse tia Nesibe.

“E eles já se decidiram”, disse minha mãe.

Mas não foi mais além em matéria de pedir a tia Nesibe a mão da sua filha.

Tia Nesibe, Füsun e eu tomamos nosso copo costumeiro de rakı; minha mãe só bebia raramente, mas pediu também um copo e, depois de dois goles, ficou alegre — não tanto pelo efeito da ingestão do rakı, mas devido ao perfume da bebida, como meu pai costumava dizer. Lembrou-se dos dias em que ela e Nesibe ficavam acordadas até de madrugada para terminar um vestido de noite. Ambas gostavam de trocar reminiscências sobre os casamentos e os vestidos daquele tempo.

“O vestido plissado de Vecihe ficou tão famoso que depois outras mulheres de Nişantaşı vieram me encomendar vestidos idênticos. Houve até quem comprasse o mesmo tecido em Paris, pondo no meu colo para eu costurar, mas recusei”, disse tia Nesibe.

Quando Füsün se levantou cerimoniosamente da mesa e foi para perto da gaiola de Limon, eu também me levantei.

“Pelo amor de Deus, não vão cuidar desse passarinho enquanto ainda estamos comendo!”, exclamou minha mãe. “Não se preocupem, vocês vão ter muito tempo para ficar juntos... Parem, parem aí mesmo, não vou deixar nenhum dos dois voltar para a mesa sem antes lavar as mãos.”

Subi as escadas para lavar as mãos, e Füsün, que podia ter lavado as suas na cozinha, subiu atrás de mim. Eu a peguei pelos braços e dei-lhe um beijo apaixonado. Foi um beijo profundo e maduro, que durou dez ou doze segundos. Nove anos antes, nós nos beijávamos como crianças. Mas não havia nada de infantil nesse beijo, com sua intensidade lenta e poderosa. Então Füsün desceu correndo os degraus, à minha frente.

Chegamos ao fim do jantar sem muita diversão suplementar e tomando muito cuidado com o que dizíamos; assim que a chuva ficou mais fraca, fomos embora.

“Mamãe, você se esqueceu de pedir a mão da moça”, disse eu, enquanto voltávamos de carro para casa.

“Você ia lá com muita frequência, esses anos todos?”, perguntou minha mãe. Quando me viu sem palavras, ela emendou, irritada: “O que está feito, está feito... Mas Nesibe disse uma coisa que me deixou muito magoada. Talvez tenha sido porque você quase nunca ficava em casa para jantar com sua mãe que ouvir aquilo partiu meu coração”. Ela acariciou meu braço. “Mas não se preocupe, meu filho, eu não me incomodei. Ainda assim, não consegui pedir a mão dela, como se Füsün ainda fosse uma garota de liceu. Ela já foi casada e se divorciou; é uma mulher madura. Tem a cabeça no lugar e sabe o que está fazendo. Vocês dois já combinaram tudo e concordaram com tudo. Então por que essa necessidade de tanta pompa e cerimônia? Se você quer saber o que eu acho, nem precisavam ficar noivos... Parem de adiar as coisas e de dar mais motivos para mexericos — casem-se logo... Nem se deem ao trabalho de ir à Europa; hoje em dia você pode achar tudo que quiser nas lojas de Nişantaşı, então para que ir até Paris?”

Ao ver meu silêncio determinado, ela encerrou o assunto.

Quando chegamos em casa, antes de ir para a cama, minha mãe disse: “Mas você tinha razão. Ela é uma linda mulher, e inteligente. Vai ser uma boa esposa para você. Mas tome cuidado, Füsün parece ter sofrido muito. Posso não saber muita coisa, mas tome cuidado para não deixar que a raiva, o ressentimento, seja lá o que houver dentro dela, envenene a vida de vocês.”

“Pode deixar!”

Muito ao contrário, a cada dia, a ligação entre nós ficava mais forte, e com ela nosso apego à vida, a Istambul, às suas ruas, a seus habitantes e a tudo o mais. Às vezes, de mãos dadas no cinema, eu a sentia tomada por um leve estremecimento. Às vezes ela se encostava em mim ou pousava a cabeça de leve em meu ombro. Afundava-se em seu assento para ficar mais próxima, e eu tomava sua mão entre as minhas, às vezes acariciando sua perna, com um toque de pluma. Durante as primeiras semanas Füsün não gostava de se sentar nos camarotes, mas agora não se opunha mais. Segurar sua

mão me permitia avaliar seus reflexos de resposta ao filme, assim como um médico, com as pontas dos dedos, poderia apalpar os órgãos internos de um paciente, e eu extraía um prazer imenso de poder tomar o pulso de suas reações emocionais ao filme.

Durante o intervalo, conversávamos cautelosamente sobre os preparativos de nossa viagem à Europa, e sobre começarmos a aparecer juntos em público, mas nunca falei do que minha mãe achava de uma festa de noivado. Eu também concluíra aos poucos que uma festa de noivado só nos traria problemas, estimulando muitas fofocas e provocando inquietação até mesmo na minha família. Se convidássemos muita gente, todos ficariam falando da quantidade de convidados; se convidássemos menos pessoas, ninguém pararia de comentar como eram poucos. Parecia-me que Füsün estava chegando à mesma conclusão, ou pelo menos eu achava que era por isso que ela também evitava falar no assunto. Assim, foi sem discussão que de algum modo concordamos em pular o noivado e nos casarmos quando voltássemos da Europa. Enquanto fumávamos nossos cigarros durante os intervalos entre os filmes e nas confeitarias de Beyoğlu que tínhamos adquirido o hábito de frequentar depois do cinema, nosso maior prazer era sonhar com as coisas que faríamos na nossa viagem. Füsün comprara um livro escrito para os turcos chamado *A Europa de carro*, e sempre o levava com ela ao cinema; enquanto virávamos suas páginas, planejávamos nosso itinerário. Passaríamos a primeira noite em Edirna, depois atravessaríamos a Iugoslávia e a Áustria. Comprei guias também, e Füsün gostava especialmente de olhar as fotografias de Paris que traziam. “Vamos a Viena”, dizia ela. Às vezes, olhando as fotos da Europa em algum dos livros, ela recaía num silêncio estranho e triste enquanto se entregava a um devaneio.

“O que houve, querida? O que você está pensando?”, eu lhe perguntava.

“Não sei”, respondia Füsün.

Como tia Nesibe, Füsün e Çetin nunca tinham saído antes da Turquia, pediram seus primeiros passaportes. Para poupar-lhes a tortura de percorrer as muitas repartições federais e o tormento de esperar naquelas filas imensas, apelei para Selami, o agente policial que cuidava desses assuntos para a Satsat. (Os leitores cuidadosos hão de lembrar que foi a esse mesmo policial aposentado que eu pedira que localizasse Füsün e sua família oito anos antes.) Ancorado no amor, eu também não saíra da Turquia nos últimos nove anos, e foi assim que descobri que não sentia mais a necessidade de viajar, quando antes, se eu ficasse no país por mais de três ou quatro meses, ficava deprimido.

Era um dia quente de verão quando fomos assinar os papéis na Repartição Policial de Emissão de Passaportes, na sede do governo em Babiali. Esse prédio antigo, usado no passado como residência de primeiros-ministros, paxás e grão-vizires, desde então fora alvo de vários ataques e cena de assassinatos políticos descritos nos livros de história para estudantes secundários, mas, como no caso de grandes edifícios otomanos que tinham sobrevivido ao advento da República, seu antigo esplendor dourado se gastara à medida que milhares de almas cansadas ali ingressavam cada dia para passar horas na fila, primeiro para tirar documentos, depois para tê-los carimbados e assinados, uma eternidade que conduzia inevitavelmente a discussões e escaramuças, cena que no todo evocava o Juízo Final. Em meio ao calor e à umidade, os documentos em nossas mãos logo amoleciam.

Perto do final da tarde fomos enviados ao edifício Sansaryan, em Sirkeci, em busca de outro documento. Enquanto descíamos a ladeira de Babiali, logo antes do velho café Meserret, Füsün

parou numa casa de chá sem pedir permissão a nenhum de nós e sentou-se a uma mesa.

“O que houve com ela agora?”, perguntou tia Nesibe.

Enquanto ela e Çetin Efendi esperavam do lado de fora, entrei.

“O que houve, querida, está cansada?”

“Estou farta. Não quero mais ir à Europa”, disse Füsün. Acendeu um cigarro e tragou profundamente a fumaça. “Vocês todos podem ir, faço questão — vão pegar seus passaportes —, mas eu estou esgotada.”

“Querida, aguente firme, já está quase acabando.”

Ela resistiu um pouco mais, manifestando seu mau humor, mas no final, inevitavelmente, minha beleza veio conosco. Tivemos de suportar mais um ataque semelhante quando pedimos nossos vistos no consulado da Áustria. Esperando poupá-la das filas e das entrevistas humilhantes, eu preparara nossos documentos descrevendo tia Nesibe, Füsün e também Çetin Efendi como “especialistas”, com ótimos salários na Satsat. Concederam os vistos a todos nós, menos a Füsün, que, devido à sua pouca idade, pareceu-lhes suspeita, e foi convocada para uma entrevista. Fui ao consulado com ela.

Seis meses antes, um candidato a quem negaram várias vezes o visto ao longo de anos tinha dado quatro tiros na cabeça de um funcionário do consulado da Suíça; depois desse incidente, os departamentos de concessão de visto nos consulados obedeciam a medidas rigorosas de segurança. Agora os candidatos não podiam mais conversar frente a frente com os funcionários diplomáticos dos países da Europa e, em vez disso, como prisioneiros do corredor da morte nos filmes americanos, eram separados dos atendentes por grades e vidros à prova de bala e eram obrigados a falar por um telefone. Ainda assim, as pessoas se acotovelavam à porta, empurrando e se amontoando em seu esforço para chegar à sala do visto, ou para entrar no jardim ou no pátio. Empregados turcos (especialmente no consulado alemão, onde se dizia que no prazo de dois dias eles se tornavam “mais germânicos que os alemães”) reclamavam com os candidatos aglomerados por deixarem de formar uma fila decorosa, empurrando-os e destacando os malvestidos, a quem diziam: “Está perdendo o seu tempo”, como forma de reduzir a densidade da manada. E assim os candidatos, em sua maioria, ficavam praticamente eufóricos quando conseguiam uma entrevista, assumindo nervosamente sua posição diante das grades e do vidro à prova de balas, como colegiais que se submetessem a um difícil exame oral, tranquilos e obedientes como cordeiros.

Como eu mobilizara alguns pistolões, Füsün não precisou esperar na fila e foi para sua entrevista sorridente, mas quando, logo depois, ela emergiu da sala, tinha o rosto roxo e, sem sequer olhar em minha direção, saiu para a rua. Eu a segui e a alcancei quando ela parou para acender um cigarro. Recusou-se a me contar o que acontecera, entrando no Palácio Nacional dos Sanduíches e Refrescos, onde, instalando-se numa cadeira, anunciou: “Não quero mais ir para a Europa. Desisto”.

“O que aconteceu? Eles recusaram o visto?”

“Eles me interrogaram sobre a minha vida inteira. Até me perguntaram por que eu me divorciei. E como eu me sustentava. Até isso me perguntaram. Então não vou para a Europa. Não quero visto de nenhum deles.”

“Posso dar um jeito de resolver as coisas”, eu disse. “Ou podemos embarcar com o carro num

navio direto para a Itália.”

“Kemal, acredite, não quero mais fazer essa viagem à Europa. Não sei falar nenhuma língua, e isso me dá vergonha.”

“Querida, ainda podemos ver um pouco do mundo... Em outros lugares, existem pessoas que vivem de maneira diferente e mais feliz. Podemos caminhar pelas ruas de lá de mãos dadas. O mundo é muito maior do que a Turquia.”

“Ah, então para merecer me casar com você eu preciso ir à Europa, é isso? Bem, então desisto também da ideia de me casar com você.”

“Vamos ser muitos felizes em Paris, Füsün.”

“Você sabe como eu posso ser teimosa, Kemal. Não me pressione, ou só vai me fazer fincar o pé.”

Mas eu pressionei e, anos mais tarde, toda vez que recordava como insisti e sentia o ferrão do remorso, também me lembrava de que tinha passado anos cultivando a fantasia de fazer amor com Füsün num hotel do caminho. Com a ajuda de Selim, o Esnobe, que importava papel da Áustria, o visto de Füsün chegou uma semana mais tarde. Foi mais ou menos ao mesmo tempo que também conseguimos os documentos para poder sair de viagem com o carro. Estávamos sentados num camarote do cinema Palace quando entreguei o passaporte a Füsün, com as páginas agora cobertas de vistos coloridos para todos os países que visitaríamos a caminho de Paris; naquele momento, senti um estranho orgulho de ser um bom marido. Anos antes, quando deparava com fantasmas de Füsün em cada esquina, também tinha encontrado uma aparição sua no Palace. Pegando seu passaporte, ela sorriu num primeiro momento, antes de assumir uma expressão melancólica enquanto folheava suas páginas, examinando os vistos um a um.

Através de uma agência de viagens, reservei três quartos grandes no Hôtel du Nord em Paris: um para mim, um para Çetin Efendi e um para tia Nesibe e Füsün. Eu tinha ficado em outros hotéis em Paris durante os anos em que Sibel estudava lá, mas, como um estudante que sonha com os lugares aonde irá quando ficar rico, tinha uma fantasia sobre os dias felizes que um dia haveria de passar naquele hotel venerável, que me parecia um lugar tirado de filmes antigos e memórias ancestrais.

“Não precisa de tudo isso. Case-se de uma vez e depois vá”, dizia sempre minha mãe. “Ora, se você vai viajar com a moça por quem está apaixonado, por que não aproveitar ao máximo? Por que arrastar Nesibe e Çetin Efendi com vocês? Primeiro vocês se casam; assim, podem pegar um avião para Paris e passar a lua de mel a sós... Eu posso falar com o Cravo-Branco e pedir que ele conte tudo como uma dessas histórias românticas que todo mundo adora, e então dois dias depois tudo estará esquecido, será notícia velha. De qualquer maneira, este mundo antigo está acabando. Para onde você olha, só vê novos-ricos vindos do interior.”

Do meu lado, eu sempre respondia: “E como eu vou me virar sem Çetin? Quem vai me levar de carro de um lado para o outro? Mamãe, você só saiu duas vezes da casa de Suadiye o verão inteiro. Não se preocupe, voltamos antes do final de setembro. Quando você voltar para Nişantaşı no início de outubro, Çetin vai estar de volta para levar você aonde quiser. Eu prometo. E tia Nesibe vai encontrar um vestido para você usar no casamento”.

## 77. O hotel Grand Semiramis

No dia 27 de agosto de 1984, ao meio-dia e quinze, Çetin parou o carro em frente da casa de Çukurcuma, pronto para partir em viagem para a Europa. Fazia exatamente nove anos e quatro meses desde que eu e Füsün tínhamos nos encontrado na boutique şanzelize, mas não dei muita atenção a essa coincidência, nem pensei muito na maneira como minha vida e meu caráter tinham mudado nesses anos. Nossa partida tinha sido retardada pelas lágrimas e pela torrente incessante de conselhos de minha mãe e também pelo trânsito, mas nada disso enfraqueceu minha determinação de encerrar logo esse capítulo da minha vida e partir de vez para a nossa viagem. Depois de esperar interminavelmente enquanto Çetin Efendi guardava as bagagens de tia Nesibe e Füsün na mala do carro, assumi um ar petulante diante dos sorrisos e adeuses dos vizinhos e das crianças que se aglomeravam em torno do carro, mas por dentro sentia um orgulho que não queria admitir. Quando seguimos para Tophane, Füsün acenou para Ali, que voltava de um treino de futebol. E eu pensei que dali a pouco Füsün e eu teríamos um filho parecido com Ali.

Enquanto atravessamos a ponte Galata, abrimos as janelas, aspirando satisfeitos aquele cheiro familiar de Istambul composto de mar e musgo, excremento de pombo, fumaça de carvão, escapamento de automóveis e flores de tília. Füsün e tia Nesibe estavam sentadas no banco traseiro. Eu estava no banco da frente ao lado de Çetin — exatamente como nos meus sonhos —, e enquanto atravessávamos Aksaray rumo às muralhas da cidade, passando por um bairro pobre atrás do outro, por ruas calçadas de pedra, entrando e saindo de buracos, eu às vezes passava o braço por cima do encosto do banco para dirigir um sorriso satisfeito a Füsün.

Fora dos limites da cidade, depois de Bakırköy, passando por fabriquetas e armazéns, novos bairros e motéis, avistei a fábrica de tecidos de Turgay Bey, que visitara nove anos antes, mas agora mal conseguia me lembrar do ciúme que tomara conta de mim naquele dia. Depois que o carro atravessou os limites de Istambul, todo o sofrimento que eu tinha suportado por amor a Füsün de repente se reduziu a uma história tranquila que podia ser contada de um fôlego só. Afinal, uma história de amor com final feliz merece pouco mais que poucas frases! Talvez seja por isso que falávamos cada vez menos depois que deixamos Istambul para trás. Até mesmo tia Nesibe — embora muito satisfeita com aquele resultado, fazendo perguntas como “Não esquecemos de trancar a porta, não é?” e admirando tudo o que via pela janela (mesmo os velhos pangarés emaciados que pastavam num terreno baldio) — tinha adormecido quando chegamos à ponte Büyükkemece.

Enquanto Çetin enchia o tanque na saída de Çatalca, Füsün saiu do carro com sua mãe. Depois de comprar um queijo amarelo produzido no local de uma senhora que vendia suas mercadorias à beira da estrada, as duas entraram na casa de chá ao lado, pediram chá e *simit*s para acompanhar o queijo e dedicaram-se a seu banquete improvisado. Quando me sentei ao lado delas, ocorreu-me que, caso continuássemos naquele ritmo, nossa viagem europeia iria durar meses em vez de semanas. E reclamei? Não! Sentado de frente para Füsün, olhando para ela, sentia a mesma dor adocicada que se espalhava pelo peito e pela barriga que sentia no começo da adolescência nos bailes, ou quando conhecia uma linda garota no começo do verão. Não era a agonia profunda e corrosiva do amor frustrado que em certo momento conheci tão bem, mas a doce impaciência de um amante

correspondido.

Às sete e quarenta da noite, o sol atingiu nossos olhos antes de mergulhar abaixo da linha dos campos de girassol. Pouco depois de Çetin Efendi acender os faróis, tia Nesibe disse: “Pelo amor de Deus, não vamos viajar de carro nessa escuridão!”.

Na estrada de duas pistas, os caminhões que vinham no sentido oposto nem se davam ao trabalho de abaixar os faróis. Logo depois de Babaeski, meus olhos foram atraídos pelo letreiro luminoso roxo do hotel Grand Semiramis; pareceu-me um bom lugar para passar a noite. Pedi a Çetin que reduzisse a velocidade; fazendo o retorno em frente à Türk Petrol, ouvimos os latidos de um cão que tentou nos afugentar. Çetin parou em frente ao hotel, onde meu coração começou a bater loucamente, explodindo de sensações, com a consciência de que naquele lugar, depois de nove anos de espera, meus sonhos iam tornar-se realidade.

Mais tarde, quando ela entrou na pequena sala de jantar do térreo, percebi que o comportamento de Füsün se adequava perfeitamente à surpresa que eu preparara para ela. Foi o tipo de entrada em cena que se odeia esperar no salão suntuoso guardado de cortinas de veludo de um grande hotel em algum local de veraneio europeu do século XIX. Ela estava lindamente vestida e maquiada, usava um perfume que eu lhe dera anos antes — Le Soleil Noir (exponho aqui o frasco) — e o matiz de seu batom combinava perfeitamente com o vermelho de seu vestido (também exposto nesta vitrine), que realçava os fulgurantes tons secundários de seus cabelos negros. Às outras mesas viam-se famílias cansadas — trabalhadores voltando da Alemanha; de tempos em tempos crianças curiosas e pais cheios de desejo viravam-se e olhavam para nós.

“Este vermelho está lindo em você hoje à noite”, disse tia Nesibe. “E vai ficar melhor ainda no hotel de Paris, e quando sairmos. Mas, querida, não use toda noite durante a viagem.”

Tia Nesibe me lançou um olhar pedindo que eu apoiasse seu conselho, mas nenhuma palavra me saiu da boca. Não foi só porque, na verdade, eu queria que ela usasse aquele vestido toda noite, pois com ele ficava extraordinariamente linda; era também porque eu estava tenso como um jovem amante que, sentindo que sua felicidade está próxima, ainda tem medo de que alguma coisa possa dar errado; e por isso emudeci. Percebia que Füsün, sentada bem à minha frente, compartilhava um pouco da mesma ansiedade, pois evitava meu olhar e fumava acanhada como uma menina no primeiro dia de aula, virando-se para soprar longe a fumaça.

Enquanto percorríamos o menu bem comum do hotel, que fora aprovado pelo Conselho de Babaeski, fez-se um silêncio longo e estranho, como se aquele fosse o momento de passar em revista os nove últimos anos das nossas vidas.

Quando um garçom finalmente apareceu, pedi uma garrafa grande de Yeni Rakı.

“Por que não bebe alguma coisa conosco hoje à noite, Çetin Efendi, para podermos fazer um brinde?”, propus. “Não vai precisar me levar para casa depois do jantar.”

“Deus o abençoe, Çetin Bey, o senhor já esperou demais”, disse tia Nesibe, cheia de gratidão. E então, ainda contando com a atenção dele, ela olhou para mim e disse: “Se a pessoa tem paciência e se entrega às mãos de Deus, não há coração que não possa conquistar, nem fortaleza que não possa capturar — não é mesmo?”.

Quando o rakı chegou, servi uma dose generosa para Füsün — como tinha servido para os demais

—, adorando a maneira como ela fumava quando ficava nervosa, fitando a ponta do seu cigarro. Todos nós, inclusive tia Nesibe, tomávamos nosso raki com gelo e, quando o líquido se turvava, tomávamos tudo como se fosse alguma poção. Depois de algum tempo, comecei a relaxar.

O mundo era um lugar maravilhoso, na verdade. Era como se eu reparasse nisso pela primeira vez, embora soubesse que estaria acariciando o lindo corpo de Füsün, seus braços longos e seus seios magníficos pelo resto da minha vida, que encostando a cabeça em seu pescoço e inspirando seu aroma eu haveria de dormir sempre em paz nos anos vindouros.

Fiz o que fazia quando criança, primeiro me concentrando para tirar da mente qualquer coisa que fosse o motivo da minha felicidade, para poder olhar em volta com olhos renovados e perceber novamente a beleza de tudo: na parede, uma fotografia elegante de Atatürk de casaca, ao lado de um panorama dos Alpes suíços, um folheto da ponte do Bósforo, e — lembrança de nove anos antes — uma imagem de Inge posando elegante com uma garrafa de Meltem. Vi um relógio que dizia que eram nove e vinte, e um aviso na parede atrás do balcão de recepção dizendo que “os casais deverão apresentar certidão de casamento”.

“Hoje está passando *Encostas devastadas*. Pedimos para eles trocarem de canal?”

“Ainda falta algum tempo, mamãe”, disse Füsün.

Um casal estrangeiro de menos de quarenta anos chegou à sala de jantar. Todos se viraram para fitá-los, e eles nos cumprimentaram polidamente. Eram franceses. Naquele tempo, poucos turistas ocidentais vinham à Turquia, mas chegavam quase todos de carro.

Quando deu a hora, o dono do hotel sentou-se em frente à televisão com sua mulher, que trazia a cabeça coberta, e suas duas filhas crescidas — uma das quais eu vira mais cedo na cozinha —, cujas cabeças estavam descobertas; de costas para os hóspedes, instalaram-se para assistir em silêncio ao novo episódio.

“Kemal Bey, daí você não vai conseguir ver”, disse tia Nesibe. “Por que não vem sentar ao nosso lado?” Então, encaixei minha cadeira no espaço estreito entre Füsün e ela.

*Encostas devastadas* se passava nas colinas de Istambul, mas não posso dizer que prestei muita atenção, com Füsün encostando seu braço nu em mim! Meu braço esquerdo, especialmente meu antebraço, que tocava nele, estava em chamas. Meus olhos estavam na tela, mas era como se minha alma tivesse entrado na de Füsün.

Um terceiro olho, um olho interior, regalava-se com a nuca de Füsün, seus seios esplendorosos, os mamilos cor de morango na ponta desses seios e a brancura de seu ventre. Füsün continuava encostada em mim, e aos poucos aumentava a pressão, de maneira que o cinzeiro do óleo de girassol Batanay em que ela apagou seu cigarro e até a ponta manchada de batom escaparam à minha atenção.

Quando o episódio acabou, a televisão foi desligada pelo resto da noite. A filha mais velha do dono do hotel ligou o rádio e encontrou um programa de música suave e agradável que o casal francês adorou. Voltando minha cadeira ao lugar, quase tropecei de tanto que tinha bebido. Füsün tomara três copos, a crer no meu terceiro olho, que controlava a contagem.

“Nós nos esquecemos de brindar”, disse Çetin Efendi.

“Exatamente, vamos fazer um brinde”, eu disse. “Na verdade, chegou o momento de realizarmos

uma cerimônia. Çetin Efendi, o senhor é quem vai presidir.”

Com um gesto floreado, apresentei a caixa com as alianças que tinha comprado uma semana antes no bazar coberto, e tirei as alianças da caixa.

“Este é o jeito certo de fazer as coisas, senhor”, disse Çetin Efendi, animando-se imediatamente com a situação. “O senhor não pode se casar sem antes ficar noivo. Agora, podem me dar as suas mãos?”

Füsun ofereceu as dela, sorrindo nervosamente.

“Não há volta depois disso”, disse Çetin Efendi. “Mas não vai ser necessário. Os dois vão ser muito felizes, tenho certeza... Agora, me dê a outra mão, Kemal Bey.”

Ele pôs as alianças em nossos dedos, sem demora, e ouvimos aplausos. Era o casal francês, que nos observava, e alguns outros hóspedes sonolentos que também bateram palmas. Füsun sorria lindamente, olhando para a aliança em seu dedo com o deleite de alguém que escolhe um anel numa joalheria.

“Ficou bom, querida?”, perguntei.

“Ficou”, disse ela, sem fazer qualquer esforço para esconder sua mais completa satisfação.

“Está lindo no seu dedo.”

“Está.”

“Dancem, dancem!”, disse o casal francês.

“Isso mesmo, quero vê-los dançar”, disse tia Nesibe.

A música suave que emanava do rádio era boa para dançar. Mas será que eu conseguiria me aguentar de pé?

Nós dois nos levantamos ao mesmo tempo, e eu enlacei Füsun pela cintura, envolvendo-a nos braços, sentindo sob os meus dedos seus quadris, suas costelas, sua espinha.

Füsun, menos tonta do que eu, levou a dança a sério, abraçando-me com autêntica emoção. Eu queria sussurrar em seu ouvido, dizer o quanto a amava, mas de uma hora para outra fiquei encabulado.

Na verdade, estávamos ambos bastante embriagados, mas algo nos impedia de nos deixar levar. Um pouco mais tarde, quando tornamos a nos sentar, o casal francês aplaudiu de novo.

“Preciso ir para a cama”, disse Çetin Efendi. “Amanhã temos muita viagem pela frente. De manhã eu examino o motor, antes de partirmos. Vamos sair cedo, não é?”

Se Çetin não tivesse se levantado tão abruptamente, tia Nesibe também poderia ter ficado mais tempo.

“Çetin Efendi, pode me dar as chaves do carro?”, pedi.

“Kemal Bey, todos nós bebemos bastante hoje à noite, então por favor, eu imploro, nem encoste no volante.”

“Deixei uma sacola no porta-malas, e meu livro ficou nela.”

Quando peguei a chave de sua mão estendida, Çetin Bey levantou-se muito ereto e depois fez uma reverência exagerada, um gesto de respeito que antes reservava ao meu pai.

“Mãe, como vou poder entrar no quarto sem acordá-la?”, perguntou Füsun.

“Vou deixar a porta destrancada”, respondeu tia Nesibe.

“Ou eu posso subir com você e depois ficar com a chave.”

“Não precisa. A chave vai ficar na fechadura por dentro”, disse tia Nesibe, “mas eu não vou trancar a porta. Venha na hora que você quiser.”

Depois que tia Nesibe e Çetin Efendi foram embora, ficamos imediatamente mais relaxados e mais agitados. Füsun se comportava como uma noiva em sua primeira noite com um homem, e desviava seus olhos o tempo todo. Mas percebi uma emoção diferente do acanhamento habitual. Queria tocá-la. Estendi o braço para acender seu cigarro.

“Você ia subir para o seu quarto e ler o seu livro?”, perguntou Füsun, começando a se levantar.

“Não, querida, pensei em sairmos para dar uma volta de carro. A noite está tão linda.”

“Nós dois bebemos demais, Kemal. Está fora de questão.”

“Mas podíamos ficar juntos.”

“Melhor você subir e ir para a cama.”

“Está com medo de que eu bata o carro?”

“Não estou com medo.”

“Então vamos; podemos pegar alguma estradinha e nos perder pelos morros e florestas.”

“Não, suba para o seu quarto e vá dormir. Vou me levantar da mesa.”

“Vai me deixar sozinho na mesa na noite do nosso noivado?”

“Não, vou ficar um pouco mais”, disse ela. “Na verdade, aqui é muito agradável.”

Enquanto o casal francês nos observava de sua mesa, devemos ter ficado meia hora em silêncio na nossa. De vez em quando nossos olhos se encontravam, mas a cada encontro nossos olhares se voltavam para dentro. Havia um filme estranho e eclético passando no cinema da minha mente, reunindo memórias, medos, desejos e muitas outras coisas esparsas que eu não conseguia decifrar. Mais tarde, uma grande mosca preta que pairava entre os nossos copos também se tornou parte do filme. Minha mão, e a mão com que Füsun segurava seu cigarro, e os copos, e o casal de franceses entravam e saíam do quadro. Por mais que eu estivesse apalermado de tanta bebida e tanto amor, ainda havia uma parte de mim que precisava encontrar uma lógica naquele filme, que queria obrigar o mundo a ver que não havia nada entre Füsun e eu além de amor e felicidade. Estava tão determinado a isso quanto a mosca sonolenta que caminhava entre os pratos. Sorri para o casal de franceses a fim de demonstrar nossa felicidade, e eles responderam a meu sorriso no mesmo espírito.

“Por que você não sorri para eles também?”

“Eu já sorri para eles”, disse Füsun. “O que mais você quer — uma dança do ventre?”

Como eu esquecia que Füsun estava bastante bêbada e levava a sério tudo que ela dizia, suas respostas às vezes me irritavam. Mas nada haveria de perturbar minha satisfação, pois eu conseguira chegar àquele estado de embriaguez em que o mundo todo vira uma coisa só, e só existe um mundo. Era esse, concluí, o tema do filme estrelado pela mosca e por minhas memórias. Tudo que eu jamais sentira por Füsun, toda a dor que eu tinha sofrido por ela, formava agora uma coisa só com a beleza e a confusão do mundo, e, nessa sensação extraordinariamente beatífica de unidade e plenitude, meu espírito encontrou a paz que procurava havia tanto tempo. Mas nesse momento, voltando minha atenção para a mosca, comecei a me perguntar como ela conseguia caminhar tanto sem embaraçar as patas. Então a mosca desapareceu.

Quando peguei a mão de Füsün por sobre o tampo da mesa, senti que a beleza e a paz que havia em mim transmitiam-se para a mão dela através da minha mão, e da mão dela para a minha. A linda mão de Füsün parecia um animal perseguido que minha mão direita virara de barriga para cima, montando-lhe em cima, quase esmagando. O mundo inteiro rodopiava dentro da minha cabeça, dentro das nossas cabeças.

“Vamos dançar?”, perguntei.

“Não...”

“Por que não?”

“Agora não estou com vontade!”, disse Füsün. “Estou feliz assim.”

Quando percebi que ela se referia às nossas mãos, eu sorri. Era um momento fora do tempo, como se estivéssemos ali sentados de mãos dadas havia horas, ou tivéssemos acabado de chegar. Olhei em volta e constatei que éramos as últimas pessoas que ainda estavam no restaurante.

“Os franceses foram embora.”

“Aqueles dois não eram franceses”, disse Füsün.

“Como você sabe?”

“Eu vi a placa do carro deles. Eles vieram de Atenas.”

“Onde você viu o carro deles?”

“Vão fechar o restaurante. Vamos embora.”

“Mas ainda estamos aqui!”

“Isso mesmo”, disse ela num tom de maturidade.

Continuamos sentados mais algum tempo de mãos dadas.

Tirando um cigarro do maço, que acendeu com habilidade, ela sorriu para mim enquanto dava uma longa tragada. E isso também me pareceu levar horas. Um segundo filme acabara de começar na minha cabeça quando ela tirou a mão da minha e se levantou. Saí andando atrás dela e logo comecei a subir a escada, concentrado na parte de trás de seu vestido, felizmente sem tropeçar.

“Seu quarto é aqui”, disse Füsün.

“Primeiro deixe-me acompanhar você até o quarto da sua mãe.”

“Não, vá para o seu quarto”, sussurrou ela.

“Estou muito aborrecido, você não confia em mim. Como vai conseguir passar o resto da vida comigo?”

“Não sei”, respondeu ela. “Agora vá — para o seu quarto.”

“A noite está linda”, disse eu. “Estou tão feliz. Enquanto nós vivermos, cada momento vai ser tão feliz como este, eu juro.”

Ela viu que eu me aproximei mais, para beijá-la, mas antes que conseguisse ela me abraçou. Eu a beijei apaixonadamente, quase a agarrando à força. Passamos muito tempo nos beijando, e em certo momento meus olhos se abriram para ver no corredor estreito e de teto baixo um retrato de Atatürk. Lembro que, entre os beijos, supliquei a Füsün que viesse até meu quarto.

Num dos quartos, alguém tossiu educadamente. Uma chave girou na fechadura.

Füsün afastou-se de mim e, virando-se, desapareceu no corredor.

Fiquei olhando para ela com desespero, antes de cair na cama todo vestido.

## 78. Chuva de verão

O quarto não estava totalmente às escuras; uma luz entrava nele, vinda do posto de gasolina e da estrada de Edirna. Era uma floresta o que se via ao longe? Só consegui distinguir o clarão de um relâmpago no céu distante. Minha mente estava aberta a todo o universo e a tudo que havia nele.

Muito tempo tinha passado quando ouvi baterem à porta. Fui abrir.

“Acho que minha mãe me trancou do lado de fora”, disse Füsün, olhando no escuro, tentando me ver.

Peguei sua mão e a puxei para dentro. Estendendo-me na cama ainda vestido, eu a puxei para o meu lado e a abracei, apertando-a ainda mais. Ela se aninhou contra mim, como um gato que se abriga de uma tempestade, apoiando a cabeça em meu peito. Puxou-me para ela com toda a força, como se nossa felicidade só pudesse brotar quanto mais nos aproximássemos; percebi que ela tremia. Senti que, como na lenda, morreríamos ali mesmo se não nos beijássemos. Lembro-me de como nos beijamos antes de eu tirar seu vestido já muito amarrotado, de por quanto tempo e quão profundamente nos beijamos depois disso, de como o rangido embaraçoso das molas da cama nos fez ir mais devagar, de como fiquei excitado quando seus cabelos roçaram no meu peito e no meu rosto; mas, se eu entro em detalhes, ninguém vai achar que vivemos esses momentos com plena consciência, ou que me lembro de cada um deles. A guinada brusca de viver de um momento para o outro o que passara anos esperando e a descrença passada de que ainda seria feliz neste mundo reduziram os prazeres a uma série de momentos luminosos, separados e sem medida, como vagalumes que cintilavam e desapareciam no segundo seguinte. Mas as imagens que entravam em minha cabeça fora do meu controle, como num sonho, fundiam-se numa única impressão geral.

Lembro que nos enfiámos entre os lençóis e que, sempre que encostava na dela, minha pele queimava. Eu estava num transe, mergulhado em memórias de nove anos antes que, sem saber, eu tinha esquecido, mas que agora reviviam, animadas por outros detalhes daqueles dias felizes que eu relembrava em meu encantamento. Enquanto a esperança por tanto tempo reprimida de felicidade se misturava à alegria e ao triunfo dos desejos atendidos (eu sempre engolira um de seus seios inteiro), o momento vivido tornava-se um borrão — uma confusão de prazeres e emoções. Enquanto me rejubilava por no final tê-la conquistado, eu só sabia desejá-la, admirar tudo o que ela era — seu gemido de prazer, seu modo quase infantil de agarrar-se a mim, o fulgor súbito de sua pele de veludo. De um momento sublime me lembro claramente: ela estava sentada em meu colo, o rosto iluminado pelos faróis dos caminhões que passavam pela estrada (seus motores cansados ecoando nossos gemidos graves e profundos), quando, olhando felizes nos olhos um do outro, nos surpreendemos; uma rajada forte e inesperada de vento atingiu tudo por um instante, e em algum lugar distante uma porta bateu, e as folhas das árvores farfalharam como se compartilhassem conosco um segredo. O clarão distante de um relâmpago encheu o quarto com um instante de luz arroxeadada.

Enquanto nos amávamos com um fervor que só fazia crescer cada vez mais, nosso passado, nosso futuro e nossas memórias se fundiram à escalada do êxtase daquele momento. Tentando sufocar nossos gritos, encharcados de suor, continuamos até a consumação. Depois, Füsün se aninhou bem perto de mim, eu — absolutamente satisfeito com a vida, o mundo e tudo que nele havia, radiante de

beleza e significado — enterrei a cabeça em seu pescoço e, aspirando seu aroma que me deixava tonto, adormeci sem perceber.

Muito mais tarde, num sonho, fui visitado por imagens de felicidade. Aqui, para o desfrute dos visitantes do museu, exponho imagens do meu devaneio. O mar em meus sonhos era azul anil, como o mar da minha infância. E, como a nossa chegada em Suadiye no começo do verão, nossos passeios de bote a remo, os dias felizes em que eu andava de esqui aquático, as noites em que saía para pescar só por esporte — memórias que sempre despertavam em mim uma doce impaciência —, o mar tempestuoso do meu sonho parecia despertar uma idêntica inquietação satisfeita de começo de verão. Nesse momento vi nuvenzinhas macias passando vagarosamente pelo céu, uma delas lembrando o rosto do meu pai. No oceano, em meio à tempestade, vi um navio que balançava lentamente, desaparecendo a cada onda, bem como imagens em preto e branco que lembravam os quadrinhos da minha infância e outras imagens e memórias escurecidas, desbotadas, mas ainda assim assustadoras. Davam a sensação de memórias havia muito perdidas e recuperadas pouco antes. Imagens de Istambul em antigos filmes, ruas cobertas de neve, cartões-postais monocromáticos que passavam diante dos meus olhos.

Essas imagens de sonho me ensinaram que a felicidade de estar vivo nunca pode ser separada do prazer de ver este mundo.

Então uma forte rajada de vento me atingiu, trazendo todas essas imagens à vida e provocando um calafrio em meu corpo ainda coberto de suor. As folhas das acácias pareciam irradiar luz enquanto oscilavam para a frente e para trás, farfalhando docemente ao vento. Quando o vento ficava mais forte, o farfalhar das folhas e dos ramos se transformava num rosnado assustador, que vinha acompanhado de uma longa trovoadas, tão alta que acordei.

“Como você estava dormindo lindamente”, disse Füsün, e me beijou.

“Quanto tempo eu dormi?”

“Não sei. Acabei de acordar com a trovoadas.”

“Ficou com medo?”, perguntei, envolvendo-a com meus braços e puxando-a para perto.

“Não, medo nenhum.”

“A chuva vai cair a qualquer momento...”

Ela apoiou a cabeça na base do meu pescoço, e por muito tempo ficamos lá deitados no escuro, olhando pela janela. À distância, o céu nublado cintilava intermitentemente com luzes roxas e rosadas. Os passageiros dos caminhões e ônibus barulhentos que cortavam a estrada de Istambul a Edirna pareciam nem ver aquela tempestade distante, como se só nós dois percebêssemos aquele canto distante do mundo.

Antes de ouvirmos o tráfego que passava, os faróis altos iluminavam de passagem o quarto, alargando-se aos poucos na parede da direita até clarearem o quarto todo; assim que ouvíamos o ronco do motor, a luz mudava de forma e desaparecia.

De vez em quando nos beijávamos, quando não ficávamos apenas acompanhando o jogo das luzes na parede, fascinados como crianças que descobrem um caleidoscópio. Debaixo dos lençóis, nossas pernas se estendiam lado a lado, como marido e mulher.

Começamos a explorar novamente um ao outro com carícias, inicialmente leves, com toda a

cautela, encontrando ainda mais beleza e significado em nosso encontro, agora que já não estávamos mais tão bêbados. Beije seus seios e seu pescoço de aroma doce por muito tempo. Quando descobri no início da minha juventude a força bruta e implacável do desejo sexual, lembro-me de ter me acalmado com um pensamento otimista: uma pessoa casada com uma linda mulher podia amá-la da manhã à noite, sem precisar perder tempo com mais nada. Agora, o mesmo pensamento infantil passou por minha mente. Um infinito se estendia à nossa frente. O mundo, ainda que meio envolto em trevas, aproximava-se do paraíso.

Quando a luz dos faróis poderosos de um ônibus invadiu o quarto, olhei para o rosto de Füsün, para seus lábios irresistíveis, e vi que seus pensamentos a tinham levado para longe. A sensação permaneceu comigo até bem depois que as luzes desapareceram. Beije a barriga de Füsün. De vez em quando a estrada ficava em silêncio, e era possível ouvir o chiado de uma cigarra. Seriam o coaxar de sapos ao longe, a linda música interior do mundo, o sussurro da relva, o murmúrio grave e profundo que brotava da própria terra e a respiração serena da natureza suaves demais para serem ouvidos enquanto vivemos? Continuei a beijar sua barriga, minha língua explorando ao acaso sua pele macia, enquanto um mosquito me picava as costas e continuava a produzir seu zumbido irritante. Como um biguá que mergulha alegre nas águas emerge para respirar, eu levantava a cabeça de vez em quando, para procurar à luz cambiante os olhos de Füsün.

Enquanto nos amávamos, fartando-nos dos prazeres da redescoberta recíproca, repetimos as coisas que fazíamos antes; numa parte da minha mente eu registrava cada momento, para nunca mais apagá-lo, classificando sistematicamente cada um deles:

1. O alegre reconhecimento de alguns dos gestos de Füsün, identificados primeiro durante os quarenta e quatro dias que passamos nos amando nove anos antes, em 1975. Seus gemidos, a ternura inocente que iluminava seu rosto — a maneira como ela franzia a testa quando ficava intrigada por eu agarrá-la com força pela cintura para trocar de posição com ela; o encaixe perfeito de nossos vários apêndices, como se os elementos de nossas respectivas anatomias fossem partes de um único instrumento que normalmente ficava desmontado; a maneira, quando nos beijávamos, como seus lábios se abriam como uma flor — eram esses os detalhes de que eu me lembrara e com que sonhara por nove anos, desejando reviver cada um deles.

2. Os muitos pormenores que eu tinha esquecido e com que por isso não pudera sonhar, agora rememorados com surpresa enquanto via Füsün exibí-los: a maneira como ela usava dois dedos como um par de pinças para tomar meu pulso, a surpresa de uma pinta que ela tinha logo abaixo do ombro (muitas outras pintas estavam onde eu as deixara); a maneira como seus olhos se enevoavam no auge do prazer antes de tornar a focalizar pequenas coisas à sua volta (o relógio na mesinha de cabeceira ou os fios elétricos que circundavam o perímetro do teto); a maneira como ela afrouxava seu abraço depois de me apertar bastante, fazendo-me achar que estava se afastando, só para me agarrar com mais força ainda — naquela noite lembrei-me de todos esses pequenos maneirismos esquecidos que conferiam agora ao nosso amor uma qualidade terrena que impedia que se transformasse em uma fantasia surreal alimentada por nove anos sonhando e imaginando.

3. Vários hábitos, claramente novos, de que eu não tinha lembrança, que me surpreenderam e desconcertaram a ponto de me deixar com ciúme. Suas unhas cravando-se em mim; sua maneira de se perder em pensamentos nos momentos mais intensos do amor, como se ponderasse seu prazer ou seu significado; o hábito de subitamente relaxar todo o corpo, como se adormecesse, ou de enfiar os dentes em meu braço ou no meu ombro, como que para me causar dor verdadeira — essas coisas me fizeram pensar que ela não era mais a mesma Füsun. Num dado momento, contentei-me de atribuir aquilo tudo à novidade da experiência. Durante os quarenta e quatro dias que ficáramos juntos, nunca tínhamos passado uma noite na mesma cama. Ainda assim, não fiquei menos perturbado com a ferocidade de seu comportamento no amor que com sua tendência a refugiar-se passivamente em pensamentos particulares.

4. O simples fato de que agora ela era outra pessoa. A garota de dezoito anos que eu tinha conhecido e com quem fizera amor ainda vivia dentro dela, mas com o passar dos anos ficara enterrada cada vez mais fundo, como a mudinha encerrada na casca da árvore. Eu amava a Füsun agora deitada ao meu lado muito mais do que jamais amara a garota que conhecera tantos anos antes. O tempo nos favorecera a ambos com mais sabedoria e profundidade, fiquei encantado de constatar.

Gigantescas gotas de chuva começaram a cair nas vidraças e nos parapeitos da janela. O céu trovejava quando começou a chover. Enquanto escutávamos a chuva forte de verão, nos braços um do outro, adormeci.

Quando despertei, a chuva tinha parado. Füsun não estava a meu lado, mas de pé, envergando seu vestido vermelho.

“Você vai voltar para o seu quarto?”, perguntei. “Não vá embora, por favor.”

“Vou pegar uma garrafa d’água. Parece que bebemos muito. Estou com uma sede terrível.”

“Também estou com sede”, disse. “Fique aqui, eu saio. Vi garrafas d’água na geladeira do restaurante.”

Mas, quando saí da cama, ela já tinha aberto a porta do quarto sem fazer barulho e saíra. Então voltei para a cama e, imaginando feliz que ela haveria de voltar logo, adormeci.

## 79. Viagem para um outro mundo

Muito mais tarde, quando acordei, Füsun ainda não tinha voltado. Achando que teria retornado para o quarto da mãe, descí da cama e acendi um cigarro junto à janela. O sol ainda não saíra, mas no lusco-fusco dava para distinguir uma sugestão de luz do dia e a fragrância de terra molhada. Os letreiros luminosos do posto de gasolina estrada acima e do hotel Grand Semiramis refletiam-se nas poças d’água à beira do asfalto e nos para-choques cromados do Chevrolet no estacionamento adjacente.

Vi que o restaurante onde tínhamos jantado e ficado noivos na noite anterior tinha um jardimzinho, com cadeiras e almofadas que estavam encharcadas. Logo além havia uma lâmpada presa ao tronco

de uma figueira, e à luz que se filtrava por entre suas folhas vi Füsün sentada num banco. Estava de lado para mim, fumando enquanto esperava o sol nascer.

Vesti-me às pressas e desci imediatamente. “Bom dia, minha linda”, murmurei.

Ela não disse nada, perdida em seus pensamentos e balançando a cabeça como uma pessoa preocupada com graves problemas. Na cadeira ao lado do banco, vi um copo de raki.

“Quando fui buscar a água, encontrei a garrafa de raki aberta!” Sua expressão maliciosa me lembrou de que era filha de Tarık Bey.

“Imagino que não vamos passar bebendo a manhã mais linda que o mundo já viu. O que vamos fazer?”, perguntei. “Vai fazer calor na estrada. Podemos dormir o dia inteiro no carro... Este lugar está ocupado, minha jovem?”

“Não sou mais uma jovem.”

Não respondi, mas sentei-me ao lado dela, e, tomando sua mão como fazia no cinema Palace, instalei-me para assistir com ela ao nascer do sol.

Sentados ali em silêncio, ficamos vendo o mundo à nossa volta clarear aos poucos. Ainda se avistavam relâmpagos arroxeados ao longe, e nuvens alaranjadas despejando sua chuva em alguma parte dos Balcãs. Um ônibus interurbano passou com estrondo. Ficamos acompanhando as luzes vermelhas em sua traseira até desaparecerem.

Um cachorro de orelhas pretas aproximou-se de nós com grande cautela vindo do posto de gasolina, abanando amistosamente a cauda. Era um cachorro sem nenhuma particularidade, um vira-lata comum. Depois de me examinar com o faro, e em seguida Füsün, pousou a cabeça no colo dela.

“Apaixonou-se por você”, disse eu.

Mas Füsün não respondeu.

“Ontem, quando estávamos chegando, ele latiu três vezes para nós”, disse eu. “Você reparou? Vocês tinham um cachorro de louça igualzinho a ele em cima da televisão.”

“Que você também roubou.”

“Eu não diria que foi ‘roubo’. Sua mãe, seu pai, vocês todos sabiam disso desde o primeiro ano.”

“É verdade.”

“E o que eles diziam a respeito?”

“Nada. Meu pai ficava aborrecido. Minha mãe fazia de conta que não tinha importância. E eu só queria ser estrela de cinema.”

“E ainda pode ser.”

“Kemal, o que você acaba de me dizer é mentira. Nem mesmo você acredita nisso”, disse ela em tom muito sério. “E isso me deixa com muita raiva — ver como você sabe mentir.”

“Por que você diz isso?”

“Você sabe perfeitamente bem que não tem a menor intenção de me ajudar a virar estrela de cinema. Afinal de contas, não precisa mais.”

“O que você quer dizer? Se é o que você quer de verdade, é perfeitamente possível.”

“Faz anos que é o que eu mais quero, Kemal. E você sabe disso.”

O cachorro se encostou em Füsün.

“Ele é a cara daquele cachorro de louça. Especialmente as orelhas, metade pretas e metade claras — são idênticas.”

“O que você fez com todos esses cachorros e pentes e relógios e cigarros e todo o resto?”

“Eu usava para me consolar”, disse, agora eu mesmo um pouco ressentido. “A coleção inteira está guardada no apartamento do edifício Merhamet. Não posso me envergonhar dela com você, minha linda. Quando voltarmos para Istambul, eu queria que você visse.”

Ela olhou para mim e sorriu. Não havia compaixão em seu sorriso, mas, pelo menos a meu ver, só a medida justa de zombaria que minha história e minha obsessão mereciam.

“Quer dizer que você quer me levar de volta para aquela *garçonnière* empoeirada”, disse ela.

“Não é mais necessário”, respondi um pouco agastado, em resposta ao tom das suas palavras.

“Exatamente. Ontem à noite você me enganou. Roubou o meu maior tesouro sem precisar casar-se em troca. Apoderou-se de mim. E as pessoas como você nunca se casam depois que conseguem o que querem. Você é um homem desse tipo.”

“Tem razão”, disse eu, meio encolerizado, meio brincando. “É a única coisa que eu passei todos esses anos esperando. Para que nos casarmos agora?”

Pelo menos ainda estávamos de mãos dadas. Procurando acabar com aquilo antes que o desentendimento ficasse mais sério, eu a beijei apaixonadamente nos lábios. Füsün submeteu-se num primeiro momento, mas depois recuou.

“Eu devia matá-lo”, disse ela, pondo-se de pé.

“Porque você sabe o quanto eu a amo.”

Não sei ao certo se ela me ouviu. Minha beldade, realmente encolerizada a essa altura, afastou-se num arroubo alcoolizado, seus saltos altos batendo furiosamente no chão.

Não voltou para o hotel. O cachorro partiu atrás dela, e juntos seguiram para a estrada, tomando o rumo de Edirna, Füsün à frente e o cachorro logo atrás. Terminei o rakı que tinha sobrado no copo dela (como fazia às vezes na casa de Çukurcuma, quando ninguém estava olhando). Por muito tempo, fiquei olhando para eles enquanto se afastavam. A estrada de Edirna se estendia em linha reta à frente deles até o horizonte, e, com o vestido de Füsün cada vez mais fácil de avistar à medida que o céu clareava, não parecia haver perigo de que ela sumisse.

Mas depois de algum tempo parei de ouvir seus passos. Quando não consegui mais enxergar o ponto vermelho que era Füsün, quando ela desapareceu no infinito, como uma heroína no final de um filme da Yeşilçam, fiquei inquieto.

Poucos minutos depois tornei a ver o ponto vermelho. Ainda caminhava na mesma direção, minha beldade enfurecida. Uma grande ternura brotou em mim enquanto eu pensava: íamos passar o resto da vida nos amando como na noite anterior e tendo desentendimentos como o daquela manhã. Ainda assim, eu queria reduzir a quantidade de discussões, diminuir os pontos de atrito e fazer Füsün feliz.

O trânsito estava aumentando na estrada Edirna-Istambul. Uma bela mulher de vestido vermelho com aquelas lindas pernas tinha grande possibilidade de ser incomodada. Entrei no Chevrolet 56 e saí pela estrada à procura dela.

Dali a um quilômetro e meio, localizei o cachorro à sombra de um plátano. Estava sentado, à espera de Füsün. Senti uma dor intensa dentro de mim, e meu coração pulou no meu peito. Reduzi a

marcha.

TOMATES ALTAT, proclamava um grande letreiro, em meio a hortas, campos de girassol, pequenas fazendas. A letra “O” estava salpicada de furos de bala, tendo sido usada como alvo por passantes entediados. Os furos já tinham juntado ferrugem.

Um minuto mais tarde, tornando a ver o ponto vermelho no horizonte, comecei a rir como um bobo. Reduzi a velocidade ao me aproximar dela, que ainda caminhava com passos furiosos ao lado da estrada. Não parou quando me viu, ou quando estendi o braço para abrir a janela do lado do passageiro.

“Venha, querida, entre e vamos voltar. Está ficando tarde.”

Mas ela não respondeu.

“Füsün, acredite, por favor, hoje precisamos viajar muito.”

“Não vou mais. Vocês podem continuar sem mim”, respondeu ela, como uma criança rebelde, ainda sem reduzir a marcha.

Eu diminuíra a velocidade para acompanhá-la e insistia com ela do banco do motorista.

“Füsün, querida, olhe como o mundo é bonito — abra os olhos para tanta beleza”, disse eu. “Para que envenenar a vida com raiva e discussões?”

“Você não entende nada.”

“O que eu não entendo?”

“Por sua causa, eu não tive a chance de viver a minha vida, Kemal”, disse ela. “Eu queria ser atriz.”

“Desculpe.”

“O que você quer dizer com ‘desculpe?’”, perguntou ela furiosa.

Às vezes eu não conseguia manter o carro a seu lado, e não ouvíamos direito o que o outro dizia.

“Desculpe”, tornei a dizer, dessa vez aos gritos, achando que ela não me escutara.

“Você e Feridun me impediram de propósito de ter uma chance no cinema. É por isso que você está se desculpendo?”

“Você queria mesmo ser igual a Papatya e aquelas mulheres que enchem a cara todo dia no Pelür?”

“Enchemos a cara todo dia do mesmo jeito”, disse ela. “E eu nunca ficaria igual a elas, isso eu garanto. Mas vocês dois eram tão ciumentos, tinham tanto medo de que eu pudesse ficar famosa e abandonar vocês, que me obrigavam a ficar em casa.”

“Você sempre mostrou um pouco de medo de seguir sozinha esse caminho, Füsün, sem um homem poderoso ao seu lado...”

“O quê?”, disse ela, agora visivelmente enfurecida.

“Vamos, querida, entre no carro. Podemos discutir esse assunto o quanto você quiser hoje à noite, bebendo alguma coisa”, disse eu. “Eu a amo de todo o coração. Temos uma vida linda pela frente. Por favor, só entre no carro.”

“Com uma condição”, disse ela, com o mesmo tom infantil que usara tantos anos antes, quando me pedira para levar de volta o velocípede da infância à sua casa.

“Qual?”, perguntei.

“Eu dirijo.”

“Os policiais búlgaros são ainda mais corruptos que os nossos. Ouvi dizer que toda hora montam bloqueios nas estradas, só para conseguir propinas.”

“Não, não”, disse ela. “Quero dirigir agora, de volta para o hotel.”

Parei o carro na mesma hora e abri a porta. Enquanto mudava de lugar, pressionei Füsün contra a frente do carro e a beijei com toda a força. Envolvendo meu pescoço com os braços, apertando-me com toda a força e pressionando seus lindos seios contra mim, ela fez minha cabeça rodar.

Instalou-se no banco do motorista. Ligando o motor com o mesmo cuidado de nossas primeiras aulas no parque Yıldız e soltando com habilidade o freio de mão, ela entrou lentamente na estrada, apoiando o braço esquerdo na janela aberta, exatamente como Grace Kelly em *Ladrão de casaca*.

Avançávamos devagar, procurando um lugar para dar a volta. Ela tentou fazer o retorno de uma vez só no ponto onde a estrada principal cruzava uma estradinha local de terra, mas não conseguiu, e o carro parou com um tranco.

“Cuidado com a embreagem!”, disse eu.

“Você nem reparou no brinco”, disse ela.

“Que brinco?”

Ela deu novamente a partida no carro, que deu um salto à frente.

“Mais devagar!”, eu pedi. “Que brinco?”

“O que está na minha orelha...”, gemeu ela, como alguém que despertasse de uma anestesia.

Pendendo de sua orelha direita estava o brinco perdido. Será que ela usava aquele brinco enquanto nos amávamos? Será que uma coisa assim podia ter me escapado?

O carro ganhava velocidade.

“Calma!”, gritei, mas ela pisou com toda a força no acelerador.

Ao longe, seu amigo cachorro pareceu ter reconhecido Füsün e voltou para o meio da estrada, indo de encontro ao carro. Eu esperava que ele percebesse nossa velocidade e saísse do caminho, mas não desviou.

Andando mais depressa, cada vez mais depressa, Füsün buzinou para tentar espantá-lo.

Demos uma guinada para a direita e depois para a esquerda, com o cachorro ainda longe, mais à frente. De repente o carro começou a se deslocar em linha reta, como um veleiro que continua a cortar as ondas sem se desviar quando o vento cessa. Nosso rumo, embora reto, saía da estrada. Foi quando vi que corríamos não na direção do hotel, mas direto para um plátano ao lado da estrada, que percebi que um acidente era inevitável.

Na verdade, percebi então, no fundo da alma, que tínhamos chegado ao fim da porção que nos cabia de felicidade, que chegara nossa hora de deixarmos aquele reino maravilhoso, disparando no rumo daquele plátano. Füsün fixara-se nele, como se fosse um alvo. E eu sentia que meu futuro não podia existir separado do dela. Aonde quer que estivéssemos indo, eu iria com ela, e nunca mais sentiríamos a felicidade que se pode encontrar na terra. Era terrível, era uma pena, mas me pareceu inevitável.

Mesmo assim, gritei: “Cuidado!” — por puro reflexo, como se Füsün não estivesse enxergando. Na verdade, foi o grito instintivo de alguém que tenta escapar de um pesadelo e retornar à beleza da vida de todos os dias. Se querem saber, Füsün estava realmente um pouco embriagada, mas, dirigindo a

cento e cinco quilômetros por hora, na direção de um plátano de cento e cinco anos de idade, parecia saber exatamente o que fazia. Então entendi que tínhamos chegado ao fim das nossas vidas.

O Chevrolet do meu pai, com seus mais de vinte e cinco anos de existência, chocou-se com uma velocidade e uma força impressionantes no plátano do lado esquerdo da pista.

Além da árvore, em meio a uma plantação de girassóis, havia uma casa — uma pequena fábrica, na verdade, que produzia o óleo de girassol Batanay, exatamente a marca que a família Keskin usava na cozinha, como ambos tivemos tempo de notar logo antes do acidente.

Meses mais tarde encontrei os destroços do carro e recuperei, enquanto tocava em vários pontos do Chevrolet destruído, a memória que me voltara num sonho: no instante anterior à batida, Füsün e eu nos olhamos nos olhos.

Ela sabia que ia morrer, e durante esses dois ou três segundos me disse com os olhos suplicantes que na verdade não queria morrer, que iria aferrar-se à vida enquanto pudesse, esperando que eu a salvasse. Mas só pude sorrir para a minha linda noiva, ainda tão cheia de vitalidade, o amor da minha vida até o fim, e, achando que eu também estava destinado a morrer, fiquei satisfeito de me encontrar a caminho de um outro mundo.

Toda a memória do que aconteceu em seguida escapou-me durante os meses que passei de cama num hospital e nos anos seguintes; de maneira que o que se segue se baseia em relatos alheios e no que fui capaz de lembrar quando voltei ao local do acidente muitos meses depois.

Seis ou sete segundos depois da colisão Füsün morreu dos ferimentos sofridos quando o carro se amassou como uma lata e a coluna de direção cravou-se em seu peito. Sua cabeça atingiu com toda a força o para-brisa. (Ainda se passariam quinze anos antes que os cintos de segurança se tornassem obrigatórios nos carros turcos.) Segundo o relatório do acidente que exponho aqui, seu crânio foi esmagado, dilacerando as meninges do cérebro cujos prodígios sempre me surpreenderam, e ela sofreu uma profunda laceração no pescoço, bem como a fratura de várias costelas e o corte da testa por inúmeros fragmentos de vidro. Todo o resto de seu lindo ser — seus olhos tristes; seus lábios miraculosos; sua grande língua rosada; suas faces de veludo; seus ombros torneados; a pele sedosa de seu pescoço, de seu peito, de sua garganta e de sua barriga; suas pernas compridas; seus pés delicados, que sempre me faziam sorrir; seus braços esguios cor de mel, com suas pintas e sua penugem castanha; as curvas de suas nádegas; e sua alma, que sempre me atraía tanto — permaneceu intacto.

## 8o. Depois do acidente

Agora queria fazer um breve relato sobre os vinte e poucos anos que se seguiram, encerrando minha história sem mais delongas. Mais tarde me disseram que eu ter sobrevivido ao acidente foi o resultado fortuito de ter aberto a janela do lado do passageiro, de maneira a poder conversar com Füsün enquanto dirigia ao lado dela, e de ter posto instintivamente meu braço para fora imediatamente antes da colisão. O impacto provocou pequenas hemorragias no meu cérebro e o edema resultante me deixou em coma. Nesse estado fui transportado de ambulância para o Hospital

Çapa da Universidade de Istambul, onde me puseram num respirador.

Passei um mês em tratamento intensivo, incapaz de falar. Nenhuma palavra me passava pela cabeça; meu mundo tinha congelado. Nunca esquecerei o dia em que Berrin e minha mãe vieram me visitar, com lágrimas nos olhos ao verem o tubo na minha boca. Até Osman demonstrou compaixão incomum, embora de tempos em tempos surgisse em sua expressão algo que dizia “eu bem que avisei”.

Se Zaim, Tayfun, Mehmet e outros amigos me encaravam com expressões semelhantes — em parte condenação, em parte piedade — foi porque o relatório da polícia atribuía o acidente à direção sob influência do álcool (a participação do cachorro não foi registrada) e porque a imprensa apimentou a história com uma boa dose de escândalo. Os empregados da Satsat manifestaram o mesmo respeito de sempre e uma compaixão comovente.

Depois de seis semanas comecei a fisioterapia. Aprender a andar de novo parecia um recomeço de vida, e enquanto embarcava em minha nova existência pensava constantemente em Füsün. Pensar nela então não tinha mais qualquer conexão com o futuro ou com o desejo que eu já sentira; aos poucos, Füsün se transformava num sonho do passado, em simples matéria de memória. E isso era intoleravelmente doloroso, agora que o sofrimento por ela não assumia mais a forma de desejo, mas de piedade por mim mesmo. Eu me encontrava nesse ponto — pairando entre a realidade e a lembrança, entre a dor da perda e seu significado — quando me ocorreu pela primeira vez a ideia de um museu.

Procurei consolo em Proust e Montaigne. Sentava-me à frente de minha mãe na hora do jantar, a jarra amarela entre nós dois, e enquanto comíamos prestava pouca atenção ao que passava na TV. Minha mãe achava que a morte de Füsün era algo semelhante à do meu pai, e que, como nós dois havíamos perdido a pessoa amada, tínhamos uma permissão incondicional de suspirar e nos queixar o quanto quiséssemos, compartilhando as nossas culpas. Copos vaporosos de rakı figuravam com destaque nas duas mortes, assim como o mundo secreto que cada um dos falecidos guardara dentro de si, até a pressão ficar tão forte que a única saída era contar o segredo. Minha mãe não gostava dessa segunda semelhança, mas eu queria expor tudo para exame.

Durante os primeiros meses depois da minha alta do hospital, sempre que eu ia ao apartamento do edifício Merhamet para sentar-me na cama, fumar um cigarro e passar em revista os objetos que me cercavam, sentia despertar em mim a noção de que seria um alívio para a minha dor se eu pudesse contar a minha história. Mas para tanto eu precisaria trazer a público toda a minha coleção.

Eu queria fazer as pazes com Zaim e tornar a tê-lo como confidente. Mas, em janeiro de 1985, Hilmi, o Bastardo, contou-me que ele e Sibel estavam felizes juntos e esperavam um filho. Hilmi, o Bastardo, também me contou que Nurcihan e Sibel tinham se desentendido em torno de algo trivial. Não havia como restabelecer a ligação entre elas. E eu não podia ir aos novos clubes noturnos e restaurantes frequentados pela antiga clientela do Pelür e do Garaj; minha história era importante para mim, e não queria vê-la refletida nos olhos dos outros ou ser visto como um destroço humano. Por esse motivo, durante uma primeira e última ida ao şamdan, ri, brinquei e provoquei Tayyar, o velho garçom, que conhecia do Pelür, fazendo o possível para que todos percebessem minha boa disposição e forçando assim os fofoqueiros a concluir que “no fim das contas” eu conseguira “me

salvar” das mãos “daquela garota”.

Um dia deparei com Mehmet numa esquina de Nişantaşı, e marcamos um encontro para jantar à beira do Bósforo, “só para homens”. Os restaurantes do Bósforo tinham deixado de ser um lugar que as pessoas reservavam para ocasiões especiais; eram frequentados todos os dias da semana. Percebendo minha curiosidade, Mehmet começou por me contar o que vinha acontecendo na vida de todos os meus velhos amigos. Disse que ele e Nurcihan tinham viajado para Uludağ com Tayfun e a mulher, Figen; que Faruk (o mesmo Faruk que eu e Füsün tínhamos avistado na praia de Sariyer) tinha de fato perdido muito dinheiro com a disparada da inflação, devido a empréstimos contraídos em dólar, mas evitara a ruína total contraindo novos empréstimos bancários; e que, embora não houvesse ressentimentos entre Mehmet e Zaim depois do desentendimento entre Sibel e Nurcihan, eles não se viam mais. Antes que eu pudesse perguntar o que tinha acontecido, Mehmet explicou que Sibel alfinetava Nurcihan porque ela adotara uma vida “turca” demais, frequentando *gazinos*, assistindo a cantoras tradicionais como Müzeyyen Senar e Zeki Müren e jejuando durante o Ramadã (“Nurcihan está mesmo jejuando?”, perguntei sorrindo). Mas reconheci na mesma hora que não podia ser este o real motivo para um rompimento entre aquelas duas velhas amigas. Mehmet, imaginando que eu desejasse voltar a meu velho mundo, queria facilitar minha reentrada a seu lado. Mas entendera mal minha intenção. Seis meses depois da morte de Füsün, eu sabia categoricamente que jamais poderia regressar àquele mundo.

Depois de beber algumas doses de rakı, ele admitiu que, embora amasse profundamente Nurcihan e tivesse o mais extremo respeito por ela (sentimento que adquirira em tempos recentes uma elevada importância), não a achava mais tão atraente quanto antes de dar à luz. Depois de um namoro longo e romântico, do casamento e do início de uma família, eles logo tinham voltado a ser quem eram antes, e Mehmet retomou seus antigos hábitos. Deixando às vezes as crianças com a mãe dele, Mehmet e Nurcihan saíam juntos, porém o mais frequente era ele sair sozinho para os novos bares e clubes noturnos, o tipo de lugar que atraía publicitários e gente rica, aos quais, em sua determinação de me deixar mais animado e recuperar nossa antiga camaradagem, ele se oferecia então para me levar, assim como às áreas que se tornavam mais interessantes na cidade.

Numa outra noite, Nurcihan saiu conosco. Fomos a uma parte nova da cidade, logo depois de Etiler, que surgira no espaço de um ano, para consumir um estranho menu de pratos apresentados como cozinha americana. Nurcihan não tocou no nome de Sibel nem perguntou pelos meus sentimentos em seguida à morte de Füsün. Uma coisa que ela disse no meio do jantar e a propósito de nada, entretanto, me atingiu profundamente; que ela sabia “bem no fundo” que um dia eu ainda seria muito feliz. Acontece que eu nunca sentira com mais certeza que perdera para sempre minha oportunidade de ser feliz nesta vida. Talvez seja por isso que, embora Mehmet ainda lembrasse muito o Mehmet de sempre, com Nurcihan eu tivesse a impressão de estar conhecendo uma pessoa nova, como se todas as nossas memórias em comum tivessem deixado de existir. Também me ocorreu que a atmosfera daquele restaurante e daquelas ruas novas da cidade, que não me agradavam nem um pouco, também pode ter contribuído para essa sensação.

Havia muitas dessas ruas novas, muitos desses estranhos novos bairros de concreto que surgiam a cada dia que passava e só serviam para reforçar minha impressão de que depois que eu saíra do

hospital, com a morte de Füsün, Istambul se transformara numa cidade muito diferente. É preciso dizer que essa sensação foi minha preparação mais importante para os muitos anos de caminhadas a esmo que eu tinha pela frente.

Era só quando visitava tia Nesibe que eu me sentia na velha Istambul, a cidade que eu amava tanto. Uma noite, depois das primeiras visitas lacrimosas, ela, dispensando as formalidades, disse-me que eu podia subir para olhar o quarto de Füsün sempre que eu quisesse, e levar comigo tudo que me desse vontade.

Antes de subir, cumpri o que sempre tinha sido nosso ritual: fui até a gaiola de Limon ver se estava com comida e água fresca. Isso, como qualquer lembrança de nossos jantares, de nossas conversas enquanto víamos televisão, de tudo mais que tínhamos compartilhado sentados àquela mesa, bastou para trazer lágrimas aos olhos de tia Nesibe.

Lágrimas... Silêncios... Como as lembranças de Füsün eram dolorosas demais para nós dois, eu cumpria o mais rápido possível as preliminares antes de subir para o quarto dela. Uma vez a cada duas semanas eu descia a ladeira até Çukurcuma, vindo de Beyoğlu, e enquanto tia Nesibe jantava víamos televisão em silêncio; após dar alguma atenção a Limon, que aos poucos ficava mais velho e silencioso, eu ia olhar as pinturas de aves de Füsün, uma a uma, depois do que, anunciando minha necessidade de lavar as mãos, eu subia as escadas, com o coração batendo cada vez mais forte enquanto entrava no quarto de Füsün e abria suas gavetas e armários para estar com suas coisas.

Todos os presentes que eu lhe dera ao longo dos anos — os pentes e escovas e espelhos e os broches de borboleta e os brincos — ela arrumara nas gavetas da escrivaninha. Havia coisas que eu me esquecera de ter dado — meias para servir de prêmio de tómbola, os botões de madeira que eu achava estar comprando para a mãe dela, prendedores de cabelo, bem como a miniatura de Mustang que Turgay lhe dera e as cartas de amor que eu lhe enviara por intermédio de Ceyda. Encontrar esses artefatos pesava-me a tal ponto que eu nunca ficava mais de meia hora em meio àquelas gavetas e armários ainda impregnados do seu cheiro. Às vezes eu me sentava à beira da cama e fumava um cigarro, e às vezes, para refrear as lágrimas, eu me aproximava da janela ou ia até uma das sacadas onde ela situava as aves dos seus quadros, antes de pegar uma meia ou um pente e levá-los comigo.

A essa altura, já percebera que precisava encontrar um lugar onde pudesse reunir todos os objetos que me conectavam a Füsün, desde as primeiras coisas coletadas por impulso até os artigos que agora retirava deliberadamente de seu quarto — talvez tudo que sua casa continha —, mas não tinha ideia de onde poderia ser esse lugar. Foi só depois de ter começado as minhas viagens, visitando os menores museus do mundo um a um, que consegui finalmente encontrar a resposta e entender todo o seu significado.

Numa noite de muita neve, durante o inverno de 1986, quando tínhamos acabado de jantar e eu escolhia alguma coisa entre broches de borboleta, brincos e adornos que trouxera de presente para Füsün durante todos aqueles anos, sem conseguir chegar a uma conclusão, encontrei por acaso no fundo de uma gaveta uma caixa, e dentro dela um par de brincos em forma de borboleta, cada um trazendo a inicial F, que ela usava no momento do acidente, embora afirmasse havia anos que tinha perdido um deles. Peguei os brincos e desci as escadas.

“Tia Nesibe, acho que esses brincos foram guardados na caixa de joias de Füsün faz muito pouco

tempo”, disse eu.

“Kemal, meu rapaz, tudo que Füsün estava usando naquele dia — o vestido vermelho, os sapatos, tudo — eu escondi de você, porque não queria aumentar seu sofrimento. Depois pensei que era melhor pôr tudo no lugar certo, e você percebeu imediatamente.”

“Ela estava usando os dois brincos?”

“Antes de ir para o seu quarto naquela noite, a minha querida filha ainda planejava vir dormir no nosso quarto. Eu só estava fingindo que dormia, e de repente ela tirou esses brincos da bolsa e os pôs nas orelhas. Quando saiu do quarto, eu não disse nada, queria que vocês dois finalmente fossem felizes.”

Eu nunca contei a tia Nesibe que Füsün me dissera que ela tinha trancado a porta.

Como eu posso ter deixado de perceber os brincos enquanto nos amávamos? E então outra pergunta me ocorreu.

“Tia Nesibe, anos atrás eu lhe disse que tinha deixado um desses brincos ao lado do espelho do banheiro, na primeira vez que vim a esta casa. E até cheguei a lhe perguntar: ‘Você não viu?’.”

“Não sei, meu filho. Não fique pensando nessas coisas e me fazendo chorar. Eu lembro que ela queria lhe fazer uma surpresa usando um par de brincos em Paris — ela me disse alguma coisa assim, mas eu nunca soube de quais brincos ela estava falando. Ah, ela queria tanto conhecer Paris, a minha Füsün.”

Tia Nesibe começou a chorar, pelo que, mais adiante, pediu-me desculpas.

No dia seguinte reservei um quarto no Hôtel du Nord. À noite disse a minha mãe que estava saindo de viagem para Paris, que viajar me faria bem.

“Ah, fico muito satisfeita”, disse minha mãe. “E você também podia fazer alguma coisa pela empresa, pela Satsat. Seu irmão não devia ficar com tudo.”

## 81. O Museu da Inocência

Não contei à minha mãe que aquela viagem a Paris não era a negócios. Porque, se ela me perguntasse qual era o motivo, eu não teria como lhe dar uma boa resposta, tendo ocultado sua finalidade até de mim mesmo. Quando saí para o aeroporto, pensei que aquela viagem era de alguma forma a reparação que eu vinha procurando tão obsessivamente pelos meus pecados, entre eles, ter deixado de reconhecer os brincos que Füsün usava.

No entanto, assim que entrei no avião, percebi que embarcara nessa viagem para esquecer e sonhar. Cada esquina de Istambul fervilhava de lembranças dela. Assim que alçamos voo, percebi que, fora de Istambul, eu podia pensar em Füsün e na nossa história com maior profundidade. Em Istambul eu sempre a via através do prisma da minha obsessão; mas no avião eu conseguia ver tanto Füsün quanto a minha obsessão de fora.

Senti um consolo equivalente, a mesma compreensão profunda, à medida que andava a esmo em torno dos museus. Não estou falando do Louvre nem do Beaubourg, nem dos outros museus lotados e importantes da mesma estirpe; estou falando dos muitos museus vazios que encontrei em Paris,

coleções que ninguém jamais visita. Havia o Musée Édith Piaf, fundado por um grande admirador, onde com hora marcada pude ver escovas, pentes e ursos de pelúcia; o Musée de la Préfecture de Police, onde passei um dia inteiro; e o Musée Jacquemart-André, onde objetos variados eram expostos junto a quadros de maneira muito original — vi cadeiras vazias, lustres e impressionantes espaços vazios. Sempre que vagava sozinho por museus como esses, sentia-me reanimado. Encontrava alguma sala nos fundos, longe do olhar dos guardas que acompanhavam atentamente cada passo meu; e, enquanto o som do tráfego, das construções e do tumulto urbano se infiltrava ali, era como se tivesse entrado num reino à parte que coexistia com as ruas movimentadas da cidade mas não pertencia a elas; na misteriosa atemporalidade desse outro universo, eu encontrava algum conforto.

Às vezes, assim reconfortado, imaginava ser-me possível enquadrar minha coleção numa narrativa, e sonhava feliz com um museu onde pudesse expor minha vida — a vida que primeiro minha mãe, depois Osman, e ao final todo mundo achou que eu jogara fora —, onde pudesse contar minha história através das coisas que Füsün deixara e transmitir uma lição a todos.

Ao visitar o Musée Nissim de Camondo, cujo fundador eu sabia ter vindo de uma das famílias judias mais importantes de Istambul, atrevi-me a pensar que no conjunto de travessas, garfos e facas da família Keskin, e em minha coleção de sete anos de saleiros, eu também podia ter algo digno de exibir com orgulho, e a ideia me deu uma sensação de liberdade. O Musée de la Poste me fez perceber que eu podia expor as cartas que escrevera a ela e o Micromusée du Service des Objets Trouvés legitimou a inclusão de um amplo leque de objetos, contanto que me lembrassem de Füsün, como a dentadura de Tarik Bey, frascos de remédio vazios e recibos. Levei uma hora de táxi para chegar ao Musée Maurice Ravel, situado onde antes ficava a casa do famoso compositor, e quando vi sua escova de dente, suas xícaras de café, seus bibelôs de porcelana, várias bonecas, brinquedos e uma gaiola de ferro que me recordou imediatamente Limon, contendo um rouxinol de metal que cantava, quase chorei. Passear por esses museus de Paris era ser libertado da vergonha da coleção que eu acumulara no apartamento do edifício Merhamet. Deixando de ser um sujeito esquisito, envergonhado pelas coisas que empilhava, eu aos poucos adquiria o orgulho de um colecionador.

No entanto, não invoquei esses conceitos àquela altura, avaliando em vez disso minha transformação espiritual pela simples consciência de que me sentia feliz no momento em que entrava num desses lugares, e comecei a sonhar com a narrativa da minha história através de objetos. Certa noite, enquanto bebia sozinho no bar do Hôtel du Nord, olhando para os desconhecidos à minha volta, me surpreendi fazendo-me as perguntas que ocorrem a todo turco que viaja para o estrangeiro (se tiver instrução e algum dinheiro): o que esses europeus pensam de mim? O que pensam de todos nós?

Finalmente, comecei a refletir sobre a maneira como poderia descrever o que Füsün significava para mim e para alguém que não soubesse nada sobre Istambul, Nişantaşı ou Çukurcuma. Comecei a me ver como alguém que viajara para terras distantes e passara lá vários anos: digamos, um antropólogo que tivesse se apaixonado por uma nativa enquanto vivia com um povo indígena da Nova Zelândia para estudar e catalogar seus costumes e rituais, como eles trabalhavam, descansavam, se divertiam (e conversavam entre si enquanto viam televisão, devo acrescentar sem perda de tempo).

Minhas observações e o amor que eu tinha vivido haviam se entrelaçado para sempre.

Agora, o único modo que prometia dar sentido a esses anos era expor tudo que eu reunira — as painéis e caçarolas, as bugigangas, as roupas e os quadros — da mesma forma como esse antropólogo poderia tê-los organizado.

Durante meus últimos dias em Paris, com as aves de Füsün na mente e com algum tempo de sobra, fui ao Musée Gustave Moreau, porque Proust tinha esse pintor em alta conta. Não consegui gostar dos quadros clássicos, históricos e maneiristas de Moreau, mas adorei o museu. Nos últimos anos da sua vida, o pintor decidiu reformar a casa da família, onde passara a maior parte da vida, convertendo-a num lugar onde seus milhares de quadros pudessem ser exibidos depois de sua morte, e essa casa a seu tempo foi transformada num museu, abrangendo ainda seu imenso ateliê de dois andares, bem ao lado dela. Depois de convertida, sua casa tornou-se uma casa de memórias, um “museu sentimental” em que cada objeto refulgia de tanto significado. Enquanto eu percorria aposentos vazios, passando por pisos de parquê que rangiam e guardas que cochilavam, senti-me tomado por uma intensa emoção que quase posso chamar de religiosa. (Visitei esse museu sete outras vezes nos vinte anos seguintes, e a cada vez senti a mesma paixão enquanto percorria lentamente as suas salas.)

Ao voltar para Istambul, procurei diretamente tia Nesibe. Depois de lhe falar de Paris e de seus museus, e de jantar com ela à mesa, abordei sem demora a questão que ocupava o primeiro lugar em meu espírito.

“Você sabe que venho pegando coisas desta casa, tia Nesibe”, disse eu, com a naturalidade de um paciente que por fim consegue sorrir de uma doença de que há muito foi curado. “Pois agora eu queria comprar a casa inteira — todo o prédio.”

“Como assim?”

“Querida que você me vendesse a casa e tudo que ela contém.”

“Mas o que vai ser de mim?”

Conversamos a respeito de um modo que só era sério pela metade. Falei em tom quase cerimonioso: “Gostaria de encontrar algum modo de homenagear Füsün nesta casa”. Também sugeri a tia Nesibe que ela nunca se sentiria feliz naquela casa, acendendo a fôrnalha sozinha, embora, se ela assim quisesse, pudesse ficar. Tia Nesibe chorou por algum tempo diante da ideia de que podia passar sua vida sozinha. Mas então eu lhe contei que tinha encontrado um excelente apartamento para ela em Nişantaşı, na rua Kuyulu Bostan, onde ela tinha morado antes.

“Fica em qual edifício?”, perguntou.

Um mês depois, compramos um grande apartamento para tia Nesibe no melhor trecho da rua Kuyulu Bostan, bem perto de seu antigo apartamento (e bem do outro lado da rua da tabacaria, da loja de jornais e revistas e da loja cujo proprietário era o Tio Indecente, o molestador de crianças). Ela me doou todo o prédio de Çukurcuma, incluindo o apartamento do térreo e todos os bens móveis que continha. A conselho de meu amigo advogado que cuidara do divórcio de Füsün, fizemos um inventário de todos os bens contidos no prédio e o documento foi devidamente registrado em cartório.

Tia Nesibe não sentia qualquer urgência de se mudar para sua casa nova em Nişantaşı. Com

minha ajuda, mandou instalar novos lustres e comprou os móveis que uma jovem teria para montar seu enxoval, e cada vez que nos encontrávamos ela me contava com um sorriso que não havia nenhuma esperança de que um dia ela se mudasse da casa de Çukurcuma.

“Kemal, meu filho, não consigo ir embora desta casa e me separar das memórias nela. O que vamos fazer?”, dizia ela.

“Vamos transformar a casa num lugar onde podemos expor as nossas memórias, tia Nesibe”, respondia eu.

À medida que minhas viagens foram ficando mais longas, eu a via com menos frequência. Como eu ainda não sabia ao certo o que fazer com a casa, seu conteúdo e todas as coisas de Füsün que eram tão preciosas para mim, eu mal tinha coragem de olhar para elas, por medo de que meu olhar pudesse estragá-las de algum modo.

Minha visita a Paris serviu de modelo para minhas viagens subsequentes. Chegando a uma nova cidade, eu me instalava num hotel antigo e confortável localizado no centro, que reservara de Istambul, e, armado com o conhecimento adquirido nos livros e nos guias que lera de antemão, começava minhas rondas pelos museus mais notáveis da cidade, sem nunca me apressar, sem deixar de ir a nenhum deles, como um estudante cumprindo meticulosamente uma tarefa. E então percorria os mercados de pulgas, as lojas que vendiam bricabraques e bugigangas, alguns antiquários; se encontrasse um saleiro, um cinzeiro ou um abridor de garrafa idêntico a um que tivesse conhecido na casa dos Keskin, ou se alguma outra coisa me despertava o interesse, eu comprava. Onde quer que eu me encontrasse — Rio de Janeiro, Hamburgo, Baku, Kyoto ou Lisboa —, em torno da hora do jantar eu fazia uma longa caminhada pelas ruas secundárias e os bairros mais distantes; olhando pelas janelas, observava as salas em que as famílias jantavam em frente à televisão, mães preparando a comida em cozinhas que também serviam de sala de jantar, crianças e pais, jovens mulheres com seus maridos decepcionantes, e até primos distantes ricos secretamente apaixonados pela jovem da casa.

De manhã, depois de um demorado desjejum no hotel, eu passava o tempo caminhando pelas avenidas e pelos cafés até a abertura dos pequenos museus; escrevia cartões-postais para minha mãe e tia Nesibe, folheava os jornais locais, tentando descobrir o que teria acontecido em Istambul e no mundo, e às onze horas pegava meu caderno e encetava o programa do dia, cheio de esperança.

Num dia frio e chuvoso, enquanto caminhava pelas galerias do Museu da Cidade de Helsinki, deparei exatamente com o tipo de frascos de remédio que tinha encontrado nas gavetas de Tarik Bey. Percorrendo as salas mofadas de um museu na cidadezinha de Cazelles, perto de Lyon, na França (uma antiga fábrica de chapéus convertida em museu, em que eu era o único visitante), vi chapéus exatamente iguais aos que minha mãe e meu pai costumavam usar. Enquanto contemplava os baralhos, os anéis, os colares, os jogos de peças de xadrez e os quadros a óleo do Museu do Estado de Württemberg, localizado numa das torres do antigo castelo de Stuttgart, fui inspirado pela convicção de que os pertences da família Keskin (como meu amor por Füsün) mereciam ser expostos com esplendor comparável. O menor detalhe devia ser investigado com a maior minúcia: passei um dia inteiro no Musée International de la Parfumerie, no Sul da França, a certa distância do Mediterrâneo, em Grasse, a capital mundial do perfume, esforçando-me para identificar a fragrância de Füsün. Na

Alte Pinakothek de Munique (cujas escadas serviram de modelo para as do meu museu), a visão da obra-prima de Rembrandt *O sacrifício de Abraão* lembrou-me de que eu tinha contado aquela história a Füsün muitos anos antes, e de sua moral: que a pessoa deve dar o que tem de mais precioso sem esperar nada em troca. Fitei longamente o isqueiro de George Sand, suas joias, seus brincos e os cachos de seus cabelos, grampeados a um pedaço de papel, até ter um calafrio ali, no Musée de la Vie Romantique de Paris. No Göteborgs Historiska Museum, que conta a história daquela cidade, fiquei pacientemente sentado diante dos azulejos e pratos de porcelana importados pela Companhia das Índias Orientais. Em março de 1987, a sugestão de um antigo colega de turma que agora trabalhava na embaixada da Turquia em Oslo me conduziu ao Museu da Cidade de Brevik; quando cheguei lá e o encontrei fechado, retornei a Oslo para passar a noite e voltei no dia seguinte para visitar a exposição, que compreende uma agência postal de trezentos anos, o estúdio de um fotógrafo e uma antiga farmácia. Foi em Trieste, onde o Civico Museo del Mare está instalado em uma antiga prisão, que percebi pela primeira vez o que muitos outros museus me evocavam: estando impregnadas de lembranças de Füsün, as balsas do Bósforo (por exemplo, a *Kalender*) precisariam aparecer representadas por algum modelo em miniatura, ao lado de outros totens da minha obsessão. Em Honduras, país cujo visto precisei esperar muito para obter, o Museo de Mariposas y Otros Insectos, de La Ceiba, que percorri misturado a outros turistas de bermudas, levou-me a imaginar que poderia expor todos os prendedores de cabelo que eu comprara para Füsün ao longo dos anos como se fossem borboletas de verdade; e que, por extensão, podia organizar e expor todos os mosquitos, borrachudos, varejeiras e outros insetos da casa dos Keskin. Na cidade chinesa de Hangzhou, no Museu da Medicina Chinesa, senti que estava cara a cara com uma das caixas de remédios do próprio Tarik Bey. Notei com orgulho no Musée du Tabac, recém-aberto em Paris, que sua coleção não era tão vasta quanto a que eu acumulara ao longo de oito anos. Num dia claro de primavera em Aix-en-Provence, lembro-me de ter contemplado com felicidade e admiração ilimitadas as prateleiras de potes, panelas e outros objetos das salas ensolaradas do Musée de l'Atelier de Paul Cézanne. Na muito antiga e perfeitamente conservada Casa Rockox, em Antuérpia, tive ocasião de lembrar que nos museus menores o passado é preservado nos objetos como as almas se preservam em seus corpos terrenos, e nessa constatação encontrei uma beleza consoladora que me manteve ligado à vida. Mas ainda assim eu me perguntava se jamais teria aprendido a apreciar minha própria coleção do apartamento do edifício Merhamet, quanto mais alimentar qualquer esperança de expô-la com orgulho a outras pessoas, se primeiro não tivesse ido a Viena conhecer o Sigmund Freud Museum, contendo as esculturas e os móveis que pertenceram ao famoso psicanalista. Seria uma visita à velha barbearia do Museu de Londres em cada uma das minhas idas à cidade ao longo dos meus primeiros anos de viagem uma simples expressão de saudade de meus barbeiros de Istambul, Basri e Cevat, o Tagarela, ou algo mais que isso? No Florence Nightingale Museum, instalado num hospital londrino, eu esperava encontrar um quadro ou algum objeto que a famosa enfermeira tivesse trazido de Istambul, onde dirigiu um hospital durante a Guerra da Crimeia, mas a lembrança que encontrei não era de Istambul — era um prendedor de cabelo idêntico a um dos prendedores de Füsün. No Musée du Temps, em Besançon, na França, um antigo palácio, enquanto caminhava em meio aos relógios, absorvendo o silêncio profundo, pensava sobre os museus e o tempo. Na Holanda,

fitando os minerais, os fósseis, as medalhas, as moedas e outros utensílios nos antigos armários de exposição com portas de vidro, cercado pelo silêncio do Teylers Museum em Haarlem, senti que poderia dizer o que dava sentido à vida e me proporcionava o maior consolo, mas, como ocorre quando o amor nos faz enrubescer pela primeira vez, não soube exprimir de início o que me ligava àqueles lugares. Em Madras, no Museu do Forte São Jorge, instalado na primeira fortaleza construída pelos ingleses na Índia, fazia calor e estava muito úmido; e, quando me postei debaixo de um grande abano vertical, cercado por cartas, quadros a óleo, moedas e objetos do dia a dia, senti a mesma emoção. Foi enquanto caminhava pelo Museo del Castelvecchio, em Verona, subindo suas escadas maravilhado com a maneira como o arquiteto Carlo Scarpa tinha cuidado para que a luz envolvesse as estátuas como seda, que consegui entender pela primeira vez como meu contentamento mais puro vinha não só desses museus enquanto coleções, mas da harmonia na maneira como eram dispostos seus quadros e objetos. Mas foi só quando visitei o Museum der Dinge, em Berlim, acomodado primeiro no edifício Martin Gropius e mais tarde desabrigado, que vi essa verdade de outra maneira: pode-se colecionar tudo e qualquer coisa, com inteligência e critério, a partir de uma necessidade positiva de reunir todos os objetos que nos ligam às pessoas que mais amamos, cada aspecto de sua existência, e mesmo na falta de uma casa, de um museu adequado, a poesia de nossa coleção será abrigo suficiente para seus objetos. Quando pela primeira vez pus os olhos em *O sacrifício de Isaac*, de Caravaggio, na Galeria Uffizi de Florença, vieram-me lágrimas aos olhos quando me ocorreu que nunca tive a oportunidade de ver esse quadro ao lado de Füsün, e então vi no quadro que a lição menos percebida do sacrifício de Abraão era que é possível substituir o objeto que mais amamos por outro, e que era por isso que eu me sentia tão apegado aos pertences de Füsün que acumulara ao longo dos anos. Toda vez que eu ia a Londres, visitava o Sir John Soane's Museum; depois de percorrer suas salas lindamente repletas e muito frequentadas, e de admirar sua arrumação dos quadros, sentava-me sozinho a um canto, ouvindo por várias horas os sons da cidade, pensando que um dia eu haveria de expor os pertences de Füsün exatamente dessa maneira, e que, quando eu conseguisse, ela haveria de sorrir para mim do reino dos anjos. Mas só quando me vi cercado pela coleção sentimental que ocupava o piso superior do Museu Frederic Marès, em Barcelona, percorrendo sua coleção romântica de prendedores de cabelo, alfinetes, brincos, baralhos, chaves, leques, frascos de perfume, lenços, broches, colares, bolsas e pulseiras, percebi afinal o que eu podia fazer com as coisas de Füsün. E na minha primeira viagem pelos Estados Unidos — onde passei mais de cinco meses visitando duzentos e setenta e três museus — me lembro de ter tido a mesma experiência emocional enquanto visitava o Glove Museum de Nova York. Depois, no Museum of Jurassic Technology de Culver City, Califórnia, lembrei novamente por que certos museus tinham o poder de me dar calafrios: eles induziam a sensação de que eu ficara suspenso em determinada época, enquanto o resto da humanidade vivia em outra. Na cidade de Smithfield, na Carolina do Norte, no Ava Gardner Museum, do qual subtraí uma linda placa da exposição reproduzindo um anúncio de toalha de mesa em que ela aparecia, quando vi a foto de Ava no anuário de sua escola, seus vestidos de gala, suas luvas e suas botas, senti uma saudade tão dolorosa de minha Füsün perdida que quase desisti de minha viagem e voltei para Istambul. Felizmente, depois de dois dias estudando a coleção de latas de refrigerante e cerveja no recém-aberto e pouco depois fechado Museu do

Vasilhame e da Publicidade de Bebidas, perto de Nashville, embora ainda desejasse voltar para casa, encontrei a força de vontade para seguir em frente. Cinco semanas mais tarde, em Saint Augustine, Flórida, no (pouco depois fechado) Tragedy in U.S. History Museum, onde, ao ver o painel cromado de instrumentos e os destroços enferrujados e retorcidos do Buick 1966 em que Jayne Mansfield morreu esmagada, finalmente resolvi voltar para Istambul. Na verdade, a essa altura eu já tinha chegado à conclusão de que o único lar do colecionador é seu próprio museu.

Não fiquei muito tempo em Istambul. Seguindo as indicações de Çetin, fui até a oficina de propriedade de şevket Usta, um especialista em Chevrolets, nas ruas por trás de Maslak; no terreno baldio atrás da oficina, um único olhar para nosso Chevrolet 56 debaixo de uma figueira bastou para me produzir um paroxismo de tumulto emocional. A mala estava aberta, com galinhas de uma criação próxima vagando pelos destroços, e em torno deles crianças brincavam. Segundo şevket Usta, algumas peças tinham podido ser recuperadas, entre elas a tampa do tanque de gasolina, a caixa de marchas e a manivela da janela traseira, todas vendidas a proprietários de outros Chevrolets 56, um mercado considerável pois à época todos os táxis da cidade eram desse mesmo modelo. Quando enfiei a cabeça no que restava do carro, para ver o local onde o indicador de combustível e o velocímetro apareciam em perfeitas condições, assim como os botões do rádio e o volante, captei um cheiro de couro que emanava do forro dos bancos ao calor suave do sol, e minha cabeça começou a rodar. Por instinto, toquei no volante, que parecia quase tão velho quanto eu. Logo a imensidão das memórias comprimidas naqueles restos me tomou de assalto e comecei a passar mal.

“Kemal Bey, o que houve? Por que não vem sentar-se aqui”, disse Çetin, com a voz cheia de compreensão. “Crianças, podem nos trazer um copo d’água?”

Pela primeira vez desde a morte de Füsün, estive à beira de chorar em público. Um aprendiz da oficina, enegrecido como um mineiro de carvão e coberto de graxa, mas com as mãos imaculadamente limpas, trouxe-nos chá numa bandeja com o logotipo CYPRUS TURK (o que registro por força do hábito; os visitantes não devem perder tempo procurando essa bandeja no Museu da Inocência); enquanto tomávamos nosso chá, depois de pechincharmos um pouco, recomparamos o carro do meu pai.

“Mas onde o senhor vai guardar isso, Kemal Bey?”, perguntou-me Çetin Efendi.

“Quero passar o resto da minha vida debaixo do mesmo teto que este carro”, respondi com um sorriso, mas Çetin Efendi compreendeu na mesma hora que eu estava falando sério e, ao contrário dos outros, não disse: “Ora, por favor, Kemal Bey, a vida precisa continuar — você não pode morrer com os mortos”. Se ele tivesse dito algo assim, eu teria explicado que o Museu da Inocência era um lugar onde era possível conviver com os mortos. Embora eu tivesse preparado essa resposta de antemão, agora essas palavras não se desprendiam da minha garganta: movido pelo orgulho, respondi uma coisa totalmente diversa.

“Tenho muitas coisas guardadas no apartamento do edifício Merhamet. Quero reunir todas elas debaixo do mesmo teto e passar o resto da minha vida cercado por elas.”

Eu tinha em mente muitos heróis que, durante os últimos anos de suas vidas, como Gustave Moreau, haviam tomado providências para que suas casas fossem postumamente transformadas em museus. Eu adorava os museus que eles tinham criado, e assim continuei minhas viagens, revisitando

as centenas que conhecera e aprendera a amar e indo aos milhares de outros que ainda desejava descobrir.

## 82. Os colecionadores

Eis o que observei enquanto viajava pelo mundo e vagava por Istambul. Existem dois tipos de colecionadores:

1. Os Orgulhosos, que adoram mostrar suas coleções ao mundo (que predominam no Ocidente).
2. Os Tímidos, que escondem tudo que acumularam (uma disposição nada moderna).

Os Orgulhosos julgam que o museu é o supremo destino natural de suas coleções. Afirmam que, seja qual for a finalidade original de uma coleção, ela é, no fundo, um empreendimento que visa ser orgulhosamente exposto num museu. Essa visão era comum nas histórias oficiais dos pequenos museus particulares americanos. Por exemplo, o folheto do Museu do Vasilhame e da Publicidade de Bebidas descreve como o colecionador Tom recolhera sua primeira lata de refrigerante voltando da escola para casa. Em seguida recolheu outra, e uma terceira, guardando tudo que encontrava até que, ao final de certo tempo, sua ambição era “coleccionar todas” e expô-las num museu.

Mas o Tímido coleciona apenas pelo prazer de colecionar. Como o Orgulhoso, começa — os leitores terão visto no meu próprio caso — à procura de uma resposta, de um consolo, até mesmo de um paliativo para a dor, procura resolver uma dificuldade ou é simplesmente movido por uma compulsão obscura. Mas, vivendo em sociedades onde colecionar não é um ato respeitado que contribui para o aprendizado ou o conhecimento, o Tímido encara sua compulsão como um constrangimento que precisa ser escondido. Porque, nas terras dos Tímidos, as coleções não se organizam em torno de informações úteis, mas de alguma mágoa do colecionador.

Deparei com esses sentimentos sombrios em muitos lugares ao longo do tempo, mas foi nos primeiros meses de 1992, entre os colecionadores de Istambul especializados em parafernália ligada ao cinema, que tive meus primeiros vislumbres do “constrangimento do colecionador”, enquanto procurava cartazes, fotografias de saguão e canhotos de entrada de filmes a que tínhamos assistido no verão de 1976, para expor no Museu da Inocência.

Foi depois de pechinchar longamente que Hifzı Bey vendeu-me uma série de fotografias de saguão de filmes como *A agonia do amor termina na morte* e *Preso no fogo cruzado* e, após me dizer várias vezes como ficava feliz com meu interesse em sua coleção, ficou pensativo.

“Deixa-me triste, Kemal Bey, me separar de coisas por que tenho tanto apego”, disse ele. “Mas como eu gostaria que as pessoas que zombam do meu hobby e riem de mim — as que perguntam: ‘Por que você entope a sua casa com essas bobagens?’ —, como gostaria que pudessem ver alguém como o senhor, um homem culto, de boa família, encontrar algo de valor na minha coleção. Não bebo, não fumo, não jogo nem ando atrás das mulheres. Meu único vício é colecionar fotografias de filmes e artistas de cinema... O senhor pode se interessar por fotos da *Kalender* nas filmagens de *Ouve*

*o lamento de minha mãe*, em que Papatya ainda fazia um papel de garotinha? Ela está usando um avental, com os ombros de fora... Se o senhor quiser vir hoje à noite à minha casa, posso lhe mostrar fotos tiradas durante a filmagem de *Palácio negro*, que nunca ficou pronto devido ao suicídio do ator principal, Tahir Tan. Até agora, fui a única pessoa a ter visto essas fotos. Também tenho fotografias de Inge, a modelo alemã que aparecia na campanha publicitária do primeiro refrigerante produzido na Turquia com sabores de fruta — ela acabou fazendo o papel de uma mulher gentil, simpática aos turcos, em *Estação central*, parte da primeira onda de produções cinematográficas germano-turcas. Tenho fotografias de divulgação em que ela aparece com o homem por quem se apaixona no filme; o papel foi feito por Ekrem Güçlü, e os dois estão se beijando nos lábios.”

Quando lhe perguntei sobre outras fotografias de divulgação que vinha procurando, Hıfzı Bey me disse que havia vários colecionadores cujas casas estavam repletas até o teto de fotografias, filmes e cartazes. Quando seus aposentos ficavam tão tomados por fotos, cartazes, recortes de jornal e revistas que não lhes restava nem mais um quarto para dormir, suas famílias abandonavam a casa (na maioria, de qualquer modo, nem eram casados), e os colecionadores ficavam à vontade para juntar tudo que lhes caísse nas mãos, até que suas casas se transformavam em depósitos tão abarrotados que ninguém conseguia mais entrar nelas. Sem dúvida algum desses colecionadores devia ter o que eu procurava, mas seria impossível localizar aquelas peças nos valhacoutos em que moravam — já lhes era difícil o bastante conseguir entrar pela porta.

Ainda assim, Hıfzı Bey não teve como resistir à minha insistência, e me proporcionou acesso a alguns dos depósitos de guardados que se tornaram lendários entre os habitantes de Istambul durante a década de 1990.

Percorrendo os detritos acumulados nessas casas, consegui encontrar quase todas as fotos de divulgação que em seguida exporia no meu museu, além de panoramas de Istambul, uma boa quantidade de cartões-postais, entradas de cinema, menus de restaurante que na época não me ocorreu guardar, velhas latas enferrujadas, folhas de jornais amarelados, sacolas de papel com o logotipo de várias empresas, caixas de remédios, frascos, fotografias de astros e estrelas de cinema e de outras celebridades, além de fotografias de habitantes comuns de Istambul, tiradas no dia a dia, que falavam com eloquência inigualável do lugar onde Füsün e eu morávamos.

O proprietário de uma velha casa de dois andares em Tarbalaşı parecia relativamente normal, mas, sentado numa cadeira de plástico cercada por pilhas de papel e objetos díspares, declarou com um orgulho reticente que tinha reunido 42742 peças em sua coleção.

Senti a mesma vergonha enquanto passava em revista os artigos acumulados por um guarda de trânsito aposentado, mal tendo conseguido entrar na casa onde ele e a mãe inválida viviam num aposento aquecido por um aparelho a gás. (O resto da residência era tão gélido quanto inacessível, embora ao longe eu tenha podido distinguir velhos lampiões, latas e alguns brinquedos que conhecia da infância.) O que me provocou vergonha não foi a mãe do guarda aposentado, que reprendia e humilhava o filho o tempo todo: era saber que todas aquelas coisas, saturadas de memórias de pessoas que tinham caminhado pelas ruas de Istambul, morado em suas casas e agora na maioria mortas, acabariam desaparecendo sem jamais terem sido reunidas num museu, ou organizadas e emolduradas para exposição. Soube recentemente do drama do fotógrafo grego que, por quarenta

anos, fotografara casamentos, festas de noivado, reuniões de negócios e os restaurantes de Beyoğlu, tendo ficado sem espaço, e sabendo que ninguém mais queria suas fotos, decidira queimar todo o seu estoque de negativos numa fornalha de seu edifício. Simplesmente inexistia demanda por essas fotografias e negativos registrando os casamentos, as festividades e outros acontecimentos de toda uma cidade, mesmo de graça. Os donos daqueles depósitos de inutilidades eram ridicularizados nos seus edifícios e nas áreas onde moravam, temidos tanto pela excentricidade solitária quanto por seus hábitos de vasculhar latas de lixo e por suas relações com negociantes de ferro-velho. Hıfzı Bey já me contara, sem excesso de amargura, num tom que sugeria antes o de alguém que revelava certos fatos da vida, que, depois que esses solitários morriam, suas pilhas de objetos acumulados com uma ferocidade quase religiosa eram despejadas em algum terreno baldio da vizinhança (os mesmos reservados ao sacrifício dos cordeiros nos dias santos) — onde eram queimados ou deixados para os catadores de papel e outros colecionadores de bobagens.

Em dezembro de 1996, um solitário acumulador de coisas (“coleccionador” seria a palavra errada) chamado Necdet Adsız, que morava em Tophane, a meros sete minutos de caminhada da casa dos Keskin, morreu esmagado sob pilhas acumuladas de papéis e objetos antigos em sua casa, tendo sido encontrado, para não dizer pranteado e enterrado, apenas quatro meses mais tarde, quando no verão o fedor que sua casa emanava ficou insuportável. Com as pilhas bloqueando a porta da frente, os bombeiros foram obrigados a entrar pela janela. Descrevendo o incidente num tom em parte cômico e em parte macabro, os jornais semearam entre os habitantes de Istambul uma apreensão ainda maior do que já existia quanto a todo tipo de colecionador. Ainda há mais um detalhe que, espero, o leitor não vá achar supérfluo, e que me ocorreu graças à minha capacidade, naqueles dias, de pensar ao mesmo tempo em todas as coisas associadas a Füsün. Necdet Adsız, o homem que morreu esmagado pelas coisas que entesourava, cujo corpo apodreceu em casa, era o mesmo Necdet que Füsün mencionara no final da festa de noivado do Hilton, quando surgira o assunto das sessões espíritas — o amigo que ela julgara estar morto.

Que a obra de suas vidas fosse um motivo de vergonha que precisavam manter oculto e em segredo, e que por baixo disso sentissem uma vergonha com raízes ainda mais profundas, eu via nos olhos de meus colegas colecionadores, a quem gostaria de agradecer aqui por suas contribuições ao museu e à memória de Füsün. Já falei de Halit Bey, o Inválido, o célebre colecionador de cartões-postais, que frequentei entre 1995 e 1999, animado pela ambição de adquirir postais de todas as ruas e locais que jamais visitara com Füsün. Há um outro (que prefere não ter seu nome mencionado) cuja coleção de maçanetas e chaves fiquei encantado de expor depois que ele me explicou que cada residente (para ele, só contavam os homens) de Istambul tocava cerca de vinte mil maçanetas ao longo de sua vida, de maneira que era virtualmente garantido que “a mão da pessoa que eu amava” tivesse estado em contato com uma boa quantidade dos objetos que colecionava. Havia ainda Siyami Bey, que passou os últimos trinta anos de sua vida colecionando fotos de cada navio que passara pelo Bósforo desde a invenção da fotografia e que teve a gentileza de me dar cópias das que possuía em duplicata. Gostaria de agradecer-lhe aqui, primeiro por me ter permitido mostrar a meus visitantes os navios cujos apitos eu ouvia enquanto pensava em Füsün ou caminhava pela cidade com ela, e segundo porque ele, como um ocidental, não tinha a menor vergonha de mostrar sua coleção.

Foi com outro colecionador, que, mais tipicamente, preferiu o anonimato, que adquiri a série de pequenos retratos em papel dos mortos que os frequentadores dos funerais prendiam com um alfinete à lapela entre 1975 e 1980: depois de negociar exaustivamente cada uma dessas fotos, ele me fez a pergunta essencial que eu ouvia com tanta frequência desses tipos, muitas vezes num tom depreciativo, e a que sempre dava a mesma resposta.

“É que estou organizando um museu...”

“Não perguntei o que vai fazer com elas. O que perguntei foi: por que o senhor quer essas coisas?”

Manifestava a compreensão de que qualquer pessoa obcecada pela coleta e pelo armazenamento de objetos só podia estar tomada pelo sofrimento, por uma perturbação profunda ou por uma inefável ferida psicológica. Qual deles era o meu problema? Estava abalado pela perda de uma pessoa querida cuja foto não pudera prender à minha lapela no funeral? Ou estaria eu, como o homem que me fazia a pergunta, sofrendo de algo mais profundo, imencionável e vergonhoso?

Na medida em que museus pessoais eram praticamente inexistentes na década de 1990, os colecionadores de Istambul desprezavam intimamente a si mesmos e suas obsessões, e não menos uns aos outros, ridicularizando-se abertamente em tiradas que só pioravam quando agravadas pela inveja. Quando tia Nesibe mudou-se para Nişantaşı e o arquiteto İhsan começou a trabalhar na casa dos Keskin com o fim de transformá-la num museu de verdade, comentou-se em tom de zombaria que eu estava “organizando um museu particular, como fazem na Europa” e, na mesma frase, que eu era muito rico. Minha esperança era de que isso pudesse atenuar seu desdém e permitir que vissem não alguém movido por uma ferida psicológica profunda e silenciada — noutras palavras, não uma pessoa amalucada, como era o caso deles —, mas alguém que reunia artigos para um museu como se fazia no Ocidente, simplesmente porque era rico e tinha decidido celebrar sua coleção.

Diante da insistência de Hıfzı Bey e na esperança de por acaso encontrar vestígios de Füsün que pudessem ocupar um lugar na minha história, compareci a um encontro da Associação dos Amantes de Objetos Colecionáveis, o primeiro grupo do tipo formado na Turquia, na época recém-criado. Lá, num pequeno salão de festas alugado por uma manhã, senti-me um leproso entre os leprosos da sociedade.

Havia os que eu conhecia de nome como colecionadores (entre eles sete que o leitor já conhece, como o Sufi Frio, colecionador de caixas de fósforos) e me tratavam ainda pior do que poderiam tratar um colecionador comum de Istambul ou alguém como eles próprios. Os olhares de desconfiança quase sempre mudos, como se eu fosse um espião, um invasor, partiram meu coração. A explicação subsequente e apologética de Hıfzı Bey sugeria que ver um homem rico levado a aplacar a dor de seu coração com a aquisição de objetos despertava neles sentimentos de repulsa e desamparo. Pois eram pessoas simples, inocentes a ponto de imaginar que seu pecado, sua mania de colecionar coisas, fosse uma doença que a riqueza certamente teria curado. Mas com o tempo, à medida que os comentários sobre meu amor por Füsün se tornaram do conhecimento geral, esses primeiros colecionadores sérios de Istambul não só me ajudaram como ainda me contaram a história de sua luta para emergir do submundo e trazer a conhecimento público os frutos dos seus esforços.

Antes de transportar para Çukurcuma um a um os objetos que eu armazenara no apartamento do edifício Merhamet, tirei uma foto panorâmica da coleção que já enchia quase totalmente o quarto

em que eu e Füsün nos amávamos vinte anos antes. (A essa altura, os gritos dos meninos jogando futebol no jardim dos fundos também tinham sido suplantados pelo rugido de um aparelho de ar condicionado.) Quando reuni essas coisas aos objetos que já estavam na casa-museu de Çukurcuma — os que eu acumulara nas minhas viagens, os antigos pertences dos Keskin, as coisas que eu extraía das pilhas de coleções diversas e dos membros da Associação, bem como objetos que recebera de várias testemunhas da minha história —, um pensamento que me ocorrera durante minhas viagens ao estrangeiro, especialmente em minhas visitas aos mercados de pulgas, tomou forma em minha frente, nítido como uma pintura.

Todos aqueles objetos — os saleiros, os cachorros de louça, os dedais, os lápis, os prendedores de cabelo, os cinzeiros — tinham o costume de migrar, como os bandos de cegonhas que sobrevoavam Istambul em silêncio duas vezes por ano a caminho de todas as partes do mundo. Nos mercados de pulgas de Atenas e de Roma, eu vira isqueiros idênticos ao que comprara para Füsün — e havia outros quase iguais em Paris e em Beirute. Este saleiro, produzido por uma pequena fábrica de Istambul, era encontrado nos restaurantes das áreas mais pobres da cidade, mas também o vi num restaurante Halal em Nova Delhi, numa cozinha de distribuição gratuita de sopa na parte antiga do Cairo, entre cacarecos de vendedores de rua que espalhavam suas mercadorias sobre lonas abertas nas calçadas de Barcelona todo domingo e numa loja comum de artigos de cozinha em Roma. O que é certo: alguém, em algum lugar, tinha produzido o primeiro desses saleiros, e depois outros tinham tirado moldes a partir dele para a produção em massa em muitos outros países, de modo que, ao longo dos anos, milhões de cópias se espalharam pelo Sul do Mediterrâneo e pelos Bálcãs, ingressando na vida diária de incontáveis famílias. Ponderar como aquele saleiro tinha chegado aos pontos mais distantes do globo sugeria um grande mistério, tão grande quanto a maneira como as aves migratórias se comunicam entre elas, seguindo as mesmas rotas a cada ano. Uma nova onda de saleiros sempre chegava e os velhos eram substituídos pelos novos, tão regularmente quanto o vento sul deposita seus despojos nas praias, e a cada vez as pessoas esqueciam os objetos com que tinham vivido tão intimamente, sem nem sequer reconhecerem sua ligação emocional com eles.

Transportei toda a minha coleção para a casa recém-convertida em museu, juntamente com a cama, o colchão um tanto mofado e o lençol azul em que Füsün e eu nos amávamos no apartamento do edifício Merhamet, guardando esses três objetos no sótão. Quando os Keskin moravam naquela casa, o sótão era domínio de camundongos, aranhas e baratas, e a casa úmida e mofada da caixa-d'água; mas agora se transformara num aposento limpo e claro do qual se viam as estrelas através de uma claraboia. Eu queria dormir cercado por todas as coisas que me lembravam de Füsün e me faziam sentir sua presença, e então naquela noite de primavera usei a chave para abrir a porta nova que dava para a rua Dalgıç; entrei na casa que metamorfoseara em museu, subi as escadas longas e retas como um fantasma e, atirando-me na cama do sótão, adormeci.

Há quem encha sua casa de objetos e, no momento em que sua vida começa a aproximar-se do final, a transforma em museu. Mas eu, tendo transformado em museu a casa de outra família, tentava agora — pela presença da minha cama, do meu quarto e de mim mesmo — transformá-lo de volta numa casa. O que pode ser mais lindo que passar as noites cercado pelos objetos que nos ligam às nossas memórias e conexões sentimentais mais profundas?

Especialmente na primavera e no verão, comecei a passar mais e mais noites no quartinho do sótão. O arquiteto İhsan tinha criado um espaço no coração do prédio, que eu podia ver por uma grande abertura entre os pisos superior e térreo; podia passar a noite na companhia de todos os objetos da minha coleção — comungando com toda a casa. Os verdadeiros museus são lugares onde o Tempo é transformado em Espaço.

Minha mãe não gostou muito que eu fosse viver no sótão do meu museu, mas como eu almoçava regularmente com ela e tinha me ligado de novo a alguns dos meus velhos amigos (embora não com Sibel e Zaim), fazendo passeios de barco no verão a Suadiye e às ilhas dos Príncipes, e como ela também chegara à conclusão de que era só daquela maneira que eu poderia suportar a dor da perda de Füsün, nunca disse uma palavra; ao contrário de todo mundo que ela conhecia, estava preparada para encarar minha criação de um museu na casa onde os Keskin tinham morado, expondo coisas que contavam a história do meu amor por Füsün e a vida que compartilhamos, como algo perfeitamente normal.

“Ah, você devia levar também todas as coisas antigas do meu guarda-roupa e das minhas gavetas... Nunca mais vou ter ocasião de usar chapéu, nem essas bolsas ou as coisas antigas do seu pai... Leve também a minha cesta de costura, além dos botões e cortes de tecido. Não faz mais sentido gastar dinheiro com costureiras depois dos setenta anos”, dizia ela.

Sempre que eu estava em Istambul, fazia visitas mensais a tia Nesibe, que me parecia feliz com seu novo apartamento e seu novo círculo de amigas. Foi quando voltei de minha primeira visita ao Museum Berggruen em Berlim que lhe contei animado do acordo que tinha ouvido falar entre o fundador, Heinz Berggruen, e o governo municipal, pacto pelo qual ele poderia passar o resto da vida na mansarda da casa que legou à cidade para expor a coleção que acumulara ao longo de toda a vida.

“Enquanto percorre o museu, um visitante pode entrar numa sala ou subir uma escada e dar de cara com a pessoa que criou a coleção, até o fim da vida dele. Não é estranho, tia Nesibe?”

“Que Deus determine que seu dia demore a chegar”, respondeu tia Nesibe acendendo um cigarro. Depois chorou um pouco por Füsün e, com o cigarro ainda nos lábios e as lágrimas ainda correndo pelas faces, dirigiu-me um sorriso misterioso.

## 83. A felicidade

No meio de uma noite enluarada que passei na casa de Çukurcuma, despertei em meu quartinho sem cortinas do sótão banhado por um fulgor suave, e olhei para o espaço vazio do museu. O luar prateado que entrava pelas janelas em meu museu, que às vezes me parecia sempre longe de ficar pronto, conferia ao local e a seu centro vazio um aspecto de assustadora vacuidade, como se houvesse uma continuidade entre ele e o espaço infinito. Toda a minha coleção de trinta anos abrigava-se nas sombras dos pisos inferiores, e para ela aquele vazio era como a galeria de um teatro. De onde me encontrava eu via tudo — as coisas que Füsün e sua família costumavam usar naquela casa, os restos enferrujados do Chevrolet, tudo o que mobiliava a casa, do fogão à geladeira, da mesa onde jantamos por oito anos à televisão que víamos durante o jantar, e, como um xamã que consegue ver a alma das coisas, sentia suas histórias bruxuleando dentro de mim.

Foi nessa noite que entendi que meu museu precisaria de um catálogo anotado, relatando em detalhe a história de cada objeto. Não havia dúvida de que isso haveria também de constituir a história de meu amor por Füsün e de minha veneração.

À luz da lua, cada coisa devidamente acomodada nas sombras, como que integrada ao espaço vazio, parecia indicar um momento indivisível, semelhante aos átomos indivisíveis de Aristóteles. Percebi então que, assim como a linha que unia os momentos de Aristóteles era o Tempo, a linha que unia esses objetos seria uma narrativa. Noutras palavras, um escritor poderia empreender a composição do catálogo da mesma forma como poderia escrever um romance. Mas, não tendo desejo de escrever eu mesmo um livro assim, perguntei: “Quem poderia fazê-lo por mim?”.

E foi assim que procurei o estimado Orhan Pamuk, que narrou a história em meu nome e com minha aprovação. No passado, seu pai e seu tio fizeram negócios com meu pai e o resto de nós. Vindo como vinha de uma família tradicional de Nişantaşı que perdeu sua fortuna, julguei que ele fosse ter uma excelente compreensão dos antecedentes da minha história. Também ouvi dizer que era um homem apaixonadamente dedicado ao seu trabalho e que levava a sério a arte da narrativa.

Compareci bem preparado a meu primeiro encontro com Orhan Bey. Antes de falar de Füsün, contei-lhe que nos quinze anos anteriores eu tinha viajado pelo mundo, visitando ao todo 1743 museus, tendo guardado todos os meus bilhetes de entrada e, para espicaçar seu interesse, falei dos museus dedicados à memória de seus escritores favoritos: quando ele me ouviu contar que a única peça autêntica do Museu do Memorial Literário a F. M. Dostoiévski, em São Petersburgo, era um chapéu conservado debaixo de uma redoma de vidro, com um cartão que dizia “Este chapéu realmente pertenceu a Dostoiévski”, talvez ele tenha sorrido para mim. O que ele teria a dizer sobre o Museu Nabokov da mesma cidade, que durante a era de Stálin servira como escritório para a junta de censura local? Contei-lhe como, tendo visitado o Musée Marcel Proust em Illiers-Combray e visto os retratos das pessoas que serviram de modelo para seus personagens, saí nem um pouco mais esclarecido sobre suas obras, embora com uma ideia mais clara acerca do mundo em que o autor vivera. Não, eu não achava absurda a ideia de um museu de um escritor. Por exemplo, na casa de Espinosa, na pequena cidade de Rijnsburg, na Holanda, achei adequado que tivessem reunido todos

os livros de sua biblioteca que tinham sido enumerados no relatório oficial produzido depois de sua morte, ordenados do maior para o menor, como era costumeiro no século XVII. E que dia feliz eu passara percorrendo o labirinto de salas do Museu Tagore, apreciando as aquarelas do escritor e rememorando o cheiro empoeirado e bolorento da primeira geração dos Museus Atatürk, ao mesmo tempo em que me chegava aos ouvidos o burburinho interminável de Calcutá! Falei da visita à casa de Pirandello na cidade de Agrigento, na Sicília, e de como vira lá fotografias que poderiam ser da minha própria família; da vista da cidade das janelas do Museu Strindberg, na Torre Azul de Estocolmo; e da casinha sombria de quatro andares em Baltimore onde Edgar Allan Poe tinha morado com sua tia e sua prima de dez anos, Virginia, com quem mais tarde se casaria. Achei-a muito familiar: de todos os museus que visitei, foi essa pequena casa de quatro andares em Baltimore, a Poe House and Museum, que hoje se ergue no meio de um bairro pobre e desolado, que mais me lembrou da casa dos Keskin, com seu ar de abandono, seus quartos e suas formas. Mas, como contei a Orhan Bey, o mais magnífico dos museus de escritores que conheci foi o Museu Mario Praz, na via Giulia, em Roma. Se ele um dia conseguisse marcar uma visita, como eu fizera, à casa de Mario Praz, o célebre historiador e autor de *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*, que tinha uma paixão da mesma ordem pelas artes plásticas e pela literatura, ele devia, aconselhei, ler o livro em que o grande autor contava a história da sua incrível coleção como um romance, sala por sala, objeto por objeto. Em contraste, a casa em Rouen onde Flaubert nasceu estava repleta dos livros médicos de seu pai, de maneira que nenhum escritor precisava visitar o Musée Flaubert et d’Histoire de la Médecine. Então examinei com cuidado os olhos do nosso autor: “Enquanto Flaubert escrevia *Madame Bovary*, inspirado por sua amada Louise Collet, com quem ele fizera amor em carruagens e em hotéis de província, assim como no romance, guardava numa gaveta um cacho de seus cabelos, bem como um lenço e um chinelo pertencentes a ela, e, de tempos em tempos, pegava esses objetos para acariciá-los, olhando especialmente para o chinelo a fim de se lembrar do andar dela — como o senhor deve saber pela leitura das cartas do escritor, Orhan Bey”.

“Não, não sabia”, disse ele. “Mas adorei.”

“Uma vez amei tanto uma mulher que também guardei cachos do seu cabelo, seus lenços e prendedores de cabelo, e tudo que ela jamais teve, e por muitos anos encontrei consolo neles, Orhan Bey. Posso lhe contar minha história com toda a franqueza?”

“Claro, pode contar.”

E foi assim em nosso primeiro encontro, no Hünkar (o restaurante que sucedera o hoje defunto Fuaye), que lhe contei toda a minha história — não de maneira disciplinada, mas pulando para a frente e para trás — no espaço de três horas. Sentia-me exaltado, tomei três rakıs duplos e acho que a animação foi maior do que eu conseguia controlar, fazendo com que minha história soasse até certo ponto bem comum.

“Conheci Füsün”, disse Orhan Bey. “Lembro-me dela na sua festa de noivado, no Hilton. Fiquei tão triste quando soube que tinha morrido. Ela trabalhava numa boutique aqui perto. Cheguei a dançar com ela na sua festa.”

“É mesmo? Ela era uma pessoa fora do comum, não acha?... Não estou falando da beleza dela, mas da alma, Orhan Bey. Quando dançou com ela, sobre o quê vocês conversaram?”

“Se realmente está de posse de todos os pertences de Füsün, eu gostaria de vê-los.”

Primeiro ele veio a Çukurcuma, demonstrando um interesse autêntico pela coleção que eu tinha reunido e esse museu que criei a partir de uma casa antiga, admiração que não fez esforço para disfarçar. Pegava nas mãos alguns dos objetos, como os sapatos amarelos que Füsün usava da primeira vez que a vi na boutique şanzelize, e me pedia que lhe contasse suas histórias, o que eu fiz.

Mais tarde começamos a trabalhar de maneira mais organizada. Sempre que eu estava em Istambul, ele vinha ao meu sótão uma vez por semana, me perguntando por que os objetos e as fotografias de que eu me lembrava e que tinha organizado agora precisavam aparecer na mesma ordem nas caixas e nas vitrines do museu, e por que cada um deles devia ser mencionado em seus respectivos capítulos. Eu respondia com o maior prazer. Ele ouvia com muita atenção tudo que eu dizia, e quando eu o via tomar notas ficava satisfeito — e orgulhoso.

“Por favor acabe logo este romance, para que as pessoas interessadas possam percorrer o museu com o livro nas mãos. Enquanto andam de vitrine em vitrine em meu museu, buscando uma compreensão melhor do meu amor por Füsün, posso descer do meu quarto do sótão de pijama e caminhar entre eles.”

“Mas o seu museu também não está acabado ainda, Kemal Bey”, dizia-me Orhan Bey à guisa de resposta.

“Existem muitos museus que ainda preciso conhecer no mundo”, eu dizia com um sorriso. E então tentava, mais uma vez, explicar o efeito espiritual que o silêncio dos museus tinha em mim, a felicidade sublime que era estar em algum ponto distante do mundo numa manhã comum de terça-feira, percorrendo um museu esquecido em um local fora de mão, e evitando o escrutínio dos guardas. Sempre que eu voltava das minhas viagens, ligava imediatamente para Orhan Bey e lhe falava dos museus que tinha conhecido, mostrando os bilhetes de entrada e os folhetos que tirava do bolso, além das bugigangas e de placas indicativas que tinha embolsado nos museus de que gostara mais.

Foi logo depois da minha volta de uma dessas viagens que, após contar minha história e descrever os museus que tinha visitado, perguntei-lhe como estava progredindo o romance.

“Estou escrevendo o livro na primeira pessoa do singular”, disse Orhan Bey.

“Como assim?”

“No livro, é você quem conta a história, dizendo ‘eu’, Kemal Bey. Estou falando com a sua voz. No momento, estou me esforçando muito para me pôr no seu lugar, para ser você.”

“Entendi”, disse eu. “Então me diga, alguma vez esteve apaixonado assim, Orhan Bey?”

“Hummmm... Não estamos falando de mim”, disse ele, e ficou calado.

Depois de trabalharmos juntos por muito tempo, tomamos algumas doses de rakı na minha água-furtada. Falar sobre Füsün e a vida que ela e eu tivemos juntos me deixara cansado. Depois que ele saiu, estendi-me na cama onde Füsün e eu nos amamos (mais de um quarto de século atrás) e fiquei pensando no motivo para me sentir tão desconfortável com o fato de ele contar a história do meu ponto de vista.

Embora eu não tenha dúvida de que ainda assim será a minha história e de que ele irá tratá-la com o devido respeito, a ideia de que ele falasse com a minha voz era perturbadora. Parecia falta de

coragem, certa fraqueza da minha parte. Embora achesse perfeitamente normal contar a história eu mesmo para os visitantes, indicando os objetos relevantes ao longo do caminho, que Orhan Bey se pusesse no meu lugar, que desse a ouvir sua voz no lugar da minha... isso me aborrecia.

Era assim que eu ainda me sentia dois dias depois, quando lhe perguntei por Füsün. Naquela noite tornamos a nos reunir no sótão do meu museu e já tínhamos enxugado o primeiro copo de raki quando eu disse: “Orhan Bey, pode me contar por favor como foi sua dança com Füsün na noite da festa do meu noivado?”.

Ele ficou relutante por algum tempo — acho que estava constrangido. Mas depois que cada um de nós dois tomou mais um copo de raki, Orhan Bey descreveu com tanto sentimento como ele tinha dançado com Füsün um quarto de século antes que na mesma hora conquistou minha confiança como a pessoa ideal para contar, na minha voz, minha história aos visitantes do museu.

Foi mais ou menos nessa época que decidi que minha voz já tinha sido ouvida além da conta, e que era a hora de partir para deixá-lo terminar minha história. A partir do próximo parágrafo até o fim, será em essência Orhan Bey quem contará a história. Tendo dado uma atenção tão sincera e detalhada a Füsün quando dançaram juntos, tenho certeza de que não fará nada menos nestas páginas derradeiras. Adeus!

**OLÁ, AQUI É ORHAN PAMUK!** Com a permissão de Kemal Bey, começarei descrevendo minha dança com Füsün: ela era a jovem mais bonita da festa naquela noite, e eram muitos os homens que esperavam a vez de dançar com ela. Eu não era bonito nem ousado o bastante para atrair sua atenção, e, embora cinco anos mais velho que ela, não tinha, como direi, a maturidade necessária, e naquele tempo tampouco era muito seguro de mim. Minha mente vivia abarrotada de pensamentos moralistas, livros e romances, de maneira que me foi impossível aproveitar aquela noite. Que o espírito dela estava ocupado com questões muito diversas, vocês já sabem.

Ainda assim, apesar de tudo isso, depois que aceitou meu convite para dançar, enquanto eu a seguia até a pista, ingressei num devaneio ante a visão de sua silhueta alta, de seus ombros nus, de suas costas esplêndidas e de seu sorriso passageiro. Sua mão era leve, mas quente ao toque. Quando ela pousou a outra mão em meu ombro, houve um momento em que eu não podia me sentir mais orgulhoso se ela fosse minha, e não apenas meu par ocasional. Enquanto nos deslocávamos de leve pela pista, fiquei completamente absorvido na proximidade de sua pele, em sua postura perfeita, na vivacidade de seus ombros e seios, e, embora tenha feito o possível para resistir à atração, fui incapaz de conter as fantasias que corriam desenfreadas por meu espírito. Deixávamos a pista de dança de mãos dadas, subíamos até o bar; começávamos a nos apaixonar loucamente; beijávamo-nos à sombra daquelas árvores logo adiante; eu estava certo de que nos casaríamos!

Só para manter a conversa, eu disse a primeira coisa que me passou pela cabeça (“Quando eu caminho pela rua em Nişantaşı, às vezes vejo você na loja.”), mas minhas palavras desinteressantes só fizeram lembrar que ela era uma linda vendedora, o que não a impressionou nem um pouco. De qualquer maneira, já no meio da primeira dança ela tinha percebido que eu não era grande coisa, e começou a olhar por cima do meu ombro para as pessoas sentadas em torno das mesas, tentando ver quem dançava com quem, acompanhando os muitos homens que tinham demonstrado interesse por ela, vendo com quem estavam rindo e conversando naquele momento, e avaliando as mulheres mais

bonitas e encantadoras, para planejar seu movimento seguinte.

Eu tinha apoiado a mão direita, com todo respeito (mas também com deleite), logo acima de seu belíssimo quadril, e com as pontas dos dois dedos maiores sentia cada movimento de sua espinha, até o mais ligeiro estremecimento, como se tomasse o seu pulso. Sua postura curiosamente ereta fazia minha cabeça rodar, e durante muitos anos fui incapaz de esquecê-la. Houve momentos em que eu sentia nas pontas dos dedos o sangue que circulava pelo seu corpo, a própria vida, e então ela se fixava repentinamente em alguma coisa nova, provocando uma retração de seus órgãos, um *frisson* que corria por sua silhueta elegante, e era a muito custo que eu conseguia evitar apertá-la em meus braços com toda a minha força.

À medida que a pista de dança foi se enchendo, outro casal esbarrou em nós por trás, e por um momento nossos corpos se encostaram. Depois daquele instante de brusca intimidade, fiquei calado por muito tempo. Enquanto olhava para seu pescoço e seus cabelos, fiquei tão arrebatado por minhas fantasias de felicidade com ela que teria de bom grado abandonado na mesma hora meus livros e meus sonhos de me tornar romancista. Eu tinha vinte e três anos de idade e me irritava muito facilmente quando a burguesia de Nişantaşı e até os meus amigos riam da minha decisão de me tornar escritor, dizendo-me em tom de zombaria que ninguém da minha idade podia ter entendimento suficiente da vida para tanto. Exatamente trinta anos mais tarde, enquanto faço a revisão destas linhas, gostaria de acrescentar que acredito que essas pessoas tinham razão. Tivesse eu algum entendimento da vida àquela altura, teria feito tudo ao meu alcance para despertar a curiosidade de Füsün enquanto dançávamos, teria acreditado que ela poderia se interessar por mim e, no momento em que ela deixasse meus braços, não teria ficado ali imóvel, vendo-a afastar-se. “Estou cansada”, disse ela. “Incomodaria se eu me sentasse um pouco depois da segunda dança?” Eu caminhava com ela de volta à sua mesa, uma cortesia que aprendera no cinema, quando de repente não consegui mais me conter.

“Que gente mais aborrecida”, disse eu em tom presunçoso. “Vamos subir e procurar um lugar confortável para sentar e conversar um pouco?” O barulho era tão alto que ela nem me ouviu direito, mas entendeu imediatamente pela minha expressão o que eu pretendia. “Preciso ficar sentada com minha mãe e meu pai”, disse ela, enquanto se afastava delicadamente.

Quando percebeu que eu escolhera terminar minha história nesse ponto, Kemal Bey me parabenizou. “Sim, era esse exatamente o jeito de Füsün. A compreensão que você demonstra dela é muito boa!”, disse ele. “E eu também gostaria de lhe agradecer profusamente por ter resistido ao impulso de omitir os detalhes que podem ferir o seu orgulho. Sim, é esta a questão crucial, Orhan Bey — o orgulho. Com o meu museu, quero ensinar não apenas aos turcos mas a todas as pessoas do mundo que devem se orgulhar da vida que levam. Viajei por toda parte e vi com meus próprios olhos: enquanto o Ocidente sente orgulho do que é, a maior parte do resto do mundo vive tomada pela vergonha. Mas, quando os objetos que nos causam vergonha são expostos num museu, transformam-se imediatamente em pertences de que podemos nos orgulhar.”

E esse foi o primeiro de uma série de pronunciamentos que Kemal Bey me transmitiu em seu quatinho do sótão enquanto bebíamos noite adentro. Não fiquei impressionado, principalmente porque todo mundo que encontra um escritor em Istambul sente-se instado a lhe fazer declarações

edificantes e outras coisas do tipo, mas (como Kemal Bey me sugeriu tantas vezes) eu também estava ficando confuso quanto ao que deveria ou não incluir no livro e como devia proceder.

“Sabe quem me mostrou essa posição central do orgulho num museu, Orhan Bey?”, perguntou Kemal Bey durante outra sessão de madrugada em seu sótão. “Os guardas dos museus, é claro. Onde quer que eu tenha estado no mundo, os guardas respondiam a todas as minhas perguntas com paixão e orgulho. No Museu Stálin, em Gori, na Geórgia, uma guarda idosa falou durante quase uma hora de como Stálin tinha sido um grande homem. E foi graças a um guarda simpático do Museu Romântico, no Porto, em Portugal, que conversei longamente comigo, que descobri em Carlos Alberto, rei exilado de Piemonte e Sardenha, que passou os últimos três meses de sua vida residindo naquela quinta em 1849, uma influência profunda sobre o romantismo português. Orhan Bey, se alguém fizer uma pergunta em nosso museu, os guardas devem descrever a história da coleção de Kemal Basmacı, o amor que sinto por Füsün e o sentido que atribuo a seus pertences, com o mesmo ar de dignidade. Faça-me o favor de dizer isso em seu livro. O trabalho do guarda não é, como geralmente acham, pedir silêncio aos visitantes mais ruidosos, proteger os objetos expostos (embora é claro que tudo que tenha alguma ligação com Füsün deva ser preservado para a eternidade!) e advertir casais que troquem beijos ou pessoas mascando chicletes; o trabalho deles é fazer os visitantes acreditarem que se encontram num lugar sagrado que, como uma mesquita, deve despertar-lhes sentimentos de humildade, respeito e reverência. Os guardas do Museu da Inocência precisam usar ternos de veludo cor de madeira escura — o que combina com o ambiente da coleção e também com o espírito de Füsün —, com camisas rosa-claro e gravatas fabricadas especialmente para o museu, bordadas com a imagem dos brincos de Füsün, e, claro, devem deixar em paz quem estiver mascando chiclete e os casais que queiram se beijar. O Museu da Inocência estará sempre aberto para os namorados que não puderem encontrar outro lugar para se beijar em Istambul.”

Às vezes eu me cansava desse estilo declamatório, que lembrava tanto os escritores políticos mais prolixos dos anos 1970, adotado por Kemal Bey depois de dois copos de rakı, e parava de tomar notas; nos dias seguintes, não tinha a menor vontade de estar com ele. Mas as guinadas da história de Füsün e a atmosfera singular criada pelos objetos do museu eram tão interessantes que depois de algum tempo eu sempre voltava, visitando novamente aquele sótão, ouvindo aquele homem gasto pelo tempo recitar seus longos solilóquios sobre Füsün, mais animado a cada dose de bebida.

“Nunca se esqueça, Orhan Bey, de que a lógica do meu museu precisa ser a seguinte: de qualquer lugar em que o visitante pare dentro dele, deve ser possível ver toda a coleção, todas as vitrines e tudo o mais”, dizia Kemal Bey. “Como todos os objetos do meu museu — e, com eles, toda a minha história — podem ser vistos ao mesmo tempo de qualquer perspectiva, os visitantes irão perder totalmente a noção do Tempo. Este é o maior consolo da vida. Nos museus poeticamente bem construídos, criados a partir das compulsões do coração, nos sentimos consolados não porque neles encontramos objetos antigos que admiramos, mas porque perdemos a noção do Tempo. Por favor inclua isto também no seu livro. Não vamos deixar de falar da maneira como foi escrito nem de como o trabalho foi organizado. Quando ficar pronto, faça o favor de me entregar todos os rascunhos e seus cadernos também, para podermos incluí-los na exposição. Quanto tempo ainda vai levar? Quem ler o livro certamente irá querer vir aqui para ver os cachos dos cabelos de Füsün, suas roupas e outros

pertences, como foi o seu caso. Então, por favor, inclua um mapa no final do romance, para que aqueles que quiserem possam chegar aqui a pé pelas ruas de Istambul. Quem conhece a história de Füsün comigo certamente vai se lembrar dela enquanto caminha por essas ruas e observa essas vistas, como eu faço todo dia. E quem tiver lido o livro ganha entrada franca no museu quando vier pela primeira vez. E a melhor maneira é incluir um ingresso em cada exemplar. O Museu da Inocência terá um carimbo especial e, quando os visitantes apresentarem seu exemplar do livro, o guarda à porta irá carimbar esse ingresso antes de deixá-los entrar.”

“Mas onde poremos o bilhete?”

“Aqui, é claro!”



“Obrigado. E no final vamos acrescentar um índice dos nomes, Orhan Bey. É graças ao seu relato que me lembrei de quantas pessoas foram testemunhas da nossa história ou a conheceram de outro modo. Até eu acho difícil não confundir os nomes.”

Na verdade, Kemal Bey não gostou que eu saísse à procura das pessoas mencionadas na história, mas tolerou meus cacoetes de romancista. Às vezes ficava curioso de saber o que as pessoas que eu localizara tinham dito, ou o que estavam fazendo então; às vezes não tinha nenhum interesse nelas e mal entendia por que teriam despertado meu interesse.

Por exemplo, jamais consegui entender por que escrevi uma carta para Abdülkerim Bey, o distribuidor da Satsat em Kayseri, ou por que quis encontrá-lo numa de suas visitas a Istambul. Quanto a Abdülkerim Bey, que deixou a Satsat para se tornar distribuidor em Kayseri da Tekyay, a firma que Osman fundou em sociedade com Turgay Bey, ele considerava a história de Kemal Bey como a história de amor e desgraça que explicava o fim da Satsat.

Conseguí localizar Sühendan Yıldız (também conhecida como a Intrigante Sühendan), a atriz que sempre fazia o papel de vilã e que observara os primeiros meses de nossos amantes no Pelür. Ela me contou que, enquanto conhecera Kemal Bey como um homem desesperadamente solitário, e embora como todo mundo também soubesse o quanto ele era apaixonado por Füsün, sentia pouca pena dele, reprovando de maneira geral os homens ricos que frequentavam o mundo do cinema à caça de belas jovens. Sühendan, na verdade, tinha pena de Füsün, “cuja impaciência de trabalhar no cinema e virar uma estrela se aproximava do pânico”. Se ela tivesse conseguido, cercada por tantos

lobos, teria tido um triste fim de qualquer maneira, achava Sühendan, jamais tendo entendido por que Füsün se casara com “aquele gorducho” (Feridun). Quanto ao neto para o qual tricotava um suéter tricolor naqueles dias, agora tinha exatamente trinta anos e, sempre que via na televisão um filme antigo no qual sua avó trabalhava, mal conseguia conter o riso, mas também ficava chocado ao ver como Istambul era pobre naquele tempo.

Basri, o barbeiro de Nişantaşı, também foi meu barbeiro certa época. Ainda estava trabalhando e tendia a falar com afeto e respeito mais sobre Mümtaz Bey que sobre Kemal Bey. Mümtaz Bey era um homem afável, generoso, de bom coração, sempre com uma piada pronta. Não descobri nada que valesse a pena com Basri, o barbeiro, tampouco com Hilmi, o Bastardo, e sua mulher, Neslihan, Hayal Hayati, Salih Sarılı (outro frequentador assíduo do Pelür) ou Kenan. Ayla, a vizinha do térreo que Füsün escondia de Kemal, morava agora numa transversal de Beşiktaş com o marido engenheiro e os quatro filhos do casal, o mais velho dos quais já estava na universidade. Ela me contou que dava grande valor à amizade de Füsün e que adorava tudo nela — sua alegria de viver, sua presença de espírito, a maneira como ela falava — a ponto de adotá-la como modelo, mas infelizmente Füsün nunca correspondera a seu desejo de uma amizade mais próxima. As duas jovens se vestiam e saíam juntas para ir ao cinema em Beyoğlu. Um amigo das redondezas que trabalhava como lanterninha no Teatro Dormen as deixava assistir aos ensaios. Depois, paravam em algum lugar para comer um sanduíche e tomar *ayran*, protegendo uma à outra dos homens que as incomodavam. Às vezes iam a Vakko ou a alguma outra loja da moda, fazendo de conta que pretendiam comprar algo, e se divertiam muito experimentando roupas e olhando-se no espelho. Às vezes, podiam estar rindo e conversando quando Füsün se fixava repentinamente em alguma coisa e toda a sua alegria sumia no ar — como acontecia também no meio de um filme —, mas jamais contava a Ayla o que a incomodava. Todo mundo na vizinhança acompanhava as idas e vindas de Kemal Bey — sabiam que era rico e que não era muito certo da cabeça —, mas ninguém falava de amor. Como todo mundo que vivia em Çukurcuma, Ayla não sabia de nada do que tinha acontecido entre Füsün e Kemal anteriormente, e “de qualquer maneira” ela não conhecia mais ninguém naquela área.

O Cravo-Branco tinha, ao cabo de vinte anos, ascendido de colunista social a editor do suplemento diário sobre celebridades num dos maiores jornais do país. Além disso, editava uma revista mensal de fofocas que se concentrava nos escândalos e casos amorosos das estrelas do cinema turco e dos seriados de televisão. Como tantos jornalistas cujas matérias sem fundamento tinham magoado as pessoas ou mesmo destruído as suas vidas, esquecera-se totalmente do que tinha escrito sobre Kemal, pedindo-me para lhe transmitir seus cumprimentos, com seu respeito mais profundo por sua mãe, que tinha em alta estima, Vecihe Hanım, a quem ele tinha o hábito de telefonar em busca de informações de vez em quando até muito pouco tempo atrás. Imaginando que eu o tivesse procurado para falar de um livro que estava escrevendo, envolvendo artistas de cinema e portanto capaz de obter uma grande vendagem, mostrou-se simpático e mais que empenhado em sua oferta de ajuda: eu sabia que o filho do casamento fracassado de Papatya com o produtor Muzaffer, embora ainda muito jovem, era dono de uma das maiores agências de turismo da Alemanha?

Feridun cortara todos os laços com o mundo do cinema para fundar uma agência de publicidade altamente bem-sucedida. Quando soube que ele batizara a agência de Chuva Azul, percebi que não

tinha abandonado os sonhos da juventude, mas não me atrevi a perguntar sobre o filme que acabara nunca sendo feito. Feridun dirigia comerciais cheios de bandeiras turcas e jogos de futebol, exagerando o orgulho pelo modesto sucesso internacional dos biscoitos turcos, dos jeans turcos, dos barbeadores turcos e dos bandidos turcos. Ouvira falar dos planos que Kemal Bey tinha de abrir um museu, mas fui eu quem lhe anunciei que estava escrevendo um livro “contando a história de Füsün”: com uma franqueza extraordinária, escolhendo as palavras com cautela, ele me contou como só tinha se apaixonado uma vez na vida, mas que Füsün jamais gostara dele, e que assim tinha tomado o cuidado de não se apaixonar de novo por ela quando se casaram, especialmente porque sabia que ela só se casara com ele porque tinha sido “obrigada”. Gostei da honestidade dele. Quando estava deixando seu elegante escritório, ele me pediu com a mesma cortesia cautelosa que transmitisse um abraço seu para “Kemal Bey”, depois do que me avisou, de testa franzida: “Se o senhor escrever alguma coisa falando mal de Füsün, Orhan Bey, pode ter certeza de que eu vou atrás do senhor”. Depois, recobrando os modos leves e relaxados que lhe iam tão bem, pediu-me um favor: será que ele poderia usar a primeira frase do meu livro *Yeni Hayat* [A nova vida] numa campanha publicitária para a Bora, um novo produto do gigante dos refrigerantes que antes fabricava o Meltem, com o qual sua agência tinha laços antigos?

Com o que recebeu ao se aposentar, Çetin Efendi comprou um táxi, que alugava para outro motorista, embora às vezes, apesar da idade avançada, saísse com ele pelas ruas de Istambul. Quando nos encontramos, num ponto de táxi de Beşiktaş, ele me contou que Kemal não mudara nada desde que era menino: na essência, era uma pessoa que aproveitava cada momento da vida, sempre aberto para o mundo e as outras pessoas, e dominado por um otimismo de criança. Nesse sentido, não era estranho, perguntei, que sua vida tivesse sido dominada por uma paixão tão sombria? Mas se eu tivesse conhecido Füsün, explicou-me Çetin Efendi, eu teria entendido por que Kemal Bey se apaixonara tanto por essa mulher. Eles — Füsün e Kemal — eram no fundo almas boas e inocentes que se encaixavam perfeitamente, mas, como Deus tinha decidido não os deixar ficar juntos, nós mortais não estávamos em posição de questionar os acontecimentos.

Em nosso primeiro encontro assim que voltou de uma longa viagem, depois que Kemal Bey me falou dos museus que visitara, contei-lhe minha conversa com Çetin Efendi, repetindo palavra por palavra o que ele dissera sobre Füsün.

“Os visitantes do meu museu ficarão sabendo um dia da nossa história, e de qualquer maneira em seus corações saberão que tipo de pessoa Füsün era, Orhan Bey”, disse. Começamos a beber em seguida — a essa altura eu realmente gostava de beber com ele. “Enquanto andarem de vitrine em vitrine e de caixa em caixa contemplando esses objetos, os visitantes irão entender de que maneira olhei para Füsün durante oito anos, e, quando virem como eu observava atentamente suas mãos, seus braços, as ondulações do seu cabelo, a maneira como ela apagava seus cigarros, o jeito como franzia a testa ou sorria, seus lencinhos, seus prendedores de cabelo, seus sapatos e a colher que segurava (eu não disse: “Mas, Kemal Bey, não vai falar dos brincos?”), não vão saber que o amor é uma atenção profunda, uma compaixão profunda... Por favor termine o livro agora e escreva também que cada objeto do museu deverá ser suavemente iluminado por uma luz vinda de dentro das vitrines, para poder corresponder à minha atenção intensa e devotada. Quando os visitantes do meu museu virem

esses objetos, devem sentir respeito pelo meu amor e compará-lo a memórias que eles próprios cultivem. As salas nunca devem ficar lotadas, para que o visitante possa examinar com calma cada um dos objetos e ver os retratos das áreas de Istambul que percorremos de mãos dadas, formando tranquilamente uma impressão geral da coleção como um todo. Na verdade, quero declarar aqui que não mais de cinquenta pessoas devem ser admitidas a cada vez no Museu da Inocência! Grupos e escolas precisam marcar hora para visitar nosso museu! No Ocidente, os museus estão ficando cada vez mais cheios de gente, Orhan Bey. As famílias europeias saem juntas aos domingos para visitar um grande museu, assim como costumávamos sair de carro para passear aos domingos pelas margens do Bósforo. Sentam-se nos restaurantes dos museus e riem, como fazíamos nos restaurantes do Bósforo. Proust conta como a mobília da casa de sua tia foi vendida para um bordel depois que ela morreu, e como cada vez que ele via suas cadeiras e mesas naquele lugar tinha a impressão de que os móveis choravam. Quando as multidões de domingo se espalham nos museus, os objetos colecionados choram. No meu museu, pelo menos, não vão estar arrancados da casa a que pertencem. Tenho medo de que essa mania de museus no Ocidente vá inspirar os ricos incultos e inseguros deste país a criar pretensos museus de arte moderna com restaurantes anexos. Isso apesar do fato de não termos cultura, bom gosto ou talento na arte da pintura. O que os turcos deviam ver em seus museus não são essas imitações ruins da arte ocidental, mas suas próprias vidas. Em vez de exhibir as fantasias ocidentalistas dos nossos ricos, nossos museus deviam nos mostrar nossas próprias vidas. Meu museu comporta a vida que compartilhei com Füsün, a totalidade da nossa experiência, e tudo que eu lhe disse é verdade, Orhan Bey. Algumas coisas podem não ficar totalmente claras para todos os leitores ou visitantes, pois, embora eu lhe tenha contado a minha história e descrito minha vida com a mais completa franqueza, nem eu mesmo tenho como saber o quanto a entendi em sua totalidade. Podemos relegar essa tarefa a estudiosos futuros e aos artigos que eles escreverão para a revista do museu, *Inocência*. Que sejam eles a estabelecer as relações estruturais entre os pregadores de cabelo e os pincéis de Füsün e o falecido canário Limon. Se as gerações futuras acharem exagerado o relato da nossa vida, se ficarem perplexos diante das dores que sofri em nome do amor, do sofrimento de Füsün, da maneira como evitávamos contemplar isso tudo trocando olhares na hora do jantar ou encontrando a felicidade em ficarmos de mãos dadas na praia e no cinema, os guardas devem insistir com os incrédulos que tudo aqui é apresentado de forma verdadeira. Mas não se preocupe, tenho certeza de que as gerações futuras hão de entender o nosso amor. Os estudantes universitários satisfeitos que virão de ônibus de Kayseri até aqui dentro de cinquenta anos, os turistas japoneses enfileirados à porta com suas câmeras, as mulheres solteiras que acabarão no museu depois de se perderem nas ruas e os amantes felizes da feliz Istambul de amanhã hão de constatar aqui — examinando as roupas de Füsün, os saleiros, os relógios de parede, os menus dos restaurantes, as antigas fotos de Istambul, os brinquedos com que ambos nos divertimos na infância e outros objetos — que uma compreensão profunda do nosso amor e das nossas vidas é virtualmente inescapável. Espero que muitos visitantes também acorram para ver nossas exposições temporárias, dedicadas a fotografias de navios, tampas de refrigerante, caixas de fósforo, pregadores de roupa, cartões-postais, fotos de estrelas de cinema e celebridades, e brincos reunidos por meus colegas colecionadores obsessivos, meus estranhos irmãos, que conheci em seus depósitos de cacarecos ou através de sua

Associação. Essas exposições e as histórias por trás delas também devem por sua vez merecer seus próprios catálogos e romances. Enquanto os visitantes admiram os objetos e homenageiam a memória de Füsün e Kemal, com a devida reverência, haverão de entender que, como as histórias de Leyla e Mecnun ou Hüsn e Aşk, o que temos aqui não é uma simples história de amor, mas de todo o reino, ou seja, de Istambul. Aceita mais um raki, Orhan Bey?”

Nas primeiras horas de 12 de abril de 2007 — dia do quinquagésimo aniversário de Füsün —, Kemal Basmacı, herói do nosso romance e fundador do nosso museu, estava adormecido num quarto espaçoso dando para a via Manzoni no Grand Hotel et de Milan, o estabelecimento onde sempre se hospedava em suas visitas àquela cidade, quando sofreu um ataque cardíaco e morreu, aos sessenta e dois anos de idade. Kemal Bey aproveitava cada oportunidade que tinha para ir a Milão, para “viver” (como ele dizia) o Museo Bagatti Valsecchi, que considerava “um dos cinco museus mais importantes da minha vida!”. (Quando morreu, já tinha visitado 5723 museus.) “Os museus (1) não devem ser percorridos, mas vividos, (2) devem conter coleções que expressem a alma dessa ‘vivência’, (3) na verdade não são museus, mas simples galerias, quando se removem suas coleções.” Esses são os últimos pensamentos dele que anotei. O que mais encantava Kemal Bey naquela casa (reformada por dois irmãos no século XIX para replicar um *palazzo* renascentista do século XVI) era que sua magnífica coleção histórica compreendia apenas os objetos comuns e cotidianos da vida dos dois irmãos (as camas, os lampiões, os espelhos renascentistas, a louça e as panelas antigas).

A maioria das pessoas cujos nomes relatei no índice compareceram a seu funeral na mesquita de Teşvikiye. A mãe de Kemal, Vecihe, assistindo da varanda de casa como era seu costume, tinha a cabeça coberta. Nós que nos espalhamos lacrimosos pelo pátio da mesquita podíamos ouvir seus prantos enquanto ela se despedia do filho.

Muitos dos parentes e pessoas mais próximas a Kemal Bey tinham se recusado a me receber enquanto ele ainda estava vivo, mas nos primeiros meses depois de seu funeral começaram a me procurar, um depois do outro, numa progressão metódica que, embora estranha, tinha a sua lógica. A relutância em falar comigo atribuo à impressão falsa mas amplamente difundida de que meus livros passados em Nişantaşı denegriam impiedosamente todo mundo. Tristemente, os comentários e rumores tinham sido tantos, além das acusações, que a maioria das pessoas acreditava que eu tinha representado incorretamente não só minha mãe, meu irmão mais velho, meu tio e o resto da minha família, como ainda muitos outros notáveis de Nişantaşı, entre eles o célebre Cevdet Bey, seus filhos e sua família; meu amigo, o poeta Ka; e Celâl Salik, o famoso colunista assassinado, que eu tanto admirava; o conhecido lojista Alaaddin; além de altos dignitários do governo, líderes religiosos e comandantes militares. Zaim e Sibel tinham medo de mim sem jamais terem lido meus livros. Ele ficara muito mais rico do que já era na juventude. O refrigerante Meltem deixara de existir, mas a empresa crescera. Receberam-me com muita delicadeza em sua casa magnífica nas encostas de Bebek com vista para o Bósforo, honrados, disseram eles, por receber a pessoa que empreendera contar a história da vida de Kemal (os mais chegados a Füsün diziam tratar-se da história dela). Mas eu não queria tornar minha história unilateral: queria ouvir também a versão deles.

Antes de mais nada, quiseram contar-me uma grande coincidência: meio dia antes da morte de Kemal Bey, na tarde de 11 de abril, tinham se encontrado por acaso com ele nas ruas de Milão. (Na

mesma hora senti que tinham me convidado especialmente para falar daquilo.) Zaim, Sibel e suas duas filhas belas e inteligentes, que se juntaram a nós no jantar, Gül, de vinte anos, e Ebru, de dezoito, tinham feito uma viagem de três dias a Milão, só por diversão, *un petit séjour*, como disse Sibel. Quando Kemal viu a família com suas casquinhas multicoloridas de sorvete de laranja, morango e melão, olhando as vitrines e rindo jovialmente enquanto passeavam pela rua, primeiro viu apenas Gül, e sua semelhança com a mãe era tão grande que ele se dirigiu a ela e disse: “Sibel! Sibel! Sou eu, Kemal”.

“Gül se parece muito com como eu era aos vinte anos, e naquele dia por acaso estava usando um xale de tricô com que eu andava naquele tempo”, disse Sibel Hanım, radiante de orgulho. “Mas o pobre Kemal estava com um ar muito cansado e desfeito, alquebrado e profundamente infeliz. Orhan Bey, fiquei tão triste por vê-lo daquele jeito. E não fui só eu — Zaim também ficou abalado. O homem de quem eu ficara noiva no Hilton, que amava tanto a vida, era sempre tão encantador, tão divertido, tinha desaparecido, e em seu lugar surgira esse velho isolado do mundo e da vida, com o rosto triste e um cigarro pendendo da boca. Se ele não tivesse reconhecido Gül, jamais teríamos visto que era ele. Não tinha só envelhecido: reduzira-se a destroços. Fiquei com tanta pena dele. Especialmente porque era a primeira vez que nos víamos nem sei em quantos anos.”

“Trinta e um anos depois do último jantar de vocês no Fuaye”, disse eu.

Fez-se um silêncio assustador.

“Quer dizer que ele lhe contou tudo!”, disse Sibel algum tempo depois, com a voz cheia de sofrimento.

Enquanto o silêncio se prolongava, percebi o que na verdade eles queriam me dizer: queriam que os leitores soubessem como sua vida em comum era muito mais feliz que a história que eu contava, e como era uma vida bela e normal.

Mas depois que as meninas foram para seus quartos, enquanto tomávamos nossos conhaques, percebi que havia mais uma coisa que o casal tentava dizer. Depois de sua segunda dose, Sibel explicou-se de um modo direto que eu admirei, sem perder tempo com rodeios como Zaim tinha feito: “No final do verão de 1975, depois que Kemal me confessou que estava apaixonado pela falecida Füsün Hanım, fiquei com pena do meu noivo e decidi ajudá-lo. Com a melhor das intenções, fomos ficar juntos em nossa *yalı* de Anadoluhisarı, para que eu pudesse ajudá-lo a recuperar a saúde, Orhan Bey, e passamos lá um mês”. (Na realidade, tinham sido três.) “Na verdade, não tem mais importância... Os jovens de hoje nem se preocupam mais com coisas como virgindade.” (O que tampouco era verdade.) “Mas, mesmo assim, queria lhe pedir especialmente que não fizesse menção a esse período no seu livro, porque é humilhante para mim... Pode nem parecer muito importante, mas foi expressamente por causa dos comentários que ela fez sobre essa história que rompi com minha melhor amiga, Nurcihan. As meninas não vão ligar, mas as amigas delas, e tantos fofoqueiros... Por favor, não deixe de atender a esse pedido...”

Zaim me disse o quanto amava Kemal — uma pessoa tão sincera, cuja amizade ele sempre tentara conservar — e o quanto sentia sua falta. “É verdade que Kemal reuniu todos os pertences de Füsün Hanım? Vai mesmo abrir um museu?”, perguntou ele, em parte admirado e em parte com medo.

“Sim”, disse eu. “E, com este livro, eu vou ser o principal divulgador do museu.”

Quando fui embora da casa deles, bem tarde, mas ainda rindo e conversando com eles, pus-me por um instante no lugar de Kemal. Se ele ainda estivesse vivo, se tivesse retomado as relações com Sibel e Zaim (o que teria sido possível, ao contrário do que ele imaginava), Kemal estaria saindo daquela casa com o mesmo sentimento que eu — satisfeito com sua vida solitária, mas sentindo-se culpado por ela.

“Orhan Bey”, disse Zaim junto à porta. “Por favor não se esqueça do pedido de Sibel. Nós da empresa Meltem, claro, queremos fazer uma doação para o museu.”

Naquela noite, também concluí que seria inútil conversar com outras pessoas: não queria contar a história de Kemal como era vista pelos outros; queria escrevê-la da maneira que ele me contara.

E foi por simples teimosia que fui a Milão, onde descobri o que perturbara tanto Kemal no dia em que esbarrou com Sibel, Zaim e as filhas: pouco antes daquele encontro casual ele fora ao Museo Bagatti Valsecchi, descobrindo que se encontrava num estado de abandono terrível e que, num esforço para arrecadar fundos, parte dele tinha sido alugada para uma boutique da famosa designer de moda Jenny Colon. As mulheres que trabalhavam como guardas do museu, em seus uniformes pretos, prorromperam em lágrimas quando lhes falei da morte dele, e os diretores, que confirmaram que um cavalheiro turco vinha visitá-los invariavelmente com intervalo de poucos anos, também ficaram abalados.

E isso bastou para me convencer de que não precisava ouvir mais nada para terminar meu livro. Só gostaria de ter visto Füsün e ouvido o que teria a dizer. Mas, antes que pudesse visitar as pessoas que a conheciam melhor, havia os convites dos que temiam meu livro e faziam questão de me receber preventivamente em suas casas, convites que eu só aceitava pelo prazer da companhia e dos jantares.

Foi assim que, no decorrer de uma ceia muito rápida, Osman me aconselhou a não escrever de todo aquela história. Sim, podia ser verdade que a negligência de seu falecido irmão tivesse precipitado a falência da Satsat, mas todas as outras empresas de seu falecido pai participavam hoje do *boom* exportador da Turquia. Tinham muitos concorrentes mal-intencionados, e um livro como este, além de causar bastante pesar e infinitas fofocas, havia de transformar a Holding Basmacı em motivo de piadas e, por associação, dar aos europeus mais uma desculpa para rir de nós e nos humilhar. Ainda assim, consegui deixar sua casa com um adorável souvenir, uma bola de gude da infância de Kemal que Berrin Hanım me entregou na cozinha, fora das vistas do marido.

Quanto a tia Nesibe, a quem Kemal me apresentara, não me contou nada de novo quando fui visitá-la em seu apartamento na rua Kuyulu Bostan. Agora não chorava mais só por Füsün, mas também por Kemal, que descrevia como seu “único genro”. Só falou do museu uma vez: possuía um velho ralador de marmelo e, tendo decidido preparar um pouco de geleia da fruta, estava pensando se o ralador que não conseguia encontrar em lugar nenhum não teria talvez ido parar no museu. Eu havia de saber. Se estivesse, será que eu poderia levar para ela em minha próxima visita? Quando nos despedimos junto à porta, ela disse: “Orhan Bey, o senhor me lembra de Kemal”, e se desfez em lágrimas.

Seis meses antes de sua morte, Kemal me apresentara a Ceyda, a confidente mais próxima de Füsün, que a meu ver sabia não só de todos os segredos dela como ainda era quem melhor entendia Kemal. Esse encontro ocorrera em parte porque Ceyda Hanım gostava de romances e queria me

conhecer. Seus filhos, agora os dois com trinta e poucos anos e engenheiros, estavam casados, e suas lindas esposas, cujas fotos ela me mostrou, já lhe tinham dado sete netos. Seu marido rico (era o filho da família Sedirci!), homem muito mais velho do que ela, ligeiramente embriagado e um tanto senil, não demonstrou o menor interesse por nós ou nossa história, mesmo quando Kemal e eu admitimos nosso gosto talvez excessivo pelo raki.

Ceyda me contou com um sorriso simpático como Füsün tinha encontrado o brinco que Kemal deixara no banheiro dos Keskin na noite de sua primeira visita, e como, embora tenha contado imediatamente a Ceyda, as duas decidiram que Füsün devia fazer de conta que não vira nada, só para se vingar de Kemal. Como tantos dos segredos de Füsün, essa história Kemal Bey já havia extraído de Ceyda anos antes. E sorria dolorosamente quando me contara, servindo-nos mais duas doses de raki.

“Ceyda”, disse Kemal em seguida, “quando eu a procurava atrás de notícias de Füsün, você e eu sempre nos encontrávamos em Maçka, Taşlık. Enquanto você me falava de Füsün, eu admirava a vista de Dolmabahçe de Maçka. Quando verifiquei recentemente, descobri que acumulei muitas fotografias desse panorama.”

Como estávamos falando de fotos e talvez também em homenagem a seus visitantes, Ceyda Hanım admitiu que poucos dias antes tinha encontrado uma fotografia que Kemal Bey nunca tinha visto. “Estávamos muito animadas”, disse ela. A foto, tirada durante a final do concurso de beleza do Milliyet em 1973, mostrava Hakan Serinkan cochichando para Füsün as perguntas sobre cultura que iriam lhe fazer quando subisse ao palco. O famoso cantor, hoje deputado por um partido fundamentalista, ficara encantado com Füsün.

“É uma pena que nem ela nem eu tenhamos vencido, Orhan Bey, mas no final nos comportamos como as boas estudantes de liceu que éramos, e depois rimos de chorar no fim da noite”, disse Ceyda. Num segundo, a fotografia desbotada apareceu na mesinha de centro de madeira; no momento em que a viu, Kemal Bey ficou muito pálido e recaiu num longo silêncio.

Como o marido de Ceyda não tinha o menor gosto pela história do concurso de beleza, não ficamos muito mais tempo olhando para a antiga fotografia de Füsün. Mas, no final da noite, Ceyda, compreensiva como sempre, deu-a de presente a Kemal Bey.

Depois de deixar a casa de Ceyda em Maçka, caminhei até Nişantaşı com Kemal Bey, atravessando o silêncio da noite. “Vou com você até o edifício Pamuk”, disse ele. “Hoje à noite não vou dormir no museu, mas com minha mãe, em Teşvikiye.”

Pouco antes de chegarmos ao edifício Pamuk, bem em frente ao edifício Merhamet, ele parou e sorriu.

“Orhan Bey, li seu livro *Neve* até o fim”, disse ele. “Não gosto de política. Então por favor não se ofenda se eu disser que achei o livro um tanto penoso. Mas gostei do final. No fim do nosso livro gostaria de fazer o mesmo que acontece com o personagem de *Neve* e falar diretamente com o leitor. Tenho o direito? Quando o livro vai ficar pronto?”

“Depois do seu museu”, respondi. A essa altura, esta era uma piada frequente entre nós dois. “Quais são suas últimas palavras para o leitor?”

“Não vou dizer, como o seu personagem, que os leitores não têm como nos entender de fora. Pelo contrário, os visitantes do museu e as pessoas que lerem o seu livro haverão certamente de nos

entender. Mas há outra coisa que eu queria dizer.”

Tirou a fotografia de Füsün do bolso e, à luz fraca do lampião em frente ao edifício Merhamet, contemplou-a com amor. Aproximei-me dele.

“Ela é linda, não é?”, disse-me, assim como seu pai lhe dissera trinta e tantos anos antes.

E lá estávamos nós, dois homens lado a lado, olhando com amor, admiração e respeito para a fotografia de Füsün de maiô preto bordado com o número nove — para seus braços cor de mel, e seu rosto (que não traía nenhuma alegria, só tristeza), e seu corpo esplêndido, ambos paralisados pela profundidade de sua condição humana, para o esplendor de sua alma, a despeito dos trinta e quatro anos que tinham transcorrido desde a revelação daquela foto.

“Por favor inclua esta foto em seu museu, Kemal Bey”, disse eu.

“Minhas últimas palavras no livro são estas, Orhan Bey, por favor não se esqueça delas...”

“Não me esquecerei.”

Beijou amorosamente a fotografia de Füsün e a guardou com cuidado no bolso da frente de seu paletó. E então sorriu para mim, com ar vitorioso.

“Que todo mundo saiba que tive uma vida muito feliz.”

ORHAN PAMUK manifesta sua gratidão a Sila Okur por cuidar da fidelidade ao texto turco; a seu editor e amigo George Andreou, por sua preparação meticulosa da tradução para o inglês; e a Kiran Desai por doar generosamente seu tempo à leitura do texto final e por suas valiosas ideias e sugestões.



SPENCER PLATT/GETTY IMAGES

ORHAN PAMUK nasceu em 1952, em Istambul, na Turquia. Prêmio Nobel de literatura de 2006, é autor de romances e ensaios, e foi traduzido para mais de quarenta idiomas. De sua autoria, a Companhia das Letras publicou, *O castelo branco*, *Istambul*, *O livro negro*, *A maleta do meu pai*, *Meu nome é Vermelho*, *Neve* e *Outras cores*.

A presente tradução foi feita com base na tradução inglesa *The Museum of Innocence*, de Maureen Freely

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Masumiyet Müzesi

*Capa*  
warrakloureiro

*Foto de capa*  
Ahmet Isikci

*Mapa*  
Miray Ozkan

*Preparação*  
Jane Pessoa

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Erika Nakahata

ISBN 978-85-438-0264-0

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)